O INSTITUTO

REVISTA SCIENTIFICA E LITTERARIA

Redacção e administração — Rua do Infante D. Augusto, 44 — COIMBRA.

Propriedade e edição da Sociedade scientifica — O Instituto de Coimbra

Director
Dr. BERNARDINO MACHADO
Presidente do Instituto

Composto e impresso na Imprensa da Universidade.

Volume 55.° 1908

COIMBRA
IMPRENSA DA UNIVERSIDADE
1908

O INSTITUTO

VOLUME 55.º

O INSTITUTO

REVISTA SCIENTIFICA E LITTERARIA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — Rua do Infante D. Augusto, 44 — COIMBRA.

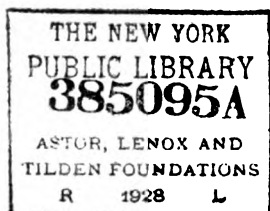
Propriedade e edição da Sociedade scientifica — O INSTITUTO de Coimbra

DIRECTOR
DR. BERNARDINO MACHADO
Presidente do INSTITUTO

Composto e impresso na IMPRENSA DA UNIVERSIDADE.

VOLUME 55.º

1908

COIMBRA
IMPRENSA DA UNIVERSIDADE
1908

COLLABORADORES DO VOLUME 55.º

Affonso Ferreira
Daniel Rodrigues
Fortunato de Almeida
Gustavo Cordeiro Ramos
Joseph Joûbert (Le Chevalier)
José Maria Rodrigues (Dr.)
José Sobral Cid (Dr.)
Rodolpho Guimarães
Sousa Viterbo
Visconde de Villa-Moura.

INDICE

DAS

MATERIAS CONTIDAS NO VOLUME 55.º

A

Alliança (A) inglêsa, 1.
Anteloquio do livro «A vida mental portugueza», 87.
Artes e industrias metallicas em Portugal, 38, 126 e 191.
Artes industriaes e industrias portuguezas, 248, 298, 348, 403, 432, 475 e 538.

C

Camões e a infanta D. Maria, 121, 196, 256, 309, 358, 387, 450, 485, e 550.

D

Dialectos transmontanos, 559.
Diplodocus (Le) de l'ère secondaire, 500.

E

Eine Musterlektion, 446.

F

Fontes dos Lusiadas, 60 e 142.
Fr. João das Chagas ou Frey Juan de las llagas, 218.

J

Jornalismo, (O) 90.

M

Mathématiques (Les) en Portugal, 16, 97, 178, 235, 286, 332, 369, 417, 465 e 526.

N

Nomenclatura geográphica (Subsidios para a restauração da toponýmia em lingua portuguêsa), 161, 225, 273 e 321.

U

Universidade de Lisboa-Coimbra, 513.

RELAÇÃO DOS LIVROS OFFERECIDOS AO INSTITUTO

Acções civis e commerciaes, por Penha Fortuna. Braga, Imprensa Henriquina, 1907.
Accordãos do Tribunal da Relação de Loanda dos annos de 1904, 1905 e 1906. Loanda, Imprensa Nacional, 1906.
Alguns problemas actuaes, direito da guerra maritima, por Vicente Almeida d'Eça. Lisboa, Typographia de J. F. Pinheiro, 1906.
Amato Lusitano (A sua vida e a sua obra), por Maximiano Lemos. Porto, Typographia da «Encyclopedia portugueza illustrada», 1907.
Annales de l'Observatoire Royal de Belgique, tome IX, fascicule III. Bruxelles, 1907.
Annuaire de l'Université de Toulouse, pour l'année 1905-1906. Toulouse, Imp. Édouard Privat, 1905.
Annuario da Eschola Medico-Cirurgica de Lisboa, anno lectivo de 1904-1905. Lisboa, Imprensa Nacional, 1906.
Annuario da Eschola Medico-Cirurgica de Lisboa, anno lectivo de 1905-1906. Lisboa, Imprensa Nacional, 1907.
Annuario do Real Collegio Militar, anno lectivo de 1904-1905. Lisboa, Imprensa Nacional, 1906.
Annuario do Real Collegio Militar, anno lectivo de 1905-1906. Lisboa, Imprensa Nacional, 1907.
Annuario do Real Collegio Militar, anno lectivo de 1906-1907. Lisboa, Imprensa Nacional, 1907.
Antonio Cabreira (Noticia succinta da sua vida e obras), por Emilio Augusto Vecchi. Lisboa, Typographia Bayard, 1907.
Archivo de marinha e ultramar. Inventario. Madeira e Porto Santo, 1613-1819. (Bibliotheca Nacional de Lisboa), por Eduardo de Castro e Almeida. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1907.
Archivo dos Açores (n.º 74), vol. XIII. Lisboa, Imprensa Nacional, 1906.
Artificio (Um) de calculo sobre escalas thermometricas (Memoria apresentada ao Instituto de Coimbra), por João Alberto de Sousa Vieira. Porto, Typographia Central, 1902.
Aspectos economicos do projecto vinicola (Separata da *Revista agronomica*), por D. Luiz de Castro. Lisboa, Typographia La Bécarre, 1907.

Assistencia social (Folheto), por F. A. Rodrigues de Gusmão. Lisboa, Typographia Adolpho de Mendonça, 1907.
Associação Commercial do Porto. — Relatorio da Direcção no anno de 1906. Porto, Officinas de «Commercio do Porto», 1907.
Associação dos engenheiros civis portuguezes. — Os caminhos de ferro em Portugal, 1856-1906. — Synopse. Lisboa, Imprensa Nacional, 1906.
Atheneu Commercial de Lisboa. — Relatorio e contas da direcção, gerencia de 1906-1907. Lisboa, Typographia Campião, 1907.
Attitudes viciosas nas escolas, por S. C. da Costa Sacadura. Lisboa, Typographia de Christovão A. Rodrigues, 1906.

Bacia (A) hydrographica de Aveiro e a salubridade publica. Dissertação inaugural apresentada á Escola Medico-Cirurgica do Porto, por Antonio do Nascimento Leitão. Porto, Imprensa Portugueza, 1906.
Bibliotheca Nacional de Nova-Gôa (Breves notas historicas), por Octavio Guilherme Ferreira. Nova-Gôa, Typographia da Minerva Indiana, 1906.
Boletim do trabalho industrial (*Relatorio annual de 1905*). *Districtos de Leiria, Lisboa, Portalegre e Santarem.* Lisboa, Imprensa Nacional, 1907.
Bosquejo historico do Real Collegio de Nossa Senhora da Graça no Porto, pelo padre F. J. Patricio. Porto, Typographia da Real officina de S. José, 1907.
Breves considerações sobre a hygiene das nossas escolas, por S. C. da Costa Sacadura. Lisboa, Typographia de Christovão A. Rodrigues, 1906.
Breves formulas para requererem as acções e execuções auctorisadas pelo decreto de 29 de maio de 1907. Seguidos do decreto de 11 de julho de 1907. Lisboa, Typographia da Bibliotheca Popular de Legislação, 1907.
Bulletin pour l'année 1904 (n.º 2.º). *Station de pisciculture et d'hydrobiologie de l'Université de Toulouse,* par Louis Roule. Toulouse, Imp. Edouard Privat, editeur, 1905.

Cancioneiro popular politico (2.ª edição), por A. Thomaz Pires. Elvas, Typographia e Stereotypia Progresso, 1906.
Candido de Figueiredo (Dr.) (escorço biographico), por Cesar Correia. Vizeu, Typographia da Provincia, 1907.
Candido de Figueiredo — Noticia sucinta da sua vida e obras, extraída do dicionario «*Portugal*». Porto, Typographia da Emprêsa Literária e Typographica, 1906.
Candido Xavier Cordeiro (Elogio historico), por A. Luciano Carvalho. Lisboa, Imprensa Nacional, 1907.
Capacité (De la) requise pour opérer la conversion de titres nominatifs en titres au porteur. These, por Joseph Betmale. Toulouse, 1905.
Cara (De) erguida — Pela Universidade, por Lopes d'Oliveira. Coimbra, Typographia de Luiz Cardoso, 1903.
Carta de el-rei D. Manuel para os reis de Castella dando-lhes parte da descoberta da India, da sua riqueza, e do proveito que d'ahi póde vir á christandade. Lisboa, Imprensa Nacional, 1906.
Cartas diversas de el-rei D. Manuel de 1510-1519. Lisboa, Imprensa Nacional, 1907.
Cartas do Bispo Matheus a el-rei D. Manuel. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1907.

Castello (O) de Elvas, por A. Thomaz Pires. Elvas, Typographia Progresso, 1907.
Catalogo d'«A Editora», 1906. Lisboa, Typographia da «Editora», 1906.
Collecção de leis (publicadas na Folha Official do Governo). *Legislação judicial dispersa* (desde 1 de abril de 1895 até 28 de fevereiro de 1905. Lisboa, Typographia da Bibliotheca Popular de Legislação, 1905.
Collegio Lyceu Figueirense — Director, José Luiz Mendes Pinheiro. Figueira da Foz, Typographia do Collegio Lyceu Figueirense, 1906.
Colonies (Les) portugaises, por A. de Almada Negreiros. Paris, Librairie maritime e coloniale, 1907.
Commissão official da reforma do exercito de pharmacia. Relatorio e projecto. Lisboa, Imprensa Nacional, 1906.
Compendio de desenho linear elementar, 2.ª parte, por José Miguel d'Abreu. Porto, Livraria Portuense, 1905.
Compendio de desenho para a 1.ª, 2.ª e 3.ª classes e caderno de papel quadriculado para execução dos exercicios do compendio de desenho (Ensino primario official), por Manuel Antunes Amor. Lisboa, Aillaud & C.ie.
Concurso (O) da viação americana. Exposição dos direitos da Companhia Carris de Ferro do Porto, por Bernardo Lucas. Porto, Typographia a vapor da «Empresa Guedes», 1906.
Consagração (Numero unico commemorativo do 31.º anniversario da creação da Comarca de Paredes de Coura, 1875-1906). Porto, Typographia Costa & Carvalho, 1906.
Contos do Natal, por Carlos Dickens. Lisboa, Typographia do «Annuario Commercial», 1907.
Cooperativa do Pão a Conimbricense. Relatorio da commissão installadora, 4 de maio de 1906 a 31 de janeiro de 1907. Coimbra, Typographia Popular, 1907.
Copia et sumario di una letera di sier Domeneco Pixani, el cavalier, orator nostro in Spagna a la signoria, 27 de julho de 1501. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1907.
Copia literal de las dos cartas del Rey Don Manuel de Portugal existentes en la Real Biblioteca del Escorial en el manuscrito II-s-7, fols. 172, dl. 177. Lisboa, Imprensa Nacional, 1907.
Corpo Diplomatico Portuguez, tom. XIII, por Jayme Constantino de Freitas Moniz. Lisboa, Typographia da Academia Real das Sciencias de Lisboa, 1907.
Corps (Sur les) polygonaux, por Antonio Cabreira. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1907.
Cunicultura pratica, por João Salema. Porto, Edição da «Gazeta das Aldeias», 1907.
Curso elementar de botanica (3 vol.), por Antonio Xavier Pereira Coutinho. Lisboa, Casa Editora Aillaud e C.ia, 1907.

Decretos de avaliação de predios urbanos e descanço semanal (26 de julho de 1907). Lisboa, Typographia da «Bibliotheca Popular da Legislação», 1907.
Demonstração mathematica do seguro «Portugal Previdente», por Antonio Cabreira. Lisboa, Typographia Bayard, 1907.
Desenho linear de ornato. Para o ensino nas escolas normaes, por José Miguel d'Abreu. Porto, Livraria Portuense, 1906.
Dialecto indo-portuguez do norte, por Sebastião Rodolpho Dalgado. Lisboa, Imprensa Nacional, 1906.

Diccionario bibliographico portuguez, tom. XVIII (11 do supplemento), por Brito Aranha. Lisboa, Imprensa Nacional, 1906.
Die Werk des Medailleur's Hans Frei in Basel 1894-1906 mit sechs Tafelu Abbildungen, por Julius Meili. Zürich, 1906.
Divino Amor. Peça historica em 3 actos, em verso, por Mario Monteiro. Lisboa, Imprensa Operaria, 1906.
Dona (Uma) Portugueza na côrte de Grão-Mogol, por J. A. Ismael Gracias. Nova-Gôa, Imprensa Nacional, 1907.
Dyssenterie amibienne et dyssenterie bacillaire. These, por Henri Pruès. Toulouse, Imp. J. Fournier, 1905.

Educação physica, por S. C. da Costa Sacadura. Lisboa, Typographia de Christovão A. Rodrigues, 1906.
Elementos para a historia do municipio de Lisboa, 1.ª parte (tom. XIV), por Eduardo Freire de Oliveira. Lisboa, Typographia Universal, 1906.
Elogio funebre do Conselheiro de Estado Hintze Ribeiro, pelo dr. Augusto Joaquim Alves dos Santos. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1907.
Elogio historico de Bento Fortunato de Moura Coutinho d'Almeida d'Eça, por Adolpho Loureiro. Lisboa, Imprensa Nacional, 1907.
Em ferias, por Alberto Sinceiral. Figueira (?) 1907.
Epistola de el-rei D. Manuel ao Doge de Veneza, Agostinho Barbadico. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1907.
Epistola de el-rei D. Manuel ao papa Julio II. Traduzida do texto latino por Damião de Goes. Ponta Delgada, Typographia do «Diario dos Açores», 1906.
Epistola de el-rei D. Manuel ao papa Julio II, de 12 de junho de 1505. Ponta Delgada, Imprensa do «Diario dos Açores», 1906.
Epistola do poderosissimo e invictivissimo D. Manuel, rei de Portugal e dos Algarves, etc., ao Santo Padre em Christo e senhor nosso Leão X pontifice maximo, sobre as victorias dos portuguezes em Africa. Ponta Delgada, Typographia do «Diario dos Açores», 1906.
Epistole serenissimi regis portugaliae de victoria contra infideles habita. Ad Julium papam secundus ad sacrum collegium cardinalium. Lisboa, Imprensa Nacional, 1905.
Eros, por Candido Guerreiro. Coimbra, Livraria França Amado, 1907.
Escuelas (Las) del sud, par le dr. J. B. Zubiaur. Buenos Aires, Typ. El Comercio, 1906.
Espelhos, lentes e prismas. Noções rudimentares, por João Alberto de Sousa Vieira. Porto, Typographia Universal, 1906.
Estatistica do Ensino Normal, 1896-1905 (annexo ao *Bolletim da Direcção Geral da Instrucção Publica*, fasc. VII-XII, anno de 1904). Lisboa, Imprensa Nacional, 1905.
Estudos do Alto-Minho. (*Um grovio autentico*, IX. *Ara celtiberica da epoca romana*, X), por Felix Alves Pereira. Lisboa, Imprensa Nacional, 1907.
Excentricos (Contos), por Alberto de Sousa Costa. Coimbra, Typographia França Amado, 1907.
Exercicios de desenho (1.º e 2.º grau), por José Miguel d'Abreu. Porto, Livraria Portuense, 1906.
Extincção (A) do Laboratorio Chimico Municipal do Porto. Separata da «Revista de chimica pura e applicada». Porto, Typographia Occidental de Pimenta Lopes & Vianna, 1907.
Extranjeros (Los) en Venezuela, su condicion ante el derecho publico y

privado de la republica, pelo doctor Simon Planas Suarez. Carracas, Typographia Guttenberg, 1905.

Faculté de Droit de Toulouse fondée en 1229. Centenaire de la réorganisation de 1805. Histoire sommaire de la Faculté, por. A. Deloume. Toulouse, Imp. Édouard Privat, 1905.
Figueira, por José Ramalho Nunez. Figueira da Foz, Imprensa Lusitana, 1907.
Français et anglais devant l'anarchie europeéne, par Jean Finot. Paris, V. Giard S. E. Briere, Libraires-editeurs, 1904.
Français et anglais (L'Angleterre malade. Medecins et remèdes. Le peuple anglo-français), troisième édition, par Jean Finot. Paris, Felix Juven, editeur.
Fr. Caetano Brandão (Dom) — Poemeto, por Corrêa Simões. Braga, Typographia de J. M. de Sousa Cruz, 1906.

George Buchanan in the Lisbon Inquisition, por Guilherme J. C. Henriques. Lisboa, Typographia da «Empresa da Historia de Portugal», 1906.
Gil Vicente — Auto da Festa, pelo Conde de Sabugosa. Lisboa, Imprensa Nacional, 1906.
Gladiador, (O) por Oscar de Pratt. Lisboa, Livraria Ferin, 1907.
Governo (O) e a Imprensa. — Conferencia, por Antonio Macieira. Lisboa, Typographia Lusitana-Editora, 1907.

Herança Davidson (Parecer), pelo dr. José Frederico Laranjo. Lisboa, Typographia do «Annuario Commercial», 1907.
Historia (A) economica, vol. II. *Edade média,* por Adriano Anthero. Porto, Typographia de A. J. da Silva Teixeira, successora, 1906.
Historia (A) economica (Vol. III), por Adriano Anthero. Porto, Typographia de A. J. Silva Teixeira, successora, 1907.
Historia e memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa. Nova série, 2.ª classe. Sciencias moraes, politicas e bellas artes. Tom. x, parte II (vol. LVIII da collecção). Lisboa, Typographia da Academia, 1906.
Hosanna, por A. Chateaubriand Baracho. Margão (Gôa). Imprensa Progresso, 1907.
Hygiene alimentar (2.ª edição), por A. X. Heraclito Gomes. Nova-Gôa, Typographia da «Casa Luso-francêsa», 1907.
Hygiene infantil (Conferencia), por João Alberto de Sousa Vieira. Porto, Imprensa Commercial, 1907.

Ignez de Horta (Comedia semi-tragica em 3 actos), por Francisco Xavier de Novaes. Lisboa, Livraria Editora Tavares Cardoso, 1907.
Immaculidade (A) de Nossa Senhora (Breve memoria), por Soares Rebello. Margão, Typographia das «Noticias», 1904.
Importancia estrategica da viação accelerada da provincia da Beira Baixa. Necessidade economico-militar de uma nova linha ferrea, por Pedro Romano Folque. Lisboa, Typographia do Commercio, 1899.
In memoriam (Discurso funebre), por Soares Rebello. Margão, Typographia das «Noticias», 1905.

Inscripções indianas em Cintra. Notulas de archeologia historica e bibliographia ácerca dos templos hindús de Somnáth-Patane e Elephanta, por João Herculano de Moura. Nova Goa, Imprensa Nacional, 1906.
Instrucções para o tratamento homopathico das hemorrhoides, por Francisco José da Costa. Lisboa, 1906.

Janina (Drama em 3 actos), por Mario de Artagão. Lisboa, Livraria Classica Editora, 1907.

Lei de imprensa. Carta de lei de 11 de abril de 1907. Lisboa, Typographia da Bibliotheca Popular de Legislação, 1907.
Lições elementares de zoologia (3 vol.), por F. Mattoso dos Santos e Balthasar Osorio. Lisboa, Casa Editora Aillaud e C.ia, 1907.
Ligas (As) de pharmacias, por Costa Godolphim. Lisboa, Typographia Eduardo Rosa, 1907.
Lisboa Moderna, por Zacharias d'Aça. Lisboa, Livraria editora Viuva Tavares Cardoso, 1907.

Mapa de la provincia de Douro (Porto, Aveiro e Coimbra), por D. Benito Chias y Carbó. Barcelona, Est. edit. de Alberto Martin.
Media Noche (Traducção espanhola), por D. João da Camara. Madrid, Imprensa de «La ultima moda», Velasquez, 42, 1907.
Medição de obras de arte de linhas ferreas num estudo de reconhecimento, por Pedro Romano Folque. Lisboa, Typographia do Commercio, 1898.
Memoria del curso de 1906 à 1907. Extension universitaria de Oviedo. Oviedo, La Comercial Imprenta, 1907.
Memoria sobre o templo e culto de Nossa Senhora da Encarnação, padroeira da cidade de Leiria, por Tito Benevenuto L. de Sousa Larcher. Leiria, Typographia Leiriense, 1904.
Modelos pertencentes ao regulamento para a execução e contabilidade das Obras Publicas. Lisboa, Imprensa Nacional, 1907.
Ministerio das Obras Publicas.—Estudo sobre o estado actual da industria ceramica na segunda circumscripção dos serviços technicos da industria. Lisboa, Imprensa Nacional, 1906.
Monte-Pio Conimbricense Martins de Carvalho—Relatorio e contas da gerencia de 1906. Coimbra, Typographia M. Reis Gomes, 1907.
Mulheres illustres (A marqueza de Alorna), por Olga Moraes Sarmento da Silveira. Lisboa, Typographia do «Annuario Commercial», 1907.
Muscideos e Culicideos (As Myasis), pelo dr. Miguel de Leonissa. S. Paulo, Typ. de Maré, Monti sb., 1907.

Narraciones y Poesias. (Mas Paginas de Extremadura), pelo Marquez de Torres Cabrera (D. Miguel Torres Gonsalez de la Laguna). Badajoz, Tip. de Uceda Hermanos, 1907.
Necessidade economico-militar da ligação directa de Lisboa com a rede do sul do Tejo e a sua solução pratica, por Pedro Romano Folque. Lisboa, Typographia do Commercio, 1899.
Noites de inverno (Contos escolhidos), por Miguel Costa. Coimbra, Typographia Minerva Central, 1907.

Nota necrológica acerca del matematico belga Teniente General José Maria De Tilly, por Juan J. Durán Loriga. Coruña, 1906.
Notes sur l'anesthésie des animaux domestiques, Separata de la «Revista de Medicina Veterinaria», por José Miranda do Valle. Lisboa, Imp. la Bécarre, 1907.
Noticias archeologicas (Addenda II), por Eduardo Rocha Dias. Lisboa, Typographia da Casa da Moeda, 1908.
Novo diccionario latino-português, por Francisco Antonio de Sousa. Paris, Aillaud & C.ie, 1906.
Novo methodo de documentação das despezas de obras publicas, por Pedro Romano Folque. Lisboa, Typographia do Commercio, 1900.
Novos poemas, por Manuel da Silva Gayo Coimbra, Imprensa da Universidade, 1906.

Observações meteorologicas e magneticas feitas no Observatorio Meteorologico de Coimbra, nos annos de 1902 e 1903. Vol. XLI e XLII. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1907.
Ouverture (L') de la grande navigation. A travers l'Océan au XV*e* *siècle. L'infant Dom Henrique le Navigateur*, par José Carlos de Faria e Castro. Paris, Imp. Paul Dupont, 1902.
Observatoires (Les) astronomiques et les astronomes, par P. Stroobaut, J. Delvosal, H. Philipot, El Delporte et E. Merlin. Bruxelles, Hayez. Impr. de Observatoire Royal de Belgique, 1907.

Palhaço (O) (Monologo), por Thomaz d'Eça Leal. Lisboa, Livraria Editora, Viuva Tavares Cardoso, 1907.
Pechote (O) (Monologo em redondilha maior), por Soares Rebello. Margão, Typographia das «Noticias», 1904.
Philosophie de la longévité (Onzième edition définitive), par Jean Finot. Paris, Felix Alcan, editeur, 1906.
Poesias (vertidas em italiano, hespanhol, sueco, allemão e francez), por Ramos Coelho. Lisboa, Typographia de F. L. Gonçalves, 1907.
Polynômes (Sur les) dérivés — Memoire presenté a l'Academie des Sciences, Inscriptions et Belles-Lettres de Toulouse, por Antonio Cabreira. Toulouse, Imp. Douladoure-Privat, 1906.
Portos (Os) maritimos de Portugal e ilhas adjacentes, por Adolpho Loureiro. Lisboa, Imprensa Nacional, 1906-1907.
Portugal e Miguel Angelo Buonarroti. (Interpretação de um grupo do Juizo final na capella Sixtina), por A. de Sousa Silva Costa Lobo. Lisboa, Typographia Lallemant, 1906.
Portugalia. — Materiaes para o estudo do povo portuguez, tom. 2.º, fasciculo 3.º. Porto, Director, Ricardo Severo, 1907.
Prejugé (Le) de races (Deuxième édition), par Jean Finot. Paris, Felix Alcan, editeur, 1905.
Preito de obediencia de el-rei D. Manuel ao Papa Julio II prestado pelo seu embaixador Diogo Pacheco em 4 de junho de 1505. Traduzido por José Pedro da Costa, professor aposentado do Lyceu Nacional de Ponta Delgada. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1907.
Problema (O) naval português, (tom. I), por A. Pereira de Mattos. Porto, Typographia Pereira, 1908.

Quelques considérations sur les dimensions de la tête du foetus à terme, pelo dr. S. da Costa Sacadura. Lisboa, Officina typographica, 1906.

Quelques renseignements statistiques sur la maternité provisoire de Lisbonne, por Alfredo da Costa. Lisboa, Officina Typographica, 1906.
Questão de naturalidade, por Eça de Queiroz. Porto, Imprensa Portugueza, 1906.

Radio (O) e a radioactividade (Separata do «Instituto»), por João de Magalhães. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1907.
Relatorio e contas da Associação das Creches de Coimbra dos annos de 1905 a 1907. Coimbra, Typographia Nova Casa Minerva, 1907.
Relatorio e contas da Associação de Soccorros Mutuos da Imprensa da Universidade. Gerencia de 1906. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1907.
Relatorio e contas da Associação dos Artistas de Coimbra, gerencia de 1906. Coimbra, Agencia de publicações, 1907.
Relatorio e contas da Associação de Soccorros Mutuos — União Artistica Conimbricense. Relativas ao anno de 1906. Coimbra, Typographia Litteraria, 1907.
Relatorio e contas do Instituto de Nossa Senhora da Graça de S. João do Campo, 1905-1906. Coimbra, Imprensa Academica, 1906.
Relatorio sobre as contas da gerencia municipal de 1905, por Marnoco e Sousa. Coimbra, Typographia França Amado, 1906.
Resumo de grammatica francêsa, por R. Foulché-Delbosc e A. R. Gonçalves Vianna. Lisboa, Casa Editora Aillaud e C.ia, 1907.
Rimas, 1 vol., por João Penha. Braga, 1906.

S. João da Figueira, (O) por José Ramalho Nunes. Coimbra, Typographia Minerva Central, 1907.
Saudades da Fornarina, por José Ramalho Nunez. Figueira, Typographia Barata Salgueiro, 1906.
Scienciocracia (Socialismo pratico), por Pedro Romano Folque. Lisboa, Livraria Classica Editora, 1907.
Selecta Inglêsa, por J. C. Berkeley Cotter e A. R. Gonçalves Vianna. Lisboa, Casa Editora Aillaud e C.ia, 1907.
Sépulture (La) de Quinta da Agua Branca, près Porto (Portugal), por José Fortes. Paris, 1906.
Situação conjectural de Talabriga, por Felix Alves Pereira. Lisboa, Imprensa Nacional, 1907.
Sobre o calculo das reservas mathematicas, por Antonio Cabreira. Lisboa, Edição do «Jornal de Seguros», 1907.
Sociedade dos Architectos Portuguezes. Annuario de 1906 (2.º anno). Lisboa, Typographia do Commercio, 1906.
Soneto, por Fernando Leal. (Dedicado ao commandante e officiaes do «Sado»). Nova Gôa, 1906.
Soneto á Bella Fornarina, por José Ramalho Nunez. Figueira, Typographia Barata Salgueiro, 1906.
Spirale (La) prehistorique et autres signes gravés sur pierre. Étude sur les relations antéhistoriques de l'Iberie avec l'Irlande, por J. Fortes. Paris, 1907.
Stella, por Eusebio de Queirós. Porto, Typographia Minerva-Famalicão, 1907.
Subsidios para a materia medica e therapeutica das possessões ultramarinas portuguezas (Dois volumes), por João Cardoso Junior. Lisboa, Typographia da Academia Real das Sciencias, 1902 (1.º), 1905 (2.º).

Subsidios para o estudo das pozzolanas e sua applicação nas construcções, por J. da P. Castanheira das Neves. Lisboa, Imprensa Nacional, 1907.
Supplicios d'amor. Chronica d'aldeia, por Francisco Barros Lobo. Lisboa, Typographia de Francisco Luiz Gonçalves, 1906.
Suspiros da praia, por José Ramalho Nunes. Figueira, Typographia Barata Salgueiro, 1906.
Systèmes (Sur les) de numération, por Frederico Mariares. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1906.

Tachygraphia, por J. Fraga Pery de Linde. Lisboa, Typographia da «Editora», 1906.
Teretes additionnels aux anciens fors de Béarn, por J. Brissand. Toulouse, Imp. Édouard Privat, 1905.
Trabalho indigena na Provincia de S. Thomé e Principe, por Jeronymo Paiva de Carvalho. Lisboa, Typographia do Commercio, 1907.
Tratado elementar de trigonometria espherica, por A. Ramos da Costa. Lisboa, Officina Typographica, 1907.
Trechos escolhidos de auctores portuguezes, por J. Barbosa de Bettencourt. Lisboa, Casa Editora Aillaud e C.ia, 1907.
Trelado da carta que El-Rey nosso senhor escreveo a El-Rey e a Rainha de Castella seus padrees da nova da Imdya. (Reproducção). Lisboa, Imprensa Nacional, 1906.
Trovador (O) da infanta. Romance historico dos seculos vx e xvi por J. A. d'Oliveira Mascarenhas. Lisboa, Typographia de Francisco Luiz Gonçalves, 1906.

Ultimos (Os) dias de Pompeia (traducção de Marianno Cyrillo de Carvalho). Vol. I, por Lorde Bulwer Lylton. Lisboa, Ferreira & Oliveira L.da Editores, 1906.
Université de Toulouse. Année seolaire 1903-1904. Comptes rendus des travaux des facultés et de l'observatoire. Rapports sur les concours lun au cosseil de l'Université le 18 novembre 1894. Toulouse, Imp. Edouard Privat, 1905.

Vida (La) sencilla, por C. Wagner. (Version espanola de H. Giner de los Rios). Buenos Aires, Est. Tip. El Comercio, 1907.
Virgo Clemens, pelo padre F. J. Patricio. Porto, Typographia da Real Officina de S. José, 1907.
Visconde de Santarem. Apontamentos para a sua biographia, por M. A. Ferreira da Fonseca. Lisboa, Typographia do «Annuario Commercial», 1907.

COMMISSÃO DE REDACÇÃO

ENCARREGADA DE SUPERINTENDER NA PUBLICAÇÃO DESTE VOLUME

Alvaro José da Silva Basto, secretario
António José Gonçalvez Guimarãis, 1.º redactor
Bernardo Ayres
Eugenio de Castro
Luciano Antonio Pereira da Silva
Manuel d'Azevedo Araujo e Gama.

// O INSTITUTO

REVISTA SCIENTIFICA E LITTERARIA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — Rua do Infante D. Augusto, 44 — COIMBRA.

Propriedade e edição da Sociedade scientifica — O INSTITUTO de Coimbra

DIRECTOR
DR. BERNARDINO MACHADO
Presidente do INSTITUTO

Composto e impresso na IMPRENSA DA UNIVERSIDADE.

SCIENCIAS MORAES E SOCIAES

A ALLIANÇA INGLÊSA

(Cont. do vol. 54.º, pag. 665)

A commoção nacional foi enorme. Um abalo de dôr primeiro, um impeto de indignação e de colera depois se fez sentir d'um extremo ao outro do paiz. Impeto de indignação e de colera não só contra a Inglaterra, que nos havia affrontado indignamente e covardemente no nosso direito, na nossa honra e na nossa fraqueza, mas principalmente contra os dirigentes imprevidentes, immoraes, esbanjadores e indifferentes aos interesses collectivos que, durante dezenas e dezenas de annos, haviam cuidado de tudo, menos do que lhes cumpria, que era assegurar a integridade politica e a autonomia economica e moral da nação portuguêsa, que lhes confiara os seus destinos e não lhes recusára jámais nenhum sacrificio.

Legitima indignação, justa colera era essa.

E que fez o regimen, contra o qual se levantou, justiceiro, o gladio da justiça popular?

Confessou os seus erros e, sinceramente arrependido, penitenciou-se d'elles, jurando emendar-se? Procurou identificar-se com o sentimento nacional e corresponder ás legitimas aspirações da nação, mostrando-se resolvido a cooperar sincera e honestamente, devotada e patrioticamente na obra do resurgimento da patria? Jámais!

Não fôram sentimentos de arrependimento e de amor da patria o que o regimen experimentou, mas apenas uma sensação de panico. O leão popular rugia, e a monarchia constitucional teve medo! Tremeu pelo seu throno, tremeu por si propria. Não se arrependeu dos seus erros ou dos seus crimes, não pensou nisso; o instincto da defesa, commum a todas as entidades collectivas na ordem moral, como a todos os individuos na ordem natural, tornou-se-lhe em obsessão feroz. Chamou ao poder dictadores e cercou-se de pretorianos. E partiu de então a obra declarada e decidida de repressão despotica. As liberdades constitucionaes foram restringidas, quasi asfixiadas, na razão directa do engrandecimento do poder do rei, tornado quasi divino pelo espirito de sabujice que, de alto a baixo, avassalou o organismo politico-burocratico da nação.

A nação, espoliada nos seus haveres — uma divida enormissima e uma taxa de imposto superior á de todos os demais paizes civilisados, sem que a uma tão espantosa situação financeira correspondesse proporcional situação de beneficio publico — affrontada na sua dignidade — o *ultimatum* da Inglaterra — não tinha, no criterio e na logica do regimen, o direito de se queixar e de se insurgir contra os que a haviam espoliado e conduzido á ruina e á situação infamante de não poder repellir as affrontas que a petulancia estrangeira cuspia nas suas faces.

Mas á compressão feroz dos governantes respondeu a revolta na praça publica. O 31 de janeiro foi a explosão natural da colera popular, foi o grito logico e fatal de quem se via roubado, insultado e premido. Seria falsear a verdade e desmentir a fatalidade das leis historicas attribuir esse movimento a outros factores. A revolta lavrava no espirito publico desde o dia 11 de janeiro de 1890, nascida da commoção violenta soffrida com o *ultimatum* e da indignação causada pela criminosa imprevidencia do regimen, unico responsavel da capitulação nacional perante a Inglaterra. A repressão exercida pelos governantes para suffocar os protestos da alma nacional elevou, pois, o estado de tensão em que se encontrava o espirito publico ao seu maximo grau de gravidade, e, nestes termos, a explosão tornou-se inevitavel. Mas, sem a necessaria preparação prévia, por um persistente trabalho educativo, para uma transformação operada com methodo frio e seguro, pobre povo ignaro que era apenas arrastado por um impulso do seu sentimentalismo, essa explosão foi sómente um grito, foi um desabafo. Até a rapidez com que

se extinguiu, mais pela sua propria natureza que pela suffocação da força pretoriana, o attesta.

Aviso aos governantes, elle não lhes aproveitou comtudo. O regimen suppoz-se forte e consolidado porque se persuadiu ter triumphado da propria insurreição nacional, e envaidecido com a facil victoria, como Tarquinio Soberbo com os louros de Gabias, tripudiou sobre as desditas da patria e por tal modo tem reincidido em seus crimes que, hoje, decorridos dezesete annos sobre esse acontecimento, se antolha ao povo português uma só solução, a unica logica para se libertar de tão aviltante tyrannia — realisar a obra apenas esboçada naquella fria e nevoenta alvorada de janeiro...

*

Recordemos agora, para concluir, alguns factos que dão a nota exacta da lealdade com que os inglêses procederam no respeitante á acquisição de titulos em que pudessem estribar as suas pretensões aos territorios em litigio, e bem assim como respeitaram o *statu-quo* estabelecido após o *ultimatum* nos mesmos territorios até á conclusão de um tratado de limites que definisse as respectivas espheras de influencia das duas nações.

Ver-se-ha que as tradições do capitão Owen são fielmente conservadas, e sobre o valor juridico de taes documentos não temos que discutir — elle transparece nitido dos proprios documentos, que são curiosissimos como peças juridicas da lavra dos dois conspicuos consules britannicos Johnston e Buchanan. Sobre a acquisição de territorios os inglêses seguiam passo a passo as tradições da gloriosa Companhia das Indias Orientaes. Vê-se assim que a veneração pelas glorias nacionaes é uma das virtudes mais preclaras do povo inglês. Não as esquece nem jámais deixa de seguir os bons ensinamentos de seus maiores.

Mas vamos ao que importa.

Os titulos á pressa forjados pela Inglaterra para estribar as suas pretensões sobre os territorios do Chire eram d'este teor:

«Eu John Buchanan, consul de Sua Magestade a Rainha no Nyassa, juro que Meulali, aqui presente, *supersticiosamente receioso de pôr a sua mão neste papel, me auctorisou,* em presença de Katungo e Maxa, chefes dos Makololos e de grande numero do seu povo, e de todas as testemunhas abaixo assi-

*

gnadas, *a fazer a cruz que está acima em nome d'elle.* — John Buchanan».

Seguem-se as assignaturas das testemunhas, John Moir, Adão Mac-Culloch, Donald Malotta, Thomaz Faulker Fred, todos fieis subditos de Sua Graciosa Magestade. No mesmo documento se faz ainda a seguinte declaração:

«Nós, abaixo assignados, juramos que verdadeira e honestamente interpretámos o precedente convenio ás Partes Contractantes na lingua Chinyanja. — John Moir, Donald Malotta — Reconheço as assignaturas — *John Buchanan*».

Este documento é datado de 24 de setembro de 1889.

Havia muito mais d'um mez que Serpa Pinto acampava com a sua expedição nas margens do Chire, assegurando assim a occupação portuguêsa d'aquelles territorios.

Mas Buchanan, não obstante, ia arranjando mais *tratados*. A 26 de setembro, em Chilomo, celebrava um convenio com os filhos de Chiputulo em que estes se assignavam *Liwewe* e *Chitawonga* e no qual era o proprio Buchanan quem jurava haver traduzido fielmente o convenio na lingua Chinyanja!

Não vale a pena nem é necessario avultar o que taes documentos têem de ridiculo, visto como á face do direito elles são absolutamente destituidos de valor. Mas a sua falta de seriedade é tão flagrante, tão extraordinaria, tão imprevista que elles não dão já logar a que os classifiquem de ridiculos — são simplesmente graciosos!

Não se resiste a uma tal provocação á hilariedade.

Buchanan celebra tratados com os regulos do Nyassa em nome de Sua Magestade a Rainha da Gran-Bretanha, mas nesses tratados nada apparece feito pelos citados regulos, tudo é da lavra do mesmo alegre Buchanan, que assigna de direito como representante de uma das partes contractantes, que assigna depois a rogo da outra parte contractante e de cruz porque essa parte não sabia escrever e tivera receio, como declara, de pôr a sua mão no referido papel, e é elle ainda, Buchanan, quem reconhece as assignaturas das testemunhas do acto, as quaes são tambem todas inglêsas! Em resumo, Buchanan leva a effeito a negociação, lavra o instrumento do convenio accordado, assigna-o em nome das duas partes contractantes, das quaes elle representa uma, e por fim authentica-o reconhecendo as assignaturas das testemunhas que nelle figuram!

Não é surprehendente?

Comtudo era em taes titulos arranjados *ad hoc* por agentes tão joviaes e espirituosos que a Inglaterra fundava os seus

direitos em contestação aos de Portugal, que se baseavam em diversos actos de occupação e em authenticos actos de vassalagem. E, todavia, a Inglaterra sustentava tambem, havia dois annos, ser a occupação effectiva a condição essencial de posse de territorios, conforme a verdadeira interpretação das disposições do Acto de Berlim.

Mas que occupação exercia a Inglaterra sobre a região do Chire e do Nyassa á data de ali se dar o conflicto com Serpa Pinto? Ou seriam as manobras dos consules Johnston e Buchanan e a propaganda evangelica das missões de Blantyre considerados actos de jurisdicção e occupação mais authenticos que as expedições de Augusto Cardoso, Antonio Maria Cardoso e Serpa Pinto?

O motivo invocado pelo governo inglês para reclamar contra o acto de Serpa Pinto e exigir a retirada da sua expedição para o sul do Ruo foi o protectorado que dizia ter estabelecido sobre aquelles territorios. Vamos ver que valor tinha tal declaração.

Em 19 de agosto de 1889 o consul Buchanan intimava o major Serpa Pinto a não avançar em som de guerra pelo territorio Makololo porque, dizia, esse territorio estava comprehendido sob o protectorado da bandeira inglêsa, *desde o Ruo*. Tal protectorado não existia, é claro, senão na phantasia dos dois agentes Johnston e Buchanan, pois, como já vimos, ainda mais d'um mez depois o mesmo Buchanan fabricava, para confirmar essa declaração, os documentos que citámos. Serpa Pinto, na celebre conferencia que realiza em 26 com o consul Johnston, sustenta energicamente os direitos de Portugal, negando-se a reconhecer um facto que nenhum acto sério authenticava. E o proprio Johnston, implicitamente, o reconhece tambem, pois devendo Serpa Pinto estar já a esse tempo além do Ruo, e portanto em territorio britannico, admittido o tal protectorado, é Johnston que vae ter com Serpa Pinto a pedido d'este, para conferenciar ácerca de assumptos importantes, conforme elle mesmo declara no seu relatorio ao governo inglês por estas palavras: «chegou um mensageiro num bote mandado pelo major Serpa Pinto pedindo-me que fosse ao seu acampamento para conferenciar com elle em assumptos importantes». E o sr. Johnston foi! Se elle estava em terra sua, se era elle o suzerano, o que parecia natural era que fosse Serpa Pinto que o procurasse, e não Serpa Pinto que o mandasse chamar (1)».

(1) Pinheiro Chagas — *As negociações com a Inglaterra.*

Mas ha mais.

Serpa Pinto respondeu á intimação de Buchanan em carta datada do acampamento de Massange em 21 de agosto. Nessa carta Serpa Pinto, depois de dizer ao consul inglês que ordens só as recebia do governo do seu paiz, e de declinar sobre os agentes britannicos e os missionarios de Blantyre a responsabilidade inteira de acontecimentos eventuaes que estavam provocando com «toda a qualidade de intrigas e manobras desleaes», falava assim ao consul Buchanan:

«Se na verdade, os Makololos estão debaixo da protecção do governo inglês, e por conseguinte lhe obedecem, estou certo de que a minha passagem será facil e segura, porque o governo inglês representado por V. Ex.ª só me póde dar facilidades, sendo eu de um paiz que sempre tem abertas, franca e lealmente, as portas das suas colonias a expedições scientificas inglêsas, prestando-lhes todo o auxilio e amparo; mas em todo o caso, se é verdade o que V. Ex.ª me diz, peço-lhe que convença os Makololos de que a minha expedição é pacifica e scientifica, que lhes diga que pertenço a uma nação amiga da Inglaterra, e que portanto não perturbem a minha marcha, perturbação a que V. Ex.ª nesse caso não póde ser considerado estranho; e, assegurando-lhe que não posso consentir que um chefe negro queira disputar-me a passagem ou fazer-me o mais insignificante insulto, asseguro além d'isso a V. Ex.ª que, se na minha entrada no territorio Makololo eu for atacado, tomarei immediatamente a offensiva e acabarei de uma vez com essa causa constante de perturbação nesta parte do Chire».

Que respondeu a isto o consul Buchanan?

Insurgiu-se contra os termos altivos em que lhe escrevia Serpa Pinto?

Protestava contra a ameaça do mesmo official de que tomaria a offensiva e acabaria com resistencias que claramente dizia não reconhecer? Não.

O consul Buchanan respondia sómente isto:

«Vossa Excellencia suppõe que, estando agora o paiz dos Makololos debaixo da protecção de Sua Graciosissima Magestade a Rainha da Gran-Bretanha e da Irlanda, imperatriz da India, etc., póde contar com segura e pacifica jornada atravez d'aquelle paiz. *Lamento dizer que não posso prometter-lhe taes resultados.* Despachei mensageiros aos chefes Makololos, informando-os de que a missão de V. Ex.ª é pacifica e persuadindo-os a que debandem as suas tropas e que voltem em paz e socego para as suas aldeias; mas a

grandeza da expedição de V. Ex.ª, e o numero de homens armados que traz comsigo *fazem com que elles não acreditem em qualquer declaração que eu lhes possa fazer a esse respeito.*

«Vossa Excellencia póde ter a certeza de que farei o possivel para impedir a opposição da parte dos Makololos».

Eis ahi no que consistia o prestigio da Inglaterra sobre os Makololos. Via-se obrigado o representante de Sua Graciosa Magestade a declarar, depois de arrogantemente haver affirmado o protectorado da sua nação sobre aquelles povos, que não podia prometter a segurança de uma expedição scientifica no territorio Makololo e que os mesmos Makololos não acreditavam no que elle, seu suzerano e protector, lhes dizia!

A prova de que este sr. Buchanan não passava d'um refinadissimo velhaco, dá-a elle proprio no officio enviado a lord Salisbury, datado de Chilomo, e em que dizia que, em presença da marcha dos portugueses, elle se *vira compellido* a fazer uma declaração, em que affirmara que os Makololos estavam debaixo da protecção de Sua Magestade a Rainha de Inglaterra (1). Quer dizer, Serpa Pinto ia pregando em terra com o famoso castello de cartas armado pelos agentes britannicos no Nyassa. Se da parte do governo português tem havido mais habilidade e sobretudo previdencia, e menos preguiça, Portugal não teria soffrido as terriveis amputações que soffreu de vastissimos territorios no interior da Africa e a bofetada do *ultimatum*.

Entretanto proseguia activamente a occupação da Machona pela companhia *South Africa,* sob a direcção superior de Cecil Rhodes, a esse tempo o primeiro ministro da Colonia do Cabo. Depois do *ultimatum* essa actividade redobrou. Cecil Rhodes queria apossar-se dos territorios que Portugal podia reivindicar quando se procedesse á delimitação, absolutamente indispensavel depois do *ultimatum*.

Assim, aproveitando-se das vantagens obtidas pelo tratado com o Lobengula, rei dos Matabelles, Cecil Rhodes fez avançar os seus flibusteiros até aos extremos limites da Machona, terrenos já comprehendidos nos districtos portuguêses de Sofala e de Manica e sobre os quaes exerciamos jurisdicção effectiva, e todos os postos de occupação portuguêsa fôram intimados a retirar.

---

(1) Pinheiro Chágas — *As negociações,* etc.

Contra esta descarada violação do direito das gentes e do *modus-vivendi* celebrado após a rejeição do tratado de 20 de agosto, protestaram alguns raros portuguêses que ainda possuiam as virtudes antigas da sua raça. Paiva d'Andrada, Manuel Antonio e Rezende fôram presos pelos flibusteiros da *South Africa* por haverem protestado contra o inqualificavel procedimento d'essa Companhia que se apoderára violentamente dos estabelecimentos da Companhia portuguêsa de Moçambique, e depois do confiicto de Mutaça, surge o conflicto de Massiquece, aonde Caldas Xavier com um punhado de valentes se bateu valorosamente contra os inglêses, defendendo os territorios que occupava, até que a noticia do tratado de 28 de maio de 1891 poz termo a essas luctas bravas e quasi ignoradas nos sertões africanos, luctas que fôram a bem dizer, o unico protesto sério da nação esbulhada e affrontada.

O tratado de 28 de maio fez aos inglêses todas as concessões que elles exigiram sobre a liberdade de navegação do Zambeze e do Chire e de todas as suas ramificações, e sobre a liberdade de transito pelas vias terrestres e outras vantagens de caracter mercantil. Reconheceu o roubo de Manica e deixou-lhes nas mãos todos os territorios cuja posse nos disputavam e que constituiam a parte mais rica dos sertões de Moçambique, ficando esta nossa provincia consistindo numa faixa littoral cuja maior largura fórma a reentrancia do Zumbo até á margem oriental do Aroangoa, num raio de 10 milhas inglêsas, territorio do qual nunca poderemos dispôr sem o prévio consentimento da Gran-Bretanha (art. 1.º), reentrancia aberta ao norte pela cunha do territorio inglês (Blantyre, Makololos, etc.) que penetra pelo coração dos dominios portuguêses até abaixo da confluencia do Ruo e do Chire. O comprimento total da provincia ficou comprehendido entre a margem norte do rio Maputo e a margem sul do rio Rovuma. Assim sanccionámos a expoliação: dos territorios do Chire, e dos comprehendidos para oeste do Zumbo, que formavam o districto d'este nome; do territorio da Machona, e do interior dos districtos de Manica e Sofala, ricos de minas de oiro, e dominios já do regulo cafre Gungunhana, cuja obediencia a Portugal era incontestada.

A clausula da preempção apparece a cada passo no tratado, a proposito de todos os territorios cuja posse a Inglaterra nos reconhece. Ella se estende sobre Lourenço Marques e sobre Angola; além d'isso as concessões de caracter

commercial, e de livre transito feitas á Inglaterra collocaram o commercio português, nas duas provincias, em perfeita egualdade de tratamento; por isso elle se desnacionalisou em Moçambique e decahiu em Angola, desde então.

Em resumo: «Nunca, póde affirmar-se sem hesitação, sofferamos semelhante últrage. Ficamos num protectorado positivo, como fellahs do Egypto, ou matabelles do centro da Africa. Nunca: nem os tratados do seculo XVII, nem o de Methwen, nem 1810, nem o da India — nenhum juntou ainda assim á espoliação a sujeição, accrescendo por sobre ambas o escarneo» (1).

Tal foi o resultado da avida cubiça britannica conjugada com a inepta politica colonial dos governos da monarchia portuguêsa.

CONCLUSÃO

A questão das allianças

Antes de mais nada ponhamos claro a questão.

Portugal como um país pequeno que é e com vasto dominio colonial, dilatado por diversos pontos do globo, póde assegurar a sua integridade territorial por si só com reaes probabilidades de exito?

Não podendo, como é fóra de toda a contestação, qual a alliança mais vantajosa sob o ponto de vista politico e militar?

Sem torcer caminho e sem contrariar a propria convicção intima diremos que, no momento actual, tendo bem em vista as condições presentes da politica internacional, a alliança que mais convém a Portugal é a da Inglaterra.

Bem entendido: nós partimos, ao fazer esta affirmação, do principio juridico da existencia d'um contracto bilateral em que de parte a parte não haja a menor abdicação de dignidade nacional nem grave offensa de interesses alheios.

Resumindo: Imaginamos uma alliança e não o que existe — uma situação de protegido e protector.

Mas, é claro, para que tal alliança se possa firmar e possa subsistir dignamente é mister que vantagens reciprocas a

---

(1) Oliveira Martins — *Portugal em Africa.*

justifiquem e os respectivos pactuantes procurem valorisá-la sob o ponto de vista do melhor aproveitamento das vantagens que mutuamente se possam offerecer.

Dissémos já — e facil é a demonstração — que a Portugal, presentemente, lhe convém mais que alguma outra a alliança inglêsa. Quanto á Inglaterra tem ella reciprocas vantagens na alliança com Portugal? Tem, sem duvida, e de incontestavel valor.

Nós portuguêses, porém, é que jámais devemos deixar de ter o seguinte ponto em attenção: é a Inglaterra capaz de guardar sinceridade em sua alliança comnosco? Que a historia seja a nossa guia de cada instante; que ella, que é a melhor mestra da vida dos povos, nos allumie com a luz da experiencia, sempre que em nossa marcha politica a duvida nos faça hesitar ou suspeitar.

Lembremo-nos sempre d'aquella sincera confissão de lord Grey: «Desenganem-se todos, que o governo inglês não tem predilecção por nenhum governo estrangeiro, nem por nenhuma familia reinante; *as suas resoluções teem sómente por fim promover os interesses nacionaes*».

Lembremo-nos de que a bussola que orienta a politica britannica é: *o supremo interesse da Gran-Bretanha*. Nada perdemos em conservar bem vividas no espirito todas as recordações amargas da alliança inglêsa. A isso visa este livro.

Mas, nesta epoca de utilitarismo feroz, as razões do sentimento não podem prevalecer.

A alliança inglêsa consolidada pela monarchia num intuito mesquinho de conveniencia dynastica, é um acto politico que a nação póde e deve aproveitar quando se decidir a metter hombros á emprêsa da sua regeneração. Eliminado que seja o particularismo dynastico que, em todo o tempo, como plenamente o demonstra a historia, desviou a alliança do que devera ser o seu verdadeiro e unico objectivo, póde fazer-se com a Inglaterra uma politica util e digna. Uma alliança, não fundada em vagos termos d'uma *entente* que ninguem conhece e em tratados caducos e anachronicos, mas num pacto explicito que, reconhecendo as conveniencias reciprocas, estabeleça os direitos e as obrigações respectivas.

E depois cuidemos de valorizar o mais possivel a nossa alliança. Que ella se não restrinja ao papel passivo e inglorio de ser para a Inglaterra apenas a facilidade de obter bases estrategicas, mas que seja uma cooperação apreciavel e indispensavel, se tiver que o ser. Só assim poderemos obrigar

a Inglaterra a guardar-nos o respeito que nos deve como nação livre que preza e se orgulha dos seus fóros.

*

Antes da convenção anglo-francêsa celebrada em 8 d'abril de 1904, quando pairava ainda no horizonte a ameaça d'uma guerra entre inglêses e francêses, a qual seria inevitavelmente o inicio da grande conflagração geral, o problema das allianças para Portugal apresentava-se mais complexo. Então havia que considerar qual dos partidos em lucta teria maiores probabilidades de victoria para assim nos decidirmos por um ou por outro, a fim de não compromettermos irremediavelmente o nosso dominio colonial e a nossa propria autonomia na Europa.

Afastado esse perigo, como parece, pelo menos immediatamente, nós temos que considerar principalmente a politica que, desde já, nos garanta o maior numero de vantagens para os nossos interesses em Africa.

Possuimos no continente africano, além da Guiné, duas grandes colonias ás quaes se acham incontestavelmente ligadas as nossas esperanças de renascimento nacional. Moçambique, na costa oriental, é um verdadeiro emporio sob o ponto de vista das suas admiraveis condições para a exploração d'um largo commercio e de emprêsas mineiras e agricolas em grande escala. Angola, no occidente, é a riquissima colonia que podemos transformar numa como que extensão da propria patria por meio principalmente da colonisação agricola no genero da que se fez nessas admiraveis colonias da Australia meridional, de Java e do Canadá.

Ora, com a Inglaterra, depois do tratado de limites que succedeu ao *ultimatum,* temos demarcadas as nossas fronteiras e espheras de influencia em Africa. A Inglaterra, após ter-nos levado todo o *hinterland,* marcou os limites dos nossos dominios que reconheceu e authenticou por aquelle tratado. Assim, não ha facil logar a novos litigios e controversias com aquelle paiz. Mas nem por isso deixámos de ter inimigos em Africa. Temo-los, e temiveis, ao norte de Moçambique, ao sul e ao norte de Angola. A Allemanha, que já nos levou Kionga, continúa a ser uma ameaça permanente contra a nossa soberania no Cabo Delgado; no sudoeste africano lança tambem os olhos cubiçosos sobre os terrenos limitrophes do Cunene, extremo sul de Angola. Ao norte

d'esta mesma provincia o Estado Livre do Congo tenta, por seu turno, por meio d'uma progaganda persistente e tenaz, crear embaraços de toda a ordem á expansão do nosso commercio no interior e á nossa occupação effectiva do vasto país da Lunda, que ambiciona. Nestas circumstancias, a Inglaterra, pela proximidade das suas colonias e pela natureza especial dos seus interesses em Africa, é a unica potencia que se encontra em condições de prestar-nos efficaz apoio para contermos em respeito as demasias da Allemanha e do Estado Livre. Vae nisso tambem o seu proprio interesse.

De facto, á Inglaterra convém-lhe que os portos de Lourenço Marques, a Beira e as boccas do Zambeze, não podendo estar nas suas mãos, pertençam a Portugal. Portugal, além da sua qualidade de alliado, é para a Gran-Bretanha um concorrente incomparavelmente menos perigoso do que a Allemanha, a França ou qualquer outro país. A Inglaterra não tem que receiar da nossa parte nem concorrencia mercantil que possa affectar o seu largo commercio do centro d'Africa, nem ambição de mais territorio, visto como o já citado tratado de limites nos veda tal; ao passo que, já por este tratado, já por outras combinações realizadas e pela natural cooperação de pais amigo e alliado, ella póde utilizar os portos do littoral de Moçambique e as vias que os põem em communicação com os seus territorios do interior — vias consideravelmente mais curtas que as do Cabo e Durban — para o transito do seu importantissimo tracto mercantil.

Nestes termos, as vantagens reciprocas de uma mutua cooperação entre Portugal e a Inglaterra em Africa, equilibram-se. E quando mesmo outros motivos não existissem para justificar a sua alliança, esse bastava.

Mas mesmo sob a hypothese d'uma conflagração na Europa a alliança com a Inglaterra merece e deve ser considerada, pois que, como já dissemos, em face das actuaes condições da politica internacional, ella é a que maiores vantagens nos póde offerecer. As tendencias recentemente manifestadas da politica europeia fazem prever uma revolução completa na sua orientação. O accordo anglo-francês, ainda que de caracter colonial, a approximação da Italia e França coincidindo com as divergencias manifestadas entre a Italia e a Austria e a já inilludivel antipathia do povo italiano pela triplice; a revolução de ideias e sentimentos que se opéra em França com relação á alliança moscovita, coincidindo por seu turno com as publicas demonstrações de affecto e pesar de Guilheme II peio Czar e peles desastres da Russia na

guerra do Extremo-Oriente, constituem innegaveis e sérios presagios da profunda modificação que indicamos. É possivel uma grande inversão de papeis, e que em vez de uma tenhamos duas triplices: a da Allemanha com a Austria e Russia, e a da França com a Inglaterra e Italia. Sendo assim, é obvio que a alliança da Inglaterra nos asseguraria a maior somma de vantagens na Europa e perante o conflicto travado. O dominio dos mares pertenceria indiscutivelmente a este partido, tanto mais que elle podia contar com o concurso dos fortes recursos navaes do Japão e dos Estados-Unidos, e o dominio dos mares é precisamente a condição exigida pelos nossos interesses estrategicos á alliança com que contarmos.

Por seu lado, para a Inglaterra, sob o mesmo ponto de vista, a alliança de Portugal é de inapreciavel valor.

Ainda ha pouco, no seu recente livro — *A defêsa das costas de Portugal e a alliança luso-inglêsa* — o sr. José Estevão de Moraes Sarmento, illustre general do exercito português e ex-ministro da guerra, escrevia: «Para a solução dos grandes problemas de politica internacional, que se debatem ou venham a debater nas grandes chancellarias europeias, e a que estejam ligados interesses especiaes dos dois países situados na peninsula iberica, será da maior vantagem para a Inglaterra o poder contar, em Portugal, com uma solida base de operações para qualquer eventualidade subsequente. E, nas luctas que aquelle país venha a travar, de futuro, com outras nações maritimas, egualmente lhe serão de decidida importancia, para abrigo e abastecimento das suas esquadras, determinados portos de escala dos nossos dominios, entre os quaes tomam preferente logar Lisboa, Horta, S. Vicente, como vertices do notavel triangulo estrategico-naval do Atlantico».

E o mesmo illustre general, depois de reconhecer as vantagens para Portugal da alliança inglêsa, accrescenta:

«Para que a alliança com a Inglaterra se mantenha, porém, nobre e honrada, e não redunde em protectorado odioso, torna-se indispensavel que procuremos affirmar solidamente a nossa organização defensiva, não sob o ponto de vista do que mais util possa parecer aos interesses da Inglaterra, mas sob a base do que propriamente represente a nossa melhor capacidade de resistencia militar contra qualquer aggressão directa. Frederico II dizia, e dizia bem, que «errava todo o estado que, em vez de confiar nas proprias forças, se fiava nas dos seus alliados».

Assim é, na realidade, e o sr. Sarmento o demonstra á saciedade quando, estudando as condições especiaes da organização do exercito inglês, cheia de deficiencias, e todas as demais difficuldades e perigos inherentes á natureza das expedições por mar, consigna os pontos fracos da alliança inglêsa, e, logicamente, conclue insistindo por que *cuidemos do exercito de campanha.*

Sim, cuidemos do exercito de campanha.

Mas ao mesmo tempo cuidemos da regeneração moral e economica da patria portuguêsa. O sr. Moraes Sarmento, certamente porque o seu livro, sendo um estudo de especialidade, não visa outro fim mais que a demonstração d'uma these sob o restricto ponto de vista militar, não encara outras questões importantissimas, da resolução das quaes depende, a final, essa da organização de um efficaz exercito de campanha com que possamos assegurar a nossa defêsa terrestre, — que não podemos confiar absolutamente do auxilio das armas inglêsas —, e valorisar a nossa alliança.

A nossa alliança valorisá-la-hemos tanto mais quanto maior fôr a nossa subida na escala da civilização e do progresso.

Em primeiro logar é urgente expurgar, insistimos, a alliança inglêsa do particularismo dynastico que em todo o tempo a tem caracterizado e prevertido. É preciso que seja realmente uma alliança e não a combinação escura destinada a salvaguarda do interesse particular da dynastia em Portugal, em detrimento dos interesses geraes e das aspirações da nação portuguêsa. Esta questão é fundamental, embora tenhamos por certo que o apoio da Inglaterra á dynastia seria hoje muito problematico, para não dizermos improvavel. As allianças, hoje, por parte das nações que possuem a plena consciencia dos seus interesses e do seu papel no mundo, obedecem á superior razão do Estado e não a quaesquer conveniencias particulares dos governantes. Ora, a Inglaterra, tem um incontestavel interesse na alliança de Portugal; a Inglaterra é um país de liberdade e de ópinião, de progresso e de ideias modernas e praticas. Suppôr, pois, que a Inglaterra sacrificará ámanhã os seus interesses e as suas ideias ao sonho romantico da conservação indefinida d'um regimen politico em Portugal que se condemnou na logica e na razão moral da sua existencia, é dar muito pouco pela sagacidade e pela educação politica dos estadistas inglêses. Não. A Inglaterra sobre este ponto pensa com lord Grey: — *Não tem predilecções por nenhum governo estrangeiro, nem por ne-*

nhuma familia reinante; as suas resoluções teem sómente por fim promover os interesses nacionaes.

Todavia, a monarchia em Portugal persuadiu-se talvez que os tempos de 1836 e 1847 voltavam, e, seja assim ou não, é manifesto que a alliança foi reatada com esse exclusivo intuito, sendo certo que esse reatamento, nas condições em que se realizou, por inspiração e directa influencia dos reinantes, deu á alliança esse caracter. E isso basta a prevertê-la, hoje como sempre.

Nacionalisemos portanto a alliança para que ella possa inspirar-se nos interesses dos povos. E depois valorisemo-la, sim, debaixo do ponto de vista militar e debaixo do ponto de vista moral.

Mas para isso regressemos á liberdade, pois que sem liberdade os povos não caminham. Instruamo-nos, pois que sem instrucção não ha, não póde haver consciencia nos povos, não póde haver cidadãos, não póde haver patria.

Elevemo-nos progredindo, caminhemos elevando-nos sempre no conceito dos povos cultos. A inviolabilidade das fronteiras não está apenas na força das armas, está tambem, está muito no conceito moral que se possa impôr e na consciencia firme do proprio direito.

Comecemos, pois, por eliminar as causas de preversão e decadencia que temos internas.

Ha um regimen-oligarchia, gasto, corrupto, que de ha muito se acha divorciado da nação e apenas olha a satisfazer as necessidades creadas d'uma vida dissoluta de baixo-imperio?

Ha um povo de innata bondade, mas vegetando, lethargico, na noite negra da ignorancia?

Eliminemos um, e demos ao outro o que lhe falta — uma consciencia e a luz viva do sol d'um ideal.

Está ante nós escancarada a larga porta da Civilização. Decidamo-nos finalmente e entremos nisso que está além, desenrolando-se indefinidamente ante nossos olhos deslumbrados — a feira gigantesca e luminosa da actividade e do progresso mundial.

E nesta bella terra que tanto amamos haverá então uma patria livre. E a alliança com a Inglaterra poderá então ser, não um protectorado odioso, mas um pacto nobre e honrado.

AFFONSO FERREIRA.

SCIENCIAS PHYSICO-MATHEMATICAS

LES MATHÉMATIQUES EN PORTUGAL

(Cont. do vol. 54.º, pag. 699)

[r³ 32] — J. M. DANTAS PEREIRA — *Reducção das distancias lunares para a determinação das longitudes a bordo,* Lisboa, 1807.

[r³ 32] — JACOME L. SARMENTO — *Methodo facil para se obterem por uma unica interpolação, de tres em tres horas, as distancias lunares calculadas directamente de doze em doze horas* (I. C., 1ère série, VII, 1859, 94-95).

[r³ 32, 33] — R. R. DE SOUZA PINTO — *Nota sobre a carta de M. WILS BROWN, na qual se indica um novo methodo para o calculo das distancias lunares observadas no mar* (I. C., 1ère série, V, 1857, 10-11).

Au sujet de le méthode de WILS BROWN pour calculer les distances lunaires observées sur mer, l'auteur fait voir que la formule de l'astronome anglais est identique à celle que F. DE PAULA TRAVASSOS avait exposée dans sa brochure: *Methodo de reducção das distancias observadas no calculo das longitudes,* Coimbra, 1805.

[r³ 33] — PEDRO NUNES — *Tratado sobre certas duvidas da navegação,* Lisboa, Germão Galhardo, 1537.

La composition de ce Traité a été le résultat de la discussion de PEDRO NUNES avec le fameux MARTIM AFFONSO DE SOUZA, sur certains doutes que celui-ci lui avait proposés au sujet de la navi-

gation. MARTIM AFFONSO avait reçu mission en 1530 de naviguer avec plusieurs bâtiments dans les parties du Midi: il arriva au Rio da Prata et de retour à Portugal, au bout de trois ans de mer, il exposa à PEDRO NUNES différentes manières de prendre la hauteur des endroits où il se trouvait et comment il vérifiait les routiers qu'il avait suivis, mais qu'il s'étonnait de deux choses: La première, que le Soleil étant sur l'équateur, il le voyait lever à l'est et se coucher à l'ouest le même jour, cela également, sans aucune différence, soit qu'il se trouvât du côté du nord, soit du côté du Sud, et il demandait à PEDRO NUNES par quelle raison, quand on gouverne à l'est, ou à l'ouest, on suit le même parallèle à la même hauteur sans jamais ateindre l'équinoxiale où l'on porte la proue conjointement avec le lest de l'aiguille. La seconde chose qu'il lui demanda fut que se trouvant à 35 dégrés de l'autre côté de la ligne équinoxiale quand le Soleil était au tropique de Capricorne, il se levait au SE 1/4 E et se couchait, le même jour, à SW 1/4 W.

PEDRO NUNES répondit à ces doutes de MARTIM AFFONSO, et résolut ensuite d'écrire plus largement, dans cet ouvrage, ce qu'il y jugea utile.

C'est alors qu'il exposa tous les principaux doutes de la navigation, avec les tables du mouvement du Soleil et sa déclinaison, ainsi que la règle de la hauteur (*Regimento da altura*) à midi, comme autrefois.

. Sur tout cela il apporta non seulement des choses pratiques de l'art de naviguer mais encore des remarques de géométrie. Il corrigea quelques passages de PTOLÉMÉE, en vérifia d'autres, et interpréta ou expliqua ceux qui étaient obscurs, ou avaient été mal compris par les modernes. Il fit voir les erreurs de CARDAN, de COPERNIC, d'AGUSTIN RICIO, de JACOB ZEIGLER, d'APIAN, d'ALBERT PIGHIO, de J. STOFFERO, de MARCO BENEVENTANO, de GEBRE, de MONTE REGIO, et d'autres savants de grande réputation.

[r³ 33] — PEDRO NUNES — *Tratado em defensão da carta de marear*, Lisboa, Germão Galhardo, 1537.

Dans cet ouvrage, PEDRO NUNES développe la doctrine de PTOLÉMÉE en plusieurs de ses conclusions; il parle des règles et des instruments maritimes, de la carte de naviguer, de la table nautique, très utile pour trouver la différence de longitude, des instruments propres pour rechercher l'élévation des étoiles; il étudie plusieurs manières de déterminer la latitude; il trouve la solution de quelques problèmes nautiques, et enfin il étudie, le premier, sous le nom de *rumbus* (1), la *loxodromie* (2), c'est-à-dire, la courbe qui rencontre les méridiens de la sphère terrestre sous un angle constant, courbe que tracerait un navire dirigé constamment suivant le même rhumb de l'aiguille (3).

---

(1) Cette dénomination de *rhumb* a été longtemps conservée par les anglais sous le nom de *Rhumb line* (W. R. MARTIN, *A treatise on navigation and nautical astronomy*, 3e édition, London, New-York and Bombay, 1899, p. 7).

(2) Dénomination proposée par SNELLIUS (*Tiphys Batavus, sive histiodromica de navium cursibus, et re navali,* Lugduni Batavorum, 1624, p. 27).

(3) Il sera d'un certain intérêt de transcrire ici les passages suivants, de deux remarquables écrits, qui confirment, en effet, que PEDRO NUNES a posé les permiers traits de la théorie de la loxodromie:

«Den grossen und für mathematisch-geschult Köpfe gewiss im höchsten Grade anstössigen Fehler, welchen man durch Verwechselung der wirklichen Loxodrome mit einem Kugelkreis oder gar mit einer Geraden begieng, bemerkte und beseitigte als der Erste jener hochverdiente portugusische Mathematiker, welchem seit je einer der ersten Ehrenphätze unter seinen Zeitgenossen eingeräumt zu werden pflegt. Die Historiker, z. B-Chales (Geschichte der Geometrie, deutsch von SOHNCKE. Halle, 1839. S. 136), erwähnen durchweg rühmend des grossen von *Nunez* angebahnten Fortschrittes, und in der That ist die betreffende Leistung, sei es dass man speziell die dadurch bewirkte Förderung des nautischen Wissens oder den beträchtlichen Gewinn an rein-mathematischer Erkenntuiss in's Augefasst, gewiss den anderen berühmten Geistesthaten des universellen Mannes gleichzustellen». (S. GÜNTHER, *Studien zur Geschichte der mathematischen und physikalischen Geographie,* Halle, a/s, 1879, p. 341).

«Die dritte Scrift gleichen Druckjahres und gleichen Druckorts wie die eben genannte heisst *De arte atque ratione navigandi.* Von einem Punkte der Meeresoberfläche zum anderen führen zahllose Wege. Einer derselben ist der kurzeste und würde, wäre die Meeresoberfläche eben, eine gerade Linie sein. Das war auch die ursprüngliche Meinung der Seefahrer, welche in gerader Linie zu segeln vermeinter, wenn sie die

Pedro Nunes considérant les défauts des cartes planes en usage de son temps, chercha à les rectifier, et dans cette vue il examina les lignes loxodromiques, en découvrit plusieurs propriétés, et proposa la construction d'une table loxodromique, réglant la dérive par angles de 45 dégrés, ou rhumbs.

Bien que dans la théorie exposée l'on ait depuis remarqué des erreurs, il est certain que ce fut Pedro Nunes qui montra la voie (1), pour que cette théorie reçût les additions et les perfectionnements que plus tard lui donnèrent des géométres célèbres, tels que Snellius, Wright, Stevin, Dechales, Halley, Riccioli, Walz, Manpertuis, Leibniz, Bernoulli, Euler, Simpson, Schubert, etc. Cependant, l'erreur la plus importante que Pedro Nunes a commise, ce fut de supposer que les cosinus des latitudes des points de la loxodromie, équidistants en longitude, sont en proportion continue, parce que cette propriété se vérifie à la fois dans les tangentes et cotangentes des moitiés des complements des latitudes, ou des demi-distances au pôle. Ce fut Simon Stevin qui,

---

Richtung zum Bestimmungsort unverändert festhielten. Nonius war der Erste, welcher es aussprach, dass die Schiffsbahn, welche sämmtliche Meridiane der Erdober fläche unter gleichem spitzen Winkel schneidet, als auf einer Kugel verlaufend keine grade Linie, aber auch kein Grösterkreis der Erdkugel und ebensowenig ein aus Stücken von Grösstenkreisen zusammengesetzter Weg sein könne. Sie sei vielmehr durch das Zusammenwirken zweier, unter Umständen meherer Kräfte zu Stande gekommen, gleich wie die Spirale durch zwei vereinigte Bewegungen entsteht, und sei eine eigenartige Linie, *rumbus*. Damit war die Entdeckung derjenigen Linie doppelter Krümmung vollzogen, welche am Aufange des xvii. Jahrhunderts durch Willebrord Snellius den namen *Laxodrome* erhield». (Moritz Cantor, *Vorlesungen über geschichte der mathematik*, vol. ii, Leipzig, 1892, p. 358).

(1) «No acertó, sin embargo, aquel profundo matematico (Pedro Nunes) á exponer la verdadera teoría de la curva loxodrómica y la de las cartas esféricas ó reducidas, que se desprenden sin grande esfuerzo de sus mismas consideraciones; pero, sin embargo, desde entonces el pilotage geométrico formó un cuerpo de doctrina cuyo desarrollo dependió ya casi exclusivamente de los adelantos de las ciencias matemáticas y fisícas». (*Discursos leidos ante la Real academia de ciencias exactas, físicas y naturales, en la recepción pública del excmo* sr. Don Acisclo Fernandez Vallin, Madrid, 1893, p. 90).

*

le premier, reconnut l'erreur de PEDRO NUNES (1). Il la corrigea et publia alors une théorie plus exacte des lignes loxodromiques (2).

Bien qu'aujourd'hui la loxodromie n'ait plus qu'un intérêt théorique, comme le remarque VANNSON (3), cette courbe avait besoin d'une synthèse que lui a donnée M. S. GÜNTHER, professeur à l'Ecole polytechnique de Munich (4).

[Υ^3 33] — PEDRO NUNES — *De arte atque ratione navigandi libri duo,* Conimbricæ, A. de Mariz, 1546, 1573; Basileæ, S. Fabricius, 1566, 1592.

Cet ouvrage est la refonte de celui que PEDRO NUNES avait écrit auparavant sur la carte de naviguer avec addition de matières nouvelles. Il se termine par un chapitre (*In problema mechanicum* ARISTOTELIS *de motu navigii ex-remis, annotatio una*) où PEDRO NUNES commente le problème d'ARISTOTE sur le vaisseau manœuvré à rames, et ce fut beaucoup pour le temps que la solution de ce problème. En effet, la mécanique n'avait fait presque aucun progrès; on ignorait les lois du mouvement; la théorie de la statique et surtout celle de l'hydrodynamique était encore bien arrièrée, et les travaux des savants concernant la mécanique se réduisaient à peine à commenter les questions mécaniques d'ARISTOTE.

La marche suivie par PEDRO NUNES, fut donc de se borner à expliquer et à illustrer la doctrine du philosophe sur ce problème, qu'il avait déjà traité dans les leçons de mécanique lues à ses élèves à l'Université de Coïmbre.

---

(1) ALBERT GIRARD, *Les œuvres mathématiques de* SIMON STEVIN, *de Bruges,* Leyde, 1584. (Le vol. II traitant de la Cosmographie, 4me livre de la géographie). (*De l'histiodromie ou cours des navires,* Appendice, p. 166).

(2) Ibid., p. 167 et 168.

(3) N. A., 1ère série, XIX, 1861, p. 31.

(4) *Studien zur geschichte der mathematischen und physikalischen geographie,* Halle, a/s, IIe partie, 1879, 333-407. Voyez aussi: le compte rendu de ce mémoire fait par M. BROCARD (B. D., 2e série, 1879, 1ère partie, 329-339); N. A., XX, 1861, 31-41, 229-233; 1888, 486-502; J. S., 2e série, IV, 1885, 85-86.

[r³ 33] — Jacobus Sá — *De navigatione libri tres: quibus mathematicæ disciplinæ explicantur*, Parisiis, Reginaldi Calderii & Claudii ejus filii, 1549 (1).

Cet ouvrage est précédé d'une préface à l'adresse de Don João III, où l'auteur dit qui a écrit ce livre contre Pedro Nunes.

Dès le commencement du livre, l'auteur s'éfforce de préparer les bases de son argumentation, en compilant les opinions des anciens et de la Bible sur la forme et le mouvement de la Terre. À la page 54 on trouve le *Tractatus* Petri Nonii *doctoris incipit*, écrit sous forme de dialogue entre la Mathématique (Pedro Nunes) et la Philosophie (*l'auteur*), et où les arguments sont suivis de leur réfutation immédiate (2).

[r³ 33] — J. Baptista Lavanha — *Regimento naotico*, Lisboa, Simão Lopez, 1595; Antonio Alvarez, 1606.

[r³ 33] — * — *Tratado da arte de navegar* (Manuscrit n.° $\frac{\text{CXVI}}{2\text{-}22}$ de la Bibliothèque de Evora).

[r³ 33] — Duarte Abreu Vieira — *Thesouro universal, breve tratado de navegação de Leste para Oeste, novamente achado pela regra das declinações do sol, e pedra de Cevar; com exposição da Agulha de Marear* (Manuscrit).

---

(1) Il y a deux exemplaires pareils de la même année, avec la seule différence que, dans la partie supérieure du fronstispice, l'un a les armes de France et l'autre les armes de Portugal.

(2) Il y a dans ce livre quelques passages curieux: par exemple, dans une sorte de résumé des matières de chaque livre, l'auteur dit (fol. 6): ...«Philosophia per dialogi modum cum Mathematica, de ea maxime conquerens, in certamen deveniret: et utraque hinc inde suas afferente rationes, clara patet, quid quælibet illarum prætendere possit: et quo pacto *Mathematica respondere nequivit adid de quo finit interrogata.* Et sic interrogatio per Philosophiam *explicata relinquitur,* eni explicatio illius convenit. In quo etiam libro notamdum est, ab interrogatione provenire totam cosmographiam, mathematicam, et philosophiam, etc.» Et au verso de la page on lit:... «In eodem (tractatu) etiam explicatur flanissimè, quo facto et quibus rationibus Mathematica non cognoscit, neque procedere debet per materiam et motum, neque per causam finalem neque efficientem, nec per rationem boni, neque propter quid aliqua res contingat vel sit, rusi tantum per rationem formalem».

Cet ouvrage renferme 10 chapitres, 4 tables et 1 globe.

[r³ 33] — * — *Quarto modo para sabermos o caminho no mar de Leste a Oeste que he pola variação da agulha* (Manuscrit n.º $\frac{CX}{2-18}$ de la Bibliothèque de Evora).

[r³ 33] — * — *Arte nautica ou de navegar* (Manuscrit n.º $\frac{CXVI}{2-23}$ de la Bibliothèque de Evora).

[r³ 33] — Christovão Bruno — *Tratado da arte de navegar. Em Lisboa, no collegio de Santo Antão da Companhia de Jesus, Anno domini 16...* (Manuscrit n.º $\frac{CXXVI}{1-12}$).

[r³ 33] — Christovão Bruno — *Arte de navegar e em particular de Leste Oeste* (Manuscrit n.º 44 de la Bibliothèque de l'Université de Coïmbre).

[r³ 33] — Valentim de Sá — *Regimento da Navegação, no qual se contem hum breve summario dos principaes circulos da sphera material,* etc. Lisboa, Pedro Craesbeeck, 1624.

[r³ 33] — Antonio de Naiera — *Navegacion especulativa y pratica, reformadas sus reglas y tablas por las observaciones de* Ticho Brahe, etc. Lisboa, Pedro Craesbeeck, 1628.

[r³ 33] — Don Antonio de Guevara — *Libro de los inventos del arte de marear, y de muchos trabajos que se passan en las galeras,* Coimbra, Manuel Dias, 1657.

[r³ 33] — L. Serrão Pimentel — *Tratado de navegação e pratica speculativa,* 1669 (Manuscrit n.º 185 de la Bibliothèque de l'Université de Coïmbre).

[r³ 33] — A. de Mariz Carneiro — *Hydrografia curiosa de la navigacion,* S. Sebastian, 1675.

[r³ 33] — J. Militão da Matta — *O dextro observador, ou*

meio facil de saber a latitude no mar, a qualquer hora do dia, sem dependencia de observação meridiana, etc. Lisboa, Officina de S. Thaddeo Ferreira, 1781, 1789.

[r³ 33] — J. Monteiro da Rocha — *Explicação da taboada nautica para o calculo das longitudes,* Lisboa, 1801.

[r³ 33] — J. A. da Silva Beltrão — *Tratado sobre o modo geral de deduzir os rumos,* etc. Rio de Janeiro, Officina de Silva Porto & C.ª, 1822.

[r³ 33] — A. Gregorio de Freitas — *Tratado de navegar, ou esclarecimentos precisos em caso de duvida,* Lisboa, 1823.

[r³ 33] — A. L. da Costa e Almeida — *O piloto instruido, ou compendio theorico-pratico de pilotagem,* Lisboa, J. Baptista Morando, 1829, 1839.

[r³ 33] — M. Coelho Cintra — *Arte de navegar, ou tabuas de longitude,* etc. Lisboa, Typographia de A. J. da Costa, 1849.

Traduction de l'ouvrage de Isaac T. Heartte.

[r³ 33] — G. Nazianzeno do Rego — *Nota sobre o methodo de determinar o ponto de partida pela marcação de dois cabos,* Lisboa, 1850.

[r³ 33] — J. Perigrino Leitão — *Guia nautica, ou tratado pratico de navegação, contendo os principios theoricos em que se funda a astronomia nautica, bem como a resolução de todos os problemas pelo uso dos processos praticos os mais expeditos de emprego das tabuas de* Norie, Lisboa, 1866.

[r³ 33] — L. B. — *Navegação orthodromica* (A. C. N., vi, 1876, 121-124).

[r³ 33] — J. Nunes da Matta — *Rectificação do ponto estimado pelo processo de* Mr. Mareq de Saint-Hilaire (A. C. N., xii, 1882, 35-39, 117-122, 176-177, 196-197).

[r³ 33] — E. C. Roza — *Rectificação do ponto estimado,* Lisboa, Typographia Souza Neves, 1884.

Dans cette brochure, l'auteur fait un intéressant exposé des méthodes de la nouvelle navigation astronomique relatives à la détermination du *point,* graphiquement, ou par le calcul, en faisant usage de l'estime.

[r³ 33] — J. Nunes da Matta — *O problema das longitudes e sua resolução a bordo.* Lisboa, Typographia do «Diccionario universal portuguez», 1884.

[r³ 33] — L. A. Moraes e Souza — *Applicação dos logarithmos de addição e subtracção aos calculos de bordo* (A. C. N., xv, 1885, 186–188, 242–248).

[r³ 33] — E. C. Roza — *Nota ácerca do emprego da taboa* «log rising time» *de* Douwes *no methodo de* Saint-Hilaire (A. C. N., xvi, 1886, 95–97).

[r³ 33] — J. Nunes da Matta — *Descripção, rectificação e uso dos instrumentos de navegação,* Lisboa, 1889.

[r³ 33] — A. Fontoura da Costa — *Applicação das taboas de entrada e logarithmos de subtracção ao methodo de* Saint-Hilaire (A. C. N., xix, 1889, 405–407).

[r³ 33] — A. J. Pinto Basto — *Algumas considerações sobre os calculos de bordo* (A. C. N., xx, 1890, 156–163, 211–216).

[r³ 33] — A. J. Pinto Basto — *Sobre as approximações de estima* (A. C. N., xxi, 1891–1892, 85–94).

[r³ 33] — J. F. d'Avillez (1) — *Sobre a depressão do horizonte no mar* (A. C. N., xxii, 1893, 393–400).

[r³ 33] — J. de Souza Bandeira — *Typos de calculos nauticos,* Lisboa, Imprensa nacional, 1894.

---

(1) Vicomte de Reguengo.

[r³ 33] — A. A. — *Calculo do ponto determinado e da recta de altura, com unico emprego da taboa* III NORIE (A. C. N., XXIV, 1894, 593-598).

[r³ 33] — A. RAMOS DA COSTA — *Instrucções para uso do taximetro* (R. E. A., XX, 1903, 156-159).

[r³ 33] — A. RAMOS DA COSTA — *Instrucções para o uso do prumo de sir* W. THOMSON (lord KELVIN), (R. E. A., XX, 1903, 160-166, 205-210).

[r³ 33], [U 10 *b*] — SIMÃO D'OLIVEIRA — *Arte de navegar,* Lisboa, Pedro Craesbeeck, 1606.

Cet ouvrage (1), devenu assez rare aujourd'hui, renferme quatre livres. Dans le Livre I, l'auteur traite des cercles de la sphère artificielle fondamentale en cosmographie, en astronomie et en navigation; il donne les définitions de la sphère et de ses parties, de l'horizon, du méridien, de l'équateur, du zodiaque, des tropiques et des cercles polaires. Dans le Livre II, il parle des propriétés des lignes tracées sur la sphère. Dans le Livre III, il s'occupe de la construction des instruments nautiques, comme l'astrolabe, de la sphère armillaire, du quadrant, de la boussole et de son règlage, et de tout ce qui était connu à l'époque.

Dans le Livre IV, il explique l'usage des instruments précités et des méthodes de navigation, de l'astrolabe, de la hauteur et de la déclinaison du Soleil, de la hauteur des étoiles et du pôle nord; de l'usage de l'aiguille, des vents, de l'usage de la carte de navigation de l'est à l'ouest, de la mer Méditerranée, des lunes, des mers, des eaux vives et mortes, des signaux qui paraîssent dans les mers, et d'autres reiseignements utiles aux marins et enfin du routier de Portugal pour l'Inde.

[r³ 33], [U 10 *b*] — MANUEL DE FIGUEIREDO — *Hidrographia, exame de pilotos, no qual se contem as regras que*

---

(1) Cet ouvrage est dédié à DON PEDRO DE CASTILHO, évêque de Leiria, grand inquisiteur et vice-roi de Portugal.

todo piloto deve guardar em suas navegações, etc. *Com os roteiros de Portugal para o Brazil, Rio da Prata, Guiné, S. Thomé, Angola, e Indias de Portugal & Castella,* Lisboa, 1608; Vicente Alvarez, 1614, 1625; Jorge Rodriguez, 1632.

L'exemplaire existant dans la bibliothèque de l'Université de Coïmbre est acompagné du suivant, en pagination indépendante:

1.º *Roteiro de Portugal para o Brazil, Rio da Prata, Angola, Guiné & San Thomé. Segundo os pilotos antigos & modernos. Terceira vez impresso.*

2.º *Roteiro e navegaçam de Indias e ilhas occidentaes.*

3.º *Roteiro de Portugal para a India por Vicente Rodrigues & pilotos modernos. Segunda vez impresso.*

4.º *Kalendario perpetuo dos doze mezes do anno, com as luas, logar do Sol, nos doze signos do sodiaco & sanctos dos mezes.*

[r³ 33], [U 10 *b*] — A. Mariz Carneiro — *Regimento de pilotos e roteiro das navegações da India oriental. Agora novamente emendado e acrescentado cõ o roteiro da costa de Sofala atė Mõbaça,* etc. Lisboa, Lourenço d'Anvers, 1642.

[r³ 33], [U 10 *b*] — A. Mariz Carneiro — *Regimento de pilotos e roteiro da navegação e conquistas do Brazil, Angola, S. Thomé, Cabo-Verde, Maranhão, Ilhas e Indias occidentaes,* Lisboa, Manuel da Silva, 1655 e 1666.

[r³ 33], [U 10 *b*] — L. Serrão Pimentel — *Arte pratica de navegar e regimento de pilotos repartido em duas partes,* etc. *Juntamente os roteiros das navegações das conquistas de Portugal e Castella,* Lisboa, A. Craesbeeck de Mello, 1681.

[r³ 33], [U 10 *b*] — Manuel Pimentel — *Arte pratica de navegar e roteiro das viagens e costas maritimas do Brazil, Guiné, Angola, India e ilhas orientaes e occidentaes,* etc. Lisboa, B. da Costa Carvalho, 1699; Deslandes, 1712.

Ce livre est la réimpression de deux ouvrages de son père L. SERRÃO PIMENTEL, dûment corrigés et annotés (1), savoir: *Roteiro do mar Mediterraneo, tirado do Espelho ou Taboa do mar, no qual se contem as derrotas, portos, baixos e correntes até avante de Napoles, e pelas ilhas d'este mar até Sicilia,* Lisboa, João da Costa, 1675, et *Arte pratica de navegar e regimento de pilotos,* etc. Lisboa, A. Craesbeeck de Mello, 1681.

[r³ 33], [U 10 *b*] — MANUEL PIMENTEL — *Arte de navegar em que se ensinam as regras praticas e o modo de cartear pela carta plana e reduzida: o modo de graduar a balestilha por via de numeros e muitos problemas uteis á navegação; e roteiro das viagens e cartas maritimas da Guiné, Brazil e Indias occidentaes e orientaes,* Lisboa, Deslandes, 1712, Francisco da Silva, 1746, Miguel Manescal da Costa, 1762 e 1819.

Cet ouvrage a donné une grande renommée à son auteur, et a servi longtemps dans les écoles. Il paraît qu'on pensait, encore en 1830, en faire une nouvelle édition.

[r³ 33], [U 10 *b*] — JOÃO DE LISBOA — *Livro de marinharia — Tratado da agulha de marcar* (copié et coordonné par J. J. DE BRITO REBELLO), Lisboa, Imprensa Libanio da Silva, 1903.

Ce Traité, qui vient de paraître, aux frais de M. le duc de PALMELLA, et coordonné par M. BRITO REBELLO, fut écrit, selon toute probabilité, par l'habile pilote portugais JOÃO DE LISBOA, explorateur de l'Inde et du Brésil et compagnon de VASCO DA GAMA.

Cet ouvrage est peu scientifique, vu l'époque (1514) où il fut écrit, mais il nous présente une

---

(1) Dans cet ouvrage de MANUEL PIMENTEL, ainsi que dans les éditions suivantes, fut publié le routier de M. DE MESQUITA PERESTRELLO, accompli en 1575, dédié à DON SEBASTIÃO. L'autographe est à la Bibliothèque de Evora. (Manuscrit n.° $\frac{\text{CXV}}{1-23}$).

œuvre consciencieuse et d'un réel intérêt pour l'étude de la navigation.

Au début de ce Traité, le célèbre pilote nous montre qu'il connaissait l'un des plus importants éléments du magnétisme terrestre — la *déclinaison magnétique,* tandis que, comme il le remarque, les anciens n'avaient pas eu, jusqu'alors, la moindre notion de cet important élément. L'influence de celui-ci était alors contrebalancée par le changement des fers de l'aiguille (barres de la rose magnétique) par rapport à la fleur de lys (nord de la rose) de telle sorte que les méridiens, où ils se trouvaient, suivaient toujours la direction du pôle du monde. Cette indication si décisive oblige à proclamer que João de Lisboa est le premier portugais qui observa les effets de la déclinaison magnétique au cours de sa route (1).

Outre le Traité de l'aiguille de naviguer, l'ouvrage renferme d'autres connaissances relatives aux marées, aux routiers et à d'autres objets de la navigation, le tout extrait du registre du XVI^e siècle qui fit partie de la bibliothèque de feu le marquis de Castello Melhor, aujourd'hui appartenant à M. le duc de Palmella.

En ce qui concerne les marées, on voit que ce phénomène était très peu connu à cette époque, mais que les indications fournies par João de Lisboa semblent être scrupuleuses. Il est certain que c'est seulement plus tard, au XVI^e siècle, que le phénomène des marées fut expliqué par la théorie statique de Newton, dérivée du principe de la gravitation universelle, et encore ensuite par la théorie dynamique de Laplace. Ultérieurement, d'autres théories ont paru, plus rigoureuses, surtout celle de lord Kelvin, avec sa nouvelle méthode d'*Analyse harmonique.* Les remarquables études de Lublock et de Whewell, réalisées dans les mers de l'Europe, confirment la précision d'une méthode si avantageuse.

(1) La déclinaison magnétique passe pour avoir été découverte par Colomb, quand, le 13 séptembre de 1492, il traversa l'*isogone zéro.* La première mesure de cet angle est due à Hartmann, à Rome, vers 1510.

En ce qui concerne les routiers, écrits en portugais, nous sommes arrivés, avec M. RAMOS DA COSTA (R. E. A., XXI, 1903, p. 335) à cette triste conclusion: En 1514 il y avait des routiers, écrits en portugais, pour toutes les mers du monde, tandis qu'en 1903, il y a des routiers écrits dans presque toutes les langues du globe excepté dans la langue portugaise, même pour la côte du Portugal.

[r³ 34] — DON LUIZ C. DE LIMA — *Gnomonica universal e methodo para toda a casta de relogios regulares e irregulares, astronomicos,* etc.

[r³ 34] — A. CARVALHO DA COSTA — *Tratado compendioso da fabrica e uso dos relogios de Sol,* etc. Lisboa, A. Craesbeeck de Mello, 1678.

[r³ 34] — F. DE FARIA ARAGÃO — *Horographia ou gnomonica portugueza,* Lisboa, 1805.

[r⁴]

Astronomie théorique

[r⁴ 5] — PEDRO NUNES — *Annotationes in theoricas planetarum* GEORGII PURBACHII, Basileæ, 1566, 1592; Conimbricæ, 1578.

GEORGES PURBACH publia en 1460, un peu avant sa mort, ses Théoriques des planètes. Cet ouvrage n'était qu'une espèce d'introduction à la lecture de PTOLÉMÉE; il eut le même sort à peu près que celui de SACROBOSCO, dont il était en quelque sorte la continuation; il fut souvent reproduit et commenté. PEDRO NUNES fut un de ses continuateurs, et dans l'opuscule susmentionné il se borne à éclaircir ce qui lui avait paru douteux ou obscur dans PURBACH, et à montrer en quoi les tables de PTOLÉMÉE et d'ALPHONSE s'écartent des observations.

[r⁴ 6] — J. MONTEIRO DA ROCHA — *Determinação das orbitas*

dos cometas (M. A. L., 1ère série, 1ère classe, II, 1799, 402-479).

Ce mémoire renferme deux parties. Dans la première, l'auteur établit les formules générales, exactes et rigoureuses, pour déterminer la trajectoire des comètes, en la supposant parabolique. Dans le seconde partie, il expose les formules qui conviennent à la détermination des trajectoires elliptiques, toutes les fois qu'une comète, durant son apparition, s'écarte sensiblement de la trajectoire parabolique.

[r4 6] — M. S. DE MELLO SIMAS — *Definitiv orbit elements of comet* 1900, AA (A. N. K., II, 1903, 1-16).

L'auteur, un astronome amateur de beaucoup de zèle, surtout comme calculateur, s'occupe dans ce travail, par la méthode de OPPOLZER, du calcul de l'orbite definitive de la comète d'une manière qui lui a valu l'approbation de juges compétents.

M. SIMAS adopte dans l'attribution des poids des observations considérées, une méthode nouvelle, si justifiée, qui commence déjà à être suivie actuellement en tous les cas identiques (1). Aussi, pour le calcul de l'éclat de la comète, il remplace la formule habituelle $J = \frac{0,2}{r^2 \Delta^2}$ par une autre, obtenue expressement par les moindres carrés, où au lieu de r^2 on a r^5, laquelle est plus en harmonie avec les données du problème.

[r4 6] — M. S. DE MELLO SIMAS — *Observations of Nova Persei* (A. N. K., CLV, 1901, p. 237).

Observations photométriques de la grandeur de cette étoile.

[r4 6] — M. S. DE MELLO SIMAS — *Elements of Planet* 1901 GV (A. N. K., CLVII, 1901, 147-148).

---

(1) Un astronome américain, M. POOR, s'occupant indépendamment du même sujet, a plus tard publié de résultats presque identiques à ceux de M. SIMAS (A. J. B., XXIII, 1903, 183-188), et a confirmé ceux-ci avec une rigueur peu commune en pareilles circonstances.

[r⁴ 6] — M. S. de Mello Simas — *Elements of Planet* 1901 GU (A. N. K., clviii, 1902, 379-380).

[r⁴ 6] — S. M. de Mello Simas — *Elements and ephemeris of Planet* (478) *Tergeste* (A. N. K., clx, 1902, 379-382; clxviii, 1905, n.º 4016, col. 125).

M. Simas se propose d'obtenir pour cet astre une éphéméride que lui permette de l'observer de nouveau lors de l'opposition de 1905, en tenant compte soigneusement les perturbations planetaires qui peuvent influer sur la position apparente. Cette recherche était presque indispensable pour éviter que cette planète (1) ne fût perdue de nouveau, car les premières observations, faites en 1901, n'étaient pas suffisantes pour déterminer, avec une certitude absolue, cette position apparente, à long délai, et il avait par conséquent besoin de rectifier les éléments d'abord adoptés. On voit donc que cette note est une contribution aux importants et laborieux travaux dont l'auteur s'est fait une spécialité, et qu'il est le seul à cultiver en Portugal.

[r⁴ 7] — M. C. Damoiseau de Monfort — *Memoria relativa aos eclipses do sol visiveis em Lisboa desde 1800 até 1900 inclusivamente,* Lisboa, 1801.

[r⁴ 7] — J. Monteiro da Rocha — *Demonstração e ampliação do calculo dos eclipses proposto no 1.º volume das ephemerides de Coimbra,* Coimbra, Imprensa da Universidade, 1806.

[r⁴ 7] — J. Monteiro da Rocha — *Calculo dos eclipses sujeitos ás parallaxes* (Manuscrit G 3º E. 46-3 existant à la Bibliothèque de l'Académie des sciences de Lisbonne).

[r⁴ 7] — R. R. de Souza Pinto — *Additamento ao calculo dos eclipses,* Coimbra, Imprensa da Universidade, 1868.

---

(1) Elle a été découverte en Arcetri (Italie), par A. Abetti, le 6-7 décembre 1901.

[r4 8] — A. M. DA COSTA E SÁ — *Annuncios das occultações das estrellas pela Lua visiveis em Lisboa, para os annos de 1831 até 1836,* Lisboa, Typographia da Academia real das sciencias, 1830.

[r4 10] — F. A. CIERA — *Tabuas do nonagesimo para a latitude de Lisboa reduzido ao centro da Terra,* 38° 27′ 22″ (M. A. L., 1ère série, 1ère classe, IV, 2e partie, 1815, 129–153).

[r4 10] — J. J. DANTAS SOUTO RODRIGUES — *Estudo sobre a permanencia dos polos terrestres,* Coimbra, Imprensa da Universidade, 1869.

[r4 10] — L. CABRAL TEIXEIRA DE MORAES — *O deslocamento dos polos á superficie da Terra,* Lisboa, Typographia Adolpho de Mendonça, 1903.

Le sujet traité par l'auteur dans cette étude est l'un des plus importants problèmes que sollicitent actuellement l'attention des astronomes; il s'agit de la non coïncidence, ignorée longtemps, ou au moins révoquée en doute, entre les axes de figure et de rotation de la Terre. La rigueur avec laquelle sont déterminées les coordonnées locales et le perfectionnement toujours progressif des instruments d'observation, établisent la non coïncidence des deux axes et par suite la variabilité de la position des pôles, ou la variabilité des latitudes.

L'auteur a reuni les indications de l'observation en les approchant des ressources que la théorie commence à fournir pour l'interprétation des faits observés, constituant ainsi un essai valable parmi les premières déterminations relatives au problème de la variabilité de la position des pôles.

[r4 11] — M. VALENTE DO COUTO — *Memoria em que se pretende dar a solução de um programma de astronomia proposto pela Academia real das sciencias de Lisboa, em 24 de junho de 1820* (M. A. L., 1ère série, VIII, 1ère partie, 1823, 213–222).

Le sujet de prix proposé était le suivant: Démontrer, soit par le calcul, soit par l'observation, l'influence de l'erreur qui peut se produire dans

les angles horaires du Soleil et de la Lune, quand on ne tient pas compte de la figure de la Terre.

Un résumé de ce mémoire a été lu par l'auteur dans la séance publique de l'Académie des sciences du 11 juin 1822.

S'il n'a pas obtenu le prix qu'il avait mérité, c'est que le règlement lui interdisait d'être lauréat de l'Académie, dont il était membre titulaire.

[r⁴ 12] — G. X. d'Almeida Garrett — *Estudo sobre o plano invariavel do systema solar*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1870.

[r⁴ 13] — Valentim Fernandes — *Reportorio dos tempos em lingoagem portuguez com as estrellas dos signos*, etc. Lisboa, 1518, 1521, 1524, 1528, 1538; Germão Galhardo, 1552, 1557, 1560, 1563; Antonio Gonçalves, 1570; Evora, André de Burgos, 1573-1574.

Traduction de l'ouvrage espagnol de André de Ly.

[r⁴ 13] — Hieronymo Chaves (1) — *Chronographia o reportorio de los tiempos, el mas copioso y preciso que hasta ahora ha sahido a luz*, Sevilla, 1548; Christoval Alvares, 1550, 1554; Juan Gutierrez, 1561, 1566; Alonso Escrivans, 1572; Lisboa, Antonio Ribeiro, 1576, 1580; Sevilla, Fernando Diaz, 1584, 1588.

[r⁴ 13] — Fr. N. Coelho do Amaral — *Chronologia seu ratio temporum*, Conimbricæ, Joannem Barrerium, 1554.

[r⁴ 13] — João Barreyra — *Repertorio dos tempos*, Coimbra, 1579, 1582.

[r⁴ 13] — * — *Calendarium perpetuum*, Conimbricæ, A. Mariz, 1581.

---

(1) Bien que certains biographes le supposent portugais, il était espagnol, natif de Seville, comme il l'avoue à la page 186 de ce livre, dans les termes suivants: «Por que todas nuestras cuentas que aqui en este Reportorio pusimos, estan verificadas al meridiano y horisonte de la muy noble e muy leal ciudad de Sevilla *patria nuestra*, etc.». Il était donc un espagnol au service de Portugal.

[r⁴ 13] — * — *Kalendarium gregorianum perpetuum,* Olissipone, Antonius Riberius, 1583.

[r⁴ 13] — * — *Calendarium gregorianum perpetuum,* Conimbricæ, Antonius Mariz, 1583.

[r⁴ 13] — ANDRÉ DE AVELLAR — *Chronographia ou reportorio dos tempos: o mais copioso que até agora sayo a luz. Conforme a nova reformação do Santo Padre Gregorio XIII no anno de 1582,* Lisboa, Manuel da Lyra, 1585; Coimbra, João Barreira, 1590; Lisboa, Simão Lopes, 1594; Jorge Rodrigues, 1602.

Cet ouvrage n'est pour la plus grande partie que la reproduction de celui de JERONYMO CHAVES: *Reportorio de los tiempos,* etc.

[r⁴ 13] — J. BAPTISTA FEO — *Calendario romano perpetuo, com as mais cousas que na volta d'esta folha se verão,* Lisboa, Antonio Ribeiro, 1588.

[r⁴ 13] — * — *Calendario romano perpetuo,* etc. Olissipone, Joam Lopez, 1588.

[r⁴ 13] — MANUEL DE FIGUEIREDO — *Chronographia. Reportorio dos tempos no qual se contem* VI *partes dos tempos: «Esphera, cosmographia e arte de navegação» e arte de navegação,* etc. *O calendario romano com os eclipses até 630. E no fim o uso e fabrica da ballestilha e quadrante geometrico com hum tratado dos relogios.* Lisboa, Jorge Rodrigues, 1603.

[r⁴ 13] — MANUEL BOCARRO — *Discurso sobre a conjunção maxima que se celebrou no anno de 1603 aos 31 de dezembro* (Manuscrit n.º 103 de la Bibliothèque de l'Université de Coïmbre).

La *conjunction maxima* a rapport aux planètes Saturno et Jupiter. Presque tout ce qu'on trouve dans ce manuscrit, a été imprimé, avec quelques variantes, à pag. 43 et suivantes du livre du même auteur *Anacephaleosos da monarchia lusitana,* publié en 1624, et où la matière est étudiée avec plus de développement.

[r⁴ 13] — LEANDRO DE FIGUEIROA FAJARDO — *Arte do computo*

ecclesiastico segundo a nova reformação de Gregorio XIII, Coimbra, Manuel de Araujo 1604.

[r^4 13] — João de Faria — *Calendario dos tempos, do anno de 1610, e outro do anno de 1611,* etc. Lisboa, Pedro Craesbeeck.

[r^4 13] — J. Fernandes de Coura — *Almanach lusitano do anno de 1719,* etc. Lisboa, A. Pedroso Galram, 1718.

[r^4 13] — A. Alonso Barrocal — *Explicação alphabetica do diario ecclesiastico perpetuo* (Manuscrit n.° $\frac{CI}{1-11}$ de la Bibliothèque de Evora).

[r^4 13] — * — *Apontamentos de chronologia* (Manuscrits n.os $\frac{CV}{1-6}$, $\frac{CV}{1-15}$, $\frac{CV}{1-2}$, $\frac{CXII}{1-36}$, $\frac{CXIV}{1-39}$, $\frac{CXXI}{2-25}$, $\frac{CXXIII}{2-19}$ de la Bibliothèque de Evora).

[r^4 13] — J. Castor — *Lunario perpetuo,* Lisboa, 1757.

[r^4 13] — J. C. Valenciano — *Lunario perpetuo,* Porto, 1764.

[r^4 13] — J. Baptista de Castro — *Opusculo chronologico de Portugal no seculo* xviii (Manuscrit n.° $\frac{CXII}{2-14}$ de la Bibliothèque de Evora).

[r^4 13] — J. Baptista de Castro — *Chronologia de Portugal abreviada desde 1700 até 1774* (Manuscrit n.° $\frac{CXII}{2-6}$ de la Bibliothèque de Evora).

[r^4 13] — J. Baptista de Castro — *Promptuario chronologico de Portugal, desde o nascimento de Christo até 1775* (Manuscrit n.° $\frac{CXII}{2-3}$ de la Bibliothèque de Evora).

[r⁴ 13] — * — *Diario ecclesiastico, historico, chronologico e lunario prognostico para 1785* (Manuscrit n.º $\frac{CXXVI}{2-13}$ de la Bibliothèque de Evora).

[r⁴ 13] — * — *Taboadas perpectuas astronomicas,* Lisboa, Typographia da Academia real das sciencias, 1815.

[r⁴ 13] — Francisco de Arantes — *Compendio de chronologia mathematica e historica,* Coimbra, Imprensa da Universidade, 1825.

[r⁴ 13] — * — *Astronomia* (*Do mundo e sua divisão, Dos ventos, Indicios de mudança de tempo*), (Almanak dos pobres, ecclesiastico, civil, etc. Lisboa, Typographia de A. J. da Rocha, 1849, 43-59).

[r⁴ 13] — J. Felix Pereira — *Calendario* (At. C., 1850, 251-253, 258-261, 269-270).

[r⁴ 13] — J. Felix Pereira — *Compendio de chronologia,* Lisboa, Rua do Cruxifixo, 62-66, 1851, 1875.

[r⁴ 13] — F. de Medeiros Botelho — *Noções elementares de chronologia astronomica, civil, historica,* etc. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1862.

[r⁴ 13] — D. M. Victoria Pereira — *Epithome de chronologia,* Lisboa, 1862.

[r⁴ 13] — J. L. Carreira de Mello — *Compendio de chronologia universal,* Lisboa, 1869.

[r⁴ 13] — C. E. Correia da Silva — *Chronologia* (E. P. E., Lisboa, 1874, 275-288).

[r⁴ 13] — J. M. Pereira de Lima — *Elementos de chronologia,* Imprensa da Universidade, 1876.

[r⁴ 13] — * — *Chronologia* (B. P. E., 7ᵉ série, n.º 58, 1883).

[r⁴ 13] — J. J. Pereira Caldas — *Correspondencia chronolo-*

gica dos dias do mezes e dos dias da semana pelas lettras dominicaes, Braga, 1889.

[r⁴ 13] — * — *O tempo e suas divisões* (Almanack «Serões & Séstas», Lisboa, 1895, XV-XXIV).

[r⁴ 13] — J. ELOY NUNES CARDOSO — *Calendario perpetuo* (R. T. S., IV, 1904, 65-68).

Ce calendrier, très simple, a des analogies avec celui qu'on trouve aux Almanachs Hachette, sous le nom de *Pasteur,* et avec celui de l'Almanach Bertrand, (édité à Lisbonne), sous le nom de *Christo,* qui ne parait qu'une imitation de celui de Hachette. Mais ces deux calendriers, au contraire de celui de M. ELOY, sont en défaut pour les années de 1700, 1800, 1900. Il nous surprend que les français n'aient pas reconnu ce défaut pour l'année 1900.

[r⁴ 14] — ANDRÉ DE AVELLAR — *Sphæræ utriusque; Tabella, ad sphæræ hujus mundi faciliorem enucleationem,* Conimbricæ, et Barrerium, 1593.

[r⁴ 14] — L. FREIRE DA SILVA — *Efemerides generales de los movimientos de los ciclos por 64 años desde el de 1637 hasta el de 1700 segun* TYCHO y COPERNICO, etc. Barcelona, Pedro Lacavallaria, 1638.

[r⁴ 14] — * — *Ephemerides desde 1665 até 1672* (Manuscrit n.º $\frac{\text{CXXVI}}{1-13}$ de la Bibliothèque de Evora).

[r⁴ 14] — J. BAPTISTA DE CASTRO — *Ephemerides lusitanas* (Manuscrit n.º $\frac{\text{CXII}}{2-1}$ de la Bibliothèque de Evora).

(Continúa). RODOLPHO GUIMARÃES.

LITTERATURA E BELLAS-ARTES

ARTES E INDUSTRIAS METALLICAS EM PORTUGAL

Serralheiros e ferreiros

Se Portugal, no tocante ao ferro, não é um paiz privilegeado como a Suecia e a Byscaia, os seus jazigos, porém, no dizer dos intendidos, quando bem explorados, dariam materia prima sufficiente para occorrer a todas as necessidades da nossa industria, contribuindo além d'isso para o seu maior desenvolvimento. Outro factor importante é talvez a causa primordial de não se proceder a uma activa e poderosa extracção do ferro. O combustivel escasseia e as nossas minas de carvão, nem pela quantidade nem pela qualidade, desafiam o appetite das competentes empresas que receiam não tirar um resultado rasoavelmente compensador. Estas duas circumstancias, desastradamente conjugadas, explicam o atraso industrial do nosso paiz, que se vê na dura dependencia dos extranhos, não só por causa dos mechanismos, como tambem por falta das materias primas. A extraordinaria transformação, por que passaram, depois do descobrimento da machina a vapor, as officinas de toda a especie, paralisou o trabalho nacional, que só póde resistir e luctar graças ao proteccionismo aduaneiro. Apesar de todos estes obstaculos e contrariedades, a industria de serralheiro e de ferreiro foi sempre bastante cultivada entre nós, tão popular como a olaria e a tecelagem de linho. Assim devia naturalmente succeder em um paiz agricola, onde havia necessidade imprescindivel de quem fabricasse e concertasse os instrumentos de lavoura. Em muitas aldeias a forja espalhava o seu clarão intenso e na vigorna ouvia-se o martelar continuo da musica dos cyclopes.

No numero 3, do vol. VI do *Archeologo Portuguez* (março de 1901) publicou o sr. D. José Pessanha um artigo intitulado *Notas de archeologia artistica-ferreiros*, em que principia por dizer que são raros entre nós, ao contrario do que succede em Hespanha, os trabalhos artisticos de ferro forjado. Sem contestar em absoluto esta opinião, sem negar sequer a superioridade da Hespanha, neste importante ramo das industrias ornamentaes, observarei todavia que tal defficiencia não é tamanha como se poderia suppôr e que mais se deve attribuir ao desleixo com que temos descurado o assumpto do que á falta de artifices que houvessem dado provas da sua especial pericia. Os pintores hespanhoes contribuiram para tornar conhecidas do publico estas obras, despertando o interesse que ellas merecem. Fortuny, por exemplo, reproduz umas bellas grades de egreja no seu quadro *Um casamento hespanhol*. O proprio sr. Pessanha cita ainda alguns especimens valiosissimos, que nos indicam o grau elevado a que entre nós subiu a serralharia artistica. Só ha muito pouco tempo é que foi revelada a monumental grade em estylo gothico de uma das capellas da charolla da Sé de Lisboa, onde jazem sepultados, em tumulos egualmente preciosos, os restos mortaes de Lopo Fernandes Pacheco e de sua segunda mulher D. Maria Rodrigues (1).

O sr. Nicolau Bigaglia foi quem deliniou esta grade e elle mesmo reuniu em album grande numero de desenhos, reproduzidos de objectos analogos existentes em Lisboa e não sei se em mais alguns pontos do paiz. Esse album foi enviado a uma exposição de Madrid e cedido pela generosidade do ministro que então geria a pasta das obras publicas a um estabelecimento de ensino d'aquella cidade. Melhor fôra que tivesse ficado no nosso paiz.

No numero seguinte do *Archeologo* deu eu á estampa um artigo em que ampliava as noticias do sr. Pessanha ácerca de dois artistas citados por elle, fornecendo além d'isso mais alguns documentos a respeito de outros. O trabalho de agora comprehende não só os apontamentos alli exarados, mas tambem outros ineditos, que nos dão uma ideia aproximada

(1) Veja-se o artigo do sr. Gabriel Pereira, *Dois tumulos na Sé de Lisboa*, inserto no numero 1 da *Arte Portugueza*, excellente Revista começada a publicar em 1895. Neste mesmo periodico e do mesmo auctor, merecem consultar-se dois artigos, que tratam egualmente de serralharia: *Ferragens* (pag. 104) e *A porta do celleiro da Bibliotheca de Evora* (pag. 134).

do desenvolvimento que teve entre nós a arte de fabricar o ferro. Apesar de não serem poucos em numero, estão bem longe de representar toda a nossa actividade neste ramo das industrias metallicas. Escusado será dizer que muitos dos nomes apontados não representam artistas na verdadeira acepção da palavra, antes simples operarios, o que não inhibe de que alguns d'elles venham a receber a devida consagração, em virtude de novos factos que surjam a seu respeito e em que se destaque a sua habilidade. A lista, de certo, ha de augmentar e enriquecer-se, á medida que forem explorados os archivos e cartorios de diversas corporações, tanto religiosas como profanas.

Aos que visitam e estudam os nossos monumentos convém não passar de leve por certos objectos, que não ferem desde logo a vista, parecendo secundarios, mas que, depois de mais detido exame, pagam bem o tempo despendido pelo observador attento. A photographia e as artes graphicas não devem tambem desprezar essas producções, que são uma parte integrante e complementar da grande arte.

O museu do Instituto de Coimbra possue uma apreciavel collecção de ferragens, que muito ganharia em ser descripta em um catalogo profusamente ornado com as suas reproducções. Fôra tambem para estimar que os outros museus do paiz, organizassem collecções semelhantes, aproveitando o material que adorna as portas carunchosas, os arcazes, os cofres e bahus e outras peças de mobiliario. O que digo a respeito dos museus póde applicar-se a todos os collecionadores de antiqualhas, estimulando o seu espirito curioso a cultivar uma especialidade, caida até agora em quasi absoluto desprezo.

O sr. José Queiroz, o auctor da notavel monographia ácerca da *Ceramica portugueza*, não se contenta em apreciar os objectos d'esta especialidade, antes faz incidir sobre outros ramos das bellas artes e das artes industriaes o seu espirito investigador. É assim que elle está colligindo — adivinhem, se são capazes! — braços de balanças, em alguns dos quaes se observa a notavel pericia e o fino gosto do cinzelador do ferro. Eu não sei se elle foi suggestionado por algumas collecções similares existentes no estrangeiro ou se foi a curiosidade propria que o levou a fazer explorações neste sentido, num terreno que me parece virgem, de uma inquestionavel originalidade. Confesso ingenuamente que a minha imaginação estava longe de suppôr a existencia de similhante veio. O que d'aqui se deduz é que não ha nada que deixe

de merecer a nossa attenção, e que, a avaliar por estes simples factos, as industrias metallicas em Portugal devem offerecer muitos outros aspectos, até agora ineditos ou mal conhecidos, dignos de occupar um logar distincto ao lado dos braços de balanças, colligidos com instincto artistico e elevado criterio pelo sr. José Queiroz.

A relação que dou em seguida comprehende serralheiros e ferreiros dos arsenaes de Lisboa e do ultramar, onde foram notaveis sobretudo as *ferrarias* de Gôa. Havia tambem serralheiros dos paços reaes, que, não raro, exerciam conjuntamente o officio de relojoeiros.

I

Affonso (João)

Mestre das obras de ferro do armazem de tercenas do reino. Era antecessor de Antonio Fernandes, que lhe succedeu por sua morte.

Parece que houve outro do mesmo nome, por isso que era designado pela alcunha — *O velho.*

II

Allemanha (João de)

Ferreiro, morador na cidade de Lisboa. D. Duarte concedera-lhe a tença annual de cincoenta mil libras, tença que o infante D. Pedro, regente do reino na menoridade de D. Affonso V, em nome d'este confirmou em carta assignada em Lisboa a 29 de junho de 1439. É muito natural que João da Allemanha seja o mesmo mestre João Allemão, de quem trato no artigo subsequente.

«Dom Afomso &. A quantos esta carta virem fazemos saber que per o liuro da nossa fazenda se mostra que Joham dAlemanha, ferreyro, morador em esta cidade de Lixboa, auia de teença delRei meu senhor e padre etc., en cada huũ ano no nosso thesoureiro da dita cidade cynquoenta mill libras e porque a nos praz de as ell auer de nos emquãto nossa mercee for, asy e pella maneira que as ell auia em uida do dito senhor, lhe mandamos dar esta nossa carta pera a teer pera sua guarda e pera per ella requerer en cada huũ ano outra nossa carta per que lhe

taaes dinheiros sejam pagos. Porem mandamos aos ueedores da nossa fazenda e espriuaaes della que lha dem; unde all nom façades. Dada em Lixboa xxix de junho per a senhora Rainha e ifante dom P.º — Rui Uaaz a fez era xxxix anos» (1).

III

Allemão (João)

D. Affonso V confirmou em 25 de fevereiro de 1445 uma carta de privilegio concedida por D. Duarte em 1434 a «Johã de Lixboa, criado de mestre Johã alemam, ferreiro, morador em a dita cidade de Lixboa». D. Duarte diz que egual mercê já lhe havia sido feita por D. João, seu pae. (2).

IV

Alvares (Diogo)

Num auto de investigação, feito em 22 de fevereiro de 1509, sobre a maneira como corriam as cousas na Ribeira de Cochim, figura entre as testemunhas Diogo Alvares, mestre dos ferreiros, o qual fez o seguinte depoimento, que assignou de cruz, por não saber escrever:

«Diogo Alvares, mestre dos ferreiros, testemunha jurada aos santos avanjelhos, e perguntado per a dita rresposta, dise ele testemunha que dos outros oficios nom sabia, sómente que em seu oficio, e o que ele vê per esa Ribeira, que nom sabe nem vee nenhum desaviamento que a nao do capitam dee ás obras del Rei, antes os via milhor aviados que nunca, sómente dise que em seu oficio lhe mandara que lhe fezese quatro pregos pera a vitolla e huma craveira, e que ele lhos fezera, e dise ele testemunha que ouvira dezer que da pregadura que faziam pera os vasos poderia o dito capitam tomar alguma, e dise ele testemunha que ele ouvira dezer que ó capitam e andré dias pediram esta madeira a el Rei de co-

(1) Torre do Tombo, Chancellaria de D. Affonso V, liv. 19, fl. 59 verso.

(2) Torre do Tombo, Chancellaria de D. Affonso V, liv. 25, fl. 85.

chim pera fazerem huma nao pera el Rei de portugall, e mais nom dise ele testemunha. — De diogo aluares huma cruz» (1).

V

ALVARES (FRANCISCO)

Era serralheiro em Coimbra. Tendo-lhe sido derrubadas umas casas para construcção do Collegio das Artes, que D. João III mandára edificar, el-rei ordenou ao hospital da mesma cidade que lhe aforasse outras casas pelo mesmo fôro.

«Eu elRey faço saber a vos prouedor do espritall da cidade de Coimbra que auemdo respeito a perda que recebeo Francisquo Alluarez, sarralheiro, morador na dita cidade, por lhe por meu mãdado serem tomadas e dirribadas huas casas suas pera o Colegio das artes, que na dita cidade mãdey fazer, que elle trazia aforadas emfatyota a coroa de meus Reinos, me praz que lhe sejam aforadas emfatyota outras casas que tras aforadas em vyda de tres pesoas a ese dito espritall pello mesmo foro que ora dellas paga em cada huũ ano sem lhe nelle ser mais acrecemtado cousa allgũa; pello que vos mãdo que lhe façaees noua carta daforamento emfatyota das ditas casas com ho dito foro que ora dellas paga, na qual se treladara ha carta velha que dellas tem e este meu alluara, e se declarara nella com quem partem e confrontam pera se em todo tempo saber como lhe forão haforadas emfatyota per meu mãdado. Cumprio asy. Pero Cubas o fez em Allmeirim a x de janeiro de mill e quinhemtos e cimcoemta e dous. E eu Alluaro Pirez o fiz escreuer» (2).

VI

ANNES (FRANCISCO)

Era mestre de ferreiros em Cochim no anno de 1514. Nesta qualidade D. Garcia lhe mandou dar um barril de vinho.

«Aluaro Lopez almoxarife dos mantimẽtos desta cidade de Cochim per este vos mamdo que dees a Francisco Annes, mestre dos ferreiros, hum barril de vinho. E por este com asemto de vosso estprivan vos sera leuado em comta. Feito em Cochim a bij de junho de b^c e xiiii» (3).

Dom Garcia.

---

(1) *Cartas de Affonso de Albuquerque*, tom. II, pag. 438.
(2) Torre do Tombo, Chancellaria de D. João III, *Doações*, liv. 68, fl. 11.
(3) *Corpo Chronologico*, parte 2.ª, maço 48, doc. 20.

. VII

Annes (Lourenço)

D. Filippe I, em carta de 4 de janeiro de 1581, o nomeou mestre das obras de ferreiro nos Armazens e Ribeira de Lisboa, officio que vagára por fallecimento de Francisco Dias, accrescentando-lhe dois mil reaes de ordenado em 27 de abril de 1582.

Lourenço Annes devia ser fallecido por 1600, pois a 17 de janeiro foi nomeado para o substituir seu filho Antonio Lourenço.

Veja-se este nome e Francisco Dias.

«Eu elRei faço saber a vos Luis Cesar, do meu conselho e prouedor dos meus almazẽs que auendo eu respeito ha boa ẽformação que me foi dada de Lourenço Anes, ferreiro, morador na cidade de Lixboa, ey por bem e me praz de lhe fazer merce do carguo de mestre das obras de ferreiro que se fazem nos ditos almazẽs e ribeira da dita cidade, que vagou por Francisco Diaz, que o seruia, com o qual carguo auera em cada hum anno oito mil reaes de ordenado alem do feitio das obras que pela dita maneira fizer, que he outro tanto como tinha e auia o dito Francisco Diaz, os quais começara a vẽcer do dia que for metido em posse do dito carguo em diãte, e lhe serão pagos no thesoureiro do almazem de Guiné e Indias, que ora he e ao diãte for, com vosa certidam de como serue o dito officio e he cõtino no dito seruiço e pello trellado deste que sera registado no L.º das despesas do dito thesoureiro por hum dos spriuães do dito almazem com conhecimento do dito Lourenço Anes e a dita vosa certidam de como pella dita maneira serue sera leuado em conta ao dito thesoureiro o que lhe pella dita maneira pagar a rezão dos ditos oyto mil reaes por anno como dito he. Noteficouollo assi e mando que o metais em posse do dito cargo e lhe deis juramento que bem e verdadeiramente sirua, e este ey por bem que valha como se fose carta &. Baltesar de Sousa a fez em Almeirim a quatro de janeiro de mil e quinhentos e oytenta e um. Bertolomeu Fernandez o fiz escreuer» (1).

Trellado de hua apostilla que se pos nas costas de hum allnara de Lourenço Anes

«Ey por bem, auemdo respeito a boa emformação que me foy dada de L.º Anes, mestre das obras de ferro dos meus allmazens, que halem dos oyto mill reaes que tem de ordenado com ho dito hoficio pello

(1) Torre do Tombo, Chancellaria de D. Sebastião e D. Henrique, *Doações*, liv. 46, fl. 4 verso.

alluara esprito na outra mea folha atras tenha e aja daquy em diamte mais dous mill reaes pera serem dez, que começara a vemcer de vimtoyto dias de março pasado deste ano presente de b° lxxxij em diamte, em que lhe fiz a dita merce e lhe serão paguos no thesoureiro do allmazem de Guiné e Indias asy e da maneyra que se lhe paguão os biij mil reaes contheudos no dito alluara e esta apostilla ey por bem que valha e tenha força e viguor na forma. Gaspar de Seixas o fez em Lixboa a xxbij dias da bril de b° lxxxij. E eu Bertolameu Fernandez o fiz escreuer» (1).

VIII

Anrique

Mestre ferreiro na cidade do Porto no tempo de D. João I, sendo já fallecido em julho de 1435. Esta noticia colhe-se de uma carta de perdão relativa a seu filho Braz Anriques.

IX

Anriques (Braz)

Filho de Anrique mestre ferreiro na cidade do Porto em cuja officina aprendeu. Sendo muito moço, foi induzido por um Luiz Affonso, a jurar em falso que este dormira casualmente com Beatriz Martins, irmã de uma mulher com quem o queriam casar. Por este motivo teve de responder perante as justiças, perdoando-lhe el-rei a culpa em carta de 15 de julho de 1435, depois de elle haver pago duzentos reaes brancos para as obras do mosteiro de Santa Clara da mesma cidade.

«Dom Eduarte &. A todollos juizes e justiças dos nossos regnos, a que esta carta for mostrada, saude, sabede que Bras Anriquez, filho de meestre Anrriq̃, ferreiro, ja finado, morador na cidade do Porto, nos ẽvyou dizer que seendo ell moço de ydade de xbj anos pouco mais ou menos e viuẽdo em casa de sua madre, aprendendo ho oficio, ell fora ẽduzido per huũ Luis A.° filho d'Afonso de Cascaaes que andaua em preito com a preta ante os vigarios da dita cidade que o demandaua por marido afagando o que testemunhasse que o vira jazer e auer copulla carnall com hũa irmãa da dita preta que o demandaua por marido que chamã Breatiz Martiz, e que esto fazia elle por que daua em sua defesa que a dita preta nom podia ser sua molher por ell dormir com a dita

(1) Torre do Tombo, Chancellaria de D. Filippe I, *Doações*, liv. 6, fl. 106 verso.

Breatiz Martiz sua irmãa, e que por elle seer moço e assy ẽduzido e afagado que testemunhara que o vira jazer e dormir com ella segundo lhe fora dito que dissese pella quall raizom lhe era ora dito que nas nossas justiças ho queriam por ello prender e que por quanto elle esto fezera com simprizidade e por enduzimento que nos pedia por mercee que lhe perdoassemos e nossa justiça a que nos por a dita razom era theudo. E nos veendo o que nos assy dizer e pedir ẽviou e querendolhe fazer graça e merce, a honrra da morte e paixom de nosso Senhor Jhesu Xpo, teemos por bem e perdoamoslhe a nossa justiça, a que nos por a dita razon era theudo cõtanto que ell pagasse duzentos reaes brancos pera as obras do moesteiro de Santa Crara do Porto, e por que os elle logo pagou asy a frey D.º de Guimarãaes que tem carego de os receber segundo dello fomos certo per seeu aluara. E porem nos mãdamos &. Dada em a Arruda xb dias de julho — elRey o mãdou per A.º Giraldez e Luis Martiz do seu desẽbargo — R.º Anes o fez era iiijᶜ xxxb anos» (1).

X

Anriques (Lamberto)

Serralheiro dos armazens. Succedeu-lhe Antonio Machado. D'elle trato na 2.ª parte da memoria sobre a *Armaria*.

XI

Brito (Gregorio de)

Gregorio de Brito, morador em Lisboa, filho de Francisco de Brito. El-rei o tomou por seu ferreiro. Alvará de 5 de maio de 1646 (2).

XII

Cofem (Mousem)

Mousem ou Moysés Cofem era judeu e exercia o officio de ferreiro em Coimbra.

Queixou se elle a el-rei de que lhe faziam aggravos e injustiças, assacando-lhe a culpa de que comprava objectos de

(1) Torre do Tombo, Chancellaria de D. Duarte, *Doações,* liv. 3, fl. 51.
(2) Torre do Tombo, *Matriculas,* liv. 6, fl. 156.

ferro que eram roubados, quando na sua boa fé intendia que eram de legitima procedencia. El-rei despachou favoravelmente o seu requerimento, ordenando ás respectivas auctoridades que não molestassem o supplicante por estes casos e que só procedessem contra elle quando de feito se reconhecesse que tinha commettido algum crime. A carta de D. Affonso V é de 14 de maio de 1445.

«Dom Afomso &. A vos juizes da cidade de Coinbra, e a todalas outras nossas justiças e a outros quaaes quer a que o conhicimento desto pertencer per quall quer gisa que seja, a que esta nosa carta for mostrada, saude, sabede que Mousẽ Cofem, ferreiro, judeu, morador em a dita cidade de Coimbra, nos enviou dizer que alguas vezes lhe vendem alguas pessoas algũu ferro e ferramentas e que por ele cuidar que he de boo titolo as compra e que tãbem lhe trajem algũas ferramentas a correger as quaaes ele correge cuydando que som de boo titolo e que o dito ferro e coussas suso ditas saaẽ as vezes de furto e que, posto que as pessoas, cujas som som delas entreges querem defamar del que as furtou e que ele lhe aja de dizer que lhas deu, e que esto lhe fazem por lhe leuarem o seu sem dinheiro e lhe buscarem mal e danno e por lhe leuarem o que asy comprara e vende e polo fazerem prender lhe veem a demandar estas cousas maliciosamente nom podendo ele ja achar aqueles que lhas venderã por quanto se acontecia que erã de fora parte, e que sem dando dele querela nem ajurando nem nomeando testemunhas como per nos era mandado e ainda sendo ele como era e he de boa fama que vos o poderieis mandar prender por elo no que diz que lhe seria em ello feito agrauo e sem razã que porem nos pedia por mercee que a esto lhe ouvesemos alguũ remedio com direito, e nos veendo o que nos asy dezia e pedia, teemos por bem e mandamos quando acontecer que alguas pessoas demandarem ou quiserem demandar perante vos algũas das ditas coussas e eles fezerem certo que som suas e lhe forã furtados e nom quiserem querelar nem jurar nem nomear testemunhas, segundo per nos he mandado em a nossa hordenaçõ e vos souberdes ou vos el fezer certo que he de boa fama e que as ditas cousas comprou e vende puvricamente vos fazede auer entrega desas coussas a eses que asy fezerem certo que som suas e lhes foram furtadas como dito he sem lhe pagãdo eles os preços por que lhes asy foram vendidas e vos nom prendaaes o dito judeu nem lhe façaes outro nenhum desagisado quanto he por a dita razã saluo se contra eles ouverdes outra algũa certa e verdadeira ẽformaçom per que o com direito deuaaes de fazer e se aqueles que lhe asy venderem as ditas ferramentas e cousas poderem ser achadas vos fazedelhe logo entregar per seus bẽes ao dito judeu o preço que lhes ele por elas deu e fazede deles direito: unde al nom façades. Dante em a cidade de Coimbra xiiij dias de mayo. ElRei o mandou per o doutor Aluaro A.º e per P.º Lobato, do seu desẽbargo e juiz dos seus feitos — Bras A.º a fez anno do Senhor Jhesu Xpo de mill iiij^c Rb» (1).

---

(1) Torre do Tombo, Chancellaria de D. Affonso V, liv. 25, fl. 79.

XIII

DIAS (FRANCISCO)

D. Sebastião em carta de 24 de abril de 1564 o isentou de ser juiz do seu officio, embora para isso fosse eleito, por quanto o serviço que lhe competia na qualidade de mestre das obras de ferro do *Almasem e da Ribeira* não lhe permittia sobrecarregar-se de mais trabalho. Por fallecimento de Francisco Dias, substituiu-o no seu officio Lourenço Annes, nomeado a 4 de janeiro de 1581.

«Eu elRey faço saber aos que este meu aluara virem que eu ey por bem e me praz por allgũs respeitos que me a isto mouem que Francisco Diaz, a que tenho feyto merce do carguo de mestre das obras de ferro que se fazem nos meus almazeys e Ribeira desta cidade não seja obriguado nem constrãogido a seruir de juiz do oficio em quamto asy seruir de mestre das ditas obras, posto que seja pera iso ẽlleyto, por quamto auemdo respeito a muyta ocupação que hade ter nas obras dos ditos allmazeys o ey asy por bem e mando as justiças e oficiaes a que pertẽcer que imteiramente cũprão e guardem este aluara como se nelle cõtem sem ẽbarguo de quaes quer prouisões ou pusturas da camara que aja em contrairo porque asy o ey por bem. Baltesar Ribeiro o fez em Lixboa a xxiiij dias dabrill de ĵbᶜ lxiiij, e eu Bertollameu Froiz o fiz escprever» (1).

XIV

DIAS (JORGE)

Em 4 de abril de 1608, D. Filippe II o nomeou para ir servir o officio de ferreiro na fortaleza de S. Jorge da Mina.

«Eu ElRey faço saber aos que este aluara virem que eu ey por bem que Jorge Diaz, ferreiro, vá servir o dito officio a fortaleza de sam Jorge da Mina pello tempo e com o ordenado cõteudo no Regimento. Pello que mando... Francisco dAbreu o fez em Lixboa a quatro dabril de seis centos e oito. Janaluarez Soarez o fez escreuer» (2).

---

(1) Torre do Tombo, Chancellaria de D. Sebastião e D. Henrique, *Privilegios*, liv. 4, fl. 264.

(2) Torre do Tombo, Chancellaria de D. Filippe II, *Doações*, liv. 18, fl. 277.

XV

Esturão (João Gonçalves)

Mestre das obras de ferro dos armazens. D. João III lhe concedeu a tença annual de 12:000 reaes em carta passada em Almeirim a 2 de março de 1546.

«Dom Joham &. A quamtos esta minha carta virem faço saber que auemdo eu respeito aos seruiços que J.º Glz Esturão mestre das obras de ferro dos meus allmazẽs me tem feitos e espero que ao diamte faça me praz e ey por bem de lhe fazer merce de xii mil reaes (12:000 reaes) de temça em cada hum anno em sua vida, os quaes lhe serão pagos no thesoureiro do allmazen de Gyne e Imdias, ao qual mando que lhe faça pagamento delles de janeiro que pasou deste anno presente de b^c Rbj; e pello trellado desta, que sera registada no liuro de sua despesa, per hum dos scprivaes do dito allmazem e seu conhecimento, mãdo aos cõtadores que lhos leuem em cõta. Dada em Allmerim aos ij dias de março — Geronimo Correa a fez — ano do nacimento de noso Senhor Jhũ X̄p̄o de ĵb^c Rbj. E eu Manuel de Moura a fiz scprever e a dita temça sera asemtada no liuro dos hordenados que anda na fazenda do negocio da India com declaração de como per esta carta soomente ha de ser pago da dita temça no dito thesoureiro do allmazem» (1).

XVI

Fabre (Balthasar)

O sr. Gabriel Pereira nos *Documentos historicos da cidade de Evora* (parte II, pag. 180), publicou um assignado de Balthasar Fabre, no qual declarava haver-lhe o cabido da Sé de Evora dado consentimento para que podesse no seu celleiro fabricar as grades de ferro para a capella de S. Pedro, obrigando-se elle a restituil-o tal qual lh'o entregaram, compromettendo-se a pagar as despezas de qualquer reparação, se por ventura fizesse algum damno no mesmo celleiro. A obrigação tem a data de 4 de dezembro de 1545.

D'esta grade monumental, em estylo do renascimento, existem apenas dispersos alguns columnellos.

Naquelle magestoso templo admiram-se ainda duas grades notaveis, sendo a mais digna de apreço a do baptisterio,

(1) Torre do Tombo, Chancellaria de D. João III, liv. 33, fl. 55 verso.

seculo xv, em estylo gothico. A outra, que lhe fica fronteira, veda a porta da escada que dá para a vestiaria e para a torre (1).

Balthasar Fabre vivia ainda, posto que muito velho, por 1557 e tinha um filho, Francisco Fabre, de quem dou conta no artigo seguinte.

XVII

Fabre (Francisco)

Filho do antecedente, cujo officio muito provavelmente seguiria. Tendo sido mandado sair da cidade de Evora, por espaço de cinco annos, por ordem de el-rei D. João III, sem na respectiva provisão se declarar a causa, elle todavia por outras provisões alcançára licença para tratar de diversas demandas na mesma cidade. Por ultimo vira-se obrigado a andar ausente, o que lhe causava grande transtorno por ter o pae idoso e irmãs a sustentar. D. Sebastião, em alvará de perdão de 13 de novembro de 1557, permittiu-lhe que voltasse definitivamente a Evora.

«Eu elRey faço saber aos que este alluara vyrem que Francisco Fabre, filho de Beltesar Fabre, saralheyro, morador na cidade deuora me ẽuiou dizer que avera cimquo anos pouquo mais ou menos que elRey meu senhor e avo, que sãta gloria aja, pasou hũa prouisão per que mãdou que elle Francisco Fabre se sayse fora da dita cidade dEuora e de seu termo e não ẽtrase nella emquãto o dito senhor não mãdase o contrairo, a qual prouisão não declaraua a causa por que fora pasada e que por elle sup.e ter na dita cidade demãdas lhe forão pasadas outras prouisoeẽs pera por certo tempo poder estar nella requerendo sua justiça e que o tempo da deradeira prouisão se acabara havya cimquo ou seis meses e elle amdava ora ausemte da dita cidade e termo e tynha a seu pay velho e tres irmãs solteiras que hajudaua a sostemtar e amdamdo ausemte se perdya de todo e o dito seu pay e irmãas pasauão muita necesidade: Pedymdome lhe mãdase aleuãtar a dita pena e desterro e lhe dese licença pera emtrar e poder estar na dita cydade e seu termo, e visto seu requerimento avemdo respeito ao tempo que ha que o dito Francisco Fabre amda ausemte da dita cydade e por outras justas causas que me a iso movem, ey por bem e me praz que elle posa daqui em diamte emtrar e estar nella e seu termo todo o tempo que quiser sem embargo da dita prouisão e lhe ey por haleuãtado o dito degredo lyure-

(1) Veja-se o artigo do sr. D. José Pessanha, *Notas de archeologia artistica*, a pag. 61 e seguintes, do vol. VI do *Archeologo Portuguez*.

mente e mãdo a todas minhas justiças, a que este alluara for mostrado, que em todo o cumprão e guardem como se nelle contem, por que asy ho ey per bem. Fernão da Costa o fez em Lixboa a xiij de novembro de jbclbij» (1).

XVIII

Fernandes (Antonio)

Foi talvez um dos mais habalisados artifices da sua especialidade como de certo o poderiam comprovar diversas obras, que executou para o Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra. Infelizmente essas obras não chegaram até nós e só podemos aprecial-as por alguns documentos e descripções que d'ellas nos ficaram e que nos dão irrefutavel testemunho da competencia de tão conceituado mestre. Uma carta de Gregorio Lourenço, de 19 de março de 1522, dá conta a D. João III do estado das obras do Mosteiro de Santa Cruz, depois da morte de D. Manuel e num dos paragraphos refere-se á venusta grade do cruzeiro executada por Antonio Fernandes. A este proposito publiquei um artigo na *Revista Archeologica* (vol. II, n.º 4, abril de 1888) o qual vae transcripto abaixo, antes dos documentos.

Antonio Fernandes não fez só as monumentaes grades da egreja de Santa Cruz: fez tambem a estante do côro, pelo preço de 54$900 reaes, como se vê por uma ordem de pagamento sem data. Por ella se verifica tambem a existencia de mais tres serralheiros: mestre Martinho, mestre Pedro e Martim Ferreira, encarregados de examinar e avaliar a obra.

O sr. D. José Pessanha publicou o trecho de uma carta, sem data, de Bartholomeu de Paiva, o amo de D. João III, dirigida a Affonso Monteiro, almoxarife das obras da Casa da India, em que se refere a Antonio Fernandes pelo theor seguinte:

«Eu vos esprevi que dissesseis a *Antonio Fernandes,* o fereiro, que el-rei mandava que viesse logo cá, e que trouvesse quantas boas mostras podesse haver, pera fazer umas grades ricas, com seus coroamentos ricos, porque eu tenho feito com Sua Alteza que as faça elle; e não vi mais recado

(1) Torre do Tombo, Chancellaria de D. João III, *Legitimações e Perdões,* liv. 5, fl. 419 verso.

d'isso. Compre que logo na hora o façaes partir pera cá, e que seja logo aqui» (1).

Creio que dizem respeito ao artista de que me venho occupando outros documentos que encontrei na chancellaria de D. João III, num dos quaes, 15 de janeiro de 1526, é designado por *ferreiro da minha moeda de Lisboa,* e nomeado *mestre de todas as obras de ferro que vem ao meu almazem e tarecenas do Regno.*

Em 9 de outubro de 1527 era-lhe concedida a tença de quinze mil reaes pelo cargo sobredito, o de mestre de artelharia no mesmo armazem e pelas obras de ferro que se fizessem na villa de Thomar.

Em 28 de setembro de 1528 era-lhe concedida licença para poder andar em *mula e faca.*

Em 7 de dezembro de 1532 era-lhe passada nova carta, com outras clausulas, da tença dos quinze mil reaes.

As grades de Santa Cruz de Coimbra

As obras de serralharia artistica entre nós nunca attingiram — ao que se nos afigura — a importancia que tiveram em Hespanha. É possivel, todavia, que ainda existam alguns specimens valiosos e que tenham passado até hoje completamente despercebidos á falta de um exame minucioso da parte d'aquelles que se dedicam ao estudo das artes industriaes. D'esta deficiencia se queixa o diligente investigador sr. Gabriel Pereira na pequena noticia que sobre *ferragens* inseriu no seu folheto ácerca das *Bellas artes em Evora,* e que faz parte da sua valiosa collecção de estudos relativos a historia, arte e archeologia d'aquella cidade. Ali verá o leitor a descripção de algumas obras de serralharia artistica, que actualmente se encontram em Evora.

A Hespanha, apesar das guerras e commoções politicas, apesar do desleixo e vandalismo com que tem sido tratados muitos dos seus monumentos, ainda hoje possue alguns exemplares notabilissimos, que despertam a admiração dos entendidos. Poucas são as cathedraes e egrejas importantes que não possuam grades ou *rejas* dignas de especial menção, merecendo destacar-se em primeira plana, como modelo esplendido, a *reja* decorada com figuras em alto relevo e

(1) Torre do Tombo, *Cartas missivas,* maço 3, n.º 388.

outra fina ornamentação do periodo do renascimento feita por mestre *Bartholomé* para a capella real de Granada nos principios do seculo XVI. Egualmente admiravel é a finissima *reja* existente em Toledo e fabricada em 1548 por Francisco Villapando. Outros exemplos se podiam citar e o leitor que tiver desejos de conhecer mais a fundo esta materia recorra ao *Essay on Spanish art,* do sr. Juan F. Riaño, que precede o Catalogo da exposição de arte ornamental hespanhola e portugueza celebrada em Londres em 1881, no South Kensington Museum, e ainda mais particularmente ao livro do mesmo auctor *The industrial arts in Spain.*

Dignas de rivalisar com alguns d'estes trabalhos artisticos, de que se ufanam as cathedraes hespanholas, seriam por ventura as grades monumentaes, que, no venerando templo de Santa Cruz, separavam o cruzeiro do restante da egreja e as que vedavam os tumulos dos reis. Hoje já não as podemos contemplar, mas sabemos da sua existencia por alguns documentos e referencias historicas, que mais ou menos directamente lhes dizem respeito. Citaremos em primeiro logar o trecho de uma carta de 19 de março de 1522, em que Gregorio Lourenço dá conta a D. João III do estado em que se achavam as obras que o seu antecessor, D. Manuel, mandara fazer no templo de Santa Cruz. Um dos *items* da carta é do theor seguinte:

«Item Senhor, mandou que fezessem huũa grade de ferro grande que atravessa o corpo da egreja de xxv palmos d'alto com seu coroamento, e ao rredor das sepulturas dos rreix a cada hũa sua grade de ferro, segundo forma dhum contrato e mostra que pera ysso se fez. Estam estas grades feitas e asentadas, e pago tudo o que montou na obra dos pillares e barras das ditas grades porque disto avia daver pagamento a rrazom de dous mill reaes por quintal asy como fosse entregando ha obra. E do coroamento das ditas grades que lhe ade ser pago per avalliaçam nom tem rrecebidos mais de cinquoenta mill reaes, que ouve dante mão quando começou a obra, que lhe am de ser descontados no fim de toda hobra segundo mais compridamente vay em huũa certidam que Antonio Fernandes mestre da dita obra diso levou pera amostrar a V. A. E nom se pode saber o que desta obra he devido atee o dito coroamento destas grades ser avalliado» (1).

(1) Esta carta de Gregorio Lourenço publicámol-a no *Conimbricense,* n.os 4188, 4189, 4191 e 4195.

O trecho da carta de Gregorio Lourenço é parcamente descriptivo, mas, apesar d'isso, muito agradecido lhe devemos ficar por ter salvado, ainda que involuntariamente, o nome do artista que fabricou a obra, Antonio Fernandes.

Como se sabe, D. Francisco de Mendanha, prior do mosteiro de S. Vicente de Lisboa (1540), escreveu uma descripção em italiano do templo de Santa Cruz, a qual D. João III ordenou se traduzisse em portuguez, sendo impressa nos prelos d'este ultimo convento. De tão curioso opusculo cremos que não se conhece hoje nenhum exemplar (1), mas D. Nicolau de Santa Maria perpetuou-o, incluindo-o na sua *Chronica,* prestando assim um serviço, litterario e artistico, bastante apreciavel. Mendanha não se esquece de fallar das grades e dedica-lhe as seguintes linhas:

«Além d'este pulpito espaço, de 20 palmos contra a capella mór, está a grande e venusta grade de ferro, que atravessa toda a egreja, ficando dentro o cruzeiro, e tem de alto trinta palmos» (2).

O epitheto *venusta* synthetisa, para assim dizer, em toda a sua singeleza, a formosura da grade. Entre Mendanha e Gregorio Lourenço ha todavia uma discrepancia no que respeita ás dimensões; Mendanha dá a grade 5 palmos mais alta. Outra differença notamos ainda. O prior de S. Vicente diz que as grades dos tumulos eram de *cinco palmos de alto, todas de pau preto e bronzeadas com ouro:* Gregorio Lourenço claramente especifica que eram de ferro.

Coelho Gasco (3) classifica de sumptuosas as grades do cruzeiro e accrescenta que nellas havia um epitaphio, ou antes letreiro, latino, em letras de ouro, que rezava da seguinte fórma:

«*Hoc templum ab Alphonso Portugaliae primo rege instructum ac tempore pene collapsum, Regno succesore & actore Emmanuele restauraverit. Anno Natalis Domini MDXX*».

Esta data 1520 refere-se por certo á epoca em que foi assentada a grade e collocado o seu respectivo letreiro. A

---

(1) Depois de escripto este artigo tive conhecimento de um exemplar ao qual me refiro no opusculo *O mosteiro de Santa Cruz de Coimbra.*

(2) D. Nicolau de Santa Maria, *Chronica dos conegos regrantes,* tom. 2.º, pag. 90.

(3) *Conquista, Antiguidade e Nobreza da mui insigne e inclita cidade de Coimbra,* pag. 83.

egreja já estava reconstruida, como, além de outros documentos, o demonstra o epitaphio do bispo D. Pedro, fallecido a 13 de agosto de 1516.

No priorado de D. Acurcio de Santo Agostinho (eleito em principios de maio de 1590) as grades foram pintadas e douradas de novo. Diz o chronista «... e porque as grades de ferro do cruzeiro e capellas da mesma egreja estavão pouco lustrozas, as mandou alimpar, pintar e dourar em partes e particularmente mandou dourar as armas reaes e folhagens, em que as ditas grades se rematão e tem as do cruzeiro 30 palmos de alto e as das capellas 15 tambem de alto, e ficarão depois de pintadas e douradas mui apraziveis á vista» (1).

Não sabemos até que epoca durassem as grades de Santa Cruz. Das que circumdavam os sepulchros temos informação de 1620. Ou haviam chegado a extrema ruina ou foram substituidas ineptamente por outras. Referindo-se ao governo de D. Miguel de Santo Agostinho, que foi eleito pela segunda vez em 30 de abril de 1618, escreve o chronista da ordem: «Nos ultimos mezes do seu triennio ornou o P. Prior geral as sepulturas dos primeiros Reys d'este Reyno, que estão na capella mór de Santa Cruz com grandes grades de pau santo, marchetadas de bronze dourado» (2).

«Eu elRey mãdo a vos Nicolao Leite, recebedor das remdas do moesteiro de Sãta Cruz de Coimbra, e ao esprivam de voso oficio que do mais prestes dinheiro que teuerdes recebido ou receberdes do remdimẽto das ditas remdas dees a Amtonio Fernãdez, ferreiro e mestre das obras de seu oficio do dito moesteiro quaremta e quatro mill e nouecentos reaes, que lhe mañdo dar em comprymẽto de pago dos cinquoẽta e quatro mill e novecentos reaes em que foy avalliada a estamte de ferro, que fez pera o coro dese moesteiro por mandado delRey, meu senhor e padre, que sãta glorya aja, porque dos dez mil reaes he paguo em vos segumdo vy por huma certidam asynada por Grygoryo Lourenço, veador dese moesteiro, feito por J.º de Figueiredo espryuam da fazemda della e asynada por ambos, em que dauam fee de como a dita estamte fora avalliada por mestre Martinho e mestre Pedro e Martim Ferreira, serralheiros, na dita contia, e como era pago dos ditos dez mill reaes, a qual certidã, ao asynar deste foy rota perante mym, e vos fazelhe dos ditos R̅i̅i̅i̅j̅ ixᶜ reaes boo pagamẽto, semdo primeiro certo por certidã do dito Grygoryo Lourenço feita pello dito J.º de Figueiredo, e

(1) D. Nicolau de Santa Maria, *Chronica dos conegos regrantes*, tom. 2.º, pag. 376.
(2) Idem, idem, pag. 407.

asynada por ambos, em que declare como fica posta verba no asẽto da dita avalliaçã como he pago em vos, e por este aluara com seu conhecimento mãdo aos cõtadores que vollos leuem em conta. Feito» (1).

«Dom Joham &. A quamtos esta minha carta virem faço saber que comfiamdo eu Damt.º Fernamdez, ferreyro da minha moeda de Lix.ª, que nesto me servira bem e fielmente como a meu seruiço compre e queremdolhe fazer graça e merce, tenho por bem e ho dou ora daquy em diamte por mestre de todas as obras de ferro que vem ao meu almazem e tarecenas do Regno que pertemcem ao dito oficio pera estar a emtrega dellas e ver se sam taees como devem e a meu seruiço compre e asy as avaliações dellas pera per minha parte refertar e dizer o que lhe bem e a meu seruiço pareeçe e asy por mestre dartelharya de ferro que se faz na dita cidade asy e pela maneira que ho elle deve ser e como o foy Joham A.º ho velho que se finou, o qual Amt.º Fernamdez nam avera nenhuũ mamtimento posto que ho tequy tevese o dito Joham Afonso e em cada huũ anno averey emformaçam de seu seruiço e asy lhe farey a merce que me bem parecer, e porem mamdo a dom Amtonio dAlmeida, meu comtador moor, e aos meus oficiaes a que esto pertemcer, que ho metam ẽ pose dos ditos oficios e lhos leixem seruir e deles vsar como lhe de direito pertemce e estar no dito almazem e terecenas e ver as ditas obras e avaliações dartelharya sem duuida nem embargo alguũ que lhe a ello seja posto, o qual Amt.º Fernamdez jurará em a minha chamcelaria aos samtos avamgelhos que bem e fielmente e como deve sirva os ditos oficios como a meu seruiço compre. Dada em Almeirim a xb dias de janeiro Gaspar Memdez a fez anno de noso sñor Jhesuũ Xp̄o de mill e bᶜ xxbj. E eu Damyam Diaz o fiz espreuer» (2).

«Dom Joham &. A quãtos esta minha carta virem faço saber que queremdo eu fazer graça e merce a Amtonio Fernandez, mestre das minhas obras de fero que vam ao meu allmazem e tercenas do Reyno e dartelharya de fero que se faz na minha cidade de Lixboa, tenho por bem e me praz que elle tenha e aja de mim de temça em cada huũ anno com ho dito oficio e com ho oficio de mestre dartelharya e todas outras obras de fero que daquy em diamte se fizerem na minha vila de Tomar, quymze mill reaes, e porem mando aos vedores da minha fazenda que lhos façam asemtar no liuro das geeraes que nela anda e Ayres do Quymtall meu prouedor mor e feitor das minas dos metaes que do dinheiro, que receber pera prouymento e despesa das ferraryas e armaryas, que se na dita vila de Tomar ande fazer, que de janeiro que vem de ϳbᶜ xxbiij anos em diamte em cada huũ anno dee e pague ao dito Amtonio Fernandez hos ditos x̄b reaes e per esta soo carta gerall sem mais tyrar outra de minha fazenda e por ho trelado dela que se registara nos liuros do dito Ayres do Quymtall pelo sprivã de seu carguo e conhecimento do dito Amtonio Fernandez, mãdo aos meus cõtadores que leuem o dito dinheiro em conta ao dito Ayres do Quymtall ou a quem seu carguo teuer que hos pagar *(sic)* ao dito Amtonio Fernandez, o qual sera obri-

(1) Torre do Tombo, gaveta 20, maço 13, n.º 115.
(2) Torre do Tombo, Chancellaria de D. João III, liv. 36, fl. 13.

guado a estar na dita vlla de Tomar ẽquãto hy ouver obras pera fazer e lho requerer o dito Ayres do Quymtall ou quem seu carguo teuer e asy hyra fazer quaesquer obras que necesaryo for: todas as obras que hasy fizer lhe serã paguas, e por firmeza de todo lhe mãdey dar esta por mim asynada e aselada do meo sello pẽdemte. Dada em a minha cidade de Coimbra a ix dias do mes doutubro — Manoel de Moura a fez — de Ʒbᶜ xxbij» (1).

«Dom Joham &. A quamtos esta minha carta vyrem faço saber que eu ey por bem daar llugar e licença a Amtonio Fernandez, mestre das minhas hobras de ferro, pera ãdar em mulla e faca sem ẽbargo de nã ther cauallo e de minha ordenaçã em contrairo em tall caso feita, e porem ho notifico asy a todos meus corregedores, ouuidores, juizes, justiças oficiaes e pesoas a que ho conhecimento desto pertemcer e lhe mãdo que lhe nã vam cõtra yso nem lhe ponhã duuida nem embargo allguũ por que heu ey por bem darlhe a dita licença como dito he. Jorge Fernandez a fez em Lixboa a xxbiij dias de setembro de Ʒbᶜ xxbiij» (2).

«Dom Joham &. A quamtos esta minha carta virem faço saber que queremdo eu fazer graça e merce a Amtonio Fernandez, mestre das minhas obras de ferro, que vam ao meu allmazem e terecenas do Regno e dartelharia do ferro, que se faz na minha cidade de Lixboa, tenho por bem e me praz que elle tenha e aja de mim de temça em cada hum anno com ho dito oficio e com ho oficio de mestre da artelharia e todas outras obras de ferro que se daqui em diamte fezerem em a villa de Tomar quimze mill reaes; E porem mãdo aos veadores de minha fazenda que lhos façam asemtar no liuro das geeraaes que nella amda e ao almoxarife ou recebedor de meu allmazem de Guine e Indias que do dinheiro que recebem pera a despesa e prouimento do dito allmazem de janeiro que pasou do ano presemte de quinhemtos e trimta e dous em diamte em cada hum ano dee e pague ao dito Amtonio Fernandez os ditos quimze mill reaes per esta soo carta geerall sem mais tirar outra de minha fazemda e pello trelado della que se regystara nos liuros no dito allmazem per hum dos escriuães delle e conhecimento do dito Amtonio Fernandez mãdo aos meus contadores que leuem o dito dinheiro em comta ao dito almoxarife ou recebedor que lho asy pagar e elle seraa obrigado ha estar na dita villa de Tomar quando nella ouverem obras pera fazer e lho requerer Ayres do Quymtall, prouedor moor e feitor das minas dos metais, ou quem seu cargo tever e asy hiraa fazer quais quer obras que necesarias forem e todas as obras que hasy fizer lhe sejam paguas e o dito Amtonio Fernandez tinha outra tall carta geerall pasada per minha chancelaria, per que avia pagamento dos ditos quimze mill reaes do dito Ayres do Quymtall dos dinheiros que recebya pera provimento das ferrarias da dita villa que foy rota ao asinar desta por eu aver por bem que lhe fosem pagos no dito allmazem onde elle he mais cõtinuo e necesario pera servir nas obras que cumpre a minhas

---

(1) Torre do Tombo, Chancellaria de D. João III, *Doações*, liv. 30, fl. 172 verso.
(2) Torre do Tombo, Chancellaria de D. João III, liv. 20, fl. 66 verso.

armadas e em outras de meu seruiço e o registo da dita carta que estava nos liuros do dito Ayres do Quymtall se riscou e fica posta verba que nã hadaver mais pagamento delles, segundo se vio per certidam de Lançarote de Negreiros escrivam de seu carguo que foy tambem rota e per firmeza de todo mamdey dar ao dito Amtonio Fernandez esta carta por mim asynada e aseellaada do meu sello pemdemte. Pero Amriquez a fez em Evora aos sete dias de dezembro do ano do nacimento de noso Senhor Jhesuu Xp̄o de ĵbᶜ xxxij anos. Fernã dAluez a fiz escrepver» (1).

XIX

Fernandes (Gaspar)

Mestre serralheiro dos armazens. Succedeu-lhe por sua morte André Gonçalves. Vide este nome.

XX

Fernandes (Guterre)

Allemão, residente em Lisboa. D. Duarte o tomou por seu ferreiro por carta de 12 de janeiro de 1434 sendo-lhe esta confirmada por D. Affonso V em 10 de janeiro de 1440 (2).

XXI

Fernandes (João)

Era mestre da ferraria de Gôa em tempo de D. João de Castro, tendo corrigido diversas peças de artilharia (berços e falcões) que existiam no armazem das munições. Apparece como testemunha num auto de investigação mandado fazer por aquelle viso-rei no anno de 1546 sobre o estado em que se achava a Ribeira de Gôa. Eis aqui o seu depoimento:

«J.º Fernandez, mestre da feraria desta cidade, testemunha jurado aos sãtos havãgelhos em que pos a mão, que lhe forã dados pelo dito

---

(1) Torre do Tombo, Chancellaria de D. João III, liv. 19, fl. 27.
(2) Torre do Tombo, Chancellaria de D. Affonso V, liv. 2, fl. 22.

ouuidor gerall e pregũtado pelo conteudo no auto que fala aserqua dos berços e falcois dise elle testemunha que he verdade que o dito senhor gouernador dom J.º de Crastro ymdo prover o almazem das minuções achou em elle muitos falcõis e berços desgornecidos e sem piães e rabos e que he huũ grande soma deles. E que agora os mandou logo coreger e elle testemunha he o que os correge e gornece de todo ho nesesareo — s — de rabos e piãis e que os ditos berços e falcõis estavã no dito almazem malltratados e ora estã aproveitados pera todo o que comprir e que nã sabe cãtos são os que tem corregidos e porem que sã ya muitos e que esto he verdade e al não dise» (1).

(Continúa). SOUSA VITERBO.

---

(1) Torre do Tombo, *Papeis da Casa de S. Lourenço,* tom. 4.º, pag. 134.

FONTES DOS LUSIADAS

(Cont. do vol. 54.º, pag. 721)

Como se vê pelo que fica dito, Camões estudou e aproveitou para os *Lusiadas* algumas das producções litterarias de Antonio Ferreira, como estudou e aproveitou as de outros escriptores portuguêses, seus contemporaneos, André de Resende, João de Barros, Francisco de Moraes (1), etc.

Pena é que o auctor da *Castro* (1528–1569) não chegasse a ler os *Lusiadas,* para se convencer de que o odiado *Chérilo,* que parece ter sido o seu pesadello de muitos annos, tinha talento de sobra para levar a cabo, com bom exito, o emprehendimento de que um grupo de invejosos o julgava incapaz, e era um espirito sufficientemente elevado e generoso, para só muito por alto se mostrar conhecedor das aggressões e malevolos intuitos desse grupo, e para a tudo antepôr o desejo de fazer uma obra verdadeiramente nacional, em que collaborassem, e ás vezes por uma fórma bem visivel, os principaes representantes da mentalidade portuguêsa no campo que elle se propôs percorrer na epopea.

Desta curiosa pagina da nossa historia litteraria direi aqui apenas o que reputo indispensavel, deixando para outro logar o desenvolvimento de que ella é susceptivel.

Quando em 1553 Camões se viu forçado a embarcar para a India, nas circumstancias que são sabidas, toda a gente de certa ordem que em Portugal fazia ou lia versos, tinha conhecimento de que elle havia annos trazia entre mãos um poema epico, cujo assumpto era a historia de Portugal.

Já na egloga 5.ª (2), escripta, segundo a ultima conjectura

---

(1) Sobre a influencia da leitura do *Palmeirim de Inglaterra* no estylo da nossa epopea nacional, fallarei no respectivo capitulo destes estudos.

(2) Cito pela edição da *Bibliotheca portuguesa* (Lisboa, 1852).

de W. Storck (1), de 1544 a 1545, dizia que apparelhava

.... hum novo esprito
E voz de cysne tal, que o mundo espante,

e fazia esta promessa a D. Francisco de Noronha:

... quando tempo for, em melhor modo
Ha de me ouvir por vos o mundo todo.

Alguns annos depois, o trabalho já estava adeantado (segundo o primitivo plano, é claro) e o poeta procurava interessar em seu favor tres pessoas altamente collocadas na côrte: a sua gentil amiga e admiradora, D. Francisca de Aragão, a dama predilecta da rainha D. Catharina; D. Manuel de Portugal, o amigo do principe herdeiro e apaixonado cortejador daquella dama (2), e o bispo d'Angra, D. Rodrigo Pinheiro, Governador da Casa do Civel.

A D. Francisca de Aragão diz o poeta (egloga 4.ª):

Cantando por hum valle docemente
Descião dous pastores.............
....
O que cada hum dizia,
Lamentando seu mal, seu duro fado,
Não sou eu tão ousado,
Que o pretenda cantar sem vossa ajuda;
Porque, se a minha ruda
Frauta deste favor fôr dina,
Posso escusar a fonte Caballina (3).

---

(1) *Vida de Camões*, § 161.

(2) «A romantica paixão de D. Manoel de Portugal, *lume da corte, e das damas mimoso*, que fez de D. Francisca (de Aragão) a inspiradora dos seus versos, ficou sendo proverbial». Dr. J. Priebsch, *Poesias ineditas de Caminha*, pag. XXXVI (Halle, 1898).

(3) A. Caminha, furioso com a audacia do *intruso*, julgou esmagá-lo com o seguinte epigramma, suggerido pelo epitheto *caballina*:

Quando teus versos, deste nome indinos,
Me lembrão, mao poeta, inda m'aballo
De nom serem teus versos caballinos,
E parecerem versos de cavallo.
São louvados os versos peregrinos
E eu nunca seu louvor escondo ou calo;

Em vós tenho Helicon, tenho Pegáso;
Em vós tenho Calliope e Thalia
E as outras sete irmãs co fero Marte;
Em vós deixou Minerva sua valia;
Em vós estão os sonhos do Parnaso;
Das Pierides em vós se encerra a arte.
. . . .
Podeis fazer que cresça d'hora em hora
O nome Lusitano e faça inveja
A Esmirna, que de Homero se engrandece.
Podeis fazer tambem que o mundo veja
Soar na ruda frauta o que a sonora
Cithara Mantuana só merece.

Segue-se a egloga propriamente dita, em que são interlocutores os dous estremosos amigos, Camões (Frondoso) e o joven D. Antonio de Noronha (Duriano). O estado d'alma de Camões a respeito da sua amada, D. Catharina de Athaide, que elle suppõe tê-lo trocado por outrem, exprime-o, numa fórma condensada, o seguinte estribilho, dez vezes repetido:

Perca quem te perdeo tambem a vida.

É a mesma situação de espirito que deu origem aos sonetos 70 e 147:

Porque te vás de quem por ti se perde
Para quem pouco te ama?...

Quando esses olhos teus noutro puseste,
Como te não lembrou que me juraste
Por toda a sua luz que eras so minha?

Mas nom louvo, poeta, os versos que usas,
De Febo peregrinos e das Musas.
(*Epigramma* 141).

O desastrado poeta não viu, porém, a indelicadeza que o epigramma envolvia para com a intelligente e altiva dama, e teve de penitenciar-se em uma longa e insulsa ode (a 10.ª), cheia de elogios á *formosissima Francisca*, ode que enviou ao seu destino por intermedio do enamorado D. Manoel de Portugal (*Poesias*, pag. 210-216 e 369-370).

Sobre as relações entre Caminha e D. Francisca de Aragão, lê-se na interessante introducção do dr. Priebsch á obra ha pouco citada: «Do culto prolongado e fervoroso que Andrade Caminha dedicou (a D. Francisca de Aragão), assim como da pouca impressão que produziu, são testemunho os sonetos e as balatas que hoje sahem á luz pela primeira vez». (Pag. XXXVI).

E no fim da egloga, o poeta dirige-se de novo á *bella dama,* a quem depois tão gentilmente agradeceu a interferencia que teve na publicação dos *Lusiadas* (soneto 160):

> Se aquillo que eu pretendo
> Deste trabalho haver, que he todo vosso,
> Senhora, alcançar posso,
> Não será muito haver tambem a gloria
> E o louro da victoria,
> Que Virgilio procura e haver pretende,
> Pois o mesmo Virgilio a vos se rende (1).

A D. Manuel de Portugal diz o poeta (ode 7.ª):

> O rudo canto meu, que resuscita
> As honras sepultadas,
> As palmas já passadas
> Dos bellicosos nossos Lusitanos,
> Para thesouro dos futuros annos,
> Comvosco se defende
> Da lei Lethêa, á qual tudo se rende.
>
> Na vossa arvore, ornada de honra e gloria,
> Achou tronco excellente
> A tenra e florescente
> Hera minha, 'téqui de baixa estima,
> Na qual, para trepar, se encosta e arrima.
> E nella a subireis
> Tão alto, quanto os ramos estendeis (2).

E a D. Rodrigo Pinheiro dirige-se por esta fórma (soneto 190):

> Oh ditoso Pinheiro! Oh mais ditoso
> Quem se vir coroar da rama vossa,
> Cantando á vossa sombra verso eterno!

---

(1) W. Storck, que, diga-se de passagem, suppõe esta egloga dirigida a D. Catharina de Athaide, collige dos dous ultimos versos que o poeta já então tinha conquistado o sobrenome de *Vergilio,* que os seus admiradores lhe davam por causa das eglogas (*Vida,* § 172).

Parece-me acertada a inferencia, que aliás deriva só do penultimo verso, pois o ultimo refere-se ao mantuano. Se este se rende áquella que *das Pierides em si encerra a arte,* não é muito que o novo Vergilio *obtenha* tambem, por intermedio della, *o louro da victoria.*

(2) Reproduzo esta estrophe tal como a reconstruiu a Sr.ª D. Carolina Michaëlis, a illustre escriptora a quem tantos e tão relevantes serviços deve a nossa lingua e litteratura. Vid. a nota (*) á pag. 690 da *Vida de Camões* de W. Storck.

E o *verso eterno*, que então era constituido essencialmente pela historia, completa ou incompleta, dos reis de Portugal, era já conhecido e admirado por uns e ridicularizado por outros.

No numero dos primeiros entrava o grande amigo do poeta, poeta tambem, João Lopes Leitão, que assim exprimia o seu enthusiasmo por Camões:

Quem he este que na harpa Lusitana
Abate as musas gregas e latinas,
E faz que ao mundo esqueçam as plautinas
Graças, com graça e alegre lyra e ufana?

Luis de Camões he, que a soberana
Potencia lhe influiu partes divinas,
Por quem espiram as flores e boninas
Da Homerica musa e Mantuana.

Se tu, triumphante Roma, este alcançáras
No teu theatro e scena luminosa,
Nunca do gran Terencio te admiraras,

Mas antes, sem contraste, curiosa
Estatua d'ouro ali lhe levantáras,
Contente de ventura tão ditosa (1).

Os outros eram capitaneados por Andrade Caminha (1520-1589), que se fartou de escrever epigrammas contra Camões (2). Bastam duas amostras:

Cansado, mao poeta, me deixaste
Dos versos, que t'ouvi, seccos e duros;
Onde aprendeste tal, como inventaste
Tão improprios versos, tam impuros?
(Epigr. 140).

---

(1) Faria e Sousa, *Rimas varias de Luis de Camões*, t. 1, escreve: «No he podido averiguar quien fuesse el autor deste soneto, mas presumo era Juan Lopes Leytam. Un manuscrito dize que es de Francisco Gomes de Azevedo: y de quien el fuesse no tengo noticia» (*Juizio destas Rimas*).

(2) Vid. Dr. Theophilo Braga, *Camões. Epoca e vida* (Porto, 1907), pag. 382 e segg. Este livro, que merece ser estudado, apresenta, a meu ver, soluções definitivas, algumas com o caracter de inteira novidade, a respeito de certos pontos da vida do poeta.

Dizes que o bom poeta ha de ter furia.
Se nom ha de ter mais, és bom poeta;
Mas se o poeta ha de ter mais que furia,
Tu nom tens mais que furia de poeta (1).
(Epigr. 145).

Nesta guerra, que continuou depois de Camões ter ido para o Oriente, Ferreira collocou-se ao lado do seu amigo Caminha e tomou a si a especialidade de arranjar um epico, para ver se assim ficava inutilizado o trabalho que o *Chérilo* ainda não tinha publicado.

A ode 1.ª do l. 1.º é, digamos assim, o annuncio para quem se quizesse apresentar, — com a indicação do programma:

Fuja d'aqui o odioso
Profano vulgo; eu canto
A brandas Musas, a hũs spritos dados
Dos Ceos ao novo canto,
Heroico e generoso,
Nunca ouvido dos nossos bons passados.
Neste sejam cantados
Altos Reis, altos feitos.
Costume-se este ar nosso á lira nova.
Accendei vossos peitos,
Ingenhos bem criados,
Do fogo qu'o Mundo outra vez renova.
Cad' hum faça alta prova
De seu sprito em tantas
Portuguesas conquistas e victorias,
De que lédo t'espantas,
Oceano, e dás por nova
Do Mundo ao mesmo Mundo altas historias.

Depois vem os convites individuaes.

A D. Antonio de Vasconcellos (2) (ode 8.ª, l. 1.º) escreve Ferreira:

Té quando assi, cruel, o peito duro,
Das nove irmãs morada,
Cerrarás, como ingrato ao dom divino?
....

(1) Observação do Dr. Theophilo Braga (obr. cit., pag. 452): «Comprehende-se a certeza do golpe, aproximando este epigramma da estrophe da invocação dos *Lusiadas*:

Dae-me uma furia grande e sonorosa»...

Caminha, como se vê pelo epigramma 140, citado no texto, tinha, por certo, conhecimento do que Camões ia escrevendo para os *Lusiadas*.

(2) Vid. Sousa, *Historia genealogica,* t. XII, 1.ª parte, pag. 139.

Eu digo o canto teu, eu digo a lira,
Que te dá o louro Apollo,
Para honra sua e para gloria nossa,
Que d'hum ao outro polo
Soará........ ....
....
Tardas, cruel, e em tanto
Altos Reis, altas armas perdem nome.
....
Quem ha que a cargo tome
As victorias de fama e eterno espanto
Dos Reis passados, quaes Deos sempre mande?
Altas victorias, em que tanta parte
Tem inda os tão chegados
Teus avós ao real sangue, ás altas Quinas,
De louro coroados
Por mão do bravo Marte.
Ah! Porque lhes serão por ti negadas
As altas rimas de seus nomes dignas?
As bandeiras tomadas
A Reis vencidos em tão justas guerras,
Aquellas fortes mãos, que coroavam
Reis grandes em suas terras,
Por ferro e fogo de tão longe entradas,
A ti, seu sangue, já s'encommendavam.
Mas emquanto tua sorte te não chama
Das armas á dureza
(Jnda tempo virá), com as Musas paga
A antiga fortaleza
Dos teus, á immortal fama,
Que, por exemplo ao Mundo, sempre viva
Contra a morte cruel, que tudo apaga.

Depois chega a vez a Antonio de Castilho (carta 6.ª, l. 2.º):

Castilho, de meus versos douta lima,
....
Quando será que eu veja a clara historia
Do nome Português por ti entoada,
Que vença da alta Roma a grã memoria?
....
... A ti a alta empresa está guardada.

O proprio Diogo de Teive, retirado no seu canonicato de Miranda, foi importunado pelo antigo discipulo, que se satisfazia quer com prosa, quer com verso, e até com o emprego da lingua latina (carta 4.ª, l. 2.º):

No teu verso latino nos renova
Ora outro Horacio, ora outro grande Maro;
Na grave prosa Padua, Arpino innova.

Por ti começou já ser grande e claro
O Português Imperio: igual' aos feitos
No Mundo raros teu estilo raro.

E o justamente afamado latinista, respondendo ás sollicitações que no mesmo sentido lhe havia feito D. André de Noronha, declara-se disposto a cantar os feitos dos *reis lysiadas* (*Opuscula,* p. 314. Paris, 1762):

.... His me rationibus urges
Atque aliis, nostrae, Andrea, clarissima gentis
Gloria, *Lysiadumque jubes ut maxima Regum*
Facta canam. Nostri laudes ab origine regni
Aggrediar: nostris opus hoc ego viribus impar
Esse quidem fateor, verum conatibus ingens
Egregiis semper laus haeret, tempora sternent
Longa viam, longum poscit res tanta paratum.

Parece tambem que o dr. Antonio de Castilho, quer para se ver livre das instancias de Ferreira, quer por iniciativa propria, escreveu sobre o assumpto a Diogo Bernardes; mas este, embora então colligado com os inimigos de Camões, deu uma resposta pouco modesta, mas muito pratica, e que contrasta com as ingenuas confissões de Ferreira, a que logo me hei de referir:

Pesa-me não poder em nova historia
 Dos Lusitanos Reys a origem clara
 Levar ao templo da immortal memoria,
Não por falta de ingenho e invenção rara,
 Estilo e arte, que Fébo em tal sogeito
 Desusados conceitos m'inspirara.
Mas sabes de que nace este defeito?
 De não ver neste tempo hum novo Augusto,
 A quem tão bom trabalho seja aceito.
Logo necessario he, não digo justo,
 Negar-me a meu desejo, por buscar
 Cousa que à pobre vida faça o custo (1).

Mas o *bom Ferreira,* como lhe chama Diogo Bernardes, não se contentou com pretender hostilizar indirectamente quem, só por si, valia incomparavelmente mais, em dois generos litterarios, do que todos os seus adversarios juntos; contra elle e contra os seus admiradores extravasou

(1) *O Lyma,* carta 14.ª *Ao Dr. Antonio de Castilho.*

toda a má vontade, que lá dentro tinha represada, em uma carta a Andrade Caminha, o mediocre, invejoso e mal entranhado chefe da colligação.

Esse curioso documento é a carta 8.ª do l. 1.º, escripta, como por ella mesma se vê, depois da morte do principe D. João, isto é, quando Camões já tinha ido para o Oriente.

Para bem se comprehender o alcance da primeira passagem que vou citar, cumpre ter presente o seguinte: 1.º) Camões, já antes de embarcar para a India, aspirava, cantando os feitos heroicos dos portuguêses, a obter a fama de um Homero e de um Virgilio; 2.º) havia quem já nelle admirasse o estro

Da Homerica musa e Mantuana;

3.º) Alexandre Magno teve por cantor dos seus feitos a Chérilo, um poeta epico menos que mediocre, que aliás o grande conquistador remunerava generosamente, mas a quem Horacio, o poeta predilecto de Ferreira, deprecia em mais de um logar:

Gratus Alexandro regi Magno fuit ille
Choerilus, incultis qui versibus et male natis
Rettulit acceptos, regale nomisma, Philippos.
. . . .
. . . . Idem rex ille, poema
Qui tam ridiculum, tam care prodigus emit,
Edicto vetuit, etc. (*Epistula* 1, l. II, 232-239).

Sic mihi, qui multum cessat, fit Choerilus ille,
Quem bis terque bonum cum risu miror...
(*Arte poetica,* 357-358).

Ouçamos agora o bom Ferreira:

Doutrina, arte, trabalho, tempo e lima
Fizeram aquelles nomes tam famosos,
Por quem a Antiguidade se honra e estima.
Ah! Quem soffre huns Cherilos tam pomposos
Aquelles altos nomes ir tomando,
Que foram aos que os ganharam tam custosos?
Magoa-se o bom sprito, se roubando
Lhe vão seu preço e a quem não é devido
Juizos enganados o estão dando.

Como se sabe, Ennio escreveu um poema epico — *Os Annaes* —, que tinha por assumpto a historia de Roma por or-

dem chronologica, e cujo valor litterario era muito inferior ao da Eneida. Pergunta agora Ferreira aos que se arrojavam a considerar Camões um Vergilio:

.... D'hum louvor
Querreis pagar os bons e os maus escritos?
Que gosto, que esperanca, que fervor
Acenderá hum peito,..........
....
Que os claros feitos erga, heroes afame,
Armas de pó victorioso ornadas,
Que milagres despois o Mundo chame,
Se tão rudes estão, se tão cerradas
As orelhas ao som, que de Ennio a Maro
Não fazem as differenças approvadas?

Mais adeante, Ferreira appella para as Musas, que espera venham em auxilio do seu despeito:

Vinde, Musas, armadas; soccorrei
A vossos louros e heras, que forçadas
Vos levam os que não guardam vossa lei.
Sejam as boas cabeças coroadas
Das sempre verdes folhas, outras sejam
De vossos sacros bosques desterradas.
Trazei-nos vossa luz, para que vejam
Quam longe estaes, quam altas, quanto acima
Dos que em vão a chegar-vos se despejam (1).

E, desolado por nem elle nem algum dos seus amigos poder alcançar para si a gloria que está reservada ao *pomposo*

---

(1) Na carta 12.ª do l. 1.º diz tambem Ferreira a Diogo Bernardes, com o pensamento em Camões:

Quem tanto a si mesmo ama, tanto amima,
Que a si se favorece e se perdoa,
Que sprito mostrará em prosa ou rima?
Taes sam algũs, a que triste a hera coroa,
Roubada do vão povo ao claro sprito,
Que esconder-se trabalha e então mais soa.
Aquelle dá de si publico grito,
Este cala e s'encolhe: o tempo emfim
Hum apaga, immortal faz d'outro o sprito.

Chérilo (1), pondera resignadamente:

Do que esperei algũ'hora em vão me deço.
    Cante quem canta ao som dos seus louvores.
    Qu'eu nem os acharei, nem os mereço.
Esfriassem-se em mim meus vãos ardores,
    Tivesse boa paz sempre comigo,
    Outros cantassem reis e imperadores.
Sempre aos mais dos engenhos foi perigo
    Escrever; os bons temem; escrevam ousados
    Esses que tem grã credito comsigo.
Ditosos os que vivem bem calados
    Mettidos em si mesmos e contentes
    De não serem ouvidos nem julgados (2).

Por fim, sempre com a idéa fixa numa epopea, diz a Caminha:

Dos mais claros heroes hum, que cante,
    Escolha teu sprito. Real sujeito
    Tens na alta geração do grande Iffante.

---

(1) Ferreira, como já houve quem notasse, para ridicularizar Camões como poeta bucolico, tinha-lhe chamado *Magalio* (egloga 3.ª):

... Magalio de inveja estê morrendo,
Que a todos para si rouba os louvores,

nome que decerto lhe foi suggerido por este verso da Eneida (1, 421):

Miratur molem Aeneas, magalia quondam.

Quer dizer: Camões era para Ferreira um *epico das duzias* e um bucolico *alarve!*

(2) Diogo Bernardes abundava então nas mesmas idéas. Basta citar a seguinte passagem do *Lyma,* carta 4.ª:

Trate quem mais quiser feitos alheos;
    Diga mal, diga bem, falle á vontade,
    Use palavras novas, novos meos.
Não cure de razão, nem de verdade,
    Em tudo contentando á vulgar gente,
    Enchendo peitos vãos de vaidade.
Ei-lo poeta logo, ei-lo excellente,
    Idolo do pequeno, e mais do grande:
    Sofrei se chamo grande a quem mal sente.
Nunca permitta o ceo, nunca tal mande,
    Que, merecendo nome meus escritos,
    Este na voz do povo em muitos ande.

Ergue-te, meu Andrade, arça esse peito,
Inflammado d'Apollo, cante e soe
Igual tua voz ao teu tão alto obgeito.
Ouça-se o grã DUARTE, por ti voe
Pelas bocas dos homens; de sua mão
Inda Pallas ou Phebo te coroe (1).

É obvio que Ferreira não escreveu a carta contra o *pomposo Chérilo* e contra os seus admiradores, para ser lida só por A. Caminha.

E como Camões estava então no Oriente, presumo que lhe fez chegar ás mãos uma cópia, por intermedio de João Lopes Leitão, sendo muito possivel que essa cópia acompanhasse a carta 7.ª do l. 2.º, dirigida áquelle amigo de Camões, que tinha tambem ido para a India, depois da morte do principe D. João.

Era bom que o enthusiasta auctor do soneto, que apregoou em Camões fulgores

Da homerica musa e mantuana,

ficasse sabendo que havia *differenças approvadas de Ennio a Maro,* além do mais que da carta consta (2).

---

(1) O empenho que Ferreira tinha em que Andrade Caminha cantasse os *feitos,* que nunca chegaram a ser *feitos,* do neto de D. Manuel, mostra-se ainda na ode 1.ª, l. 2.º, na egloga 10.ª e na carta 13.ª, l. 1.º

O que era preciso era que apparecesse um poeta epico, quer cantasse as gloriosas façanhas dos portuguêses, quer as de um *futuro* heroe. O que era preciso era livrar Minerva

Das mãos... da baixa gente,
Gente cruel e cega e indouta e indina
De tal dom, só devido a quem o sente.
(Citada carta 13).

(2) É verdade que Ferreira se diz intimo amigo de João Lopes,

Lá de mim tens, amigo, a melhor parte,

mas o grave canonista e conspicuo magistrado tinha idéas um pouco singulares a respeito da amizade:

Pague-se amor fingido a quem o empresta,
Mas quem bom amor dá, receba-o bom.
(Citada carta 8.ª, l. 1.º).

Camões ia lendo o que escreviam contra elle e naturalmente sorria-se da furia impotente dos seus adversarios, que por todas as fórmas continuavam a querer prejudicá-lo.

Ha, porém, nos *Lusiadas* umas expressões que me parecem intencionaes.

Assim, no final da ode 1.ª do l. 1.º, acima transcripta, Ferreira escusa-se de cantar os feitos dos portuguêses, dizendo:

> A mim pequena parte
> Cabe inda do alto lume,
> *Igual ao canto;* o brando Amor só sigo,
> Levado do costume.

Pelo contrario, Camões espera obter das musas *igual canto aos feitos* da gente que vai immortalizar (1, 5).

Ferreira, na mesma ode, appella para os *ingenhos bem criados* e estimula-os a *accenderem os peitos do fogo que o mundo renova.*

Camões reconhece em si um *novo engenho ardente* e pede ás musas uma furia,

> Que o *peito accende* e a cor ao gesto muda (1, 5, 3).

Na ode 1.ª, l. 2.º, Ferreira declara que a *sua baixa lira não ousa* cantar os feitos do infante D. Duarte (o que outro poeta, Andrade Caminha, fará), e prosegue:

> Em quanto tal não tento e veda Apollo
> Que os tão altos louvores
> Do grande Rei, senhor de polo a polo,
> .... e os teus, menores
> Não faça, escurecendo
> Com baixo canto o qu'outro irá erguendo,
> ....
> Comece ser sentida
> De ti a voz...

Na estancia 15, c. 1, diz Camões:

> E emquanto eu estes canto e a vós não posso,
> Sublime Rei, que não me atrevo a tanto,
> ....
> Comecem a sentir o peso grosso, etc.

Ao terminar este capitulo, seja-me permittido acreditar que

o auctor da *Castro,* se houvesse vivido mais uns annos, para poder ler os *Lusiadas,* se converteria, apesar do seu amigo Caminha, em um enthusiastico admirador de Camões, e se desvaneceria com a honra de ter ministrado elementos para a nossa epopea nacional.

VII

Camões e Marcantonio Cocci Sabellico

Camões estudou a historia geral principalmente pelas *Enneades* ou *Rhapsodiae historiarum* de Sabellico (1), volumoso tratado que foi traduzido em português por D. Leonor de Noronha (2), prima co-irmã do amigo e protector do poeta, D. Francisco de Noronha, segundo conde de Linhares.

---

(1) A respeito de Marcantonio Cocci, que, como membro da *Accademia Romana,* instituida por Pomponio Leto, tomou o nome de Sabellico, diz V. Rossi, na sua recente obra *Il Quatrocento:* «Per la via segnata dal Biondo alla storiographia procedettero Marcantonio Sabellico da Vicovaro (1436–1506) e Giorgio Merula;... quegli non tanto nelle deche *Rerum venetarum,...* quanto nelle *Enneades seu Rhapsodiae historiarum,* che, movendo dal principio del mondo, giungono, in 92 libri, fino al 1504... L'uno e l'altro non solo ricercano e citano vecchie cronache ed altri monumenti e ne discutono e vagliano le testimonianze,... ma anche attingono a piene mani dall'opera massima dell'umanista forlivese» (Biondo). Pag. 112; cf. p. 218. A 1.ª edição das *Enneadas* (a obra está dividida em onze partes, cada uma das quaes, excepto a ultima, abrange *nove* livros) appareceu em Veneza em 1498–1504. A historia geral de Sabellico foi continuada por Paulo Jovio e outros. Sirvo-me da edição de Basilea, 1560.

(2) Sobre esta tão interessante e tão sympathica figura feminina do nosso seculo XVI, diz J. Cardoso, no *Agiologio lusitano,* I, p. 454: «Illustrissima e piissima senhora,... filha do segundo Marquez de Villa Real, que, sendo ornada de singulares dotes da natureza & da graça, propôs firmemente de perseverar até morte no sublime estado virginal (como fez), occupando-se no estudo das humanas & diuinas letras, em que foi eminente. Pois traduzio com muita elegancia & louuor de Latim em vulgar as Enneidas (*sic*) de M. Antonio Sabellico, parte das quaes andam impressas, parte manuscrittas. Assi mesmo compôs e imprimio alguns Tratados spirituaes» etc. Veja-se tambem Sousa, *Historia genealogica,* V, p. 204–205.

Pena é que da traducção das *Rhapsodiae* sejam conhecidos apenas os dous volumes que fôram impressos em Coimbra, um em 1550 e outro em 1553, e que abrangem respectivamente a 1.ª e a 2.ª *Enneada.* Ha um

É na obra do douto humanista italiano, — a primeira tentativa de coordenação da historia geral —, que se encontra a origem de certas opiniões, erroneas ou singulares, adoptadas pelo poeta; é tambem por meio della que melhor se comprehendem algumas passagens dos *Lusiadas* e se póde, em mais de um logar, restituir o texto á sua fórma primitiva.

Restringir-me-hei aqui ao mais importante, seguindo a ordem dos cantos e das estancias e começando por um ponto em que Sabellico só indirectamente intervém.

Em I, 53, 5–8, um dos moradores de Moçambique diz aos portuguêses que demandavam a India:

> Nos temos a lei certa que ensinou
> O claro descendente de Abrahão,
> Que agora tem do Mundo o senhorio:
> A mãy Hebrea teue & o pay Gentio.

Commentando a asserção contida no ultimo verso, diz Burton: «Some refer the couplet, wich I have purposely left doubtful, to El-Islam, then held to be a compound of Judaeism and Arab idolatry. Others see in it Mohammed, who claimed descent from Ishmael». Esta opinião, porém, é inadmissivel: «No Moslem would say that he was of Hebrew blood. His father, Abdullah, and his mother, Aminah, were pure Arabs, pagans of the Kuraysh tribe» (*Commentary,* II, 572) (1).

---

exemplar na Bibliotheca nacional e possue outro na sua selecta livraria o sr. Conselheiro Jayme Moniz.

Vale a pena transcrever aqui as seguintes palavras da dedicatoria á rainha D. Catharina: «Porq̃ me nã conheci por menos indigna do que sam pera fazer cousa de q̃ V. A. se seruisse, treladey pera as suas damas, de latim em lingoagẽ Portugues, hũa coronica geral, pera q̃ nã gastẽ tam bẽ auenturado tẽpo pera nos, como este em q̃ vossas altezas reynã, em ler fabulas, se nã verdades... Treladey eu, Senhora, a coronica de Sabelico, assi porq̃ he muy geral & chegou elle em cõtar ate o tempo dos reys vossos auos, & os q̃ apos elle acrecẽtarã, ate o de VV. AA., como porq̃ he bõ latino & os que o souberem lhes aproueitará cotejar o seu latim com a nossa lingoagem».

Todas as vezes que tenha de citar alguma passagem das duas primeiras *Enneadas,* servir-me-hei da versão portuguesa. O titulo desta é: *Coronica geral de Marco Antonio Cocio Sabelico des ho começo do mundo ate nosso tempo*... E no fim: *Acabouse a primeira eneida* (*sic*), etc.

A obra de Sabellico segue o chamado methodo synchronico e a 2.ª *Enneada* termina, na historia romana, em Coriolano.

(1) Burton tem neste assumpto uma auctoridade especial. Sabe-se

Não ha duvida que o poeta incorreu em erro, dizendo ser *hebrea* a mãe de Mafoma.

Vejamos comtudo o que se póde adduzir em seu abono.

Nas *Historiarum ab inclinato Romano Imperio... Decades* escreveu Biondo (ou, pelo menos, é o que ahi se lê): «Macometus quidam, ut aliqui, Arabs, ut alii volunt, Persa, fuit nobili ortus parente, deos gentium adorante, sed matrem Hebraicae gentis habuit Ismaelitam» (1).

Como se vê, este escriptor, a quem Langlois chama com razão «le premier des historiens modernes de la Rome antique» e «le premier (historien) qui ait conçu le moyen âge comme une époque distincte» (2), este escriptor, repito, ainda não sabia se Mahomet era persa ou arabe e, se no texto não ha alteração, diz que era filho de uma ismaelita de nação hebraica!

Veio depois Sabellico e reproduziu, com uma importante modificação na ultima parte, a passagem citada das *Decades* impressas: «Mahometus,... uir dubium Arabs an Persa, utrunque enim traditur, patre malorum daemonum cultore, matre Ismaëlita, & ob id Hebraicae legis non ignara» (E. VIII, l. 6, p. 532). Isto é: a mãe de Mahomet era ismaelita e, como tal, não desconhecia a religião hebraica (3).

---

que este erudito traductor e commentador dos *Lusiadas* foi um infatigavel e arrojadissimo viajante, entre cujas mais arriscadas proezas se conta a de uma peregrinação a Meca e a Medina, que elle realizou sob o disfarce de muçulmano da India. Vid. *Encyclopaedia Britannica*, XXVI, p. 482-483 (Edinburg, 1902).

(1) Decada 1.ª, l. 9.º, p. 123 (edição de Basilea, 1560). Sobre Flavio Biondo (1388-1463) veja-se *Il Quatrocento* de Rossi, p. 107-111. A 1.ª edição das *Decadas* é de 1483. O facto de estas só terem sido impressas vinte annos depois da morte do seu auctor torna possivel a hypothese de haver sido alterado o respectivo texto num ou noutro ponto.

Como curiosidade direi que Biondo se achava em Napoles em 1452 e ahi proferiu um discurso laudatorio por occasião da visita feita ao rei das Duas Sicilias pelos recem-casados Frederico 3.º, imperador da Allemanha, e D. Leonor, filha do nosso rei D. Duarte. Sobre as festas que por essa occasião se realizaram naquella cidade, veja-se o curiosissimo *Diario* de Valckenstein, reproduzido nas *Provas* da *Historia genealogica*, I, p. 601 e segg.

(2) *Manuel de Bibliographie historique*, p. 248-249 (Paris, 1901-1904).

(3) As *Enneades* de Sabellico começaram a publicar-se quinze annos depois de ter apparecido a 1.ª edição das *Decades* de Biondo, mas quando aquelle já contava 47 annos de edade. É portanto licito inferir que Sabellico conheceu ainda em manuscripto a obra de que tanto se aproveitou e que frequentes vezes copiou textualmente.

Seria neste sentido que o poeta, ampliando a phrase de Sabellico, disse que a mãe de Mafoma era hebrea?

Talvez; mas o que é certo é que João de Barros, numa passagem das *Decadas,* que o poeta leu, se exprime tambem por esta fórma: «(Mahamed) nasceu em Itrarip, lugar pequeno de Arabia. Seu pae (segundo dizem os Mouros) era de huma linhagem, a que elles chamam Corax e vem de Ismael, e havia nome Abedelá, Gentio; sua mãe Emina, a qual era Hebrea, ambos pessoas do povo, da creação dos quaes recebeu duas doutrinas, Gentilica e Hebrea» (1).

E o historiador português indica como sua fonte para a vida de Mohamed «alguns escriptores latinos», no numero dos quaes entra por certo Flavio Biondo, em cujas *Decades* leu que Mahomet era filho de uma ismaelita de nação hebraica.

João de Barros, porém, era sufficientemente illustrado para reproduzir integralmente esta asserção e porisso omittiria um dos dados que brigava com o outro, dando comtudo a preferencia precisamente ao que não era verdadeiro. E o poeta, que aliás conhecia a passagem em que Sabellico diz que a mãe de Mafoma era ismaelita, transcreveu o que encontrou em João de Barros.

Mas a inexactidão principal provirá de Biondo ou este teria escripto, não *Hebraicae gentis,* mas sim *Hebraicae religionis,* sendo a *correcção* feita posteriormente?

O texto de Sabellico, dada a dependencia em que está do de Biondo, auctoriza a segunda supposição (2).

E não seria de estranhar que um escriptor italiano do seculo XV dissesse que a mãe de Mafoma, embora ismaelita, isto é, de raça arabe, seguia a religião dos judeus. Fallando da religião da Arabia antes do apparecimento do mahometismo, diz Dozy: «Le mosaïsme attirait bien plus les Arabes.

---

(1) D. II, l. 10, c. 5 e 6. No final do c. 5 diz Barros: «Convém tratar do nascimento e secta de Mahamed, e esta relação será té sua morte segundo alguns escritores Latinos e o mais segundo o Tarigh dos Mouros, que he da vida dos Califas que o succederam».

(2) Todas as edições das *Decadas* que pude consultar trazem *Hebraicae gentis.* E na traducção italiana do resumo latino da obra, feito por Pio 2.º, lê-se tambem: «In questo tempo Maumeto (come vogliano alcuni) nato in Arabia o (come alcuni altri) in Persia, nato, dico, di nobili famiglia (il cui padre fu gentile, la madre hebrea & Ismaelita), essendo di acutissimo ingegno» etc. *Le Historie del Biondo... Ridotte in compendio da Papa Pio e tradotte per L. Fauno,* I, p. 58 (Veneza, 1543).

Un grand nombre de juifs, après l'échec de la révolte contre l'empereur Adrien, avait trouvé asile en Arabie et différentes tribus de ce pays avaient embrassé leur religion... Le mosaïsme fut même pendant un certain temps la religion d'état dans le royaume du Yémen» (1). E Burton, em seguida ao logar ha pouco transcripto, accrescenta: «The Hebrews (Simeonites?) were, however, powerful in the Moslem's Holy Land, and hence the vulgar report wich made the apostle's uncle a Jew».

Entrando agora mais propriamente no assumpto do presente capitulo, começarei por observar que o verso 7.º, ha pouco citado, de I, 53, é a traducção, pela boca de um muçulmano, das seguintes palavras de Sabellico, que precedem a passagem em que elle se refere á ascendencia de Mafoma: «(Arabiae) defectio magnum peperit humano generi incendium: inde seminarium illud malorum terris ortum, errore inextricabili, qui *mortalium partem multo maximam* in veri oblivionem adduxit».

Em III, 7, indicando os limites da Europa pelo lado do oriente, escreveu o poeta:

Da parte donde o dia vem nascendo
Com Asia se auizinha; mas o rio
Que dos montes Rifeios vay correndo
Na alagoa Meotis, curuo & frio,
As diuide, e o Mar que, fero & horrendo,
Vio dos Gregos o yrado senhorio,
Onde agora de Troia triumfante
Não vê mais que a memoria o nauegante.

Devo dizer que o epitheto *triumphante* do 7.º verso constituiu para mim, por bastante tempo, um enigma, que cheguei a suppôr indecifravel (2). Porque é que o poeta chama

(1) *Essai sur l'histoire de l'islamisme*, p. 14 (Leyde, 1879).

(2) O mesmo me aconteceu com a *petrina* de II, 36, 5, com os *roxos lirios* de II, 37, 4, e com o *se o não é, parece-o* de IV, 29, 5.

Como espero mostrar por meio da respectiva fonte, o poeta escreveu *Do alvo ventre* no primeiro caso, e *brancos lirios* no segundo.

Em IV, 29, 5, estou convencido que se trata de uma gralha. Camões, depois de ter dito que, nos grandes perigos, o temor é muitas vezes maior que o perigo, accrescenta que póde o temor não se mostrar, não *se parecer*, sendo este ultimo verbo empregado como em III, 141, 3.

Tambem creio acceitavel a conjectura de G. de Amorim, a respeito da substituição a fazer no *que é* do 7.º verso (I, 430).

triumphante a Troia? Pois não se refere elle, em III, 57, 4, a *Dardania, accesa por engano de Ulysses?* E não falla tambem em VI, 19, nos

> .... muros de Dardania,
> Destroidos despois da Grega insania?

E em VIII, 5, não diz que Ulysses

> ... la na Asia Troia insigne abrasa?

Foi em Sabellico que encontrei a solução desta difficuldade. O escriptor italiano, ao referir-se ás differentes opiniões a respeito da guerra de Troia, especifica a de Dião Chrysostomo, que se resume no seguinte: A guerra foi motivada pelo facto de os pretendentes gregos á mão de Helena levarem a mal que esta preferisse o estrangeiro Paris, com quem casou. Depois de uma luta porfiada, em que os gregos soffreram maiores perdas que os troianos, fez-se um tratado de paz, pelo qual aquelles se obrigaram a não fazer guerra á Asia, «em quanto a geraçã de Priamo possuisse

---

A meu ver, a estancia deve ler-se assim:

> Quantos rostos ali se vêm sem cor,
> Que ao coração acode o sangue amigo!
> Que, nos perigos grandes, o temor
> E' maior, muitas vezes, que o perigo.
> E se *não se parece*, *é* que o furor
> De offender ou vencer o duro immigo
> Faz não sentir *a* perda grande e rara
> Dos membros corporaes, da vida cara.

Tambem me occorreu a lição: *E se não o parece, é que,* mas julgo preferivel a que fica exposta.

Ainda a proposito da possibilidade ou, talvez melhor, probabilidade de haver tambem uma gralha em I, 55, 2: O *I* maiusculo de *indo* auctoriza a supposição de que o verso começava por esta palavra:

> Indo buscando o Hydaspe e terra ardente.

Cf. no *Palmeirim de Inglaterra*: «*Indo perguntando* a Palmeirim cujo filho era (I, 47); *indo* assim *enganando* o trabalho (I, 51); *vindo occupando* os olhos» (I, 58), etc. (Cito pela edição de 1852).

Phrigia». «E feyto cõcerto cõ estas cõdições, os gregos, por quam mal lhe socedera essa guerra, leuantarã logo discordias ãtrelles & cada hũ per desuiados caminhos tornarã a suas patrias» (T. I, 244) (1).

Na estancia 7.ª do canto III, a qual entrava no primitivo começo do poema, Camões fez-se echo desta opinião. Em III, 57, VI, 19 e VIII, 5, preferiu a versão tradicional, apesar do que contra ella diz Sabellico (2). Mas não se limitou a isto, pois em III, 140, 3, exprime-se como se, a respeito do rapto de Helena, adoptasse, não esta versão, mas a narrativa que Sabellico transcreve da obra apocrypha attribuida a um troiano —Dares Phrygio—, que teria tomado parte na guerra (3). «Este escreve q̃ Elena casou com Menellao & lha tomou Paris per força & elrey priamo ho tinha mãdado a Grecia, dizendolhe que, se Telamon lhe nã quisesse entregar sua hirmãa Hesiona, mandandolha pedir por embaixadores, que fizesse algũa injuria aos Gregos» (T. I, 245). Só em presença disto se comprehende bem o que o poeta tinha na mente ao referir-se em III, 140, aos

... que foram roubar a bella Elena.

Surge, porém, uma difficuldade. Se os gregos não conseguiram tomar Troia, se esta ficou *triumphante,* como se explica o *irado senhorio* do verso 6.º? Creio que o poeta escreveu, não *senhorio,* mas *poderio* (4). Assim o exige o contexto e é o que se infere da respectiva fonte. «(Diom) trabalha de persuadir os Illienses que nunca foy Troya destroida dos Gregos, nẽ Helena casou com Menelao, senão com Paris:

(1) Vid. *Dionis Chrysostomi Orationes* LXXX. Paris, 1606. A *oratio* XI (pag. 151-193) intitula-se *Troiana, aut de eo quod Ilium non sit captum.*

(2) «Desta roubada de Helena a hi muitas openiões excludidas: aquellas poeticas que Homero escreue, q̃ he toda enuolta ẽ fabulas: Herodoto & Diom prosiense & Dares phrigio se deuem com mais rezam de crer nisto» (T. I, p. 241).

(3) Sobre a *Historia de excidio Troiae* veja-se Teuffel-Schwabe, *Geschichte der Römischen Literatur,* 5.ª edição, § 471.

(4) Erro de imprensa ou *emenda* propositada? Se ás vezes é facil a distincção, outras vezes não ha motivos sufficientes para decidir. Mais alguns casos em que me parece foi alterado o texto do manuscripto: em II, 41, 7, creio deve ler-se *soltá-la* e não *segui-la;* em IV, 50, 1, *muitos* annos, e não *tantos* annos; em X, 12, 3, *o* mar, e não *ao* mar; em X, 128, 4, *parcelosos* e não *procellosos;* em VII, 80, 5, *a custo* e não *ás costas;* em VI, 87, 3, provavelmente *frescas flores,* e não *roxas flores;* etc.

&, porque muitos de Grecia a pediã em casamẽto & com elles Menelao hirmão Dagamenõ,... *indignados* de se antepoer hũ homẽ estrãgeiro a tãtos principes de Grecia neste matrimonio de Helena, por persuadimento dos Atridas fizeram os Gregos guerra a Priamo». E depois da recusa de entregar Helena, «*se ajũtou guerra de quasi toda Grecia contra Phrigia*» (T. I, 243). Frustrada a primeira tentativa de desembarque, «os gregos, lançados fora da praya,... se tornarã a tras & nauegarã a Cheronenso: & dali *per todo o mar, mais a maneira de cossairos que de guerreiros, roubarã alguũs lugares maritimos de Troya*».

Voltemos aos primeiros versos da estancia. Sabellico, de conformidade com um grande numero de escriptores, quer da antiguidade, quer do renascimento, considera o rio Tanais (Don) como o limite, pelo lado de nordeste, entre a Europa e a Asia. Mas, neste ponto, o poeta tinha tambem presente a seguinte passagem do tratado *De montibus, sylvis*, etc., de Boccaccio: «Tanais borealis est fluuius, ingenti cognitus fama. Ex Ripheis montibus sub arctoo prorumpens, praecipiti cursu tendit in Orientem et postquam diu oberravit, velocitate sua pugnans ne frigoribus cogatur in glaciem, in occiduum vertitur, multas Sarmatum atque Scytharum irrigans nationes, nec diu ante in meridiem mergitur quam a palude suscipiatur Meotide... Idem cursu suo Europa ab Asia separata in Pontum Euxinum... ingreditur» (1).

O poeta passa do nordeste a sudeste e designa por uma periphrase o Mar do Archipelago: é o mar que viu o irado poderio dos gregos no sitio onde agora só se veem as ruinas da cidade que elles debalde tentaram tomar (2).

É tambem Sabellico a fonte de III, 9:

> Aqui (3) dos Cytas grande quantidade
> Viuem, que antigamente grande guerra
> Tiueram, sobre a humana antiguidade,
> Cos que tinham entam a Egipcia terra.

---

(1) Este tratado, em fórma de diccionario, costuma vir junto ás edições das *Genealogiae*.

(2) Emquanto aos epithetos *fero* e *horrendo*, applicados a este mar, não é difficil justificar o poeta com passagens dos escriptores classicos. Veja-se, por exemplo, Horacio, *Odes*, l. II, 16, 2; l. III, 29, 63; Vergilio, *Eneida*, XII, 365; Ovidio, *Metamorphoses*, XI, 665. É sabida a violencia com que ahi sopram, por vezes, os etesios na epoca propria.

(3) O poeta refere-se ás regiões mais setentrionaes da Europa, onde ficam os montes Hyperboreos e os Rhipheos. Sobre as opiniões dos an-

Mas quem tam fora estava da verdade
(Já que o juizo humano tanto erra),
Pera que do mais certo se informara,
Ao campo Damasceno o perguntara.

«Scythia vay de Europa, cuja parte assina a quẽ do rio tanais, para a bãda do norte & do oriente, e se estende largamente a terras nã conhecidas. Da mão dereita vay ao mar ponto & a Asia e da outra estaa enxirida dos hõbros aos montes ripheos & dali se estende largamente pera oriente, tendo abraçado de pouco conhecidos termos muytas gentes... E pois venho a tratar destes reis (do Egypto e da Scythia), nã sera sem rezam falar da antiguidade delles & breuemente direy o q̃ disso achey. Vulgarmente hay fama d'antiga contẽda que estes dous reys & pouos tinhã qual era ho mais antigo. Os Egiptios queriam leuar esta palma, dizẽdo que a terra do Egipto era muyto temperada. As outras ou feruiã de quentura ou geauã de frio... Os scithas respondiam a isto que o temperamento do ceo nam era proua de mayor antiguidade... Com estas rezões defendiã cada hũ destes pouos sua antiguidade... Muyto mais verdadeiramente parece q̃ se pode afirmar que a terra que primeiro se pouoou estaa antre estas ambas: a qual he ho campo Damasceno & os lugares circũjeitos a elle. Esta foy a primeira terra que foy pouoada: & assi o mostra a sagrada scriptura, porque ho trato dessa terra... he liure dos dãnos que tẽ a do Egipto & a dos Scythas» (T. I, 13–15).

Passemos á estancia 10:

Agora nestas partes se nomea
A Lapia fria, a inculta Noroega,
Escandinauia Ilha, que se arrea
Das victorias que Italia nam lhe nega.

---

tigos a respeito da localização destes montes e da sua existencia ou não existencia, veja-se D'Arbois de Jubainville, *Les premiers habitants de l'Europe*, 2.ª edição, I, p. 232–241.

A periphrase empregada pelo poeta para designar os montes Rhipheos,

... aquelles onde sempre sopra Eolo
E co nome dos sopros se enobrecem,

provém destas palavras de Boccaccio (*De montibus*, etc.): «Rhiphei montes sunt Scythiae,... a perpetuo flatu ventorum nuncupati» (Edição de 1511, fl. 138). Boccaccio e com elle o poeta alludem á etymologia grega — ῥιφή — (*sopro*).

Aqui, em quanto as aguas nam refrea
O congelado inverno, se navega
Hum braço do Sarmatico Oceano
Pelo Brusio, Suecio & frio Dano.

A respeito da *Escandinavia ilha* o poeta leu em Sabellico o seguinte: «Fuit gens ipsa (trata-se dos Lombardos) ex Scandinauia oriunda. Est *insula* haec Germanici Oceani, in Codano sinu, quem Seuo mons nihilo Rypheis jugis minor uasto efficit circumacto, ad Cymbrorum usque promontorium extensum. Multae in eo insulae; Scandinauia omnium maxima, ac tantae magnitudinis, ut Hilleuionum gens quotam insulae portionem quingentis colat pagis; caetera magnitudo incomperta, quae quanta sit uel ex eo potest intelligi, quod accolae alterum orbem terrarum uocant» (1). Quer dizer: a Escandinavia, para o historiador italiano, é uma ilha muitissimo grande do archipelago chamado hoje dinamarquês.

As palavras

.... que se arrea
Das victorias que Italia nam lhe nega,

alludem genericamente, segundo W. Storck, ás lutas entre Roma e os Germanos: «Gemeint sind Roms Kämpfe mit den Germanen überhaupt» (*Die Lusiaden,* p. 394).

Vemos, porém, por Sabellico que o poeta se quer referir ao estabelecimento dos Lombardos na Italia.

E esta não nega, antes reconhece pela boca de um de seus filhos — o auctor das *Enneadas* —, as victorias que a longinqua *ilha* então obteve e de que tem direito a gloriar-se.

Eis o que elle diz, antes da passagem que acabo de reproduzir: «Non deerit, credo, pretium operae si hic, priusquam Longobardorum in Italiam accessus referatur, paululum in vetustate gentis explicanda immorabimur, ut qui hominum fuerint sciri possit, qui tunc Alboini ductu *terram omnium nobilissimam occuparunt, occupatam ducentos & amplius annos tenuerunt*» (2).

---

(1) E. 8.ª, l. 5.º, p. 510. A fonte de Sabellico é Plinio, *Naturalis Historia*, l. IV, cap. 13.

(2) Na *En.* 7.ª, l. 1, p. 240, lê-se: «Satis constat quicquid terrae intra Alpes iacet & Apenninum Umbrorum olim fuisse, qui inde a Tyrrhenis sint eiecti; Tyrrheni a Gallis, Galli a Romanis, Romani a Longobardis, qui postremo nomen ipsi terrae indiderunt». E na *En.* 8.ª, l. 5, p. 515, a

Os dois primeiros versos da estancia 10.ª não se ligam bem, quer com o pensamento principal da estancia anterior, quer com o verso que se lhes segue. O presente *viuem* de 9, 1, e o *agora* de 10, 1, se não são antagonicos, tambem não se acham em perfeita harmonia. Por outro lado, a *Scandinauia ilha,* além da falta do nexo grammatical com o verso anterior, não se coaduna com a referencia á Lapia e á Noruega, a qual já suppõe noções mais exactas e mais precisas a respeito desta região.

Mais ainda. Esta referencia ultrapassa o horizonte geographico, quer de Boccaccio, quer de Sabellico, dentro do qual o poeta se mantém, ao fazer a descripção do norte da Europa (1).

Esse horizonte coincide com o das cartas que costumam acompanhar as antigas edições da *Geographia* de Ptolemeu. É o mesmo que se encontra na *tabula* 1, *b*, *Ptolemaei orbis*, do bem conhecido *Atlas antiquus* de Perthes.

Ao norte da Germania e da Sarmacia (Scythia) da Europa, não longe dos montes Rhipheus e a oeste dos Hyperboreos, estende-se um grande mar, em que avultam uma ilha (Scandia, Scandinavia) e uma peninsula (a actual Jutlandia). É o *Mar Septentrional* de Boccacio: «Ultra (montes Ripheios) iacet ora quae spectat ad oceanum aquilonarem, pars mundi

---

proposito da invasão dos Lombardos: «Nulla unquam maiore clade Italia concussa est».

Nas *Rerum Venetarum... Decades* diz tambem Sabellico, referindo-se ao mesmo povo: «Ex Scandinauia, Germanici Oceani insula, gens ipsa oriunda dicitur... Procedente tempore... in Panoniam uenere; hinc... in Italiam irrupere, ubi eorum opes eousque creuerunt, ut annos ducentos et amplius in ipsa terra rerum sint potiti» (*Dec.* 1.ª, l. 1.º).

(1) Embora a Escandinavia appareça já como peninsula em uma carta-portulano do seculo XIV, ainda no seculo XVI havia auctorizados geographos que a consideravam como ilha. Sobre aquella carta diz R. Beazley no seu monumental trabalho *The dawn of modern geography*, III, 518-519 (Oxford, 1906): «Of far more complete scope and of far more perfect workmanship is the admirable... portolano-map left us by «Iohn, rector of St. Mark in the Gate of Genoa», a personage probably identical with that Giovanini da *Carignagno,* who... dies in 1344... Scandinavia... is shown as a peninsula, for the first time in existing cartography». Dos tratados de geographia do seculo XVI citarei apenas o *Cosmographicus liber* do afamado Apiano (edição de Gemma Phrysio, Antuerpia, 1533), fl. 49. Na *Geographia di C. Tolomeo .. nuovamente tradotta di Greco* (Veneza, 1561), G. Ruscelli julga-se ainda obrigado a corrigir o antigo erro: «Quella (falla das ilhas proximas da Germania) che Pomponio chiama Cadanonia & Plinio Scandinauia & noi Scandia, non è isola, ma peninsola grande» (p. 118).

a natura rerum dãnata et densa demersa caligine «(*De montibus*, etc., fl. 138). É o *Mar Scythico* de Sabellico, que nas costas da Polonia, da Prussia e da Lithuania se chamava dantes *Oceano Sarmatico* e depois recebeu o nome de Baltico, e se liga com o Mar Germanico (Mar do Norte): «Balteum mare nunc quod Sarmaticus olim fuit oceanus... Intra Scythicum oceanum & Germanicum Balteum mare constituunt recentes. Scythicus oceanus a Scythia est, cujus septentrionalior pars Almachium dicitur ab Hecateo, quod Scythica sonet lingua congelatum. Philemon Morimarusam a Cimbris uocari, prodidit, hoc est, mortuum mare. Id secuti nostrorum quidam glacialem uocant oceanum, insolubili glacie concretum» (*En.* 10, l. 4, p. 923-924).

Tudo isto me leva a suppôr que em III, 10, 1-2, houve uma alteração do primitivo texto, que poderia ter sido escripto assim:

> *Para lá d*estas partes se nomea
> *O Mar Gelado, onde ninguem nauega,*
> *E a* Escandinauia ilha, etc.

E a substituição poderia ter sido motivada pela seguinte passagem da 3.ª decada de Barros, publicada em 1563: «A Europa,... começando da ilha Cález,... vae torneada & cingida do mar occidental & despois q̃ chega ao cabo de fijs terra, corre ao norte até chegar ás regiões & reino Dinamarcha, & des i faz a grande enseada, a que chamão mar Balteo entre a Sarmacia & Norduegia, com o mais que se vae continuando com a terra Laponia & a outra regelada, a nos incognita» (L. 2, cap. 7) (1).

---

(1) É tambem possivel que em 10, 8, se lesse primitivamente *Suevo* e não *Suecio*. Com effeito, Tacito e outros escriptores faziam chegar os Suevos até a costa do Baltico (d'ahi o nome que tambem lhe foi dado de *Mare suevicum*): «Ueber ihre Ausbreitung und Wohnsitze herrschten sehr verschiedene Meinungen, die jedoch alle darin übereinstimmen dass suevische Stämme die grössere Hälfte von ganzen Germanien bewohnten. Tacitus *Germ.* 2 u. 5 nennt das ganze östliche Germanien von der Donau bis zur Ostsee (an welcher auch Nepos bei Plin. II, 67, u. Mela, III, 5, 8, Sueven wohnen lassen) *Suevia*». Pauly, *Real-Encyclopädie*, 6, 2.ª parte, p. 1480.

Nesta hypothese o poeta, no verso citado, mencionaria, de leste para oeste, os povos que circumdavam a costa, para elle conhecida, do Baltico. Nem deve causar estranheza o anachronismo resultante da inclusão dos Suevos entre os Brusios e os Danos. Basta recordar os Pannonios da estancia seguinte (11, 6).

Em III, 11, 3-4, diz-se que

.... na montanha
Hircinia os Marcomanos são Polonios.

Ora em Sabellico leu o poeta que os Marcomannos eram de raça germanica. Basta citar esta passagem, relativa ao tempo de Marco Aurelio: «Marcomanni facti sunt hostes, gens Germanica, Quadis uicina...» (*En.* 7.ª, l. 4.º, p. 317). A respeito da raça dos polacos, o que ahi se diz é que elles eram sármatas: «Moravos & Sarmatas, qui Poloni sunt hodie», etc. (*En.* 10.ª, l. 4, p. 922).

Que escreveria então Camões? Poucas linhas depois destas palavras, prosegue Sabellico: «Masouitae, aut ut quidam scribunt, Massagethae, Poloniae regi parent... Inter Liuoniam accolunt & Pruteniam, siue Prusiam. Itinere unius diei Hercinia sylua totam percurrit Poloniam, panditurque latius circa Cracouiam, regiam urbem... *Masouitae sunt & Poloni*» (p. 923-924).

O poeta não fez mais do que traduzir estas ultimas palavras. E se pudesse ainda subsistir qualquer duvida, esta desappareceria com a referencia que faz Sabellico, aliás inexactamente, á *Silva Hercynia,* que, como é sabido, não chegava tão longe (1).

Em III, 19, 1, especifica-se, como uma das nações que habitám a Peninsula,

... o Tarragones, que se fez claro
Sojeitando Parténope inquieta.

W. Storck commenta: «Alfons V von Aragonien ist gemeint... — Warum ihn Camoens den Tarragonen nennt, weiss ich nicht zu sagen» (*Die Lusiaden,* p. 395).

A referencia, porém, é mais propriamente ao povo aragonès, do que ao reì que conquistou Napoles. E, antes de empregar a palavra, leu o poeta em Sabellico: «Magna & in

(1) Tambem o poeta não foi feliz, vertendo aqui *silva* por *montanha,* apesar de Sabellico dizer: «Aiunt Poloniae nomen a Pola esse, quae vox planitiem significet; plana est plurimum regio» (Ibid., p. 922). A traducção seria mais exacta, se se tratasse das regiões que a floresta Hercynia effectivamente cobria.

Hispania rerum & nominum, immutatio facta est. Quae enim Bethica fuit in Granatae nomen abiit... Tarraconensis in Catalauniam & Aragoniam abiit» (*En.* 10.ª, l. 8.º, p. 1012).

Em III, 60, 3-4, diz-se que Lisboa

> Aa grande força nunca obedeceo
> Dos frios pouos Sciticos ousados.

Foi tambem nas *Enneades* que o poeta encontrou a seguinte noticia, a proposito da invasão da Espanha pelos alanos, vandalos e suevos: «Tum vero multiplex clades est omne Hispanum nomen adorta, foedaque hominum & rerum strages secuta, quicquid a Pyrenaeo ad Oceanum patet soli in praedam & populationem abiit... Olisiponenses Oceani accolae sibi auro pacem redemerunt, ne urbs ab ea gente circumsessa maiorem aliquam adiret cladem» (*En.* 7.ª, l. 9.º, p. 418). E esta informação colheu-a Sabellico em Biondo: «Secundum Tagi amnis fluenta ad Atlanticum descenderunt, nec prius quam ad Olysiponis moenia consedere; non tamen sunt potiti, sed pecunia per pactionem accepta abscessere duxereque quo furor eos aut praedae spes certior attrahebat» (*Dec.* 1.ª, l. 1.º, p. 13).

(Continúa). DR. JOSÉ MARIA RODRIGUES.

ANTELOQUIO DO LIVRO
A VIDA MENTAL PORTUGUEZA

Eu não sei se ajustam bem ao titulo d'este livro as paginas aventureiras que o teceram.

Provavelmente não.

Prender num só aro a causa vária da mentalidade de um povo, se é fito possivel, pendemos a crer que o não alcançassemos, na preferencia d'aquelle titulo.

Tambem, a bem dizer, não o tentamos. Procuramos um ponto de apoio, sobretudo um ponto de partida.

D'este ponto seguiu a Idéa psychologica, um tanto livre e incuidada na sua derrota, a marcar o mais das tonalidades caprichosas dos homens e factos contemporaneos, as baixas e altas marés da mentalidade portugueza.

Conseguir-se-ia o fim d'esta jornada?

Cremos que sim, em parte.

Dando de todo as velas a tal pensamento começámos pela Arte, tratando-lhe os prejuizos, e offerecendo numa exemplificação precisa a figura de Camillo, como a mais ajustada a bater o erro positivista, pela alta individualidade que foi e valeu de encontro á litteratura official ou militante.

E a razão dos primeiros capitulos d'este livro, por ventura os que mais sentimos e cuidamos, de tal fórma vae ajustando ao plano e execução geral do estudo, que invariavelmente seguimos com os methodos ahi usados, na versão das mais figuras e successos, que a obra extrema.

Contrariamente aos processos correntes, inclinamo-nos á particularidade e á miudeza.

E por estas alcançamos a cambiante mental do espirito portuguez, no que podiam refrangel-a as figuras e casos vários que a obra enlaça.

Aquella resultante poderá parecer uma illação custosa e mal atida a poucos factos, inquinada, portanto, de multiplices defeitos.

Será assim. Entretanto vale por mais verdadeira ou seja como mais proxima, na casuistica que verte.

Tratam-se de parceria rôxos e vermelhos, figuras sem côr, espiritos alheios a empecilharem no successo da rua, os idolos da multidão, ainda aquelles que todos applaudem, poucos lêem, e menos comprehendem, todas as figuras, emfim, que na jornada portugueza podiam ser agentes de um pensamento lançado a dirigir e entregue á selecção do tempo.

E ainda com este inquerito a todos os crédos, segue parallelamente o estudo do meio, onde demos entrada ao problemismo moral, educativo, economico e politico, em capitulo especial: — *A mentalidade portugueza.*

Tambem foi versado o Jornalismo, e mal podia deixar de sel-o, pois importa uma das maiores forças do tempo, figurando de sonometro na vida publica, mal regulada.

Ha no assumpto verdades tristes. Entretanto, terminamos archivando esperanças e bons serviços, á conta das ultimas campanhas, que bem aferem da vida superior de alguns jornalistas, e devem ser ponto de sahida a ulteriores e sequentes jornadas.

Importa insistir.

Emquanto a imprensa extrangeira, alheada dos principios da mais rudimentar humanidade, se dava a espalhar remoques e injurias sobre a nacionalidade portugueza, á tristissima opportunidade do brio portuguez em descida, o nosso jornalismo batia-se no mesmo campo de perseguição em que a vida official o fechara, e redimia a isenção e sacrificios velhas cumplicidades e a desorientação passada.

*

Emfim, de entre os prejuizos accumulados pelo tempo numa sociedade facil, como tem sido a nossa, destacam os melhores elementos de renascimento, que importa aproveitar numa tentativa de differenciação de nucleos, familias politicas, e espiritos approximados, — tudo grupado segundo as affinidades mentaes e os mais perduraveis laços affectivos.

Tambem foi este um dos pensamentos que superintenderam neste livro.

Quanto a urdidura melhormente decidirá nella quem de animo sereno ler e cotejar com aquelle pensamento as paginas diversas que vae ler.

Se valerem tal canceira.

Finalmente importa prevenir uma eventualidade porque já pagamos: — a de que nos alcunhem de libertario, em commento de qualquer pagina mais ensombrada (1).

Se os capitulos que o leitor vae seguir resumarem, num ou outro traço tristeza excessiva, não nos inculpe de tal delicto. Cremos que o facto advem da mesma circumstancia de versarem a causa humana no que ella tem de peor — a vida mental.

Mas qualquer outra explicação relevámos.

Póde esta ser a nossa indole e sentir intimo, qualquer circumstancia de momento, a propria influição d'este retalho de paisagem, de onde escrevemos, abundante em nevoa e sombras, e tão de geito a lembrar que vemos a vida por lentes esfumadas...

Tudo admittimos, uma vez que nos concedam os melhores intuitos de verdade na urdidura facil d'este livro a que rendemos as mais serenas e sentidas horas.

---

(1) Um dos mais importantes jornaes portuguezes de entre os avançados — *O Mundo*, alludindo com palavras de benevolo acolhimento a um dos ultimos trabalhos do Auctor, *A Moral na Religião e na Arte*, diz que este opusculo, «a despeito da um certo pruído orthodoxo, consegue irmanar na obra libertaria d'este fim de vida».

E insiste: «Faz-se de facto no brilhante opusculo a apologia da missão; destaca ahi a vantagem historica d'um predominio que enraiza no passado o valor da moral na seita. Mas no fim de tudo que conclue o escriptor? Que a moral da arte é uma mentira e a moral religiosa é uma tentativa fallida. Quer dizer depara-se-nos, sobretudo em demolidor, um libertario o appellidamos e bem. Demolir para construir depois parece o seu fim e deve ter sido o seu proposito. D'ahi a irritação com que embate contra a vida publica de hoje, o traço com que estigmatisa a moral da arte; finalmente, escravo d'esta, é curioso ver como, talvez sem dar por isso, lhe faz a apologia, saudando nos trabalhos do seu adorado Camillo, outro demolidor, a mais artistica das nossas obras. Aquelle escriptor, note-se, é o mesmo que no opusculo lhe merece o titulo de arbitro supremo na discutida arte. E que o não fizesse, lel-o é ver quão cuidado é o seu processo de dizer — processo que soube seleccionar em obras que podiam ter ou não ter moral, mas que tinham necessariamente uma grande fórma, aquella mesma que tão brilhantemente caracterisa o opusculo da primeira á ultima pagina. Emfim, oxalá que corrigida a má vontade do nosso escriptor, para com a sociedade que ás vezes bem injustamente maltrata, elle se dê a futuros trabalhos em que de novo faça destacar ao lado da sua bagagem erudita o seu fino processo de critica e fórma».

(Do *Mundo*, 5 de fevereiro de 1906).

O JORNALISMO

Entre nós não é o leitor quem inspira a vida jornalistica. O leitor só a paga. É o jornalista quem determina e explora a leitura, quem orienta ou desorienta a vida social pelas opiniões que versa e impõe.

Assim, em regra, idéas acanhadas, e para mais servidas por espiritos vedados ao motivo social da vida portugueza, — são tambem uma causa da desordem moral que temos consignado, bem que isto pese aos poucos que importa differenciar.

Vimos já do poder de adaptação da gente portugueza. O mesmo foi que explicar o vaivem da opinião, sempre calma e tolerante, ao proposito dos motivos mais desencontrados e oppostos. É a lei de todos os povos fracos.

É muito especialmente a nossa lei.

Obedecemos por costume e commodismo, por preguiça, educação e indole. Por indole, sobretudo.

Assim é que, se, de facto, os jornalistas se impuzessem a tarefa de uma evangelização superior, os milhares de leitores que Portugal conta, apesar do analphabetismo que domina, lançar-se-iam na corrente da imprensa, de tal fórma orientada, em beneficio de uma redemptora modificação de ambiente.

Mas tal não succede.

Da mesma fórma, se o commum dos leitores gosasse de uma vontade bem educada e alheia a suggestões de rhetorica, em serviço de themas superficiaes ou absurdos, tambem melhormente o jornalismo teria de conduzir-se.

Mas tambem isto se não dá.

Excepcionalmente as empresas jornalisticas, começaram, a partir de ha poucos annos, a chamar á imprensa diaria escriptores já consagrados.

Tentaram-no a medo.

Tinha-se accordado em que os jornaes eram orgãos das familias politicas, em que Portugal se dividira, e este accordo era de molde a vedar ás empresas um convite, que reputavam perigoso.

Os primeiros a romper com o preconceito foram os diarios inculcados como independentes, — que numa grande incer-

teza de interesses jogaram a novidade a mesquinhos ordenados.

Houve sempre um chronista no jornal, a quem se exigiam mais cuidados, conhecimentos litterarios e portanto uma certa cultura geral; mas a nota dominante foi sempre a miudeza na reportagem, á conta do melhor esclarecimento, no que pudesse entender com a predilecção leveira do publico por educar.

E aquelles mesmos a quem exigiam serviço mais cuidado, não podiam furtar-se ao ambiente dominante, presos ainda á idéa de conquistarem o grande numero de ledores, razão porque se desobrigavam, chalaceando burlescamente, ou prendendo dos successos mais notorios phrases ocas de problematica moral.

Os chamados jornalistas de talento foram aquelles, que ao serviço de uma idéa sectarista, ou ainda de um homem publico embrenhado no mais porfiado intento politico, faziam da penna alavanca de governo e por ella ergueram ou alijaram ministerios.

Foram d'isto exemplo Sampaio e Teixeira de Vasconcellos e, em dias mais chegados, Navarro e Marianno de Carvalho.

Não ha duvida de que os jornaes portuguezes tem evolucionado em bem. Mas muito lentamente. Litterariamente superiores aos passados, deixam, entretanto, muito a desejar sob o pontó de vista da finalidade doutrinaria que mais devia encaminhal-os.

Vingam ainda principalmente como fonte de receita. Amoedou-se a idéa, á conta de uma profissão indevidamente escancarada a todos os indisciplinados que a ousam.

E, assim, tornou-se vazadouro de uma classe de gente de meia instrucção, em regra incapaz de semear principios que sirvam a orientar, e que afinal vêem tentar para o jornal um apprendizado de vida opportuna, á conta de uma melhoria de situação pessoal. Este opportunismo vaza, quasi sempre, na circumstancialidade politica, que simultaneamente serve de bordão e mascara. Depois, a pouco e pouco, a incompetencia alçada até á força do jornal, que é muitas vezes o clarim de centenas de leitores, pregoa, de animo lasso á Idiotia que applaude e paga, tudo o que o momento suggere: — a verrina, a insinuação, os casos de familia, a disputa politica condimentada a brejeirice saloia, tudo emfim o que póde magoar, mas render.

É que a commentar o caso vale bem a observação de Comte: a força sem a auctoridade é o que ha de peor.

Demais, tambem, em regra, os improvisados no jornalismo são creaturas açodadas por uma complicação de vida que os torna infelizes e em geral impertinentes.

Quando menos de tal infelicidade e impertinencia temperam os escriptos, commentos de vinte e quatro horas, aos casos e homens da occasião.

Claramente que é aos mais salientes que fitam, e no balanço feito entre a situação propria e a felicidade alheia, contrapesa o resentimento pessoal, a que a inferioridade mental não sabe reagir.

E quando o jornalista d'aquella fórma tirocinado se revela com talento, peor ainda.

Então é um triumphador a seu modo. Chega a tudo, pois em tudo desdobra aquella indole, pessimamente creada e amplamente garantida.

Do facto tem resultado, que dentre as dezenas de jornalistas, que em nome da Liberdade e para ella se dizem creados, — rarissimos juntaram ao talento a primeira condição da sua obra messianica — a independencia pessoal. E d'ahi tambem a idéa que tem lavrado, de ser o jornalismo uma força pessima e as redacções sociedades de interesse.

Já o ultramontano Veillot promovia querella, creio que no livro *Les libres panseurs,* contra os diarios, á conta do que elle bem appellidava *as questões lateraes.*

Estas questões são em França, e tambem entre nós, embora em menor escala, a causa das parcialidades commerciaes, os alarmes de bolsa, o credito ou descredito negociados das industrias, a questão vinicola do sul contra o norte, ou do norte contra o sul, etc.

Isto no que respeita á exploração clandestina.

Ha outra exploração de lucro constante e que melhormente tem servido os jornaes, pelo meio a que se destinam entre nós.

É a exploração da pasmaceira pelo escandalo do dia, bem descripto e até illustrado nos jornaes da primeira hora, em serviço de informação a este soalheiro de indolencia e sentimentalismo nacional.

Ahi se tem feito o alarde de toda a miudeza ridicula, e quando esta tem faltado ao successo, a reportagem invencioneira jámais deixou de imaginal-a para o caso de a fazer valer no estipendio da miseria impressa.

Tristissima vida! mau grado ser lucrativa e celebre.

Quando foi do porfiado *Caso das Trinas,* Fialho d'Almeida versou bem esta fórma particular de jornalismo, em que

dois dos mais lidos diarios de Lisboa se deram á traficar com a infelicidade de uma pobre rapariga, á conta do seu desfloramento e morte, entregues aos tribunaes.

Era de ver a maneira porque um particularisava o successo do desfloramento, que não tivera testemunhas, para pendurar ao rosario dos odiados *Jesuitas,* um novo medalhão de infamia; do mesmo passo que o outro desdobrava tambem hypotheses, futilezas e sophismas, com destino a baralhar a questão e salvar os padres; culpava o tutor da desflorada e aventava circumstancias emmaranhadas de conhecimentos ultra-scientificos para agradar á gente do bom tom, feita paladina dos *bons e maus successos* ecclesiasticos (1). Uma boa miseria...

Taes os processos que têem confluido á vida portugueza, por parte de grande numero de diarios, e que com outros elementos de desordem, tambem já elucidados, determinaram o presente estado.

A relação de dependencia entre esta imprensa e a politica, explica a baixa parallela das duas forças que um interesse mal encaminhado enlaçou.

Por estes processos têem especialmente seguido aquelles à quem a falta de escrupulos deu ainda força para as mais notorias campanhas.

Ainda os de menos talento têem sido bem aproveitados. Demais taxou-se que a obra politica prescindisse de qualidades superiores, para attentar na condicionalidade aventureira das formas opportunas, e assim foi alargado o ambito do recrutamento a effectuar.

A vontade ambiciosa, alcatruzada pela necessidade occasional, num meio de subserviencia, tem dado a todos garantia de boa jornada, no que importa a tal fórma de seguir.

Infelizes tempos, diria ainda Veillot, que tão legitimas tornam as aspirações dos tolos!

*

O crime das classes médias tem sido a comparsaria d'esta

(1) Importa esclarecer que qualquer dos diarios a que alludimos soffreu já transformações importantes, passando um d'elles, pelo menos, a nova Empresa, depois da data d'aquelles successos.

vida desorientada, numa declinação censuravel; e de todo o ponto impossivel.

Os interesses moraes cederam o passo ao *utilitarismo* mais desenfreado.

Vingaram os empenhos amoraes, que não os intentos superiores.

Na enxurrada da opinião a custo têem destacado os raros que se propuzeram valer pelo grito irreverente de uma vida á parte, com os olhos no futuro.

Este futuro parece longe aos mais desalentados.

É que a historia do homem, nas multiplices sinuosidades que patenteia, não raro instrue os mais inesperados ou illogicos regressos.

Depois, ha ainda para justificar taes desalentos o caso da Europa, quer em conjuncto, quer na vida particular dos aggregados em que se reparte.

Ainda mais, é na imprensa extrangeira que melhormente podemos ver das miserias moraes, que agitam os povos considerados cultos.

Aos fitos materiaes acodem as attenções das Empresas. E mercê de taes intentos corresponde sempre ao meio maior, uma peoração de jornalismo, que bem inculca a lassidão do mesmo meio.

Sempre o mais notorio egoismo.

Assim as questões externas, as mais escrupulosas de versar, e ás quaes era devida uma indispensavel isenção, — instruem, pelo contrario, a mais patente e vergonhosa deshumanidade.

O facto recente da dictadura portugueza deu campo a tal desorientação. Era de ver o empenho da imprensa extrangeira, e mórmente da que se inculca o sonometro dos povos mais civilisados a encarecer as virtudes do nosso regresso ao despotismo!

E sempre assim procede.

A imprensa ingleza, por exemplo, incompativel com a menor quebra de liberdades proprias, remotamente conquistadas, achou naturalissima a dictadura portugueza, e do mesmo passo applaude e serve o absolutismo russo, o regimen turco e todo e qualquer arbitrio, que, por mais deshumano exceptue das suas malhas o povo britannico.

Da França e demais nações outro tanto póde dizer-se. E comtudo é ainda a Europa que, suppondo-se carreada por principios humanitarios, por ter alijado as manhas e tam-

bem as virtudes antigas, se dá a encarecer progressos ruidosos, pregoando civilização e paz!

Emfim, morosissima vae sendo a jornada do homem, para o alvo da sua perfeição moral, e consequentemente tambem morosa continúa sendo a travessia dos aggregados sociaes, no que importa a isenção e finalidade superiores.
Assim a Imprensa, um tanto logica com estes estados, caminha, em regra, á mercê dos successos, amoedando opiniões e commentarios, e explorando o tempo.
É que todos os defeitos do homem, typo no aggregado, se desdobram e estampam no conjuncto a que a sociabilidade o chama. A vida do jornalismo é erro parallelo d'este estado.

*

E entretanto não póde negar-se que na consciencia portugueza a Imprensa accendeu ultimamente a boa luz da dignidade civica, que uma aventura politica conseguira apagar em parte, mercê da triste cumplicidade dos titans mercenarios d'áquem e álem dos Pyrenéos.
É que da boa dezena de espiritos que nas Empresas jornalisticas foge á dependencia de que vimos fallando, partiu o grito austero da revolta na hora em que a dignidade não podia calar e a nullidade tinha de regeitar-se á arena estreita da vida subalterna.
Em competencia com o jornalismo de fóra cumpriu a Imprensa portugueza o sopesante mas compensador dever de affirmar a opinião honesta, contra todos os entraves officiaes, na guerra aberta a que o despotismo a réptara.
A rudeza do ataque de cima deu alentos aos que de baixo jogavam felinamente o melhor das suas forças em que interessavam o destino de cinco milhões de creaturas.
Por fim a alma portugueza teve de lamentar o epilogo de sangue que a fatalidade poz no incidente historico. Não o queria a Nação, certa como era da nobreza da causa porque luctava, e de todo extranha ao processo tristemente summario de tal liquidação.
Entretanto, a tensão de animo que melhormente animava o combate e mais amadurecera a solução do problema, deve-se á Imprensa que accordou a tempo, em bem da Nacionalidade, amesquinhada ao ultimo vexame.

Seria este esforço o primeiro vôo d'uma ascensão melhor? É cedo para affirmal-o.

Entretanto archive-se o acontecimento e inclinemo-nos antes as pennas auctorizadas que desbravaram o mattagoso terreno. Viu-se o que o jornalismo valia e como atravez das mediocridades que têem occupado a Imprensa, destacava a guarda avançada dos jornalistas conscientes, sabedores dos talentos e honestidade proprios, e bem de molde a baterem-se e a triumpharem.

Oxalá estes não abandonem as posições tomadas, em beneficio das antigas mediocridades aventureiras, pois muito ha a esperar da sua effectividade na Imprensa, no que interessa á educação civica da gente portugueza, tão cabida e opportuna no momento.

É tempo de intervirem.

VISCONDE DE VILLA-MOURA.

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

O INSTITUTO

REVISTA SCIENTIFICA E LITTERARIA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — Rua do Infante D. Augusto, 44 — COIMBRA.

Propriedade e edição da Sociedade scientifica — O INSTITUTO de Coimbra

DIRECTOR
DR. BERNARDINO MACHADO
Presidente do INSTITUTO

Composto e impresso na IMPRENSA DA UNIVERSIDADE.

SCIENCIAS PHYSICO-MATHEMATICAS

LES MATHÉMATIQUES EN PORTUGAL

(Cont. do n.os 1 e 2, pag. 37)

[r4 14] — * — *Taboa da differença dos meridianos dos logares principaes da terra relativamente ao Observatorio da Universidade de Coimbra com as suas latitudes ou alturas do polo. Taboa cosmographica dos portos, cabos, ilhas e logares das costas maritimas do Orbe terraqueo, com as latitudes e longitudes contadas do meridiano de Coimbra* (Sans fronstispice).

[r4 14] — EUSEBIO DA VEIGA — *Taboas perpetuas e immudaveis, ordenadas na forma com que se explicam no Planetario lusitano, para o uso mais commodo e praxe mais facil dos seus problemas.*

[r4 14] — FRANCISCO ANTONIO — *Taboadas perpetuas e immudaveis,* etc. Lisboa, Officina de J. Antonio da Costa, 1765.

[r4 14] — EUSEBIO DA VEIGA — *Effemeredi romane... per l'anno 1785,* Roma, 1784 (Effemeridi litter. di Roma, XIV, 81–82).

[r[4] 14] — Eusebio da Veiga — *Tavole dell' Effemeridi romane per l'anno 1786,* Roma, 1785 (Effemeridi litter. di Roma, xv, 17-18); Ibid., 1787, Roma, 1786 (Ibid., xvi, 25-26); Ibid., 1788, Roma, 1787 (Ibid., xvii, p. 33); Ibid., 1789, Roma, 1788 (Ibid., xviii, p. 65); Ibid., 1790, Roma, 1789 (Ibid., xix, 73-75); Ibid., 1791, Roma, 1790 (Ibid., xx, 41-43); Ibid., 1792, Roma, 1791 (Ibid., xxi, 41-42); Ibid., 1794, Roma, 1793 (Ibid., xxiii, 193-194); Ibid., 1795, Roma, 1794 (Ibid., xxiv, p. 113).

[r[4] 14] — * — *Ephemerides nauticas, ou diario astronomico para o meridiano de Lisboa* (1), Lisboa, Typographia da Academia real das sciencias, 1788 e seguintes.

Cette publication faite par l'Académie des sciences de Lisbonne, a commencé en 1788.

À cette époque-là, le méridien de Lisbonne était celui qui passait par l'Observatoire de l'Académie des sciences (2) et qui était à 9° 9' à l'ouest de Greenwich.

À partir de 1799, jusqu'à 1863, ces éphémérides ne furent plus dressées par l'Académie des sciences, mais par l'Observatoire astronomique de la marine, par celui annexé à l'Ecole polytechnique, etc., les calculs étant faits par rapport à divers méridiens.

[r[4] 14] — J. Militão da Matta — *Taboas de reducção para conhecer facilmente a differença de latitude e apartamento do meridiano, que se obtem com qualquer derrota,* Lisboa, 1800, 1803, 1807.

[r[4] 14] — * — *Taboas auxiliares nos usos das ephemerides*

---

(1) Les savants qui ont calculé ces éphémérides, sont: C. Gomes Villas Boas (1789-1795), J. M. Dantas Pereira (1796-1798), Damoiseau de Monfort (1799-1809), A. Diniz do Couto Valente (1820-1835), M. Valente do Couto (1836-1863), ce dernier ayant déjà composé les éphémérides relatives à l'année 1826 et collaboré à celles de 1827 à 1835. De 1809 jusqu'à 1819 la publication des éphémérides a été interrompue.

(2) La latitude de cet observatoire est 38° 42' 42" nord.

nauticas e astronomicas, Lisboa, Typographia da Academia real das sciencias, 1800, 1815.

[r[4] 14] — J. Monteiro da Rocha — *Taboada nautica para o calculo das longitudes,* offerecida á «Sociedade real maritima». Gravada em 1801.

[r[4] 14] — F. de Paula Travassos — *Taboas para o calculo da longitude geographica segundo o methodo de* J. Monteiro da Rocha, Lisboa, Regia officina typographica, 1803.

[r[4] 14] — Observatorio Astronomico da Universidade de Coimbra — *Ephemerides astronomicas calculadas para o meridiano do Observatorio de Coimbra.*

La publication de ces éphémérides a commencé en 1804 sous le savant professeur Monteiro da Rocha. Au début elles renfermaient d'importantes innovations (A. Souchon, *Traité d'astronomie pratique,* Paris, 1883, p. xxiii). Plus tard elles devinrent l'objet de nombreuses critiques et cessèrent de paraître depuis 1899, mais en tout cas, et exceptionnellement, elles ont paru en 1903, pour commémorer le centenaire des éphémérides.

[r[4] 14] — J. Militão da Matta — *Taboa das latitudes e longitudes dos principaes logares maritimos da terra supppondo o primeiro meridiano o que passa pela margem occidental da ilha do Ferro,* Lisboa, Officina de S. Thaddeo Ferreira, 1807.

[r[4] 14] — * — *Exposição dos methodos particulares em que se faz uso no calculo das ephemerides de Coimbra,* Coimbra, Imprensa da Universidade, 1807.

[r[4] 14] — * — *Taboas astronomicas ordenadas a facilitar o calculo das ephemerides da Universidade de Coimbra,* Coimbra, 1813.

[r[4] 14] — * — *Taboadas perpetuas astronomicas para uso da navegação portugueza, mandadas compilar pela Academia real das sciencias,* Lisboa, Typographia da Academia real das sciencias, 1815.

[r^4 14] — Filippe Folque — *Taboas para se calcularem prompta e directamente os mais importantes phenomenos celestes,* Lisboa, 1831.

[r^4 14] — Filippe Folque — *Ephemerides das distancias do centro do Sol e planetas Venus, Marte, Jupiter e Saturno, ao centro da Lua, calculadas para o Real observatorio da marinha,* Lisboa, 1832.

[r^4 14] — R. R. de Souza Pinto — *Calculo das ephemerides astronomicas de Coimbra,* Coimbra, Imprensa da Universidade, 1849. *Supplemento ao calculo das ephemerides,* ibid., 1887.

Dans cette brochure, l'auteur s'est proposé de coordonner et de régulariser le calcul des éléments contenus dans les *Éphémérides* publiées tous les ans par l'Observatoire astronomique de Coïmbre, car ce calcul était fait avant 1894, au moyen de formules que les observateurs se passaient les uns aux autres sans démonstration, ou sans l'épreuve nécessaire à l'appréciation du degré de confiance qu'elles méritaient.

[r^4 14] — F. M. Barreto Feio — *Taboas da Lua reduzidas das de* M. Burckhardt, *ao meridiano de Coimbra,* Coimbra, Imprensa da Universidade, 1852.

Le professeur Souza Pinto en a donné une notice (I. C., 1ère série, I, 1853, p. 258).

[r^4 14] — T. d'Aquino de Carvalho — *Taboas para o calculo das declinações* (Manuscrit existant à l'Observatoire astronomique de Coïmbre).

[r^4 14] — Rufino G. Osorio — *Taboa auxiliar para o calculo dos eclipses.*

[r^4 14] — Jacome L. Sarmento — *Taboas auxiliares para o calculo das ephemerides astronomicas do Observatorio da Universidade de Coimbra,* Coimbra, Imprensa da Universidade, 1853.

Le professeur Souza Pinto en a donné une notice (I. C., 1ère série, II, 1854, p. 296).

[r^4 14] — F. M. Barreto Feio — *Novas taboas da parallaxe*

da Lua de J. C. ADANS, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1854.

[r^4 14] — * — *Tabellas astronomicas* (Almanak familiar dos ricos e pobres para o anno de 1857, Lisboa, Imprensa de M. J. M. da Silva, 1856, 49-64).

[r^4 14] — JACOME L. SARMENTO — *Calculo da passagem da Lua pelo meridiano* (I. C., 1ère série, VII, 1859, 22-23).

[r^4 14] — JACOME L. SARMENTO — *Methodo facil para se obterem, por uma unica interpolação, de hora a hora, as ascenções e declinações da Lua calculadas directamente de doze em doze horas* (I. C., 1ère série, VII, 1859, 141-143).

[r^4 14] — FILIPPE FOLQUE — *Collecção de taboas para facilitar varios calculos astronomicos e geodesicos,* Lisboa, Imprensa nacional, 1864, 1865.

[r^4 14] — R. R. DE SOUZA PINTO — *Taboas para a correcção das passagens meridionaes no Observatorio astronomico da Universidade e intervallos equatoriaes dos fios do reticulo do circular meridiano de Coimbra,* Coimbra, Imprensa da Universidade, 1867, 1868.

[r^4 14] — R. R. DE SOUZA PINTO — *Taboa de interpolação para o meio dia do intervallo,* Coimbra, Imprensa da Universidade, 1874.

[r^4 14] — R. R. DE SOUZA PINTO — *Taboa dos factores de* L, A, C, *para correcção das passagens meridianas no Observatorio astronomico da Universidade,* Coimbra, Imprensa da Universidade.

Cette table, publiée vers 1875, est destinée au calcul de la formule

$$\theta = t + \tau + \frac{L}{15}\,\frac{\cos(D-\Delta)}{\sin\Delta} + \frac{C}{15\sin\Delta} + \frac{A}{15}\,\frac{\sin(D-\Delta)}{\sin\Delta}$$

inscrite sous le n.° (5) à la page 71 du 1er volume des *Elementos de astronomia* (edition de 1873) de

l'auteur, et qui exprime le temps du passage méridien d'une étoile, corrigé des erreurs L, C, A, du nivellement, de collimation et d'azimut.

La table donne, avec la déclinaison de l'étoile, ou $90^0 - \Delta$ pour argument, la valeur des coefficients de ces éléments dans la formule pour la colatitude D de l'Observatoire de Coïmbre.

[r⁴ 14] — R. R. DE SOUZA PINTO — *Taboas de* $\tau = \frac{g}{h}$ sen $(H + \gamma\tau)$, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1877.

L'auteur indique l'emploi de deux tables donnant le calcul de l'élément τ de la théorie des éclipses, qui ont été dressées, l'une par A. J. PINTO D'ALMEIDA, et l'autre par RUFINO G. OSORIO, la première encore manuscrite et la seconde insérée à l'Ephéméride pour 1844, sous le titre: *Taboa auxiliar para o calculo das occultações de estrellas.*

[r⁴ 14] — J. E. LOPES BANHOS — *Taboas para o calculo da hora a bordo,* Lisboa, Imprensa nacional, 1897.

[r⁴ 14] — A. FONTOURA DA COSTA — *Taboas para o ponto no mar,* Lisboa, Imprensa nacional, 1898.

[r⁴ 14] — EUGENIO GUEDES — *Taboas de ponto* (A. C. N., XXXIII, 1903, 481-484).

L'auteur s'inspirant dans une remarque de la trigonométrie de J. A. SERRET, expose une nouvelle forme à donner à la résolution du triangle de position au moyen de tables.

[r⁴ 14] — A. FONTOURA DA COSTA — *Sobre as tábuas nauticas de* MARTELLI *e similares* (A. C. N., XXXIII, 1903, 650-656, XXIV, 1904, 145-153).

[r⁴ 14] — A. C. RAMALHO ORTIGÃO — *Guia de navegação,* Lisboa, Livraria Rodrigues & C.ª, 1905.

[r⁴ 14], [r⁴ 13] — F. LEITÃO FERREIRA — *Ephemeride historica e chronologica* (Manuscrit n.os $\frac{CIV}{1\text{-}36}$ et $\frac{CIV}{1\text{-}37}$ de la Bibliothèque de Evora).

[r⁴ 14], [r⁴ 13] — J. J. PEREIRA CALDAS — *Tabellas chronologicas para com as lettras dominicaes sabermos os dias da semana nos dias dos mezes*, Braga, 1889.

[r⁴ 14], [r⁶ 31] — EUSEBIO DA VEIGA — *Planetario lusitano, calculado para o anno de 1757* (1), Lisboa, M. Manescal da Costa, 1757.

[r⁴ 14], [r⁶ 31] — EUSEBIO DA VEIGA — *Planetario lusitano, calculado para os annos de 1758, 1759 e 1760, ao meio dia do tempo verdadeiro, no meridiano de Lisboa*, Lisboa, M. Manescal da Costa, 1758, 1759 e 1760.

[r⁴ 14], [r⁶ 31] — EUSEBIO DA VEIGA — *Planetario lusitano, explicado com problemas e exemplos praticos para melhor intelligencia do uso das ephemerides, que para os annos futuros se publiquem no Planetario calculado* (2), etc. Lisboa, M. Manescal da Costa, 1758.

[r⁵]

Astronomie physique

[r³ 2] — * — *Nova astronomia. Na qual se refuta a antiga. Da multidão de 12 ceos pondo só tres: aereo, cidereo e impireo* (Manuscrit n.° 44 de la Bibliothèque de l'Université de Coïmbre).

---

(1) Le P. E. DA VEIGA avait commencé ses éphémérides pour l'année 1756, mais son travail a été détruit lors du tremblement de terre de 1755.
La deuxième édition du «Planetario lusitano» pour 1757, renferme les trois notices suivantes, dont la 2ᵉ en collaboration avec le P. JOSEPH TEIXEIRA, et la 3ᵉ avec les PP. ALOISIO GOMES, C. DA SILVA et G. DE BARROS:
Observatio eclipsis solaris die 26 octuber anno 1753.
Eclipsis partialis lunae observata Ulysipone, die 27 martii 1755.
Observatio lunaris eclipseos habita Ulysipone, die 30 julii 1757.

(2) Il y a aussi une édition, imprimée en 1758 à Lisbonne par Miguel Manescal da Costa, sous ce titre: *Planetario lusitano explicado com problemas & para uso da nautica e astronomia em Portugal e suas conquistas.*

[r5 2] — JERONYMO CORTEZ — *Fysiognomia e varios segredos da natureza,* Coimbra, José Antunes da Silva, 1728.
La 2e partie de cet ouvrage a trait à la région céleste.

[r5 2], [r7 34] — J. NUNES DA MATTA — *Rapido estudo da origem e constituição da Terra* (A. C. N., XXXI, 1901, 327-376).

[r5 6] — R. R. DE SOUZA PINTO — *Noticia dos pequenos planetas descobertos em 1855 e 1856* (I. C., 1ère série, III, 1855, 291-292; V, 1857, 128-129).

[r5 9] — A. F. ROCHA PEIXOTO — *Translação solar,* Coimbra, Imprensa da Universidade, 1870.

[r5 13] — F. HENRIQUE AHLERS — *Instrucção sobre os corpos celestes principalmente sobre os cometas,* Lisboa, Officina de M. Manescal da Costa, 1758.

[r5 13] — J. H. DE MAGALHÃES — *Informação do novo cometa ou astro de 1781,* Paris, 1781 (Manuscrit G 3.e E 5-21 de l'Académie des sciences de Lisbonne).

[r5 13] — * — *Breve discurso sobre os cometas,* Lisboa, Impressão regia, 1811.

[r5 13] — J. DE MORAES PEREIRA — *Borelly's comet* (1903, c). *Positions determined with a ring micrometer on the 1/4 inch Refractor* (E. M. L., LXXVIII, 1903-1904, p. 14, 63, 377).

[r5 13, 14] — BENTO MORGANTI — *Breve discurso sobre os cometas, em que se mostra a sua natureza, sua duração,* etc. Lisboa, F. Borges de Souza, 1757.

[r5 14] — LUIZ DE AVELLAR — *Nox attica. Hoc est. Dialogos de impressione metheorologica, et cometa.* Anni Domini 1618, Conimbricæ, Nicolaum Carvalho, 1619.

[r5 14] — M. BOCARRO — *Tratado dos cometas que appareceram em novembro passado de 1618,* Lisboa, Pedro Craesbeeck, 1619.

[r5 14] — PEDRO MEXIA — *Discurso sobre los dos cometas, que se vieron por el mes de noviembre del año passado de 1618*, Lisboa, Pedro Craesbeeck, 1619.

[r5 14] — M. PACHECO DE BRITO — *Discurso em os dous phænomenos æreos do anno de 1618*, Lisboa, Pedro Craesbeeck, 1619.

[r5 14] — ANTONIO PIMENTA — *Sciographia da nova prostimasia celeste e portentoso cometa que appareceu no anno de 1664*, Lisboa, Domingos Carneiro, 1665.

[r5 14] — M. G. GALHANO LOUROZA — *Polymathia exemplar. Doctrina de discursos varios. Cometographia meteorologica do prodigioso e diuturno cometa, que appareceo em novembro do anno de 1664*, Lisboa, A. Craesbeeck de Mello, 1666.

[r5 14] — * — *Relação notavel de um cometa que novamente appareceo em Africa sobre a Praça de Tangere*, etc. Lisboa, Domingos Rodrigues, 1756.

[r5 14] — J. ARAUJO FREIRE BORGES DA VEIGA — *Dialogo epistolar astronomico sobre o cometa apparecido em Lamego a 7 de abril e observado até ao dia 9 do dito mez do anno de 1766*, Salamanca, Nicolas Villar Gordo y Alcaras, 1766.

[r5 14] — M. C. DAMOISEAU DE MONFORT — *Mémoire sur la comète de 1807* (M. A. L., 1ère série, 1ère classe, III, 1ère partie, 1812, 198-201).

[r5 14] — R. R. DE SOUZA PINTO — *Noticia sobre um cometa que se observou em abril de 1854* (I. C., 1ère série, III, 1855, 3-5).

[r5 14] — FILIPPE FOLQUE — *Cometa de* M. D'ARREST (A. S. L. L., I, 1857, 183-188).

[r5 14] — R. R. DE SOUZA PINTO — *Cometa em agosto de 1862* (I. C., 1ère série, XI, 1863, p. 120).

[r5 14, 17] — FR. JERONYMO DE S. THIAGO — *Tratado do co-*

meta que appareceu em dezembro passado de 1680, Coimbra, Manuel Dias, 1681.

[r⁵ 32] — J. DE MORAES PEREIRA — *Photometrie measurement of stars near Rigel* (E. M. L., LXXIII, 1901, p. 119).

[r⁵ 44] — ERNESTO DE VASCONCELLOS — *A astronomia photographica*, Lisboa, Typographia da viuva de Souza Neves, 1884; B. P. E., 17ᵉ série, n.º 134, 1886.

[r⁶]

Astronomie pratique

[r⁶ 1] — F. A. OOM — *Considerações ácerca da organização do Real observatorio astronomico de Lisboa*, Lisboa, Imprensa nacional, 1875.

Bien que cette brochure ait eu notamment pour objet la réfutation de certains principes insolites que la Chambre des Députés prétendait introduire dans la loi organique de l'Observatoire royal de Lisbonne, on y trouve un exposé de règles générales devant présider à un pareil institut, et si judicieusement choisies que se sont encore, presque textuellement, celles qui viennent d'être recommandées pour la réorganisation de l'Observatoire de Washington, par un comité des plus remarquables astronomes américains.

[r⁶ 1] — J. F. DE SOUZA PINTO — *Algumas informações sobre o observatorio astronomico da Universidade*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1892.

[r⁶ 2] — B. SANCHES DORTA — *Observações astronomicas feitas junto ao Castello da cidade do Rio de Janeiro, para determinar a latitude e longitude da dita cidade* (M. A. L., 1ère série, I, 1797, 325-344).

[r⁶ 2] — EUSEBIO DA VEIGA — *Observatio ecclipsis solaris die 26 octob a 1753*. Ulyssipone.

[r[6] 2] — BERNARDO OLIVEIRA — *Observatio eclipseos lunaris*, Conimbricæ, 1757.

[r[6] 2] — F. A. CIERA — *Observações astronomicas feitas nas casas da Regia officina typographica, junto ao Real collegio dos Nobres* (M. A. L., 1ère série, I, 1797, 416-449).

[r[6] 2] — F. D'OLIVEIRA BARBOZA — *Observações astronomicas feitas na cidade de S. Paulo, com um oculo achromatico de 3 1/2 pés* (M. A. L., 1ère série, II, 1799, 40-42).

[r[6] 2] — B. SANCHES DORTA — *Observações astronomicas feitas na cidade de S. Paulo na America meridional* (M. A. L., 1ère série, II, 1799, 190-195).

[r[6] 2] — B. SANCHES DORTA — *Observações astronomicas e meteorologicas feitas na cidade do Rio de Janeiro no anno de 1784* (M. A. L., 1ère série, II, 1799, 346-368); *Ditas no anno de 1785* (Ibid., 369-401); *Ditas no anno de 1786* (III, 1ère partie, 1812, 68-107); *Ditas no anno de 1787* (Ibid., 108-153); *Taboas e diario meteorologico pertencente ao anno de 1788* (Ibid., 154-167).

[r[6] 2] — DON JOAQUIM DA ASSUMPÇÃO VELHO — *Observações astronomicas feitas no Real collegio de Mafra* (M. A. L., 1ère série, II, 1799, 512-516).

[r[6] 2] — C. GOMES VILLAS BOAS — *Noticia das observações astronomicas feitas em o anno de 1790* (M. A. L., 1ère série, II, 1799, 517-520).

[r[6] 2] — C. GOMES VILLAS BOAS — *Observações do eclipse da estrella η do Leão, acontecida a 28 de março de 1798* (M. A. L., 1ère série, III, 1ère partie, 1812, 168-182).

[r[6] 2] — C. GOMES VILLAS BOAS — *Exposição das observações astronomicas feitas no anno de 1799, e comparação da passagem de Mercurio com as taboas mais acreditadas do mesmo planeta* (M. A. L., 1ère série, III, 1ère partie, 1812, 173-182).

[r⁶ 2] — M. do Espirito Santo Limpo — *Observações astronomicas feitas no Observatorio real da marinha* (M. A. L., 1ère série, III, 1ère partie, 1812, 105-110).

[r⁶ 2] — F. A. Ciera — *Eclipse de 1789 de 2 de novembro, observado em Lisboa na Academia real de marinha* (M. A. L., 1ère série, III, 2e partie, 1814, 7-8).

[r⁶ 2] — Paulo J. M. Ciera — *Observações astronomicas feitas em Lisboa no Observatorio real de marinha, nos annos de 1807 a 1812* (M. A. L., 1ère série, III, 2e partie, 1814, 61-69).

[r⁶ 2] — R. R. de Souza Pinto — *Observações feitas em 1858, no Observatorio de Coimbra, para a determinação da sua longitude* (I. C., 1ère série, VI, 1858, 215-216, 246-247, 252; VII, 1859, 84, 108, 168, 204).

[r⁶ 2] — R. R. de Souza Pinto — *Observações do cometa de julho de 1861* (I. C., 1ère série, X, 1862, 204-206).

L'auteur conclut de cette observation, comparée aux résultats de celles de Rio de Janeiro, de Paris, de Londres et de Lisbonne, que cette comète n'est pas celle de Carlos V, parue en 1264 et en 1556.

[r⁶ 2] — R. R. de Souza Pinto — *Observação do cometa de 1881* (I. C., 2e série, XXIX, 1881-1882, 111-112).

[r⁶ 2] — R. R. de Souza Pinto — *Observações feitas no primeiro vertical do Observatorio astronomico da Universidade com o instrumento de passagens transportavel de* Repsold, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1882.

[r⁶ 2] — F. A. Oom — *Observações meridianas do grande cometa,* 1881, III, etc. (J. M. P. N., 2e série, VIII, 1880-1882, 281-285; A. N. K., CIV, 1882, n.º 2473, 7-12).

[r⁶ 2] — Real Observatorio Astronomico de Lisboa — *Nascimentos e occasos do Sol e da Lua em Lourenço Marques,* Lisboa, 1895-1896.

[r⁶ 2] — C. A. Campos Rodrigues — *Observations des Léonides 1898, 1899* (A. N. K., cilix, 1899, n.° 3575, 393-396; cli, 1899, n.° 3608, 119-122).

[r⁶ 2] — C. A. Campos Rodrigues — *The faiture of the Leonids in 1899. Observations at Lisbon. Portugal* (P. A., viii, 1900, 24-25).

Tableau synoptique des observations des Léonides en 1899 à l'Observatoire royal de Lisbonne (Tapada), d'après le plan recommandé dans un précédent numéro du même recueil, avec une carte des 11 trajectoires qui ont pu être observées.

[r⁶ 2] — Gago Coutinho — *Uma observação de precisão com o sextante* (R. C. M., xi, 1902-1903, 221-225, 245-251).

[r⁶ 2] — C. A. Campos Rodrigues — *Observations des Léonides 1903 novembre 15* (A. N. K., clxiv, 1904, p. 419).

[r⁶ 3, 4, 8] — José Falcão — *Determinação do azimuth da Marca meridiana do Observatorio astronomico da Universidade de Coimbra* (I. C., 2ᵉ série, xxxvii, 1889-1890, 480-488, 555-563; xxxviii, 1890-1891, 232-237).

[r⁶ 3, 6, 8, 9, 26, 27], [r⁷ 64, 66], [r⁸ 2] — Real Observatorio Astronomico de Lisboa — *Observations méridiennes de la planète Mars pendant l'opposition de 1892,* Lisbonne, Imprimerie nationale, 1895.

Sous une titre peut-être trop modeste, cet ouvrage renferme d'importantes informations sur les travaux, les instruments, et les méthodes en usage à l'Observatoire de Lisbonne (Tapada). L'exposé est de M. F. Oom.

Quant aux observations elles-mêmes et à leur réduction, faites par MM. Campos Rodrigues et F. Oom, c'est le premier travail d'astronomie de précision publié en Portugal, et bien qu'il y en eût d'autres, antérieurement exécutés dans ce même établissement, et qui paraîtront bientôt, le fait est que celui-ci ouvre chez nous l'ère des observations astronomiques exécutées et réduites

avec tous les soins minutieux qu'exige la science actuelle.

Dans le *Bulletin astronomique,* publié par l'Observatoire de Paris (XIII, p. 311), se trouve le témoignage impartiel que cet ouvrage est celui «d'observateurs habiles» capables de «mener à bien des recherches astronomiques les plus délicates».

Ces observations ont été entreprises sur l'invitation de l'Observatoire de Washington pour une nouvelle tentative de mesure de la parallaxe solaire par celle de l'opposition de Mars, comme l'avaient fait WINNECKE en 1862 et EASTMANN en 1877. En égard à cet objet, ces observations sont remarquablement complètes, démontrant une assiduité peu ordinaire, puisqu'il n'y a eu que très peu de nuits perdues pendant toute la période indiquée par l'Observatoire de Washington.

Comme résultats subsidiaires, on trouve de nouvelles déterminations de la latitude de l'Observatoire, du diamètre de Mars, des lieux moyens pour 1892 de toutes les étoiles observées, et une comparaison des observations aux éphémérides de Mars, selon la *Connaissance des temps,* le *Nautical Almanac,* le *Berliner Jahrbuch* et l'*American Ephemeris,* représentées en tableaux graphiques montrant de curieuses divergences entre ces divers recueils.

[Υ⁶ 5] — R. R. DE SOUZA PINTO — *Uso do instrumento de passagens pelo primeiro vertical, com as taboas dos angulos horarios e das distancias zemithaes nas passagens pelo primeiro vertical do Observatorio astronomico da Universidade,* Coimbra, Imprensa da Universidade, 1870, 1871.

[Υ⁶ 5] — R. R. DE SOUZA PINTO — *Additamento ao uso do instrumento de passagens pelo primeiro vertical,* Coimbra, Imprensa da Universidade, 1889.

[Υ⁵ 6, 25] — R. R. DE SOUZA PINTO — *Estudos instrumentaes no Observatorio astronomico da Universidade,* Coimbra, Imprensa da Universidade, 1887; *continuação dos estudos instrumentaes,* ibid., ibid., 1890.

C'est une description du cercle méridien de REPSOLD, installé à l'Observatoire de Coïmbre en 1879, et des collimateurs horizontaux, l'un au nord, l'autre au sud, établis en 1885.

[Y6 8] — R. R. DE SOUZA PINTO — *Noticia sobre as variações da collimação do polo de um circulo mural de* FORTIN, *achadas por* Mr. MAUVAIS (I. C., 1ère série, 1, 1853, p. 198).

[Y6 9] — C. A. CAMPOS RODRIGUES — *Personal equation* (O., XXV, 1902, 121–123.

À l'occasion d'une discussion soulevée dans la *Royal astronomical society* de Londres, au sujet de l'influence que la façon d'observer peut avoir sur l'équation personnelle dans les observations de passages, l'auteur expose le résultat de sa longue expérience, comme sous-directeur et directeur de l'Observatoire royal de Lisbonne (Tapada), et les règles qui lui semblent préférables, d'après cette expérience toujours concordante.

[Y6 13] — C. A. CAMPOS RODRIGUES — *Einfache einrichtung zur belenchtung der fäden eines kollimators* (Z. I., XXII, 1902, 142–143).

Description d'un moyen très simple d'obtenir des fils brillants sur fond obscur dans le réticule d'un collimateur, d'après l'invention de l'auteur, appliquée au cercle méridien de l'Observatoire astronomique de Lisbonne (Tapada) pour simplifier et préciser les pointés sur ces fils.

[Y6 15, 5], [Y4 5, 14] — J. MONTEIRO DA ROCHA — *Mémoires sur l'astronomie pratique* (traduits du portugais par MANUEL PEDRO DE MELLO), Paris, Courcier, 1808.

Le traducteur, PEDRO DE MELLO, a pensé avec beaucoup de raison, que ces mémoires méritaient d'être vulgarisés encore devantage, et en conséquence il les a présentés dans une langue beaucoup plus connue que le portugais.

Il y a ajouté des notes qui sont en partie son ouvrage, et en partie celui de l'auteur même, son ancien maître.

Le premier mémoire a pour objet l'usage du

réticule rhomboïde. L'auteur en propose un nouveau, dans lequel il a supprimé les deux diagonales, afin d'en rendre la construction plus exacte et plus facile. Les angles aigus sont de 45°; les côtés qui les comprennent sont prolongés jusqu'à la circonférence et forment des cordes qui divisent en portions symetriques tout le champ de la lunette. Par ce moyen, à côté du réticule principal, on a quatre demi-réticules qui suppléent aux diagonales. Cette construction ne laisse presque plus aucun moyen pour amener le réticule à la position orthogonale, mais les passages aux différents fils fournissent des moyens variés pour reconnaître la position inclinée du réticule, et corriger les différences observées, soit en ascension droite, soit en déclinaison.

L'auteur a trouvé toutes les formules nécessaires pour ces réductions, et il ne s'y borne pas; il y joint encore celles qui servent à tenir compte de la réfraction et de la courbure des parallèles, dont les effets, nuls le plus souvent, deviennent très sensibles si l'astre est voisin du pôle ou de l'horizon.

Le second mémoire a trait à l'instrument des passages. L'auteur expose avec beaucoup de soin, toutes les conditions requises pour le but des observations.

Le troisième mémoire concerne le calcul des eclipses sujettes aux effets des parallaxes.

Enfin, le quatrième expose les méthodes particulières employées dans le calcul des éphémérides de Coïmbre.

[Γ6 20] — M. S. DE MELLO E SIMAS — *Méthodes nouvelles pour observer le Soleil* (S. P. P., 3e série, x, 1896, 129–133).

Recueil de règles et d'indications utiles et très intéressantes.

[Γ6 22] — HUGO DE LACERDA — *Mais algumas considerações sobre o sextante* (A. C. N., x, 1880, 259–268, 285–292, 325–334).

[Γ6 25] — THEODORO D'ALMEIDA — *Descripção do novo planetario universal.*

[I⁶ 25] — HUGO DE LACERDA — *Apparelho para exame dos parafusos micrometricos do capitão de mar e guerra* C. A. CAMPOS RODRIGUES (A. C. N., XXII, 1892, 314-320).

[I⁶ 25] — C. A. CAMPOS RODRIGUES — *Bewegliche leitern zur beobachtung des Nadirs* (D. M. Z., 1902, p. 178).

Description d'un système extrémement simple de leviers et de galets que l'auteur a imaginé pour manœuvrer promptement et facilement les lourds escaliers tribunes, servant aux observations du Nadir à l'Observatoire royal de Lisbonne (Tapada), tout en leur assurant la plus complète stabilité au repos.

[I⁶ 26] — C. A. CAMPOS RODRIGUES — *Chronographo electrico,* Lisboa, 1877.

Cet ingénieux appareil, outre les détails qui assurent l'uniformité du mouvement, au moyen d'un régulateur à ailettes spécial isochrone, réalise le moyen d'affranchir des inconvénients des chronographes électriques, tant du système français à deux plumes, que du système américain à une seule plume, les premiers exigeant des méthodes assez laborieuses pour corriger la *parallaxe des plumes,* et les seconds, donnant en moyenne l'oblitération d'un signal d'observation sur dix par les signaux de seconde.

Pour éviter la correction de parallaxe, on emploie une seule plume; quant à la difficulté de faire écrire par cette plume unique les signaux de seconde et ceux d'observation sans l'oblitération d'aucun, tout en pouvant fermer le circuit de la clef aussi longtemps qu'on le désire, elle a été résolue en faisant commander l'unique encrier-plume par le point milieu d'une espèce de palonnier horizontal dont chaque extrémité est liée à l'armature de l'un des électro-aimants; il obéit donc indépendamment aux mouvements de l'une quelconque des armatures, ou des deux ensemble, et il suffit d'une petite différence d'amplitude dans leurs jeux pour que le signal soit toujours évident, même lorsque l'une d'elles est attirée au moment où l'autre est repoussée.

[r6 26] — C. A. Campos Rodrigues — *Interruptor electrico* (1), Lisboa, 1880.

Cet interrupteur a été inventé dans le but d'obtenir des signaux aussi exacts que possible, de la coïncidence de deux images, quel que fût le sens du mouvement.

En général, les interrupteurs analogues ont toujours une légère différence de phase, dans un sens ou dans l'autre, due aux épaisseurs des contacts. Dans celui-ci on obtient rigoureusement une interruption du circuit au moment de la coïncidence géométrique.

Il se compose d'un V oscillant dans son plan sur sa pointe, et appuyant toujours l'une de ces branches contre un doigt d'arrêt placé entre elles, perpendiculairemente à ce plan. L'image mobile porte un doigt entièrement identique; on voit donc que lorsque ces deux doigts, et l'axe d'oseillation, ont leurs centres sur une ligne parallèle à l'une des branches de V, la position de l'image fixe est toujours la même, quel que soit le sens.

Le circuit électrique passe de la pointe du V dans ses branches et de là dans le doigt fixe. Le doigt mobile produit l'interruption, faisant trébucher le V, ce qui écarte la branche appuyée et fait appuyer l'autre à son tour.

Cet interrupteur est appliqué à un appareil à équation personnelle et à la pendule étalon de l'Observatoire astronomique de Lisbonne (Tapada).

[r6 27] — * — *Fabrica do radio latino* (Manuscrit n.º 65 de la Bibliothèque de l'Université de Coïmbre).

Ce livre renferme trois parties: la première a trait au nom, à la matière, aux organes, etc., de cet instrument, et indique comment doit être construit l'*horloge universelle;* la seconde, traite des usages terrestres de l'instrument; enfin, la troisième partie concerne ses usages astronomiques.

---

(1) M. F. Oom a récemment publié (B. D. I., IV, 1905, 331-336) une étude très détaillée de cet interrupteur électrique.

[r⁶ 28] — J. DE MORAES PEREIRA — *Eclipse totale du Soleil du 16 avril 1893. Calcul pour Ponta Delgada et observations* (A. S. T., XII, 1893, 231-232 et J. B. A. A., III, 1893, p. 384).

[r⁶ 28] — J. DE MORAES PEREIRA — *Observations of occultations of stars during the total eclipse of the Moon, sept 3, 1895* (J. B. A. A., V, 1894-1895, 509-510).

[r⁶ 28] — J. DE MORAES PEREIRA — *Observation of the occultation of Jupiter by the Moon, june 14, 1896* (J. B. A. A., VI, 1896, 452-453).

[r⁶ 28] — Real Observatorio Astronomico de Lisboa — *O eclipse de sol em Portugal de 1900, maio 28,* Lisboa, Imprensa nacional, 1900.

Cette brochure, rédigée par M. F. OOM, a pour objet de fournir au public les notions les plus essentielles au sujet des éclipses de Soleil, en général, et les prévisions pour celle du 28 mai 1900, en particulier.

Elle comprend deux cartes géographiques, deux cartes célestes et d'autres planches à part.

[r⁶ 28] — F. OOM — *Observations d'éclipses de Lune* (A. N. K., CLXV, 1904, 178-184).

Exposition des résultats des observations faites à Lisbonne par MM. CAMPOS RODRIGUES, F. OOM et A. TEIXEIRA BASTOS, de quatre éclipses lunaires.

Les éclipses de Lune étaient antrefois observées seulement par les contacts du disque lunaire avec l'ombre de la Terre, observation très précaire car l'ombre disparaissant insensiblement dans la pénombre, ne peut jamais se distinguer avec exactitude.

On a donc été amené à délaisser un peu ce genre d'observations, nonobstant leur grande importance pour la vérification des lois des mouvements célestes par les positions relatives des trois corps: Soleil, Terre et Lune. On sait d'ailleurs que ces éclipses peuvent rendre de grands services pour la détermination des longitudes, par ce fait que chacune des phases d'une éclipse lunaire

a lieu au même instant pour tous les observateurs en toute localité où l'éclipse est visible.

Pour tourner la difficulté, on a décidé aujourd'hui d'observer non pas des contacts, qui, même dans la meilleure hypothèse, ne pourraient fournir que quatre observations, mais l'arrivée de l'ombre à chacune des cratères ou d'autres points remarquables du disque lunaire; de cette manière le nombre d'observations augmente énormément et la difficulté susmentionée est masquée en partie, car, s'il est presque impossible de définir visiblement les lignes où l'ombre pure commence à disparaître dans la pénombre, il est au contraire relativement facile de préciser le moment où un point donné de la Lune est atteint et de cette façon conclure alors quelles sont les positions relatives occupées à chaque instant par la satellite et par l'hombre de notre planète.

Telle est la méthode employée aux observations de MM. Campos Rodrigues, F. Oom et A. Teixeira Bastos, avec d'autres, d'un genre différent, savoir: celles d'occultations d'étoiles et éclipses totales de Lune.

L'observation de l'occultation ou de l'apparition d'étoiles par le bord obscur de la Lune, est très exacte, mais elle a, comme inconvénient, de n'être pas possible que pour quelques étoiles les plus brillantes, les centres étant invisibles dans ces circonstances, soit par effet de la clarté de Lune, soit par la proximité apparente du Soleil. Mais quand la Lune est éclipsée, on peut observer alors des étoiles aussi faibles que le permette la force de la lunette employée, et accumuler ainsi en très peu de temps une série considérable d'éléments qui définissent assez rigoureusement les positions successives de la Lune au ciel, ainsi que la forme et les dimensions apparentes de cet astre.

Afin d'obtenir encore de résultats plus nombreux, M. Campos Rodrigues a imaginé un procédé graphique qui permet de signaler immédiatement les positions des étoiles cachées et de prédire rapidement le point du bord de la Lune et l'instant où elles doivent reparaître.

Cette méthode fut asservie aux observations

dont nous nous occupons, mais le résultat obtenu a été très amoindri, à cause des mauvaises conditions atmosphériques (1).

[r[6] 30] — J. J. SOARES DE BARROS E VASCONCELLOS — *Observations et explications de quelques phénomènes vus dans le passage de Mercure audevant du disque du Soleil observé à l'Hotel de Cluny, à Paris, le 6 mai 1753, et leur application pour la perfection de l'astronomie* (2), Paris, 1753.

D'après STOCKLER, l'auteur conjecturant que l'accroissement du diamètre apparent du Soleil produit par l'aberration de esphéricité de l'occulaire du télescope, et la diminution du diamètre de Mercure due à l'inflexion de la lumière solaire lors du passage de cette planète, pouvaient avoir de l'influence sur les moments des contacts des bords de l'un et de l'autre astre, et par conséquent aussi sur la durée totale du passage du Mercure, s'est proposé de débarrasser, dans la mesure du possible, les observations de ce remarquable phénomène de l'effet de ces apparences optiques. Et en reconnaissant que le moyen le plus efficace à employer serait de mettre au devant de l'oculaire deux carreaux de vitre, l'un fumé et l'autre vert, ce système a obtenu en effet la consécration de l'expérience.

Quand le contact intérieur, par où devait commencer l'émersion, était sur le point de se produire, SOARES DE BARROS a remarqué que le mouvement apparent de la planète devenait sensiblement plus rapide, et le contact paraissait se produire avec une rapidité extraordinaire.

C'était alors le moment de vérifier, en définitive et pratiquement, si l'altération due à l'opacité des vitres dans la grandeur apparente des diamètres et des deux astres avait influé sensiblement

---

(1) Cette notice est extraite d'une communication faite devant l'Académie des sciences de Lisbonne par M. F. OOM. (Precès verbal de la séance du 1 décembre 1904).

(2) Publiées par de l'ISLE, de l'Académie des sciences de Paris.

sur l'instant de ce contact, et ayant donc éloigné le carreau vert, il reconnut qu'entre les deux bords on apercevait encore une petite partie de lumière, et pour qu'ils se touchassent de nouveau, il fallait attendre quatre secondes de temps.

Il lui sembla que le contact extérieur observé avec les deux carreaux, n'était pas suivi d'une séparation instantanée, et que, tout au contraire, cette même apparence continuait pendant six ou sept secondes. Mais dès que la séparation se produisait, en ôtant le carreau coloré, il reconnut que la planète se rétablissait sur le bord du Soleil, et que seulement au bout de six on sept secondes, elle s'en séparait de nouveau.

Cette alternative, combinaison et séparation de carreaux, lui avait déjà fait remarquer que dès que Mercure était écarté du bord du Soleil de trois diamètres, l'observation étant faite avec les deux carreaux, cette distance diminuait sensiblement, et le diamètre de la planète s'allongeait dans le sens du mouvement, aussi bien que la partie du bord du Soleil, par où devait se terminer le passage, lui semblait plus rougeâtre que la partie restante, quand elle était observée seulement avec le carreau fumé, apparence qui se dissipait, toute entière, en combinant de nouveau les deux carreaux.

Il est en verité remarquable, comme l'ont bien dit Bouguer et de Mairan, qu'un seul homme en si peu de temps, put faire tant d'observations, toute nouvelles et subtiles, et qui devaient exiger l'attention et le concours de plusieurs observateurs.

[r⁶ 30] — F. A. Oom — *Aus einem schreiben des Herrn Dr.* F. A. Oom *an den herasgeber* (A. N. K., LXXXIII, 1874, 315-316).

Extrait d'une lettre au Dr. C. F. W. Peters contenant le plan proposé pour l'observation du passage de Vénus en 1874 par l'expédition que le gouvernement portugais se disposait à envoyer à Macao dans ce but, mais qui fut contremandée.

[Υ⁶ 30] — J. DE MORAES PEREIRA — *Transit of Mercury across the Sun's dise. Nov. 10, 1894* (J. B. A. A., v, 1894-1895, 105-106 et A. S. T., XIV, 1895, p. 6) (1).

[Υ⁷]

Monographies des corps principaux du système solaire

[Υ⁷ 2] — J. DE MORAES PEREIRA — *Observations of Suns pots. Drawings and measurements of position and surface every available day from 1893 to 1898* (M. B. A. A., III, 1894, 3ᵉ partie, 49-120; IV, 1896, 3ᵉ partie, 43-106; V, 1896-1897, 4ᵉ partie, 82-122; VI, 1898, 5ᵉ partie, 143-174; VII, 1899, 2ᵉ partie, 17-46; VIII, 1900, 2ᵉ partie, 24-52).

Ce recueil a été fait en collaboration, mais pour la plus grande partie par M. MORAES PEREIRA.

[Υ⁷ 9, 10] — F. A. OOM — *Bericht in beobachtung der totalen sonnen finsterniss in pobes* (A. P., 7ᵉ série, IV, 1861, p. 39).

Pour l'observation de l'éclipse totale de Soleil de 1860, on avait organisé une nombreuse mission anglo-russe, confiée aux deux observatoires de Greenwich et de Poulkova, à la tête desquels se trouvaient les célèbres astronomes AIRY et STRUVE. À cette mission fut désigné le lieutenant de la marine portugaise F. A. OOM, plus tard directeur de l'Observatoire de Tapada, que se trouvait alors à Poulkova, où il étudiait l'astronomie de précision comme disciple des STRUVES.

Chargé d'observer le couronne, l'une des plus importantes phases du phénomène, il s'en acquitta avec pleine réunite. Ce fut la première fois que l'on obtint des photographies que démontrèrent que les protubérances appartenaient au Soleil et non à la Lune.

---

(1) Cette observation a été faite avec le concours des officiers du croiseur-école «Iphigénie».

Le travail de F. A. OOM fut jugé excellent, d'après AIRY, qui chargé de rendre compte des résultats de cette mission, dans une conférence publique à Londres, dit que la photographie obtenue par F. A. OOM était une admirable reproduction de la couronne (*extremely fair representations of the corone*) telle qu'elle s'était présentée dans l'éclipse susmentionnée.

[r7 10] — R. R. DE SOUZA PINTO — *Eclipses do Sol em 15 de março de 1858* (I. C., 1ère série, VII, 1859, 22-23).

[r7 10] — L. A. DE ANDRADE MORAES — *Eclipses do Sol* (I. C., 1ère série, VII, 1859, 5-6).

[r7 10] — R. R. DE SOUZA PINTO — *Eclipse de 18 de julho de 1860,* Coimbra, Imprensa da Universidade, 1860 et I. C., 1ère série, X, 1861, 57-66.

Mémoire présenté à M. le ministre du royaume par une commission dont faisait partie R. R. DE SOUZA PINTO, J. C. DE BRITO CAPELLO et J. A. DE SOUZA.

[r7 10] — A. RAMOS DA COSTA — *Algumas palavras sobre o eclipse do Sol de 1900, e sua influencia no magnetismo terrestre,* Lisboa, M. Gomes, 1900.

[r7 10] — HUGO DE LACERDA — *Eclipse do Sol de 1900 em Portugal* (A. C. N., XXX, 1900, 595-620).

[r7 10] — * — *Eclipse do Sol de 28 de maio de 1900. Observações dos professores do collegio de S. Fiel,* Lisboa, La Bécarre, 1900.

(Continúa). RODOLPHO GUIMARÃES.

LITTERATURA E BELLAS-ARTES

CAMÕES E A INFANTA D. MARIA

Entre as encantadoras redondilhas de Camões figuram as duas voltas ao mote:

Perdigão perdeo a penna,
Não ha mal que lhe não venha.

Dizem ellas, num tom de accentuada melancholia:

Perdigão, que o pensamento
Subio a um alto logar,
Perde a penna do voar,
Ganha a pena do tormento.
Não tem no ar, nem no vento,
Asas com que se sostenha.
Não ha mal que lhe não venha!

Quis voar a uma alta torre,
Mas achou-se desasado;
E vendo-se depennado,
De puro penado morre.
Se a queixumes se soccorre,
Lança no fogo mais lenha.
Não ha mal que lhe não venha!

O pobre perdigão depennado, que nem ao menos se podia queixar, *sem lançar mais lenha no fogo,* sem aggravar a sua situação, era o proprio Camões.

O *alto logar* até onde subio o seu pensamento, a *alta torre* a que quis voar, era uma das mais nobres e mais sympathicas figuras femininas que tem vivido sob este bello sol

de Portugal: era a filha mais nova del-rei D. Manuel, a infanta D. Maria (1).

Como o genial doido, que tanto soffreu e tanto fez soffrer com os seus *erros*, com a sua *má fortuna* (2), como o ge-

---

(1) É muito interessante a monographia da Sr.ª D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos a respeito d'*A infanta D. Maria de Portugal (1521-1577) e as suas damas* (Porto, 1902).

Della transcrevo aqui a seguinte passagem: «De sangue real, herdeira da corôa, se não morresse um anno antes da catastrophe de Alcacer-Quebir, pertence á historia e teve biographos conscienciosos. Em creança e na flor da edade viu refulgir diante de seus olhos a corôa de França; foi escolhida repetidas vezes para o throno imperial — *orbis destinata imperio* — e outras tantas para o imperio de Hespanha. Acariciando sempre, no intimo do coração, este ultimo projecto, ficou ainda assim *innupta*, uma triste *sempre-noiva*. Este estado tragicomico que lhe foi imposto, mas que afinal acceitou com sublime altivez, apparentando tê-lo escolhido livremente, despertou a dolente sympathia dos coevos. E ainda hoje é capaz de suscitar a dos posteros» (pag. 4).

(2) Basta citar por agora os sonetos 27 e 193:

Males, que contra mim vos conjurastes,
   Quanto ha de durar tão duro intento?
   Se dura, porque dure meu tormento,
   Baste-vos quanto já me atormentastes.
Mas, se assi porfiais, porque cuidastes
   Derribar o meu alto pensamento,
   Mais póde a causa delle, em que o sustento,
   Que vós, que della mesma o ser tomastes.
E, pois, vossa tenção com minha morte
   É de acabar o mal destes amores,
   Dai já fim a tormento tão comprido.
Assi de ambos contente será a sorte:
   Em vós, por acabar-me, vencedores;
   Em mim, porque acabei de vós vencido.

Erros meus, má fortuna, amor ardente,
   Em minha perdição se conjuraram.
   Os erros e a fortuna sobejaram,
   Que para mi bastava amor somente.
Tudo passei... Mas tenho tão presente
   A grande dôr das cousas que passaram,
   Que já as frequencias suas me ensinaram
   A desejos deixar de ser contente.
Errei todo o decurso de meus annos;
   Dei causa a que a fortuna castigasse
   As minhas mal fundadas esperanças.
De amor não vi senão breves enganos.
   Oh! Quem tanto pudesse, que fartasse
   Este meu duro genio, de vinganças!

nial doido, ao comparar-se com o perdigão desasado, se devia recordar, com amarga saudade, do tempo, não muito afastado, em que julgava poder arriscar o voo até aquella *alta torre!*

Num tão alto logar, de tanto preço,
Este meu pensamento posto vejo,
Que desfallece nelle inda o desejo,
Vendo quanto por mi o desmereço.
Quando esta tal baixeza em mi conheço,
Acho que cuidar nelle é grão despejo,
E que morrer por elle me é sobejo
E mór bem para mi, do que mereço.
O mais que natural merecimento
De quem me causa um mal tão duro e forte,
O faz que vá crescendo de hora em hora.
Mas eu não deixarei meu pensamento,
Porque, inda que este mal me cause a morte,
Un bel morir tutta la vita honora (1).
(Soneto 282).

Como o *doce sonho* se desvaneceu num momento e foi substituido pela triste realidade!

Doce sonho, suave e soberano,
Se por mais longo tempo me durára!
Ah! quem de sonho tal nunca acordára,
Pois havia de ver tal desengano!
Ah! deleitoso bem! ah! doce engano!
Se por mais largo espaço me engánara!
Se então a vida misera acabára,
De alegria e prazer morrera ufano.
Ditoso, não estando em mi, pois tive,
Dormindo, o que acordado ter quisera.
Olhae com que me paga o meu destino!
Emfim, fóra de mim ditoso estive.
Em mentiras ter dita razão era,
Pois sempre nas verdades fui mofino.
(Soneto 279).

Mais tarde, depois de ter chegado o cruel desengano, seguido de tantos trabalhos e de tantos soffrimentos, — mais

(1) O desvairado sonhador queria tanto *ao seu pensamento*, que se julgaria feliz morrendo por elle. E com que enlevo repeteria, a cada passo, o bello verso de Petrarca! Com que intensidade sentiria o conceito nelle expresso! O cantor de Laura nunca teve, por certo, neste ponto melhor interprete.

tarde, com que dolorosa impressão não seria relido pelo atribulado poeta aquelle audacioso soneto 129, escripto num estado de verdadeira allucinação:

Crescei, desejo meu, pois que a ventura
  Já vos tem nos seus braços levantado;
  Que a bella causa de que sois gerado
  O mais ditoso fim vos assegura.
Se aspiraes por ousado a tanta altura,
  Não vos espante haver ao sol chegado,
  Porque é de aguia real vosso cuidado,
  Que, quanto mais soffre, mais se apura.
Animo, coração! que o pensamento
  Te póde inda fazer mais glorioso,
  Sem que respeite a teu merecimento.
Que cresças inda mais é já forçoso,
  Porque, se foi ousado o teu intento,
  Agora de atrevido é venturoso.

Quantas lagrimas não teria custado ao grande devaneador a desoladora, a dolorosa confissão, expressa no final do soneto 137!

O filho de Latona esclarecido,
  Que, com seu raio, alegra a humana gente,
  Matar póde a Pythonica serpente,
  Que mortes mil havia produzido.
Ferio com arco e de arco foi ferido,
  Com ponta aguda de ouro reluzente.
  Nas Thessalicas praias docemente
  Por a nympha Penea andou perdido.
Não lhe pôde valer contra seu dano
  Saber, nem diligencias, nem respeito
  De quanto era celeste e soberano.
Pois se um deos nunca vio nem um engano
  De quem era tão pouco em seu respeito (1),
  Eu que espero de um ser, que é mais que humano?

A ardente paixão do tresloucado poeta pela formosa, instruida e sisuda filha do *Rei venturoso* constitue, como *a priori* se póde presumir, o ponto culminante da sua atormentada vida. Dessa paixão derivaram factos que ainda não foram cabalmente explicados. É, além disso, ella que nos ministra,

(1) Para a plena comprehensão das referencias mythologicas deste soneto veja-se Ovidio, *Metamorphoses*, 1, 438-567, que o poeta tinha bem presente.

por assim dizer, a chave da maravilhosa obra lyrica de um dos maiores poetas de todos os tempos.

Recorrendo ao *Parnaso* (1) do immortal poeta, verdadeiro *diario* da sua alma apaixonada, vou procurar fornecer alguns elementos para o capitulo mais importante da nossa historia litteraria.

DR. JOSÉ MARIA RODRIGUES.

---

(1) Informa Diogo do Couto: «E aquelle inverno que (Camões) esteve em Moçambique... foi escrevendo muito em um livro que ia fazendo, que intitulava *Parnaso de Luiz de Camões*, livro de muita erudição, doutrina e philosophia, o qual lhe furtaram. E nunca pude saber no reino delle, por muito que o inquiri. E foi furto notavel». (*Decada* VIII, c. 28). Seja-me permittido dar o nome de *Parnaso* ás admiraveis composições lyricas que nos restam do poeta e suppôr que foi elle proprio que fez correr a historia do furto. Uma boa parte dellas não podiam, sem grave escandalo, ser publicadas durante a vida, quer da infanta, quer mesmo do poeta.

Não pretendo, porém, com isto dizer que possuamos hoje *toda a lyra* de Camões.

ARTES E INDUSTRIAS METALLICAS EM PORTUGAL

(Cont. dos n.os 1 e 2, pag. 59)

XXII

Fernandes (Lopo)

Era criado de Pero João e servia a D. Affonso V no officio de ferreiro. Residia em Lisboa. El-rei lhe passou carta de previlegio a 25 de setembro de 1450.

«Dom A.º &. A uos corregedor e juizes da nossa muy nobre e sempre leall cidade de Lixboa e aos nossos apousemtadores da Rainha e Iffantes meus irmaãos e tio e a todolas outras justiças dos nossos Regnos e outros quaes quer a que desto o conhecimento pertencer e esta nossa carta for mostrada, saude, sabede que nos querendo fazer graça e mercee a Lopo Fernandez, fereiro, criado de P.º Joham, fereiro, ja finado, morador em essa cidade, por quanto elle nos serue e ha de seruir em a dita cidade em o dito officio de ferreiro, teemos por bem e mandamosuos que daqui en diante o ajaaes por priuilligiado. Dada em Simtra xxb dias de setembro Ruy Vaaz a fez anno de nosso Senhor Jhũ Xpo de mil iiijcl. E eu Lourenço Aabul escpriuam da camara do dito Senhor Rey aqui sobscrepruy» (1).

XXIII

Fernandes (Manuel)

D. Filippe II, em alvará de 16 de julho de 1611, o nomeou para ir servir o officio de ferreiro na fortaleza de S. Jorge da Mina.

«Eu elRey faço saber aos que este aluara virem que eu ey por bem e me praz que M.el Frz, serralheiro, vá a fortaleza de são Jorge da Mina seruir o dito officio e de ferreiro, avẽdo respeito a informação que tenho

(1) Torre do Tombo, Chancellaria de D. Affonso V, liv. 34, fl. 195 verso.

de sua suficiencia, o qual officio seruirá pello tempo e com o ordenado cõteudo no Regimento, pello que mando ao capitão e officiaes da dita fortaleza lho deixem seruir e auer com elle o dito ordenado e os proes e percalços que lhe pertencerem, e ao prouedor e officiaes da Casa da India lhe dem a posse delle e ẽbarcação na forma costumada, e o dito M.el Frz jurará na chancelaria aos santos euãgelhos que o seruirá bem e verdadeiramente, do que se fará asẽto nas costas deste que será registado nos liuros da Casa da India dentro de quatro meses primeiros seguintes e valerá como carta sem embargo da ordenação do 2.º liuro, titulo 40 em contrario. João Tauares o fez em Lixboa a xbj de julho de mil bjc e onze, e o dito M.el Frz sera obrigado a se ẽbarcar e ir seruir o dito officio sabẽdolhe ẽtrar nelle dentro de oito meses primeiros seguintes e nã o fazẽdo assy esta merce não auera effeito, eu o secretario Antonio Uiles de Cimas o fiz escreuer» (1).

XXIV

Fernandes (Manuel)

Era ferreiro e pelos annos de 1647 trabalhou juntamente com o serralheiro Domingos Marques nas obras da capella da Universidade.

Vide *Marques* (*Domingos*).

XXV

Fernandes (Pero)

Já foi incluido no primeiro volume do meu *Diccionario dos architectos*, baseado numa citação de Diogo do Couto, que, referindo-se á empresa de D. Constantino de Bragança contra Damão, diz que Pero Fernandes «era grande engenheiro e mestre das ferrarias de Gôa». Ahi ficou tambem exarada a carta de D. João III de 25 de novembro de 1547, em que o nomeou mestre das sobreditas ferrarias.

Parece que é differente de Pero Fernandes um *mestre Pero*, que foi com D. Alvaro de Castro em soccorro da fortaleza de Diu, onde fez bons serviços, pelo que foi armado cavalleiro por D. João de Castro, sendo-lhe depois este titulo confirmado por D. João III em carta de 11 de setembro de 1549.

---

(1) Torre do Tombo, Chancellaria de D. Filippe II, *Doações*, liv. 23, fl. 280.

XXVI

Ferreira (Martin)

Serralheiro em Coimbra. Foi um dos tres peritos que avaliaram a estante de ferro fabricada por Antonio Fernandes para o mosteiro de Santa Cruz da mesma cidade.

XXVII

Gargia (Antonio)

Exerceu por largos annos o cargo de mestre das ferrarias de Gôa, tendo além d'isso prestado importantes serviços militares. Assistiu ao cerco grande de Chaul; foi dos que tomaram a fortaleza de Chamel e acompanhou o governador Francisco Barreto na sua expedição ao Manamotapa.

Mathias d'Albuquerque o nomeára mestre das ferrarias de Gôa, sendo confirmado neste cargo pelo conde almirante D. Francisco da Gama.

D. Filippe II lhe passou carta de confirmação a 11 de novembro de 1601.

«Dom Filipe &. Faço saber aos que esta carta virem que auendo respeito aos seruiços que Antonio Garcia, mestre da ferraria de Goa, me tem feitos nas ditas partes por espaço de vimte e quatro annos, e se achar no cerco grande de Chaul, na tomada da fortaleza de Xamel e acompanhar o gouernador Francisco Bareto na conquista de Manamotapa; ey por bem e me praz de lhe fazer merce de lhe confirmar o dito carego de mestre da dita ferraria de Goa em sua vida, de que o proueo em meu nome o Viso Rei Matias dAlbuquerque e lhe depois confirmou o conde almirante para que o sirua em sua vida sem embargo do Regimento que ha na India que diz que os officios e caregos das ditas partes se não possão seruir por mais tempo que tres annos, com o qual cargo auera sessenta mil reaes dordenado cada anno e todos os prois e percalços que lhe direitamente pertencerem, pello que mando ao meu Viso Rei ou gouernador das partes da India, que ora he e ao diante for e ao vedor de minha fazenda em ellas, que lhe dẽ a posse do dito cargo e lho deixem seruir e auer o ordenado, prois e percalços que lhe pertencerem, como dito he e ao vedor de minha fazenda das ditas partes lhe dará o juramento dos santos euangelhos que bem e verdadeiramente o sirua, guardando em tudo meu seruiço e as partes seu direito, de que se fará asento nas costas desta carta, que será registada na Casa da India da feitura della quatro mezes, a qual se lhe passou por duas vias, cumprida hũa, a outra não auera efeyto, e antes que se de a posse deste cargo ao dito Antonio Garcia apresentará ao meu Viso Rei ou gouer-

nador das ditas partes a patente que se lhe delle passou para a romper e se porã em seus registos as verbas necessarias. Luis Figueira a fez em Lixboa a xi de novembro de mil bj^c e huũ. Janaluez Soares a fez escreuer» (1).

XXVIII

Gentil (Diogo)

Succedeu em 1592 a Antonio Machado, por cuja morte vagára o cargo de serralheiro dos armazens do reino. Vide Antonio Machado.

XXIX

Gomes (Antonio)

Nomeado por D. João IV, em carta de 4 de março de 1643, mestre das ferrarias da Ribeira do Ouro, na cidade do Porto, onde já servia ha muitos annos, acudindo com as ferragens necessarias para o apresto dos galiões que alli se fabricavam.

«Dom João &. Faço saber aos que esta minha carta virem que hauendo respeito ao bom prosedimento com que Antonio Gomes tem seruido de muitos annos a esta parte no fabríco das ferrarias da Ribeira do Ouro, acodindo com as ferragens necessarias para o apresto dos galiões que se fabricarão na cidade do Porto; Hei por bem de lhe fazer merce do officio de mestre das ditas ferrarias da Ribeira do Ouro da cidade do Porto, com o qual officio hauera o dito Antonio Gomes o ordenado que lhe tocar e todos os proes e precalços que lhe direitamente pertencerem; pello que mando... Manoel Antunes a fez em Lixboa a iiij de março anno do nassimento de Nosso Senhor Jesu Xpo de mil seis centos quarenta e tres. João Pereira de Betancor a fez escreuer. ElRei» (2).

XXX

Gonçalves (André)

D. João IV, em alvará de 29 de novembro de 1650, o nomeou mestre das obras de ferro nos armazens, para succe-

(1) Torre do Tombo, Chancellaria de D. Filippe II, *Doações*, liv. 7, fl. 190.
(2) Torre do Tombo, Chancellaria de D. João IV, *Doações*, liv. 14, fl. 94.

der a Gaspar Fernandes, já fallecido. Havia oito annos que servia no mesmo armazem como official de ferreiro, empregando-se com muito cuidado e deligencia no fabríco das obras de ferro necessarias para as armadas reaes.

«Eu elRei faço saber aos que este aluara virem que auendo respeito a Andre Gonçalves, official de ferreiro, auer oito annos que serue nos meus almazens de fazer todas as obras de ferro necessarias para minhas armadas com muito cuidado e dilligencia como se vio por informação do prouedor dos ditos almazens, e a Gaspar Fernandes, que seruio de mestre das ditas obras, ser falecido, hey por bem de fazer merce ao mesmo Andre Gonçalves do dito officio de mestre das ditas obras, assy e da maneira que o seruio o dito Gaspar Fernandes, por quem vagou, com o qual hauera dez mil reaes de ordenado em cada hum anno e o valor do feitio das obras que fizer, que he outro tanto como tinha seu antecessor: os quaes lhe serão pagos no thesoureiro dos ditos almazens e seruira o dito officio em quamto eu ouuer por bem e não mandar o contrario, com declaração que hauendo eu por meu seruiço de lho tirar ou extinguir em algum tempo, lhe não ficara por isso minha fazenda obrigada a satisfação alguma: pello que mando ao prouedor dos meus almazens e armadas lhe de posse do dito officio e lhe deixe seruir e hauer o dito ordenado, que começara a venser do dia em que lhe for dado a posse em diante e jurara em minha chancellaria aos santos euangelhos que bem e verdadeiramente o sirua guardando em tudo meu seruiço, do qual juramento e posse se fara assento nas costas deste aluara, que quero que valha, tenha força e vigor como se fora carta feita em meu nome por mym assinada e passada pella chancellaria sem embargo da ordenação do liuro 2.º titolo 40 em contrario e pagara o nouo direito que deuer na forma do Regimento. Luis da Costa Correa o fez em Lixboa a vinte e noue de nouembro de seis centos e sincoenta annos. E eu João Pereira de Betancor o fis escreuer. Rey» (1).

XXXI

Gonçalves (Balthasar)

D. João III nomeou-o serralheiro dos paços reaes, em carta de 12 de agosto de 1528, pela qual lhe concedeu os previlegios inherentes. Por sua morte, succedeu-lhe seu filho, Gaspar Gonçalves, cuja carta de nomeação é de 22 de dezembro de 1546.

«Dom Joham &. A quamtos esta minha carta virem faço saber que auemdo eu respeito aos almoxarifes dos meus paços desta cidade de

(1) Torre do Tombo, Chancellaria de D. João IV, *Doações*, liv. 26, fl. 162.

Lixboa terem sempre nysesydade de hũu saralheyro que comtynuadamente estê prestes pera fazer ho que compre a bem de seu oficio que for necesaryo pera eles, me praz tomar por meu saralheiro a Baltezar Glz, morador nesta cidade, por ser emformado que he bom oficyall do dito oficio de saralheiro, ho quall ey por bem que faça todas as obras de seu oficyo que lhe forem mamdadas fazer pelos almoxarifes dos ditos paços e quando as fizer nã seja costramgido per nenhũas pesoas a fazer outras nenhuãs de quaes quer pesoas que seyam, ey por bem que ho dito Baltezar Glz goze de todolos prevylegios e lyberdades de que gozam os meus oficiaes doficios macanycos, posto que nam tenha com ho dito oficyo mamtymento, saluo as obras que fizer pagas pelos ditos almoxarifes segundo se soem a pagar. Porem mamdo a todas minhas justiças e a outros quaes quer meus oficiaes, a que esta minha carta for mostrada e o conhecimento dello pertemcer que em todo cumprã esta como se em ela comtem por que asy he minha merce. Aluaro Neto a fez em Lixboa a xij dias dagosto anno de noso Senhor Jhuũ Xpo de myll bᶜ xxbiij. E porem se os almoxarifes quyserem fazer as ditas obras com alguũs outros oficyaes, fazemdolhas mais baratas podeloam fazer» (1).

XXXII

Gonçalves (Gaspar)

Nomeado, em carta de 22 de dezembro de 1546, serralheiro dos paços reaes, officio anteriormente exercido por seu pae, de quem se trata no artigo anterior.

«Dom Joham &. A quamtos esta minha carta virem faço saber que eu ey por bem e me praz de fazer merce a Gaspar Glz, serralheiro, morador na cidade de Lixboa, do oficio de serralheiro dos meus paaços da dita cidade que ora vagou per fallecimento de Balthesar Glz seu pay, que ho tynha per minha carta, ho qual ey por bem que faça todas as obras de seu oficio que forem necessarias pera os ditos paços, e quamdo as fizer não seja costramgido a fazer outras nenhũas de quaes quer pesoas que seja, e o dito Gaspar Glz gozara de todos os preuilegios e liberdades de que gozã os meus oficiaes doficios macanicos, posto que não tenha com ho dito oficio mantimento allgum salluo as obras que fizer pagas pelos allmoxarifes dos ditos paços, segundo se custumão pagar. Noteficoo assy as justiças, a que ho conhecimento desto pertencer, e lhes mando que lhe cunprã e guardem esta minha carta como se nella cõtem sem duuida nem embargo allgum que a ello seja posto, e mando aos allmoxarifes, que ora são e ao diamte forem dos ditos paços que ajã daqui em diamte ao dito Gaspar Glz por serralhairo delles e lhe deixem seruir como dito he. E porem, se os ditos allmoxarifes quyserem fazer as ditas obras com allgũs outros oficiaes que lhes fação mais bara-

(1) Torre do Tombo, Chancellaria de D. João III, *Doações*, liv. 14, fl. 175.

*

tas do que has o dito Gaspar Glz fizer podelloam fazer. Dioguo Neto a fez em Almeirim a xxii dias de dezembro, ano do nacimento de noso senhor Jhũ Xpo de jbᶜ Rbj» (1).

XXXIII

Guis (Mestre)

Era allemão e exercia em Lisboa o officio de serralheiro. D. Affonso V lhe passou carta de previlegio a 18 de abril de 1452 (2).

Henriques

Vide *Anriques*.

XXXIV

Henriques (Diogo)

Era serralheiro na villa (hoje cidade) de Thomar e trabalhava para o convento de Christo. Exercia variadamente a sua aptidão, executando, entre outras obras, um relogio, de que foi avaliador Pero de França, relogoeiro em Figueiró.

Tirei esta noticia de um dos livros do cartorio do mesmo convento.

«Pagou mais o dito recebedor per mandado do dito padre e perante mim spriuã a D.º Anriquez, serralheiro desta villa de ajudar a fazer ho Relogio nouo seis mil e setecẽtos e satẽta e dous reaes com quatro cẽtos que derã a Pero de França Relogoeiro morador em Figueiró que ho veo avaliar».

«Pagou mais o dito recebedor per mandado do dito padre e perante mim spriuã ao dito D.º Anriquez de soldar o badallo do sino grande e de hu ferro grande pera estar hũa alampada na charolla e de duas enxos e de tres martellos e de hũa cutella pera cortar liuros e doutra ferramenta pera os frades mil e bᶜR reaes».

João (Mestre)

Veja-se Allemão (João).

---

(1) Torre do Tombo, Chancellaria de D. João III, liv. 33, fl. 12.
(2) Torre do Tombo, Chancellaria de D. Affonso V, liv. 12, fl. 94.

XXXV

João (Domingos)

Mestre serralheiro. D. João IV, em alvará de 14 de maio de 1648, lhe permittiu que podesse ir pelo seu officio á *casa dos vinte e quatro* apesar de ser moedeiro, contanto que não usasse dos previlegios d'estes.

«Eu elRei faço saber aos que este aluara virem que auendo respeito ao que por sua petição me emuiou dizer Domingos João, mestre saralheiro, sobre poder ser eleito pello seu officio pera hir a casa dos vinte e quatro sem embargo de ser moedeiro, e visto o que alega e a informação que se ouue pello licenceado Jasinto Pimentel Arnauto, coregedor do ciuel desta cidade que serue de comseruador della e reposta que deu o juiz do pouo e casa dos vinte e quatro, ei por bem e me praz de despençar com o dito Domingos João pera que posa ir a dita casa dos vinte e quatro sem embargo de ser moedeiro contanto que não uzara do preuilegio de moedeiro. E mando as justiças officiaes e pesoas, a que o conhecimento disto pertencer que cumprão e guardem este aluara como se nelle contem. Manuel do Couto o fez em Lixboa a catorze de maio de seis centos quarenta e oito. Jasinto Fagundes Bezera o fez escreuer Rei» (1).

XXXVI

João (Pero)

Era ferreiro em Lisboa e tinha um criado de nome Lopo Fernandes, de quem se trata no logar competente. Era já fallecido em 1450.

XXXVII

Lopes da Costa (Fernando)

Serralheiro com residencia actual em Villa Franca de Xira. Acaba de requerer patente de invenção para uma bomba aperfeiçoada para elevar agua a grandes alturas, constituida por um cylindro com fendas verticaes em parte da sua altura, que assenta no fundo do poço, e no qual trabalha um embolo

(1) Torre do Tombo, Chancellaria de D. João IV, liv. 20, fl. 90.

metallico, sendo o mesmo embolo posto em acção por meio de um varão que se liga á cambota de um eixo situado na parte superior do apparelho, onde existe uma camara devidamente estanque, de onde a agua sae para a tubagem de elevação ou de distribuição.

XXXVIII

Lourenço (Antonio)

Por morte de seu pae, Lourenço Annes, foi nomeado para o substituir no cargo de mestre ferreiro nos armazens da Ribeira de Lisboa, por alvará com força de carta de 17 de janeiro de 1600.

«Eu elRey faço saber aos que este aluara virem que por parte de Antonio Lourenço, filho de Lourenço Annes, me foi apresentado hum aluara de lembrança delRey meu senhor, que Deus tem, de que o traslado é o seguinte: «Eu elRey faço saber aos que este aluara virem que pella informação que tenho de Antonio Lourenço, filho de Lourenço Annes, mestre das obras de ferro que se fazem nesta cidade de Lixboa, pera despeza de meus almazẽs, e de sua sufficiencia no dito officio, ey por bem e me praz de per falecimento do dito Lourenço Annes, seu pai, lhe fazer merce do dito officio para o seruir em quamto eu o ouuer por bem e não mandar o contrario, e auer outro tanto ordenado como o dito seu pai com elle ora tem, e isto com declaração que auendo eu por bem de extinguir o dito officio ou que elle o não sirua lhe não ficara minha fazenda por ysso em obrigação algũa e pera sua guarda lhe mandey dar este meu aluara, pello qual mando aos vedores de minha fazemda que quando for tempo lhe fação fazer prouisão em forma do dito officio apresentando a que o dito seu pai tem e este valerá e terá força e vigor & na forma, e valerá outro si, posto que não seja pasado polla chancelaria sem embargo da ordenação do dito liuro em contrario. Gaspar de Seixas o fez em Lixboa a xxbij de abril de mil b^c lxxxij. Eu Bertolameu Frois o fiz escreuer e o dito ordenado serão oito mil reaes somente, que he outro tanto como o dito seu pai até ora teue». E pidindome o dito Antonio Lourenço que por quanto elle era filho do dito Lourenço Annes e lhe pertencia o dito officio de mestre das obras de ferreiro que se fazem em meus almazẽs por elle ser falecido como constou por certidam de justifficação do doutor Antonio Dinis, do meu desembargo, do conselho de minha fazemda e juiz das justifficações della, lhe fizesse merce de lhe mandar passar prouisão em forma delle, e visto por mim seu requerimẽto e o aluara neste incorporado e certidão de justifficação, ey por bem e me praz de lhe fazer merce do dito cargo de mestre das obras de ferreiro que se fazem em meus almazẽs e Ribeira desta cidade de Lixboa, com o qual auerá dez mil reaes de ordenado cada anno, alem do feitio das obras que fizer, que he outro tanto como auia o dito seu pai — s — oyto mil reaes polla prouisão que tinha com o dito officio e os dous mil reaes de acrecentamento por hũa postilla que se nelle pos,

os quaes dez mil reaes lhe serão pagos no thesoureiro dos meus almazens, assy e da maneira que se pagauão ao dito seu pai, e o dito Antonio Lourenço o seruirá em quãto eu o ouuer por bem e não mandar o contrario com declaração que tirandolho ou extinguindosse por qual quer via que seja lhe não ficará por isso minha fazenda obrigada a satisfação algũa. Pello que mando a Vasco Fernandez Cesar, fidalgo de minha casa e prouedor de meus almazẽs e armadas, que lhe de a posse do dito officio e lho deixe seruir e auer o dito ordenado, que começará a vencer do dia que lhe for dado posse delle em diante e lhe dará o juramento dos sanctos euangelhos que bem e verdadeiramente o sirua, de que se fará assento nas costas deste aluara, que quero que valha &, e o aluara neste incorporado e certidão de justifficação e a prouisão que o dito Lourenço Annes tinha do dito officio foi tudo roto ao assinar deste e nos registos della que estão nos liuros de minha fazemda chancellaria e merces e asi nos registos do aluara de lembrança que estão nos ditos liuros de minha fazemda merces e no dos almazẽs se porão verbas de como se passou este aluara ao dito Antonio Lourenço do dito officio, de que os officiaes a que pertencer passarão suas certidões. Luis Figueira o fez em Lixboa a xbij de janeiro de mil bj[c] Janaluez Soarez o fez escreuer» (1).

XXXIX

Lourenço (Diogo)

De Villa Viçosa. D. Affonso V o tomou por seu ferreiro. Carta de previlegio de 2 de junho de 1456 (2).

XL

Machado (Antonio)

Foi nomeado, em alvará com força de carta de 9 de novembro de 1591, serralheiro dos armazens e marcador da artilharia que nelles se fizesse, cargo que tinha vagado por fallecimento de Lamberto Henriques. A Antonio Machado succedeu Diogo Gentil em 1592.

«Eu elRei faço saber aos que este alluara vyrem que eu ey por bem de fazer merce a Amtonyo Machado do oficio de serralheyro dos meus almazẽes e de mercador (marcador) de toda a artelharia que se fumdyr

---

(1) Torre do Tombo, Chancellaria de D. Filippe II, *Doações,* liv. 7, fl. 92.
(2) Torre do Tombo, Chancellaria de D. Affonso V, liv. 13, fl. 133 verso.

dos ditos allmazẽes, com ho qual oficio teraa e avera b̅iij reaes de ordenado em cada hum ano, que he outro tamto como tinha Lamberte Amriquez per cujo falecimento vaguou e halem dos ditos b̅iij de ordenado averaa pelas obras que asy fizer os preços em que se comcertar com ho prouedor dos ditos allmazẽes, as quaees obras se darão todas ao dito Amtonyo Machado e não a outro allgũu oficiall e elle seraa hobriguado a estar aualiação das cousas de ferro que o dito prouedor e hoficiaes dos allmazẽes mãdarem fazer pera despois delles pera se ver se são da bomdade que deuem ser e dyzer ho que vallem e se por ellas deuem de paguar da maneyra que ho fazia o dito Lamberte Hamriquez, e os ditos b̅iij reaes de ordenado começara a vemcer do dia em que lhe for dado pose do dito oficio e lhe serão paguos no thesoureiro dos meus allmazẽes aos quarteis de cada ano e mando a João Gomez da Syllua do meu conselho do estado e vedor de minha fazenda que lhe faça asemtar os ditos b̅iij reaes de ordenado no L.º do asemtamento de minha fazenda para lhe irem cada ano na folha que se faz dos hordenados dos hoficiaees delles e a Luis Cesar do meu conselho e prouedor dos meus allmazẽes e armadas que lhe dee a pose do dito oficio por este alluara que valeraa como carta & na forma. D.º de Sousa o fez em Lixboa a ix a novembro de lrj (1591): o quall hordenado lhe seraa paguo com certydão do prouedor dos allmazẽes de como serue e he comtyno. Pero Gomez Dabreu o fez sepreuer» (1).

XLI

Marinho (Duarte)

Martim Affonso de Mello, sendo governador de Malaca, nomeou a Duarte Marinho mestre das ferrarias d'aquella fortaleza. Esta nomeação, confirmada primeiramente pelo conde da Vidigueira e por Ayres de Saldanha, foi por ultimo confirmada por D. Filippe II em carta de 10 de abril de 1604.

«Eu elRey faço saber aos que este aluara virem que auẽdo respeyto aos seruiços que Duarte Marinho, estamte nas partes da Imdia, me tem feitos nellas ategora e do prouer em meu nome do cargo de mestre da ferraria da fortaleza de Malaqua Martim Afonso de Mello semdo capitão della e lho cõfirmar o cõde da Vidigueira e Ayres de Saldanha viso Rey da Imdia, ey por bem e me praz de fazer merce ao dito Duarte Marinho de lhe cõfirmar o dito cargo de mestre da ferraria da fortaleza de Malaca pera o seruir emquanto eu ouuer por bem e não mãodar o contrario sem embargo do Regimento que ha na Imdia que diz que os officios das ditas partes senão possão seruir por mais tempo que tres annos sómente, pollo que mando ao meu viso Rey ou gouernador das ditas partes da Imdia, que ora he e ao diamte for, e ao vedor de minha fa-

(1) Torre do Tombo, Chancellaria de D. Filippe I, *Doações*, liv. 22, fl. 204.

zemda em ellas, que cũprão e guardem e fação imteiramente cõprir e guardar este aluara como se nelle cõtem, que valera como carta & na forma, e se lhe pasou por duas vias, cõprida hũa, a outra não auera effeito. Belchior Pimto o fez em Lixboa a dez dabril de mil e seis cemtos e quatro. Janaluarez Soares o fez escreuer» (1).

XLII

Marques (Domingos)

Era serralheiro da Universidade de Coimbra e pelos annos de 1647 trabalhou nas obras que se fizeram na capella da mesma Universidade, juntamente com o ferreiro Manuel Fernandes e com o vidraceiro Francisco Jorge.

Estes apontamentos vêem revelados na monographia do sr. dr. A. Garcia de Vasconcellos ácerca da historia da sobredita capella.

XLIII

Martinho (Mestre)

Serralheiro em Coimbra na primeira metade do seculo XVI. Foi um dos tres peritos que avaliaram a estante de ferro fabricada por Antonio Fernandes para o mosteiro de Santa Cruz da mesma cidade.

XLIV

Noronha (André de)

Era serralheiro em Extremoz, donde veiu para Lisboa, a fim de exercer o mesmo officio nos paços reaes, cargo para que foi nomeado por alvará de D. João IV com força de carta de 19 de agosto de 1643. D. João IV o nomeou tambem relogoeiro dos seus paços.

«Eu elRei faço saber aos que este aluara virem que eu ei por bem e me praz de fazer merce a Andre de Noronha, saralheiro e fereiro das obras de meus paços, de dez mil reaes de ordenado com os ditos offi-

(1) Torre do Tombo, Chancellaria de D. Filippe II, *Doações*, liv. 14, fl. 114.

cios, auendo respeito a sua sufficiencia e a ser mandado vir de Estremoz pera meu seruiço, os quais dez mil reaes de ordenado comesara a vencer de oito dias do mes de abril deste ano prezente de mil e seis centos quarenta e tres em diante; pello que mando aos vedores de minha fazenda e conssilheiros della lhe fação asentar os ditos dez mil reaes de ordenado no liuro da dita minha fazenda e do tempo acima declarado despachar cada ano em parte onde aja delles bom pagamento. E este aluara ei por bem valha como carta sem embargo da ordenação em contrario, comtudo não se faça obra per elle sem primeiro constar por certidão nas costas do mesmo aluara do escriuão do nouo direito como o dito Andre de Noronha tem pago em minha chancelaria do que deuer desta merce. Luis de Lemos o fez em Lixboa a dezanoue de agosto de seis centos quarenta e tres. Fernão Gomes o fez escreuer. Rei» (1).

XLV

Nunes (Diogo)

Era de Alegrete e D. Affonso V o tomou por seu ferreiro, passando-lhe carta de previlegio a 28 de fevereiro de 1467. Esta carta foi confirmada por D. João II em 1472 (2).

XLVI

Ortega (Diogo)

Em 25 de outubro de 1529 D. João III lhe passou carta em que o nomeava seu serralheiro de estribeira, concedendo-lhe ao mesmo tempo os previlegios inherentes ao officio. Esta carta substituia dois alvarás do mesmo teor, um dos quaes havia sido subscripto por D. Manuel.

«Dom Joham &. A quãtos esta minha carta virem faço saber que por parte de Dioguo Ortega serralheyro me foy apresemtado huũ meu aluara de que ho teor tall he: «Eu elRey faço saber a quãtos este meu aluara virem que Diogo Ortega tinha hum aluara delRey meu senhor e padre que samta gloria aja per que o tomou por meu *(sic)* serralheyro e pera fazer estribeiras, o qual aluara emtregou nas comfirmações pera se comfirmar per mim e se perdeo nelas pelo que me pedio por merce que ouuese por bem lhe mandar dar outro tall aluara e visto por mim seu dizer e

(1) Torre do Tombo, Chancellaria de D. João IV, *Doações*, liv. 12, fl. 363.

(2) Torre do Tombo, Chancellaria de D. João II, liv. 6, fl. 137.

por ser certo como se o dito aluara perdeo nas confirmações e por mostrar huũa certidã de Bras da Costa escrivã que foy da cozinha do dito senhor que elle dito Diogo Ortega tinha este meu aluara, pello qual ey por bem que elle seja meu serralheyro e pera fazer estribeiras, auemdo respeito ao aluara que asy tinha do dito senhor e por sua guarda e minha lembramça lhe mãdey dar este aluara per mim asynado Amtonio Paez o fez em Lixboa a biij dias de mayo de mill b^c xxix e porem elle nã auera moradia nem apousemtadoria». Pedimdome o dito Diogo Ortega que ouuese por bem lhe mãdar fazer o dito aluara em carta e pasar carta em forma e queremdolhe fazer graça e merce, tenho por bem e o tomo por meu serralheyro e pera fazer estribeiras e porem o notifiquo asy a todos os meus oficiaes pessoas e justiças a que esta minha carta for mostrada e o conhecimento dela pertencer e lhes mãdo que o ajã por meu serralheyro e quero que goze de todas as liberdades que tem e de que gozã os meus oficiaes macanicos que amdã em meus liuros, e mãdo ao meu tesoureiro e oficiaes que lhe dem minhas hobras a fazer aquelas que tocarem a seu oficio de serralheyro e destribeiras e ao meu apousemtador moor que ho mãde apousemtar nos lugares omde eu estiuer asy como aos meus oficiaes macanicos e nos lugares das apousemtadorias sera yso mesmo apousemtado por seu dinheiro que elle pagara a sua custa e por certidã dello lhe mãdey dar esta carta por mim asynada e aselada com o meu selo. Amtonio Paez a fez em Lixboa a xxb dias doutubro de mill b^c xxix» (1).

XLVII

Pedro (Mestre)

Serralheiro em Coimbra na primeira metade do seculo XVI. Foi um dos tres peritos que avaliaram a estante de ferro fabricada por Antonio Fernandes para o mosteiro de Santa Cruz da mesma cidade.

XLVIII

Pedro ou Pero (Mestre)

No artigo Pero Fernandes fiz referencia a mestre Pedro, mestre das ferrarias de Gôa, que acompanhou D. Alvaro de Castro no soccorro de Diu e alli prestou bons serviços até a fortaleza ser descercada por D. João de Castro, que o armou cavalleiro. D. Garcia de Sá lhe passou alvará d'esta mercê, alvará que foi confirmado por D. João III em 11 de setembro de 1549.

---

(1) Torre do Tombo, Chancellaria de D. João III, liv. 17, fl. 120 verso.

No anno de 1562 apparece um mestre Pedro, mestre das ferrarias de Gôa, a quem o viso-rei Conde de Redondo fez mercê «de um pedaço de chão que está no baluarte junto com o postigo na rua que vem da fortaleza para o hospital».

A 21 de fevereiro de 1565 o viso-rei D. Antão de Noronha publicou uma provisão sobre o vencimento dos ordenados de diversos officios da cidade de Gôa e nella se faz uma referencia a mestre Pedro pela fórma que adiante vae mencionada. Numa lista das pessoas a quem el-rei deu licença para mandar vir especiarias da India, figura um mestre Pedro, mestre das ferrarias, ao qual foi permittido mandar vir de Ceylão cinco bares de canella.

«Dom Johão &. A quantos esta minha carta virem faço saber que por parte de mestre Pedro, mestre das ferrarias da cidade de Goa, me foy apresentado hum aluara de Garcia de Saa, que ora serue de gouernador nas partes da India, pello qual se mostraua que por dom Johão de Crasto, que Deos perdoe, que foi Viso Rey nas ditas partes, ter recado de dom Johão Mazcarenhas, capitão da fortaleza da cidade de Dio, de como a dita fortaleza estaua cerquada per Coje Çofar, capitão delRey de Cambaya, mandara a socorro della dom Aluaro de Castro, seu filho, capitão moor do maar das ditas partes, com muitos nauios, gente e moniçóes, e que per o dito mestre Pedro ir ao dito socorro na armada do dito dom Aluaro e se achar no dito cerquo e no combate e pelleja que tiuerão com os mouros, de que ouuerão vencimento: no qual o dito Viso Rey se achou per tambem acodir ao dito socorro depois do dito seu filho, que foy a dez dias de nouembro do ano de mil b^c Rbj, e o fazer muito bem de sua pesoa, o fizera caualeiro, segundo mais inteiramente hera contheudo e declarado no dito aluara, pedindome por merce que lho confirmasse e mandasse que lhe fossem guardados os priuilegios e liberdades dos caualeiros. E visto seu requerimento, e por fazer certo de seu seruiço, e querendolhe fazer graça e merce, ey por bem e me praz de lhe confirmar, e por esta lhe ey por confirmado, o dito aluara, e quero que elle goze e uze daquy em diante de todos os priuilegios e liberdades, graças, franquezas, de que gozão e de direito deuem gozar e gouuir os caualeiros per mym confirmados, e elle sera obriguado a ter armas, segundo forma da ordenação. Noteficoo asy a todos meus desembarguadores, corregedores, ouuidores, juizes, justiças, oficiaes e pesoas, a que esta carta for mostrada e o conhecimento della pertencer, e lhes mando que a cumprão e guardem e fação inteiramente comprir e guardar sem a ello poerem duuida nem embarguo algum, por que asy he minha merce. Dada em Lixboa a xj dias de setembro. Balthesar Fernandez a fez anno do nascimento de nosso Senhor Jhũ Xpo de mil b^c Rix. João de Castilho a fez escreuer» (1).

(1) Torre do Tombo, Chancellaria de D. João III, *Privilegios*, liv. 2, fl. 89 verso.

SUMMARIO.

«Carta do Viso rey, conde do Redondo, em nome d'el-rey, fazendo mercê a mestre Pedro, mestre das ferrarias de Sua Alteza na cidade de Gôa, de um pedaço de chão, que está no baluarte junto com o postigo na rua que vem da fortaleza para o hospital, onde elle tem umas casas terreas, e lhe faz mercê do dito pedaço de chão em fateota para sempre para elle e seus herdeiros ascendentes e descendentes, e faça nelle todas as bemfeitorias que quizer, e por bem tiver como cousa sua, e que se possa sobradar, e armar sobre o muro, com declaração que se em algum tempo for necessario despejal-o e dar serventia ao dito muro, fique obrigado a isso. Gôa, 15 de maio de 1562» (1).

«Item, Mestre Pedro, mestre das ferrarias de Sua Alteza d'esta cidade, tinha de seu ordenado 20$000 réis com ho dito cargo, e depois lhe foy acrescentado pelos governadores, que com sua aposentadoria e mantimento emportavão 90$000 réis por anno. Eu lhe assentei no dito Regimento 60$000 réis com ho dito cargo, e por elle ter servido Sua Alteza muito bem, e ter feito na ribeira de Sua Alteza muitas cousas de proveito da fazenda do dito senhor, e esperar d'elle que asy o faça sempre, ey por bem que ele haja com ho dito cargo em quoanto o asy servir os ditos 90$000 réis de ordenado por anno entrando nisso os 60$000 réis do Regimento. E socedendo outra pessoa no dito cargo não averá mais que os ditos 60$000 réis por anno».

No fim da *Provisão* vem esta aclaração:

«Em quanto a Mestre Pedro já não serve de mestre das ferrarias de Sua Alteza, e portanto não averá hordenado algum do carrego, e por-se-lhe-ha verba em seu titulo pera o não vencer, etc.» (2).

«Item a Mestre Pedro, mestre das ferrarias, deu licença que podesse mandar trazer de Ceilão cinquo bares de canella, avendo respeito ao muito serviço que faz el rei nosso Senhor em seu officio» (3).

(Continúa). SOUSA VITERBO.

---

(1) Rivara — *Archivo Portuguez Oriental,* fasc. 5.º, doc. 419.

(2) Rivara — *Archivo Portuguez Oriental,* fasc. 5.º, doc. 540, pag. 591.

(3) Lista das pessoas a que el-rei concedeu licença para trazer da India especiarias. Torre do Tombo, gaveta 15, maço 12, n.º 1. Transcripto do volume de leitura nova, gaveta 15, maço 9 a 12, fl. 239.

FONTES DOS LUSIADAS

(Cont. dos n.os 1 e 2, pag. 86)

Foi decerto por patriotismo que o poeta deixou de mencionar o meio a que, no dizer de Sabellico, recorreram os moradores de Lisboa, para afastarem os barbaros (1).

O *nunca* é que fórça demais a nota. Nem Sabellico queria ir tão longe, como se vê por uma passagem um pouco posterior (*En.* cit., p. 427).

Ou teria o poeta apenas escripto *nam obedeceo?*

Em III, 100, 3-5, lê-se:

Nem Atila, que Italia toda espanta,
....
Gottica gente trouxe tanta...

---

(1) Fr. Bernardo de Brito tambem não acceita, senão parcialmente, a explicação dos dous historiadores italianos. Para elle, foi principalmente a intercessão dos santos martyres lisbonenses, Verissimo, Maxima e Julia, que naquella occasião livrou a cidade de caír em poder dos barbaros. «São estes santos patrões & defensores particulares da cidade de Lisboa, como naturaes della; & com milagres notaveis mostrarão em muitas occasiões quanto a tinhão á sua conta: porque, sendo a cidade sitiada & posta em grande aperto pelo exercito dos Alanos & Suevos,... estando em perigo manifesto de ser entrada por força & posta por terra, acudirão os moradores com lagrimas & orações aos Santos, cujo favor virão tão presente, que os barbaros, assaltados de uma doença repentina & de certo medo & temor espantoso, levantarão o cerco & se contentarão com pouca quantidade de moeda, que lhe derão pera pagar parte dos gastos feitos na jornada. Este é o dinheiro com que Blondo e o Sabellico dizem que Lisboa remio sua liberdade, sem fazerem menção do favor dos Santos». *Monarchia Lusitana,* liv. v, cap. 23. Cf. liv. VI, cap. 2. No liv. VI, cap. 3.º, explica o nada escrupuloso chronista como «Lisboa & toda a terra, que ha ao longo do mar até o Minho, era dos Suevos».

Devo dizer que foi com intuito de descobrir a fonte de III, 60, que l as passagens citadas de Fr. Bernardo de Brito e, por intermedio dellas, tive conhecimento da obra de Sabellico.

Ora Sabellico é muito expresso a respeito do povo que tinha Attila por chefe: eram os hunnos.

E se a proposito da invasão da Italia falla nos ostrogodos, é apenas para os enumerar entre os muitos auxiliares do terrivel chefe barbaro. «Jussi itaque in certum diem adesse concilio dimittuntur, nec longior inde mora fuit; pleraeque ferocissimae gentes cum suis regibus affuere, Ostrogothi, Heruli, Turcilingi, Quadi, Rugi, quibus Hunnus auxiliis fretus», etc. (*En.* 8.ª, l. 1.º, p. 436).

O que escreveu então o poeta? Naturalmente, ou o adjectivo *hunnica*, que Sabellico emprega: — *hunnicam uirtutem, hunnico tumultu,* — ou talvez *scythica,* por causa de passagens como esta: «Hunni *gens scythica*» (*En.* 9.ª, l. 1.º, p. 630), «Hunni, quos *Scythicam* esse *gentem* docuimus», etc. (*Dec.* 1.ª, l. 3.º).

Em III, 110, affirma o poeta que o exercito agareno

> ... com titulo falso possuindo
> Está o famoso nome sarraceno.

Que quer isto dizer? Explica-no-lo Sabellico: «A Sara, quae fuit Abrahae, sese ortos arbitrati, quam Mahometus ansam amplexus, facile uanissimae genti persuasit solos eos omnium mortalium legitimos esse diuinae professionis successores». (*En.* 8.ª, l. 6.º, p. 536).

Mas se a palavra se deriva de Sara, mulher de Abrahão, é obvio que deve escrever-se *saraceno* e não *sarraceno.* Foi assim que o poeta a leu em Sabellico, em Ariosto, etc. E foi tambem esta a graphia que para ella adoptou, aliás não se comprehenderiam os versos de III, 110.

Em nota a este passo observa Freire de Carvalho: «Escrevemos neste logar *Saraceno,* e não *Sarraceno,* como se lê em todas as edições; que, ao contrario, fariamos dizer ao poeta uma grande necedade». (*Os Lusiadas,* Lisboa, 1843, p. 309).

Mas porque é que só neste logar se deve escrever assim a palavra, e não tambem em todos os outros dos *Lusiadas,* em que ella apparece? O poeta acceitou a etymologia, portanto foi com certeza coherente (1).

---

(1) Divergem os auctores sobre a origem e significação primitiva da palavra, que aliás nada tem com Sara. São outras as razões que justificam a graphia *saracenos,* que parece merecer hoje a preferencia dos

Em III, 116, 1–4, encarecendo a mortandade dos mouros na batalha do Salado, diz o poeta:

> Não matou a quarta parte o forte Mario
> Dos que morreram neste vencimento,
> Quando as agoas co sangue do aduersario
> Fez beber ao exercito sedento.

A que batalha allude Camões? Qual é o sentido preciso das suas palavras?

Esclarecem-nos as *Enneadas,* que, ao occuparem-se da batalha de *Aquae Sextiae* (1), em que Mario desbaratou os teutões, dizem que elle acampou de proposito um pouco afastado dum rio, em um sitio onde não havia agua, e que aos soldados que disso se lhe queixavam, respondera, apontando para a corrente: *acolá é que haveis de ir comprar a agua com sangue.* E quando os romanos foram buscar agua, os inimigos caíram sobre elles, mas foram destroçados, ficando o rio cheio de cadaveres. «Consul,... ut pugnandi necessitatem militi imponeret, aliquanto remotius a flumine castra locat, loco minime irriguo, quod quum milites quererentur, ad flumen manum intendens, inde (inquit) potus vobis sanguine emendus est. Lixae igitur & calones ui, si prohiberentur, aquaturi, dextra armis instructa, altera urnam habentes ad fluuium decurrunt. Hic aliquot hostium repente circa amnem oppressi,... continuo tumultum exciuere, ac primi omnium Ambrones, triginta milia numero,... arma capiunt... Ambronibus primi Ligures ex Romanis castris occurrunt...

---

mais auctorizados escriptores. «*Saracens* was the current designation among the Christians... especially for the Moslems in Europa. In earlier times the name of *Saraceni* was applied by Greeks and Romans to the troublesome nomad Arabs of the Syro-Arabian desert... No satisfactory explanation has been given of the reason why the Romans called the frontier tribes *Saracens.* It is most natural to suppose that they adopted some name of a tribe or confederation and used it in a extended sense... The common derivation from the Arabic *sharkî* «eastern», is quite untenable. Springer suggests that the word may be simply *shorakâ* «allies» (*Encyclopaedia Britannica,* XXI, 304). Mais tarde os christãos suppozeram que os arabes tinham adoptado o nome de *Saracenos,* para fazerem crer que descendiam da mulher legitima de Abrahão (Sara) e não da escrava Agar.

(1) Freire de Carvalho, no commentario a este logar, suppõe que se trata da batalha de Vercelli, em que Mario derrotou os cimbrios. A fonte do poeta não deixa duvidas a este respeito.

Ambrones fusi fugatique sunt, caedesque circa ripas ingens edita & flumen cadaveribus oppletum». (*En.* VI, l. 2.°, p. 36-37).

Em III, 126, diz-se que a mãe de Nino foi creada por

> ... aues agrestes, que somente
> Nas rapinas aerias tem o intento.

Ora, referindo a lenda que essas aves foram pombas, como é que o poeta se exprime desta maneira? São as pombas, porventura, aves de rapina?

É que Sabellico, ao expôr o assumpto, não falla de pombas, mas de «aquatiles uolucres». «Dizem que Semiramis foy filha de hũa nimpha de hũ lago... E hũ mãcebo dessa terra ouue della esta filha: & ella lhe mandou que a posesse junto de hũ lago, em hũa parte da terra que a agoa descobria,... no qual lugar andavã muytas aues das q̃ andã no mar, pera se abrigar ali: as quaes, quando aquella menina ali foy lançada, a tomarã & criarã com grãde diligencia». (T. I, 21).

Em IV, 36, 37, falla-se, fazendo uma comparação, no pastor de Massylia que furtou os filhos á leoa, a qual

> Corre raiuosa & freme & com bramidos
> Os montes Sete Irmãos atroa & abala.

Ora sabendo-se, por um lado, que os montes a que se allude neste ultimo verso se acham nas immediações de Ceuta (1), e, por outro, que a região habitada pelos massylios ficava no interior da Numidia (parte oriental da Argelia), é obvio que o poeta não escreveu *Massylia.*

A palavra que elle empregou para designar a região onde ficam os montes *Sete Irmãos* foi evidentemente *Maurusia* ou *Maurisia,* suscitada pela *Maurusia gens* da *Eneida,* IV, 206-207, e pelo termo *Maurisii,* que Sabellico por vezes emprega, para indicar os mouros da costa do Atlantico.

Basta citar uma passagem em que elle falla tambem dos

---

(1) Segundo alguns, foram até esses montes que deram o nome á cidade, que porisso se deveria escrever *Septa* ou *Seuta.* «Septem montes qui prope civitatem erant, fratres ob similitudinem appellatos, a quorum numero Septa nomen sumpsit...» (Mattheus de Pisano, *Guerra de Ceuta,* pag. 21, nos *Ineditos de historia portuguêsa da Academia Real das Sciencias,* tom. 1.°.

massulos (massylios), povo da Numidia: «Carthaginienses, adiuncto sibi Gala Massulorum rege (sunt et ipsi Massuli Numidae), bellum Massinissae filio aduersus Syphacem gerendum crediderunt... Qua clade Syphax perculsus, in *Maurisios, qui iuxta Oceanum incolunt,* paucis comitatus concessit». (*En.* v, l. 3.º, p. 983).

E a desastrada substituição effectuou-se tambem em v, 6, 1, onde Vasco da Gama, ao fazer a narrativa da sua viagem, diz ao rei de Melinde:

> Deixamos de Massilia a esteril costa,
> Onde seu gado os Azenegues pastão,

como se tivesse passado na costa da antiga Numidia (em cujo interior habitavam os Massylios) e como se os Azenegues houvessem mudado da costa marroquina do Atlantico para a da actual Argelia.

¡ Como explicar a *emenda,* que apparece em dous logares distantes, e que, porisso, difficilmente se póde attribuir a erro de imprensa?

Creio que Fr. Bartholomeu Ferreira se viu embaraçado ao querer conciliar v, 4, 5-7 com v, 6, 1, e que, porisso, cortou, mas só apparentemente, a difficuldade, substituindo Maurisia (ou Maurusia) por Massylia na segunda estancia, e reforçando a *correcção* com a mesma mudança em iv, 36, 8.

Ora a difficuldade que se apresentou ao revedor da inquisição — o referir-se Vasco da Gama duas vezes ás costas da Mauritania, uma antes, outra depois da passagem pela Madeira — é real, mas não é a unica que offerecem as estancias 4 a 12 do canto v.

A primeira está já em fallar-se na passagem pela Madeira, pois que Vasco da Gama não avistou esta ilha, mas, como se sabe, foi por entre as Canarias e a costa d'Africa. E a ultima está em fazer entrar Vasco da Gama por duas vezes no mar largo, uma ao sair da ilha de Sant'Iago (9, 6-7) e outra antes de chegar ás alturas da Serra Leoa (12, 1-3).

É que nessas estancias se encontram dous roteiros, — o da primeira viagem de Vasco da Gama, cuja fonte foi Barros e Castanheda —, e o da propria viagem de Camões.

Comecemos pelo segundo.

A *S. Bento,* em que foi o poeta, *deixou* a Mauritania á mão esquerda (iv, 5-8); *passou* á vista da Madeira (v, 1); *passou* o tropico e a foz do Senegal, com rumo ao Cabo Verde (7, 1-8); *rodeou* a costa que fica entre este cabo e a

foz do Gambia (10, 1-8), *passou* pelas Dorçadas (archipelago de Bijagós) (11, 1), e, seguindo para o sul, *deixou* a Serra Leoa, mettendo se pelo *grandissimo golfão* (12, 1-3) (1).

Vasco da Gama, por seu lado, passou entre a costa d'Africa e as Canarias, em direcção á ilha de Sant'Iago, internando-se depois no mar largo. É o roteiro que se encontra nas estancias 6, 8 e 9: *passou* a costa de Maurisia (Marrocos) e, *tendo passado* as Canarias, *aportou* á ilha de Sant'Iago e d'aqui *tornou a cortar o immenso lago.*

Se, como presumo, em 6, 1, se lia no manuscripto do poeta:

> *Passamos* (2) *de Maurusia* a esteril costa

e se Fr. Bartholomeu Ferreira não notou que estava em presença de dous roteiros com rumos diversos, comprehende-se a estranheza que este verso lhe devia causar, comparando-o com o que acabava de lêr na estancia 4.ª:

> De Mauritania os montes & lugares
> ....
> Deyxando aa mão ezquerda...

D'ahi, creio eu, por um lado, a substituição do primitivo *passámos* por *deixámos,* com o fim de tornar inteiramente coherentes os dous versos; mas, por outro lado, a mudança de *Maurusia* em *Massylia,* fazendo desapparecer o inconveniente da repetição de 4, 5-7, embora á custa da verdade.

Em IV, 62, diz-se que os mensageiros que D. João 2.º mandou ao Oriente pelo Mediterraneo foram a Memphis. É Sabellico que nos explica o emprego desta palavra, em vez de *Cairo,* que corresponde á verdade e que o poeta leu

---

(1) Direi de passagem que o *Grande rio,* mencionado no 5.º verso desta estancia, não é nem o *Rio Grande,* como suppõe W. Storck (*Die Lusiaden,* p. 411), nem o Zaire, como affirmam outros, mas sim o Niger. Deste e doutros assumptos que prendem com a interpretação das primeiras estancias do canto V me occupei já em uma communicação apresentada á Academia Real das Sciencias.

(2) Do confronto das primeiras estancias do canto V com as respectivas fontes collige-se que o poeta emprega o verbo *passar,* quando foi avistada a terra, e *deixar,* quando se navegou ao largo, sem a ver.

nas respectivas fontes. É que para o auctor das *Enneadas* «Memphis olim fuit quae nunc est Cairus». (*En.* x, l. 8.ª, p. 1010).

O final da estancia 64 do canto iv, onde se diz que os mensageiros de D. João 2.º partiram do Golpho Persico para a India,

> ... pelas ondas do Oceano,
> Onde nam se atreueo passar Trajano,

foi suggerido ao poeta pela seguinte passagem de Sabellico: «(Trajanus) ad Ctesiphontem peruenit urbeque ui capta statuit Oceanum petere, quo secundo Tigri deuectus, conspicatus quosdam in Indiam nauigantes, ó quam, inquit, libenter istuc nauigarem ni ingrauescens impediret aetas, beatum uocans Alexandrum, qui multo longius uincendo progressus esset». (*En.* vii, l. 4.º, p. 307).

Em vii, 5 e 6, suppõe o poeta que os monarcas de Inglaterra usam o titulo de reis de Jerusalem:

> Vedelo duro Ingres, que se nomea
> Rei da velha & sanctissima cidade,
> Que o torpe Ismaelita senhorea.
>
> Guarda-lhe por entanto hum falso Rei
> A cidade Hierosolyma terrestre...

Annotando esta passagem diz W. Storck: «Irrthümlich legt der Dichter den englischen Herrschern den Titel: «König von Jerusalem» bei (vgl. Mickle, ii, 131, C, und Burton, Com. ii, 629); oder denkt Camoens vielleicht an Heinrichs viii Titel: «*Defensor fidei*»?» (*Die Lusiaden,* 421). E no logar citado pelo illustre camonista allemão, Burton observa: «Bluff Harry (falla-se de Henrique 8.º) did not claim to be King of Jerusalem... The title was offered by the army to Robert of Normandy, son of William the Conqueror, but declined, as the Duke expected the English throne. It was then bestowed upon Regnier, count of Anjou, whose daughter Margaret was married to Henry VI».

O poeta neste ponto cahiu effectivamente em erro, mas a responsabilidade é de Sabellico, que na *Enneada* ix, l. 5.º (p. 727) diz o seguinte: «Ricardus rex (falla de Ricardo *Coração de Leão*) Guidonem Lusignianum comiter appellando

multaque pollicendo eo pellexit, ut sibi Hierosolymitani regni iura permiserit, *quo contigit ut Angliae reges in hunc diem regiam eius urbis appellationem usurparent. Id regia eius gentis diplomata edictaque demonstrant*».

Em presença de uma asserção feita por um modo tão categorico, que, de mais a mais, se diz baseada nos diplomas assignados pelos monarcas inglêses, não é de extranhar o que se lê nos *Lusiadas*.

Devo ainda dizer, e isto bastaria para justificar o poeta, que, dos reis de Inglaterra, não foi Ricardo 1.º o unico que se intitulou *rei de Jerusalem;* uma rainha, contemporanea de Camões, a filha de Henrique 8.º, Maria Tudor, adoptou este titulo, por causa do seu casamento com Philippe de Hespanha (Philippe 2.º). Eis o que a este respeito se lê no *Genealogical and heraldic Dictionary* de Burke: «Queen Mary I, styled the same as Henry VIII, until her marriage, when she was styled, with her husband, Philip II: Philip and Mary,... King and Queen of England and France, Naples, Jerusalem and Ireland...».

Se não fosse conhecida a fonte do poeta, podia este facto explicar-nos a inexactidão dos *Lusiadas*. Nada mais natural do que ter Camões visto um diploma de Maria Tudor (morreu em 1558) e suppôr que era por herança que ella se intitulava *rainha de Jerusalem*.

Em VII, 19, 5-8, refere-se Camões ao *rumor antigo, que conta* haver perto da nascente do Ganges *moradores,* que

> Do cheiro se mantem das finas flores.

É que Sabellico reproduziu esta velha lenda, embora declare não acreditar nella: «Sed haec cunctantius referenda, quae talia sunt ut fidem haud dubie abrogent historiae: cuius legis ne oblitus videar, sciens praetereo, quae Graeci scriptores & nostrorum quidam eos secuti, de eius terrae (*refere-se á India*) monstris memoriae prodiderunt:... quosdam etiam hominum naso carentes & qui *sine ore solo odore uiuant,* quorum in Alexandri castra pauci admodum perducti fuerint». (*En.* I, l. 1.º, p. 16).

Foi tambem de Sabellico que o poeta reproduziu o dicto de Dario a respeito de Zopyro (III, 41, 3-8); a resposta de Numa, que se lê em VIII, 31, 5-8; a allusão aos desregramentos de Semiramis (VII, 53); a referencia á liberalidade de Alexandre Magno (III, 96, 4) e ás pescarias com que Cleopatra

enganava Antonio (VI, 2, 4); as informações que dá a respeito da procedencia dos turcos (I, 60, 5; VII, 12, 5–7) e da orographia da Asia (VII, 18), etc.

Finalmente, se, no intender de Sabellico, parte dos deuses da gentilidade foram personagens que tiveram existencia real, tambem Camões em IX, 90-92, 4, perfilha abertamente e sem restricções a mesma opinião (1).

Eis o que se lê nas *Enneadas* (I, l. 1.º, c. 3, p. 6–7): «Os desta geraçam de Cham, que primeiro passaram ao Egipto, como nam tinhã casas & dormiam no campo, olhauam de noyte as estrellas: & marauilhados da fremosura & mouimento das lumieyras celestiaes, que elles ali com mais femença esguardauam, por quanto ahi ho ar & os vẽtos sam mays serenos que nas outras partes, começaram de ter ho sol & a lũa por deoses... & chamaram a lũa Isis & ao sol Osiris... Chegou a tãto a paruoice dos homẽs que cuidarã que ho fogo & ar, mar & terra, & todolas outras partes do mundo... era cada hũa seu deos... Ao spirito vital chamaram Jupiter, ao fogo Vulcano, ao ceo Pallas, a terra Ceres & a outros outros nomes. Per derradeiro, deranse tãto a paruoices os homẽs que *algũs, porque excederam os outros em conselho, riquezas & em inuẽtar cousas proueitosas que ensinarã, os honrrarã por deoses.* E mormente aquelles que acertarã de ter os nomes que os antigos poseram ao sol & lũa. Daqui veyo terẽ a Jupiter (2) por deos & a Ceres, Vulcano, Isis, Osiris, e com elles os modernos, que poserã no numero dos deoses, como Apollo, Mars, Cupido & Mercurio & outros, que delles descenderã. Mas, quã paruoamente os homẽs isto fingiram & creram, se pode bẽ ver em celebrarem, a estes que poseram no ceo, ca na terra com representarem peccados que elles cometeram de amores çujos & forças & mortes & adulterios & furtos & outros peccados com que por maldades se sobiam ao ceo».

---

(1) É o chamado *evhemerismo*, a respeito do qual escreve A. Lange no artigo *Mythology* da *Encyclopedia Britannica*: «According to (Euemerus, 316 B. C.), the myths are history in disguise. All the gods were once men, whose real feats have been decorated and distorted by later fancy. This view suited Lactantius, St. Augustine and other early Christian writers very well... As there can be no doubt that the ghosts of dead men have been worshipped in many lands, and as the gods of many faiths are tricked out with attributes derived from ancestor-worship, the system of Euemerus retains some measure of plausibility».

(2) No original: Idaeus Juppiter (*En.* I, l. 1.º, p. 4).

Confrontem-se as estancias já citadas dos *Lusiadas:*

> ... As immortalidades que fingia
> A antiguidade, que os illustres ama,
> La no estellante Olimpo a quem subia (1)
> Sobre as asas inclitas da fama,
> Por obras valerosas que fazia (2),
> Pelo trabalho immenso, que se chama
> Caminho da virtude, alto & fragoso,
> Mas no fim doce, alegre & deleitoso,
>
> Não erão senão premios que reparte,
> Por feitos *im*mortaes & soberanos,
> O mundo cos varões, que esforço & arte
> Diui*n*os os fizeram, sendo humanos:
> Que Jupiter, Mercurio, Phebo & Marte,
> Eneas & Quirino, & os dous Thebanos,
> Ceres, Pallas & Juno com Diana
> Todos foram de fraca carne humana.
>
> Mas a fama, trombeta de obras tais,
> Lhe deu no mundo nomes tam estranhos
> De Deoses, Semideoses immortais,
> Indigetes, Eroicos & de Magnos.

Em x, 82-85, 2, o poeta, não já por iniciativa propria, mas, como creio (3), por conselho de Fr. Bartholomeu Ferreira, volta a occupar-se dos deuses da antiguidade classica,

---

(1) Cf. *Palmeirim de Inglaterra*, II, 104: «Palmeirim se alongou delle e, *sobindo-se no* mais alto outeiro, esteve vendo», etc. Emquanto á collocação do *quem* quasi no fim da oração relativa, já me referi a caso identico em II, 82, 3, se *ti* está, como creio, em vez do primitivo *quem*.

Devo observar que, ao fazer esta substituição por causa da metrica, Fr. Bartholomeu Ferreira se lembrou naturalmente da particularidade estylistica da passagem do pronome relativo para o demonstrativo, de que não faltam exemplos tanto na lingua grega, como na latina.

(2) Evidentemente o poeta não escreveu *fazia*, mas *sabia*. Isto é: a antiguidade elevava ao Olympo os homens notaveis, pelos feitos illustres que delles *sabia*. *Por obras valerosas que* ella, antiguidade, *fazia*, é que não faz sentido. Trata-se por certo de um erro de imprensa, como *sustentava*, em vez de *sustentava-os* (I, 33, 1), *tomais* em logar de *mostrais* (IX, 93, 3) e tantos outros.

(3) W. Storck suppõe que foi o poeta quem indicou a Fr. Bartholomeu Ferreira a justificação que este, no parecer ácerca dos *Lusiadas*, faz do emprego da mythologia no poema: «Esta explicação provém da estancia 82 do canto x; mas ainda aqui foi, certamente, o auctor quem guiou o censor». (*Vida*, § 372, nota 3). Com Costa e Silva (*Ensaio*, III, 106), Gomes de Amorim (*Lusiadas*, II, 256) e outros, supponho que foi o contrario disto que se passou.

com o intuito de se justificar do emprego que delles tinha feito nos *Lusiadas*. E a opinião que agora apresenta, se não é necessariamente inconciliavel com o *evhemerismo*, tambem o não suppõe.

Segundo aquella hypothese, os deuses tiveram existencia real como homens; agora o poeta attribue a Tethys as seguintes palavras:

> .... Eu, Saturno & Jano,
> Jupiter, Juno, fomos fabulosos (1),
> Fingidos de mortal & cego engano:
> So pera fazer versos deleitosos
> Seruimos, & se mais o trato humano
> Nos pode dar, he so que o nome nosso
> Nestas estrellas pos o engenho vosso (82).

A estes versos seguia-se, parece-me, no manuscripto do poeta um parenthesis, que abrangia as estancias 83, 84 e os dous primeiros versos da 85. Fr. Bartholomeu Ferreira teria, porém, eliminado o parenthesis, ligando a estancia 83 com a precedente pela conjuncção *porque*, pondo assim as palavras do poeta na bocca de Tethys, embora tivesse de fazer dizer a esta que os *espiritos maos nos empecem* (83, 8).

Conforme o texto da primeira edição do poema, seguido por todas as outras, Tethys diz que no empyreo, no globo que circumda todos os outros que constituem o universo, só estão *verdadeiros divos*, ao passo que ella propria e as outras divindades a que prestavam culto os gentios foram *fabulosas*, e prosegue:

> E tambem porque a Santa prouidencia,
> Que em Jupiter aqui se representa,
> Por espiritos mil que tem prudencia
> Gouerna o mundo todo que sustenta.
> Insinalo a prophetica sciencia,
> Em muitos dos exemplos que apresenta.
> Os que são bons guiando fauorecem,
> Os maus emquanto podem nos empecem (83).
>
> Quer logo aqui a pintura que varia,
> Agora deleitando, ora ensinando,
> Darlhe nomes que a antiga Poesia
> A seus Deoses já dera fabulando:

---

(1) *Fabulosos* no sentido evhemerista ou nem mesmo como creaturas humanas tiveram existencia? Para conciliar esta passagem com IX, 90-92, 4, é necessario admittir a primeira interpretação.

Que os anjos da celeste companhia
Deoses o sacro verso está chamando;
Nem nega que esse nome preeminente
Tambem aos maos se dá, mas falsamente (84).

Em fim que (1) o summo Deos, que por segundas
Causas obra no mundo, tudo manda.
E tornando a contar-te (2), etc.

A primeira difficuldade que estes versos offerecem é que em 83, 1-4, a pesar da forma exterior da construcção, se não contém qualquer explicação adequada ao que fica dicto no começo da estancia 82. Do que se trata é de uma nova affirmativa, que accresce á de 82, 1-2, mas que a esta se não acha ligada pelo nexo causal ou explicativo. Se no empyreo só estão *verdadeiros divos*, a razão não é *porque a Providencia governa o mundo por espiritos intermediarios*, pelos anjos bons.

Em segundo logar, o adverbio *aqui* de 83, 2 e de 84, 1, proferido por Tethys, refere-se evidentemente ao globo que ella está mostrando ao Gama, tem a mesma significação que em 80, 1; mostra, porém, o contexto, sem sombra de duvida, que nas estancias 83 e 84 se allude ao poema, para justificar o uso que nelle se faz da mythologia classica.

Repare-se finalmente no pronome *nos* de 83, 8. Tethys, não contente com se declarar *fabulosa* a si propria, arrojo que se póde explicar pela complacencia com o revedor da inquisição, incluir-se-ia tambem no numero daquelles a quem *os espiritos maos empecem!*

Seja-me permittido suppôr que no manuscripto do poeta a estancia 822 terminava por um ponto final e que a seguinte começava assim:

(E tambem *que a Diuina Prouidencia,*
Que em Jupiter aqui se representa,
Por espiritos mil que tem prudencia
Gouerna o mundo todo que sustenta,
Insinalo a prophetica sciencia, etc.

---

(1) Presumo que o poeta escreveu: *Assim que*.

(2) Na hypothese de no manuscripto haver um parenthesis que terminava no fim do 2.º verso da estancia 85, estas palavras estabeleceriam a ligação com o final da estancia 81, constituindo a estancia 82 uma digressão no discurso de Tethys. E o contexto mostra que assim é.

No 1.º verso da estancia 84 creio que o poeta empregou a palavra *escriptura,* onde agora se lê *pintura.* E a substituição seria devida ao desejo de melhorar a metrica.

É verdade que o poeta em VII, 76, 8, chama á pintura *muda poesia* e W. Storck appella para este logar a proposito do verso de que me occupo (*Die Lusiaden,* p. 437). Mas entre chamar *muda poesia* á pintura e *pintura,* sem qualquer qualificativo, á poesia, medêa uma grande differença.

Referindo-se directamente aos *Lusiadas,* Camões teria assim começado a estancia 84:

> Quer logo aqui a *escriptura,* etc.

Para se justificar do uso que faz da mythologia, Camões, depois de ter dicto na estancia 83 que, nos *Lusiadas,* Jupiter representa a Providencia, e os outros deuses correspondem, quer aos anjos bons, por que ella governa o mundo, quer aos anjos maos, que procuram empecer-nos, explica na estancia 84 que, para designar as duas especies de anjos, recorreu aos nomes

> .... que a antigua poesia
> A seos deoses já dera, fabulando.

E quem o auctorizou a chamar *deoses* aos anjos? Foi o *sacro verso,* foi a sagrada escriptura, que emprega aquella mesma expressão: responde Camões nos versos 5–8.

Esta resposta foi evidentemente lembrada ao poeta por Fr. Bartholomeu Ferreira, pois se basea na interpretação que Santo Agostinho dá a alguns textos biblicos, interpretação que se encontra em uma passagem que Camões por certo não foi descortinar.

Eis, com effeito, o que se lê no liv. IX, cap. 23, do tratado *De civitate Dei:* «Hos (daemones) si Platonici malunt deos quam daemones dicere, eisque annumerare quos a summo Deo conditos deos scribit eorum auctor et magister Plato, dicant quod volunt; non enim cum eis de verborum controversia laborandum est... Et in nostris sacris litteris legitur: *Deus deorum Dominus locutus est.* Et alibi: *Confitemini Deo deorum.* Et alibi: *Rex magnus super omnes deos.* Illud autem ubi scriptum est: *Terribilis est super omnes deos,* cur dictum sit deinceps ostenditur. Sequitur enim: *Quoniam omnes dii gentium daemonia, Dominus autem caelos fecit. Super omnes* ergo

deos dixit, sed *gentium,* id est, quos gentes pro diis habent, quae sunt *daemonia*... Illud vero ubi dicitur: *Deus deorum,* non potest intelligi Deus daemoniorum, et *Rex magnus super omnes deos* absit ut dicatur Rex magnus super omnia daemonia» (1).

VIII

Camões e Fernão Lopes

Para a historia dos reinados de D. Pedro I, D. Fernando e D. João I, Camões, como era de presumir, serviu-se principalmente das respectivas chronicas de Fernão Lopes.

a) *D. Pedro I* (III, 136-137). A[illegible]as estancias em que o poeta se occupa deste rei reproduzem, em resumo, a impressão que deixa a leitura de Fernão Lopes (2).

Assim, referindo-se á *vingança* que D. Pedro exerceu sobre os *fugidos homicidas* de D. Ignês de Castro, diz o poeta:

> Do outro Pedro cruissimo os alcança,
> Que ambos, imigos das humanas vidas,
> O concerto fizeram, duro & injusto,
> Que com Lepido & Antonio fez Augusto (136, 5-8).

Lea-se agora Fernão Lopes: «Por que o fruito prinçipal da alma, que he a verdade, pela qual todallas cousas estam em sua firmeza, e ella ha de seer clara e nom fingida, moormente nos Reis e senhores, em que mais resplandeçe qualquer virtude, ou he feo o seu comtrairo: ouverom as gentes por muj gram mal huum mujto davorreçer escambo, que este ano amtre os Reis de Purtugal e de Castella foi feito;

---

(1) No juizo que, por mandado da inquisição, Fr. Bartholomeu Ferreira emittiu sobre os *Lusiadas*, encontra-se tambem citado o mesmo doutor da Igreja: «E ainda que Santo Augustinho nas suas «*Retractações*» se retracte de ter chamado nos livros que compoz «*De Ordine*» as Musas *Deoses,* todavia, como isto é poesia e fingimento e o auctor como poeta não pretende mais que ornar o estilo poetico, não tivemos por inconveniente ir esta fabula dos Deoses na obra, conhecendo-a por tal, e ficando sempre salva a verdade de nossa santa fé, que todos os deoses dos gentios são demonios».

(2) *Chronica do Senhor Rei D. Pedro I,* nos *Ineditos de historia portuguêsa,* publicados pela Academia, tom. IV.

em tanto que, posto que escripto achemos delRei de Purtugal que a toda gente era manteedor de verdade, nossa teençom he nom o louvar mais, pois contra seu juramento foi consemtidor em tam fea cousa... Pero, depois de todo esto (trata-se do assassinio de D. Ignês), foi elRei (D. Affonso IV) dacordo com o Iffamte seu filho, e perdohou o Iffamte a estes e a outros em que sospeitava; e isso meesmo perdohou elRei aos do Iffamte todo queixume que delles avia, e forom sobresto grandes juramentos e promessas feitas;... e viviam assi seguros Diego Lopez e os outros no Reino, em quanto elRei Dom Affonso viveo. E seemdo elRei doemte em Lixboa, de door de que se estomçe finou, fez chamar Diego Lopez Pacheco e outros, e disselhe que el sabia bem que o Iffamte Dom Pedro seu filho lhe tijnha maa voomtade, nom embargamdo as juras e perdom que fezera;... e que... lhes compria de se poerem em salvo fora do Reino:... e elles se partirom logo de Lixboa e se forom pera Castella;... e elRei de Castella os reçebeo de boom geito e aviam delle bem fazer e merçee, vivemdo em seu reino seguros e sem reçeo. E depois que o Iffamte Dom Pedro reinou, deu semtemça de traiçom contra elles e deu os bens... a outras pessoas como lhe prougue... Semelhavelmente fugirom de Castella neesta sazom, com temor delRei, que os mandava matar, dom Pedro Nunez de Gozman... e Meem Rodriguez Tenoiro e Fernam Godiel de Tolledo e Fenam Sanchez Caldeirom; e viviam em Purtugal na merçee delRei Dom Pedro, creemdo nom reçeber dano, tambem os Purtuguezes, como os Castellãos, porque razoada fe lhes dera ousado acoutamento nas faldras da segurança, a qual nom bem guardada pelos Reis, fezerom calladamente huuma tal aveemça, que elRei de Purtugal emtregasse presos a elRei de Castella os fidallgos que em seu Reino viviam e que el outro si lhe emtregaria Diego Lopez Pacheco, e os outros ambos que em Castella amdavom» (cap. 30).

E depois de contar, no cap. 31, «como Diego Lopez Pacheco escapou de seer preso, e forom emtregues os outros, e logo mortos cruellmente», observa o chronista, repetindo o que já tinha dicto no começo do cap. 30: «Muito perdeo elRei de sua boa fama por tal escambo como este, o qual foi avudo em Purtugal e em Castella por muj grande mal, dizendo todollos boons que o ouviam, que os Reis erravom muj muito himdo comtra suas verdades, poisque estes cavalleiros estavom sobre seguramça acoutados em seus reinos».

A respeito do *Pedro cruissimo* de Castella, tambem *imigo*

das humanas vidas, leu o poeta em Fernão Lopes, além de muitos factos, esta asserção generica: «Matou mujtas honradas pessoas, dellas sem rezom,... e outras sem por que e por ligeiras sospeitas, em tanto que mujtos boons se afastavom delle, mujto anojados por temor de morte; ca nenhum nom era com el seguro, posto que o bem servisse, e lhe el mujta merçee e honrra fezesse» (cap. 16).

Passemos á estancia 137:

> Este, castigador foi rigoroso
> De latrocinios, mortes & adulterios.

Não faltam na chronica passagens onde se diz isto mesmo. «Se ouvia novas dalguum ladrom ou malfeitor, alongado mujto donde el fosse, fallava com alguum seu de que se fiava, prometendolhe merçees por lho hir buscar e mandavalhe que nom vehesse ante elle, ataa que todavia lho trouvesse aa maão; e assi lhos tragiam presos do cabo do reino e lhos apresentavom hu quer que estava... Nom achamos, em quanto reinou, que a nenhum perdoasse morte dalguuma pessoa, nem que a mereçesse per outra guisa, nem lha mudasse em tal pena per que podesse escapar a vida... Mandou e pos por lei que qualquer casado que com barregaã vivesse, ou a tevesse dentro em sua casa, se fosse fidallgo ou vassallo, que delle ou doutrem tevesse maravedijs, que os perdesse, e, segundo os estados das pessoas, assi hordenou as penas do dinheiro e degredo, ataa mandar que pubricamente por a terçeira vez, elles e ellas por esto fossem açoutados, e quando diziam a elRei que se agravavom mujtos de tal hordenança como esta, respondia elle que assi o entendia por serviço de Deus e seu e prol delles todos... ElRei Dom Pedro... fazia grandes justiças em quaes quer que dormiam com molheres casadas... Quem ouvio semelhante iustiça da que elRei fez na molher Daffonso Andre, mercador honrrado, morador em Lixboa? Andando iustando na rua nova, como era costume quando os Reis vijnham aas çidades, que os mercadores e çidadaãos iustavom com os da corte por festa, estando elRei presente e avendo enformaçom çerta que sua molher lhe fazia maldade, entendeo que entom era tempo de a achar e tomar em tal obra, e per enculcas mujto escusadamente foi ella tomada com quem a culpavam e mandouha queimar e degolar a elle, e o marido conthinuando a iusta, quando çessou, soube disto parte e foisse a elRei por se queixar do que lhe feito avia, e elRei como o vio, ante que lhe el fal-

lasse, pediolhe a alvissera do que mandara fazer, dizendo que ja o tijnha vingado da aleivosa de sua molher e do que lhe poinha as cornas» (capp. 1.º, 5.º, 6.º, 7.º, 8.º, 9.º).

> Fazer nos maos cruezas, fero & iroso,
> Eram os seus mais certos refrigerios.

«E da mesa se levantava (elRei), se chegavom (com algum ladrão ou malfeitor) a tempo que el comesse, por os fazer logo meter a tormento; e el meesmo poinha em elles maão quando vija que confessar nom queriam, firindoos cruellmente ataa que confessavam. A todo logar honde elRei hia, sempre achariees prestes com huum açoute o que de tal officio tijnha encarrego, em guisa que como a elRei tragiam alguum malfeitor, e el dizia chamemme foaão que traga o açoute, logo elle era prestes, sem outra tardança» (cap. 6.º).

E o cap. 7.º, — em que se descreve a typica scena passada com o adultero bispo do Porto, que D. Pedro se dispunha a azorragar por suas proprias mãos, — termina por esta razão, adduzida pelos privados do monarca: «Demais que o seu poboo lhe chamava algoz, que per seu corpo justiçava os homeens, o que non convijnha a el de fazer, por mujto mal feitores que fossem».

> As cidades guardando, justiçoso,
> De todos os soberbos vituperios,
> Mais ladrões castigando á morte deo,
> Que o vagabundo Alcides du Teseo.

Seja-me permittido suppôr que no 1.º destes versos o poeta escreveu, não *As cidades,* mas *A seu povo.* Auctorizam esta conjectura varios logares do chronista. «Deste Rei achamos escripto que era mujto amado de seu *poboo,* por os manteer em dereito e justiça, des i boa governança que em seu Reino tijnha... Falando elRei huum dia nos feitos da justiça, disse que voontade era e fora sempre de manteer os *poboos* de seu reino em ella, e estremadamente fazer dereito de si mesmo, e por quanto elle sentia que o moor agravo que el e seus filhos e outros alguuns de seu senhorio faziam aos *poboos* de sua terra, assi em o tomar das viandas por preço mais baixo do que se vendiam, que porem el mandava que nenhuum de sua casa, nem dos Iffantes, nem doutro nenhuum que em sua merçee e Reinos vivesse... que nom tomasse... nenhuumas cousas acostumadas de tomar, salvo compradas

aavontade de seu dono, e sobresto pos pena de prisom e dinheiros aas honrradas pessoas, e aos galinheiros e pessoas vijs, açoutados pello logar hu as tomassem e deitados fora de sua merçee... E quando lhe diziam que poinha muj grandes penas por muj pequenos exçessos, dava reposta dizendo... que assi o entendia por serviço de Deos e prol de seu *poboo*... E pois que escrepvemos que foi *justiçoso*, por fazer dereito em reger seu *poboo*...» (capp. 4.º, 5.º, 6.º).

Em seguida ás palavras que ficam transcriptas do cap. 6.º, narra o chronista o caso de dous escudeiros «que gram tempo avia que com (elRei) viviam», e que este, apesar de muitos pedidos, mandou matar, por haverem roubado e assassinado um judeu, «que pelos montes andava vendendo speçearia». E só num dia, estando em Braga, mandou cortar a cabeça a «huum dos boons escudeiros dantre Doiro e Minho e bem aparentado, porque cortou os arcos dhuma cuba de vinho a huum pobre lavrador», sem lhe valer o «rogo de quantos com (elRei) andavam»; ordenou que enforcassem um escrivão do thesouro, porque «reçebeo onze livras e mea sem o thesoureiro,... e forom aquel dia, com estes dous, onze mortos per justiça antre ladrooens e malfeitores» (cap. 9.º).

b) *D. Fernando* (III, 138-143). As estancias relativas a este reinado resentem-se, sob mais de um aspecto, da crise amorosa que tão intensamente tinha agitado o poeta, algum tempo antes de as escrever (1). São evidente reflexo desse estado d'alma as considerações feitas a proposito

Dos laços que amor arma brandamente (142, 2).

Tambem no final da estancia 143 me parece ter intervindo a mão de Fr. B. Ferreira:

Quem vio hum olhar seguro, hum gesto brando,
Hũa suave & angelica excellencia,
Que em si está sempre as almas transformando,
Que tivesse contra ella resistencia?
Desculpado por certo está Fernando,
Para quem tem de amor experiencia;
Mas antes, tendo livre a phantasia,
Por muito mais culpado o julgaria.

(1) Deste assumpto me occupo em outro logar.

A falta de nexo, tanto grammatical, como logico (1), entre os dous ultimos versos e os que os precedem, leva-me a crer que o poeta escreveu:

> *Ninguem que tenha presa a phantasia*
> *Por culpado de certo o julgaria* (2).

O grave dominico, a quem o *crescendo* do poeta (*desculpado, não culpado*) pareceria um pouco desafinado, teria feito a substituição, calcando-a pelo original, mas não reparando, por ter este presente, na falta de ligação dos novos versos com os anteriores.

Devo ainda observar que no 1.º verso desta estancia me parece que o poeta teria escripto *sereno* e não *seguro*. *Olhar brando, suave, sereno, piedoso,* é como elle costuma dizer. Veja-se, por exemplo, a canção 4.ª e o soneto 91.

Tambem supponho que no 1.º vèrso da estancia 141 está *se,* em vez de *que:*

> E pois, *que* os peitos fortes enfraquece
> Hum inconcesso amor desatinado,
> Bem no filho de Alcmena se parece.

(Continúa).

DR. JOSÉ MARIA RODRIGUES.

---

(1) Quem é o sujeito de *julgaria?* Como se explica o comparativo *mais?*

(2) Com o intuito de se justificar de *ter posto o desejo onde não devia,* de ter pretendido levantar o pensamento a um *alto logar,* havia escripto o poeta, não muito antes:

> Não póde quem quer muito, ser culpado
> Em nenhum erro, quando vem a ser
> Este amor em doudice transformado.

(Egloga 2.ª).

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

// O INSTITUTO

REVISTA SCIENTIFICA E LITTERARIA

Redacção e administração — Rua do Infante D. Augusto, 44 — COIMBRA.

Propriedade e edição da Sociedade scientifica — O Instituto de Coimbra

Director Dr. Bernardino Machado Presidente do Instituto

Composto e impresso na Imprensa da Universidade.

SCIENCIAS MORAES E SOCIAES

NOMENCLATURA GEOGRÁPHICA

Subsídios para a restauração da toponýmia em língua portuguêsa

PRÓLOGO

Ha muito se introduziram na nomenclatura geográphica estranjeirismos, que, além de contrários ao génio e tradições da língua portuguêsa, tendem a apagar a lembrança da nossa epopeia marítima e militar.

Em suas viagens através de todos os mares e pelo interior de tantas terras, conheceram os nossos antepassados ou deram por seu arbítrio nomes de terras, que aos demais povos civilizados ensinaram com a narrativa de feitos gloriosos. Accommodaram esses povos á índole das respectivas línguas a nomenclatura geográphica dos nossos navegadores e viajantes; mas quis a nossa desfortuna que, esquecidas as tradições da história nacional, fossem portuguêses mendigar a línguas estranhas, corrupto e avariado, aquillo que da nossa os outros tinham aprendido.

Prover de remedio a mal tão deploravel é obra de ha muito reclamada por quantos conservam amor á língua e ás tradições nacionaes, mas tal reforma se não fez ainda, antes novos obstáculos se lhe teem levantado, como se para a dif-

ficultar não bastassem as intrusões da moda inveteradas pela ignoráncia.

Bello ensejo se deparou, ha annos, para reformá de largo e seguro effeito, quando o governo mandou organizar e imprimir o *Atlas escolar portuguēs*, para uso dos nossos lyceus; mas logo se deixou fugir a opportunidade, confiando á mercê do acaso os nomes geográphicos, que, em vez de receberem fórma portuguêsa, ao menos aquelles que a tinham já nas tradições da língua e os que eram de sua origem portuguêses, saíram na maior parte enxertados em línguas estrangeiras. Os próprios termos communs da geographia tiveram essa mofina sorte; e, quanto aos nomes próprios, geralmente lhes conservaram as fórmas francêsas, inglêsas, hollandêsas e germánicas, como se taes línguas fallassem os navegadores e viajantes que os crearam ou d'elles trouxeram conhecimento á Europa.

Mas peor que tudo foi a pretenção, num ou noutro ponto revelada, de accommodar á língua portuguêsa a fórma estranjeira de nomes portuguêses. Sirva de exemplo o nome da cidade de *Çuaquem*, que os francêses, para pronunciarem aproximadamente como nós, escrevem *Souakim* ou *Souakin*. No *Atlas*, por maior desgraça edição official, houve o escrúpulo de aportuguesar o ditongo francês *ou*, e appareceu impresso o nome de *Suakim*. *Risum teneatis*...

Reconhecidos os absurdos e inconvenientes do abastardamento dos nomes geográphicos, em detrimento da língua e das tradições nacionaes, nomeou o governo ha annos uma commissão de pessoas notáveis por seu saber, encarregadas de restabelecerem a nomenclatura geográphica tradicional e accommodarem á nossa língua os nomes estrangeiros que nella não tivessem ainda fórma própria. Infelizmente não levou a commissão a cabo os seus trabalhos.

Meio de fazer resurgir os nomes geográphicos de fórma portuguêsa seria o emprego d'elles pelos auctores de compéndios destinados a uso das escolas; mas tal processo nem seria de facil e uniforme execução, nem, para quem o tentasse, isento de perigos que facilmente se adivinham.

Quando o sr. Cándido de Figueiredo publicava o seu *Novo Diccionário da língua portuguêsa*, permitti-me a liberdade de lhe encarecer o grande serviço que prestaria, addicionando-lhe no fim um vocabulário geográphico, em que se restabelecesse a ortographia portuguêsa dos nomes próprios. Mereceu a idéa approvação do illustre escriptor, mas a publicação ia adeantada e não era possivel sacrificar a sua regu-

laridade á confecção, naturalmente morosa, do vocabulário geográphico. Na medida do que o tempo lhe permittiu, additou o sr. Cándido de Figueiredo um vocabulário, em que muitos dos erros mais vulgares se encontram corrigidos.

Nos presentes subsídios não reproduzo do trabalho do sr. Cándido de Figueiredo senão os vocábulos a respeito dos quaes cheguei a conclusões differentes, aquelles em que foi possivel accrescentar algum esclarecimento novo, e finalmente os que pude reconhecer como incluidos numa escassa lista de apontamentos, que em tempo, longe dos meus livros, numa praia de banhos, organizei para remetter a s. ex.ª Estes últimos vão indicados com o signal *.

Não procurei accommodar á nossa língua nomes estranjeiros que nella não teem fórma consagrada, porque para tanto me faltava auctoridade, e limitei-me a fazer resuscitar aquelles que já fôram sanccionados pelos nossos clássicos. Semelhante empresa, por modesta que pareça, demanda tantas leituras e representa por vezes taes difficuldades, que me apresso a reconhecer que ha de haver no meu trabalho imperfeições e lacunas certamente numerosas. Aos eruditos será facil encontrá-las.

A corrupção dos nomes geográphicos na língua portuguêsa data principalmente de ha um século, embora alguns se conservassem na sua fórma primitiva até ha poucos annos; por isso mal pude, para o effeito, recorrer a livros modernos. O tratado de geographia de Casado Giraldes, obra volumosa e notavel, publicada na passagem do primeiro para o segundo quartel do século XIX, apresenta já uma incongruente mistura de fórmas portuguêsas e nomes estranjeirados. Tudo o que posteriormente se publicou é geralmente muito peor no género, com excepção, entre os livros que conheço, da *Descripção e roteiro da costa occidental de África,* de Alexandre Magno de Castilho. Nesta obra notabilíssima, que me forneceu muitos esclarecimentos, houve sempre o cuidado de indicar os nomes portuguêses, alguns dos quaes andam tão avariados de fórmas estranhas, que difficílimo se torna reconhecê-los.

Foi em livros mais antigos que recolhi maior número de vocábulos. D'entre elles citarei, como aquelles que mais consultei, as *Décadas,* de Barros e de Couto, a *Arte de navegar,* de Manuel Pimentel, as *Notícias para a história e geographia das Nações ultramarinas,* o *Oriente conquistado,* a *Vida do padre Francisco Xavier,* de Lucena, a *Peregrinação,* de Fernão Mendes Pinto, vários itinerários de viajantes

*

portuguêses, algumas chrónicas de reis e outros livros clássicos, muitos dos quaes vão citados no vocabulário.

Uma das difficuldades que frequentemente surgem nesta espécie de trabalhos é a identificação dos nomes que apparecem nos clássicos com os nomes hoje em voga. A identificação de certos nomes deu-me que pensar por largo tempo, mas quasi sempre consegui o intento. Eliminei todos os nomes de terras cuja identidade não pude reconhecer nos mappas modernos. Para o effeito consultei especialmente o notavel *Atlas* de Stieler e o *Atlas* grande de Schrader.

Quando o mesmo nome se me deparou com fórmas diversas, preferi aquella que prevaleceu. Em certos casos indico duas ou mais fórmas do mesmo nome, e ponho em primeiro logar a que me pareceu mais auctorizada ou plausivel.

Aos nomes próprios juntei alguns nomes gentílicos menos vulgares, e registei egualmente, acompanhadas da respectiva significação, diversas palavras estranjeiras que entram na composição de nomes geográphicos e cujo conhecimento é subsídio valioso.

Na sua *Orthographia Nacional* (pag. 244), diz o sr. Gonçalves Vianna, quanto á romanização dos vocábulos germánicos terminados em *berg*, que lhe parece bastante accrescentar *ue* ao *g*, terminando-os em *bergue*. Todavia é tradição muito antiga na língua portuguêsa, como na castelhana, accrescentar *a* a esses nomes, que assim ficam femininos, e entendi não quebrar a tradição, de mais a mais sem ponderosas razões que tal me persuadissem.

Com todas as deficiéncias e imperfeições que possa ter, estou certo de que o presente trabalho alguns serviços ha de prestar. Outros com mais saber e de occupações e cuidados menos absorventes farão mais e melhor.

ABREVIATURAS

Por economia de espaço e de tempo empreguei abreviaturas na citação de obras e auctores. Eis a chave das principaes:

Arte.............. *Arte de navegar*, etc., por Manuel Pimentel. Consultei a 4.ª edição (Lisboa, 1762).
Bl................. *Vocabulário* de Bluteau.
Cardeal Saraiva ... *Obras completas*.
Casado Giraldes... *Tratado completo de cosmographia e geographia*.
Chron............ *Chrónica de El-Rei D. Sebastião*, por Fr. Bernardo da Cruz.

D. .... *Décadas*, de João de Barros e de Diogo do Couto.
Godinho .... *Relação do novo caminho que fez por terra e mar, vindo da Índia para Portugal*, o padre Manuel Godinho.
Hist. gen. .... *História genealógica da casa real portuguêsa*, por D. António Caetano de Sousa.
Inéd. .... *Collecção de livros inéditos de história portuguêsa* publicados pela Academia Real das Sciéncias.
Índ. .... *Índice chronológico das navegações, viagens, descobrimentos e conquistas dos portuguêses*, etc., pelo cardeal Saraiva (Lisboa, 1841).
Itin. .... *Itinerário da Índia por terra*, por Fr. Gaspar de S. Bernardino.
Lucena .... *História da vida do padre Francisco de Xavier*, pelo padre João de Lucena.
Mon. .... *Monarchia Lusitana*.
Or. conq. .... *Oriente conquistado*, etc., pelo padre Francisco de Sousa.
Peregrinação...... *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto.
Roteiro .... *Descripção e roteiro da costa occidental de África*, por Alexandre Magno de Castilho.
Tenreiro.......... *Itinerário de António Tenreiro, que da Índia veio por terra a este reino de Portugal.* Foi impresso no mesmo volume com a *Peregrinação* de Pinto em 1725.
Topon. .... *Toponýmia árabe de Portugal*, por David Lopes.

Empreguei a numeração romana para indicar os volumes e a numeração árabe para indicar as páginas das obras citadas.

A

Aargau. Vid. *Argóvia*.

Abavilla, cidade de França, banhada pelo rio Somma. Em francês, *Abbeville*.

Abecre, cidade do Uadai, no Sudão central francês.

Abomé, cidade capital do antigo reino de Dahomé, na costa occidental de África. Os francêses escrevem *Abomey*.

Adamuá, região do Sudão central alemão, a N. e NE. da colónia dos Camarões.

Adão (*pico de*), monte na ilha de Ceilão. Foi nome dado pelos portuguêses, como se vê em Barros (D. III, l. II, cap. I).

Adda, rio de Itália, affluente do Pó.

Adeger (*ilha de*), no golfo de Arguim. *Índ.*, 26.

* **Adem,** cidade porto de mar da Arábia.

Ádige, rio de Itália. A palavra tem o accento tónico na primeira sýllaba, como em italiano (*Ádige*) e em latim (*Āthĕsis*).

Adonara, ilha a E. da de Flores, na Oceania. Em alguns mappas modernos, *Andonare*.

Aguer (*cabo de*), situado na costa occidental de Marrocos e geralmente designado em livros estranjeiros por *cabo de Ghir*. Tambem lhe chamaram *cabo de Guer* (*Arte*, 188) e *de Gué* (Cruz, *Chron.*, 11; *It.*, cap. VII).

Ajudá. Vid. *São João Baptista de Ajudá*.

Alasca, território a NW. da América.

Alcacer Ceguer ou **Alcacer Ceguir,** povoação do império de Marrocos. *Alcacer Ceguer* significa o *castello pequeno,* como *Alcacer Quivir* significa o *castello grande*. Os nossos antigos escriptores escreviam geralmente *Alcácere,* como se vê em Cruz, *Chron.*, 11, etc.

Alcacer Quivir (e não *Kibir,* nem nenhuma de tantas fórmas extravagantes que a este nome se teem dado). Tambem é auctorizada a fórma *Alcacer Quebir*. *Quivir* prevaleceu em *Guadalquivir,* rio de Espanha. Cf. *Alcacer Ceguer*.

Alcocer, porto de mar do Egypto na costa do mar Vermelho. (D. II, l. VIII, cap. I; D. V, l. VII, cap. VIII). Em mappas estranjeiros, *Kosseïr*.

* **Alderney,** ilha inglêsa, uma das anglò-normandas. Os francêses chamam-lhe *Aurigny*. No vocabulário do sr. Cándido de Figueiredo vem *Anderney,* por manifesto equívoco typográphico.

Almança, cidade de Espanha.

Alpes, grande cadeia de montanhas na Europa. Porque andam errados alguns dos nomes das partes em que se costuma dividir a cadeia, indicamo-los em seguida:

ALPES OCCIDENTAES

- *Alpes Marítimos*. Em latim, *Alpes maritimæ*.
- *Alpes da Ligúria*.
- *Alpes do Var*.
- *Pequenos Alpes da Provença*.
- *Grandes Alpes da Provença*.
- *Pequenos Alpes do Delphinado*.
- *Grandes Alpes do Delphinado*.
- *Alpes Cocios* ou *Cocianos,* assim chamados do rei *Cottius,* contemporáneo de Augusto. Em latim, *Alpes Cottiæ* ou *Cottianæ*.
- *Grandes Alpes da Saboia*.
- *Pequenos Alpes da Saboia*.
- *Alpes Graios* ou *Alpes Gregos*. Suppõem alguns que se deveria dizer *Alpes Cinzentos,* porque se trata provavelmente de designação céltica; nem se sabe a que propósito veio a Grécia para os Alpes. Em latim, *Alpes Graiæ* ou *Græcæ*.
- *Alpes Penninos*. Em latim, *Alpes Penninæ*.

ALPES CENTRAES

Alpes Helvéticos.
Alpes Berneses.
Alpes dos quatro Cantões.
Alpes de Glaris.
Alpes Lepontinos. Em latim, *Alpes Lepontiorum* ou *Lepontiæ.*
Alpes do Tecino.
Alpes Algavinos.
Alpes Rhéticos.
Alpes Bergamascos.
Alpes Tridentinos ou *Alpes do Tirol.* Em latim, *Alpes Tridentinæ.*

ALPES ORIENTAES

Alpes da Baviera.
Alpes de Salzburgo.
Alpes Nóricos. Em latim, *Alpes Noricæ.*
Alpes Cárnicos. Em latim, *Alpes Carnicæ.*
Alpes Julianos. Em latim, *Alpes Juliæ.*
Alpes da Carinthia e da Estíria.
Alpes de Áustria.

Alpes escandinavos, cadeia de montanhas na Escandinávia, d'antes mais conhecida pela designação de *Dofrinas,* do nome particular que ellas teem numa região da Noruega.

Alquivir ou **Alquebir,** nome por que tambem se designou o rio mais conhecido por Guadalquivir. Vid. *Uad.*

Altemburgo, cidade de Alemanha, capital do ducado de Saxónia-Altemburgo.

Áltona, cidade do império alemão.

Amacuça (*ilha de*), no archipélago do Japão, a SW. de *Ximo* ou *Kiú-Siú.* Em mappas modernos, *Amakusa* ou *Amakousa.*

Amara, reino antigo da Ethiópia. Em livros estranjeiros, *Amhara.*

Amboino (*ilha de*), no mar de Banda.

Ambundo, e não *Mbundo,* região da provincia de Angola.

Amu-Dária, rio da Asia. Vid. *Geum.*

Anambas. Vid. *Siantões.*

Andamão (*ilhas de*), grupo a N. das ilhas de Nicobar.

Andonare. Vid. *Adonara.*

Angolema ou *Angoleima,* cidade de França. Em francês, *Angoulême.*

Anguilla (*ilha*), uma das pequenas Antilhas, a N. da ilha de S. Martinho.

Anjú, antiga provincia de França. Teve o título de ducado.

Antígua (*ilha*), uma das pequenas Antilhas, a N. da ilha de Guadalupe.

Antuérpia, cidade da Bélgica. Em francês, *Anvers,* d'onde alguns transcreveram *Anveres.*

Aor. Vid. *Pulo Laor.*

Apulha ou **Apúlia,** região da Itália, a SE. *Apúlia* é a fórma erudita; *Apulha,* fórma popular que obedece á conhecida regra da mudança do grupo *li* em *lh. Apulha* é fórma vulgar nos clássicos. Barros escreveu *Apúlia* (D. III, l. I, cap. III) e *Apulha* (D. IV, l. I, cap. VIII).

Araito-shima. Vid. *Araitoxima.*

Araitoxima (*ilha*), uma das Curilhas.

Ardennas (*floresta* on *planalto das*), constitue em grande parte o departamento do mesmo nome, a NE. de França.

Arequipa, cidade do Perú.

* **Argel,** cidade, capital da Argélia.

* **Argélia,** colónia francêsa da África septentrional.

Argóvia, cantão da Suiça.

Arguim (*golfo* e *ilha de*), na costa occidental de África, ao sul do cabo Branco, cêrca de 21° N.

Aroa. Vid. *Aru.*

Arrábida, serra de Portugal. Segundo Edrici, citado pelo sr. David Lopes (*Topon.,* 21-22), a palavra árabe *Arrábita* ou *Arrábida* não tem a significação de castello, ou aldeia, mas a de «quartel, onde estão os guardas do caminho; e significa tambem «convento» ou «eremitério», logar onde alguem se retira longe do mundo para só se entregar a obras de devoção». Cf. *Rebate.*

Arracão (*montes de*), na Birmánia inglêsa. (*Arte,* 197; *Or.,* pref.; D. I, l. IX, cap. I).

Arrakan Vid. *Arracão.*

Aru (*ilheus de*), no estreito de Malaca.

Assuão, cidade do Egypto, na margem direita do Nilo. É a antiga Syene.

Ástures, os habitantes das Astúrias.

Ausburgo, cidade de Alemanha.

Auvergne. Vid. *Auvérgnia.*

Auvérnhia ou **Alvérnia** (do latim *Arvernia*), antiga província de França. Em francês, *Auvergne.*

Avinhão, cidade de França.

Axem, nome de bahia e de povoação inglêsa da costa dos Quáquaas, a W. do cabo das Três Pontas, no golfo de

Guiné. Existe ahi um castello fundado pelos portuguêses. Em livros estranjeiros lê-se *Axim*.

Axim. Vid. *Axem*.

Axini, nome de povoação francêsa e de um rio na costa do Marfim (golfo de Guiné). Em livros estranjeiros lê-se *Assini* e *Assinie*.

Azamor, povoação na costa occidental de Marrocos, a N. de Mazagão. Nos mappas modernos vem *Asemmur* e *Azemmour*.

B

Bacar, cidade na margem esquerda do rio Indo. D. IV, l. IX, cap. X. Em mappas estranjeiros, *Bhakar*.

Bachão, uma das ilhas Malucas. Em livros estranjeiros, *Batjan*. Vid. *Malucas*.

Baçorá, cidade banhada pelo rio Euphrates.

Bacu, porto da Caucásia, no mar Cáspio. (Godinho, cap. XXI). Em livros estranjeiros, *Bakou*.

Bade. Vid. *Baden*.

Baden (*grão-ducado de*), no império de Alemanha, a W. do reino de Vurtemberga.

Bagadá ou **Bagodá,** cidade da Turquia asiática, geralmente designada por *Bagdad*. O sr. Cándido de Figueiredo regista *Bagodad* como antiga designação portuguêsa. Nos nossos antigos escriptores encontrei *Bagadad* (D. I, l. VIII, cap. I; D. IV, l. III, cap. XIII) e *Bagodá* (*It.* de Tenreiro, cap. LXIV). Quanto á segunda sýllaba de Bagadá é ainda concorde o cardeal Saraiva (*Ind.* 279), que parece ter seguido o *Itinerário* de Nicolau da Orta. A queda do *d* final é abonada pela graphia de Tenreiro, pelo exemplo de nomes semelhantes e pela pronúncia usual, em que essa letra se não faz ouvir. Portanto não póde haver dúvida de que *Bagadá* e *Bagodá* são verdadeiras fórmas portuguêsas. O sr. David Lopes (*Topon.*, 38) escreveu *Bagdade*, segundo regras de transcripção do árabe; mas de certo é preferivel manter a antiga tradição da língua portuguêsa.

Bagdad. Vid. *Bagadá*.

Bahia da Alagôa, a mesma que tambem se chama *bahia* de *Lourenço Marques*. *Bahia da Alagôa* foi o seu primeiro nome. Chamaram-lhe os inglêses *Delagoa bay* e os francêses *baie Delagoa*, o que é muito menos lastimavel do que o facto de terem portuguêses empregado esses nomes estranjeirados.

Bahr ou **Bar,** palavra árabe que significa *rio* e entra na composição de muitos nomes geográphicos, principalmente na região do alto Nilo: *Bahr-el-Ghazal*, ou *Bar-el-gazal, rio das Gazelas; Bar-el-Abiad, rio Branco; Bar-el-Arab, rio Árabe*, etc.

Baical (*lago*), situado na Sibéria.

Baiona, cidade de França.

Ballasor, cidade do Indostão, junto ao golfo de Bengala.

Balque (em livros estranjeiros, *Balkh*), cidade do Afeganistão, na antiga Bactriana. Na antiguidade chamaram-lhe *Bactria* e no século XVI *Bohara*. (D. IV, l. VI, cap. I).

Banca (*ilha de*), e não *Banka*, a E. de Çamatra, da qual está separada pelo estreito de Banca. (*Arte*, 435).

Banda (*mar de*), e não *Bandá*, como alguns se permittiram accentuar, a E. do mar de Java.

Banda (*ilhas de*), grupo de pequenas ilhas no mar que d'ellas tirou o nome. Fôram cinco as ilhas que os portuguêses conheceram especialmente por esse nome, particular de uma d'ellas: *Banda, Rosolanguim, Ai, Rom* e *Neira*. (D. III, l. V, cap. VI).

Banda Oriental, nome que tambem se deu á região americana occupada pela república do *Uruguai*.

Barbacim, rio, na África occidental, a S. do cabo Verde. (*Ind.*, 32).

Barbada ou **Barbadas** (*ilha*), a mais oriental das pequenas Antilhas. Pertence aos inglêses, que lhe chamam *Barbados*.

Barbuda (*ilha*), uma das pequenas Antilhas, a N. da *Antigua*. Os portuguêses tambem lhe chamaram *Barbada*.

Barca, região de Africa, na Tripolitánia.

Barka. Vid. *Barca*.

* **Basileia,** cidade e cantão da Suiça.

Batecaló, porto da ilha de Ceilão.

Beirut, cidade porto de mar na costa da Syria.

Bella (*ilha*) e **estreito da ilha Bella,** a NW. da ilha da Terra Nova, entre esta e a península de Labrador.

Benguela, região da província de Angola e um dos districtos em que se divide a província.

Benim (*costa de*), parte da costa occidental de África comprehendida entre os cabos de S. Paulo e Formoso.

Bequia (*ilha*), uma das pequenas Antilhas, a S. da ilha de S. Vicente.

Berg, palavra alemã que significa *monte* e entra na com-

posição de muitos nomes geográphicos. Para português transcreve-se por *berga*, ficando o nome feminino, como *Conisberga* (em alemão *Königsberg*, que significa *monte do rei*).

Berga, antigo ducado, que hoje faz parte da Prússia Rhenana.

Bermudas, grupo de ilhas a N. das Antilhas.

* **Berna** (e não *Berne*), cidade da Suiça.

Bilintões (*ilhas dos*), situada entre as ilhas de Çamatra e de Bornéo. Parece que tambem chamaram á maior d'ellas *Bilitão*. (*Arte*, 430 e 434).

Bima, nome de cidade e de sultanato na ilha de Sumbava.

Birmánia, região da Indò-China.

Bisiguiche. Vid. *Goréa*.

Bizcaia ou **Biscaia**, uma das províncias vascongadas. Em castelhano, *Vizcaya*.

Bizcaínhos ou **Biscaínhos**, os habitantes da Bizcaia. *Bizcaia* e *Bizcaínhos* é melhor graphia, e assim se escrevia noutro tempo. (*Mon.*, l. VI, cap. XXV).

Bizerta, cidade da Tunísia.

Blœmfontein, cidade capital da antiga república de Orange, hoje colónia inglêsa, na África austral. O nome é hollandês e pronuncía-se *Blumefóntain*. Pelo menos o elemento *œ* deveria trasladar-se para a nossa língua por *u*, que é o valor correspondente ao *œ* hollandês.

Boa Vista (*cabo* e *bahia da*), na costa de NE. da ilha da Terra Nova. Em livros estranjeiros lê-se *Bonavista*.

Boers, povo da África austral, descendente de antigos colonos hollandêses. Pronuncia-se *burs*. O nome é hollandês e carece de ser accommodado á nossa língua.

Bona, cidade da Argélia. Tem o mesmo nome o golfo vizinho. *Bona* é a antiga *Hippona*.

Bonaire (*ilha de*), uma das pequenas Antilhas, no grupo de sotavento.

Bondia, povoação hespanhola de Castella a Nova. Em castelhano, *Buendia*.

* **Bordeus**, cidade de França.

Bornú, sultanato do Sudão central.

Borýsthenes, rio da Rússia, hoje mais conhecido por *Dniepre*. Casado Giraldes deu-lhe o nome de *Borýsthenes*, o que demonstra que a designação de *Dniepre* é entre nós relativamente recente.

Bougie. Vid. *Bujia*.

Bourges. Vid. *Burges*.

Brabante, província da Bélgica.

Brandeburgo, província da Prússia.

* **Brasil**, nação da América do Sul. O nome do país vem do nome do pau chamado *brasil*, que deriva de *brasa*, e esta palavra não se escreve com *z*. Os nossos clássicos escreviam *Brasil*.

Brunsvique ou **Brunsvic**, ducado de Alemanha. O mesmo nome se deu a outras terras.

Budomel, região na África occidental, a S. do Senegal. (*Índ.* 32).

Bujia, cidade marítima da Argélia. É a antiga *Saldè*. O nome de *Bujia* (os francêses dizem *Bougie*) deriva do árabe *Bedjaia*.

Burges, cidade de França.

Buton. Vid. *Puló Botum*.

* **Byzáncio** (e não *Bysáncio*), antigo nome da cidade que hoje se chama Constantinopla.

C

Cabo Bretão, na costa oriental da ilha do mesmo nome, á entrada do golfo de S. Lourenço, a E. do Canadá.

Cabo Corso, situado na costa da Mina. Ha alli um castello fundado pelos portuguêses. Á povoação vizinha chamam os naturaes *Iguah*. Hoje é feitoria británnica e os inglêses dão-lhe o nome de *Cape Coast Castle*.

Cabosa. Vid. *Cabozes*.

Cabozes (*ilha dos*), junto da costa de Tanassarim, a W. da Indò-China.

Çacatecas, cidade do México.

Cágliari. Vid. *Cálari*.

* **Çáhara**, grande deserto africano ao norte do Sudão. A escripta e pronúncia vulgar é, á francêsa, *Sahará*. A palavra é árabe, e d'ella deriva o vocábulo português *çáfaro*, ou *sáfaro*, como menos escrupulosamente se costuma escrever; isto bastaria para não haver dúvidas quanto ao accento tónico na primeira sýllaba. Nos nossos antigos escriptores encontra-se o nome do deserto com diversas fórmas, algumas das quaes auctorizam tambem a prosódia *Çáhara*. Barros escreveu *Çahara* (D. I, l. I, cap. II) e *Zara* (D. I, l. I, cap. XIII); Bluteau (in-vb.° *Negro*) escreveu *Zaara* e *Zara*; no *Or. conq.* (I, 803) lê-se *Sarra*. Em árabe lê-se *Çáhara*. Os espanhoes e os italianos, cujas línguas teem tantas analogias

com a nossa, tambem fazem o accento tónico na primeira sýllaba.

Caienna, cidade da Guiana francêsa na ilha do mesmo nome.

Cairuão, cidade da Tunísia.

Calabar (*costa do*), parte da costa occidental de África comprehendida entre o cabo Formoso e o rio dos Camarões.

Calantão (*região* e *porto de*), na costa oriental da península de Malaca. Em livros estranjeiros, *Kalantan* e *Kelantan*.

Cálari, cidade da Sardenha. É mais usada a fórma italiana *Cágliari*, que se pronuncía *Cálhari*. Pimentel (*Arte*, 216) escreveu «*Cálari* ou *Calher*». Em latim dizia-se *Cărălis*, o que justifica a fórma *Cálari*.

Calháo, cidade marítima do Perú.

Calingapatão, cidade na costa oriental do Indostão.

Camarão (*cabo de*), na costa de Venezuela.

Camarões, colónia alemã na África occidental. Ha alli, com o mesmo nome *dos camarões*, um cabo, um rio e uma serra. Em livros estranjeiros, *Cameroun* e *Kamerun*.

Camarões (*bahia de*), na costa da República Argentina.

* **Çamatra**, grande ilha a S. e SW. da península de Malaca.

Cambaia (*golfo de*), entre a península de Guzarate e o Indostão.

Cambaya. Vid. *Cambaia*.

Cambraia, cidade de França. Em francês *Cambrai*.

* **Çamora**, cidade de Espanha.

Canal de Inglaterra ou **Canal inglês**. Eram estes os nomes por que antigamente se designava o canal que separa a Gran Bretanha da França e que hoje é conhecido por *mar da Mancha*. *Mancha* é detestavel accommodação do francês *Manche*, que significa *manga*, em sentido figurado passagem estreita e comprida. Os inglêses chamam-lhe *English Channel* (*Canal inglês*); os alemães dizem *Der Canal*. Inglêses, francêses e alemães todos dizem bem; nós, aportuguesando o nome francês, dizemos pessimamente, e por isso convém restabelecer o nome de *Canal de Inglaterra*, usado em Portugal até ha menos de um século. (C. G., III, 50 e nos log. propr.; Bluteau, in-vbo. *França*).

Cananor, cidade e antigo reino do Indostão. Em mappas estranjeiros, *Cannanore* e *Kananur*.

Canem, região vizinha do lago Chad, no Sudão central francês.

Cangoxima, cidade do Japão na ilha de Ximo ou Kiú-siú. (Lucena, 467).

Cano, cidade do Socoto, no Sudão central británnico.
Cansim, província da China a N. da de Cantão. (D. III, l. II, cap. VII). Em livros estranjeiros, *Kiang-Si.*
Cantão, cidade e província da China meridional. Em livros estranjeiros, a cidade apparece com o nome de *Canton,* e a província com o de *Kouang-Toung,* ou *Kwang-Tung.*
Cape Coast Castle. Vid. *Cabo Corso.*
* **Çaragoça,** cidade de Espanha.
Carcassona, cidade de França.
Carimata (*ilhas de*), grupo a W. da ilha de Bornéo. Os portuguêses tambem lhes chamaram *ilhas de Surute.* Em mappas modernos, *Karimata.* O nome de *Carimata* pertence particularmente á ilha maior; o nome de *Surute* pertence á immediata em grandeza, que fica a WSW. da primeira.
Carnac Logone, cidade situada a S. do lago Chad, no Sudão central alemão.
Cárpathos (e não *Karpáthos*), cadeia de montanhas da Europa central.
Cartum, antiga capital do Sudão egýpcio.
Casa Blanca. Vid. *Casa Branca.*
Casa Branca, nome de cabo e de povoação na costa occidental de Marrocos. Uma e outra cousa houve antigamente nome de *Anafe.* Os marroquinos chamam-lhe actualmente *Dar-el-Beida;* e em livros estranjeiros lê-se, á castelhana, *Casa Blanca.*
Casamansa, rio da Guiné francêsa. *Rio Casamansa* vale o mesmo que *rio do rei dos Cassangas,* pois a palavra *mansa* quer dizer rei ou senhor em língua dos naturaes. Em muitos livros, alguns de bom nome, apparece erradamente *Caramansa* e *Caramanza.*
Cebu (*ilha de*), uma das ilhas Philippinas. Nos manuscriptos antigos apparece o nome d'esta ilha com muitas variantes: *Cabo, Çabu, Zebu, Zabu, Subsuth, Zubut, Cubo, Subo* e *Zubo.* O nome de *Cebu* (em espanhol *Zebu*) foi o que prevaleceu.
Cedros (*ilha dos*), a W. da península da Califórnia, na América do Norte.
Celebes (*ilha de*), a E. da ilha de Bornéo. O mesmo nome se generalizou a várias ilhas vizinhas. Tiveram este nome de *Celebes* «por os moradores d'ellas assim serem chamados». (D. III, l. X, cap. V; D. IV, l. IX, cap. XXI).
Cervino (*monte*), nos Alpes.
Cestos (*rio dos*), na costa occidental de África. Banha a

república de Libéria. Em alguns mappas apparece com o nome de *Sestros*.

* **Cevennas,** montanhas de França.

Chalons do Marna, cidade de França, capital do departamento do Marna. Em francês *Châlons-sur-Marne*. Cf. neste vocabulário *Francfort do Meno* e *Francfort do Oder*.

Champagne. Vid. *Champanha*.

Champanha, antiga provincia de França, afamada pelos seus vinhos. A fórma *Champanha*, em vez do francês *Champagne*, tem largas tradições na nossa língua. (Bl. in-vb.° *França; Hist. gen.*, I, 14).

Chang-tchouen. Vid. *Sanchoão*.

Chan-Toung. Vid. *Xantom*.

Char, palavra que em samoiedo significa *estreito* e apparece na composição de nomes geográphicos: ao estreito que separa as duas ilhas da *Nova Zembla* se chama *Matotchkin Char*.

Chatigão, cidade da Índia, conhecida em livros estranjeiros por *Chittagong*. O sr. Cándido de Figueiredo escreveu *Cattigão*, fórma que não encontrei. Deparou-se-me *Cathigão*, e, mais frequentemente, *Chatigão*, no *Or.*, pref., em várias e estimadas edições dos *Lusíadas* e noutros livros clássicos (D. I, l. IX, cap. I; D. II, l. II, cap. VI; D. IV, l. IX, cap. I). Camões, no logar citado pelo sr. Cándido de Figueiredo (c. X, est. 121), não considera a palavra nome de região, mas de «cidade das melhores de Bengala». Tambem a um rio se deu o nome de *Chatigão*.

Chatt, palavra árabe que significa *rio* e entra na composição de nomes geográphicos: *Chatt-el-Arab, rio Árabe,* ou *rio dos Árabes,* aquelle que resulta da confluéncia do Euphrates com o Tigre.

Chaul, cidade da Índia, um pouco ao sul de Bombaim. Em alguns mappas modernos apparece *Tschaul*.

Chedubé (*ilha*), junto da costa da Birmánia inglêsa, na Indò-China. Em livros estranjeiros, *Tchedouba* e *Tsheduba*.

Chequião (*provincia de*), na China oriental. Nos mappas modernos, *Tsche-Kiang*. (D. I, l. IX, cap. I).

Cherburgo, cidade de França, importante porto de mar no *Canal de Inglaterra*.

Cheu, palavra chinêsa, que, junta a um nome de cidade, indica que esta é séde de governo regional. Em mappas estranjeiros apparece a palavra chinêsa trasladada por *Tchéou* e *Tschou*.

Chimboraço, monte muito elevado da cadeia dos Andes, na república do Equador.

Chincheu, cidade marítima da província de Foquiem, na China, onde os portuguêses fizeram muito commércio. (D. III, l. II, cap. VIII). Muitas vezes falam os nossos clássicos em *Chincheu*. Nos mappas modernos, *Tchang-Tchéou-Fou* e tambem *Tschang-Tschou*. *Fou* ou *Fu* significa cidade séde de governo regional.

Chittagong. Vid. *Chatigão.*

Choa. Vid. *Xoa.*

Choromandel ou **Coromandel,** nome por que se designa a costa oriental do Indostão.

Cimbèbasia (*costa da*), parte da costa occidental de África, comprehendida entre os cabos Frio e da Serra.

Cinde. Vid. *Sinde.*

Cingapura (*cidade, cabo* e *estreito de*), ao sul da península de Malaca. Nas fontes mais auctorizadas encontrei sempre *Cingapura* e não *Singapura*. (D. II, l. VI, cap. I, *passim*; D. III, l. II, cap. IV, e l. V, cap. IV, etc.).

Circeios, antiga cidade do Lácio.

Clarença (e não *Clarence*). Este nome tornou-se célebre por ser um título de ducado, que usaram pessoas da família real de Inglaterra. *Clarence* não é nome de origem inglêsa, como muitos suppõem, mas simples accommodação inglêsa de nome estranjeiro. O título foi dado pela primeira vez no princípio do século XIV a Mathilde de Hainaut, duquêsa de Athenas, que tinha estabelecido residéncia perto de *Clarentza,* cidade marítima da Grécia no ángulo occidental da Moréa, e a esta cidade foi ligado o título. De *Clarentza* se formou o inglês *Clarence* e o português *Clarença,* que antigos escriptores nossos usaram. O mesmo nome de *Clarença* deve ser dado a uma bahia da península de Alasca, a um rio da Austrália e a outro da Nova Zelándia, os quaes geralmente são designados á inglêsa por *Clarence.*

Cobe, cidade do Japão na ilha de Nipon.

Coblença (em vez de *Koblentz*), cidade da Prússia Rhenana.

Cochim, cidade e antigo reino do Indostão, a SW. Em mappas estranjeiros, *Cotchin* e *Katschhi.*

Cocos (*ilhas dos*), a N. e NE. das ilhas de Andamão.

Colberga, cidade da Prússia.

Coliure, porto de mar francês no Mediterráneo, perto dos Pyreneus.

Conisberga, cidade da Prússia, banhada pelo rio Pregel. Em alemão, *Königsberg,* que significa *monte do rei.*

Cordofão, região do Sudão egýpcio, a S. da Núbia.

Coria, nome por que os portuguêses designaram a *Coréa.*

(*Or. conq.*, I, 478). Essa designação estava em harmonia com a pronúncia que os coreanos ainda hoje conservam. *Coréa* parece derivar da pronúncia japonêsa.

Corna, cidade situada junto á confluéncia do Tigre e do Euphrates. (D. IV, l. III). Em mappas estranjeiros, *Kourna*.

* **Cornualha,** condado de Inglaterra na península do mesmo nome.

Correntes (*cabo das*), a SW. da ilha de Cuba.

Cosença, cidade da Calábria, na Itália.

Costa de Oiro, nome de uma cadeia de montes em França, e de um departamento. Em francês, *Côte d'Or*.

Coulão, cidade e antigo reino do Indostão, a SW. Em mappas estranjeiros, *Quilan, Quilon, Kollam*.

Cracatão, ilha entre Çamatra e Java.

* **Çuaquem,** cidade da Núbia, na costa do mar Vermelho.

Cuca, cidade, capital do sultanato de Bornú, a W. do lago Chad.

Cufra, oasis na zona desértica da Tripolitánia.

Curaçáo ou **Curassau** (*ilha de*), uma das pequenas Antilhas, no grupo de sotavento.

Curilhas, grupo de ilhas que se estendem desde o extremo meridional da península de Camchatca até ás ilhas do Japão.

Cýclades, grupo de ilhas a SE. da Grécia.

Cynoscéphalas, nome de duas collinas da Thessália, onde se deu uma batalha célebre.

Cyrenaica, região da parte oriental da Tripolitánia.

* **Cýzico** (e não *Cýzica*), antiga cidade da Asia Menor.

(Contínúa). FORTUNATO DE ALMEIDA.

SCIENCIAS PHYSICO-MATHEMATICAS

LES MATHÉMATIQUES EN PORTUGAL

(Cont. do n.º 3, pag. 120)

[r[7] 10] — F. Oom — *O eclipse total do Sol, visivel no dia 30 de agosto de 1905 n'uma zona comprehendida em Hespanha entre Ferrol e as ilhas Baleares* (R. O. P. M., XXXV, 1904, 289–291).
Communication faite à l'*Associação dos engenheiros civis portuguezes,* à la séance du 4 juin 1904.

[r[7] 10] — * — *O eclipse total do Sol no dia 30 de agosto de 1905,* Lisboa, La Bécarre, 1905.
Observations faites par les missions scientifiques des *Collegios de S. Fiel* et de *Campolide.*

[r[7] 15] — R. R. de Souza Pinto — *Nota sobre a parallaxe equatorial do Sol e additamento a esta Nota,* Coimbra, Imprensa da Universidade, 1869.

[r[7] 15] — J. F. de Souza Pinto — *Parallaxe do Sol,* Coimbra, Imprensa da Universidade, 1879.

[r[7] 15, 16] — Don João da Costa — *A parallaxe do Sol e as passagens de Venus sobre o disco solar, sob o ponto de vista da determinação da distancia do Sol á Terra,* Lisboa, Typographia da Academia real das sciencias, 1895.
Cette dissertation de concours est une notice générale des travaux relatifs aux passages de Venus, que l'auteur s'est efforcé de rendre complète en y insérant quelques observations inédites.

[γ⁷ 16, 17, 18] — F. A. MANSO PRETO — *Parallaxe solàr* (noticia historica ácerca dos meios empregados para a determinar) (I. C., 2ᵉ série, XIX, 1874, 11-16, 105-111, 154-162).

[γ⁷ 17] — Real Observatorio Astronomico de Lisboa — *O novo planeta Eros e a distancia do Sol á Terra* (1).

Les observations de l'astéroïde Eros en 1900-1901, constituent, au dire de M. LŒVY (2), directeur de l'Observatoire de Paris, la série la plus complète dont il a disposé. Non seulement elles sont très nombreuses (3:800 observations, tandis qu'à Washington, l'observatoire collaborateur où, on a, après celui de Lisbonne, le plus travaillé, seulement 2:700), mais elles possèdent aussi l'exactitude la plus satisfaisante.

[γ⁷ 19] — G. X. D'ALMEIDA GARRETT — *A questão dos planetas intramercuriaes,* Coimbra, Imprensa da Universidade, 1869.

[γ⁷ 41] — V. DA SILVA PINTO — *Do pendulo electrico-magnetico para a demonstração experimental do movimento de rotação da Terra* (R. P. B., I, 1873-1874, 179-181).

Cet appareil a été envoyé à l'Exposition inter-

---

(1) De ce travail, non encore imprimé, le journal périodique de Lisbonne *O Popular* (n.ᵒˢ du 24 et 25 avril 1901) a donné un résumé, publié ensuite dans A. C. N. (XXXI, 1901, 249-255).

(2) «Je vois que votre activité ne se ralentif pas et que vous avez accompli beaucoup de travail».

«... Vos travaux méridiens sont certainement les plus avancés».

(*Lettre de* M. LŒVY *du 13 janvier 1901*).

«... Vos observations constituent la série la plus complète dont nous disposons. Elles ne sont pas seulement les bienvenues au point de vue de leur nombre, mais aussi parcequ'elles possèdent l'exactitude la plus satisfaisante...».

«La seconde série des étoiles sera fournie aussitot que je serai en possession de la suite de vos résultats. En raison de la qualité de vos observations méridiennes, il me semble nécessaire d'attendre leur arrivée».

(*Lettre de* M. LŒVY *du 15 octobre 1901*).

nationale de Vienne, en 1873, où il a reçu une médaille d'or.

[r^7 44] — J. J. D. Souto Rodrigues — *Considerações ácerca da equação secular do medio movimento da Lua,* Coimbra, Imprensa da Universidade, 1870.

[r^7 45, 46] — C. A. Campos Rodrigues — *Observations d'occultations pendant l'éclipse totale de la Lune,* 1891, novembre 15 (A. N. K., cxxxviii, 1895, 107–110).

[r^7 50] — J. de Moraes Pereira — *Lune* (AST., xii, 1893, pp. 303 et 390; xiii, 1894, p. 34).

[r^7 51] — Theodoro d'Almeida — *Memoria sobre a rotação da Lua* (Manuscrits n.^{os} G 3, 95–3 et 21 existants à la Bibliothèque de l'Académie des sciences de Lisbonne).

[r^7 77] — J. de Moraes Pereira — *Jupiter. Observations* (AST., xii, 1893, p. 89; xiii, 1894, p. 115).

[r^7 83] — I. Kœgler e André Pereira — *Observations faites à Peking sur les satellites de Jupiter par les Pères* Kœgler, Pereyra, de la Charme, *et* Gaubil, *missionaires de la Compagnie de Jésus* (1737–1738) (Mémoires pour l'histoire des sciences et des beaux-arts, Trévoux, 1740, 180bis, 180ter).

[r^7 83] — I. Kœgler e André Pereira — *Immersiones atque emersiones satellitum Jovis observatæ Perkini à* P. P. Ignatio Kœgler & Andrea Pereira, *Soc. Jesu, a mense novem. 1730, ad rev.*^{d} P. Johannem Baptistam Carbone, *Soc. Jesu. R. S. S. transmissæ; et ex ejusdem Cl. visi epistolâ ad* Jacobum de Castro Sarmento, M. D. Col. Medic. Lond. L. & R. S. S. excarptæ (T. R. S. L., xxxvii, 1831–1832, 316–320).

[r^7 83] — J. de Moraes Pereira — *Jupiter's satellites 15 oct. 1901* (E. M. L., lxxiv, 1901, p. 247).

[r^7 83] — J. de Moraes Pereira — *Transit of Callixto 8 aug. 1903* (E. M. L., lxxviii, 1903–1904, p. 63).

[r7 83] — J. DE MORAES PEREIRA — *Observations of Jupiter's and Saturn's satellites in 1893* (J. B. A. A., IV, 1894, 210-214).

[r7 84] — A. PEIXOTO DO AMARAL — *Habitantes do planeta Saturno,* Porto, Livraria Chardron, 1886.

[r7 89] — J. DE MORAES PEREIRA — *Saturne en 1892. Dessin et observations* (AST., XL, 1892, p. 351).

[r8]

Astronomie stellaire

[r8 2] — ABRAHAM ZACUTO — *Tabulæ tabulorum cælestium motuum astronimi* ZACUTI, *nec non stellarum fixarum longitudinem ac latitudinem ad motus unitatem mira diligentia reductæ, ac in principio canones* (1), Leiria, 1496.

[r8 2] — C. GOMES VILLAS-BOAS — *Atlas celeste, arranjado por* FLAMSTEED, *publicado por* J. FORTIN, *correcto e augmentado por* LALANDE e MACHAIN, Lisboa, Imprensa regia, 1804.

[r8 2] — I. GOMES GUERRA — *Catalogo das ascensões rectas e declinações das estrellas susceptiveis de occultação pela Lua, calculadas para o 1.º de janeiro de 1832,* Lisboa, Imprensa regia, 1831.

[r8 2] — F. A. OOM — *Vergleichung des armagh-catalogs von* ROBINSON *mit dem aboer von* ARGELANDER (A. P. B., III, 1862, p. 431; A. N. K., LIX, 1863, 241-254).

---

(1) Une autre édition, beaucoup plus connue, a pour titre : *Almanack perpetuum exactissima nuper emendatum omnium celi motuum eum additionib in co factis tenens complementum,* Venetiis, Petrum Liechtenstein coloniensem, Anno salutifere incarnationis, 1502.

Cette édition de 1502 renferme les corrections de Alfonse de Cordoue. Les éphémérides sont calculées pour le méridien de Salamanque.

[r⁸ 2] — F. A. Oom — *Déclinaisons des étoiles zénithales* (Ob. P., III, 1870, p. 223).

Ce travail a trait à la détermination, que l'amiral Oom a faite à Poulkova, des déclinaisons de toutes les étoiles jusqu'à la septième grandeur, comprises dans la zone de 58° 46' à 59° 46' D. C., en employant pour cela le grand instrument de passages de Repsold, établi au premier vertical, par la méthode d'observation que W. Struve avait suivie quand, avec le même appareil, il détermina la vitesse de la lumière.

[r⁸ 2] — J. de Moraes Pereira — *Étoiles. Cartes perforées,* etc. (AST., XII, 1893, p. 147; XIII, 1894, p. 71).

[r⁸ 2] — J. de Moraes Pereira — *Corrections of the positions of two stars of D.or Marth's Galactic Long.s and Lat.* (M. N., LIV, 1894, p. 175).

[r⁸ 2] — C. A. Campos Rodrigues — *Corrections aux ascensions droites de quelques étoiles du* Berliner Jahrbuch (A. N. K., CLIX, 1902, 329–360).

Résultats des observations de l'auteur à l'instrument des passages portatif de l'Observatoire de Lisbonne (Tapada), en 1887–1890, précédés d'une description de cet instrument et de la méthode d'observation employée, qui a permis d'obtenir par l'emploi judicieux d'un instrument relativement petit, la précision remarquable qu'indique l'erreur probable de $\pm 0^s,015$ sec δ pour une correction. L'ensemble comprend environ 8:000 observations de 353 étoiles, chaque passage étant toujours doublé du renversement de l'instrument.

D'après l'avis de M. Anwers, sécretaire de l'Académie des sciences de Berlin, les corrections des ascensions droites des étoiles du *Berliner Jahrbuch,* déduites des observations faites à l'instrument des passages à l'Observatoire de Lisbonne, pourront rendre des services très importants dans la construction du nouveau catalogue d'étoiles fondamentales.

En effet, les résultats obtenus par M. Campos Rodrigues, qui «démontrent une précision remarquable des positions obtenues par l'emploi soigné

d'un instrument relativement petit» (1), une fois publiés, ont servi à l'éminent directeur de l'Observatoire Dudley (Amérique), le professeur L. Boss, pour un travail de compilation qu'il avait entrepris, en les classant parmi les meilleures qu'il avait pu réunir. Plus tard, ce savant, racontant incidemment, quelle était sa méthode de calcul, et à quelles conditions il était faculté de l'appliquer aux observations modernes les plus parfaites, il présenta comme exemple de «ce qu'on peut obtenir à présent» les données résultantes des corrections obtenues par M. Campos Rodrigues. Le travail du directeur de l'Observatoire de Tapada représente donc un réel progrès scientifique, se distinguant parmi tous les congéneres.

[r8 5] — F. Oom — *The alleged change of colour in Sirius* (O., xxv, 1902, p. 167).

À propos d'une lettre publiée par W. T. Lysen dans le même recueil, l'auteur rectifie une opinion qui lui était attribuée, et se prononce pour la haute probabilité des conclusions du professeur Schiaparelli, en opposition de celles qui admettent un changement dans la couleur de Sirius, depuis le temps d'Auguste jusqu'à nos jours.

[r8 6] — J. de Moraes Pereira — *Observations of variable stars from may 1892 to january 1894* (M. B. A. A., iii, 1894, 2e partie, 37-47).

Série de 1056 observations photométriques de 57 étoiles variables à longue période, avec un equatorial de 148mm.

[r8 6] — J. de Moraes Pereira — *Observations of variable stars from january 1894 to january 1896* (M. B. A. A., v, 1896-1897, 2e partie, 20-28, 46-48).

Série de 1096 observations photométriques de 69 étoiles.

---

(1) Lettre de M. Anwers à M. Campos Rodrigues du 11 septembre 1902.

[r8 6] — J. de Moraes Pereira — *Small stars in Orion,* etc. (E. M. L., lxxii, 1901, 573-574).

[r8 6] — J. de Moraes Pereira — *Dr. Schwabe's algol variable,* etc. (E. M. L., lxxv, 1902, p. 76).

[r8 9], [r6 2] — R. R. de Souza Pinto — *Breves reflexões sobre a parallaxe das estrellas e sobre os instrumentos do Observatorio de Coimbra* (I. C., 1ère série, i, 1853, 45-46).

[r8 9], [r6 5], [J 2 e] — H. de Barros Gomes — *A astronomia moderna e a questão das parallaxes sideraes* (J. M. P. N., 1ère série, iii, 1870-1871, 73-120, 139-151, 203-231; iv, 1872-1873, 1-29).

Cette série d'articles représente le premier mémoire où l'astronomie de précision moderne, c'est-à-dire de l'école de Bessel et de Struve, est traitée en langue portugaise.

À sa sortie de l'Ecole polytechnique de Lisbonne, l'auteur ayant, pendant une année d'environ, fréquenté assidûment le nouvel Observatoire de Lisbonne (Tapada), dont l'installation s'achevait à ce moment, a jugé utile et très important, sur l'avis de ses anciens professeurs, de réunir et de publier les principaux perfectionnements apportés à l'astronomie d'observation et qui ont permis de mesurer avec précision les parallaxes des étoiles. Ces notions étaient d'ailleurs encore peu répandues en Portugal, même parmi les spécialistes.

Frappé du vaste champ qu'il découvrait dans les leçons du savant directeur de l'Observatoire, l'amiral Oom, et dans les ouvrages et mémoirs étrangers, que celui-ci avait mis entre ses mains, il s'adonna avec ardeur à leur étude, et put, en consequence, produire un véritable traité de tout ce qui avait manqué jusqu'alors à l'enseignement officiel.

Il y joiguit, à propos des déterminations de parallaxe d'étoiles, la description de l'instrument des passages de Repsold, établi dans la premier vertical à l'Observatoire de Tapada, et dont la forme avait été suggérée par W. Struve, pour

déterminer les parallaxes des étoiles zénithales à Lisbonne et particulièrement de α Lyre, 61 Cygne et 1830 Groombridge.

L'ouvrage est aussi accompagné d'une exposition de la méthode des moindres carrés et de ses applications aux calculs astronomiques, qui n'était guère vulgarisée alors dans le pays.

[U 1] — F. X. Monteiro de Barros — *Breve tratado analytico do movimento elliptico dos planetas,* Lisboa, Regia officina typographica, 1802.

[U 1] — Jacome L. Sarmento — *Methodo facil para obter a equação final, que deve dar todos os* i *valores de* h *que entram nas formulas das variações seculares das excentricidades e longitudes dos perihelios* (Théorie analytique du système du monde de Pontécoulant, 2e édition, livre 2.°, cap. 8.°, n.° 64), (I. C., 1ère série, vi, 1858, p. 121).

[U 1] — Jacome L. Sarmento — *Reflexões ácerca da passagem das equações do movimento elliptico para as do movimento hyperbolico* (I. C., 1ère série, vi, 1858, 273-276).

[U 1, 2] — Jacome L. Sarmento — *Analyse das demonstrações dos theoremas de* Laplace: 1.° *invariabilidade dos eixos maiores das orbitas planetarias;* 2.° *conservação das pequenas excentricidades e inclinações das mesmas orbitas* (I. C., 1ère série, viii, 1860, 54-55).

[U 2] — M. C. Damoiseau de Monfort — *Mémoires sur les variations séculaires des éléments elliptiques de Pallas et Cères* (M. A. L., 1ère série, iii, 1ère partie, 1812, 15-67).

[U 3, 4] — Jacome L. Sarmento — *Discussão do valor da funcção perturbadora* R, *dada pela série n.° 48 do livro 2.° da* Théorie analytique du système du monde de Pontécoulant, 2.a *edição, no caso em que se desprezar os quadrados das forças perturbadoras; e indagação da melhor ordem dos termos d'esta série,*

que dependem de um argumento dado (I. C., 1ère série, VI, 1858, 93-96, 107-108).

[U 3, 4, 5] — P. BENJAMIM CABRAL — *Calculo das perturbações dos movimentos celestes,* Lisboa, Typographia da Academia real das sciencias, 1877.

Exposé des procédés employés d'ordinaire pour calculer les perturbations des mouvements célestes, et suivi des ingénieuses méthodes dont l'usage a été conseillé par HANSEN.

[U 4] — JACOME L. SARMENTO — *Desenvolvimento de alguns calculos da* Théorie analytique du système du monde de PONTÉCOULANT (I. C., 1ère série, VIII, 1860, 343-352).

L'auteur déduit des valeurs de δz et δv des n.os 84 et 91 du livre de PONTÉCOULANT (2e édition).

[U 6 *d*] — R. DE MELLO CASTRO ABOIM — *Será indefinida a existencia dos anneis de Saturno?* Porto, Typographia central, 1877.

[U 8] — CONDE D'AVILA (1) — *Escolha do horizonte fundamental para as altitudes da Europa,* Lisboa, Imprensa nacional, 1892.

[U 8] — A. J. PINTO BASTO — *A theoria de* NEWTON *e as marés em Macau* (A. C. N., XXI, 1891-1892, 228-238, 477-482).

[U 8] — F. PINTO COELHO — *Estudo sobre as marés do porto de Lisboa* (R. O. P. M., XXVIII, 1897, 209-256).

[U 10] — F. DE MELLO E TORRES (2) — *Introducção geographica.*

Cet ouvrage du comte da PONTE et marquis de SANDE, renferme 3 volumes. Le premier a trait à la sphère; le second aux principes géographi-

(1) Plus tard marquis D'AVILA e de BOLAMA.
(2) Comte da PONTE et marquis de SANDE.

ques et le troisième concerne les questions géographiques, avec un *compendio mathematico*, dédié à Don Francisco Barreto, évêque de l'Algarve en 1638.

[U 10] — F. de Mello e Torres — *Vários fragmentos da minha geographia começados em o anno de 1637 até 1640* (manuscrit).

Cet écrit, remarquable pour le temps, n'est que la première partie du Traité de géographie que l'auteur avait l'intention d'écrire.

D'après Stockler, cet ouvrage comprend un volume in folio, écrit en deux localités différentes, et par deux collaborateurs: la première partie semble être de l'auteur; la seconde est d'un autre, et n'a pas été terminée.

La préface est à la fin du volume et elle est datée de Sete Rios, 1er décembre 1639.

On trouve aussi, dans le même volume, deux autres opuscules, l'un adressé à Don Francisco Barreto, évêque de l'Algarve, sur les différentes parties de la mathématique, écrit à Tavira de 8 au 15 janvier 1639, et l'autre, dont il n'existe qu'un fragment, a pour titre: *Exposição á esphera de* João de Sacrobosco, *por* Fr. Luiz de Miranda, *annotada e accrescentada por* Francisco de Mello e Torres, *em Tavira, aos 16 de julho de 1638.*

[U 10] — M. F. Araujo Guimarães — *Elementos de geodesia*, Rio de Janeiro, Imprensa regia, 1815.

[U 10] — Filippe Folque — *Memoria sobre os trabalhos geodesicos executados em Portugal* (M. A. L., 2e série, 1ère classe, I, 1ère partie, 1843, 1–148, II, 1ère partie, 1848, 1–300, II, 2e partie, 1850, 1–163; III, 1ère partie, 1851, 1–59, 233–333).

Cette étude constitue un remarquable aperçu historique suivi de la description des travaux géodésiques accomplis en Portugal.

[U 10] — Filippe Folque — *Instrucções pelas quaes se devem regular o director e officiaes encarregados dos trabalhos geodesicos e topographicos seguidos da des-*

cripção e rectificação do theodolito, Lisboa, Imprensa nacional, 1850.

[U 10] — * — *Resumo da geographia mathematica,* Coimbra, Imprensa da Universidade, 1855.

[U 10] — Filippe Folque — *Instrucções para a execução, fiscalisação e remuneração dos trabalhos geodesicos e chorographicos do reino,* Lisboa, Imprensa nacional, 1858.

[U 10] — J. de Vellanova e Vasconcellos Correia — *Curso de topographia theorico e pratico,* Lisboa, 1858-1859 (lithographié).

[U 10] — M. J. Barruncho d'Azevedo — Noções *elementares sobre o levantamento das plantas topographicas,* Lisboa, Sousa Neves, 1859.

[U 10] — F. A. de Brito Limpo — *Simplificações das rectificações dos theodolitos,* Lisboa, Typographia do «Futuro», 1861.

[U 10] — M. F. de Medeiros Botelho — *Geographia mathematica,* etc. Coimbra, 1867, 1870.

[U 10] — J. Felix Pereira — *Compendio de geographia mathematica,* Lisboa, Typographia de Antonio José Germano, 1867.

[U 10] — R. R. de Souza Pinto — *Posição geographica do Observatorio da Universidade de Coimbra,* Coimbra, Imprensa da Universidade, 1867.

Les observation qui ont servi de base à ce travail avaient déjà paru dans I. C. (1ère série, IX, 1861, 24-25). En se qui concerne la longitude de l'Observatoire de Coïmbre ($0^h\ 33^m\ 34^s,51$), elle renferme, par rapport aux travaux des astronomes nord-americains (Green, Davis and Norris, *Telegraphic determination of longitudes*) une discordance de $8^s,54$, ou $2'\ 8'',1$ en arc (Voy. Brito Limpo — *Algumas palavras sobre a determinação das longitudes,* Lisboa, 1882, p. 11).

[U 10] — C. A. CARNEIRO DE SOUZA E FARO — *Levantamento topographico*, Nova Goa, Imprensa nacional, 1868.

[U 10] — FILIPPE FOLQUE — *Rapport sur les travaux géodésiques du Portugal, et sur l'état actuel de ces mêmes travaux, pour être présenté à la commission permanente de la conférence internationale*, Lisbonne, Imprimerie nationale, 1868.

[U 10] — FILIPPE FOLQUE — *Relatorio dos trabalhos executados no instituto geographico durante o anno economico de 1866-1867 e de 1867-1868*, Lisboa, Imprensa nacional, 1869.

[U 10] — FILIPPE FOLQUE — *Instrucções sobre o serviço geodesico de primeira ordem*, Lisboa, Imprensa nacional, 1870.

[U 10] — A. A. DE PINA VIDAL — *Principios de geographia mathematica*, Lisboa, Typographia da Academia real das sciencias, 1871, 1877, 1883.

[U 10] — J. J. D. SOUTO RODRIGUES — *O n.° 369 da Geodesia de* PUISSANT (I. C., 1ère série, XVI, 1873, 11-20).

L'auteur donne de développement du calcul que LEGENDRE a jugé inutile de faire dans un mémoire présenté à l'Institut de France (1806), mémoire que PUISSANT a transporté presque intégralement dans son *Traité de géodésie*.

[U 10] — HUGO DE LACERDA — *Topographia* (E. P. E., 1874, 340-348).

[U 10] — J. M. CABRAL CALHEIROS — *Apontamentos de geodesia theorico-pratica*, Lisboa, 1874 (lithographié).

[U 10] — FILIPPE FOLQUE — *Instrucções e regulamento para a execução e fiscalisação dos trabalhos geodesicos, chorographicos e hydrographicos do reino*, Lisboa, Typographia da Academia real das sciencias, 1874.

[U 10] — F. A. PEREIRA DA SILVA — *Relatorio dos trabalhos geodesicos, topographicos e geologicos do reino, pertencente ao anno de 1875*, Lisboa, Imprensa nacional, 1876.

[U 10] — *Direcção geral dos trabalhos geodesicos — Rapport sur les travaux géodésiques, topographiques, hydrographiques et géologiques du Portugal,* Lisbonne, Imprimerie nationale, 1878.

[U 10] — J. M. Barruncho d'Azevedo — *Tratado pratico de topographia regular e irregular,* Lisboa, J. A. Rodrigues, 1880.

[U 10] — F. G. — *Descripção do globo terrestre* (O Atheneu artistico-litterario, Porto, 1880, 30–31, 62–63, 70; 1881, 83, 119).

[U 10] — * — *Escolas regimentaes. Curso da classe de sargentos* (2.º anno). *Noções geraes de topographia,* Lisboa, Imprensa nacional, 1881.

[U 10] — * — *Topographia* (B. P. E., 12ª série, n.º 91, 1884).

[U 10] — *Direcção geral dos trabalhos geodesicos — Ligação do Observatorio astronomico de Lisboa com a triangulação fundamental,* Lisboa, Typographia da Academia real das sciencias, 1886.

Ce mémoire renferme la description des opérations faites sous la direction de Brito Limpo pour relier l'Observatoire de Lisbonne à la triangulation qui s'étend sur toute l'Europe.

[U 10] — *Direcção geral dos trabalhos geodesicos — Calculo das direcções provisorias em uma estação geodesica,* Lisboa, Typographia da Academia real das sciencias, 1887.

(Continúa). Rodolpho Guimarães.

LITTERATURA E BELLAS-ARTES

ARTES E INDUSTRIAS METALLICAS EM PORTUGAL

(Cont. do n.º 3, pag. 141)

XLIV

PEREIRA (JOÃO)

Era mestre da officina de ferreiro da real obra do palacio da Ajuda. Tendo fallecido a 23 de novembro de 1820, foi proposto para o substituir o contra-mestre João José Rodrigues (1).

L

PIRES (ALEIXO)

Era serralheiro, e nesta qualidade trabalhou para o mosteiro de Belem em 1571 nas obras que alli se andavam executando na capella-mór. Fez as grades de ferro para as oito frestas da mesma, pelo que a rainha D. Catharina, que então tinha o governo do reino por seu neto D. Sebastião, ordenou se lhe pagassem 40$000 reaes á conta do que havia de haver. O respectivo mandado, abaixo transcripto, é de 2 de abril d'aquelle anno, sendo o recibo assignado no dia seguinte.

«Guomez Ribeiro mandouos que deys alexo pirez sarralheiro coremta mil reaes que lhe mando *dar* a cõta do que hadaver pellas grades de

---

(1) Torre do Tombo, *Papeis do Palacio da Ajuda.*

ferro que faz pera as vidraças das oyto frestas da capella moor do mosteiro de Belem e per este que não passará pella chamcellarya com seu conhecimento vos serão leuados ẽ cõta os ditos coremta mill reaes. Francisco Lopez o fez ẽ Lixboa a dous dabrill de mill e quinhentos e Lxxj. E eu Sebastião dAfonseca o ffiz escreuer. — Raynha.

«R̃ ẽ Gomez Ribeiro alexo pirez sarralheiro que V. A. lhe mãda dar a conta do que hadaver pelas grades que fas pera as vidraças das oito frestas da capella mor do mosteiro de Belem e que este não pase pela chamcelaria.

«Recebeo aleixo pirez cerralheiro do thezoureiro Guomez Ribeiro os corenta mill reaes conteudos neste aluará em Lixboa a iij dabril de 1571 — aleyxo pĩz — dioguo mĩz» (1).

LI

Pires (Francisco)

A 4 de julho de 1566 foi nomeado mestre das obras de ferro dos Armazens e Ribeira de Lisboa, cargo que tinha vagado por fallecimento de Francisco Dias.
Vide este nome.

«Eu elRei faço saber a vos Luis Cesar, fidallguo de minha (falta *casa*) e prouedor dos meus allmazẽes, que eu ey por bem e me praz de fazer merce a Francisco Pirez, ferreiro e morador nesta cidade de Lixboa, do carguo de mestre das obras de ferro que se fazem nos ditos allmazẽes e Ribeira da dita cidade, que vaguou per falecimento de Francisco Dias, que o dito carguo seruia, com ho qual o dito Francisco Pirez auera em cada hum anno oyto mill reaes dordenado, alem do feytio das obras que pela dita maneira fizer: os quaaes biij reaes lhe serão pagos no thesoureiro do meu allmasem de Guine e Indias que ora he e ao diamte for do primeiro dia deste mes de junho e ano presemte de b[c] lxbj em diamte com certidão vosa de como serue o dito oficio e he contino no dito seruiço e pelo trellado deste que sera registado no Liuro da despesa do dito thesoureiro per hum dos scripuães do dito allmasem com conhecimento do dito Francisco Pirez e a dita vosa certidão de como pela dita maneira serue seraa leuado em conta ao dito thesoureiro o que lhe pela dita maneira paguar a rezão dos ditos biij reaes por ano como dito he. Noteficouolo asy e mãdo que o metaees em pose do dito carguo e lhe deis juramento que bem e verdadeiramente o sirua, e este ey por bem que valha, tenha força he viguor como se fose carta feyta em meu nome he asellada de meu sello pemdemte sem embarguo da ordenação

(1) Torre do Tombo, *Corpo Chronologico*, parte 1.ª, maço 29, documento 47.

do 2.º liuro titulo 20 que diz que as cousas cujo efeito ouuer de durar mais de hum ano pasem per cartas e pasamdo per aluaras não valhã. Baltesar Ribeiro o fez em Lixboa a iiij de junho de jbᶜ lxbj. E eu Bertolameu Fernandez o fiz escpreuer» (1).

LII

Rodrigues (Christovão)

Executou alguns trabalhos para o convento de Christo em Thomar.

LIII

Rodrigues (Garcia)

Era ferreiro em Montemór-o-Novo. D. João III lhe passou carta de previlegio em 8 de maio de 1525 (2).

LIV

Rodrigues (João José)

Era contra-mestre de ferreiros das obras do Palacio da Ajuda, tendo sido elevado ao cargo de mestre por fallecimento de João Pereira.

Vide este nome.

LV

Rubim (P. Fr.)

«Ao P. Fr. Afonso Gago de veneravel memoria se seguio na vigairaria desta casa o P. Fr. Rubim, francez de nação, porem muito parecido com os naturaes do ceo. Veio em ro-

---

(1) Torre do Tombo, Chancellaria de D. Sebastião e D. Henrique, *Doações*, liv. 18, fl. 185 verso.

(2) Torre do Tombo, Chancellaria de D. João III, *Doações*, liv. 13, fl. 29 verso.

maria a Sant-Iago de Galiza, e estando na sua mesma igreja, onde nosso P. S. Francisco foi informado por revelação d'um anjo do que então lhe convinha, elle tambem entendeo ser a vontade de Deos, que fosse frade da nossa Religião. Pelo que, dando repudio logo ás vaidades do mundo, professou o grande desprezo delle, em que no mesmo Reino vivião os Oratorios da Regular Observancia. Mas ouvindo pelo tempo adiante as muitas vantagens que em tudo lhe fazião os nossos de Portugal, fez mudança pera elles com grande melhoramento da vida e dos rigores. Era muito penitente, humilde e devoto; e juntas estas virtudes á mansidão natural, que Deos lhe comunicou, roubava os corações, fazendo-os tão brandos como de cera pera nelles imprimir o amor deste Senhor. Sabia algũa cousa de serralheiro e ferreiro, e sendo esta ocupação tão mecanica, por não estar ocioso, nem perecerem as casas, com muita humildade se exercitava nella quando era subdito e quando era prelado. Tinha forja, martelos e todos os instrumentos que se avião mistér, com os quaes fazia perfeitamente a ferramenta e ferragem que lhe era necessaria. Mas não dava martellada no ferro, que com ella não ferisse de devação os corações de quem estava presente. Acabava os trabalhos nesta triste oficina e logo se passava pera outra mais limpa e mais quieta, a qual era um cantinho da igreja, onde estava ardendo em o espirito na santa contemplação, e confessando-se ainda por servo muito indigno de Deos, não ouzava levantar os olhos pera o ceo» (1).

LVI

Sobrinho (Antonio)

Serralheiro que tinha cargo de fazer obras de ferro para os armazens reaes. D. João III, em alvará com força de carta de 21 de junho de 1554, ordenou que lhe fossem dadas umas casas na rua da Ferraria, para nellas estabelecer sua tenda, pagando o aluguer a seu dono pelo preço que estavam alugadas a outra pessoa.

---

(1) Fr. Manuel da Esperança, *Historia Serafica*, tom. 2.º, pag. 433. Convento de S. Francisco de Vianna. Fr. Rubim era já vigario em 1444.

«Eu elRey faço saber a vos L.[co] de Sousa, meu apousētador mor e soprior das apousētadorias de mynha corte e aos oficiaes dela e desta cidade de Lixboa, que eu ey por bem e me praz que des e façaes dar a Amtonio Sobrynho, seralheiro que tem cuydado de fazer obra pera os meus almazēs, hũas casas na rua da Feraría, em que se posa bem agasalhar e poer temda de seu oficio, e esto sem ēbargo de quallquer mynha prouisõ e regimemto dapousētadoria em comtrairo, as quaes casas ele pagara a seu dono por ano e comtia por que as tiuer alugadas a outra pesoa. Mãdonos que asy o cumpraes. Baltesar Fernandez o fez em Lixboa a quatro de junho de mill quynhemtos cymquoemta e quatro. J.[o] de Castilho o fez espreuer. As quaes casas lhe asy fares dar por seu dinheiro em quamto eu o ouuer por bem e nã mamdar o contrairo, e esta apostilla e o alluara acima esprito me praz que valha como carta sem ēbargo da ordenação do segundo liuro titolo vymte que ho comtrairo dispõe. Joam de Castilho a fez em Lixboa a xxj de junho de mill b[c] liiij» (1).

SOUSA VITERBO.

---

(1) Torre do Tombo, Chancellaria de D. João III, *Privilegios*, liv. 3, fl. 24.

CAMÕES E A INFANTA D. MARIA

(Cont. do n.º 3, pag. 125)

I

Em Lisboa

Chronologicamente, a primeira poesia em que Camões se occupa da filha de D. Manuel é, me parece, o soneto 134.

Apresentado á excelsa e gentil senhora e por ella affavelmente acolhido, o modesto escudeiro ficou deslumbrado!

No dia seguinte, o seu amigo João Lopes Leitão, pagem da lança do mallogrado principe herdeiro, e pessoa muito apreciada na corte, recebia estas confidencias:

> Senhor João Lopes, o meu baixo estado
> Ontem vi posto em grau tão excellente,
> Que, sendo vós inveja a toda a gente,
> Só por mi vos quisereis ver trocado.
> O gesto vi, suave e delicado,
> Que já vos fez contente e descontente (1),
> Lançar ao vento a voz tão docemente,
> Que fez o ar sereno e sossegado.

---

(1) O poeta allude, naturalmente, a algum facto analogo (se não é o mesmo) ao que deu occasião a uns conhecidos versos de Andrade Caminha e á resposta de Lopes Leitão. Diz a rubrica, que precede esses versos: «A João Lopes Leitão, estando preso em sua casa, por entrar uma porta a ver as damas contra vontade do porteiro». P. de Andrade Caminha, *Poesias*, p. 361 (Lisboa, 1791).

Eis como termina a resposta do jovial amigo de Camões:

> Estou-me agora doendo
> De quem tiver para si
> Que é melhor andar vendo
> Verduras, que estar aqui.
>
> Ninguem haja dó de mi,
> Por me ver nesta prisão;
> Hajam de meu coração,
> Que vê tanto dano em si.

Vi-lhe em poucas palavras dizer quanto
Ninguem diria em muitas... Mas eu chego
A espirar, só de ouvir a doce fala!
Oh! Mal haja a Fortuna e o Moço cego!
Elle, que os corações obriga a tanto!
Ella, porque os estados desïguala!

Para bem se comprehender a impressão sentida pelo joven poeta, que bebera

O veneno amoroso de menino,
(Canção 11, v. 65)

e que já então se tinha na conta de galanteador emerito, que *roubava vontades alheias* e as *matava com amor, que não tinha* (1), para bem se comprehender, digo, a impressão sentida pelo joven, mas já afamado poeta, transcreverei algumas passagens de obras e documentos coevos e de escriptores

---

(1) De vontades alheias, que eu roubava,
E que enganosamente recolhia
Em meu fingido peito, me mantinha.
O engano de maneira lhes fingia,
Que, despois que a meu mando as subjugava,
Com amor as matava, que eu não tinha.
Porém logo o castigo que convinha
O vingativo Amor me fez sentir.
(Canção 2.ª).

Nesta canção, escripta em Ceuta, o poeta attribue ao Amor a culpa do *ousado atrevimento,* cujas consequencias está soffrendo:

.... Se elle (o Amor) ordena
Que eu pague seu ousado atrevimento,
Saibam que o mesmo Amor que me condemna
Me fez caír na culpa e mais na pena.

Depois compara-se a Tantalo, a Ixião, a Ticio e a Sisypho, que a mythologia classica figurava como soffrendo, no Tartaro, castigos especiaes, por determinados crimes. Assim, por exemplo, Ixião quís abraçar Juno, mas encontrou-se com uma nuvem. Por isso diz o poeta:

Despois que aquella, em quem minha alma vive,
Quís alcançar o baixo atrevimento,
Debaixo deste engano a alcancei:
A nuvem do contino pensamento
Ma figurou nos braços e assi tive,
Sonhando, o que acordado desejei.

modernos, as quaes constituem o melhor commentario ao soneto que fica reproduzido, especialmente aos versos 5 a 10.

Começarei pela informação que, em carta de 21 de janeiro de 1557, enviava a Carlos V o seu embaixador, D. Sancho de Cordova, que tinha vindo a Lisboa tratar da entrega da filha de D. Manuel a sua mãe, a rainha D. Leonor, já então viuva tambem de Francisco I. Repare-se que o diplomata espanhol chega até a empregar palavras que tambem se leem no soneto. «(La señora Infanta) es persona de grande entendimiento y cordura, y mui reposada, y de pocas palabras y bien dichas y de las valerosas personas que he visto» (1).

Quatorze annos mais tarde, em 1571, recebia a infanta a visita do cardial Alexandrino, legado e sobrinho de Pio V. Eis como um dos membros da comitiva do prelado romano começa a narrativa dessa visita: «Tendo anoitecido, acompanhados com vinte tochas adiante fomos ao palacio da infanta D. Maria, irman de D. João III, a qual, tendo ficado orphan em tenra edade, não quis jámais casar, posto que fosse robusta, formosa e procurada. Era alta e teria de edade cincoenta annos, posto que não pareça á primeira vista» (2).

Agora o testemunho de Jorge Ferreira de Vasconcellos, que teve muitas occasiões de ver a infanta.

Ao dar pormenorizada noticia do celebre torneio, realizado em Xabregas, no anno de 1552, diz o escriptor cortesão que «a infanta D. Maria... se mostrava a fermosa Minerva, com que póde contender com divida confiança, assi em rara gentileza e sotil engenho, como toda outra sobre humana perfeyção» (3).

Ao comparar-se com Ticio, que pretendera forçar Latona, começa assim:

Quando a vista suave e inhumana
Meu humano desejo, de atrevido,
Commetteo, sem saber o que fazia
(Que da sua belleza foi nascido
O cego moço, que com seta insana
O peccado vingou desta ousadia),
Afora este penar, que eu merecia,
Me deu etc.

(1) Veja-se Fr. Miguel Pacheco, *Vida de la Serenissima Infanta Doña Maria, hija del Rey D. Manoel*, fl. 58 (Lisboa, 1675).

(2) *Viagem do cardeal Alexandrino. 1571*, em A. Herculano, *Opusculos*, VI, 90-92.

(3) *Memorial das proezas da segunda tavola redonda*, 2.ª edição (Lisboa, 1867), p. 334. A proposito deste e doutros escriptores, observa a

Vejámos agôra o que se lê em duas obras modernas.

O conde de Villa Franca, que preparava um estudo ácerca da filha de D. Manuel, apresenta-no-la assim: «Alta, de esplendidas formas, elegantissima,... alliava á gentileza majestatica do porte, denotando grande energia e isenção de caracter, uma formosura suavissima, bem revelada na alvura da pelle, no azul celeste dos olhos vividos (1) e na côr loira dos cabellos que lhe coroavam de ouro a espaçosa e ampla fronte (2), onde o talento espontaneo evidentemente se espandia. Este talento era ainda abrilhantado por muita erudição, incessante amor ao estudo e ininterrupto trato, não já com os livros classicos, senão ainda com os multiplos escriptos do tempo, considerado, como se sabe, a idade de ouro da litteratura portuguêsa» (3).

Transmittindo-nos as suas impressões a respeito do retrato

Sr.ª D. Carolina Michaëlis: «Evidentemente, entre os eruditos da côrte constava que a Infanta, bizarra, e na consciencia da dignidade do seu estado, não admittia que ao vulgo profano se fallasse das linhas do seu rosto ou da elegancia das suas esplendidas formas esculpturaes. Apenas o velho Resende, ao tributar-lhe homenagens, adiantava-se até tocar em alguns pormenores: os cabellos ruivos, o andar divino, *incessu dea*... Mas esse... fallava latim». (*A infanta D. Maria*, p. 15).

(1) O poeta, que, como veremos, tantas vezes manifesta a sua admiração pelos bellos olhos da infanta, só num ou noutro logar allude, mais ou menos vagamente, á côr que elles tinham. É assim que á *menina dos olhos verdes*, de cuja affeição se queria ver livre, por causa do novo e *alto pensamento*, que o fascinára, diz elle:

> Ouro e azul é a melhor
> Côr, por que a gente se perde.
> (Redondilhas).

Na egloga 8.ª, que talvez seja de Camões, falla-se expressamente, é certo, nos *olhos azues* de Galatea, que seria a infanta. Mas não era de estranhar que os olhos da nympha maritima fossem daquella côr.

(2) Como os cabellos louros eram mais vulgares que os olhos azues, o poeta a cada passo se refere á côr dos cabellos da infanta, pois não havia perigo de revelar onde estava posto o seu pensamento. Um exemplo, dentre muitos:

> São estes, por ventura, os olhos bellos,
> Que têm de meus sentidos a victoria?
> São estas, nympha, as tranças dos cabellos,
> Que fazem de seu preço o ouro alheio,
> Como a mi de mi mesmo, só com vê-los?
> (Egloga 2.ª, 298-302).

(3) *D. João I e a alliança inglêsa*, p. 275 (Lisboa, 1884).

da infanta, existente em Madrid, no museu do Prado, e executado pelo celebre pintor Antonio Moro, escreve a Sr.ª D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos: «D. Maria contava então trinta annos... Chegada apparentemente ao termo dos seus desejos,... officialmente desposada ao futuro senhor do immenso imperio hispanico (1), a princesa fulgurava como nunca dantes, em toda a plenitude das suas faculdades, em todo o esplendor da sua gentileza majestatica, acariciando a fugidia esperança de ver afinal acabadas as intrigas interminaveis e deprimentes de que fôra alvo. Ainda assim, Antonio Moro não pôde varrer completamente as sombras de uma dolorosa meditação d'aquella testa alta, espaçosa e geralmente placida. É que, entristecida por repetidas decepções, a filha de D. Manuel mal ousava dar credito ás mais solemnes promessas. Como symbolo de magoas, fôra envolvendo o rosto gracioso, de feições tão regulares e puras, e parte do formoso cabello, castanho-claro ou louro-escuro, que o emmoldura, num veo tenue que desce ao peito. A mão direita, de afilados dedos aristocraticos, segura uma perola que lhe serve de firmal. Uma lagrima reprimida? Talvez. Todavia o pintor vio e reproduziu apenas uns olhos azues muito limpidos, com expressão serena e franca, suavemente perscrutadora, nos quaes se reflecte uma intelligencia lucida, altiva rectidão e principalmente um coração valente. Aos labios

---

(1) Philippe de Espanha foi pretendente á mão da infanta desde 1549 até 1552 (Sr.ª D. Carolina Michaëlis, *A infanta D. Maria*, p. 10).

Como não ficaria o coração do pobre Endymion, loucamente enamorado da Lua, da casta e formosa Diana, ao ouvir fallar em semelhante enlace!

Lêa-se o admiravel soneto 165:

En una selva, al dispuntar del dia,
Estaba Endimion, triste y lloroso,
Vuelto al rayo del sol, que, presuroso,
Por la falda de un monte descendia.
Mirando al turbador de su alegria,
Contrario de su bien y su reposo,
Tras un suspiro y otro, congojoso,
Razones semejantes le decia:
Luz clara, para mi la mas escura,
Que con ese paseo apresurado
Mi sol con tu teniebla escureciste,
Si alla pueden moverte, en esa altura,
Las quejas de un pastor enamorado,
No tardes en volver á dó saliste!

finos, cerrados por inviolavel sigillo, e ao terço inferior da cabeça não falta energia... O trage, cujos tons sombrios dão realce á singular alvura das mãos e do rosto, finamente modelado, está em harmonia, na sua singeleza distinctissima, com a nobreza natural do porte e com a melancholica suavidade da physiognomia» (1).

Relêa-se o soneto 134 e, dada a compleição amorosa do moço poeta, veja-se como está bem traduzida a impressão que nelle devia ter produzido o *gesto suave e delicado* da filha do Rei Venturoso, a *doce falla* da gentil senhora, que então se achava na plena posse de todas as suas graças femininas, aureoladas pelo prestigio da ascendencia real.

.... Eu chego
A espirar, só de ouvir a doce fala!

exclama Camões, pondo em confronto o seu *baixo estado* com a amabilidade com que fôra recebido por tão elevada personagem (2).

E o predestinado do amor, em quem

As lagrimas da infancia já manavam
Com uma saudade namorada,
(Canção 11, 52-53)

o predestinado do amor não póde conter-se que não se queixe

---

(1) *A infanta D. Maria*, p. 12-14.
(2) Veja-se como mais tarde custava ao poeta ver essa amabilidade dispensada a outros:

Se a ninguem tratais com desamor,
Antes a todos tendes affeição;
E se a todos mostrais um coração,
Cheio de mansidão, cheio de amor:
Desde hoje me tratai com desfavor,
Mostrai-me um odio esquivo, uma isenção.
Poderei acabar de crer então
Que somente a mim me dais favor.
Que, se tratais a todos brandamente,
Claro é que só aquelle é favorecido
A quem mostrais irado o continente.
Mal poderei eu ser de vós querido,
Se tendes outro amor na alma presente,
Que amor é um, não póde ser partido.
(Soneto 309).

do *moço cego* e da *fortuna*. D'aquelle, porque a *doce falla* da infanta o deixou como morto; desta, porque lhe não permitte amar quem tão profundamente lhe havia abalado o coração.

Oh! Mal haja a Fortuna e o Moço cego!
Elle, que os corações obriga a tanto!
Ella, porque os estados desiguala!

Poucos dias depois, dominado por estas ideas, o poeta foi assistir ás solemnidades da semana santa na igreja do mosteiro de Santa Clara, onde tinha a certeza de ver a infanta (1). Com um simples olhar da *angelica figura,* que

Parece... tinha forma humana,
Mas scintilava espiritos divinos,
(Canção II, 75-76)

ficou *cego de todo!*

Todas as almas tristes se mostravam
Pela piedade do Feitor divino,
Onde, ante seu aspecto benino,
O devido tributo lhe pagavam.
Meus sentidos então livres estavam
(Que até hi foi constante seu destino),
Quando uns olhos, de que eu não era dino,
A furtò da razão me salteavam.

---

(1) «No tempo provavel dos serões (no paço real) (1538 ou 1540 até 1551), o domicilio (da infanta) era em Santa Clara» (Sr.ª D. Carolina Michaëlis, *A infanta D. Maria,* p. 83, nota 89) «(A infanta D. Maria) morou no campo de Santa Clara, nas casas que ficão junto ao dito mosteiro, que hoje sam do Desembargador Luis de Abreu de Freitas e dellas ia ouvir missa ao tal mosteiro, por um passadiço, do qual se conservam ainda hoje na parede alguns vestigios». Padre A. Carvalho da Costa, *Corografia Portuguêsa,* III, 365-366 (Lisboa, 1712). «Deste mosteiro amplissimo, exceptuando o dormitorio, chamado da benção, e o dos corredores, duas varandas e algumas capellas, tudo mais, que em dormitorios e casas particulares recolhia mais de seis centas mulheres,... ficou ou de todo abatido ou irreparavelmente arruinado com o terremoto. O seu famoso templo, que era um monte de ouro e na grandeza excedia a todos os dos mais mosteiros da corte, ficou totalmente prostrado, excepto a tribuna e costas da capella mór». J. B. de Castro, *Mappa de Portugal,* III, 163 (Lisboa, 1870). Todos os outros edificios, que ficavam nas immediações do convento, foram derrubados, excepto o templo de Santa Engracia e a igreja parochial. (Ibid., p. 161).

A nova vista me cegou de todo!
Nasceo do descostume a estranheza
Da suave e angelica presença.
Para remediar-me não ha hi modo?
Oh! Porque fez a natureza humana
Entre os nascidos tanta differença?
(Soneto 303).

Ficou captivo, com a razão perturbada:

O culto divinal se celebrava
No templo, donde toda a creatura
Louva o Feitor divino, que a feitura
Com seu sagrado sangue restaurava.
Amor ali, que o tempo me aguardava
Onde a vontade tinha mais segura,
Com uma rara e angelica figura
A vista da razão me salteava.
Eu, crendo que o lugar me defendia
De seu livre costume, não sabendo
Que nenhum confiado lhe fugia,
Deixei-me captivar. Mas hoje, vendo,
Senhora, que por vosso me queria,
Do tempo que fui livre me arrependo.
(Soneto 77).

Ficou como o passarinho, morto por traiçoeiro caçador:

Está o lascivo e doce passarinho
Com o biquinho as pennas ordenando,
O verso sem medida, alegre e brando,
Despedindo no rustico raminho.
O cruel caçador, que do caminho
Se vem, calado e manso, desviando,
Com pronta vista a seta endireitando,
Lhe dá no Estygio lago eterno ninho.
Desta arte o coração, que livre andava,
Posto que já de longe destinado,
Onde menos o temia, foi ferido,
Porque o frecheiro cego me esperava,
Para que me tomasse, descuidado,
Em vossos claros olhos escondido.
(Soneto 30).

Havia, é certo, um obstaculo que, desde logo, se apresentára ao poeta como insuperavel — o abysmo entre a sua situação e a da infanta —:

Oh! Porque fez a natureza humana
Entre os nascidos tanta differença!

Mas a voz da razão foi supplantada pelo magico fulgor dos admiraveis olhos azues da filha de D. Manuel:

Tomou-me vossa vista soberana
Adonde tinha as armas mais á mão,
Por mostrar a quem busca defensão
Contra esses bellos olhos, que se engana.
Por ficar da victoria mais ufana,
Deixou-me armar primeiro da razão.
Bem salvar-me cuidei, mas foi em vão;
Que contra o ceo não val defensa humana.
Com tudo, se vos tinha promettido
O vosso alto destino esta victoria,
Ser-vos ella bem pouca está intendido.
Pois, inda que eu me achasse apercebido,
Não levais de vencer-me grande gloria:
Eu a levo maior de ser vencido.

(Soneto 36).

De que valia a razão, para que servia o *juizo sossegado*, em presença de tanta gentileza?

Quem póde livre ser, gentil senhora,
Vendo-vos com juizo sossegado,
Se o menino que de olhos é privado
Nas meninas dos vossos olhos mora?
Ali manda, ali reina, ali namora,
Ali vive, das gentes venerado;
Que o vivo lume e o rosto delicado
Imagens são adonde Amor se adora.
Quem vê que em branca neve nascem rosas,
Que crespos fios de ouro vão cercando,
Se por entre esta luz a vista passa,
Raios de ouro verá, que as duvidosas
Almas estão no peito traspassando,
Assi como um crystal o sol traspassa.

(Soneto 60).

O poeta foi forçado a render-se, perante as armas com que Amor o assaltou:

Leda serenidade deleitosa,
Que representa em terra um paraiso;
Entre rubis e perlas, doce riso;
Debaixo de ouro e neve, côr de rosa;
Presença moderada e graciosa,
Onde ensinando estão despejo e siso
Que se póde, por arte e por aviso,
Como por natureza, ser formosa;

Fala, de que ou já vida ou morte pende,
    Rara e suave, — emfim, senhora, vossa;
    Repouso na alegria comedido:
Estas as armas são com que me rende
    E me captiva Amor. Mas não que possa
    Despojar-me da gloria de rendido.
(Soneto 78).

Mais tarde, voltou o poeta a occupar-se da memoravel data em que foi apresentado á infanta, accrescentando alguns pormenores interessantes. Refiro-me ás tres canções *Manda-me Amor que cante.*

Reproduzirei integralmente uma dellas — a que reputo a primeira na ordem chronologica (1).

Manda-me Amor que cante o que a alma sente,
Caso que nunca em verso foi cantado,
Nem dantes entre a gente acontecido.
Assi me paga, em parte, o meu cuidado,
Pois que quer que me louve e represente
Quão bem soube no mundo ser perdido.
Sou parte e não serei da gente crido;
Mas é tamanho o gosto de louvar-me
    E de manifestar-me
Por captivo de gesto tão formoso,
    Que todo o impedimento
Rompe e desfaz a gloria do tormento
Peregrino, suave e deleitoso,
    Que bem sei que o que canto
Ha de achar menos credito que espanto.

Eu vivia do cego Amor isento,
Porém tão inclinado a viver preso,
Que me dava desgosto a liberdade.
Um natural desejo tinha acceso
De algum ditoso e doce pensamento,
Que me illustrasse a insana mocidade.

---

(1) É a canção 8.ª. Na 7.ª e na 18.ª (publicada por Juromenha) já são manifestos os indicios de contrariedades:

Manda-me Amor que cante docemente
O que elle já em minha álma tem impresso,
Com presupposto de desabafar-me.
E, porque com meu mal seja contente,
Diz que o ser de tão lindos olhos preso
— Cantá-lo — bastaria a contentar-me.

Tornava do anno já a primeira idade;
A revestida terra se alegrava,
Quando o Amor me mostrava
De fios de ouro as tranças, desatadas
Ao doce vento estivo,
Os olhos, rutilando lume vivo,
As rosas, entre a neve semeadas,
O gesto grave e ledo,
Que juntos movem em mim desejo e medo.

Um não sei quê suave respirando,
Causava um desusado e novo espanto,
Que as cousas insensiveis o sentiam,
Porque as garrulas aves, entretanto,
Vozes desordenadas levantando,
Como eu em meu desejo, se incendiam.
As fontes crystallinas não corriam,
Inflammadas na vista clara e pura;
Florecia a verdura,
Que, andando, cos ditosos pés tocava;
As ramas se baixavam,
Ou de inveja das hervas que pisavam,
Ou porque tudo ante elles se baixava.
O ar, o vento, o dia,
De espiritos continuos influia.

E quando vi que dava intendimento
A cousas fóra delle, imaginei
Que milagres faria em mi, que o tinha.
Vi que me desatou da minha lei,
Privando-me de todo sentimento
E em outra transformando a vida minha.
Com tamanhos poderes de Amor vinha,
Que o uso dos sentidos me tirava,
E não sei como o dava,
Contra o poder e ordem da natura,
Ás arvores, aos montes,
A rudeza das hervas e das fontes,
Que conheceram logo a vista pura.
Fiquei eu só tornado
Quasi em um rudo tronco, de admirado.

Despois de ter perdido o sentimento,
De humano um só desejo me ficava,
Em que toda a razão se convertia.
Mas não sei quem no peito me affirmava
Que, por tão alto e doce pensamento,
Com razão a razão se me perdia.
Assi que, quando mais perdida a via,
Na sua mesma perda se ganhava:
Em doce paz estava
Com seu contrario proprio, em um sujeito.
Oh caso estranho e novo!
Por alta e grande certamente approvo
A causa donde vem tamanho effeito,
Que faz num coração
Que um desejo, sem ser, seja razão.

Despois de entregue já ao meu desejo
Ou quasi nelle todo convertido,
Solitario, silvestre e inhumano,
Tão contente fiquei de ser perdido,
Que me parece tudo quanto vejo
Escusado, senão meu proprio dano.
Bebendo este suave e doce engano,
A trôco dos sentidos que perdia,
Vi que Amor me esculpia
Dentro na alma a figura illustre e bella,
A gravidade, o siso,
A mansidão, a graça, o doce riso.
E, porque não cabia dentro nella
De bens tamanhos tanto,
Sái por a boca, convertida em canto.

Canção, se te não crerem
Daquelle claro gesto quanto dizes,
Por o que se lhe esconde,
— Os sentidos humanos, lhe responde,
Não podem dos divinos ser juizes,
Senão um pensamento,
Que a falta suppra a fé do intendimento —.

As tres canções informam-nos (o que aliás se confirma com os sonetos 77 e 303) que o poeta foi apresentado á infanta no começo da primavera:

Tornava do anno já a primeira edade;
A revestida terra se alegrava.
(Canção 8.ª).

Ou, como com mais precisão se lê na canção 7.ª:

No Touro entrava Phebo e Progne vinha;
O corno de Acheloo Flora entornava (1).

(1) «Pela chronologia moderna (fixada no calendario gregoriano de 5/15 de outubro de 1582) Phebo, ou o *Sol*, entra no signo *taurus* entre 20 e 22 de abril. Pela chronologia antiga temos de menos uns dez dias, chegando assim á data de 10 a 12 de abril. O resto das metaphoras condiz perfeitamente com esta estação: a andorinha Prokne volta aos nossos climas, e a bem-amada do Zephyro, a deusa primaveral Flora, vira a sua cornucopia (o corno de Acheloo ou de Amalthea), espalhando flores e botões de rosas sobre a terra». Storck, *Vida de Camões*, p. 327. (Traducção da Sr.ª D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos).

E foi recebido nos jardins do palacio, em que ella residia:

> ... O Amor me mostrava
> De fios de ouro as tranças, desatadas
> Ao doce vento estivo.
>
> (Canção 8.ª).

> Um não sei quê suave respirando,
> Causava um admiravel, novo espanto,
> Que as cousas insensiveis o sentiam.
> Ali, as garrulas aves, levantando
> Vozes não ordinarias, em seu canto,
> Como eu no meu desejo, se encendiam.
> As fontes crystallinas não corriam,
> De inflammadas na vista linda e pura;
> Florecia a verdura,
> Que, andando, cos divinos pés tocava;
> Os ramos se baixavam,
> Ou de inveja das hervas que pisavam,
> Ou porque tudo ante ella se baixava.
> Não houve cousa, emfim,
> Que não pasmasse della, e eu de mim.
>
> (Canção 7.ª).

Em que anno se passou isto? W. Storck, que pensa se trata de D. Catharina de Ataíde e não distingue entre a apresentação (soneto 134; canções 7, 8 e 18), e a estada na igreja (sonetos 77 e 303), escreve: «Sendo certo, caso o soneto (303) interpretado por nós falle verdade, que Luis Vaz avistou a bella lisbonense, pela primeira vez, no meio dos officios funebres da sexta-feita de endoenças, temos ainda que procurar qual seria a verdadeira entre as tres sextas-feiras santas do biennio que decorre de 1543 (termo da sua chegada a Lisboa) até 1545, anno em que as más linguas começaram a mexericar dos seus amores. Ou, visto haver camonistas que collocam a chegada a Lisboa no anno de 1542 e o seu desterro da côrte (isto é, de Lisboa) no de 1546, será bom alargarmos o campo a explorar, investigando o periodo de 1542 a 1546. O calendario universal de Kesselmeyer ajuda-nos a encontrar de um modo facil e seguro as datas desejadas. Os cinco dias em que recahiram as sextas-feiras de endoenças são: para o anno de 1542 o dia 7 de abril; e para os quatro seguintes o 23 de março; o undecimo e o terceiro de abril e o dia 23 do mesmo mez. Entre elles, o que de todo em todo corresponde melhor ás indicações

metaphoricas, que temos examinado, é o dia 11 de abril, a *sexta-feira santa do anno de 1544*» (1).

Mas, se é verdade que a apresentação no paço de Santa Clara precedeu, de alguns dias, as solemnidades da sexta-feira mór, e se, por outro lado, o poeta quís indicar por uma fórma precisa a data da apresentação, o anno que melhor satisfaz a estas condições é o de 1546, em que a sexta-feira santa, segundo se lê na passagem que fica transcripta, caíu no dia 23 de abril, quasi duas semanas depois da entrada do sol no signo de tauro.

Prosegue o illustre professor allemão: «Direi, comtudo, que, pessoalmente, não ligo grande importancia á data exacta do «*coup de foudre*». A sexta-feira santa pertence á mythologia *convencional* da poesia moderna, desde que Petrarca — a fim de fazer coincidir poeticamente o principio das suas magoas e o dia da Paixão do Salvador — remodelou acintemente, levado pela vaidade do seu coração de artista, as datas do anno de 1327, postulando que a *sexta-feira* da Paixão recahisse, por milagre, na *segunda feira* da semana santa! isto é, trocando o dia seis de abril (em que de facto avistára a madonna Laura) pelo decimo do mesmo mez e anno!».

É certo que Camões, ao escrever o soneto 303, se lembrou do soneto 3.º de Petrarca, *In vita di madonna Laura*. Tambem não ha duvida que no soneto 77, que é de data posterior ao 303, é manifesta a imitação dos referidos versos do poeta italiano (2). Mas, pelo que fica exposto, não creio que, por parte de Camões, se trate de uma ficção.

---

(1) *Vida* citada, p. 327.

(2) Era 'l giorno ch'al Sol si scoloraro
Per la pietà del suo Fattore i rai,
Quand'i' fui preso, e non me ne guardai,
Che i be'vostr' occhi, Donna, mi legaro.
Tempo non mi parea da far riparo
Contra colpi d'Amor: però n'andai
Secur, senza sospetto: onde i miei guai
Nel comune dolor s'incominciaro.
Trovommi Amor del tutto disarmato,
Ed aperta la via per gli occhi al core,
Che di lagrime son fatti uscio e varco.
Però, al mio parer, non gli fu onore
Ferir me di saetta in quello stato,
E a voi armata non mostrar pur l'arco.

Quem apresentou o poeta no paço de Santa Clara?

Presumo que foi o seu amigo e protector, D. Francisco de Noronha, mais tarde segundo conde de Linhares.

Além de não faltarem Noronhas na casa da infanta (1), ha-

(1) Fr. M. Pacheco, *Vida de la serenissima infanta*, fl. 91 v.–94. Abre a extensa relação do pessoal D. Affonso de Noronha, que por algum tempo exerceu o cargo de mordomo-mór. Pertencia tambem á casa da infanta e era filha do seu mordomo-mór, D. Francisco de Guzman, e da sua confidente, D. Joanna de Blasfet, aquella D. Guiomar de Blasfé, a quem o poeta, a proposito de ella se ter queimado com uma vela no rosto, dirigiu o galante soneto 39 e estas graciosas redondilhas:

Mote

Amor, que todos offende,
Teve, senhora, por gosto,
Que sentisse o vosso rosto
O que nas almas accende.

Volta

Aquelle rosto que traz
O mundo todo abrasado,
Se foi da flamma tocado,
Foi porque sinta o que faz.

Bem sei que Amor se vos rende;
Porém o seu presupposto
Foi sentir o vosso rosto
O que nas almas accende.

Quem sabe se as duas poesias, de que tanto se devia desvanecer a gentil dama, não seriam a causa de vir parar ás mãos do apaixonado poeta o trançado da infanta, que mereceu este bello e enthusiastico soneto:

Lindo e subtil trançado, que ficaste
Em penhor do remedio que mereço,
Se só comtigo, vendo-te, endoudeço,
Que fôra cos cabellos que apertaste?
Aquellas tranças de ouro, que ligaste,
Que os raios do sol têm em pouco preço,
Não sei se, ou para engano do que peço,
Ou para me matar, os desataste.
Lindo trançado, em minhas mãos te vejo,
E, por satisfação de minhas dores,
Como quem não tem outra, hei de tomar-te.
E, se não for contente o meu desejo,
Dir-lhe-hei que, nesta regra dos amores,
Por o todo tambem se toma a parte.

(Soneto 42).

via motivos especiaes para o ex-embaixador de D. João 3.º na côrte de França ser *persona grata* da filha de D. Manuel.

Bastava o facto de esta ser a filha estremecida e unica da rainha D. Leonor. «Não havia por certo embaixador português na côrte de França que não se encarregasse de missões secretas da filha para a mãe e desta para aquella; todos elles seriam porisso bem acolhidos e bem vistos por D. Leonor. Foi o que aconteceu por certo com D. Francisco de Noronha e tambem com o seu adjunto (Francisco de Moraes), que, como elle proprio conta, recebeu mercês da rainha christianissima. Nos annos que durou a embaixada, entre 1540 e 1543, tratou-se do casamento de D. Maria com o duque de Orléans, plano que ficou frustrado com a morte deste» (1).

Comprehende-se o desgosto que depois devia ter o illustre fidalgo com o estouvado procedimento do poeta. E a esse desgosto allude manifestamente Camões na canção 11.ª, v. 181-183:

> A piedade humana me faltava,
> A gente amiga já contraria via,
> No perigo primeiro... (2).

Isto, porém, não obstou, como veremos, a que D. Francisco de Noronha continuasse a ser o desvelado amigo e protector do grande genio, que, em uma hora amarga, compendiou assim a sua atribulada existencia:

> Que segredo tão arduo e tão profundo!
> Nascer para viver e para a vida,
> Faltar-me quanto o mundo tem para ella!
> E não poder perdê-la,
> Estando tantas vezes já perdida!
> (Canção 11, 187-191).

---

(1) Sr.ª D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, *Palmeirim de Inglaterra* na *Zeitschrift für Romanische Philologie*, VI, 57-58. A illustre escriptora prosegue: «Tem assim uma explicação naturalissima o facto de Moraes dedicar o *Palmeirim*, escripto na côrte da rainha D. Leonor, á filha desta, a infanta D. Maria, cuja superior illustração é conhecida».

Tambem não deixa de ser interessante que na egloga 2.ª, escripta no Ribatejo e um dos documentos mais importantes para a historia da paixão de Camões pela infanta, se alluda ao auctor do *Palmeirim* e ao seu amor por uma dama da côrte de França. O *namorado Gallo* (v. 496 e segg.), com effeito, não é senão Francisco de Moraes.

(2) Este *perigo* foi o desterro, primeiro para o Ribatejo e depois para Ceuta, por causa da infanta.

Em algumas das poesias que já foram citadas (soneto 303, canções 2, 7, 8 e 18), assevera o poeta que, ao apaixonar-se pela infanta, conservava ainda livre o seu coração. Na egloga 2.ª insiste neste ponto (v. 438-461):

> Lembra-me, amigo Agrario, que o sentido
> Tão fóra de amor tinha, que me ria
> De quem por elle via andar perdido.
>
> De varias côres sempre me vestia;
> De boninas a fronte coroava;
> Nenhum pastor, cantando, me vencia.
>
> A' barba então nas faces me apontava.
> Na luta, na carreira, em qualquer manha,
> Sempre a palma, entre todos, alcançava.
>
> Da minha idade tenra, em tudo estranha,
> Vendo, como acontece, affeiçoadas
> Muitas nymphas do rio e da montanha,
>
> Com palavras mimosas e forjadas,
> De solta liberdade e livre peito,
> As trazia contentes e enganadas.
>
> Mas, não querendo Amor que deste geito
> Dos corações andasse triumphando,
> Em quem elle criou tão puro affeito,
>
> Pouco a pouco me foi de mi levando,
> Dissimuladamente, ás mãos de quem
> Toda esta injuria agora está vingando.

Apesar destas repetidas declarações, havia alguem que então se julgava com direito a um logar muito especial no coração de Camões.

Era a *menina dos olhos verdes,* já celebrada em deliciosos versos, que talvez não fossem de todo extranhos á maneira como elle foi recebido no paço de Santa Clara.

Basta citar aqui (1) as voltas ao mote:

> Verdes são os campos
> Da côr do limão;
> Assi são os olhos
> Do meu coração.

---

(1) Trago entre mãos uma coordenação da lyrica amorosa de Camões. A 1.ª parte intitula-se a *Menina dos olhos verdes.*

Voltas

Campo, que te estendes
Com verdura bella;
Ovelhas, que nella
Vosso pasto tendes:
De hervas vos mantendes,
Que traz o verão,
E eu das lembranças
Do meu coração.

Gados, que pasceis
Com contentamento:
Vosso mantimento
Não no intendeis.
Isso que comeis,
Não são hervas, não;
São graça dos olhos
Do meu coração.

Pobres olhos verdes! Quantas lagrimas não iam elles derramar, por causa dos olhos azues da infanta!

Com que surpresa e com que amargura não leria a enamorada menina as voltas aos motes:

Vós, senhora, tudo tendes,
Senão que tendes os olhos verdes;

Sois formosa e tudo tendes,
Senão que tendes os olhos verdes.

Veja-se como o poeta ia mettendo ferroadas:

Dotou em vós natureza
O summo da perfeição;
Que, o que em vós é senão,
É em outras gentileza.
O verde não se despresa,
Que, agora que vós os tendes,
São bellos os olhos verdes.

Ouro e azul é a melhor
Côr (1), por que a gente se perde.
Mas a graça desse verde
Tira a graça a toda a côr.
Fica agora sendo a flor
A côr, que nos olhos tendes,
Porque são vossos e verdes.

---

(1) Allusão, como já fica dicto, aos olhos azues e aos cabellos louros da infanta.

Tudo tendes singular,
Com que os corações rendeis.
Senão que, rindo, fazeis
Covinhas para enterrar
E para resuscitar.
Tem força a graça que tendes,
Senão que tendes os olhos verdes.

Tudo, senhora, alcançais,
Quanto o ser formosa alcança;
Senão que dais esperança
Cos olhos com que matais.
Se acaso os alevantais,
É para as almas renderdes...
Senão que tendes os olhos verdes.

Ninguem vos póde tirar
Serdes tão bem assombrada;
Mas heis-me de perdoar,
Que os olhos não valem nada.
Fostes mal aconselhada
Em querer que fossem verdes.
Trabalhai de os esconderdes.

E assim por deante, num misto de depreciação, de fingido elogio e de troça, que tão profundamente deviam magoar quem tinha inspirado tão lindos versos e tanto se desvaneceria da côr dos seus olhos.

E com que arte consummada o grande poeta reproduz os queixumes e protestos da desolada menina! Vejam-se, por exemplo, estas redondilhas, tão sentidas, de uma tão encantadora ingenuidade:

Mote (alheio)

De pequena tomei amor,
Porque o não entendi.
Agora que o conheci,
Mata-me com desfavor.

Voltas

Vi-o moço e pequenino,
E a mesma idade ensina
Que se incline uma menina
Ás amostras de um menino.

Ouvi-lhe chamar Amor;
Pelo nome me venci.
Nunca tal engano vi,
Nem tamanho desamor.

Cresceu-me, de dia em dia,
Com a idade a affeição,
Porque amor de criação
Na alma e na vida se cria.

Criou-se em mim este amor,
E senhoreou-se de mi.
Agora que o conheci,
Mata-me com desfavor.

As flores me torna abrolhos,
A morte me determina,
Quem eu trouxe, de menina,
Nas meninas dos meus olhos.

Desta magoa e desta dor
Tenho sabido que, emfim,
Por amor me perco a mim,
Por quem de mi perde amor.

Parece ser caso estranho
O que Amor em mi ordena,
Que, em idade tão pequena,
Haja tormento tamanho!

Sejam milagres de Amor...
Hei-os de soffrer assi,
Até que haja dó de mi
Quem entender esta dor.

Mas o poeta não se limitou a depreciar, a metter a ridiculo, o que até então o tinha encantado na *menina dos olhos verdes*.

Desvairado com os novos amores, que suppunha ou esperava ver correspondidos, querendo a todo o custo libertar-se da importuna affeição de quem, *de menina, o trazia nas meninas dos seus olhos,* esqueceu-se de que tinha obrigação de ser correcto e, num tablado, expôs á irrisão e á maledicencia aquella que tanto lhe queria e que talvez não tivesse quem a desaggravasse.

Lea-se esta estranha passagem do prologo da comedia *El Rei Seleuco,* em que o proprio Camões, autor da peça, fazia o papel do *representador:* «*Mordomo.* Parece-me, senhor, que entra a primeira figura. Moço, mette-te aqui por baixo desta mesa, e ouçamos este representador... *Martim.* Senhor, elle parece que aprende a cirurgião. *Ambrosio.* Mais parece o ourinol capado, que anda de amores com a menina dos olhos verdes».

Ficou assim o allucinado poeta desembaraçado desta peia, para mais á vontade *pôr o desejo onde não devia* (1).

Quando elle, porém, diga-se de passagem, se viu forçado a penitenciar-se

> Do error em que caíu o pensamento,
> (Soneto 94)

quando já se lastimava da queda que tinham dado os *seus altos pensamentos* (2), procurou rehaver a affeição da *menina dos olhos verdes* (3) e para isso empregou todos os esforços. Foram, porém, baldados (4).

---

(1) Estas são as verdadeiras penitencias
De quem põe o desejo onde não deve,
De quem engana alheias innocencias.
(Egloga 2.ª, v. 357-359).

(2) O meus altos pensamentos,
Quão altos que vos pusestes
E quão grande queda déstes!
(Redondilhas, Juromenha)

(3) É claro que o poeta agora já não alludia á côr dos olhos, para não suscitar dolorosas recordações.

(4) Veja principalmente a egloga 3.ª, escripta depois de o poeta ter voltado de Ceuta, sob promessa de não pensar mais na infanta. São dessa egloga os seguintes versos:

Almeno

Se más tenções puseram nodoa feia
Em nosso firme amor, de inveja pura,
Porque pagarei eu a culpa alheia?
. . . .

Belisa

... Teu sobejo e livre atrevimento
E teu pouco segredo, descuidando,
Foi causa deste longo apartamento.
. . . .

Só na occasião do embarque para a India, é que ella se congraçou com quem tão profundamente a tinha magoado, com quem havia dado motivo a que pusessem *nodoa feia* em uma *pura affeição,* em *um amor honesto.*

(Continúa). DR. JOSÉ MARIA RODRIGUES.

Um só segredo meu te manifesto:
 Que te quis muito, emquanto Deus queria,
 Mas de pura affeição, de amor honesto.
E, pois de teus descuidos e ousadia
 Nasceu tão dura e aspera mudança,
 Fólgo que muitas vezes to dizia.
Fica-te embora e perde a confiança
 De ver-me nunca mais, como já viste:
 Que assi se desengana uma esperança.

FR. JOÃO DAS CHAGAS ou FREY JUAN DE LAS LLAGAS

Frei João das Chagas não vem mencionado na Bibliotheca Lusitana. D'aqui se deve concluir uma de duas cousas: ou que Barbosa Machado o omittiu por ignorancia, ou que o fez propositadamente, na certeza de que era extrangeiro.

Egual esquecimento se nota no *Catalogo razonado biografico y bibliografico de los auctores portuguezes que escribieron em Castellano,* de Domingos Garcia Peres.

Nicolau Antonio, considerando-o lusitano, inscreveu-o na sua *Biblioteca Hispanica Nova* (tomo 1.º, pag. 676), dedicando-lhe o seguinte artigo:

«F. Joannes das Chagas, Lusitanus, ordinis Minorum Reformatorum provinciæ da Rabida nuncupatæ, scripsit:

«Triunfos de la Evangelica pobreza del orden de S. Francisco. Ulisipone 1625, 4.º.

«Supplicem libellum ad Gregorium XV. Papam & Ulisipone apud Craesbec anno 1622.

«Apologeticum de usu Syndicorum. Ibidem apud Antonium Alvarez 1630.

«Ministrum fuit suæ provinciæ, quem pietatis & dignitatis nomine laudatum non mediocriter dimittit Wadingus».

A qual dos dois grandes bibliographos peninsulares devemos dar credito?

A Barbosa Machado, pela negativa, resultante do silencio, ou a Nicolau Antonio pela sua affirmação incondicional?

O nosso compatriota é quem leva neste caso a palma, porisso que João das Chagas não era natural d'este reino, embora aqui tivesse decorrido grande parte da sua vida, no exercicio de importantes cargos monasticos, vindo nelle a descançar para sempre, depois de longa permanencia na sua patria adoptiva.

João das Chagas, o *flamengo,* como geralmente era designado, nascera em Culemburg, nos estados da Baixa Allemanha e muito cedo, por iniciativa propria e desejo de seus

paes, se filiara na ordem de S. Francisco. Por motivos que na chronica da ordem se attribuem simplesmente a uma força irresistivel de attracção virtuosa, fr. João veiu para Portugal na companhia de um religioso portuguez, batendo ás portas da Provincia da Arrabida, que jubilosamente o acolheu, convencida de que adquiria um novo membro, que muito utilisaria ao Instituto, já pela bondade do seu coração, já pela excellencia do seu espirito lettrado. E o futuro não deixou duvidoso, antes confirmou o conceito que d'elle então se houve, conforme se deduz da sua biographia, elegantemente tracejada por fr. José de Jesus Maria a pag. 75 e seguintes da sua *Chronica da Provincia da Arrabida.*

Em 1589 (1) reuniu-se o Capitulo da Ordem no convento de Loures, para se proceder á eleição do Provincial, e como existissem fortissimas divergencias entre parcialidades castelhanas e portuguezas, por insinuação de fr. Antonio da Assumpção, o *Saldanha,* recaiu a escolha em fr. João das Chagas, que não offerecia nenhum dos inconvenientes antagonicos, pois não era natural de qualquer das duas corôas, nem tão pouco filho da Provincia, sendo por conseguinte um meio termo conciliador entre os dois partidos que se degladiavam. Tinha elle então 42 annos de idade e 15 de provincia.

No exercicio d'estas funcções se houve fr. João das Chagas com austeridade de diciplinador inquebrantavel, não se contentando em reprehender, mas até em punir os menos zelosos no cumprimento dos seus deveres, sobretudo no tocante ás praticas espirituaes. Apesar da benevolencia com que o trata o seu biographo, ou antes panegyrista, quer-me parecer que elle tinha um genio auctoritario, inclinado ao arbitrio, como o demonstra um facto, que muito devia impressionar o seu caracter altivo, se a humildade religiosa o não predisposesse á resignação evangelica, acceitando como favor divino a reprimenda dos homens. Ordenou elle que se desfizesse e demolisse o convento de Palhaes, o que produziu grande alvoroço nos moradores do sitio, que offereceram resistencia á mão armada, não tardando o padroeiro a vir em seu auxilio, reforçando o seu protesto. Foi o pleito levado a Capitulo

(1) Não sei se haverá erro aqui da parte do Chronista, allegando que andavam então accesas as dicenções no reino «com a acclamação do Senhor D. Antonio, Prior do Crato, e filho do Infante D. Luis, por morte do Cardeal Rey».

e o indiscreto zelo de fr. João foi punido de um modo rigoroso, não se limitando a sentença a uma só demonstração condemnatoria, antes descarregando sobre o indiscreto prelado tres golpes successivos, qual d'elles mais violento: — privado de voto, excluido do Capitulo e degredado por tres annos para o convento de Obidos.

Não obstante este contratempo desairoso, que muito devia abater os seus creditos, fr. João continuou a merecer a estima e consideração dos seus confrades, o que parece demonstrar que as suas virtudes e talentos eram superiores aos reveses da fortuna, dos quaes escapava victorioso, como nau rijamente construida, que sae sã e salva das iras do temporal. A sua existencia prolongou-se por muitos annos num grande fervor de devoção, realizando o ideal do ascetismo fradesco, procurando sempre occasião de se abater a seus proprios olhos e aos olhos dos seus confrades, privando-se de todos os comodos e não deixando nunca de faltar, por mais que a doença o molestasse, ao exactissimo cumprimento das suas obrigações, ainda que neste ponto o dispensassem as honras da prelasia que disfructara. Algumas das suas acções tinham o quer que fosse de pueril, embora resultassem do pensamento constante de se humilhar, apagando-se na turba dos obscuros. Assim se dilatou a sua existencia e de provecta idade veiu a fallecer.

Tinha fr. João estreita amizade com um inglez de nome Gualter Jaquez, a quem pediu mandasse fabricar no convento de S. José de Ribamar, na cella que fôra de fr. João d'Aguila, uma ermida dedicada a Nossa Senhora da Quietação. Teve o requerimento favoravel despacho e no retabulo da capellinha se pôz um painel com a imagem de S. Gualter. O subdito britannico sobreviveu a fr. João e com a morte d'este não esmoreceu a sua amizade antes deu mostras de venerar a sua memoria, fazendo com que elle fosse enterrado na mesma ermida, que mandou forrar de finissimo azulejo, no qual se lia esta inscripção:

«Nesta capella ao pé d'este Epitaphio está sepultado o P. fr. João das Chagas, Flamengo de Nação, Ministro Provincial que foy d'esta Provincia de Nossa Senhora da Arrabida e nella viveo 66 annos com grande exemplo da vida, e muitas mostras de santidade. Faleceo a 4 de março de 1637».

Fr. José de Jesus Maria, se nos dá conta das virtudes praticadas por fr. João, ennumera tambem os predicados da sua intelligencia que desabrocharam em alguns livros, pelos quaes podemos avaliar os seus merecimentos de escriptor

mistico. Eis a nota que a tal respeito nos offerece o chronista:

«Compôz varios tratados pertencentes ao bom regimen da ordem, os quaes mandou imprimir, e hum d'elles, em que recompilou o methodo da oração mental, teve tanta acceitação, que logrou a fortuna de se ver posto em uma taboa na capella Pontificia. Tambem foy author d'um livro em quarto, a que deu o titulo de *Triunfos da Pobresa Evangelica,* em que se nota o raro da sua erudição e o elevado do seu espirito. Em succintas folhas comprehende as vastas noticias da nossa Seraphica Ordem, divididas por tantos tomos, quantos são os que em multiplicado algarismo dão nome ás mayores Bibliothecas. Com estylo comico declara as proesas do nosso Patriarcha Santo, as excellencias da Ordem, os mimos, que tem recebido de Deos, as graças, que lhe tem concedido a Igreja, os martyrios, e virtude dos Santos, que a tem illustrado, vestidos no humilde e pobre habito Franciscano».

Mais adiante (pag. 94) accrescenta:

«D'esta (cella) não saiu mais que para os actos da communidade, gastando nella o tempo ou em orar, ou em estudar; de que resultou compôr não só os tratados, e livros, de que já fizemos memoria; mas *hum memorial,* que fez *das fundações dos conventos da Provincia, e sujeitos que nella florescerão em virtudes.* Tambem compoz *dous livros de questões, e duvidas de Regulares,* muito doutos, e curiosos, que a nossa pobreza não permittio se podessem imprimir».

Além das obras supra mencionadas, tanto em Nicolau Antonio, como no Chronista da Ordem, tenho nota de outra, assim descripta, sob o n.º 1880, no Catalogo da livraria do marquez de Castello Melhor, vendida em hasta publica em 1879:

«*Rasonamiento que no conviene que tengan los Religiosos Franciscanos Descalzos Vicarios generalis*». Lisboa, Pedro Craesbeeck, 1622, 4.º.

A Bibliotheca da Universidade de Coimbra não possue nenhuma das obras de fr. João das Chagas. Na Bibliotheca Publica Municipal do Porto existe a seguinte, cuja descripção devo á benevolencia do sr. José Pereira de Sampaio (Bruno). Intitula-se:

«*Tratado apologetico del Uso que la Seraphica Orden Franscicana de la Regular Observancia tiene de syndico apostolico, adonde despues de explicar la origen y modo com que se platica, se resueluen algunas objeciones nascidas de ignorancia, y zelo indiscreto.*

«*Hecho por Fray Juan de las Llagas Padre de la Sancta*

Prouincia de Nuestra Senhora de la Arrabida. Natural de Culemburgue en los estados de Allemanha baxa, mas criado en Portugal. Con todas las licencias necessarias. En Lisboa, por Antonio Alvares, 1630».

É um volume em 8.º de 32 folhas, tendo esta ultima o algarismo errado, 12 em vez de 32.

Quando o chronista da Ordem falla dos *Triumphos da pobresa* diz que este livro é escripto em estylo comico, o que me causou estranheza, pois só um mentecapto ou um sujeito de um caracter extraordinariamente original é que poderia compendiar d'aquelle modo os feitos gloriosos da sua communidade, a não ser que o fizesse com a mais irreverente ironia. Estou portanto convencido que houve erro typographico e que em logar de *comico* se deve lêr *conciso*. Effectivamente a obra de fr. João das Chagas é uma breve historia apologetica da vida prodigiosa de S. Francisco e do instituto por elle fundado, cuja principal caracteristica consiste no amor á pobreza, levado até ao excesso. Tenho presente um exemplar que faz parte da selecta livraria do sr. Annibal Fernandes Thomaz e d'elle posso por conseguinte dar circunstanciada noticia bibliographica. Intitula-se:

«*Triumphos de la Sancta evangelica pobreza en la religion Seraphica de nuestro padre San Francisco. Collegidos por fray Juan de las Llagas Ministro preterito de la Sancta Prouincia de nuestra Señora de la Rabida de los frayles Menores de la Obseruancia Regular en Portugal.* Con todas las licencias necessarias. En Lisboa por Pedro Craesbeeck. Impressor del Rey. Año 1625».

É um volume em oitavo, (cadernos rubricados A, A 4, B, B 4, etc.) de quatro folhas innumeradas, incluindo o frontispicio, mais 132 folhas numeradas pela frente. É adornado de quatro estampas em folha separada, gravadas pelo artista portuguez Bento Mialhas. Nos preliminares comprehendem-se as licenças e um soneto em hespanhol, á *tençan* e *excellencia da obra,* de D. Henrique de Portugal. No verso da folha 51 vem um pequeno capitulo, *De las peregrinaciones de los Religiosos Franciscos a los Reynos de Japan, y de las conversiones que en ellos hisieron,* em que se lê esta phrase, com referencia ao rei de Quanto: *que es el que al presente del año de 1607 govierna el Japan.* Isto faria suppôr que a obra se andava compondo por este tempo, mas logo adiante (folio 115 verso) no capitulo intitulado: *Los frayles Franciscanos martyrisados en Japon,* relacionam-se os individuos martyrisados em 1632, o que destroe a hypothese que se

podesse formular sobre o anno de 1607, pois é impossivel admittir que entre um e outro capitulo mediassem tantos annos em que a penna do auctor estivesse em ocio. O soneto, de D. Henrique de Portugal é concebido nesta forma:

De Dom Henriqve | de Portvgal a tençom, | & excellencia desta obra |

Soneto

Como nó triumphará la alta Pobreza
De todo lo que Dios tiene creado,
Si del mismo Señor ha triumphado,
Traiendolo aun Pesebre de su alteza;

Por ella conoscida su grandeza
En el mundo, con ella fue adorado;
Y el la tiene assentada al diestro lado,
Del Padre Eterno en su naturaleza,

Della (aquel señalado su heredero,
El segundo llagado blando, y fuerte,
Y unico retrato del primero;)

Enriqueciô sus hijos de tal suerte
Que triumphan en Dios tras su cordero,
Del mundo, del diablo, y de la muerte.

Creio que este D. Henrique de Portugal é o mesmo sujeito a que se refere o diploma abaixo transcripto. É uma carta de D. Filippe 2.º, fazendo mercê a D. Henrique de Portugal dos fructos da comenda de S. Pedro de Calvello, da Ordem de Christo, que elle havia renunciado em seu filho, D. João de Portugal, já fallecido. A comenda ficaria pertencendo a seu neto, D. Diogo de Portugal, certamente filho de D. João, que só entraria na posse definitiva d'ella, quando tivesse a idade competente para professar. D. João havia servido em Tanger e tomado parte na empresa de Larache. Eis agora o documento:

«Eu Elrey faço saber aos que este aluará virem que auendo respeito aos serviços de Dom João de Portugal, já fallecido, que foi Fidalgo de minha casa e ter servido por carta hũa comenda na cidade de Tangere á sua custa, de que não foi provido, e a que depois disso servio em alguas occasiões, achandose na empresa de Larache, evaguar por elle a comenda de São Pedro de Calvello da Ordem de Nosso Senhor Jesu Christo, que seu pai Dom Henrique de Portugal tinha renunciado nelle

e gosar della pouco tempo: Hey por bem de fazer mercê ao dito Dom Henrique de Portugal da dita comenda de São Pedro de Calvello para seu neto Dom Diogo de Portugal, com declaração de que os fructos della serão para o dito Dom Henrique de Portugal, até o mesmo seu neto ser de idade para professar na Ordem de Christo, e até elle ser da dita idade poderá o dito Dom Henrique dispor dos ditos fructos, para pagamento de suas dividas, como lhe parecer: Pello que mando a Nuno Coelho, fidalgo de minha casa, contador do mestrado da dita ordem ou a quem o cargo servir, deixe pessuir os fruitos da dita comenda ao dito Dom Henrique de Portugal, em quanto o dito seu neto não tiver idade para os cobrar e lhe entregue os cahidos della por quanto sua Santidade o Papa Urbano 8.º por seu breve assim o ouve por bem e este se cumprirá inteiramente e valera como carta sem embargo de qualquer provisão ou regimento em contrario sendo passado pella chancellaria da ditta ordem. Symão de Lemos o fez em Lixboa a 23 de fevereiro de 624. Manoel Pereira de Castro o fez escrever» (1).

Sousa Viterbo.

---

(1) Torre do Tombo, *Ordem de Christo*, liv. 12, fl. 11 verso.

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

O INSTITUTO

REVISTA SCIENTIFICA E LITTERARIA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — Rua do Infante D. Augusto, 44 — COIMBRA.

Propriedade e edição da Sociedade scientifica — O INSTITUTO de Coimbra

DIRECTOR
DR. BERNARDINO MACHADO
Presidente do INSTITUTO

Composto e impresso na IMPRENSA DA UNIVERSIDADE.

SCIENCIAS MORAES E SOCIAES

NOMENCLATURA GEOGRÁPHICA

Subsídios para a restauração da toponýmia em língua portuguêsa

(Cont. do n.º 4, pag. 177)

D

Dacar, cabo e cidade francêsa, porto de mar, na costa do Senegal. Os portuguêses chamaram-lhes *ponta de Gaspar* e *porto de Gaspar,* designação que por corrupções successivas se mudou em *Dacar*. Os francêses escrevem *Dakar*. Não ha muito que o primitivo nome era corrente em livros portuguêses. (*Roteiro,* I, 112).

* **Dahomé,** região, antigo reino da costa occidental de África, no golfo de Guiné.

Dakar. Vid. *Dacar*.

Dalecárlia, província da Suécia.

Dália, província da Suécia, a W. do lago de Véner.

Darfur, região do Sudão egýpcio, a W. do Cordofão.

Delagoa bay. Vid. *Bahia da Alagôa*.

Delphineses, habitantes do Delphinado, antiga província de França.

Desiderada (*ilha*), uma das pequenas Antilhas, a E. da ilha de Guadalupe. O nome foi-lhe dado por Colombo na

língua da sua pátria e vale o mesmo que *Desejada*. Em livros francêses, *Désirade*.

Désirade. Vid. *Desiderada*.

Devónia, condado de Inglaterra, na parte meridional da Gran Bretanha.

Dieppa, cidade de França, porto de mar, no canal de Inglaterra.

Djeziré. Vid. *Jeziré* e *Gizaira*.

Djilolo. Vid. *Halmaheira*.

Djohor. Vid. *Jor*.

Dofrinas. Vid. *Alpes escandinavos*.

Dolou, cidade do Sudão central alemão, ao sul do lago Chad. Em alemão, *Doloo*.

Domínica (*ilha*), uma das pequenas Antilhas.

Donaverta, cidade da Baviera banhada pelo Danúbio. Em alemão, *Donauwert*.

Dordonha (*rio*), affluente do Garonna, em França.

Dover, cidade inglêsa, porto de mar, no canal de Inglaterra. Os francêses dizem *Douvres*.

Down, palavra inglêsa que significa *monte, outeiro*, e entra na composição de nomes geográphicos: *North Downs, montes do norte*, e *South Downs, montes do sul*, a SE. de Inglaterra; *Black Down, monte negro*, a S. de Inglaterra.

Draguinhão, cidade francêsa, capital do departamento do Var. Em francês, *Draguignan*.

Dravo, rio de Áustria, affluente da margem direita do Danúbio. Em latim, *Dravus;* alemão, *Drau;* eslavo, *Drava;* francês, *Drave*.

Droma, rio de França, affluente da margem esquerda do Rhódano. Em francês, *Drôme*. O rio dá o seu nome a um departamento.

Ducoxima, ilha do archipélago do Japão, a W. de Ximo ou Kiú-siú. (Lucena, 466).

Dunquerque, cidade de França, porto no mar do Norte.

Durança ou **Druença**, rio francês, affluente do Rhódano. Em latim, *Druentia*.

Dzungaria. Vid. *Zungária*.

E

Egates ou **Egatas** (*ilhas*), grupo a W. da Sicília.

El-Araich. Vid. *Larache*.

Elba, rio de Alemanha. Alguns escreveram erradamente

Elbo. Em latim, *Albis;* em cheque, *Labe.* Com a forma latina *Albis* justificar-se-hia em português *Elbe.*

Elmina. Vid. *S. Jorge da Mina.*

Elseneur. Vid. *Helsenor.*

Emília, região de Itália.

Endeh. Vid. *Flores.*

Engano (*ilha do*), a sul da ilha de Çamatra.

* **Escalda**, rio que banha a França, a Bélgica e a Hollanda. Em latim, *Scaldis;* em francês, *Escaut;* em flamengo, *Schelde.* A forma latina justificaria em português *Escalde,* mas *Escalda* é forma tradicional muito antiga. Cf. *Elba.*

* **Escócia**, e não *Escóssia,* região da Gran Bretanha septentrional.

Eslinga, povoação austríaca próxima de Vienna, célebre na história das guerras de Napoleão I. Em alemão, *Essling.* Ha no reino de Vurtemberga uma cidade com o mesmo nome, na margem direita do rio Necar, affluente do Rheno.

Espira, cidade alemã no Palatinado.

Espoleto, cidade de Itália.

* **Espórades**, grupo de ilhas a E. das Cýclades.

Estácio. Vid. *Santo Eustáchio.*

Estetim, cidade de Alemanha.

Estíria, região do império austrò-húngaro.

F

Fachoda, cidade do Sudão egýpcio, na margem esquerda do Nilo.

Faença, cidade de Itália, a SW. de Bolonha. É notavel pelas suas fábricas de louça. Em italiano, *Faenza.*

Falster, ilha da Dinamarca no mar Báltico.

Famagosta, povoação da costa oriental da ilha de Chypre. Foi outr'ora cidade notavel.

Fartaque (*cabo*), na costa da Arábia, a SE.

Farulho (*ilha de*), fronteira á costa da serra Leôa, na África occidental. Os portuguêses tambem lhe chamaram *ilha Serbera* (*Arte,* 189). Em mappas estranjeiros vem com o nome de *Sherbro* e tambem com o de *Sherboro.*

Fernando Pó. Vid. *Fernão do Pó.*

Fernão do Pó (*ilha de*), no golfo de Guiné.

Fiord (em norueguês, *Fjord,* que se lê *Fiord*), espécie de esteiro longo, estreito, profundo e apertado entre montes. Esta palavra passou á linguagem geográphica de todas as nações.

*

Firando, ilha do archipélago do Japão, a W. de Ximo, tambem indicada modernamente com o nome de *Hirado*. (Lucena, 466).

Firth, palavra inglêsa, que significa o mesmo que *fiord* ou *esteiro*, e entra na composição de nomes geográphicos: *Solway Firth*, a W. da Gran Bretanha, entre a Escócia e a Inglaterra.

Flessingue, forma francêsa de *Flissinga*.

Flissinga, cidade, porto de mar da Hollanda. (*Arte*, 185). Em hollandês, *Vlissingen*.

Flores (*ilha de*), na Oceania, a S. da ilha de Celebes. Chamaram-lhe tambem *Solor*, nome que depois ficou só a uma pequena ilha a E. da de Flores; e *ilha de Oende*, designação que ainda se vê, embora sob forma estranha (*Endeh*), nos mappas modernos. O nome de *Flores* veio-lhe do *cabo de Flores*, que tem a ENE. e agora se vê indicado com o nome de *cabo Bunga*. (*Arte*, 433 e 434).

Fo-kien ou **Fou-Kien**. Vid. *Foquiem*.

Fonda. Vid. *Funta*.

Foquiem ou **Fuquiem**, província marítima da China, onde está a cidade de Chincheu. Tambem se chama *canal* ou *estreito de Foquiem* e *de Formosa* á parte do oceano que separa a ilha Formosa do continente. (D. III, l. II, cap. VII; D. I, l. IX, cap. I).

Forteventura (*ilha*), uma das Canárias, indicada muitas vezes pela forma castelhana do seu nome, *Fuerteventura*. (*Arte*, 188).

Francfort do Meno, cidade da Prússia. *Francfort sobre o Meno* é estranjeirismo inadmissivel. Cf. *Francfort do Oder*.

Francfort do Oder, cidade da Prússia. A não se restabelecerem as formas *Francoforte* ou *Francfórdia*, que teem tradições na língua (*Mon.*, III, 3; Bl., in vb.º *Francoforte*), dever-se-ha ao menos evitar o intoleravel estranjeirismo *Francfort sobre o Oder*. Os espanhoes dizem *Francfort del Oder* e teem tambem *Francoforte*. Nós dizemos *Miranda do Douro, Valença do Minho, Moimenta do Dão*, etc., e tambem devemos dizer *Francfort do Meno, Francfort do Oder, Chalons do Marna*.

Franco Condado, antiga província de França. Em francês, *Franche Comté*.

Freiberga, cidade da Saxónia.

Frísia, região da Europa occidental, hoje parte da Hollanda e parte da Alemanha.

Frisões, habitantes da Frísia.

Fu, palavra chinêsa, que, junta a um nome de cidade, indica que esta é séde de governo regional: *Nimpó-fu*.

Fulda, cidade da Prússia.

Funta ou **Nefunta** (*enseada de*), na costa occidental de África, a S. da foz do rio de Congo ou Zaire. Em livros estranjeiros chamam-lhe *bahia de Fonda*.

Fusi-Iama, monte da ilha de Nipon (Japão), onde ha um vulcão notavel.

G

Gabão (*costa do*), tracto da costa occidental de África, entre a foz do rio dos Camarões e o cabo de Lopo Gonçalves. Em livros estranjeiros lê-se *Gabon* e *Gabun*.

Gabão (*rio do*), na costa occidental de África.

Galas, povo da África oriental, ao sul da Ethiópia (*Or. conq.*, II, 617).

Gand. Vid. *Gante*.

Gante, cidade da Bélgica. Em francês, *Gand;* em flamengo, *Gend* ou *Gent*. Convém não confundir com *Gandia*, cidade de Espanha, a que se referem por vezes os nossos clássicos.

Garças (*ilha das*), no golfo de Arguim. (*Índ.*, 26).

Garonna, Garumna ou **Garunna**, rio de França. *Garonna* é hoje a forma mais usada, e, como é legítima, deve ser preferida, embora os antigos empregassem mais o nome de *Garunna*.

* **Gasconha**, região da França. Do latim *Vasconia*. Assim escreveu Lucena (l. II, cap. XIX) e outros auctores considerados. Os espanhoes dizem *Gascuña*.

Gate (*serra de*), no Indostão. Ha duas serras com este nome, uma do lado da costa de Malabar, outra do lado da costa de Coromandel, e distinguem-se pelos nomes de *Gates occidentaes* e *Gates orientaes*. Em livros estranjeiros, *Ghates*. (D. IV, l. VII, cap. IV).

Gebirge, palavra alemã, cuja significação é *cadeia de montanhas*, e entra na composição de nomes geográphicos: *Erz-Gebirge* (entre a Saxónia e a Bohémia), *montanhas dos Metaes* ou *montanhas Metallíferas* (e não *montes Metállicos*, como alguns teem dito); *Fichtel-Gebirge* (na Baviera), *montanhas dos Pinheiros; Riesen-Gebirge* (entre a Silésia e a Bohémia), *montanhas dos Gigantes*, etc.

Geilolo (*ilha de*), a mesma que tambem foi conhecida pelo nome de *Halmaheira*. Vid. *Halmaheira*.

* **Genebra** (cidade da Suiça), e não *Génebra,* como alguns ainda pretendem. Do latim *Gĕnēva, æ.* Por muito tempo se conservou em português a forma latina *Geneva.*

Geórgia, região da Transcaucásia. C. Geraldes escreveu *Jórgia,* por analogia com o nome de um dos Estados Unidos norte-americanos; mas a analogia é só apparente, pois em verdade é desconhecida a origem do nome da região da Transcaucásia, ao passo que se sabe a origem do nome de *Jórgia* na América. Vid. *Jórgia.* Já Plínio falou dos habitantes da Geórgia, aos quaes chamava *Georgi.*

Geum, nome por que os portuguêses conheceram o rio que na antiguidade se chamou *Oxus* e hoje tem o nome de *Amu-Dária.* (D. IV, l. VI, cap. I). Alguns lhe chamaram tambem *Abia.*

Ghates. Vid. *Gate.*

Ghir (*cabo de*). Vid. *Aguer.*

Gibaltar (com o accento tónico na última sýllaba), forma verdadeira do nome da cidade e do estreito hoje conhecidos por *Gibraltar.* O nome deriva do árabe *Geb-al-Tariq* (monte de Tariq), e foi destinado a commemorar a vinda do famoso chefe muçulmano *Tariq,* quando os árabes invadiram a península. *Gibraltar,* com o accento tónico na penúltima sýllaba, é forma e pronúncia inglêsa.

Gidá, porto da Arábia. Alguns escreveram ora *Gidá* e *Giddá,* ora *Judá.* (*Itin.,* cap. VII, VIII e XVII; *Arte,* 195; D. II, l. VII, cap. VIII e l. VIII, cap. I; D. III, l. I, cap. III e seg.).

Gironda, rio de França, que dá o seu nòme a um departamento.

Gizaira (*ilha de*), nome por que os portuguêses conheceram certa extensão de território junto á foz do Euphrates, cercado e cortado pelos braços do rio. O nome deriva do árabe *al-jazair,* d'onde veio tambem a nossa palavra *lezira* ou *lezíria.* Os persas chamavam á referida ilha *Gizera.* (D. IV, l. III, cap. XIII). O mesmo nome se deu ao território situado mais a N., entre os rios Tigre e Euphrates, desde Bagadá até Corna, conhecido na antiguidade por *Mesopotamia* e hoje tambem representado nos mappas com o mesmo nome e com o de *El-Djeziré.*

Gogá, cidade na península de Guzarate, junto ao golfo de Cambaia. Em mappas estranjeiros, *Goghá.* (D. IV, l. IV, cap. XVII).

Gojame, antigo reino, hoje província da Ethiópia. Em livros estranjeiros, *Godjam.*

Goleta, cidade marítima da Tunísia. (*Itin.*, cap. VII; *Arte*, 218). Os francêses dizem *La Goulette.* O nome é de origem italiana, *Goletta,* e provavelmente d'esta mesma palavra, que é nome commum, veio o vocábulo português *goleta,* que significa o mesmo que em italiano: angra, ou pequena barra ou canal estreito que dá entrada a um golfo ou porto. A cidade de *Goleta* está junto á entrada de um canal que estabelece communicação entre o lago de Tunes e o mar; d'ahi o nome que lhe deram os italianos.

Gomeira (*ilha*), uma das Canárias, mais conhecida pelo nome castelhano de *Gomera.* (*Arte,* 188; Couto, D. IV, l. III, cap. III).

Gorage, região, antigo reino, a SE. da Ethiópia. Nos mappas estranjeiros, *Gurage* e *Gouragué.*

Goréa (*ilha de*), situada na costa occidental de África, pouco ao sul do cabo Verde. Na ilha existe a villa de *Goréa.* Uma e outra houveram tambem nome de *Bisiguiche.*

Gotemburgo ou **Gotheburgo,** cidade da Suécia.

Gothlándia, ilha no mar Báltico. Antigamente, aos nomes terminados em *land* dava-se em português a forma *landa,* como ainda hoje em *Hollanda* e *Irlanda,* o que seria preferivel; actualmente é costume empregar a terminação *lándia,* como em *Islándia, Zelándia, Finlándia,* etc.

Gotinga ou **Gottinga,** cidade da Prússia. Os alemães dizem *Göttingen,* os francêses *Gœttingue,* os espanhoes *Gotinga.*

Gotoxima, ou simplesmente *Goto,* ilha do archipélago do Japão, a W. de Ximo. (Lucena, 466).

Goulette (*La*). Vid. *Goleta.*

Granada (*ilha de*), uma das pequenas Antilhas, a N. da ilha da Trindade.

Granadilhos, ilheus a NNE. da ilha de Granada, nas pequenas Antilhas.

Granvilla, cidade francêsa, porto de mar no golfo de S. Maló.

Gravelines. Vid. *Gravelinas.*

Gravelinas, cidade francêsa, porto commercial no mar do Norte, perto de Dunquerque. Os francêses dizem *Gravelines.* Em português tambem se lhe chamou *Gravelinga,* do seu primeiro nome, que lhe veio do canal chamado *canal do Conde* (*grave-linghe*).

Gravesenda, cidade, porto de mar de Inglaterra.

Great, palavra inglêsa que significa *grande* e entra na composição de nomes geográphicos: *Great Lake, lago Grande,*

na Tasmânia; *Great Salt Lake, grande lago Salgado* (nos Estados Unidos), etc.

Grenobla, cidade de França.

Grisões (*cantão dos*), na Suiça.

Gronelándia, região insular ao norte da América. É mais vulgar dizer-se *Groenlándia,* mas a forma correcta é *Gronelándia,* que tem tradições na lingua portuguêsa. O nome é na sua origem norueguês (*Grönland*) e significa *terra verde.* Cf. neste vocabulário *Olándia.*

Groninga, cidade de Hollanda. Em hollandês, *Groningen.* Cl. *Gotinga* e *Flissinga.*

Groot, palavra hollandêsa que significa *grande* e entra na composição de nomes geográphicos.

Guadalaxara, nome de duas cidades, uma na Espanha, outra no México.

Guadalupe (*ilha de*), uma das pequenas Antilhas. Ha um rio na Andaluzia com o mesmo nome de *Guadalupe.*

Guaira, cidade marítima da Venezuela.

Guarmei, cidade do Perú.

Guasco, porto de mar do Chile.

Guer (*cabo de*). Vid. *Aguer.*

Guiena, antiga província de França. Em francês, *Guyenne,* provençal *Guyana,* alteração e não forma regular por desenvolvimento phonético do latim *Aquitania.*

Guiné de Cabo Verde (*costa da*), trecho da costa occidental de África entre os cabos Verde e de Sagres.

Guipúzcoa, uma das províncias vascongadas, em Espanha.

Guisa, povoação francêsa. Foi título de ducado. Em francês, *Guise.*

Gunuape, uma das ilhas de Banda, a NE. da de Sumbava. Em mappas estranjeiros, *Gunung Api.* (D. III, l. V, cap. VI). Os portuguêses tambem lhe chamaram *Guno Api.* (*Arte,* 435).

Gunung Api. Vid. *Gunuape.*

H

Hacodate, cidade do Japão na ilha de Iesso.

Hafen, palavra alemã que entra na composição de nomes geográphicos. Designa uma lagôa littoral alimentada pelas aguas de um ou mais rios, separada do mar por um cordão de areia onde se abre uma passagem ou communicação estreita. Ao norte da Prússia ha, entre outras, a *Kurisches Haff* e a *Frisches Haff.*

Haia, cidade de Hollanda.

Halmaheira (*ilha*), a maior das ilhas Malucas, tambem conhecida por *Geilolo* (*Djilolo* em mappas estranjeiros). *Geilolo* é apenas um logar da ilha, cujo nome passou a applicar-se a toda ella. Os portuguêses conheceram-na primeiro pelo nome indígena de *Batochina do Moro*. (D. III, l. V, cap. V; D. IV, l. I, cap. XVIII e l. VII, cap. IX).

Hanover (e não *Hanovre,* forma francêsa e inglêsa), antigo reino, hoje província da Prússia.

Havana, cidade da ilha de Cuba, porto de mar na costa de NE.

Hébridas (*ilhas*) situadas a NW. da Escócia. Lucena (467) escreveu *Hérbides.*

Heidelberga, cidade do grão-ducado de Baden, no império de Alemanha.

Helsenor, cidade da Dinamarca, porto no estreito de *Zonte* ou *Sund.* Os francêses dizem *Elseneur* e os dinamarquêses *Helsingör*. (*Arte,* 185).

Helsimburgo, cidade da Suécia.

Helsingör. Vid. *Helsenor*.

Hemo, nome da cadeia de montanhas hoje mais conhecida pelo nome de *Balcans*. *Hemo* era o nome corrente em português ha menos de um século, como se vê, por exemplo, em Casado Giraldes, III, 12.

Hendaia, cidade de França.

Himálaia, cadeia de montanhas da Ásia, a N. do Indostão. Os antigos chamaram-lhe *Emódio*. A palavra *Himálaia* significa *habitação das neves*.

Hirado. Vid. *Firando.*

Hiroxima, cidade do Japão na ilha de Nipon.

Ho, palavra chinêsa que significa *rio* e entra na composição de nomes geográphicos: *Hoão-ho* (*rio Amarello*), que vai desaguar ao mar da China oriental.

Honão ou **Honam,** província da China.

Hondo. Vid. *Nipon.*

Horne (*ilha* e *cabo de*), no extremo meridional da América. O nome foi dado ao cabo por Lemaire e Schouten, que o dobraram em 26 de janeiro de 1616, e o chamaram *Hoorn,* do nome da cidade hollandêsa, pátria de Schouten e ponto de partida da expedição. Tambem lhe chamaram *cabo de Santo Ildefonso.*

Hu, palavra chinêsa que significa *lago* e entra na composição de nomes geográphicos: *Tai-hu, lago Tai,* a W. de Xangai.

Huarmey. Vid. *Guarmei.*
Huasco. Vid. *Guasco.*

I

Iama, palavra japonêsa que significa *monte* e entra na composição de nomes geográphicos: *Fusi-Iama,* monte da ilha de Nipon onde existe um vulcão notavel.

Iesso, ilha do archipélago do Japão, a N. de Nipon.

Indostão, península da Ásia.

Indu-Cuche. Vid. *Paropamiso.*

Iocohama, cidade, notavel porto de mar do Japão, na ilha de Nipon.

Ionecopinga, cidade da Suécia.

Irmac ou **Irmak,** palavra turca que significa *rio* e entra na composição de nomes geográphicos: *Kizil-Irmac,* rio da Ásia Menor que vai desaguar ao mar Negro.

Ispahão ou **Hispahão,** cidade da Pérsia. Godinho, *passim.*

Iunnão ou **Iunnam,** província da China meridional. Em livros estranjeiros, *Yun-Nan.*

(Continúa). FORTUNATO DE ALMEIDA.

SCIENCIAS PHYSICO-MATHEMATICAS

LES MATHÉMATIQUES EN PORTUGAL

(Cont. do n.º 4, pag. 190)

[U 10] — A. G. Ferreira de Castro — *Trabalhos geodesicos em Angola,* Lisboa, 1887.

Rapport présenté au Ministre de la Marine et des Colonies.

[U 10] — *Direcção geral dos trabalhos geodesicos — Coordenadas geographicas dos pontos geodesicos de primeira ordem,* Lisboa, Typographia da Academia real das sciencias, 1889.

Cette brochure contient les coordonnées géographiques des points de premier ordre de la triangulation portugaise.

Les longitudes ont pour origine le méridien de l'Observatoire du *Castello de S. Jorge,* à Lisbonne, et les altitudes, le niveau moyen des eaux du Tage en face de Lisbonne. À la suite des tables qui contiennent les latitudes, longitudes et altitudes, on trouve une rapide description de chacun des signaux géodésiques.

[U 10] — *Direcção geral dos trabalhos geodesicos — Memoria sobre a determinação das coordenadas geographicas do Observatorio do Castello de S. Jorge em Lisboa,* Typographia da Academia real das sciencias, 1890.

L'Observatoire du *Castello de S. Jorge* à Lisbonne est le point d'où l'on a observé le premier azimuth de la triangulation portugaise, et dont par conséquent on a cherché à obtenir avec la

plus grande rigueur possible ses coordonnées géographiques.

Ces coordonnées ont été déterminées d'abord, au moyen d'observations directes par le Dr. CIERA, à la fin du XVIII siècle, puis par le général FOLQUE en 1837; plus tard, elles ont été obtenues indirectement, en les déduisant des coordonnées de l'Observatoire astronomique de Lisbonne, avec lequel avait été relié l'Observatoire du *Castello de S. Jorge* par des petites triangulations. Quelques discordances ayant été relevées dans les valeurs obtenues pour la latitude de cet Observatoire, les géodésiens portugais ont décidé de déterminer à nouveau, au moyen d'observations directes, les coordonnées de cet important point géodésique.

Ce mémoire renferme les résultats de ces observations, effectuées du 10 mai de 1886 au 14 juin de la même année, et du mois de mai de 1888 au même mois de 1889 par BRITO LIMPO et M. FERNANDO COSTA et le comte D'AVILA (1).

[U 10] — *Direcção geral dos trabalhos geodesicos — Triangulação fundamental,* 1.ª parte. *Angulos azimuthaes,* Lisboa, Typographia da Academia real das sciencias, 1892.

[U 10] — MIGUEL V. P. GARCIA — *A topographia em campanha,* Lisboa, Adolpho Modesto & C.ª, tom. I, 1893; tom. II, 1894.

[U 10] — F. L. DE OLIVEIRA — *Estudos cartographicos,* Lisboa, M. Gomes, tom. I, 1893; tom. II, 1894.

[U 10] — F. A. OOM — *Instrucções sobre o emprego de um* Universal *como instrumento de passagens,* Lisboa, Imprensa nacional, 1895.

Oeuvre posthume destiné à satisfaire à de nombreuses demandes formulées par les officiers munis d'*universels* de REPSOLD.

---

(1) Plus tard marquis D'AVILA e de BOLAMA.

[U 10] — A. A. FREIRE D'ANDRADE — *Nota sobre alguns serviços de topographia e geodesia expedita, empregados em Moçambique* (R. E. L., II, 1897, 137-153).

[U 10] — * — *Geographia mathematica* (R. P. E., 26e série, n.º 201), 1897.

[U 10] — RODOLPHO GUIMARÃES — *Sobre um problema de topographia* (R. O. P. M., XXIX, 1898, 355-358).

Étant donnée une longueur servant de base à une série de triangles rectangles, l'auteur se propose de déterminer la limite et la forme de l'aire totale des triangles successifs autour de la base. Il considère aussi le cas particulier des triangles rectangles isoscèles.

[U 10] — A. MENDES D'ALMEIDA — *Sobre um problema de topographia* (R. E. L., IV, 1899; 131-134).

L'auteur fait une généralisation des formules de BRITO LIMPO (R. O. P. M., III, 1872, 225-238) relatives à la solution analytique du problème de POTHENOT.

[U 10] — A. MENDES D'ALMEIDA e RODOLPHO GUIMARÃES — *Curso de topographia,* Lisboa, J. A. Rodrigues, vol. I, 1899; vol. II, 1900.

[U 10] — J. M. RIBEIRO NORTON DE MATTOS — *Relatorio sobre os serviços de agrimensura* (1898-1899), 2.ª parte, Nova Goa, Imprensa nacional, 1900.

[U 10], [I] — JOÃO L. SKINNER — *Tratado de geographia commercial e alguns problemas para uso dos globos: reducções de cambios,* etc. Porto, Imprensa de Coutinho, 1836.

[U 10], [K] — * — *Tratado de geographia e geometria pratica* (Manuscrit n.º 251 de la Bibliothèque publique municipale de Porto).

[U 10], [Y4 13] — J. DA SILVA TAVARES — *Lições elementares de geographia e chronologia,* etc. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1830.

[U 10], [V4 13] — BERNARDINO J. S. CARNEIRO — *Elementos de geographia e chronologia,* Coimbra, Imprensa da Universidade, 1851, 1858.

[U 10], [U 10 *b*] — A. L. DA COSTA E ALMEIDA — *Tratado elementar de geographia e hydrographia,* Lisboa, Typographia Rollandiana, 1841.

[U 10 *a*] — C. A. CARNEIRO DE SOUZA E FARO — *Construcções geodesicas e proporções,* Nova Goa, Imprensa nacional, 1868.

[U 10 *a*] — F. A. DE BRITO LIMPO — *Estudos sobre nivelamento,* Lisboa, Imprensa nacional, 1870.

Cette brochure comprend trois parties. La première a trait à la théorie du nivellement; dans la deuxième, l'auteur s'occupe de la détermination des différences de niveau par les procédés topographiques; enfin, dans la troisième, il fait la description et expose la théorie de son niveau de précision.

[U 10 *a*] — F. A. DE BRITO LIMPO — *Sobre os nivelamentos applicados á geodesia* (R. S. P., I, 1885, 129-136).

L'auteur fait, au début de cet article, quelques considérations sur la vraie figure de la Terre, qui est différente de la figure *moyenne* obtenue par les triangulations géodésiques, à cause des attractions locales. Il aborde ensuite et discute les deux méthodes de VILLARCEAU pour obtenir cette figure, et il expose une méthode nouvelle pour résoudre une difficulté relative à la réfraction qui se présente dans une de ces méthodes.

[U 10 *a*] — CONDE D'AVILA (1) — *Dos nivelamentos de precisão e da sua superficie de referencia* (B. S. G. L., 14e série, 1895, 197-281).

[U 10 *a*] — A. DOS SANTOS LUCAS — *A determinação da figura*

(1) Plus tard marquis D'AVILA e de BOLAMA.

da Terra pela observação da gravidade, Porto, Typographia a vapor de Arthur & irmão, 1898, 1899.

Cette brochure comprend cinq chapitres, où l'on remarque l'exposition du théorème de CLAIRAUT, des études de STOKES sur la réduction des observations de la pesanteur au niveau de la mer et des méthodes de BOUGUER, FAYE et surtout de HELMERT.

[U 10 *a*] — *Direcção dos trabalhos geodesicos — Nivelamentos de precisão em Portugal,* Lisboa, Typographia da Academia real das sciencias, 1898.

Cette brochure comprend les nivellements des deux lignes principales, de Cascaes à Valença, et de Mealhada à Barca d'Alva, et leurs liaisons respectives avec les lignes espagnoles qui aboutissent au pont international sur le Minho, et à Fregeneda, ainsi que le nivellement de la ligne secondaire de Cascaes à Caldas da Rainha, par Cintra.

[U 10 *a*] — *Direcção dos trabalhos geodesicos — Nivelamentos de precisão em Portugal,* Lisboa, Typographia da Academia real das sciencias, 1900.

Cette brochure comprend les nivellements des trois lignes suivantes: Caldas da Rainha à Elvas, Santarem à Mealhada et Porto à Valença.

[U 10 *a*] — A. A. DA COSTA MENDES D'ALMEIDA — *Curso de geodesia* (Curso da Escola do Exercito), 1905-1906 (*lithographié*).

[U 10 *a*], [X 8] — F. A. DE BRITO LIMPO — *Estudo sobre os theodolitos,* Lisboa, Typographia da Academia real das sciencias, 1891.

Intéressante brochure où l'auteur fait la description des théodolites, traitant surtout des erreurs instrumentales et de la pratique des observations.

[U 10 *b*] — * — *Memoria das armadas que de Portugal passaram ha India e esta primeira e ha com qve* VASCO DA GAMA *partio ao descobrimento dela por mandado*

de El-Rei Dom Manoel *no segundo anno do seu reinado e no do nacimento de Xpo e de 1497.*

Le texte de ce beau recueil d'aquarelles, que possède l'Académie des sciences de Lisbonne, nous apprend que l'auteur a séjourné aux Indes de 1549 à 1555, puis de 1561 à 1566. Le nom de l'artiste est probablement dissimulé sous le monogramme L. V. E. R., qu'on lit dans un rectangle au-dessous du titre.

Bien que l'exactitude n'en puisse être vérifiée, ce travail est de réelle importance pour la reconstitution de l'histoire de la navigation portugaise vers les Indes.

[U 10 *b*] — Valentim Fernandes — Marco Polo. *Ho livro de* Nycolao Veneto. *O trabalho de hũn genoves das ditas terras,* etc. Lisboa, 1502.

C'est une traduction du livre du célèbre navigateur Marco Polo, faite par Valentim Fernandes, allemand, ecuyer de la reine Dona Leonor.

[U 10 *b*] — Duarte d'Armas — *Este liuro he das fortalezas que sam situadas no extremo de portugall e castella,* etc.

Manuscrit en parchemin, de 0,350 × 0,245, renfermant 134 cartes en noir, existant aux *Archives nationaux* (Torre do Tombo).

[U 10 *b*] — Gaspar Viegas — *Portulano das costas occidentaes da Europa e Africa, costa oriental da America meridional e terra do Labrador,* 1534.

Manuscrit colorié en parchemin, de 0,89 × 1,14.

[U 10 *b*] — Bartholomeu Velho — *Carta geral do orbe, 1562.*

L'exemplaire unique de cette carte existe à la Bibliothèque de l'Institut royal des Beaux Arts à Florence. En 1898, M. de Faria, consul de Portugal à Livourne, a fait faire une reproduction photozincographique (d'une vingtaine d'exemplaires) du planisfère de B. Velho, à l'Institut géographique de Florence.

[U 10 *b*] — Lazaro Luiz — *Liuro de Todo ho Vniverço, 1563.*

Atlas de 0,62 × 0,44, renfermant 10 feuilles en

parchemin, non numérotées. Exemplaire unique existant à l'Académie des sciences de Lisbonne.

[U 10 b] — F. VAZ DOURADO — *Mapamundo q. fez* FFERNÃO UAZ DOURADO *fromteiro nestas partes que trata de todos os reinos e teras rios ilhas q. a na redomdeza da tera com todas ssuas alturas e derotas. O quall lliuro fez pera o muy Illustrisimo ssnõr* DÕ UNIZ DE TAIDE, *vizorei nestas partes da india. A que noso ssnõr prospere em vidaa e estado por togos annos.* Em Goa ho anno de 1568.

Cet atlas, fait à Goa en 1568, et dédié à DON LUIZ DE ATHAYDE, vice-roi de l'Inde, est composé de 40 feuilles en parchemin (1).

[U 10 b] — F. VAZ DOURADO — *Mapa-mũdo que ffez* FFERNÃO UAZ DOURADO *frõmteiro nestas partes. Que trata de todos os Reinos, teras. Ilhas que haa na redondeza; Da tera cõ ssuas derotas e alturas. Per esquadrid:* Em Goa, 1571.

Cet atlas, existant aux Archives nationaux (*Torre do Tombo*), et qui a appartenu à la *Cartuxa d'Evora,* se compose actuellement de 18 cartes maritimes manuscrites et richement enluminées (2).

À la Bibliothèque royale de Munich existe aussi un exemplaire d'un atlas de VAZ DOURADO, daté de 1580. Il y avait encore un autre exemplaire à la Bibliothèque nationale de Madrid, qui s'est perdu, dit-on, et il parait qu'un autre fut récemment acquis par le Musée de Londres.

S. M. le Roi de Portugal possède aussi un atlas, composé de vingt cartes, lequel est attribué à ce cartographe dans le catalogue de la section portugaise de l'Exposition historique-maritime, tenue à Madrid, lors du centenaire de COLOMB.

---

(1) Il est décrit dans le *Catalogo de las colecciones expuestas en las vitrinas del Palacio de Leiria,* publié par la duchesse de Berwick y de Alba (Madrid, 1898, p. 150, n.º 171).

(2) Une description assez détaillée, faite par F. ADOLPHO VERNHAGEM, se trouve insérée au tome III du *Tratado elementar de geographia* de DON JOSÉ DE URGULLU, Porto, 1839, 494-500.

[U 10 *b*] — MANUEL GASPAR — *Libro universal de derrotas, alturas, longitudes e conhecenças de todas as navegações destes Reinos de Portugal e Castella, Indias orientaes e occidentaes*, etc. Lisboa, 1594. (Manuscrit n.° $\frac{CXVI}{1-6}$ de la Bibliothèque de Evora).

[U 10 *b*] — * — *Collecção de portulanos.*

Cette collection composée de 11 portulans de 0,234×0,265 n'a pas de dote, ui nom de l'auteur. Elle existe à la Bibliothèque de la Société de géographie de Lisbonne. Le dessin et l'écriture de ces portulans appartienent sans doute à la même école de ceux de VAZ DOURADO, de LAZARO LUIZ et de JOÃO DE LISBOA.

[U 10 *b*] — * — *Portulano original colorido representando o Oceano Indico Occidental desde o Cabo da Boa Esperança até ao golfo de Bengala.*

[U 10 *b*] — V. ALVARO SECCO — *Portugalliæ quæ olim Lusitania novissima et exactissima descriptio, 1600.*

[U 10 *b*] — * — *Tratado da viagem que fez* D. ALVARO DA COSTA *da India oriental á Europa, nos annos do Senhor de 1610 e 1611, por via da Persia e Turquia, com particular relação de toda a Terra Santa, e da cidade de Jerusalem*, etc. (Manuscrit n.° $\frac{CXV}{1-5}$ de la Bibliothèque de Evora) (1).

[U 10 *b*] — M. CERVEIRA PEREIRA e DOMINGOS FERNADES — *Roteiro da costa de Angola e da altura de 15° e meio para Loanda, de como se corre a costa, das conhecenças della*, etc., 1617. (Manuscrit n.° $\frac{CXVI}{1-39}$ de la Bibliothèque de Evora).

[U 10 *b*] — P. BARRETO DE RESENDE — *Descripção das Fortalezas da India oriental* (2), *1629?*

---

(1) Il existe une reproduction de ce manuscrit à la Bibliothèque publique municipale de Porto.

(2) Il existe une reproduction de ce manuscrit à la Bibliothèque nationale de Lisbonne

[U 10 b] — ANTONIO BOCARRO — *Livro das plantas de todas as fortalezas, cidades, e povoações do estado da India Oriental*, etc. (Manuscrit n.º $\frac{\text{CXV}}{2-1}$ de la Bibliothèque de Evora), 1635.
Ouvrage dédié à FILLIPE IV.

[U 10 b] — A. DE MARIZ CARNEIRO — *Descripçam da Fortaleza de Sofala e das mais da India com uma rellaçam das Religiões todas, q̃ he no mesmo Estado, 1639.*

[U 10 b] — JOÃO TEIXEIRA — *Descripção de todo o maritimo da Terra de Santa Cruz, chamada vulgarmente o Brazil, 1640.*

[U 10 b] — JOÃO NUNES TINOCO — *Planta da cidade de L.ª em q̃ se mostrão os muros de vermelho com todas as Ruas e praças da cidade dos muros a dentro co as de clarações postas em seu Lugar, 1650* (1).

[U 10 b] — * — *Carta do Curso do Rio Minho que diuide El Reino de Portugal de Galliza con las villas Castellos e lugares que tem o longo de sua corrente,* Viana, 1652.

[U 10 b] — JOÃO NUNES TINOCO — *Livro das Praças de Portugal com suas fortificações* (2), *1662.*

[U 10 b] — J. TEIXEIRA ALBERNAZ — *Carta do Brazil, Antilhas e Rio da Prata, 1681*

[U 10 b] — J. DA COSTA MIRANDA — *Carta do Oceano Indico,* Lisboa, 1681.

[U 10 b] — J. DA COSTA MIRANDA — *Carta do Oceano Atlantico e parte das terras que o limitam, 168...*

[U 10 b] — A. CARVALHO DA COSTA — *Compendio geographico*

---

(1) Cette carte a été gravée et publiée seulement en 1884 par la Direction générale des travaux géodésiques.
(2) Exemplaire existant à la Bibliothèque Royale d'Ajuda.

dividido em tres tratados, 1.º da projecção das espheras em plano, construcção de mappas e fabrica de cartas hydrographicas, 2.º da hydrographia dos mares, 3.º da descripção geographica das terras, Lisboa, João Galrão, 1686.

[U 10 *b*] — Fr. Antonio do Rozario — *Carta de marear,* Lisboa, 1699, 1717.

[U 10 *b*] — M. Mexia da Silva e M. d'Azevedo Fortes — *Planta do rio Mondego desde Cezimbra até ao mar,* etc., 1703 (1).

[U 10 *b*] — A. Carvalho da Costa — *Corografia portugueza e descripçam topografica do famoso Reyno de Portugal,* etc., Lisboa, 1706.

[U 10 *b*] — J. Thomaz Correia — *Planta da cidade de Chaves que se tomou e demoliu, 1706*

[U 10 *b*] — J. Thomas Correia — *Planta do Castello e Villa de Barca Rota, 1706.*

[U 10 *b*] — J. Thomaz Correia — *Planta do Castello e villa de Alconchel, 1706.*

[U 10 *b*] — * — *Derrota que fes* João Nicoláo Schmerkell, etc., *saindo da Bahia de Cascaes na fragata,* etc., 1711.

[U 10 *b*] — Francisco João Cardoso (2) — *Mappa de Chang Toung, 1711.*

[U 10 *b*] — Francisco João Cardoso (3) — *Mappa do paiz de Hami, 1711-1712.*

---

(1) Cette carte a été réimprimée en 1780, dûment réctifiée par G. J. Paes de Menezes.
(2) En collaboration avec le P. Regi.
(3) En collaboration avec le P. Tartre.

[U 10 *b*] — FRANCISCO JOÃO CARDOSO — *Mappas de Kiang-si, Kouang toung e Kouang si.*
Ils font partie du grand atlas publié à Pekin en 1718.

[U 10 *b*] — J. THOMAZ CORREIA — *Planta do Castello de Villa do Conde, 1720.*

[U 10 *b*] — EUSEBIO DA COSTA — *Carta do mundo,* Lisboa, 1720.

[U 10 *b*] — M. D'AZEVEDO FORTES — *Tratado do modo o mais facil e o mais exacto de fazer as cartas geographicas, assim da terra como do mar e tirar as plantas das praças,* etc. Lisboa occidental, Pascoal da Sylva, 1722.

[U 10 *b*] — M. DOS SANTOS RAPOSO — *Carta das costas occidentaes da Europa e Africa, e costa do Brazil,* Lisboa occidental, 1726.

[U 10 *b*] — * — *Relação da jornada e descobrimento da ilha de Sam Lourenço que o Vice-rey da India* D. JERONYMO DE AZEVEDO *mandou fazer por* PAULO RODRIGUES DA COSTA, *capitão e piloto descobridor.* (Manuscrit n.° $\frac{\text{CXVI}}{1-5}$ de la Bibliothèque de Evora).

[U 10 *b*] — * — *Caderno que contém roteiros dos portos do Japão para a China, Philippinas, Malaca, Solor,* etc. (Manuscrit n.° $\frac{\text{CXVI}}{1-39}$ de la Bibliothèque de Evora).

[U 10 *b*] — J. T. DE VELLEZ GUERREIRO — *Jornada que* Antonio de Albuquerque Coelho, *governador e capitão general da cidade do nome de Deus de Macau na China, fez de Gòa até chegar á dita cidade no anno de 1718,* Lisboa, Officina da musica, 1732.

[U 10 *b*] — * — *Mostrador da parte da Costa N. da barra de Bombaim athé a de Baçaim,* etc., 1739 (?).

[U 10 *b*] — * — *Mappa das Prov.*^{cas} *e Ilhas de Gôa pertencentes ao Dominio de Portugal, 1747?*

[U 10 *b*] — J. DE ABREU GORJÃO — *Africa Oriental e India*, Lix.ª, 1747.

[U 10 *b*] — J. DE ABREU GORJÃO — *Africa, Brazil, India*, Lix.ª, 1747.

[U 10 *b*] — J. BAPTISTA DE CASTRO — *Taboas geographicas de Portugal, 1750.*

[U 10 *b*] — * — *Carta geographica de que se serviu o ministro plenipotenciario de S. Magestade Fidelissima para ajustar o Tratado de limites na America Meridional, assignado em 13 de janeiro de 1750.*

[U 10 *b*] — ANTONIO DIAS — *Carta do estreito de Malaca desde P.º Laoz bocca do estreito até o Achem, 1752.*

[U 10 *b*] — ANTONIO DIAS — *Carta plana de todo o golfo da China até á bocca do Estreito de Malaca*, Macau, 1752.

[U 10 *b*] — ANTONIO DIAS — *Carta plana desde Linga estreito de Banca e de Sonda enthe ilha do Principe, 1752?*

[U 10 *b*] — EUGENIO T. DE BRITO — *Carta Topographica da Ilha de Moçambique*, etc., 1754.

[U 10 *b*] — D. ANTONIO ALVARES DA CUNHA — *Planta Topographica da margem e Certão do Rio Coanza do Reyno de Angola, 1754.*

[U 10 *b*] — J. MONTEIRO DE CARVALHO — *Carta geographica da Provincia de Traz-os-Montes, 1755.*

[U 10 *b*] — MIGUEL LUIZ JACOB — *Planta da Praça de Mourão, 1755.*

Il renferme des plantes de plusieurs fortifications.

[U 10 *b*] — FELIX DA ROCHA — *Cartas do paiz dos Tourgouths e dos Eleuthes.*

C'est à lui que AMIOT fait référence, en disant: «Les P. P. SPIGNHA (?) et ROCHA ont été chargés ces dernières années de faire des cartes du pays des Tourgouths et des Eleuthes jusqu'assez près de la mer Caspienne» (Mémoires sur les chinois, II, p. 508), et dans un autre paragraphe (Ibid., VI, p. 316) il dit que le P. ROCHA a succèdé au P. HALLURSTEIN à la présidence du tribunal des mathématiques (1774).

Les cartes du pays des Eleuthes (Pekin, 1756) ont été rééditées en 1864, à On-Tchang, dans la géographie intitulée: «Hoang thac tchoug wai i tong ni tow».

[U 10 *b*] — F. PINHEIRO DA CUNHA — *Carta corographica do rio Douro desde São João da Foz até a carreira, 1757?*

[U 10 *b*] — * — *Mappa da ilha do Maranham e das ilhas, enseadas e rios adjacentes, 1757.*

[U 10 *b*] — PEDRO GENDRON — *Planta do Porto de Lisboa, e das Costas Visinhas,* Paris, 1757.

[U 10 *b*] — GREGORIO T. DE BRITO — *Carta Topographica da Ilha de Moçambique,* etc., 1758.

[U 10 *b*] — GREGORIO T. DE BRITO — *Carta Topographica de Sofala, 1758.*

[U 10 *b*] — * — *Mappa Topographico da Costa de Concon desde Dabul até ao Pico Danum, 1762?*

(Continúa). RODOLPHO GUIMARÃES.

LITTERATURA E BELLAS-ARTES

ARTES INDUSTRIAES E INDUSTRIAS PORTUGUEZAS

A industria sacharina

Gaspar Fructuoso, nas *Saudades da Terra,* ao tratar das ilhas de Porto-Santo, Madeira, Desertas e Selvagens, diz no capitulo XII que o infante D. Henrique, como administrador da ilha da Madeira, na qualidade de mestre da Ordem de Christo, a cuja jurisdicção a terra pertencia, *mandou a Cecilia buscar cannas de assucar para se plantarem na ilha, pela fama que tinha das muitas ribeiras e aguas que nella havia; e com ellas mandou vir mestres para temperamento de assucar, se as cannas nella se dessem; e esta planta multiplicou de maneira na terra, que é o assucar d'ella o melhor que agora se sabe no mundo, o qual com o beneficio que se lhe faz tem enriquecido muitos mercadores forasteiros e boa parte dos moradores da terra.*

Mais adiante, no capitulo XXXIV, narra com muitos pormenores o presente que Simão Gonçalves da Camara, capitão donatario da ilha, enviou ao Papa Leão X, numa especie de embaixada, á testa da qual figurava, como orador, um João de Leiria. Entre os objectos destacavam-se muitos mimos e conservas da terra, sobresaindo o «Sacro Palacio todo feito de assucar, e os Cardeaes todos feitos de alfenin, dourados a partes, o que lhes dava muita graça, e feitos de estatura de hum homem».

Sem de modo algum querer pôr em duvida a probidade historica do dr. Gaspar Fructuoso, seja-me licito advertir

que tanto uma como outra das suas asserções se baseiam apenas na sua palavra, não citando elle nenhum outro testemunho abonatorio. A descripção da embaixada, em que Simão da Camara parece ter querido rivalisar com o proprio D. Manuel, quando enviou a Roma Tristão da Cunha, é feita com tal minuciosidade, que difficilmente se acredita ter saido tão completa da pura phantasia do chronista insulano.

Emquanto á cultura da canna na ilha da Madeira, é possivel que se realizasse nos termos por elle indicados e que no Archivo da Ordem de Christo existam documentos comprovativos da ingerencia dos sicilianos, expressamente vindos da sua terra para tal fim. Parece-me comtudo que seria superfluo lançar mão de semilhante expediente, quando no Algarve, em tempos de D. João I, e talvez ainda antes, já era conhecida a producção da canna sacharina. Uma carta de privilegio d'aquelle monarcha, passada em Lisboa a 16 de janeiro de 1442, coutava os terrenos da *quarteira,* punindo com diversas penas a quem por qualquer modo prejudicasse o plantio e cultura da canna do assucar, que alli tinha *mice Joham da Palma, mercador genoves, nosso servidor das nossas cannas do assucar que no reyno do Algarve tynha mestre Joham.* Esta ultima clausula é importante, pois demonstra que João da Palma havia encontrado um antecessor no seu officio.

Silva Lopes (João Baptista da) na sua *Corographia do Algarve,* impressa em Lisboa em 1841, já menciona este facto, sem todavia acrescentar mais nenhuma circumstancia ou documento, por onde se fique sabendo de que modo e até quando se desenvolveu e prosperou a cultura sacharina naquella provincia. Intende porém que não seria de grande utilidade introduzil-a novamente, pela falta de lenha e de braços para a sua manipulação. Em seu logar recommenda a extracção do assucar de outros vegetaes, citando o medronho, a castanha pilada e o figo.

Havendo já a cultura da canna no Algarve não me parece que o infante D. Henrique tivesse necessidade de a importar da Sicilia e com ella os respectivos operarios e manipuladores.

Admittindo ou não esta origem, qualquer que fosse o recurso de que lançasse mão, o que é certo é que elle iniciou na Madeira o plantio da canna, onde attingiu extraordinario grau de prosperidade, tornando-se a ilha um dos centros mais notaveis d'esta producção. Durante os seculos XV e XVI floresceu ella quasi sem rival, mas os desastres e inclemencias de diversa natureza que pesaram sobre a terra, as molestias que danificaram a planta, os ataques e invasões dos

corsarios e finalmente a concorrencia que lhe fizeram outros paizes, foram a causa do abatimento e quasi total ruina de tão importante industria, que só ha pouco tempo começou a readquirir o seu antigo vigor.

O dr. Alvaro Rodrigues de Azevedo, que editou a obra do dr. Gaspar Fructuoso, addicionou-lhe notas eruditas e circumstanciadas, algumas das quaes se podem considerar verdadeiras dissertações. Neste caso a que diz respeito á cultura do assucar na Madeira, cujas phases, mórmente sob o ponto de vista economico, historía com proficiencia, baseado em documentos extrahidos do Archivo do Municipio Funchalense.

Entre elles destaca-se a ordenação de 21 de agosto de 1498, assignada em Saragoça por D. Manuel I, que se encontrava então em Hespanha por motivo do seu primeiro casamento. Esta circumstancia não o desviava de olhar pelos negocios do seu reino, vendo-se a singular attenção que lhe merecia o commercio do assucar na ilha da Madeira, que atravessava então um periodo de crise pelo excesso de producção e pela baixa de preço nos mercados europeus. Para obviar a esta precaria situação, D. Manuel, além de outras providencias, determinou fixar a quantidade de assucar que deveria ser exportada todos os annos, a fim de evitar o manejo dos importadores que obtinham, pela abundancia e concorrencia do genero, a sua depreciação. Esta medida, apesar do seu incontestavel alcance, não deu o resultado que se previa, e novas e successivas providencias a vieram modificar e regulamentar. Ha nella um ponto especial, que bem nos demonstra o grau elevado a que subira a cultura e o preparo do assucar madeirense e qual o destino que se lhe dava com rumo a diversas partes da Europa.

A exportação não excederia 120:000 arrobas, repartida por este modo: Flandres, quarenta mil arrobas; Inglaterra, sete mil; Ruão, seis mil; Rochella, duas mil; Bretanha, mil; Aguas Mortas, seis mil; Genova, treze mil; Porto-Liorne, seis mil; Roma, duas mil; Veneza, quinze mil; Xio e Constantinopla, quinze mil.

Á sua parte, d'essas cento e vinte mil arrobas, el-rei tomava quarenta mil, que se encarregava de distribuir por esta guisa: Flandres, vinte mil; Veneza, quinze mil; Roma, duas mil; Inglaterra, tres mil.

Para Portugal viriam directamente sete mil arrobas, podendo todavia, augmentar-se esta somma, com a clausula porém de que o carregamento só seria effectuado em navios

nacionaes, podendo depois d'aqui ser transferido por terra para os reinos de Castella (1).

Afastando-nos por um pouco da linguagem positiva e, por vezês, fastidiosa dos historiadores e documentos, levantemos a vista ás regiões da poesia e substituamos os algarismos pelos numeros harmoniosos dos versos.

Manuel Thomaz, que floresceu na primeira metade do seculo XVII e cuja biographia, ainda tão obscura, está requerendo mais diligente investigação (2), publicou diversos poemas, entre os quaes a *Insulana* (Anvers, 1635) que passa por uma das suas melhores composições. É em oitava rima e em dez livros.

No 5.º ha um vaticinio, em que faz referencia á cultura da canna de assucar na ilha da Madeira, cuja iniciativa attribue ao infante D. Henrique, que para este effeito mandára vir a planta e os competentes operarios da Sicilia, no que está conforme com a opinião do dr. Gaspar Frutuoso. Accrescenta a curiosa particularidade que o primeiro plantio se effectuára no campo do Duque, depois denominado de S. Sebastião, por se ter alli erigido um templo a este martyr.

No livro X, volta-se a tratar da materia, especificando-se uma receita deveras original, o emprego de um pé de gallinha (3) com barro para branqueamento e purificação do assucar.

Transcrevo a seguir os dois trechos alludidos:

114

O generoso Infante que procura,
Fazer a nova terra mais famosa
Por cannas mandará pera a cultura
A ilha de Siçilia venturosa,
Cannas, que o riquo açuquar com doçura
Darám, que sendo Ambrosia preçiosa
Será por ser no Mundo a mais prezada
De Jupiter e Juno dezejada.

---

(1) Vide *Saudades da Terra*, pag. 682 e seguintes.

(2) Innocencio da Silva nada adeantou ao que escreveu Barbosa Machado, e os dados que este apresenta, quer-me parecer que estão carecendo de rectificação. A circumstancia de alguns dos seus livros serem impressos em Anvers e Ruão faz-me suppôr que elle residiria no estrangeiro, talvez por ser christão novo. Esta suspeita fundamenta-se de algum modo na asserção de Miguel de Barrios na sua *Relacion de los poetas y Escritores españoles de la Nacion judaica Amstelodama*, onde diz: «Jonas Abarbanel, irmão de Manuel Thomaz (que diz escreveu o *Phenix* nas Terceras islas)». Julgo que este irmão de Manuel Thomaz escapou ao conhecimento dos nossos bibliographos.

(3) O pé de gallinha seria sem duvida um instrumento ou apparelho assim denominado.

115

Plantadas ham de ser, a vez primeira
Em o campo do Duque celebrado,
Onde despois com gloria verdadeira
Será Templo a hum Martyr levantado,
O que por ter a Venus por solteira,
E Joue por hum torpe amançebado
Asetteado em Roma com victoria
Morréo, por exaltar de Christo a gloria.

116

Em engenhos de fabrica eminente
Cada qual, enredado labyrintho
Como o que em Creta Dedalo prudente
Fabricou com as glorias que não pinto,
Verám, render o nectar excellente
Outenta mil arrobas só ao quinto,
Por quem conçederam largas idades
Os Reis á Ilha, insignes liberdades.

Liv. V.

81

Do Açuquar, ou nectar na jactancia,
Por comida de Joue saborosa
Terá por agoas taes, mais abundancia,
Que a India, que he por elle tão famoza;
O melhor e mais puro, na substancia
De toda Europa, Insigne e Poderosa,
Por quem crescendo irá de dia em dia
Na sustancia, no trato e mercansia.

82

Pera que branco fique, claro e puro,
De huma galinha o pé com barro o toca,
Que o secreto descobre mais seguro
E a purgação com barro lhe provoca;
Segredo que em prudencia, no futuro
Alvura poe, ao que por pranta ou soca,
Descobre feito, a singular belleza,
Com que mais se engrandesce na pureza.

83

Varios engenhos, novos labyrinthos
Serám pera o tal nectar fabricados,
E nos sitios da Terra, mais succintos,
Pera proveitos grandes augmentados,
Tirando os Reis, não dizimos, mas quintos,
Pelas mercês e previlegios dados,
A ilha, aonde todo o mantimento
Entrará livre e de direito izento.

Liv. X.

Manuel Thomaz não foi o unico a inspirar-se no feito glorioso de Zarco, o descobrimento da ilha da Madeira, na formosura, abundancia e prosperidade, da *Ocean flower,* a Flor do Oceano, como delicadamente a designa um escriptor inglez.

Francisco de Paula Medina seguiu-lhe os passos, publicando em Lisboa em 1806, um poema heroico, intitulado ZARGUEIDA, *descobrimento da ilha da Madeira,* em que celebra os feitos do seu heroe e as belezas da patria.

Na oitava LXIII do canto 4.º leem-se os seguintes versos:

Aqui florecerão em mata densa
As doces cannas que o assucar gerão,
E abundarão por certo em copia immensa
Bem como nas Americas prosperão.

No breve estudo aqui elaborado apresentarei algumas notas sobre fabricantes e productores d'aquella ilha, de que o douto investigador, atraz citado, não teve noticia, decerto por não haver encontrado vestigios a seu respeito no archivo funchalense.

A cultura da canna fez-se, por assim dizer, por successivos pontos de escala, passando da Madeira para S. Thomé e para as costas africanas e por ultimo para o Brasil, onde encontrou as mais favoraveis condições. Para alli chegaram a emigrar familias madeirenses que levaram comsigo os segredos de uma industria, de que tinham tão longa pratica e em que eram tão peritos. O Brasil entoou definitivamente o seu canto de triumpho e ainda hoje é um dos maiores e dos melhores productores do genero, embora a cultura do café lhe tome a primasia.

De diversas chronicas e escriptos de outra natureza se deduz facilmente quanto a cultura da canna se propagou no Brasil, convertendo-se num dos principaes recursos dos seus novos moradores. Citarei apenas para comprovar esta affirmação um trecho da interessante obra de Pero de Magalhães Gandavo, publicada em Lisboa em 1576, sob o titulo de: *Historia da provincia de Santa Cruz, a que vulgarmente chamamos Brasil.* No capitulo V, em que trata «das plantas, mantimentos e fruitos que ha nesta provincia», escreve elle:

«Além das plantas que produzem de si estas fruitas, e mantimentos que na terra se comem, ha outras de que os moradores fazem suas fazendas, convem a saber, muitas canas de açucre, e algodoaes, que he a principal fazenda

que ha nestas partes, de que todos se ajudam e fazem muito proveito em cada uma d'estas capitanias, especialmente na de Paranambuco que sam feitos perto de trinta engenhos, e na Bahia do Salvador quasi outros tantos, donde se tira cada hum anno grande quantidade de açucares, e se dá infinito algodam, e mais sem comparaçam que em nenhuma das outras».

Por occasião das festas, celebrando a entrada de Filippe I em Lisboa, erigiram-se ás portas da Ribeira columnas e pedestaes e sobre um d'estes foi collocada a estatua do Brasil, tendo numa das mãos cannas de assucar. Adornava-a esta inscripção:

Brasilia

Ipsa ego nectarea cui dulces arundine succus
Clauditur, & Cererem mitia ligna ferunt,
Sontibus exilium fueram, sed digna merentis,
Nunc foueo (vt genitrix) diuitiisque beo.
Nec tu parua putes cordis monumenta fidelis,
Quo nulla est superis victima grata magis.

Os versos latinos acham-se traduzidos na mesma obra pela seguinte fórma:

Eu sou a que produzo canas, que tem em si um licor muito doce e o pão de um brando pau. Fui já desterro para os culpados, mas digno de homens merecedores de alguns bens. Agora os favoreço como mãe e os enriqueço. Não tenhaes em pouco os oferecimentos de um coração fiel, que nenhum outro sacrificio é mais aceito.

A descripção d'estas festas póde ver-se na obra de mestre Affonso Guerreiro: *Das festas que se fizeram*... Lisboa, 1581.

Não foi esta a ultima vez em que a poesia, em versos latinos, celebrou as excellencias da canna do assucar. O jesuita Prudencio do Amaral consagrou-lhe um poema intitulado *De Sacchari opificio Carmen*, que foi publicado em Roma, em 1798, juntamente com outro de seu confrade José Rodrigues de Mello, intitulado *De rebus rusticis brasiliis*.

Sob o ponto de vista technico, postos de parte os adornos poeticos, tem-se publicado diversos tratados, de que apontarei apenas uns tres, visto não me dar ao encargo de fazer a bibliographia d'esta especialidade. Eis os seus titulos:

Novo methodo de fazer o assucar, etc., por Manuel Jacintho de Sampaio e Mello. Bahia, 1816.

Observações sobre o commercio do assucar, e estado pre-

sente d'esta industria em vários paizes, acompanhadas das instrucções praticas sôbre a cultura da canna e fabrico dos seus productos. Bahia, Typographia do Correio Mercantil, 1847, 8.º gr. de xvi–150 pag. e uma de errata, por George Eduardo Fairbanks.

Da utilidade da cultura do sorgho sacharino e da canna de assucar no centro e no sul do paiz e do Algarve. Lisboa, 1885, 8.º de 47 pag., por Luiz Antonio Rebello da Silva.

Todos estes trabalhos vem descriptos no *Diccionario Bibliographico* de Innocencio Francisco da Silva.

Como se póde verificar, o elemento extrangeiro teve uma parte importante na cultura da canna e no preparo do assucar, preponderando todavia os italianos, sobretudo nos seculos XV e XVI. Na primeira metade do seculo XVII, os inglezes tinham o monopolio da refinação do assucar em Lisboa. Se os filhos de Italia cooperavam com o seu esforço e habilidade nesta industria, os mercados italianos eram um derivativo para esta producção, effectuando-se vendas importantes em Roma, em Veneza e em Milão, onde os nossos monarchas tinham encarregados, permanentes ou temporarios, para tratar d'estes negocios. A nossa feitoria de Flandres, primeiramente em Bruges, depois em Anvers, era o principal foco do movimento mercantil, que os nossos reis mantinham com o resto da Europa. Numa quitação passada a Thomé Lopes, pelos oito annos que elle foi nosso feitor naquellas partes, de 1498 a 1505, vê-se que recebera noventa e uma mil duzentas e noventa arrobas e tres libras de assucar (1).

Darei em seguida uma resenha de diversos individuos, alguns dos quaes tem a sua actividade intimamente ligada á cultura e preparo do assucar, outros apenas ao seu commercio e fiscalização. Sou o primeiro a reconhecer a insufficiencia d'estes dados e elementos, mas creio que sobre elles já se poderá erguer, em monumental edificio, a historia da industria sacharina no nosso paiz, historia, de que nos devemos por certo orgulhar, pois é a prova evidente de que bem soubemos comprehender e por egual desempenhar o honroso papel de nação colonisadora de primeira ordem.

(Continúa). SOUSA VITERBO.

---

(1) Veja-se *Archivo Historico Portuguez*, vol. V, pag. 477.

CAMÕES E A INFANTA D. MARIA

(Cont. do n.º 4, pag. 217)

Mas voltemos ao novo e *alto pensamento* do poeta e vejamos as principaes phases por que elle foi passando, até a ida para o exilio.

Começando pela celebre canção II (1), ahi se encontram, sobre o assumpto, importantes indicações, que é pena não obedecerem á ordem chronologica.

Eis como o poeta, nessa canção (v. 81-151) falla do seu amor por aquella que

> Parece... que tinha forma humana,
> Mas scintillava espiritos divinos:
> ....
> 81 Que genero tão novo de tormento
> Teve Amor, sem que fosse, não sómente
> Provado em mi, mas todo executado?
> — *Implacaveis durezas*, que ao fervente

---

(1) É assim que a ella se refere W. Storck: «Naquella incomparavel canção..., que a edição de Hamburgo chama, com toda a razão, *um gemido da natureza que retumbará no mundo, emquanto nelle houver quem falle ou entenda a lingua portuguêsa,* temos fragmentos de uma autobiographia do poeta, esboçada a largos traços... Compenetrado e enlevado perante o majestoso conjuncto das ideias, o fulgor da linguagem mascula e vigorosa, a riqueza da phraseologia, o cunho original das figuras, a ardencia dos sentimentos; abalado pelo peso esmagador da angustia que palpita naquellas linhas, pela violencia das saudades e profundo amor patrio que ellas exhalam, pela successão dos golpes dilacerantes alli enumerados, ferindo sem piedade o desterrado, penso que aquella canção, rainha entre todas as canções de todos os poetas anteriores e posteriores a Camões, ou seus coevos, deve pertencer á idade viril do homem, retemperado pelos trabalhos do espirito, pelas magoas do coração e pelas experiencias crudelissimas, mas ainda desditoso por culpa propria e descarinho alheio». *Vida de Camões,* pag. 149 e 150. É por estes motivos que o illustre professor allemão suppõe a canção II escripta durante o periodo indio (1554), abandonando assim a opinião, que anteriormente tinha seguido, de que «o sublime poema datava dos annos posteriores ao regresso da India».

Opportunamente direi o que penso, quer sobre a data da composição, quer sobre a intelligencia de alguns logares obscuros desta canção.

85 Desejo, que dá força ao pensamento,
Tinham de seu proposito abalado
E corrido de ver-se e injuriado:
Aqui *sombras phantasticas*, trazidas
De algumas *temerarias esperanças:*
90 As *bemaventuranças*,
Tambem nellas *pintadas* e *fingidas*. —
Mas a dor do *desprezo recebido*,
Que todo o *phantaziar* desatinava,
Estes *enganos* punha em desconcerto.
95 Aqui o *adivinhar* e o *ter por certo*
Que *era verdade* quanto *adivinhava;*
E logo o *desdizer-me, de corrido;*
Dar ás cousas que via outro sentido;
E para tudo, emfim, buscar razões.
100 Mas eram muitas mais as semrazões!

Não sei como sabia estar roubando
Cos raios as entranhas, que fugiam
Para ella por os olhos, subtilmente.
Pouco a pouco invisiveis me saíam,
105 Bem como do veu humido exhalando
Está o subtil humor o sol ardente.
O gesto puro, emfim, e transparente,
Para quem fica baixo e sem valia
Este nome de bello e de formoso,
110 O doce e piedoso
Mover d'olhos, que as almas suspendia,
Foram as hervas magicas, que o ceo
Me fez beber, as quaes, por longos annos,
Noutro ser me tiveram transformado,
115 E tão contente de me ver trocado,
Que as magoas enganava cos enganos,
E diante dos olhos punha o veo,
Que me encubrisse o mal que assi cresceo,
Como quem com afagos se criava
120 Daquella para quem crescendo estava.

Pois quem póde pintar a vida ausente,
Com um descontentar-me quanto via,
E aquelle estar tão longe donde estava,
O fallar sem saber o que dizia,
125 Andar sem ver por onde, e juntamente
Suspirar, sem saber que suspirava?
Pois quando aquelle mal me atormentava
E aquella dôr, que das Tartareas aguas
Saío ao mundo, e mais que todas doe,
130 Que tantas vezes soe
Duras iras tornar *as* (1) brandas magoas?
Agora, co furor da magoa irado,
Querer e não querer deixar de amar,
E mudar noutra parte, por vingança,

---

(1) Substituo por *as* a lição usual *em*.

135 O desejo privado de esperança,
Que tão mal se podia já mudar?
Agora a saudade do passado,
Tormento puro, doce e magoado,
Que converter fazia estes furores
140 Em magoadas lagrimas de amores?

Que desculpas, comigo só, buscava
Quando o suave amor me não soffria
Culpa na cousa amada, e tão amada!
Eram emfim remedios que fingia
145 O medo do tormento, que ensinava
A vida a sustentar-se, de enganada.
Nisto uma parte della foi passada,
Na qual, se tive algum contentamento,
Breve, imperfeito, timido, indecente,
150 Não foi senão semente
De um comprido, amarissimo tormento.

Reproduzirei agora, tentando approximar-me da ordem chronologica, algumas das muitas poesias lyricas de Camões (1), que servem, por assim dizer, ou de commentario, ou de complemento, a esta passagem de canção 11.

Embora o poeta, em composições posteriores, faça datar a sua paixão pela infanta, quer do dia em que lhe foi apresentado (canções *Manda-me Amor que cante*), quer da occasião em que a viu na igreja (soneto 77), o que é certo é que o soneto 134 não é tão explicito a este respeito. O que nelle e no 303 se accentúa é a differença de estados, que então apparecia ao poeta como um obstaculo muito difficil de vencer, se não mesmo insuperavel, para o seu novo pensamento. Basta reler os versos com que elle termina os dous sonetos, especialmente o segundo:

Para remediar-me não ha hi modo?
Oh! Porque fez a natureza humana
Entre os nascidos tanta differença?

Houve, portanto, um periodo de hesitações, em que o poeta, *armando-se da razão* (2), chegou, num momento de lucidez, a formular esta pergunta:

Eu que espero de um ser, que é mais que humano?
(Soneto 137).

(1) Na edição que preparo da lyrica amorosa de Camões, procuro seleccionar e coordenar tudo o que se refere á infanta.

(2) Relêa-se o soneto 36, já anteriormente transcripto.

Mas era tão difficil arrancar-lhe da alma a esperança de que podia vir a ser amado pela nobre e formosa senhora, que tão profundamente o havia impressionado! Ouçamo-lo:

Mote

Se espero, sei que me engano;
Mas não sei desesperar.

Glosa

O meu pensamento altivo
Me tem posto em tal extremo,
Que, quando esperando vivo,
O bem esperado temo,
Muito mais que o mal esquivo;

Que, para crescer meu dano
No gosto da confiança,
Ordena o Amor tyranno
Que, na mais firme esperança,
Se espero, sei que me engano.

Deste novo sentimento
Chega a tanto a nova dor,
Que se enlea o pensamento!
Ver que, no mór bem de amor,
Se descobre o mór tormento!

Folgára de me enganar,
Mas não é cousa possivel,
Pois, para sempre penar,
Sei que espero o impossivel.
Mas não sei desesperar!

Foi tambem neste estado de espirito que o poeta escreveu, além d'outros, o soneto 9:

Tanto de meu estado me acho incerto,
Que, em vivo ardor, tremendo estou de frio;
Sem causa, juntamente choro e rio;
O mundo todo abarco e nada aperto.
É tudo quanto sinto um desconcerto;
Da alma um fogo me sái, da vista um rio;
Agora espero, agora desconfio,
Agora desvarío, agora acérto.
Estando em terra, chego ao ceo voando;
Numa hora acho mil annos, e é de geito
Que, em mil annos, não possa achar uma hora.

Se me pergunta alguem porque assi ando,
Respondo que não sei: porém suspeito
Que só porque vos vi, minha senhora.

Nesta phase o poeta quasi que se contenta só com ver a infanta:

Quando da bella vista e doce riso
Tomando estão meus olhos mantimento,
Tão enlevado sinto o pensamento,
Que me faz ver na terra o paraiso.
Tanto do bem humano estou diviso,
Que qualquer outro bem julgo por vento.
Assi que, em termo tal, segundo sento,
Pouco vem a fazer quem perde o siso.
Em louvar-vos, senhora, não me fundo,
Porque, quem vossas graças claro sente,
Sentirá que não póde conhecê-las;
Pois de tanta estranheza sois ao mundo,
Que não é de estranhar, dama excellente,
Que quem vos fez, fizesse ceo e estrellas.
(Soneto 17).

Mas este estado de alma tendia necessariamente a modificar-se:

De amores de uma inclita donzella
Ferido o mesmo deus de Amor se viu
E preso emfim, por mais que resistiu;
Que a tudo vence e rende a força della.
Jámais o mundo viu dama tão bella!
Com ella a natureza repartiu
A graça, com que ao mesmo Amor feriu,
Laços, com quem não vale força ou cautella.
Oh rara e nunca vista formosura,
Formosura bastante a subjugar
O mesmo deus de Amor, tão soberano!
Olhai se poderá de um fraco humano
A força, a força tal muito durar,
Quando a força de Amor tão pouco dura!
(Soneto 308).

Lá dizem tambem as redondilhas á *tenção* de Miraguarda (1):

---

(1) Allusão a uma passagem do *Palmeirim de Inglaterra*, que a infanta muito bem conhecia. No capitulo 53 diz-se que á entrada do castello da formosa Miraguarda estava um escudo de marmore e nelle em campo uma imagem de mulher, que tinha no regaço umas lettras brancas, que diziam: Miraguarda, nome que parecia querer significar que a senhora do castello *era muito pera ver e muito mais pera se guardarem della.*

Ver e mais guardar
De ver outro dia,
Quem o acabaria?

Voltas

Da lindeza vossa,
Dama, quem a vê
Impossivel é
Que guardar-se possa.
Se faz tanta mossa
Ver-vos um só dia,
Quem se guardaria?

Melhor deve ser,
Neste aventurar,
Ver e não guardar,
Que guardar *de* (1) ver.
Ver e defender
Muito bom seria;
Mas quem poderia?

É por isso que o *desejo* prevaleceu sobre a *razão:*

Mote

No meu peito o meu desejo
Da razão se fez tyranno;
Vejo nelle certo dano,
Incerto remedio vejo.

Voltas

Para de todo defender-me,
Este mal por passar tinha:
Ir eu contra a razão minha,
Que morre por defender-me.

Da parte de meu desejo
Me passo, para meu dano.
Vejo que nisto me engano,
Mas nenhum remedio vejo.

O poeta confessava a inutilidade da sua audacia:

Senhora, quem a tanto se atreve,
Que consente em servir vossa lembrança,
Sabendo que a tem sem esperança,
Não pouco é que por isso se lhe deve.

---

(1) Lição usual: *e*.

Mais cala esta minha alma do que escreve,
Sem esperar que seu mal faça mudança,
Não querendo outra bemaventurança
Maior, do que o amor com que vos serve.
Que esperar grandes casos da ventura
É offender vosso merecimento;
Com esse pagareis meu tormento.
Tenho por impossivel sua cura,
E inda ficará meu pensamento
Devendo sempre a vossa formosura.
(Soneto 304) (1).

Estava, porisso, firmemente resolvido a esconder lá bem no intimo o segredo do seu coração:

Mote (alheio)

De dentro tengo mi mal,
Que de fuera no hay señal.

Volta

Mi nueva y dulce querella
Es invisible á la gente.
El alma sola la siente,
Que el cuerpo no es dino della.
Como la viva centella
Se encubre en el pedernal,
De dentro tengo mi mal.

Mote (alheio)

A dôr que a minha alma sente,
Não na sabe toda a gente.

Voltas

Que estranho caso de amor!
Que desejado tormento!
Que venho a ser avarento
Das dores de minha dôr!
Por me não tratar peor,
Se se sabe, ou se se sente,
Não na digo a toda a gente.

---

(1) O texto deste soneto está bastante alterado. Reproduzo as correcções propostas por W. Storck para algumas passagens.

Minha dôr e causa della
De ninguem ouso fiar,
Que seria aventurar
A perder-me ou a perdê-la.
E pois só com padecê-la
A minha alma está contente,
Não quero que a saiba a gente.

Ande no peito escondida,
Dentro na alma sepultada;
De mi só seja chorada,
De ninguem seja sentida.
Ou me mate, ou me dê vida,
Ou viva triste ou contente,
Não na saiba toda a gente.

Mote (alheio)

Para que me dan tormento,
Aprovechando tan poco?
Perdido, mas no tan loco,
Que descubra lo que siento.

Voltas

Tiempo perdido es aquel
Que se passa en darme afan;
Pues, cuanto más me lo dan,
Tanto menos siento dél.

Que descubra lo que siento?
No lo haré, que no es tan poco;
Que no puede ser tan loco,
Quien tiene tal pensamiento.

Sepan que me manda Amor
Que de tan dulce querella
A nadie dé parte della,
Porque la sienta mayor.

Es tan dulce mi tormento,
Que aun se me antoja poco;
Y, si es mucho, quedo loco
De gusto de lo que siento.

Datam, a meu ver, deste idyllio *in partibus,* além d'outras, as seguintes poesias:

Eu cantarei de Amor tão docemente,
Por uns termos em si tão concertados,
Que dous mil accidentes namorados
Faça sentir ao peito que *o* não sente.

Farei que Amor a todos avivente,
Pintando mil segredos delicados,
Brandas iras, suspiros magoados,
Temerosa ousadia e *vida* ausente.
Tambem, senhora, do desp*ejo* honesto
De vossa vista branda e rigorosa
Contentar-me-hei dizendo a menor parte.
Porém, para cantar de vosso gesto
A composição alta e milagrosa,
Aqui falta saber, ingenho e arte.
(Soneto 2) (1).

Transforma-se o amador na cousa amada,
Por virtude do muito imaginar;
Não tenho logo mais que desejar,
Pois em mim tenho a parte desejada.
Se nella está minha alma transformada,
Que mais deseja o corpo de alcançar?
Em si sómente póde descansar,
Pois com elle tal alma está liada.
Mas esta linda e pura semidea,
Que, como o accidente em seu sujeito,
Assi co a alma minha se conforma,
Está no pensamento como idea,
E o vivo e puro amor de que sou feito,
Como a materia simples, busca a forma.
(Soneto 10).

Julga-me a gente toda por perdido,
Vendo-me, tão entregue a meu cuidado,
Andar sempre dos homens apartado,
E de humanos commercios esquecido.
Mas eu, que tenho o mundo conhecido,
E quasi que sobre elle ando dobrado,
Tenho por baixo, rustico e enganado,
Quem não é com meu mal engrandecido.
Vá revolvendo a terra, o mar e o vento,
Honras busque e riquezas a outra gente,
Vencendo ferro, fogo, frio e calma;
Que eu, por amor, sómente me contento
De trazer esculpido eternamente
Vosso formoso gesto dentro da alma.
(Soneto 151).

Criou a natureza damas bellas,
Que foram de altos plectros celebradas;
Dellas tomou as partes mais prezadas
E a vós, senhora, fez do melhor dellas.

---

(1) No verso 4 accrescentei o pronome *o*. No verso 8 creio que o poeta escreveu, não *pena*, mas *vida*. Cf. a canção 11, verso 121, e o soneto 151, que se segue ao immediato a este. No verso 9 leio *despejo* e não *desprezo*. Cf. o soneto 78, já transcripto.

Ellas, diante de vós, são as estrellas,
Que ficam com vos ver logo eclipsadas;
Mas se ellas têm por sol essas rosadas
Luzes de sol maior, felices dellas!
Em perfeição, em graça e gentileza,
Por um modo entre os humanos peregrino,
A todo o bello excede essa belleza.
Oh! Quem tivera partes de divino,
Para vos merecer! Mas se pureza
De amor val ante vós, de vós sou dino.
(Soneto 153).

Mote

Tal estoi, despues que os vi,
Que de mi propio cuidado
Estoi tan enamorado,
Como Narciso de si.

Voltas

Una sola deferencia
Hallo neste amor altivo:
Que el murio *de su presencia* (1),
Mas yo con la vuestra vivo.

En el punto que yo os vi,
Se realço mi cuidado
De modo que enamorado,
Por vos, me quedé de mi.

Nacieron de un amor dos,
Cupido fue el tercero,
Que haze que bien me quiero,
Solo porque os quiero a vos.

Los estremos que en vos vi
Me han traído a tal estado,
Que me veo enamorado
De amor de vos y de mi.

Mas esta situação não podia prolongar-se por muito tempo.

---

(1) No texto corrente lê-se:

Que el murio *con preferencia*.

Mas não sei bem o que isto significa. O que presumo é que o poeta quís alludir ao ter Narciso morrido de paixão por si mesmo, contemplando a sua propria imagem na agua de uma fonte.

O poeta, enamorado como estava, começou a impacientar-se, porque a infanta o não percebia:

Mote (alheio)

Se a alma ver-se não póde
Onde pensamentos ferem,
Que farei para me crerem?

Voltas

Se na alma uma só ferida
Faz na vida mil sinais,
Tanto se descobre mais,
Quanto é mais escondida.
Se esta dôr tão conhecida
Me não veem, porque não querem,
Que farei para me crerem?

Se se pudesse bem ver
Quanto calo e quanto sento,
Depois de tanto tormento
Cuidaria alegre ser.
Mas, se não me querem crêr
Olhos, que tão mal me ferem,
Que farei para me crerem?

É claro que o poeta não se atreveria a fazer directamente uma declaração de amor á infanta. Era um passo por demais arriscado, apesar da disposição de espirito em que elle se encontrava e que tão bem descripta se acha na canção 11:

Aqui o adivinhar e o ter por certo
Que era verdade quanto adivinhava;
....
Dar ás cousas que via outro sentido.

Mas ha, entre as poesias de Camões, algumas que poderiam muito bem ter sido escriptas para serem recitadas na presença da illustre senhora e em que não seria difficil descobrir uma intenção reservada.

Leam-se, por exemplo, estas redondilhas:

Cantiga alheia

Pastora da serra,
Da serra da Estrella,
Perco-me por ella!

Voltas

Nos seus olhos bellos
Tanto Amor se atreve,
Que abrasa entre a neve
Quantos ousam vê-los.
Não solta os cabellos
Aurora mais bella.
Perco-me por ella!

Não teve esta serra,
No meio da altura,
Mais que a formosura,
Que nella se encerra.
Bem ceo fica a terra,
Que tem tal estrella.
Perco-me por ella!

Sendo entre pastores
Causa de mil males,
Não se ouvem nos vales
Senão seus louvores.
Eu só, por amores,
Não sei fallar nella:
Sei morrer por ella!

De alguns que, sentindo
Seu mal vão mostrando,
Se ri, não cuidando
Que inda paga, rindo.
Eu, triste, encobrindo
Só meus males della,
Perco-me por ella!

Se flores deseja
Por ventura, bellas,
Das que colhe — dellas
Mil morrem de inveja.
Não ha quem não veja
Todo o melhor nella.
Perco-me por ella!

Se na agua corrente
Seus olhos inclina,
Faz a luz divina
Parar a corrente.
Tal se vê, que sente
Por ver-se a agua nella.
Perco-me por ella!

Note-se tambem como elle insinua que, para o amor, não ha differenças sociaes, por maiores que pareçam:

Mote

Descalça vai pela neve:
Assi faz quem Amor serve.

Voltas

Os privilegios que os reis
Não podem dar, póde Amor,
Que faz qualquer amador
Livre das humanas leis.
Mortes e guerras crueis,
Ferro, frio, fogo e neve,
Tudo soffre quem o serve.

Moça formosa despreza
Todo o frio e toda a dôr.
Olhai quanto póde Amor,
Mais que a propria natureza!
Medo nem delicadeza
Lhe impede que passe a neve.
Assi faz quem Amor serve.

Por mais trabalhos que leve,
A tudo se off'receria.
Passa pela neve fria,
Mais alva que a propria neve;
Com todo frio se atreve.
Vede em que fogo ferve
O triste que Amor serve!

É tambem este o thema do *Auto de Filodemo,* que o poeta naturalmente leu ou tencionava ler no paço de Santa Clara. Eis como principia o argumento: «Um fidalgo português, que acaso andava nos reinos de Dinamarca, como, por largos amores e maiores serviços, tivesse alcançado o amor de uma filha de el-rei, foi-lhe necessario fugir com ella em uma gale. porquanto havia dias que a tinha prenhe. E de feito, sendo chegados á costa de Espanha, onde elle era senhor de grande patrimonio, armou-se-lhe grande tormenta, que, sem nenhum remedio, dando a galé á costa, se perderam todos miseravelmente, senão a princeza, que em uma tabua foi á praia: a qual, como chegasse o tempo de seu parto, junto de uma fonte pariu duas creanças, macho e femea; e não tardou muito que um bom pastor castelhano, que naquellas partes

morava, ouvindo os tenros gritos dos meninos, lhe acudiu, a tempo que a mãe já tinha expirado. Crescidas, em fim, as creanças debaixo da humanidade e criação daquelle pastor, o macho que Filodemo se chamou, á vontade de quem os baptizára, levado da natural inclinação, deixando o campo, se foi para a cidade, aonde, por musico e discreto, valeu muito em casa de D. Lusidardo, irmão de seu pae, a quem muitos annos serviu, sem saber o parentesco que entre ambos havia. E, como de seu pai não tivesse herdado nada mais que os altos espiritos, namorou-se de Dionysa, filha de seu senhor e tio, que, incitada ao que por suas obras e boas partes merecia, ou porque ellas nada engeitam, lhe não queria mal».

Vejamos agora o que, no acto I, diz Filodemo, apaixonado por Dionysa, a filha de seu amo:

SCENA I

FILODEMO, *só.*

Triste do que vive amando,
Sem ter outro mantimento
Que estar só phantasiando!
Só ũa cousa me desculpa
Deste cuidado que sigo:
Ser de tamanho perigo,
Que cuido que a mesma culpa
Me fica sendo castigo.
. . . .
Ora bem, minha ousadia,
Sem asas, pouco segura:
Quem vos deu tanta valia,
Que subais a phantasia
Onde não sobe a ventura?
Por ventura eu não nasci
No mato, sem mais valer,
Que o gado ao pasto trazer?
Pois donde me veio a mi
Saber-me tão bem perder?
Eu, nascido entre pastores,
Fui trazido dos curraes
E dentre meus naturaes
Para casa dos senhores,
Donde vim a valer mais.
E agora logo tão cedo
Quis mostrar a condição
De rustico e de villão!
Dando-me ventura o dedo,
Lhe quero tomar a mão!...

Mas oh! que isto não é assi,
Nem são villãos meus cuidados
Como eu delles intendi;
Mas antes, de sublimados,
Os não posso crer de mi.
Porque, como hei eu de crer
Que me faça minha estrella
Tão alta pena soffrer,
Que sómente pola ter
Mereço a gloria della?

SCENA II

Filodemo, *só.*

Ah! senhora, que podeis
Ser remedio do que peno!
Quão mal ora cuidareis
Que viveis e que cabeis
Num coração tão pequeno!
Se vos fosse apresentado
Este tormento em que vivo,
Crerieis que foi ousado
Este vosso — de criado —
Tornar-se vosso captivo?

SCENA IV

Filodemo, *cantando.*

Adó sube el pensamiento,
Seria una gloria imensa,
Si allá fuese quien lo piensa.

Falla.

Qual espirito divino
Me fará a mi sabedor
Deste meu mal: — se é amor,
Se, por dita, desatino?
Se é amor, diga-me qual
Póde ser seu fundamento,
Ou qual é seu natural,
Ou porque empregou tão mal
Um tão alto pensamento?
Se é doudice, como, em tudo,
A vida me abrasa e queima?
Ou quem viu num peito rudo
Desatino tão sisudo,
Que toma tão doce teima?
Ah! senhora Dionysa,
Onde a natureza humana
Se mostrou tão soberana!
O que vós valeis me avisa,
Mas o que eu peno, me engana!

Lêa-se tambem no acto II, scena 2.ª, o dialogo entre Filodemo e Duriano.

Filodemo... Já vos dei conta da pouca que tenho com toda a outra cousa que não é servir a senhora Dionysa; e posto que a desigualdade dos estados o não consinta, eu não pretendo della mais que o não pretender della nada, porque o que lhe quero, comsigo mesmo se paga; que este meu amor é como a ave phenix, que de si só nasce, e não de outro nenhum interesse.

Duriano. Bem praticado está isso, mas dias ha que eu não creio em sonhos.

Filodemo. Porque?

Duriano. Eu vo-lo direi: porque todos vós outros, os que amais pela passiva, dizeis que o amador, fino como o melão, não ha de querer mais de sua dama que amá-la; e virá logo o vosso Petrarca e o vosso Pietro Bembo, atoado a trezentos Platões, mais çafado que as luvas de um pagem de arte, mostrando razões verisimeis e apparentes, para não quererdes mais de vossa dama que vê-la, e, ao mais, até fallar com ella. Pois inda achareis outros esquadrinhadores de amor mais especulativos, que defenderão a justa, por não emprenhar o desejo; e eu (faço-vos voto solemne), se a qualquer destes lhe entregassem sua dama, tosada e apparelhada entre dous pratos, eu fico que não ficasse pedra sobre pedra. E eu já de mi vos sei confessar que os meus amores hão de ser pela activa, e que ella ha de ser a paciente e eu agente, porque esta é a verdade. Mas comtudo vá vossa mercê co a historia por deante.

Filodemo. Vou, porque vos confesso que neste caso ha muita duvida entre os doctores. Assi que, vos conto que, estando esta noite com a viola na mão, bem trinta ou quarenta legoas pelo sertão dentro de um pensamento, senão quando me tomou á traição Solina; e, entre muitas palavras que tivemos, me descobriu que a senhora Dionysa se levantára da cama por me ouvir e que estivera pela greta da porta espreitando quasi hora e meia.

Duriano. Cobras e tostões, sinal de terra. Pois ainda vos não fazia tanto ávante.

Filodemo. Finalmente, veio-me a descobrir que me não queria mal, que foi para mi o maior bem do mundo...

«Duriano... Boas esperanças ao leme, que eu vos faço bom que, ás duas enxadadas, acheis agoa».

Camões estava chegado á phase da audacia.

Eis como elle agora raciocina:

Nunca em amor danou o atrevimento;
Favorece a fortuna a ousadia,
Porque sempre a encolhida covardia
De pedra serve ao livre pensamento.
Quem se eleva ao sublime firmamento,
A estrella nelle encontra, que lhe é guia;
Que o bem que encerra em si a phantasia,
São umas illusões que leva o vento.
Abrir-se devem passos á ventura;
Sem si proprio ninguem será ditoso;
Os principios sómente a sorte os move.
Atrever-se é valor e não loucura.
Perderá, por covarde, o venturoso
Que vos vê, se os temores não remove.
(Soneto 132).

Mote (alheio)

Tudo póde uma affeição.

Glosa

Tem tal jurdição Amor,
Na alma donde se aposenta
E de que se faz senhor,
Que a liberta e isenta
De todo humano temor.

É com mui justa razão,
Como senhor soberano,
Que amor não consente dano.
E pois me soffre tenção,
Gritarei por desengano:
Tudo póde uma affeição!

(Continúa).

DR. JOSÉ MARIA RODRIGUES.

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

O INSTITUTO

REVISTA SCIENTIFICA E LITTERARIA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — Rua do Infante D. Augusto, 44 — COIMBRA.

Propriedade e edição da Sociedade scientifica — O INSTITUTO de Coimbra

DIRECTOR
DR. BERNARDINO MACHADO
Presidente do INSTITUTO

Composto e impresso na IMPRENSA DA UNIVERSIDADE.

SCIENCIAS MORAES E SOCIAES

NOMENCLATURA GEOGRÁPHICA

Subsídios para a restauração da toponýmia em língua portuguêsa

(Cont. do n.º 5, pag. 234)

J

Jaem, cidade de Espanha. (Lucena, 467).

Jaffanapatão, cidade da ilha de Ceilão.

Japara, porto de mar na costa septentrional da ilha de Java.

Jaus ou **Jáos,** habitantes da ilha de Java.

Jenissei, rio da Sibéria.

Jeziré ou **Djeziré,** palavra árabe que significa *ilha* e entra na composição de nomes geográphicos. *El-Jeziré* ou *El-Djeziré, a ilha,* chamam ainda hoje ao território mais conhecido pelo nome de *Mesopotámia*. Vid. *Gizaira*.

Jónio (*mar*), parte do Mediterráneo que se estende entre a Itália, a Turquia e a Grécia.

Jor (*rio* e *cidade de*), ao sul da península de Malaca. Os estranjeiros dizem *Djohor*.

Jórgia, um dos Estados Unidos norte-americanos. A colónia foi fundada em 1732 e recebeu o nome do rei Jorge II, que então governava em Inglaterra. Por isso se escreveu

com muita razão *Jórgia,* em vez da forma estranjeirada *Geórgia*. Este nome pertence propriamente a outra região. Vid. *Geórgia*. Ha uma ilha no Atlántico, a W. da Terra do Fogo, e um estreito a W. do Canadá, com o nome de *Jórgia*.

K

Kagoshima. Vid. *Cangoxima*.
Kalantan. Vid. *Calantão*.
Kapas. Vid. *Capaz*.
Karimata. Vid. *Carimata*.
Kárpathos. Vid. *Cárpathos*.
Khartoum. Vid. *Cartum*.
Kiang. Vid. *Quiam*.
Kiang-Ning. Vid. *Nanquim*.
Kiang-Si. Vid. *Cansim*.
Kiú-siú. Vid. *Ximo*.
Koei-Tchéou ou **Kwei-Tschou**. Vid. *Quicheu*.
Kœnigsberg ou **Königsberg**. Vid. *Conisberga*.
Koko. Vid. *Cocos*.
Kordodofan. Vid. *Cordofão*.
Kosseïr. Vid. *Alcocer*.
Kouka. Vid. *Cuca*.
Krakatan. Vid. *Cracatão*.

L

Labatove, monte a E. da ilha de Flores. Os portuguêses chamaram-lhe *Guno de Labatove*. É tambem nome de um golfo próximo do monte e de um canal entre a ilha de Flores e a de Solor.

Ladrões (*ilhas dos*), no mar da China meridional, a SE. de Macau.

La Guaira. Vid. *Guaira*.

Lalándia, ilha da Dinamarca no mar Báltico.

Lançarote (*ilha de*), uma das Canárias.

Land, palavra que em várias línguas do norte significa *terra* e entra na composição de muitos nomes geográphicos. Vid. *Gothlándia*.

Languedoc. Vid. *Linguadoque*.

Larache, cidade na costa occidental de Marrocos. *Larache* é corrupção do nome mourisco *El-Araich,* pelo qual a cidade é conhecida dos estranjeiros.

Larantuca, povoação na parte oriental da ilha de Flores, na Oceania. Nos mappas modernos, *Larantœka,* que é forma hollandêsa e se pronuncía como o nome portuguès.

Larec (*ilha de*), no estreito de Ormuz, a E. da ilha de *Quéixome*.

Lausanna, cidade da Suiça.

Ledo (*cabo*), na costa occidental de África, designado em livros estranjeiros pelo nome de *Sierra Leone*.

Leida, cidade de Hollanda.

Lema. Vid. *Leme*.

Leme (*ilhas do*), no mar da China meridional, a SE. de Macau.

Léquias (*ilhas*) e não ilhas de *Lieu-kieu* nem *Riú-kiú*. *Lieu-kieu* é a transcripção francêsa do nome chinês, do qual derivou a forma portuguêsa *Léquias*. *Riú-kiú* é o nome japonês. Os nomes *Lieu-kieu* e *Riú-kiú* são ás vezes dados em particular á ilha principal (*Oquinavaxima*), ou collectivamente a esta e ás que lhe ficam mais próximas. O mesmo fizeram os portuguêses chamando *Léquia* a essa ilha principal. Tambem lhes chamaram *ilhas do Léquio*.

Léquios, habitantes das ilhas Léquias.

Leucópetra, nome antigo de um promontório nas costas da Itália. O nome significa *pedra branca*.

* **Leuctras**, cidade antiga da Beócia, onde Epaminondas alcançou uma victória célebre. *Leuctres* é forma francêsa.

Liampó ou **Limpó**. Vid. *Nimpó*.

Lieu-kieu. Vid. *Léquias*.

Ligor, porto na costa oriental da península de Malaca.

Lilla, cidade de França, capital do departamento do Norte. Em francês, *Lille*.

Limburgo, província da Bélgica.

Lincólnia, cidade e condado de Inglaterra. Em inglês, *Lincoln*.

Linecopinga, cidade da Suécia.

Linga (*ilha*), a E. da ilha de Camatra. O mesmo nome se dá collectivamente a algumas ilhas vizinhas.

Linguadócios, habitantes do Linguadoque.

Linguadoque ou **Linguadoc**, antiga província de França. *Languedoc* (*langue d'oc*) era a região onde se dizia *oc* por *oui* (*sim*), como geralmente é sabido da história da litteratura. *Linguadoque* parece a forma preferivel e não é nova em português.

* **Liorne**, cidade de Itália.

Lippa, rio e principado do império de Alemanha.

Lípara ou **Lípari**, a principal das ilhas Lipárias, que d'ella houveram o nome.

Lipárias (*ilhas*), situadas a N. da Sicília.

Loango (*costa de*), trecho da costa occidental de África, comprehendida entre o cabo de Lopo Gonçalves e o rio Zaire.

Loch, palavra inglêsa que significa *lago* e entra na composição de nomes geográphicos escocêses: *Loch Lomond,* etc.

Lombok. Vid. *Lumbó*.

Lopo Gonçalves (*cabo de*), situado na costa occidental de África e considerado como limite entre a costa do Gabão, que do norte começa no rio dos Camarões, e a costa de Loango. Os estranjeiros chamam-lhe *cabo Lopez*.

Lorenos, habitantes da Lorena.

* **Lovaina**, cidade da Bélgica.

Lucípara (*ilha*). Vid. *Lusápara*.

Luções, habitantes da ilha de Luçon.

Luisiana, um dos Estados unidos da América do Norte.

Lumbó (*ilha de*), na Oceania, archipélago da Malásia, a W. da ilha de Sumbava.

Lusápara (*ilha*), entre as de Çamatra e Banca. Nos atlas modernos, *Lucípara*.

Luxemburgueses, habitantes do Luxemburgo.

M

Macaçar, cidade a SW. da ilha de Celebes. Á ilha se deu tambem o mesmo nome de *Macaçar* ou *Macaçá*. O sr. Cándido de Figueiredo indica a leitura de *Macáçar*. Nas D. de Couto (V, l. VII, cap. II) encontro accentuado *Macaçá*, e Galvão accentuou sempre do mesmo modo (*Arte*, 432 e seg.). É certo que nas *Décadas* se encontram errados os accentos de várias palavras, o que se explica em certos casos por lapsos de revisão, noutros talvez por deficiéncia de caracteres typográphicos; mas já outro tanto se não póde dizer do livro de Galvão.

Madeburgo, cidade da Prússia, banhada pelo rio Elba.

Madura (*ilha*), a NE. de Java.

Mainlándia, uma das ilhas Órcades, a N. da Escócia.

Maisi (*cabo* ou *ponta de*), na costa septentrional da ilha de Cuba.

Malabárica (*costa*), o mesmo que costa do Malabar.

Malaca (e não *Malacca; península, cidade e estreito de*), na Ásia, ao sul da península da Indò-China.

Malagueta (*costa da*), parte da costa occidental de África comprehendida entre os cabos de Monte e das Palmas. Tambem se lhe chama *costa de Libéria*.

Maldivanos, os habitantes das ilhas Maldivas. (*Or. conq.*, I, 89).

Maléa (*cabo*), ao sul da Grécia. Tem-se dito erradamente *Maleu*.

Malhorca, uma das ilhas Baleares.

Malinas, cidade da Bélgica. Em flamengo, *Mechelen;* em francês, *Malines*. Em português tambem lhe chamaram *Mechlinia* e *Machlínia*.

Malucas (*ilhas*) ou **ilhas de Maluco**. Ácerca do nome d'estas ilhas diz Couto: «E posto que debaixo d'este archipélago se comprehendam outras muitas ilhas, todavia quando se nomeiam as de Maluco, não se entende mais que d'estas cinco ilhas, por serem as senhoras e principaes de todas, e assim por excellência se chamam *Moloc* (que é o seu verdadeiro nome) e não *Maluco,* que é corrupto d'elle, cujo nome na sua língua própria quer dizer *cabeça de cousa grande*». (D. IV, l. VII, cap. VIII). Foi de *Moloc,* talvez, que alguns tiraram o nome de *Molucas;* mas a designação mais consagrada e pelos melhores clássicos é *ilhas Malucas* ou *ilhas de Maluco*. Um facto demonstra que a designação de *Molucas* não é intrusão moderna: é que a encontramos em livros muito antigos e tão auctorizados como o *Or. conq.* (I, 336, 337 e seg.), o que mais persuade que ella se filia no *Moloc* de que fala Couto. As cinco ilhas a que se refere Couto, como aquellas que os portuguêses especialmente comprehendiam sob esta designação, eram as de *Ternate, Tidore, Moutel, Maquiem* e *Bachão,* como se vê do log. cit. e tambem de Barros (D. III, l. V, cap. V). Estão situadas a W. da ilha de *Halmaheira* ou *Geilolo*.

Malucos, os habitantes das ilhas Malucas. (D. V, l. VII, cap. II).

Manado, cidade a NE. da ilha de Celebes. Em mappas estranjeiros, *Menado*. Ha uma ilha vizinha com o mesmo nome.

Manar, nome de um golfo e de uma ilha a NW. de Ceilão.

Mançanares, rio que banha a cidade de Madrid.

Mancha (*mar da*). Vid. *Canal de Inglaterra*.

Manchúria, região da Ásia oriental.

Mangalor, cidade do Indostão na costa do Malabar. Em livros estranjeiros, *Mangalore* e *Mangalur*.

Maquiem, uma das ilhas Malucas. Em livros estranjeiros, *Makjan,* forma hollandêsa. Vid. *Malucas*.

Marca, nome de duas regiões da Itália: *Marca de Ancona* e *Marca Trevisana.* A *Marca de Ancona,* provincia dos antigos Estados pontificios, foi dividida em duas: *Marca de Ancona* a N., *Marca de Fermo* a S. É a estas duas que se refere o nome, quando no plural (*Marcas*) designa região dos Estados pontifícios. — *Marca* é nome de antiga provincia e de várias povoações francêsas. Em francês, *Marche.*

Marches, designação francêsa das Marcas de Itália. Vid. *Marca.*

Marfim (*costa do*), entre o cabo das Palmas e o das Três Pontas, na Africa occidental. A parte oriental chamaram tambem *costa dos Quaquaas.*

Marigalante (*ilha de*), uma das pequenas Antilhas.

Marna, rio de França, affluente do Sena. Em francês *Marne;* em latim, *Matrona, æ,* ou *Maderna, æ.*

Martaban. Vid. *Martabão.*

Martabão (*golfo de*), na costa da Indò-China. Tambem se encontra em antigos livros portuguêses *Martavão.*

Martinica (*ilha*), uma das pequenas Antilhas. Costuma-se fazer o accento tónico na penúltima sýllaba. O nome não é de formação latina, como á primeira vista parece; se o fosse, deveria ter o accento na antepenúltima. Quando Colombo, na sua última viagem, a descobriu (15 de junho de 1502), os naturaes chamavam-lhe *Matinina,* ou *Madiana,* ou *Mantinino,* e d'ahi veio por corrupção *Martinica.*

Mascarenhas (*ilhas de*), grupo a E. de Moçambique. Os navegadores portuguêses deram o nome de *ilha do Mascarenhas* á *ilha da Reunião* ou *ilha Bourbon,* que é a mais occidental do grupo.

Masulipatão, cidade, porto de mar, no Indostão.

Matanças, cidade, porto de mar, na costa de NE. da ilha de Cuba.

Matão (*ilha de*), uma das Philippinas, a E. da ilha de Cebu. Em *Matão* perdeu a vida Fernão de Magalhães.

Matapão (*cabo de*), ao sul da península da Moréa.

Mazagão, cidade da costa occidental de Marrocos, indicada em livros estranjeiros por *Mazagan.*

Medellim, povoação espanhola na margem esquerda do Guadiana.

Menado. Vid. *Manado.*

Menorca (*ilha*), uma das Baleares.

Merguim, porto na costa occidental da Indò-China. Em livros estranjeiros lê-se *Mergui.*

Mesopotámia. Vid. *Gizaira.*

Mesurado (*cabo*), na costa occidental de África. Tem-se dito erradamente *Mesurade*.

Mezieres, cidade de França, capital do departamento das Ardennas.

Mina (*costa da*), trecho da costa occidental de África comprehendido entre o cabo das Três Pontas e o de S. Paulo.

Minturnas, antiga cidade do Lácio.

Miseno, promontório da Campánia, na Itália.

Moçandão (*cabo de*), na costa oriental da Arábia (estreito de Ormuz). Ha defronte uma ilha com o mesmo nome. Em livros estranjeiros, *Masandam* e *Mesandum.*

Módena, cidade de Itália.

Mogostão, região da Pérsia junto ao estreito de Ormuz. (D. II, l. II, cap. II). Em livros estranjeiros, *Moghistan.*

* **Mogúncia,** cidade de Alemanha. Costuma-se escrever erradamente *Mayença,* do francês *Mayence.*

Molissa, província de Itália no antigo reino de Nápoles.

Mombaça, cidade, porto de mar, na África oriental inglêsa.

* **Mompilher,** nome por que d'antes os portuguêses conheciam a cidade francêsa de *Montpellier.* Tambem alguns escreveram *Mompelier.*

Monserrate (*ilha de*), uma das pequenas Antilhas, a NW. da ilha de Guadalupe.

Morante (*ponta de*), na costa oriental da ilha de Jamaica.

* **Mosa,** rio que banha a França, a Bélgica e a Hollanda.

Mosella, rio de França e de Alemanha.

Moutel, uma das ilhas Malucas. Em livros estranjeiros tem o nome de *Motir.* Vid. *Malucas.*

Mouth, palavra inglêsa que significa *foz, embocadura,* e junta ao nome de um rio designa a povoação situada junto á foz d'esse rio. Como nós dizemos *Foz-Dão, Foz do Douro, Foz de Arouce,* os inglêses dizem *Dartmouth, Exmouth, Teignmouth,* etc., que é como se dissessem *Foz do Dart, Foz do Ex,* etc. Em *Portsmouth,* a palavra *mouth* não se liga a nome de rio, mas, por semelhança, ao nome de um canal chamado *Port-bridges-creek.*

Muculo (*enseada de*), na costa occidental de África, a S. da foz do rio de Congo ou Zaire. Em livros estranjeiros chamam-lhe *Moculla.*

Munic, cidade capital da Baviera.

Murzuque ou **Murzuc,** oasis na zona desértica da Tripolitánia.

Mylas, nome de cabo e antiga cidade da Sicília. Alguns lhe teem chamado, á francêsa, *Myles.*

N

Nagapatam. Vid. *Negapatão.*

Nagasaqui ou **Nangasaqui,** cidade do Japão na ilha de Ximo ou Kiú-siú.

Nagoia, cidade do Japão na ilha de Nipon.

Nan, que no final de nome se traslada tambem por *Nam* ou *Não,* é palavra chinêsa que significa *sul* e entra na composição de nomes geográphicos: *Nanquim, côrte do sul.* Vid. *Pe.*

Nanci, cidade de França.

* **Nanquim,** cidade capital da província chinêsa do mesmo nome. Em livros estranjeiros, *Nankin.* Mais geralmente apparece em livros estranjeiros a província desiguada com o nome de *Kiang-Ning.* Vid. *Nan.*

Não (*cabo de*), na costa occidental de África. Em livros estranjeiros lê-se *Noun* e *Nun.*

Narbona, cidade de França.

Narcodão (*ilha de*), a NE. das ilhas de Andamão. Em livros estranjeiros lê-se *Norcondam* e *Narcondam.*

Necar, rio de Alemanha, affluente do Rheno. Banha o reino de Vurtemberga.

Neder, palavra hollandêsa que significa *baixo* e entra na composição de nomes geográphicos. A própria Hollanda se chama officialmente *Nederlanden,* isto é, *países baixos,* ou *terras baixas.*

Negapatão, cidade porto de mar a SE. do Indostão.

Negrais (*cabo* ou *ponta de*), na Indò-China británnica.

Negrilho (*ponta de*), na costa occidental da ilha de Jamaica.

Negumbo, porto da ilha de Ceilão, a N. de Columbo.

Neira, uma das ilhas de Banda. Vid. *Banda.*

Neves (*ilha de*), uma das pequenas Antilhas, próxima da ilha de S. Christovam.

Nicobar (*ilhas de*), grupo a NW. da península de Malaca.

Nieder, palavra alemã que significa *baixo, inferior,* e entra na composição de nomes geográphicos: *Niederbayern, baixa Baviera* ou *Baviera inferior.* Cf. *Ober.*

Nijnii (masc.), **Nijniaia** (fem.), **Nijneié** (neut.), palavra russa que significa *baixo, inferior,* e entra, em qualquer das suas formas, na composição de nomes geográphicos: *Nijni-Novgorod,* cidade da Rússia cujo nome significa, á letra,

baixa nova cidade, em correlação com o nome de *Terras baixas* que outr'ora se dava á região onde a cidade existe.

Nimpó, cidade e rio da China, perto dos quaes fundaram os portuguêses, no século XVI, uma feitoria, que se tornou em povoação de importante actividade commercial. Nesse tempo diziam os portuguêses *Liampó* e *Limpó: «Nimpó, a que os nossos corruptamente chamam Liampó».* (D. III, l. II, cap. VII. *Peregrinação,* cap. LXVI).

Niphon. Vid. *Nipon.*

Nipon (*ilha de*), a maior das ilhas do Japão. No século XVI e já em tempos posteriores escreviam os portuguêses *Niphon.* Tambem lhe chamaram *Hondo.*

Norcondam. Vid. *Narcodão.*

Norcopinga, cidade da Suécia. Em sueco, *Norrköping.*

Nordlingen. Vid. *Norlinga.*

Norlinga, cidade da Baviera.

* **Nova-York,** cidade dos Estados Unidos da América do Norte.

Novyi (masc.), **Novaia** (fem.), **Novoié** (neut.), palavra russa que significa *novo* e entra, em qualquer das suas formas, na composição de nomes geográphicos: *Novaia-Zemlia* ou *Novaia-Zembia, Nova Zembla,* isto é, *Terra Nova,* grupo de duas ilhas russas no oceano glacial Árctico; *Novaia-Ládoga,* cidade vizinha do lago Ládoga.

Nuno (*rio de*), na costa occidental de África. Os estranjeiros chamam-lhe *rio Nunez.*

Nurimberga, cidade da Baviera.

O

Ober, palavra alemã que significa *alto, superior,* e entra na composição de nomes geográphicos: *Oberbayern, alta Baviera* ou *Baviera superior.* Cf. *Nieder.*

Obi. Vid. *Pulo Ubi.*

Ode, forma que predominou em português para a transcripção de uma palavra árabe que significa *rio* e entra na composição de nomes geográphicos: *Odiana* (vid. esta palavra), *Odivellas, Odemira, Odiaxere, Odeleite, Odelouca, Odeceixe, Odearce,* e não sei se mais algum em Portugal. Em castelhano prevaleceu a forma *Guad* para a transcripção da mesma palavra, e assim dizem *Guadalquivir, Guadalaviar, Guadalupe, Guadalete,* etc.; mas tambem la existe, se não me engano, a forma *Ode,* em *Odiel* (rio da província de Huelva),

e parece que em mais alguns nomes que agora não occorrem. A mesma palavra árabe se transcreve tambem por *Uad, Uadi* e *Ued,* quando applicada aos nomes de certos rios do norte de África. Vid. *Uad.*

Odiana, forma portuguêsa do nome do rio geralmente conhecido por *Guadiana. Odiana* encontra-se nos *In.,* I, 395 e em vários auctores clássicos.

Oende. Vid. *Flores.*

Olándia (*ilha de*), no mar Báltico, junto á costa da Suécia. Em sueco, *Öland.* Costuma-se representar o *ö* alemão e escandinavo por *œ;* mas é forçar a consequência dar ao *e* valor distincto do *o* escrevendo e dizendo *Oelandia.* Cf. *Gronelándia* e *Gothlándia.*

Oldemburgo, grão-ducado do império de Alemanha.

Orão, cidade da Argélia. Em francês, *Oran.* O sr. C. de Figueiredo regista *Ourão,* que encontrou nas *Décadas;* mas a forma geralmente seguida pelos nossos antigos escriptores é *Orão.*

Órcades (*ilhas*), situadas a N. da Escócia.

Orchilla ou **Urchilla** (*ilha*), uma das pequenas Antilhas, no grupo de sotavento.

Orchómeno, antiga cidade da Beócia, onde Sylla venceu um general de Mithridates.

Orleães, cidade de França. *Orleães* é forma portuguêsa consagrada, que deve applicar-se ao nome da cidade francêsa e a todos os outros nomes próprios em que entra esse como componente.

Orléans. Vid. *Orleães.*

Oruba (*ilha de*), uma das pequenas Antilhas, no grupo de sotavento.

Osaca, cidade do Japão, na ilha de Nipon.

Ouida. Vid. *São João Baptista de Ajudá.*

Ouro (*rio do*), na costa occidental de África.

P

Paleacate, cidade, porto de mar, no Indostão.

Palença, cidade de Espanha. Em castelhano, *Palencia.*

Palikat. Vid. *Paleacate.*

Palimbão, nome de região, cidade e porto de mar na ilha de Çamatra, defronte da ilha de Banca. Em livros estranjeiros, *Palembang.*

Palmeiras (*ponta das*), na costa do Indostão (golfo de Bengala). Em livros estranjeiros lê-se *Palmyras* e *Palmiras*.

Pam ou **Paham** (*cidade e rio de*), na costa oriental da península de Malaca. Em livros estranjeiros lê-se *Paham* e *Pekan*.

Pantallária ou **Pantelária**, ilha italiana entre a Sicília e a África. É a antiga *Cossyra* ou *Cossura*.

Papou (*Grande* e *Pequeno*), povoações da costa de Benim, no golfo de Guiné. O *Pequeno Papou* pertence á Alemanha, e o *Grão Papou* á França. Alguns dos nossos antigos tambem escreveram *Popó*. (*Roteiro*, II, 67).

Parlés, rio e povoação na costa occidental da península de Malaca. Nos mappas estranjeiros lê-se *Perlis*.

Paropamiso, nome clássico, antigamente usado em Portugal para indicar a cadeia de montanhas que em mappas modernos vem com a designação de *Indo Cuche* (em francês, *Hindou Kouch*). A uma cadeia mais occidental ainda hoje se dá o nome de *montes Paropamísadas*.

Pássaro (*cabo*), a SE. da Sicília.

Patane (*cabo* e *porto de*), na costa oriental da península de Malaca.

Pater noster (*ilhas de*), ou de *Pater nostres* (*Arte*, 435), grupo ao norte de Sumbava.

Pe, palavra chinêsa que significa *norte* e entra na composição de nomes geográphicos: *Pequim*, isto é, *côrte do norte*. Cf. *Nan*.

Pegú, cidade capital do antigo reino do mesmo nome na Indò-China. Das antigas tradições ácêrca do nome de *Pegú*, fala Couto (D. V, l. V, cap. IX). Em alguns livros estranjeiros lê-se *Pegou*.

Pekan. Vid. *Pam*.

* **Pequim**, cidade capital da China.

Perpinhão ou **Perpinham**, cidade de França.

Pescadores (*ilhas dos*), grupo a W. da ilha Formosa.

Philippevilla, cidade da Argélia.

Philippos, cidade célebre da Macedónia. *Philippos* é forma legitima e tradicional na língua portuguêsa. Vid. Pereira de Figueiredo, *Biblia, pref. ad Philippenses*. *Philippes* é forma francêsa. Em latim, *Phĭlippi, ōrum*.

Piamonte, região de Itália. *Piemonte* é forma estranjeirada.

Pictavienses, os habitantes do Poitú.

Plasença, cidade de Espanha.

* **Plateias**, antiga cidade da Beócia. Alguns teem escripto erradamente *Plateia*.

Plimuth, cidade inglêsa, porto de mar no canal de Inglaterra. Em inglês *Plimouth*. *Plimuth* é como se lê em antigos auctores portuguêses, e d'aqui se poderia tirar lição para outros nomes de cidades que em inglês terminam em forma e pronúncia semelhante: *Dartmouth, Teignmouth, Exmouth, Weymouth, Portsmouth,* etc. Vid. *Mouth*.

Pompeia. Vid. *Pompeios*.

Pompeios, antiga cidade de Itália, destruida por uma erupção do Vesúvio. Não se justifica a forma vulgar de *Pompeia*.

Ponta de Galle, porto da ilha de Ceilão, ao sul de Columbo. (*Arte,* 196; D. III, l. I. cap. I).

Popó (*Grande* e *Pequeno*). Vid. *Papou*.

Porto de Cavallos ou **Pórto Cortez**, cidade marítima da república de Honduras.

Porto Desejado, na costa da república Argentina.

Porto Ferraio, cidade da ilha de Elba.

Porto-Mahon, cidade da ilha de Menorca, uma das Baleares. Pimentel (*Arte,* 216) escreveu *Porto Maun*. O nome veio-lhe do seu fundador, o carthaginês *Magão* (em latim, *Māgo, -ōnis*).

Porto Príncipe ou **Porto do Príncipe**, cidade da ilha de Cuba.

Preparis. Vid. *Properais*.

Properais ou **Prepais** (*ilhas*), a N. das ilhas de Andamão. Em livros estranjeiros lê-se *Preparis*.

Pude, ilha a E. da Madura, na Oceania. Ha proxima outra que se chama de *Respude*. Em mappas modernos não as encontrei distinctamente indicadas; representam no logar várias ilhas, e junto das duas maiores põem a designação de *Sapœdi*. É forma hollandêsa, e em hollandês *œ* pronuncia-se *u*.

Pulo, palavra malaia que significa *ilha* e que entra como componente dos nomes de muitas ilhas.

Pulo Botum (*ilha*), a W. da península de Malaca. Em livros estranjeiros lê-se *Buton*.

Pulo Cambim, ilha portuguêsa a N. de Timor. Em livros estranjeiros e até em modernos livros portuguêses lê-se erradamente *Kambing* e *Cambing*.

Pulo Capaz (*ilha*), a E. da península de Malaca.

Pulo Carimão (e não *Karimon*), ilhas, que da principal tiram o nome, ao norte de Java.

Pulo Cecir do Mar (*ilha*), no mar da China meridional, a SE. da península da Indò-China.

Pulo Cecir da Terra (*ilha*), no mar da China meridional, a SE. da península da Indò-China.

Pulo Condor (*ilha*), no mar da China meridional, a SE. da Cochinchina.

Pulo Laor (*ilha*), a E. da península de Malaca. Em livros estranjeiros, *Aor*.

Pulo Panjão (*ilha*), no golfo de Sião, a W. da Cochinchina. Em livros estranjeiros, *Poulo Panjang* e *Pulo Pandjang*.

Pulo Pera (*ilha*), na entrada septentrional do estreito de Malaca.

Pulo Pinão (*ilha*), a W. da península de Malaca. Em livros estranjeiros, *Pulu* e *Poulo Pinang*.

Pulo Timão (*ilha*), a E. da península de Malaca. Em livros estranjeiros, *Tioman*.

Pulo Tingi (*ilha*), a E. da península de Malaca.

Pulo Ubi (*ilha*), á entrada do golfo de Sião, ao sul da Cochinchina. Em livros estranjeiros lê-se *Obi* em vez de *Ubi*.

Q

Quancim, província da China, a NW. da de Cantão. (D. III, l. II, cap. VII).

Quaquaas. Vid. *Marfim*.

Quedec. Vid. *Senegal*.

Quéixome (*ilha de*), a maior das ilhas que existem á entrada do golfo pérsico. (D. II, l. II, cap. II). Em livros estranjeiros, *Kichm* e *Towilah*.

Quião ou **Quiam** (em outras línguas trasladam *Kiang*), palavra chinêsa que significa *rio* e entra na composição de nomes geográphicos: *Iansequião* (em livros estranjeiros, *Yang* ou *Iang-tse-Kiang*), rio que vai desaguar ao mar da China oriental e ao qual se deu erradamente o nome de *rio Azul; Sequião* ou *Chequião,* nome de província, etc.

Quicheu, província da China a NW. de *Quancim*. Em livros estranjeiros, *Koei-Tchéou* ou *Kwei-Tschou*.

(Continúa). FORTUNATO DE ALMEIDA.

SCIENCIAS PHYSICO-MATHEMATICAS

LES MATHÉMATIQUES EN PORTUGAL

(Cont. do n.º 5, pag. 247)

[U 10 *b*] — J. SILVERIO CARPINETTI LISBONENSE — *Mappas das provincias de Portugal,* etc. (1), Lisboa, 1762.

[U 10 *b*] — J. E. M. S. — *Mappa da Provincia de Traz-os-Montes e Minho, 1762.*

[U 10 *b*] — J. MARIA CAVAGNO — *Carta Topographica da Raya desta Provincia do Minho que divide o Reyno de Galliza, as Provincias de Traz-os-Montes e Porto,* etc., 1763.

[U 10 *b*] — * — *Parte do Mappa topographico do Reyno de Portugal com a mesma escala d'elle, tomando por base as villas de Abrantes e Villa Velha,* etc., 1763.

[U 10 *b*] — J. BAPTISTA DE CASTRO — *Roteiro terrestre de Portugal,* etc. Coimbra, officina de L. Secco Ferreira, 1767; Lisboa, impressão de J. Nunes Esteves, 1825.

[U 10 *b*] — I. PAULO PEREIRA — *Mappa que sè tirou de huma parte do Alemtejo, com a relação dos Fogos, e Lugares, que comprehende o dito Mappa, 1768.*

[U 10 *b*] — I. PAULO PEREIRA — *Planta da Costa desde Nella de Ovar até ao Porto, 1768?*

---

(1) Au nombre de sept. Ils sont offerts au Comte de OEIRAS.

[U 10 *b*] — I. PAULO PEREIRA, REYNALDO OUDINO e T. MARQUES PEREIRA — *Mappa que se tirou de huma parte das Lezirias situadas da frente da Villa de Alhandra e Villa Franca entre o Tejo e o Mar de Aguião, 1768.*

[U 10 *b*] — GUILHERME ELSDEM — *Mappa extrato da Villa de Salvaterra e do seu circuito,* Lisboa, 1768.

[U 10 *b*] — * — *Planta das Provincias e Ilhas de Gôa, 1769.*

[U 10 *b*] — ANTONIO TÃO — *Planta de uma parte da Costa da Africa que comprehende a cidade de Loanda,* etc., 1769.

U 10 *b*] — J. MANUEL LOPES — *Planta de hũa parte da Costa de Leste comprehendida entre a latitude de 9 graus do sul e 12 graus e 54 minutos do mesmo, 1769.*

[U 10 *b*] — * — *Carta topographica da Provincia q̃ fornece agoas, lenhas e sementes á Fabrica de Ferro da nova Oeiras, 1769.*

[U 10 *b*] — CUSTODIO DE AZEVEDO RENDO — *Mappa da Barra de Macáo, 1772.*

[U 10 *b*] — * — *Plano da Costa de Gôa que corre de Melondim athe Amgediva,* etc., Gôa, 1773.

[U 10 *b*] — * — *Mappa da Costa do Reino do Algarve, 1773.*

[U 10 *b*] — J. DE SANDE E VASCONCELLOS e J. CARLOS MARDEL — *Carta topographica dos salgados e sapaes da parte Occidental da cidade de Tavira capaz só para Marinhas,* etc., 1773.

[U 10 *b*] — J. CARLOS MARDEL — *Carta topographica das terras incultas Salgadas e Baldios do Termo de Castro Marim divididos os terrenos que são capazes de Marinhas,* etc., 1773?

[U 10 *b*] — F. XAVIER DA CRUZ MADEIRA — *Miscelanea maritima, 1774.*

[U 10 *b*] — Fr. Luiz de S. José Castello Branco — *Viagem que fez de Lisboa ao Rio de Janeiro em 1774, 1775.* (Manuscrit n.° $\frac{CXXVII}{2-7}$ de la Bibliothèque de Evora).

[U 10 *b*] — J. Moraes Antas Machado — *Projecto da cidade de Gôa, 1775.*

[U 10 *b*] — J. Gomes d'Alves — *Mappa da enseada V.ª da Povoa de Varzim, 1775.*

[U 10 *b*] — J. de Sande e Vasconcellos — *Carta topographica dos baldios, e terras incultas do termo da Villa de Castella,* etc., 1775.

[U 10 *b*] — J. de Sande e Vasconcellos — *Carta topographica das terras incultas salgadas e sapaes do termo da V.ª de Santo Antonio d'Aranilha, 1775.*

[U 10 *b*] — J. de Sande e Vasconcellos — *Carta topographica dos salgados e sapaes da parte oriental da cidade de Tavira,* etc., 1775.

[U 10 *b*] — J. de Sande e Vasconcellos e J. Carlos Mardel — *Carta topographica das quatro leguas que jazem entre Villa Nova de Portimão e Villa Nova de Monxique con o alinhamento dos caminhos que se devem abrir,* etc., 1775.

[U 10 *b*] — L. C. Cordeiro Pinheiro Furtado e Pedro Migueis — *Theatro ou carta geographica dos dominios de S. M. F. nos sertões de Angola e Benguella, 1776.*

[U 10 *b*] — J. de Moraes Antas Machado e J. Antonio Aguiar — *Planta Icnografica do sitio de Pangin, 1776.*

[U 10 *b*] — J. de Moraes Antas Machado — *Projecto para a nova cidade de Gôa se erigir no sitio de Pangin, 1776.*

[U 10 *b*] — * — *Plano do Rio Grande de S. Pedro, 1776-1777.*

[U 10 *b*] — * — *Carta geographica dos Estados de Gôa, 1776-1778.*

[U 10 *b*] — J. MONTEIRO SALLAZAR — *Planta de toda a Costa da Europa, Mar Mediterraneo athe Jerus Alem Costa d'Africa athe o Cabo de Boa Esperança e do dito cabo para leste athe ao Cabo de Jasques e todo o Mar Roxo ou mar da Meca Ilha de S. Lourenço,* etc., 1777.

[U 10 *b*] — * — *Carta corographica que comprehende a Capitania de S. Pedro, parte do Governo de Montevideo, Incluza a Cidade d'este Nome, 1777.*

[U 10 *b*] — J. A. AGUIAR SARMENTO — *Projecto para a nova Cidade de Gôa, 1777.*

[U 10 *b*] — THOMAZ DE SOUZA — *Carta ou plano da capitania de Goyaz, 1778.*

[U 10 *b*] — * — *O estado e capitanias do Grão Pará e Rio Negro com as do Maranhão e Pianby,* etc., 1778.

[U 10 *b*] — I. PAULO PEREIRA e M. DE SOUZA RAMOS — *Mappa topographico da Barra, Rios e Esteriores da cidade de Aveiro com parte do Rio Vouga,* etc., 1778.

[U 10 *b*] — I. PAULO PEREIRA e M. DE SOUZA RAMOS — *Mappa topographico da Barra da Cidade de Aveiro que presentemente existe, e da Costa para o Norte athe o sitio da Torreira,* etc., 1778.

[U 10 *b*] — CARLOS JULIÃO — *Elevasam e Fasada que mostra em prospeto pela marinha a cidade do Salvador Bahia de todos os Santos na America Meridional,* etc., 1779.

[U 10 *b*] — J. C. DE SÁ E FARIA — *Carta geral do Brazil, 1779.*

[U 10 *b*] — J. MONTEIRO SALLAZAR — *Mappa da Barrà e Ryo da Cidade do Porto,* etc. São João da Foz, 1779.

[U 10 *b*] — * — *Carta limitrofe do paiz de Mato Grosso e*

Cuyaba, desde a foz do Rio Mamore athe o lago Xarayes e seus adjacentes, 1780 a 1782.

[U 10 *b*] — I. PAULO PEREIRA — *Carta da costa de Sines, 1781.*

[U 10 *b*] — F. ROIZ D'OLIVEIRA — *Planta Topographica da Ilha e Fortaleza da Berlenga, 1781.*

[U 10 *b*] — J. A. AGUIA PINTO SARMENTO — *Mappa topographico da Jurisdição da Praça de Damão, 1782.*

[U 10 *b*] — * — *Planta Militar da Praça de Bixolim e Muros, 1782.*

[U 10 *b*] — * — *Mappa Topographico do Esteiro da cidade de Aveiro, 1782.*

[U 10 *b*] — F. PINHEIRO DA CUNHA — *Carta corographica do Rio Lima e suas correntes,* etc. Vianna, 1782.

[U 10 *b*] — L. C. CORDEIRO PINHEIRO FURTADO — *Planta em que se nota o acampamento, configuração do terreno e porto, com o estado actual da obra do novo forte de Cabinda, 1783.*

[U 10 *b*] — J. DE SANDE E VASCONCELLOS — *Configuração corographica debaixo dos preceitos de Geographia Moderna do Reyno do Algarve,* Tavira, 1783.

[U 10 *b*] — * — *Mappa topographico da Barra da Cidade de Aveiro, conforme se achava no dia 27 de setembro de 1783; na qual se vê a diferença que tem da figura que estava a 31 de maio de 1780, 1784?*

[U 10 *b*] — L. C. CORDEIRO PINHEIRO FURTADO — *Mappa em que se representa o projecto para o forte que se achava levantado em Cabinda,* etc., 1784.

[U 10 *b*] — M. GODINHO DE MIRA — *Planta da Prasa de Lorna, 1784.*

[U 10 *b*] — L. C. CORDEIRO — *Plano e prospecto das terras adjacentes ao Porto de Mossamedes na Angra do Negro,* etc., 1785.

[U 10 *b*] — L. C. Cordeiro — *Plano do Porto e prospecto das terras adjacentes á Anciada da Lapa*, etc., 1785.

[U 10 *b*] — C. J. dos Reis e Gama — *Demonstração dos principaes logares em que se acha a Fortaleza da Praça de Moçambique arruinada*, etc., 1786.

[U 10 *b*] — * — *Carta reduzida da Costa de Portugal e Espanha e Barbaria e huma piquena parte do Estreito de Gibraltar*, etc., 1786.

[U 10 *b*] — Manuel de Souza Ramos — *Villa d'Alhandra*, 1786.

[U 10 *b*] — L. C. Cordeiro — *Mappa de uma parte da Costa Occidental de Africa, comprehendida entre a cidade de S. Filippe de Benguella e a Anciada das Arêas, 1786*.

[U 10 *b*] — J. Simões de Carvalho — *Carta do Rio Branco, 1787*.

[U 10 *b*] — J. A. Aguia Pinto Sarmento — *Planta do logar e monte de Pangin, 178*...

[U 10 *b*] — C. J. dos Reis e Gama — *Plano da Ilha de Moçambique, 1788*.

[U 10 *b*] — M. Nascimento da Costa e J. Joaquim Ribeiro — *Diario nautico*, 1789, 1790, 1791, 1792. (Manuscrits n.os $\frac{CXVI}{2-24}$ à $\frac{CXVI}{2-28}$ de la Bibliothèque de Evora).

[U 10 *b*] — * — *Carta Chorographica das Correntes do Rio Douro e terrenos adjacentes desde o Rio Teixeira athe S. João da Pesqueira*, etc., 17...

[U 10 *b*] — Reynaldo Oudinot — *Planta que demonstra o estado da Barra do Douro em janeiro de 1792, a configuração do Cabedello e do Banco em X.bro de 1789*, etc.

[U 10 *b*] — J. M. de Medeyros — *Mappa das sondas do Porto de S. Pedro de Moel, 1789*.

[U 10 *b*] — * — *Planta da Villa de Salvaterra de Magos, 1789.*

[U 10 *b*] — EUSEBIO DE SOUZA SOARES — *Planta geral do terreno proximo ao Rio Guadiana,* etc., 1790?

[U 10 *b*] — EUSEBIO DE SOUZA SOARES — *Planta da Praça de Jerumenha, e seus contornos, 1790.*

[U 10 *b*] — DIOGO C. DA MOTTA — *Carta da Costa do Governo de Sines, 1790.*

[U 10 *b*] — * — *Planta da Tapada de Alcantara com a figura do acampamento, intrincheiramento e ataque, 1790.*

[U 10 *b*] — J. GABRIEL DECHERMONT — *Planta da Villa de Sines, 1790.*

[U 10 *b*] — J. GABRIEL DECHERMONT — *Planta de Villa Nova de Milfontes, 1790.*

[U 10 *b*] — F. ANTONIO CABRAL — *Plano das Ilhas de Cabo Verde, 1790.*

[U 10 *b*] — * — *Mappa Geographico da Costa Occidental de Africa,* etc., 1790.

[U 10 *b*] — L. H. DA CUNHA D'EÇA — *Mappa geographico comprehendendo: Costa Occidental d'Africa,* etc., 1790.

[U 10 *b*] — L. C. CORDEIRO PINHEIRO FURTADO — *Carta geographica da Costa Occidental d'Africa,* etc., 1790 (1).

[U 10 *b*] — F. X. PINHEIRO DE LACERDA — *Plantá da Fortaleza de Nossa Senhora da Nazareth e S. João da Lage, 1791* (?).

[U 10 *b*] — * — *Plano da Cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro e parte principal do seu porto, 1791.*

---

(1) Cette carte a été gravée à Paris en 1825.

[U 10 *b*] — B. d'Azevedo Coutinho — *Mappa Geographico do Reyno do Algarve*, etc., 1791.

[U 10 *b*] — B. d'Azevedo Coutinho — *Carta Hydrographica do Rio Guadiana*, etc., 1791?

[U 10 *b*] — Maximiano J. da Serra — *Projecto da estrada de Mezão Frio athe os Padroens da Teixeira, 1791.*

[U 10 *b*] — * — *Mappa das Caldeiras das Furnas na ilha de S. Miguel, 1792.*

[U 10 *b*] — Joaquim d'Oliveira e J. M. da Silva — *Mappa Topographico para servir ao delineamento da estrada desde Leiria athe Coimbra*, etc., 1792.

[U 10 *b*] — Maximiano J. da Serra — *Planta dos delineamentos das estradas do Alto Douro, da Villa de Bertiande até o Pezo da Regoa, 1792.*

[U 10 *b*] — * — *Planta da cidade de Lamego, e seus arredores, 1793.*

[U 10 *b*] — L. C. Cordeiro Pinheiro Furtado — *Mappa Topographico levantado em* MDCCXCI *para servir de delineamento da estrada desde a serra de Rio-Maior athe Leiria*, etc., 1793.

[U 10 *b*] — Henrique Niemeyer — *Planta do Rio Lena e suas margens no sitio de Porto Moniz*, etc., 1794.

[U 10 *b*] — J. de Sande e Vasconcellos — *Mappa topographico do sitio e Ribeira do Diachere em que se mostra a necessidade que nella ha de ponte para o transito de tropas*, etc., 1794.

[U 10 *b*] — J. de Sande e Vasconcellos — *Mappa topographico da Ribeira e do sitio de Alcantarilha*, etc., 1794.

[U 10 *b*] — J. de Sande e Vasconcellos — *Mappa Hidrographico da Costa que forma a Enceada da Praça de Lagos*, etc., 1794.

[U 10 *b*] — FILIPPE NERY DA SILVA — *Planta das duas Barras formadas pela Insula de Caminha,* 1794.

[U 10 *b*] — J. DE SANDE E VASCONCELLOS — *Mappa Hidrographico da Costa do R.no do Algarve, 1795.*

[U 10 *b*] — I. PAULO PEREIRA — *Ligeira configuração da raia da provincia do Alemtejo, 1795?*

[U 10 *b*] — L. C. CORDEIRO PINHEIRO FURTADO — *Carta Topographica de huma parte da Provincia da Beira comprehendida entre Sovereira Formoza e Pena Macór para servir as Manobras do nosso Exercito conforme o curso dos Rios,* etc., 1796.

[U 10 *b*] — J. FERNANDES PORTUGAL — *Plano da Bahia de Todos os Santos, 1796.*

[U 10 *b*] — JOAQUIM D'OLIVEIRA, H. NIEMEYER e JOÃO MANUEL — *Mappa Topographico desde Rio-Maior até Coimbra para servir ao delineamento da Real Estrada, 1796.*

[U 10 *b*] — L. MANUEL DE SERPA — *Copia do Theatro Topographico da Fronteira do Reino na Provincia da Beira, com a Raya de Hespanha entre Salvaterra do Extremo e o Rio Tejo,* etc., 1796.

[U 10 *b*] — MAXIMIANO J. DA SERRA — *Planta dos terrenos de Caminha thé a Insola, e sitios posteriores, 1797.*

[U 10 *b*] — * — *Topographia de huma parte da Provincia de Alemtejo comprehendida entre a Praça de Arronches e o Rio Guadiana para reprezentar a Fronteira e Raia de Hespanha, 1797.*

[U 10 *b*] — (1) *Mappa topographico da fronteira da Provincia do Alemtejo, 1797.*

[U 10 *b*] — J. RAFAEL NOGUEIRA — *Mappa topographico da parte do Tejo pertencente a Villa Velha, 1797.*

(1) Officiers du génie sous les ordres de L. C. CORDEIRO PINHEIRO FURTADO.

[U 10 *b*] — M. DE SOUZA RAMOS e J. M. FERREIRA DA FONSECA — *Mappa topographico da parte do Tejo da Villa de Abrantes, em que está lançada a Ponte das Barcas; e dos terrenos proximos*, etc., 1797.

[U 10 *b*] — L. GOMES DE CARVALHO — *Carta topographica da parte da' Provincia de Traz-os-Montes comprehendida entre o Douro e o Sabor até Bragança*, Bragança, 1797.

[U 10 *b*] — M. TAVARES DA FONSECA — *Mappa do Forte de S. Sebastião e porto das Pipas da ilha Terceira, 1798*.

[U 10 *b*] — M. GODINHO DE MIRA — *Planta da Praça de Agoada, 1798*.

[U 10 *b*] — * — *Carta reduzida comprehendendo da Equinoxial athe* 44° *de latitude Norte comprehendendo parte da Costa da Europa e Africa Ilhas do Oceano Setentrional*, etc., Lisboa, 1798.

[U 10 *b*] — A. GARCIA ALVES — *Pellano do Porto de Paraiba, 1798*.

[U 10 *b*] — J. VIEIRA DA SILVA — *Topographia da Cidade Capital de S. Salvador*, etc., 1798.

[U 10 *b*] — J. JOAQUIM FREIRE — *Mappa da Bahia e Porto d'Angra na Ilha Terceira, 1799*.

[U 10 *b*] — I. JOAQUIM DE CASTRO — *Plano da Villa de Maxico*, etc., 1799.

[U 10 *b*] — I. JOAQUIM DE CASTRO — *Plano particular da Praia Formosa*, etc., 1799.

[U 10 *b*] — I. JOAQUIM DE CASTRO — *Plano da Villa de Santa Cruz, 1799*.

[U 10 *b*] — J. DE SANDE E VASCONCELLOS — *Planta da cidade de Tavira, 1800*.

[U 10 *b*] — B. d'Azevedo Coutinho — *Carta Hydrographica do porto e barra de Villa Nova de Portimão,* etc., 1800.

[U 10 *b*] — J. J. Valerio — *Planta do porto do Rio Paraiba, 1800.*

[U 10 *b*] — B. José Pereira, F. da Silva Freire e D. José Fava — *Mappa geral do Reino, 1800.*

[U 10 *b*] — J. A. Aguia Pinto Sarmento — *Carta Geometrica Geografica das Provincias de Batagrama e do Sateri, fronteiras e contiguas ás ilhas de Góa,* etc., 1801.

[U 10 *b*] — L. H. da Cunha d'Eça — *Configuração do Campo de Gavião, 1801.*

[U 10 *b*] — L. H. da Cunha d'Eça — *Mappa da Foz do Rio Zezere no Tejo com a Villa de Punhete testa de Ponte para a defensa da sua passagem, 1801.*

[U 10 *b*] — J. d'Oliveira, J. Xavier d'Andrade e Luiz Maximo — *Planta da Villa d'Abrantes com huma parte do Tejo, Ponte das Barcas, e o Reduto feito no Oiteiro do Carneiro, 1801.*

[U 10 *b*] — B. d'Azevedo Coutinho — *Carta militar, 1801.*

[U 10 *b*] — L. Gomes de Carvalho — *Planta da cidade de Bragança e suas dependencias, 1801.*

[U 10 *b*] — Eusebio Dias Aredo — *Carta topographica da Peninsula de Peniche, 1801.*

[U 10 *b*] — * — *Mappa da fronteira da Barra para intelligencia das disposições de defensa feitas pelo Marquez* d'Alorna *em quanto Commandou em esta Provincia no anno de 1801.*

[U 10 *b*] — I. Antonio da Silva — *Mazagão, 1802.*

[U 10 *b*] — J. Cardoso Xavier — *Mappa geral de toda Capitania de Villa Boa de Goyas, 1803* (?).

[U 10 *b*] — J. ANTONIO DA ROZA e C. H. DE NIEMEYER — *Planta do terreno e limites da contenda de Moura a qual se trata de dividir entre Portugal e Hespanha, 1803.*

[U 10 *b*] — J. MANUEL DA SILVA e J. CARLOS DE FIGUEIREDO — *Mappa geographico da vigessima segunda Brigada d'Ordenanças, divididas cada uma em 8 Capitanias Móres, segundo o novo plano feito em 1803.*

[U 10 *b*] — J. B. DA FONSECA PILOTO — *Plano da Barra de Villa Real, 1803.*

[U 10 *b*] — C. GOMES VILLAS BOAS — *Desenho topographico de huma porção do Concelho de Lindoso na parte que confina com o Reino de Gallíza,* etc., 1803.

[U 10 *b*] — C. GOMES VILLAS BOAS — *Mappa da provincia d'Entre Douro e Minho com o Quadro da sua População,* etc., 1804.

[U 10 *b*] — MAXIMIANO J. DA SERRA — *Planta da Praça e Villa de Setubal,* 1804.

[U 10 *b*] — J. J. LEÃO — *Copia d'hum Reconhecimento das Margens do Rio Tejo,* etc., 1805.

[U 10 *b*] — JOSÉ DE SALDANHA — *Mappa geographico que mostra toda a Fronteira do Commando do Rio Pardo,* etc., 1806.

[U 10 *b*] — C. GOMES VILLAS BOAS — *Planta da villa de Barcellos, 1806.*

[U 10 *b*] — F. C. DA SILVA TORRES — *Planta do rio Tejo desde as Omas athe ás bocas do sitio dos Caneiros, 1807.*

(Continúa). RODOLPHO GUIMARÃES.

LITTERATURA E BELLAS-ARTES

ARTES INDUSTRIAES E INDUSTRIAS PORTUGUEZAS

(Cont. do n.º 5, pag. 255)

I

Acciaiuoli (Simão)

Apesar de extremamente adulterado o seu appellido, creio não poder haver a menor duvida que Simão Chiole, florentim, é o mesmo *Simone Acciaiuoli,* com que o meu erudito amigo, sr. Prospero Peragallo abre a série biographica dos seus *Cenni,* e que na ilha da Madeira exerceu preponderancia, chegando a desempenhar o cargo de Almoxarife da dita ilha, certamente por se haver naturalizado.

Simão fundou um morgado, a sua descendencia proliferou, e ainda hoje, tanto em Portugal, como no Brasil, existem familias com o seu appellido.

O documento a que me refiro, é uma especie de despacho de D. Manuel I a uma sua petição, a fim de pagar uma certa porção de assucares, não pelo preço corrente no anno de 1518, no que soffria grande prejuizo, mas sim pelo dos dois annos anteriores.

El-rei restringiu o preço da arroba a trezentos e noventa réis.

«Nos elRey fazemos saber a vos prouedor da nossa Ilha da Madeira ou a quem uoso cargo teuer e ao noso almoxarife ou Recebedor da parte do Funchal que Simão Chiole frorēty morador na dita Ilha nos emuiou dizer como elle fora rendeiro do peixe fresco da dita cidade em huũa quinta parte de b^c xij arrobas daçuquares de meles os anos de b^c xbj b^o xbij e asy teue os ditos dous anos os cinquo dozaaos da rrenda do Porto Santo em contia de iiij^c lx arrobas daçuquar de meles pedimdonos que por o açuquar de meles naqueles dous anos estar embaixo

preço auẽdoo de pagar como valeo no ano de xbiij perdia muyto nos prouuese oolhar a yso e ouuesemos por bem que o pagase como valeo no ano de xbj e visto per nos seu rrequerimento praz nos que o pague a rezam de trezẽtos e nouenta reaes a arroba porem vos mandamos que a este preço lho contees e lho façaees pagar. Fecto em Allmeirym a ij dias dabril ano de mjll b^c xix. = Rey (com rubrica e guarda) = ho Conde = que Simão Chiole rrendeiro do peixe fresco do Funchal e do Porto Santo os ij anos de xbj xbij pague o açuquar de meles a rrezam de iij^c lr reaes a arroba. Valẽ as iij^c xxxj arrobas xj arrateis que valẽ ao preço de iij^c lr, cxxix ij^c viij reaes s. cxxx bij arrobas xxix arrateis do ramo do pescado do Funchal e as clr iij arrobas xiiij arrateis do ramo do Porto Santo» (1).

II

Affaitati (João Francisco)

De duas maneiras se encontra ortographado o nome d'este individuo, negociante de grosso tracto em Lisboa, nos fins do seculo xv e principios do seculo xvi. Joham Francisco della Feitad, Carmones, e Joam Francisco de Lafeitate. Da primeira fórma encontra-se numa carta de 16 de julho de 1507, pela qual D. Manuel o dá quite da somma de oito contos novecentos e vinte um mil reaes, resultantes de dois contractos relativos á compra de assucares na ilha da Madeira nos annos de 1502 e 1504. No contracto primeiro tivera por consocio a Jeronymo Cerniche, sendo a quantidade do assucar de 18:000 arrobas e o seu preço de sete contos novecentos e vinte mil reaes a razão de 440 reaes cada arroba. O segundo contracto importou em um conto e mil reaes, preço de 3:500 arrobas.

Affaitati era natural de Cremona, conforme se deduz do appellido e que se acha um pouco deturpado Carmonez em vez de Cremonez ou Cremonense que lhe vem applicado na respectiva carta de quitação, a qual saiu impressa a paginas 93 do volume III do *Archivo Historico Portuguez*.

João Francisco dell Affaitate continuou a exercer o commercio do assucar da ilha da Madeira até os ultimos annos da sua existencia, como se prova por um estenso documento, ou antes série de documentos, que se conservam na Torre do Tombo, na collecção das gavetas.

Aos 18 dias de março de 1529, nas casas da fazenda de

---

(1) Torre do Tombo, *Corpo Chronologico*, parte 1.ª, maço 24, documento 50.

el-rei, foi celebrado um contracto, por meio do qual Lucas Giraldi, como procurador de João Francisco de Lafeitade, se comprometia, em nome do seu constituinte, a tomar todo o assucar que fosse do rendimento real no referido anno na ilha da Madeira. São diversas e curiosas as clausulas, tanto com respeito ao preço e qualidade dos assucares, como ao systema da sua arrecadação na ilha da Madeira, e ao modo de realizar o pagamento, parte do qual se havia de effectuar em Lisboa e parte na feira de Medina del Campo.

A procuração passada a favor de Lucas Giraldi tem a data de 10 de outubro de 1526, parecendo d'esta circumstancia, poder deduzir-se que Lucas Giraldi tinha procuração geral de Lafeitad para tratar dos seus negocios. O seu procurador no Funchal era Capelano de Capelani, sendo-lhe passada a respectiva procuração em Lisboa a 8 de abril de 1529.

João Francisco de Lafeitad era fallecido poucos dias depois de ter passado esta procuração, como se declara terminantemente numa carta de D. João III ao provedor, almoxarife e officiaes da ilha da Madeira datada de 28 d'esse mez, em que lhes diz que prosegue validamente, em nome de seus herdeiros, o contracto celebrado com o dito João Francisco, que Deus haja, pois a sua casa ficava inteira, particularidade digna de nota.

Nobre de origem, tendo até o titulo de Conde, João Francisco era sujeito de não vulgar illustração, como se infere das suas numerosas cartas, felizmente conservadas nos *Diarios* de Sanuto, nas quaes minuciosamente vae dando conta dos progressos dos nossos descobrimentos e conquistas, assim como dos productos do oriente, em cujo commercio tambem tomou larga parte.

Alvare Annes e João Lopes de Sequeira, os dois emmissarios que acompanharam a Saboia a infanta D. Beatriz, para liquidarem as contas do seu dote e cobrarem as respectivas quitações, escrevendo a el-rei sobre este negocio, em 5 de novembro de 1521, diziam-lhe achar-se alli um banqueiro, correspondente de João Francisco, que se responsabilisava pelas lettras d'este, o qual, por certo, não era outro se não o cremonense com casa bancaria em Lisboa.

O sr. Prospero Peragallo dedica-lhe um artigo nos seus *Cenni,* e refere-se a outros membros da sua familia, cujo appellido se aportuguesou em Lafetá. Um d'elles, Cosme, portou-se briosamente no cerco de Chaul, merecendo ser decantado no *Chauleidos,* poema latino de Diogo de Paiva de Andrade. De outra maneira, mais original ainda, se perpetuou

a sua memoria, numa colcha artisticamente bordada pelas damas portuguezas de Malaca, e que existia na collecção do Duque de Luines. Nella se via a seguinte legenda em italiano — *Cosimo Lafeta fece cadere in potere dei portoghèse il monte di Chaul.*

Para não avolumar esta memoria, e para não fugir do seu principal assumpto, espero outra occasião, se me não faltar o animo, para tratar a biographia de Cosme de Lafetá, a cujo respeito e da sua parentella, se encontram não poucos vestigios nas chancellarias regias.

Segue o documento a que acima aludo.

«Apresentaçam do comtrato que el Rey noso senhor fez com Joam Francisco de Lafetate sobre a venda de seus açuqueres deste presente ano de mjll b^e xxix apresentado por Capelano de Capelane ao Senhor prouedor:

«Ano do nacimento de noso senhor Jhesu Christo de mjll b^e xxix anos aos xx dias do mes de majo do dito ano na Ilha da Madeira na cidade do Funchall nas casas dallfandega da dita cidade estando hi Crestouam Ermeraldo fydalgo da casa del Rey noso senhor prouedor de sua fazemda nesta Ilha e Porto Santo etc., perante elle pareçeo Capelano de Capelane morador estamte ora nesta cydade e lhe presemtou hũ comtrato que ho dito senhor tinha feito com Joam Francisco de Lafetate sobre a venda de seus açuqueres deste presente ano com hua procuraçam do dito Joam Francisco para por elle receber os ditos açuqueres e asy mays apresemtou duas cartas do dito senhor em que na hũa ha por bem que os ditos açuqueres que posto que Joam Francisco seja falecido se cumpra ho dito comtrato e na outra lhe manda dar as casas que os anos pasados os tratantes tiveram seus açuqueres, o quall contrato cartas e procuraçam todo he o seguinte».

«Ano do nascimento de noso senhor Jhesu Christo de mill quinhentos e vinte noue aos dezoito dias do mes de março do dito ano em Lixboa nas casas da fazenda del Rey noso senhor perante os veedores dela pareceo Lucas Giraldo em nome e como procurador de João Francisco de Lafetade segundo mostrou per sua procuraçam que parecia ser feita e asynada per Bras Afonso publico tabelliam na dita cidade de Lixboa aos dez do mes de outubro ano de b^e xxbj e dise aos ditos veedores que a elle aprazia como loguo de feito aprouue de comprar todollos açuquares que o dito senhor ouuer de suas rendas e direitos na Ilha da Madeira este dito ano de b^e xxix Asy de canas como de melles mazcabados escumas e rescumas sem ficar cousa alguũa de todos os ditos açuqueres que das ditas rendas e dereitos o dito senhor ouuer daver da nouidade do dito ano, pellos quaes açuquares o dito Lucas Giraldo em nome do dito João Francisco se obrigou loguo a paguar nesta maneira. s. por todolos açuqueres de cana que forem alealdados e de receber de mercador a mercador a seiscentos reaes a arroba de peso da dita Ilha em paz e em salluo pera o dito senhor. E pellos açuqueres de melles e mazcabados e escumas e rescumas daraa menos aquella comthia que geralmente se acostuma na dita Ilha menos valerem que os açuquares de canas respeytando o dito preço de seiscentos reaes a arroba segundo

forma dos comtratos pasados. E paguamento de todo o que montar nos ditos açuquares ffaraa nesta maneira. s. dez mill cruzados demtro em oyto dias que se começarão da feitura deste em dinheiro de contado a Fernão daluarez meu tesoureiro e o mais pera comprimento de todo paguaraa em Medina dell Campo na feira de mayo que ora vem deste dito anno ao tempo dos paguamentos della per suas letras de caynbo ao dito Fernam daluarez de que cobraraa seu conhecimento em forma. E porque ao tempo da dita feira senão poderaa ajmda saber a soma dos ditos açuquares que na dita Ilha aueraa este ano pera liquidamente fazer o dito paguamento o faraa na dita feira per orçamento doutros tamta comtija quamta se mostrar per certidõees dos oficiaes da dita Ilha que montou nos açuquares do ano passado e na ffim deste dito anno se veraa pelas certidõees que da dita Ilha hão de vijr o que nos ditos açuquares monta e remde mais do que jaa tiuer paguo, o paguaraa tamto que assy vierem as ditas certidõees. E asy tendo o dito João Francisco paguo mais do que se montar nos ditos açuquares lhe seraa paguo ou tomado em paguamento de seus comtratos. E o allmoxarife e oficiaaes da dita Ilha que o dito açuquar ouuerem de entregar cobrarão conhecimentos das pesoas que em nome do dito João Francisco e per sua procuraçom receberem e tanto que o dito almoxarife e oficiaes os teuerem assy entregues emuiarão ao dito Fernão dalluarez as certidõees da cantidade dos ditos açuquares E quanto he de cada sorte, as quaes certidõees serão obriguados de enuiar per duas vias nos primeiros nauios que vierem despois de os ditos açuquares asy serem entregues. Os quaees açuquares serão entregues aos ditos feitores ou pesoas que pera yso leuarem procuraçam do dito João Francisco posto que a elles não dee fiança allgũua, porquanto o dito senhor o ha por abonado nyso. E nesta venda não entrarão os açuquares que fforem neçesarios pera despacho da casa do dito senhor e da Rainha nosa senhora e dos senhores Ifantes e assy os das esmollas por que estes se mandarão trazer que serão atee mill e seiscentas arrobas e mais não. E quando os ditos açuquares cheguarem dos outros luguares ao porto do Funchall omde se hão de carregar o almoxarife e oficiaes do dito senhor despacharão loguo os batees em que vierem e não serão tirados dos ditos batees atee primeiro seerem despachados pelos ditos officiaaes.

«It. Com condição que a emtregua dos ditos açuquares seja ffeita aos procuradores do dito João Francisco nas casas dos lauradores omde receberão os quintos do dito senhor bem allealdados como se costumão a receber de maneira que o dito João Francisco não receba agrauo e segundo forma das obrigaçõees que os ditos lauradores tem ffeitas. Os quaaes não poderão tirar açuquares algũus de suas casas atee terem paguo o dito quymto sob as penas que nas ditas obriguaçõees e regimento sobre yso feito são conteudas. E asy como os feitores do dito João Francisco ham de receber da mão dos ditos lauradores os ditos açuquares allealldados assy mesmo receberão os ditos officiaees as ditas mill e seiscentas arrobas pera as ditas esmollas e despesa do dito senhor.

«It. Sendo caso que os açuquares que os lauradores derem não sejão bem allealdados e da bondade e prefeição que devem ser e de receber de mercador a mercador o procurador do dito João Francisco o faraa saber ao prouedor e oficiaaes da dita Ilha os quaees lhe darão pera yso pessoas que vejão os ditos açuquares e os fação bem alealldar de maneira que o dito João Francisco nam receba agrauo nem engano e se os receber sem o fazer saber aos ditos oficiaaes não seraa mais ouuydo sobre a bomdade dos ditos açuquares.

«It. E com comdição que elle tratador posa carreguar os ditos açuqua-

res em quaeesquer naaos ou nauios estrangeiros ou naturaees que elle quyzer sem embarguo de qualquer ordenação ou defesa em comtrairo. E pera a despesa que nos ditos açuquares ha de fazer poderaa vender na dita Ilha da Madeira atee tres mill arrobas e mais não, e das vendas que asy fezer o faraa saber ao Juiz dallfandegua e officiaees pera ffazerem delle asemto e não vemder mais que as ditas tres mill arrobas.

«It. com condição que durando o tempo deste comtrato os feitores que o dito João Francisco na dita Ilha tiuer e assy seus criados pera o neguocio e maneyo dos ditos açuquares guozem e guoyuão de todollos priuillegios e liberdades e franquezas que tem os remdeiros do dito senhor atee seis feitores e mais não.

«E visto pellos ditos veedores o dito comtrato ouuerão por bem em nome do dito senhor e o dito Lucas em nome e como procurador do dito João Francisco o açeytou e recebeo e se obrigou pellos bẽes e fazemda do dito João Francisco asy mouel como raiz auyda e por auer ao assy comprir e manter pela maneyra aquy comtheuda e por firmeza dello asynou este no lliuro dos comtratos da fazenda omde ffica trelladado com testemunhas e seraa obriguado de emuiar este comtrato ha dita Ilha aos oficiaaes do dito senhor nos primeiros nauios que daquy partirem ffazendo pera yso tempo e não no fazendo o faraa saber na dita fazenda pera se lhe asynar mais tempo e a dilação que pasar pela dita maneira não escusaraa o dito João Francisco de paguar todo o que asy he obriguado. E aalem dos seiscentos reaes que asy hade paguar os que comprão açuquares na dita Ilha. Pedro Anriquez o fez no dito dia mes e era. Fernão dalluarez o fez escreuer. — *Dõ Joham — ho conde*».

«Eu el Rey faço saber a quamtos este meu aluara virem que eu vy este comtrato açima escrito que os veedores de minha fazemda fizerão com Johão Francisco de Lafetad sobre os açuquares deste anno que ouuer na Ilha da Madeira. E o aprouo e ey por bom pello preço e com as condições nelle declaradas notyfficoho assy ao meu prouedor e oficiaees da dita Ilha e a quaeesquer outros a que pertencer e lhes mando que em todo cumprão e guardem e fação inteiramente comprir e guardar o dito comtrato como se nelle conthem. Pedro Amrriquez o fez em Lixboa aos xix dias de março de mill quynhentos vinte e noue. Fernam dalluarez o fez escreuer. — Rey · ⁝ · — *Fernam dalluarez — ho conde*.

«Confirmaçom deste comtrato que os veedores da fazenda fizerão cõ Johão Francisco sobre os açuquares deste anno da Ilha da Madeira».

«Prouedor almoxarife e officiaees da Ilha da Madeira eu el Rey vos enuio muito saudar. Os uedores de minha fazenda fezerão hũu comtrato sobre os açuquares deste ano com Joham Francisco de Lafetade que deus aja, o qual comtrato elle laa enuiou amtes de seu falecimento e por que posto que seja falecido sua casa fica inteira, Vos mando que cumpraees e façaes inteiramente comprir o dito comtrato e façaes emtrega dos açuquares segundo forma delle asy como o auies de fazer semdo viuo, o que asy cumpry sem duuida nem embarguo allgũu que a ello seja posto. Manuell da Costa a fez em Lixboa a xxbiijº de abrill de mil bᶜ xxix. — Rey · ⁝ · —.

«Pera o prouedor e oficiaes da Ilha da Madeira sobre o comtrato de Joham Francisco dos açuquares que V. A. manda inteiramente comprir posto que seja fallecido.

«*Sobrescrito.* — Por el Rey. Ao prouedor almoxarife e officiaes da sua Ilha da Madeira».

«Provedor e oficiaes da Ilha da Madeira. Eu el Rey vos enuio muyto saudar, eu ey por bem que as casas minhas que nesa Ilha estão em que se recolhem os meus açuquares que o ano pasado destes aos tratadores delles pera os em ellas agasalharem As deis este ano presemte de quynhemtos vimte e noue aos feitores de Joham Francisco que este dito ano tem comprados os ditos açuquares pera yso mesmo os recolherem nellas sem paguar diso cousa allgũua. E comprio asy sem duuida que a elo ponhaaes. Pedro Amrriquez a fez em Lixboa aos biij° dias de abrill de quynhentos vimte e noue. — Rey· : · —.

«Ao prouedor e officiaes da Ilha da Madeira que dem aos feitores de Joham Francisco as casas em que se recolhem os açuquares de V. A. pera nellas os recolherem este anno, que serão aquellas que o ano pasado derão aos tratadores dos ditos açuquares. E isto sem pagar dyso cousa allgũua.

«*Sobrescrito.* — Por el Rey. Ao prouedor e oficiaaes da Ilha da Madeira».

«Saibam quamtos este estromento de procuração virem que no ano do nacimento de nosso senhor Jhesu Christo de mill e quinhentos e vimte e noue annos aos oyto dias do mes de abrill na cidade de Lixboa nas casas omde pousa Joham Francisquo de Llafetad mercador vezinho desta cidade estamdo elle presemte disse que elle tem comprado dell Rey nosso senhor aos seus veadores da fazemda todos os açuquares que sua alteza hadaver e receber este presemte ano na Ilha da Madeira asym de quymtos como dizimo segundo todo mais compridamente se contem no comtrauto que sobre yso he feyto e que ora por este pubryco estormento fazia como loguo de feito fez e ordenou por seu certo procurador avomdosso a Capellãao de Capelani mercador estamte na dita Ilha da Madeira e lhe deu e outorgou todo seu liure e comprido poder e mandado espiçiall pera que por elle cõstytuimte e em seu nome possa arrecadar e receber todos os ditos açuquares que a sua alteza pertençam de quaes quer seus feytores ofyciaaes e pesoas que os ouuerem de emtreguar e do que receber posa dar conhecimentos e quitações e os asynar e fazer dos ditos açuquares todo o que lhe elle cõstytuimte ordenar e se lhe todo nõ quiserem entreguar posa sobre ello fazer protestos e requerimentos e tomar estormentos e cartas testemunhaveis se comprirem e pera todo o sobredito e qualquer parte dello possa sobstabelecer outro procurador ou procuradores e os reuoguar se quiser fiquandolhe sempre esta procuraçam firme e em todo o que dito he e a ello pertemcer e dello nacer e depender posa usar de todolos termos e autos judiciaaes que nessesarios forem e fazer e dizer todalas outras diligencias e cousas que comprirem asy e tam imteiramente como elle cõstytuimte poderia fazer e dizer se a todo presemte fose prometendo elle cõstytuimte de auer por feito fyrme e valioso pera sempre todo o que por o dito seu procurador e por cada hum de seus sobstabelecidos for feito dito e neguociado no que dito he sob obriguação de todos seus bens e rendas que pera ello obrigou e em testemunho de verdade asy ho outorgou e mandou fazer este estormento e dous e tres se lhe comprirem. Testemunhas que presentes foram Joham Bycudo mercador estamte nesta cidade e Gonçalo de Seixas criado do dito Joham Francisquo e eu Sebastiam Aluarez publico tabeliam gerall da casa do civell per autoridade dell Rey nosso senhor por Symão Diaz cujo o dito officio he este estormento escrepvi e o concertej e asinej de meu publico signall. — *Logar do sinal publico.* — Com nota e duas idas e estribuiçam pagou oytenta reaes.

«E apresentado todo como dito he mandou que se comprise como em todo he comteudo e que Capelam aprouase a procuraçam do recebimento dos ditos açuquares. Joham Mealheyro escripuam dallfandegua o escrepuy.

«Avaliaçam dos açuquares de melles mazcabado escumas e rescumas do ano de bc xxix».

«Anno do nacimento de noso senhor Jhesu Christo de mjll bº xxx annos aos xxiij dias do meś de feuereiro do dito anno na Ilha da Madeira na cidade do Funchal na casa dallfandega estaua hi Ruy Mendez tacam recebedor da fazenda del Rey noso senhor etc., e Joam Gonçalvez e Capelam de Capelani procuradores dos tratamtes do anno pasado de bc xxix e per o dito almoxarife lhes foi dito que por quamto os açuquares eram vemdidos a tratamtes de que elles eram procuradores segundo forma do comtrato a preço de seis centos reaes arroba e que os melles e mazcabados e reres e escumas foram avalliados e respeitados segundo forma dos contratos pasados e auendo respeito ao preço de bjº reaes por arroba do... e que pera se fazer a dita avalliaçam elles aviam de tomar sua procuraçam e elle tomara outras por parte do dito senhor pera cõ hos oficiaaes do dito senhor fazerem a dita avaliaçom mandamoslhes que se louuasem em hũua pesoa e elle por a parte do dito senhor se louuara em outras por quamto o prouedor por estar doente nõ podera vyr a dita avalliaçam e lhe spreuera que ha fezese loguo fazer e lloguo o dito Joam Gonçalvez e Capelam se louuarõ por sua parte em Afonso Pymto e o dito almoxarife se louuou por parte do dito senhor em Jorge Fernamdez moradores na dita cidade os quaes sendo presentes o dito almoxarifé lhes deu juramento dos santos euanjelhos e per o dito juramento lhes mandou que cõ hos oficiaes do dito senhor fezesem a dita avaliaçam segundo forma do dito comtrato os quaes receberam ho dito juramento e o prometeram asi de fazer. Francisco Vieira que ho espreuy. — *Capelano de Capelanis — Joam Gonçalvez — Ruy Mendez*».

«E loguo o dito recebedor com hos ditos louuados e cõ Joam Mealheiro e Pero dOrnellas espriuães dallfandegua e comiguo scripuam abaixo nomeado se apartou com os ditos louuados e oficiaes aos quaes oficiaes deu juramento dos samtos auanjelhos e elle per si o tomou e todos prometerom de fazer verdade e visto por elles ho comtrato e a forma delle e conformandose cõ hos comtratos pasados e vista a forma do dito comtrato e a sustamcia delle e auendo respèito aos açuquares brancos serem vendidos a seiscentos reaes arroba segumdo forma do dito comtrato auallyarõ hos outros açuquares nesta maneira seguimte: s. o açuquer de melles a quinhentos reaes arroba. E o açuquer mazcabado a quatro centos cinquoenta reaes arroba. E as escumas a quatro centos reaes arroba. E as rescumas a dozentos cinquoenta reaes arroba. E os açuqueres de melles mazcabados a quatro centos reaes arroba e por que todos nisto foram conformes pello dito juramento e vendo a forma do dito comtrato o asynorõ aqui. Francisco Vieira que ho spreuy. — *Jorje Fernandez — Francisco Vieira — Pedro Mealheiro — Ruy Mendez — Gonçalo Mealheiro — ... — Pedro Dornellas*».

«Sejam certos quamtos [este] estormento de certidam virem como he verdade que Capellam de Capellani e Joam Gonçalvez como procuradores dos herdeiros de Joam Francisco e Dioguo de Teues e Antam Martinz tratamtes que o ano pasado de bº xxix comprarõ hos açuqueres del Rey noso senhor desta Ilha da Madeira conheçerõ e confesarom receber e ter recebido de Ruy Memdez Tacam recebedor del Rey noso

senhor o dito ano os açuqueres seguintes: s. trezemtas arrobas de açuquere branco a preço de seis centos reaes arroba como foi a venda do dito anno em que momta cento oytenta mill reaes e dozentas arrobas de açuquar de melles a preço de quinhemtos reaes arroba em que momta çem mill reaes e sesemta arrobas daçuquar mazcabado a preço de quatro centos cinquoenta reaes arroba em que momta vymte sete mill reaes. E cemto sete arrobas meia descumas a preço de quatro cemtos reaes arroba em que momta quaremta tres mill reaes que todo o dito dinheiro fez soma de trezentos cinquoenta mill reaes e em arrobas bj^{c} lxbij arrobas e meia os quaes açuquares sam de quimtos e dizimos forros de redizima do dito anno pasado e desta parte do Funchall allem doutras certidões que ja tem pasado da mais comtia dos ditos açuquares do dito anno e porquanto os ditos procuradores dos tratamtes confesaram ter recebido os ditos açuquares o dito anno do dito Ruy Mendez recebedor em que se momtou os ditos iij^{c}l reaes como dito he lhe mandarom ser feito este conhecimemto de certidão pera per ele os ditos tratamtes fazerem o pagamento de dozemtos mill reaes somente a Fernam daluarez thesoureiro do dito senhor a que sua alteza pello dito comtrato o manda emtregar por quamto dos outros cimquoenta mill reaes confesou o dito Ruy Memdez que tinha ja recebido dos ditos tratamtes por os mandar dar aos filhos do capitão desta Ilha e por certidam dello lhe mandaram dar este conhecimento e outros deste teor pera que auemdo hũu efeito e fazemdose per elle o pagamento dos ditos dozentos mill reaes de reste o outro nom valha feito no Funchall per mim Francisco Vieira esprivam dos contos e asinado per todos aos xx dias do mes de julho de mill b^{c} xxx anos. E os açuquares de melles mazcabados escumas foram avalliados ao dito preço pello prouedor almoxarife officiaes todos homẽs ajuramentados em que has partes se louuarom auemdo respeito e aualiamdo os ao respeito de bj^{c} reaes arroba como foi a venda do açuquar branco segundo forma do comtrato.

«Dizemos nos os procuradores dos herdeiros de Joham Francisquo e Antonio Martinz e Dioguo de Teues que pagueis por esta certidam duzentos mill reaes dizemos ij^{c} reaes por quanto os cemto e cinquoenta mill reaes ja sam pagos ao almoxarife por noso mandado. Feito vt supra. — *Francisco Vieira* — *Joham Gonçalvez* — *Capelano de Capelani*».

«Sejam certos quamtos este estormento de certidam virem como he verdade que Capellam de Capellani e Joham Gonçalvez como procuradores dos herdeiros de Joham Francisco de Lafetate e seus parceiros tratamtes que ho ano pasado de mill b^{c} xxix comprarom os açuquares del Rey noso senhor desta Ilha da Madeira conhecerom e confesarom receber e ter recebido de Ruy Mendez Tacam recebedor do dito senhor nesta capitania do Funchall os açuquares seguintes: s. cinquo mill seis centas vymte cimquo arrobas quinze arrates daçuquar branco a preço de seis centos reaes arroba como lhe foj vendido em que monta tres comtos trezentos setenta cinquo mill dozentos oytenta hũu reaes. E mill sete centas vynte oyto arrobas biij^{o} arrateis e meio daçuquar de melles a preço de quinhentos reaes arroba em que monta oyto centos sesenta quatro mill cento trimta tres reaes e meio. E mill cinquoemta quatro arrobas bij arrateis e meio daçuquar mazcabado a quatro cemtos cinquoenta reaes arroba em que monta quatro centos setenta quatro mill quatro centos cinquo reaes. E mill nouecentas doze arrobas xij arrateis e meio descumas a quatro centos reaes arroba em que monta sete cemtos sesenta quatro mill nouecentos cinquoenta seis reaes. E trezentas nouenta quatro arrobas xxbij arrateis de rescumas a preço de dozentos

cinquoenta reaes arroba em que monta nouenta e quatro mill sete centos dous reaes e meio. E cento dezoyto arrobas xbj arrateis e meio de melles mazcabado a preço de quatro centos reaes arroba em que monta quarenta e sete mill quatro centos seis reaes e meio que todas has ditas arrobas fazem soma em arrobas dez mill oito centas trinta tres arrobas xxij arrateis e em dinheiro cinquo comtos seis centos vymte quatro mill oyto centos oytenta quatro reaes os quaes açuquares sam de quimtos e dizimas que rendem des começo do ano ate fim delle e forros de redizima e os açuquares de melles escumas rescumas mazcabados foram avalliados ao dito preço pello prouedor allmoxarife e oficiaes com dous homens ajuramentados em que has partes se louuarem auendo respeito ambos ao respeito de seis centos reaes arroba de açuquar branco como foy vendido segundo forma do comtrato e por que he verdade que receberom os ditos açuquares em que se montou o dito dinheiro lhe mandarō ser feito este conhecimento de certidam pera per elle os ditos tratamtes fazerem o pagamento do dito dinheiro a Fernão daluarez thesoureiro do dito senhor a quem pello dito comtrato o mandou entregar feito no Funchall per mim Francisco Vieira espriuam dos contos e asynado per todos tres aos xij dias do mes de março de mill b^{c} xxx anos. E deram outros deste teor pera que auemdo hũu efeito e fazendose per elle pagamento o outro nō valha. — *Joam Gonçalvez — Capelano de Capelanis — Francisco Vieira*».

«Eu el Rey ffaço saber a vos contadores de minha casa que no Liuro da Receita de fernam dalluarez meu thesoureiro moor aas cxxbiij^{o} ffolhas delle estam dous asentos de que o theor tall he:

«Item em bij de mayo de b^{c} xxix recebeo fernam dalluarez dos herdeiros de Joham Francisco de llafeitad dez mill cruzados em começo de pago do dinheiro que lhe ham dentregar do comtrato dos açuquares da Ilha da Madeira deste ano presente de quinhentos e vinte noue que o dito Joham Francisco tinha comprados a el Rey noso senhor e ouue conhecimento.

«Item em Lixboa a xiij^{o} dias do mes de dezembro de b^{c} xxix recebeo fernam dalluarez dos herdeiros de Joham Francisco de llafeytad dez mill cruzados do dinheiro que lhe hão dentregar do contrato dos açuquares da Ilha da Madeira deste ano presente de b^{c} xxix que o dito Joham Francisco tinha comprados de que ouve conhecimento.

«Nos quaes asemtos foram postas verbas pollo contador Vasquo Lourenço, de como se auião de leuar em conta a Ruy Mendes Tacão e a Bastião Carualho recebedores dos açuquares na Ilha da Madeira em suas contas sete contos sete centos trimta e cinquo mil quinhentos trinta e cinquo reaes que se montou nos açuquares de toda sorte que per elles foram entregues na dita Ilha da Madeira aos feitores do dito Joham Francisco do contrato de compra que em minha fazemda delles fez o ano de vinte noue. ss. b contos biij^{c} xxiiij^{o} biij^{c} lxxxiiij^{o} reaes que se montou nos açuquares de toda sorte que o dito Ruy Mendez recebedor na dita Ilha na capitania do ffunchall lhe entregou como se vyo per duas certidões que de lla enuiou hũa de b contos bj^{c} xxiiij biij^{c} lxxxiiij^{o} reaes feita a xij de mayo de b^{c} e trimta e a outra de ij^{c} reaes feyta a xx.^{to} de julho da dita era, por que de cento e cinquoenta mill reaes que na dita certidão mais vyerão pera conprimento dos trezentos e cinquoenta mill reaes que valerão os mais açuquares de sortes que foram emtreges aos ditos feytores se nã ha de dar despacho allgũu ao dito Ruy Mendez recebedor pollos elle ter recebidos em dinheiro laa na Ilha dos ditos feytores

pera pagamento dos filhos do capitão e lhe seram carregados em recepta. E os j conto ix^c bj^c lj reaes que se montou nos açuquares de toda sorte que o dito Bastião Carvalho recebedor na Jurdiçam de Machiquo aos ditos feytores emtregou asy mesmo na dita Ilha como pareçeo per outra certidam que de lla veyo, segumdo todo esto mais ynteiramente era decrarado em hũa certidam em forma do dito contador Vasco Lourenço que foy rota ao asinar deste pello qual vos mando que leueis em conta e despesa ao dito Ruy Mendez recebedor do funchal os cinquo contos oytocentos vinte quatro mil oytocentos oytenta e quatro reaes que se montaram nos açuquares de toda sorte que elle entregou aos ditos feytores como açima decrarado, por que dos hum conto nouecentos e dez mill seis centos cinquoenta e hum reaes que montam nos açuquares que emtregou Bastião Carvalho recebedor de Machiquo lhe foy dado outro mandado pera lhe serem leuados em despesa. Os quaes b contos biij^c xxiiij^o biij^c lxxxiiij^o reaes lhe asy leuareis em conta; sendolhe carregados em receita. Manuel da Costa o fez em Lisboa a xix dias de outubro de ĩb^c xxxij. — Rey· : · — *O Conde*».

«Que leuem em conta a Ruy Mendez Tacõo recebedor dos açuquares na Jurdiçam do Funchal b contos biij^c xxxiij biij^c lxxxiiij^o reaes que montaram nos açuquares de toda sorte que elle emtregou aos feytores dos herdeiros de Joam Francisquo pelo contrato da compra que delles fez o ano de xxix de que o dinheiro foy entregue... segundo se vyo per certidam em forma do contador Vasco Lourenço que foy rota» (1).

(Continúa). SOUSA VITERBO.

---

(1) Torre do Tombo, gaveta 15, maço 21, n.º 8.

CAMÕES E A INFANTA D. MARIA

(Cont. do n.º 5, pag. 272)

Resolvido o enamorado poeta a fazer-se intender da infanta, não tardaria muito, podemos suppô-lo, que esta lhe não percebesse os intuitos.

E sem querer dizer que o meio empregado por Camões fosse uma declaração escripta, o que é certo é que mais de uma das suas poesias se póde considerar como para isso destinada. Lêam-se, por exemplo, estas oitavas (epistola IV):

I

Senhora, se encobrir por alguma arte
Pudera esta occasião de meu tormento,
Não crêas que chegára a declarar-te
Este meu perigoso pensamento.
Mas, por mais que te offenda, não sou parte
No crime de tamanho atrevimento.
Elle é de Amor, e delle fui forçado
A que te declarasse o meu cuidado.

II

Se merece castigo a confiança
Com que descubro agora o que padeço,
Aqui prompto me tens: toma a vingança,
Que, por tão grave culpa, te mereço.
Bem me pódes negar toda esperança,
Mas eu não desistir deste começo,
Porque tempo e fortuna não são parte
Para deixar uma hora só de amar-te.

III

Já que ver-te os meus olhos alcançaram,
Descansem neste bem com alegria,
Pois já, com ver os teus, tanto ganharam,
Quanto, estando sem vê-los, se perdia.

Que gloria querem mais, se a ver chegaram
Aquella pura luz, que vence o dia?
Qual mór bem ha no mundo que querer-te,
Se não ha que ver, despois de ver-te?

IV

Minhas dores mortaes, bella senhora,
Tiraram a virtude ao soffrimento,
E, fazendo-se mais em qualquer hora,
Levando vão trás ti meu pensamento.
Porém soberbos vejo desde agora,
Por a causa gentil de seu tormento,
Minha alma, meu desejo, meu sentido,
Porque á tua belleza se hão rendido.

V

A par de tua rara formosura
Se desconhece o mór merecimento;
A tua claridade torna escura
Do sol a clara luz em um momento.
Se Zeuxis, ao formar bella figura,
A vista em ti pudera pôr attento,
Mais alto original houvera achado,
Para admirar o mundo co traslado.

VI

Aquelles que escreveram mil louvores
De formosura, graça e gentileza,
Todos foram, senhora, uns borradores
De tua perfeitissima belleza.
Agora se vê claro em teus primores
Que em ti se esmerou mais a natureza.
E que eram os seus cantos prophecias
Do que havias de ser em nossos dias.

VII

Vê, pois, se vinha a ser culpavel falta
Em mi o não render-te amante a vida,
E se deixar de amar gloria tão alta
Era digno da pena mais crescida.
Emfim, eu te amarei, que Amor me exalta
Co castigo de culpa assi atrevida.
E, quando della caia, maior gloria
Terá o Tejo, que o Pó, com sua historia.

Ás vezes, Camões pede á infanta corresponda ao seu amor,

lembrando-lhe até a brevidade da vida:

Formosos olhos, que cuidado dais
À mesma luz do sol, mais clara e pura,
Que sua esclarecida formosura,
Com tanta gloria vossa, atrás deixais:
Se, por serdes tão bellos, desprezais
A fineza de amor que vos procura,
Pois tanto vedes, vede que não dura
O vosso resplandor, quanto cuidais.
Colhei, colhei, do tempo fugitivo
E de vossa belleza o doce fruto,
Que em vão fóra de tempo é desejado.
E a mi, que por vós morro e por vós vivo,
Fazei pagar a Amor o seu tributo,
Contente de por vós lho haver pagado.
(Soneto 269).

Outras vezes limita-se a confessar-lhe que a ama:

Mote (alheio)

Vos teneis mi corazon.

Glosa

Mi corazon me han robado
Y Amor, viendo mis enojos,
Me dijo: Fuéte llevado
Por los mas hermosos ojos
Que, desque vivo, he mirado.

Gracias sobrenaturales
Te lo tienen en prision.
Y, si Amor tiene razon,
Señora, por las señales,
Vos teneis mi corazon.

Até que, emfim, o arrojado poeta, sempre disposto a

Dar ás cousas que via outro sentido,

suppôs que a infanta correspondia ao seu amor.

Foi assim que elle interpretou as lagrimas que em uma occasião lhe viu deslisar pelas lindas faces:

Amor, que o gesto humano na alma escreve,
Vivas faiscas me mostrou um dia,
Donde um puro crystal se derretia
Por entre vivas rosas e alva neve.

A vista, que em si mesma não se atreve,
Por se certificar do que ali via,
Foi convertida em fonte, que fazia
A dor ao soffrimento doce e leve.
Jura Amor que brandura de vontade
Causa o primeiro effeito. O pensamento
Endoidece, se cuida que é verdade.
Olhai como Amor gera, em um momento,
De lagrimas de honesta piedade
Lagrimas de immortal contentamento.
(Soneto 8).

Foi tambem essa a impressão que lhe deixou o *aspecto* da formosa senhora, em uma noite de luar:

Diana prateada, esclarecida
Com a luz que do claro Phebo ardente,
Por ser de natureza transparente,
Em si, como em espelho, reluzia,
Cem mil milhões de graças lhe (?) influia,
Quando me appareceo o excellente
Raio de vosso aspecto, differente
Em graça e amor do que soía.
Eu, vendo-me tão cheio de favores,
E tão propinquo a ser de todo vosso,
Louvei a hora clara e a noite escura,
Pois nella déstes côr a meus amores;
Donde collijo claro que não posso
De dia para vós já ter ventura (1).
(Soneto 280).

---

(1) Loucamente apaixonado pela infanta, comprehende-se com que calor, com que enthusiasmo, Camões recitaria, na presença della, algumas das suas poesias, sobretudo as que envolviam segunda intenção. Era natural que uma ou outra vez fizesse commover até ás lagrimas a intelligente e amavel senhora, ou a levasse a manifestar-lhe directamente quanto o apreciava. Natural era tambem que elle, na disposição de espirito em que se achava, *désse ás cousas que via outro sentido.*

Eis mais uma dessas poesias, escriptas com segundo intuito:

Mote

Irme quiero, madre,
A aquella galera,
Con el marinero
A ser marinera.

Voltas

Madre, si me fuere,
Do quiera que vó,
No lo quiero yo,
Que el Amor lo quiere.

Veja-se como o illudido poeta manifestava agora o seu

Aquel niño fiero
Hace que me mueva,
Por un marinero,
A ser marinera.

El que todo puede,
Madre, no podrá,
Pues el alma vá,
Que el cuerpo se quede.

Con el por que muero
Voy, porque no muera;
Que, si es marinero,
Seré marinera.

Es tirana ley
Del niño señor
Que, por un amor,
Se deseche un rey.

Pues desta manera
Quiero irme, quiero,
Por un marinero
Á ser marinera.

Decid, ondas, cuando
Vistes vos doncella,
Siendo tierna y bella,
Andar navegando?

Mas qué no se espera
Daquel niño fiero?
Vea yo quien quiero,
Sea marinera!

A joven destas redondilhas abandonava a mãe, para se aventurar, por amor, a uma vida cheia de riscos; a bella infanta tinha visto fugir-lhe a occasião de ir para junto da mãe querida e ahi casar com o herdeiro do throno de França. E não muito antes (1545) tinha morrido o que estivera para ser o seu segundo noivo francês, o duque de Orléans.

Emquanto á intenção reservada do poeta, basta ler o que *Duriano* diz ácerca de *Filodemo,* no acto v, scena iv, do respectivo auto: «Esse galante, em satisfação de muitas mercês que elrei de Dinamarca lhe fizera, metteu-se de amores com uma sua filha, a mais moça; e como era bom justador, manso, discreto, galante, partes que a qualquer mulher abalam, desejou ella de ver geração delle. Senão quando, livre-nos Deus! se lhe começou de encurtar o vestido; e, porque estes sirgos não se desistem em nove dias, senão em nove meses, foi-lhe a elle então necessario acolher-se com ella... Acolheu-se em uma galé; e vede la princeza em uma galera nueva, con el marinero á ser marinera».

enthusiasmo, por julgar bem succedido o atrevimento de pensar na infanta:

Onde mereci eu tal pensamento,
Nunca de ser humano merecido?
Onde mereci eu ficar vencido
De quem tanto me honrou co vencimento?
Em gloria se converte o meu tormento,
Quando vendo-me estou tão bem perdido,
Pois não foi tanto mal ser atrevido,
Como foi gloria o mesmo atrevimento.
Vivo, senhora, só de contemplar-vos;
E, pois esta alma tenho tão rendida,
Em lagrimas desfeito acabarei.
Porque não me farão deixar de amar-vos
Receios de perder por vós a vida,
Que por vós vezes mil a perderei.

(Soneto 202).

Eis o que então affirmava do amor, quem depois tanto delle se havia de queixar:

Quem diz que Amor é falso ou enganoso,
Ligeiro, ingrato, vão, desconhecido,
Sem falta lhe terá bem merecido
Que lhe seja cruel ou rigoroso.
Amor é brando, é doce e é piedoso.
Quem o contrario diz, não seja crido;
Seja por cego e apaixonado tido
E aos homens e inda aos deoses odioso.
Se males faz Amor, em mi se vêm;
Em mi mostrando todo o seu rigor,
Ao mundo quis mostrar quanto podia.
Mas todas suas iras são de Amor;
Todos estes seus males são um bem,
Que eu por todo outro bem não trocaria.

(Soneto 205).

O equivoco em que estava o poeta augmentou-lhe, por certo, a audacia, e a infanta comprehendeu emfim do que se tratava.

Adoptando então uma norma de proceder, que estava em perfeita harmonia com o que sabemos do seu caracter, a sisuda filha do *Rei Venturoso* deu claramente a intender ao audacioso poeta que lhe não acceitava a côrte.

Ouçamos o interessado, dando-nos conta da nova phase em que entravam os seus amores:

Mote

Olhos, não vos mereci
Que tenhais tal condição:
Tão liberais para o chão,
Tão irosos para mi!

Volta

Baixos e honestos andais,
Por vos negardes a quem
Não quer mais que aquelle bem,
Que vós no chão espalhais?

Se pouco vos mereci,
Não me estimeis mais que o chão,
A quem vós o galardão
Dais, e mo negais a mi.

Agora já o poeta se não queixa do olhar indifferente da infanta, como tanta vezes o havia feito:

Mote

Ojos, herido me habeis;
Acabad ya de matarme!
Mas, muerto, volved á mirarme,
Porque me resusciteis.

Voltas

Pues me distes tal herida,
Con gana de darme muerte,
El morir me es dulce suerte,
Pues con morir me dais vida.

Ojos, qué os deteneis?
Acabad ya de matarme!
Mas, muerto, volved á mirarme,
Porque me resusciteis.

La llaga cierto ya es mia,
Aun que, ojos, vós no querrais.
Mas, si la muerte me dais,
El morir me es alegria.

Y assi digo que acabeis,
Ó ojos, ya de matarme.
Mas, muerto, volved á mirarme,
Porque me resusciteis.
(Redondilhas).

Nunca manhã suave,
Estendendo seus raios por o mundo,
Despois de noite grave,
Tempestuosa, negra, em mar profundo,
Alegrou tanto nau, que já no fundo
Se vio, em mares grossos,
Como a luz clara a mi dos olhos vossos.

Aquella formosura,
Que só no virar delles resplandece,
E com que a sombra escura
Clara se faz e o campo reverdece,
Quando o meu pensamento se entristece,
Ella e sua viveza
Me desfazem a nuvem da tristeza.

O meu peito, onde estais,
É para tanto bem pequeno vaso.
Quando acaso virais
Os olhos, que de mi não fazem caso,
Todo, gentil senhora, então me abraso,
Na luz que me consume,
Bem como a borboleta faz no lume.

Se mil almas tivera,
Que a tão formosos olhos entregara,
Todas quantas pudera,
Por as pestanas delles pendurara;
E, enlevadas na vista pura e clara,
Postoque disso indinas,
Se andaram sempre vendo nas meninas.

E vós, que descuidada
Agora vivereis de taes querellas,
De almas minhas cercada,
Não pudesseis tirar os olhos dellas,
Não póde ser que, vendo a vossa entre ellas,
A dor, que lhe mostrassem
Tantas, uma só alma não abrandassem.

Mas, pois o peito ardente
Uma só póde ter, formosa dama,
Basta que esta sómente,
Como se fossem mil e mil, vos ama,
Para que a dor da sua ardente flamma
Comvosco tanto possa,
Que não queirais ver cinza uma alma vossa.
(Ode 5.ª).

Formosos olhos, que, na idade nossa,
Mostrais do ceo certissimos sinais,
Se quereis conhecer quanto possais,
Olhai-me a mim, que sou feitura vossa.
Vereis que do viver me desapossa
Aquelle riso com que a vida dais;
Vereis como de Amor não quero mais,
Por mais que o tempo corra, o dano possa.
E se ver-vos nesta alma emfim quiserdes,
Como em um claro espelho, alli vereis
Tambem a vossa, angelica e serena.
Mas eu cuido que, só por me não verdes,
Ver-vos em mim, senhora, não quereis.
Tanto gosto levais de minha pena!
(Soneto 38).

O que agora o tortura, mas ao mesmo tempo lhe dá vida, é o *aspero desprezo* com que a infanta *olha para elle,* se *por acêrto o vê,* é a *crueza* com que por ella é tratado:

Vossos olhos, senhora, que competem
Com o sol em belleza e claridade,
Enchem os meus de tal suavidade,
Que em lagrimas, de vê-los, se derretem.
Meus sentidos, prostrados, se submettem
Assi, cegos, a tanta majestade
E da triste prisão da escuridade,
Cheios de medo, por fugir, remettem.
Porém, se então me vedes, por acêrto,
Esse aspero desprezo, com que olhais,
Me torna a animar a alma enfraquecida.
Oh gentil cura! Oh estranho desconcerto!
Que dareis c'um favor que vós não dais,
Quando com um desprezo me dais vida?
(Soneto 65).

Esses cabellos louros e escolhidos,
Que o ser ao aureo sol estão tirando,
Esse ar immenso, adonde naufragando
Estão continuamente os meus sentidos;
Esses furtados olhos, tão fingidos,
Que minha vida e morte estão causando,
Essa divina graça, que, em fallando,
Finge os meus pensamentos não ser cridos;
Esse compasso certo, essa medida,
Que faz dobrar no corpo a gentileza;
A divindade em terra, tão subida:
Mostrem já piedade e não crueza,
Que são laços que Amor tece na vida,
Sendo em mi soffrimento, em vós dureza.
(Soneto 104).

Ás vezes, a infanta, suppondo que o poeta já teria desistido da sua louca pretenção, e não querendo, por certo, que se re

parasse na maneira como o tratava, olhava-o *com vista mais suave*. Era o bastante para elle ficar doido de contente!

Se, algum'hora, essa vista mais suave
Acaso a mi volveis, em um momento
Me sinto com um tal contentamento,
Que não temo que dano algum me aggrave.
Mas quando, com desdem esquivo e grave,
O bello rosto me mostrais isento,
Uma dor provo tal, um tal tormento,
Que muito vem a ser que não me acabe.
Assi está minha vida ou minha morte
No volver desses olhos, pois podeis
Dar c'uma volta delles morte ou vida.
Ditoso eu, se o ceu quer, ou minha sorte,
Que ou vida, para dar-vo-la, me deis,
Ou morte, para haver morte querida!
(Soneto 156).

Por fim a situação tornou-se irreductivel:

Em não ver-me ella só sempre está firme,
Mas eu firme estarei no que emprendi!

exclama o resoluto poeta:

....
Tudo... faz mudança,
Quanto o claro sol vê, quanto allumia;
Não se acha segurança
Em tudo quanto alegra o bello dia;
Mudam-se as condições, muda-se a idade,
A bonança, os estados e a vontade.

Somente a minha imiga
A dura condição nunca mudou,
Para que o mundo diga
Que nella lei tão certa se quebrou.
Em não ver-me ella só sempre está firme,
Ou por fugir de Amor, ou por fugir-me.

Mas já soffrivel fôra
Que em matar-me ella só mostre firmeza,
Se não achára agora
Tambem em mi mudada a natureza,
Pois sempre o coração tenho turbado,
Sempre de escuras nuvens rodeado.

Sempre exprimento os frios
Que em contino receio Amor me manda;
Sempre os dous caudais rios,
Que em meus olhos abrio quem nos seus anda,
Correm, sem chegar nunca o verão brando,
Que tamanha aspereza vá mudando.

O sol sereno e puro,
Que no formoso rosto resplandece,
Envolto em manto escuro
Do triste esquecimento, não parece,
Deixando em triste noite a triste vida,
Que nunca de luz nova é soccorrida.

Porém seja o que for:
Mude-se por meu dano a natureza;
Perca a inconstancia Amor;
A fortuna inconstante ache firmeza;
Tudo mudavel seja contra mi:
Mas eu firme estarei no que emprendi!

(Ode 12).

A infanta resolveu então fazer saber ao tresloucado mancebo que não queria tornar mais a vê-lo (1).

Eis como elle encara a sua nova situação:

Dai-me uma lei, senhora, de querer-vos,
Porque a guarde, sob pena de enojar-vos;
Pois a fé que me obriga a tanto amar-vos
Fará que fique em lei de obedecer-vos.
Tudo me defendei, senão só ver-vos
E dentro na minha alma contemplar-vos,
Que, se assi não chegar a contentar-vos,
Ao menos nunca chegue a aborrecer-vos.
E se essa condição, cruel e esquiva,
Que me deis lei de vida não consente,
Dai-ma, senhora, já, seja de morte.
Se nem essa me dais, é bem que viva,
Sem saber como vivo, tristemente;
Mas contente estarei com minha sorte.

(Soneto 68).

---

(1) É natural que desta delicada missão fosse encarregado D. Francisco de Noronha. Camões, como se infere do soneto 68, ter-lhe-ia respondido que cumpriria as ordens da infanta e que se limitaria a *vê-la*, a *contemplá-la dentro da sua alma*. Como o apaixonado poeta, se fallava com sinceridade, se achava illudido! E como não devia ficar desgostoso, se não irritado, o illustre fidalgo, com o procedimento do seu protegido! É este mesmo que o declara:

A piedade humana me faltava,
A gente amiga já contraria via,
No perigo primeiro.

(Canção 11, 181-183).

Senhora minha, se, de pura inveja,
Amor me tolhe a vista delicada,
A côr, de rosa e neve semeada,
E dos olhos a luz, que o sol deseja,
Não me póde tolher que vos não veja
Nesta alma, que elle mesmo vos tem dada,
Onde vos terei sempre debuxada,
Por mais cruel imigo que me seja.
Nella vos vejo, e vejo que não nace
Em bello e fresco prado deleitoso
Senão flor que dá cheiro a toda a serra (1).
Os lirios tendes numa e noutra face;
Ditoso quem vos vir, mas mais ditoso
Quem os tiver, se ha tanto bem na terra.
(Soneto 303).

(Continúa). DR. JOSÉ MARIA RODRIGUES.

---

(1) Parece-me que soffreu alteração o texto deste verso. Seja-me permittido propôr esta correcção:

Igual flor, que *dê* cheiro a toda a serra.

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

O INSTITUTO

REVISTA SCIENTIFICA E LITTERARIA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — Rua do Infante D. Augusto, 44 — COIMBRA.

Propriedade e edição da Sociedade scientifica — O INSTITUTO de Coimbra

DIRECTOR
DR. BERNARDINO MACHADO
Presidente do INSTITUTO

Composto e impresso na IMPRENSA DA UNIVERSIDADE.

SCIÊNCIAS MORAES E SOCIAES

NOMENCLATURA GEOGRÁPHICA

Subsídios para a restauração da toponýmia em língua portuguêsa

(Cont. do n.º 6, pag. 285)

R

Rabat. Vid. *Rebate.*

Ragusa, cidade austríaca, na Dalmácia.

Raia (*cabo de*), na costa meridional da ilha da Terra Nova. (*Arte,* 215). Os livros estranjeiros dizem *Raye, Raie* e *Ray.*

Range, palavra inglêsa que entra na composição de nomes geográphicos. Tem a significação de *cadeia de montanhas: Cascade Range* (*montanhas das Cascatas*), nos Estados Unidos e no Canadá.

Ras, palavra árabe que tem a significação de *cabo* e entra na composição de nomes geográphicos: *Ras Fartaq,* o *cabo de Fartaque,* na costa da Arábia.

Ras el Hadd. Vid. *Rosalgate.*

Raso (*cabo*), na costa oriental da Terra Nova. (*Arte,* 215). Os livros estranjeiros dizem *Race.*

Ratisbonna, cidade da Baviera, banhada pelo Danúbio.

Rebate, cidade na costa occidental de Marrocos. *Rebate,* diz o sr. David Lopes, tem a mesma significação que *Arrá-*

bida. «Os rebates eram originariamente quarteis fortificados que se construíam nas fronteiras do império. Além das tropas que os guardavam, havia gente piedosa que ahi ia fazer o serviço militar, para obter os méritos que derivam de fazer a guerra santa aos infieis: a prática da devoção tomava-lhes quasi todo o tempo, e pouco a pouco os costumes e hábitos do convento substituíam os do quartel». (Dozy, *Suppl. aux dict. arabes*). (*Topon.*, 22).

Régio, cidade de Itália.

Respude. Vid. *Pude.*

Rhódano (e não *Rhône,* nem *Rhono*), rio que banha a Suiça e a França.

Rhódope, montanha da península dos Balcans.

Rife, região septentrional de Marrocos, vizinha do Mediterráneo. Os habitantes chamam-se *rifenhos.* Tambem se deu o nome de *Rife* ou *Arrife* a uma região situada ao longo do Nilo até Alexandria, e a essa chamou D. João de Castro *Riffa.* (*Rot.*, 187; *Topon.*, 23).

Riú-Kiú. Vid. *Léquias.*

Rochella, cidade francêsa, porto de mar.

Romanha, província de Itália.

* **Roménia,** nação da Europa.

Rosalgate (*cabo de*), na costa da Arábia. *Rosalgate* é a forma mais vulgar, mas escreveu-se tambem *Roçalgate.* Na composição d'este nome entra a palavra *ras,* que em árabe significa o mesmo que *cabo.* Nos mappas modernos lê-se *Ras el Hadd.*

* **Ruão,** cidade de França. Em francês, *Rouen.*

S

Sacalina (*ilha*), próxima da costa oriental da Sibéria.

Sadoxima (*ilha de*), no archipélago do Japão, a W. de Nipon. Cf. *Ximo.*

Sáhara. Vid. *Çáhara.*

Sália, rio de Alemanha, affluente do Mosella.

Salisbúria, cidade de Inglaterra, mais conhecida pelo nome inglês de *Salisbury.*

Samarão, cidade e porto na costa septentrional da ilha de Java. Nos mappas estranjeiros, *Semarang.*

Samarcanda, cidade do Turquestão russo.

Sanchoão ou **Sanchão,** ilha no mar da China meridional, a WSW. de Macau. Em livros estranjeiros apparece com

os nomes de *Chang-tschouen* ou *Schang-tschuan*. (*Or. conq.*, I, 614 e seg.; Lucena, 890 e seg.). Alguns lhe chamaram errradamente *ilha de S. João*.

Sancim, província da China, a N. da de Honão. (D. III, l. II, cap. VII). Em livros estranjeiros, *Schan-si*.

Sangatão (*ponta de*), na costa occidental de África, a N. do cabo de Lopo Gonçalves. Tambem é nome de uma povoação vizinha. Em livros estranjeiros, *Sangatanga*.

Sanguim, ilha a E. do mar de Celebes. Em livros estranjeiros, *Sangi*. O mesmo nome se dá collectivamente ás ilhas vizinhas.

Santa Bárbara (*ilha de*), entre as ilhas de Çamatra e de Borneo.

Santa Cruz (*ilha de*), na América, a SE. da ilha de Porto Rico.

Santa Luzia (*ilha de*), uma das pequenas Antilhas, no grupo de barlavento.

Santo Eustáquio (*ilha de*), uma das pequenas Antilhas, a NW. da ilha de S. Christovam.

Sant'Iago de Cuba, cidade, porto de mar, na ilha de Cuba.

Santo Ildefonso (*cabo de*). Vid. *Horne*.

Santomer, cidade de França. Em francês, *Saint-Omer*.

Santos (*ilhas dos*), nas pequenas Antilhas. Os francêses dizem *Iles des Saintes* (*ilhas das Santas*).

São Bartholomeu (*ilha de*), uma das pequenas Antilhas, a N. da ilha de S. Christovam.

São Christovam (*ilha de*), uma das pequenas Antilhas, a NW. da ilha de Guadalupe.

São Gallo, cidade da Suiça.

São João Baptista de Ajudá, forte português na costa de Benim (África occidental). Os inglêses chamam-lhe *Whydah* e os francêses *Ouida*.

São Jorge da Mina, feitoria inglêsa da costa da Mina, no golfo de Guiné, onde os portuguêses fundaram em 1482 um castello e em volta d'elle uma povoação. Em livros estranjeiros lê-se *Elmina,* corruptela de S. Jorge da Mina.

São Maló, porto de mar francês, no golfo do mesmo nome.

São Marinho (*cidade* e *república de*), na Itália. Em italiano, *S. Marino*.

São Martinho (*ilha de*), uma das pequenas Antilhas, a S. da ilha Anguilla.

Saona. Vid. *Sona*.

São Quintino, cidade de França, banhada pelo rio Somma.

São Remígio, cidade de França, na Provença. Em francês, *Saint-Remy*. Tambem se disse *S. Remo.*

São Thomás (*ilha de*), uma das ilhas Virgens, nas pequenas Antilhas, grupo de barlavento. Chamaram-lhe tambem *Virgem Gorda.*

São Vicente (*ilha de*), uma das pequenas Antilhas, no grupo de barlavento.

Saragão (*ilha de*), uma das Philippinas, a S. da ilha de Mindanau. Em mappas estranjeiros, *Sarangani.* (D. V, l. VIII, cap. X).

Sarburgo, cidade da Prússia Rhenana. Em alemão, *Saarbrücken.*

Savo, rio da Áustria-Hungria, affluente da margem direita do Danúbio. Latim, *Savus;* alemão, *Sau* ou *Save;* eslavo, *Sava;* magyar, *Szava.*

Saxe. Vid. *Saxónia.*

Saxónia, reino do império de Alemanha. Em alemão, *Sachsen;* em francês, *Saxe;* em latim, *Saxonia.* Sempre em português se chamou *Saxónia* a este reino; mas introduziu-se o uso de dizer *Saxe,* quando o nome entra em composição com outro: *Saxe-Weimar, Saxe-Coburgo-Gotha, Saxe-Meiningen, Saxe-Altemburgo,* etc. Nada mais absurdo. Além de que a palavra é a mesma, quando simples e quando componente, accresce que *Saxe* é forma francêsa e portanto de modo nenhum admissivel para designar em português terras alemãs. Deve-se dizer *Saxónia-Veimar, Saxónia-Coburgo-Gotha, Saxónia-Meiningen* (ou *– Meininga*), *Saxónia-Altemburgo,* etc. D'antes eram estas as formas correntes em português, como se vê em Sousa, *Hist. Gen.,* II, 208 e seg.

Schen-si. Vid. *Xiamxim.*

Scilly, um dos nomes por que em livros estranjeiros se designam as ilhas *Sorlingas.*

Seeland. Vid. *Zelándia.*

Semarang. Vid. *Samarão.*

Sendai, cidade do Japão, na ilha de Nipon.

Senegámbia (*costa da*), parte da costa occidental de África comprehendida entre os cabos Branco e Verde.

Serra Leôa, nome de uma região africana designada em livros estranjeiros por *Sierra Leone.* Chama-se *costa da Serra Leôa* a que está comprehendida entre os cabos de Sagres e do Monte.

Se-Tchouen. Vid. *Sujuão.*

Severno, rio de Inglaterra. Em inglês, *Severn.*

Sherbro. Vid. *Farulho.*

Shima. Vid. *Ximo*.

Siames, habitantes do reino de Sião. É forma invariavelmente usada pelos nossos clássicos.

Siantões (*ilhas dos*), situadas a E. da península de Malaca, e hoje designadas nos mappas por *Anambas*. A alguma ou algumas d'ellas ainda se dá em mappas estranjeiros o nome de *Siantan*.

Siau, ilha do mar de Celebes. Em livros estranjeiros, *Siauw* e *Sijau*.

Sierra Leone. Vid. *Serra Leôa* e *Ledo*.

Sikok. Vid. *Xicoco*.

Sima. Vid. *Ximo*.

Simonoseki. Vid. *Ximonoxeque*.

Sinde, nome que se deu ao rio mais conhecido por *Indo*, e á costa onde elle acaba. Alguns clássicos tambem escreveram *Cinde*. (*Or. conq.*, pref.; D. IV, l. IX, cap. VI). Em latim, *Sindēs*, *-æ*, ou *-is*.

Singapura. Vid. *Cingapura*.

Socoto, cidade, capital do sultanato do mesmo nome, no Sudão central británnico.

Solor, pequena ilha a E. da de Flores, na Oceania. Quando á ilha de Flores se chamava tambem *Solor*, dava-se a esta o nome de *Solor o velho*.

Sombreiro (*ilha do*), uma das pequenas Antilhas, a NW. da ilha Anguilla.

Somma, rio do norte de França.

Sona (melhor do que *Saona*), rio de França, affluente do Rhódano.

Sorlingas (*ilhas*), grupo a SW. da Gran Bretanha. Em alguns mappas trazem o nome de *Scilly*.

Spira. Vid. *Espira*.

Spréa ou **Espréa**, rio da Prússia que banha a cidade de Berlim.

Stettin. Vid. *Estetim*.

* **Sucre**, cidade da Bolívia a que alguem já deu o nome de *Assucar*. O nome veio-lhe de José Sucre, um dos heroes da independéncia d'aquella república.

Sudão, região da África, ao sul do deserto de *Çáhara*. *Sudão* é palavra de formação árabe e significa *terra de pretos*. O nome clássico é *Negrícia*, que é de origem latina e significa o mesmo que *Sudão*. É vulgar a forma francêsa *Soudan*. Em jornaes e livros, alguns bem conceituados, tem-se dito *Soldão*, com pretenções de forma clássica. *Soldão* é palavra vulgar nos clássicos, mas vale o mesmo que *sultão*.

* **Suiça,** nação da Europa central. É erronea a forma *Suissa.*

Sujuão ou **Sujuam,** província da China, a E. do Tibet. Em livros estranjeiros, *Se-Tchouen* ou *Se-Tchouan.* (D. II, l. II, cap. VII).

Sumba (*ilha de*), ao sul da ilha de Flores e a W. de Timor. (*Arte,* 443; Godinho, XXVII).

Sumbava (*ilha de*), no mar de Flores, entre a ilha de Flores e a de Lumbó. (*Arte,* 435, 445 e 446).

Sund (*estreito de*), entre a ilha de Zelándia e a Escandinávia. Os portuguêses chamaram-lhe *Zonte* (*Arte,* 105), imitando a pronúncia dinamarquêsa. Seria bem preferivel adoptar *Zonte* a escrever *Sund,* que todos pronunciam á portuguêsa, sem nenhuma relação com a língua original nem conformidade com as leis da nossa língua. A palavra *Sund* significa *estreito.* (Bl., in vb.º *Sunda* e Carneiro Geraldes, I, 18) escreveram *Sunda,* o que parece menos justificavel do que *Zonte.*

Surabaia, cidade da ilha de Java. Nos mappas modernos, *Sœrabaja,* á hollandêsá.

Surute. Vid. *Carimata.*

Suxima (*ilha de*), no archipélago do Japão, a NW. de Ximo ou Kiú-siú.

T

Ta ou **Tai,** palavra chinêsa que significa *grande* e entra na composição de nomes geográphicos: *Tai-não* é nome chinês da ilha Formosa.

Tabago (*ilha*), uma das pequenas Antilhas, a NE. da ilha da Trindade.

Tabarca, nome de uma povoação na costa de Tunes e de uma ilha que lhe fica próxima.

Tafilete, povoação de Marrocos, capital do antigo reino do mesmo nome.

Tanassarim ou **Tanaçarim,** rio da Indò-China, que vai desaguar á costa occidental. É tambem nome de região e de cidade na mesma península. (D. II, l. VI, cap. I; D. V, l. V, cap. IX). Tambem se disse *Tenassarim.* (D. I, l. IX, cap. I).

Tarne, rio de França, affluente da margem direita do Garonna. Em latim, *Tarnes* ou *Tarnis.*

Tartaruga (*ilha de*), uma das Antilhas, a NW. da ilha de S. Domingos. Nos mares da América existem várias ilhas com o nome de *Tartaruga,* por vezes reproduzido nos map-

pas em castelhano (*Tortuga*). Uma d'ellas pertence ás pequenas Antilhas, no grupo de sotavento.

Tau, palavra chinêsa que significa *ilha* e entra na composição de nomes geográphicos: *Tau-pim,* ilha junto á costa oriental da China.

Tavai (*porto* e *ilha de*), na costa occidental da Indò-China.

Taýgeto, antigo nome de um monte da Lacónia, região da Grécia.

Tchang-Tchéou. Vid. *Chincheu.*

Tchedouba. Vid. *Chedubé.*

Tche-Kiang. Vid. *Chequião.*

Tcheu. Vid. *Cheu.*

Tehuantepeque (*cidade, isthmo* e *golfo de*), no México. Pimentel escreveu *Tecuantepeque.* (*Arte,* 202).

Tenes (*cabo*), na costa da Argélia.

Ternate, uma das cinco ilhas a que os portuguêses deram o nome genérico *de Maluco* ou *ilhas Malucas.* Vid. *Malucas.*

Terra de Labrador ou **Terra de Côrte-Real,** região a NE. da América do Norte. Sobre a origem do nome, Cardeal Saraiva, V, 201 e Luciano Cordeiro, *De la découverte de l'Amérique.*

Terra Nova, ilha a NE. da América do Norte, defronte do golfo de S. Lourenço. Os portuguêses, que primeiro a descobriram e lhe percorreram o littoral, chamaram-lhe *terra* ou *ilha dos Bacalhaus,* em razão da pesca que alli se faz. A ilha foi descoberta em 1500 por Gaspar Côrte Real.

Tetuão, povoação do império de Marrocos. Em livros estranjeiros lê-se *Tetuan.*

Thuríngia, região da Alemanha central.

Tibet, região da Ásia.

Tidore, uma das ilhas Malucas. Vid. *Malucas.*

Tinhosa (*ilha*), no mar da China meridional, a SE. da ilha de Ainão.

Tioman. Vid. *Pulo Timão.*

Tirol (e não *Tyrol*), região da Áustria.

Tiroleses, os habitantes do Tirol.

Tobago. Vid. *Tabago.*

Tocoxima ou **Tocuxima,** cidade do Japão na ilha de Xicoco.

Tolosa, cidade de França.

Tom ou **Tum,** palavra chinêsa que entra na composição de nomes geográphicos e significa *leste* ou *nascente: Xantom,* província da China oriental.

* **Tonquim,** região a NE. da península da Indò-China. Por variante na transcripção do elemento *tom* ou *ton,* tambem se disse *Tunquim;* mas prevaleceu *Tonquim.*

Tór, porto da península do Sinai, no golfo de Suez. (D. V, l. VII, cap. VIII).

Tordesilhas, povoação espanhola na margem direita do Douro.

Tortuga. Vid. *Tartaruga.*

Town, palavra inglêsa que significa *cidade* e entra na composição de nomes geográphicos: *Capetown, cidade do Cabo.*

Tranquebar, cidade, porto de mar, no Indostão.

Transbaicália, província da Rússia asiática, a E. do lago Baical.

Travancor, região e antigo reino do Indostão, a SW., junto ao cabo Comorim. Em livros estranjeiros, *Travancore.*

Tréveris, cidade da Prússia. Em francês, *Trêves;* em alemão, *Trier.*

Trêves, nome francês da cidade alemã de Tréveris.

Treviso, cidade de Itália.

Trinquinamale, vasto porto a NE. de Ceilão.

Truxilho, nome de povoação espanhola e de cidades nas repúblicas de Honduras, da Venezuela e do Perú. Em castelhano, *Trujillo.*

Tubão, cidade a N. da ilha de Java. Nos mappas modernos, *Tœban,* forma hollandêsa.

Tubinga, cidade de Alemanha. Em alemão, *Tubingen. Tubinga* é forma tradicional em português e em castelhano. *Tubingue,* que se encontra frequentes vezes, é forma francêsa.

Turão, porto de mar na costa oriental da Indò-China. Em livros estranjeiros, *Tourane* e *Turon.*

Turenna, povoação francêsa. Teve o título de viscondado.

Turon, Tourane. Vid. *Turão.*

Tutocorim, porto de mar, a S. do Indostão.

Tyrol. Vid. *Tirol.*

U

Uad, Uadi ou **Ued,** palavra árabe que significa *rio* e entra na composição de nomes geográphicos, principalmente ao norte de África: *Uadi Ricana, Uadi Drá,* rios de Marrocos. O elemento *uad* encontra-se representado por *Guadi* ou *Guad* nos nomes de alguns rios da península: *Guadiana, Guadalquivir, Guadalaviar.* Ao passo que em Espanha prevaleceu

a forma *Guad*, em Portugal tomou o elemento árabe a forma *Ode: Odemira, Odelouca, Odiana* (= *Guadiana*), etc. Vid. *Ode*.

Uadai, região do Sudão central francês, a E. do lago Chad.

Uadelai, cidade do Sudão egýpcio, a N. do lago Alberto.

Uara, cidade do Sudão central francês.

Uei-hai-Uei, cidade, porto inglês na costa oriental da China. Os ingleses escrevem *Wei-hai-Wei*

Uganda, região da África.

Ulma, cidade do reino de Vurtemberga.

Ussuri, rio da Ásia oriental, que em parte serve de fronteira entre a Sibéria e a China.

Útica, antiga cidade da África.

V

Vacca (*ilha da*), situada perto da costa de SW. da ilha do Haiti. Tambem lhe chamaram, talvez por corrupção, *Abaque*.

Valáquia, região da península dos Balcans.

Valença, cidade espanhola na costa do Mediterráneo.

Valencienas ou **Valencenas,** cidade de França, próxima da fronteira da Bélgica. Em francês, *Valenciennes*.

Valeta, nome que em português se deu á cidade de *La Valette*, em Malta. A cidade tirou o nome do seu fundador, *La Valette*, grão-mestre da ordem de Malta.

Valhadolid, cidade de Espanha. Em castelhano, *Valladolid*.

Valladolid. Vid. *Valhadolid*.

Vandoma, cidade de França. Teve título de ducado.

Varella (*porto* e *cabo da*), na costa oriental da Indò-China.

Varennas, povoação francêsa, onde Luís XVI foi preso a 22 de junho de 1791. Ha em França outras povoações com o mesmo nome.

Venaissino, antigo condado em França. Em francês, *Venaissin*.

Véner (*lago de*), na Suécia.

Vesel, cidade de Alemanha (Prússia).

Vestphália, província da Prússia. Alguns escreveram *Vesphália*.

Vétter (*lago de*), na Suécia.

Vicéncia, cidade de Itália, capital da província do mesmo nome. (Lucena, l. I, cap. V). Em italiano, *Vicenza*.

Vicentinos, os habitantes de Vicéncia, na Itália.

Vintemilha, cidade de Itália. Em italiano, *Vintimiglia*.

Virgens (*cabo das*), á entrada oriental do estreito de Magalhães, do lado do norte.

Virgínia, um dos estados Unidos norte-americanos. Na mesma União ha outro estado com o nome de *Virgínia occidental.*

Visagapatão, cidade na costa oriental do Indostão.

Vitemberga, cidade da Prússia, na província de Saxónia.

Volínia, região da Polónia russa.

Vórmia ou **Wórmia,** cidade do império alemão. Em alemão, *Worms.*

Vurno, cidade do Socoto, no Sudão central británnico.

Vurtemberga, reino do império de Alemanha.

W

Wald, palavra alemã que significa *floresta* e entra na composição de nomes geográphicos. Aos nomes das suas montanhas costumam os alemães juntar a palavra *Wald,* porque ellas offerecem realmente o aspecto de florestas: *Schwarzwald,* a *Floresta Negra; Thuringerwald,* a *Floresta da Thuringia.*

Wei-hai-Wei. Vid. *Uei-hai-Uei.*

Westphália. Vid. *Vestphália.*

Whydah. Vid. *São João Baptista de Ajudá.*

Worms. Vid. *Vórmia.*

X

Xantom, província da China oriental. Nos mappas modernos, *Chan-Toung.*

Xerez ou **Xerez de la Frontera,** cidade de Espanha, na Andaluzia. (*Or. conq.,* I, 885).

Xianxim, província da China. Em livros estranjeiros, *Schen-Si.*

Xicoco (*ilha de*), uma das do archipélago do Japão, a SW. de Nipon. Os portuguêses tambem lhe chamaram *Tonça.* Em livros estranjeiros, *Sikok.* (Lucena, 466; *Or. conq.,* I, 478).

Ximo, palavra japonêsa que significa *ilha* e entra na composição de nomes geográphicos. Vid. *Cangoxima, Sadoxima, Ximo* (ilha de) e *Ximonoxeque.* Em livros estranjeiros apparece a palavra japonêsa trasladada por *Shima* e *Sima.*

Ximo (*ilha de*), uma das do archipélago do Japão, mais

conhecida nos mappas modernos pelo nome de *Kiú-siú*. Tambem os portuguêses lhe chamaram *Saxuma*, e por este nome se designa ainda em alguns mappas modernos uma região na parte meridional da ilha. (Lucena, 466; *Or. conq.*, I, 478; D. V, l. VIII, cap. XII).

Ximonoxeque ou **Ximonoseque**, cidade porto de mar do Japão, a SW. da ilha de Nipon. Em livros estranjeiros, *Simonoseki* ou *Shimonoseki*. Cf. *Ximo, Cangoxima* e *Sadoxima*. (Couto, D. V, l. VIII, cap. XII).

Ximoxú (*ilha*), uma das Curilhas.

Xôa, reino antigo na Ethiópia. Em livros estranjeiros, *Choa*.

Y

Yama. Vid. *Iama*.

Yokoama. Vid. *Iocohama*.

Yun-Nan. Vid. *Iunnão*.

Z

Zeila, porto inglês na costa oriental de África (golfo de Adem).

Zelándia, nome de uma província da Hollanda e de uma ilha da Dinamarca, no mar Báltico.

Zemlia ou **Zembla**, palavra russa que significa *terra* e entra na composição de nomes geográphicos: *Novaia Zemlia*, isto é, *terra nova*, grupo de duas ilhas no oceano glacial Árctico.

Zonte. Vid. *Sund*.

Zuidersé, grande golfo na costa da Hollanda.

Zungária, região da Ásia central. Em livros estranjeiros, *Dzoungarie*.

Zúngaros, os habitantes da *Zungária*.

FORTUNATO DE ALMEIDA.

SCIENCIAS PHYSICO-MATHEMATICAS

LES MATHÉMATIQUES EN PORTUGAL

(Cont. do n.º 6, pag. 297)

[U 10 *b*] — R. ELOY D'ALMEIDA — *Carta militar das principaes estradas de Portugal, 1808.*

[U 10 *b*] — * — *Carta da Costa da Goiana Portugueza e Franceza,* etc., 1808.

[U 10 *b*] — L. H. DA CUNHA D'EÇA — *Reconhecimento militar de uma parte da Provincia da Beira Baixa em que entra parte da Extremadura, 1808.*

[U 10 *b*] — * — *Carta militar de Santarem e dos seus arredores, 1808.*

[U 10 *b*] — J. BENTO DA FONSECA — *Plano topographico da Cidade de Macau, 1808.*

[U 10 *b*] — * — *Mappa da derrota do Naturalista Joaquim Joséh da Silva da Cidade de Benguella ás praias de Cabo Negro onde achou o Real Padrão,* etc., 1809.

[U 10 *b*] — * — *Planta da cidade de Leiria, 1809.*

[U 10 *b*] — L. H. DA CUNHA D'EÇA — *Reconhecimento militar comprehendendo o Terreno desde Villa Franca até ao Arco da Cruz de Pedra, 1809.*

[U 10 *b*] — J. N. XAVIER DE BRITO — *Mappa de reconhecimento*

de uma parte do Grande Districto de Miranda do Corvo, 1809.

[U 10 *b*] — J. M. DAS NEVES COSTA — *Carta itineraria da estrada militar, 1810.*

[U 10 *b*] — * — *Mappa da Villa e Arredores de Abrantes com o acampamento de tropas portuguezas e inglezas no anno de 1810.*

[U 10 *b*] — CARLOS F. B. DE CAULA — *Carta itineraria do terreno comprehendido entre Mulianos, Nazareth, Rio-Maior e Peniche, 1810.*

[U 10 *b*] — MARINO M. FRANZINI — *Carta reduzida da Costa de Portugal desde Cabo Silleiro athé á Barra de Huelva,* etc. (1), 1811.

[U 10 *b*] — J. M. DAS NEVES COSTA — *Carta militar que serve de supplemento á Carta Topographica de huma parte da Provincia da Extremadura visinha a Lisboa,* etc., 1811.

[U 10 *b*] — * — *Plano geral da Cidade de Lisboa, 1812.*

[U 10 *b*] — F. A. M. CABRAL — *Planta topographica das Ilhas de Gôa, 1812.*

[U 10 *b*] — F. A. M. CABRAL — *Planta da ilha de Angediva, 1812.*

[U 10 *b*] — MARINO M. FRANZINI — *Roteiro das costas de Portugal, ou instrucções nauticas para intelligencia e uso da carta reduzida da mesma carta, e dos planos particulares dos seus principaes portos,* Lisboa, Imprensa regia, 1812.

[U 10 *b*] — Academia Real das Sciencias de Lisboa — *Collecção de noticias para a historia e geographia das*

(1) Il y a une autre édition de 1816.

nações ultramarinas que vivem nos dominios portuguezes, etc., Lisboa, Typographia da Academia real das sciencias, 1812.

Le livre II de cette collection, en 7 volumes, renferme: *Navegação de* LUIZ DE CADAMOSTO *a que se juntou a viagem de* PEDRO DE CINTRA, *capitão portuguez; Navegação de Lisboa á ilha de S. Thomé escripta por um piloto portuguez; Navegação de* PEDRO ALVARES CABRAL *escripta por um piloto portuguez.*

[U 10 *b*] — J. F. ANTONIO DE SOUZA e F. D'ASSIS BLANC — *Mappa topographico da campanha de Elvas em que se mostra a posição d'esta Praça e sua disposição: a posição dos Fortes e novos reductos destacados cujas obras vão notadas com as letras e iniciaes das suas denominações, 1813.*

[U 10 *b*] — * — *Mappa do districto de entre Douro e Minho, 1813.*

[U 10 *b*] — F. A. MONTEIRO CABRAL — *Planta da praça de Mormugão, 1814.*

[U 10 *b*] — * — *Projecto do Porto que deve construir-se no areal de S. Francisco da Cidade de Ponta Delgada na Ilha de S. Miguel e obras accessorias, 1814.*

[U 10 *b*] — J. THORESIO MICHELOTTI — *Cartas da costa da Cidade de Ponta Delgada,* etc., 1814.

[U 10 *b*] — Officiaes do Real Corpo de Engenheiros (1) — *Planta da Praça de Peniche, 1814.*

[U 10 *b*] — J. BENTO DA FONSECA — *Copia da Villa de Cayenna, 1815* (?).

[U 10 *b*] — DIOGO J. DE BRITO — *Planta Hydrographica do Porto de Tamandaré, 1815.*

---

(1) Sous les ordres du général AZEDÉ.

[U 10 *b*] — J. J. S. — *Mappa Geographico do Rio das Amazonas e do Rio Negro, 1815.*

[U 10 *b*] — J. Carlos de Figueiredo — *Ilha Terceira com Projecto de suas Defezas, 1815.*

[U 10 *b*] — Ambrozio J. de Souza — *Planta do Ilhéo de Villa Franca do Campo na ilha de S. Miguel,* etc., 1815.

[U 10 *b*] — A. Leão — *Prospecto da Cidade de S. Paulo de Loanda no Reino de Angola, 1816.*

[U 10 *b*] — * — *Carta Topographica na qual se mostra o estado da obra do Canal de Derivação do Quanza, 1816.*

[U 10 *b*] — A. L. P. da Cunha — *Perspectiva da Cidade de S. Paulo de Loanda no Reino de Angola, 1816* (1).

[U 10 *b*] — P. Dias d'Almeida — *Planta da Cidade do Funchal,* etc., 1817?

[U 10 *b*] — A. J. da Silva Paulet — *Carta maritima e geographica da capitania do Ceará, 1817.*

[U 10 *b*] — Real Archivo Militar do Rio de Janeiro — *Carta Geo-Topo-Graphica da America Meridional, 1817.*

[U 10 *b*] — P. Dias d'Almeida — *Mappa Geral da Ilha da Madeira, 1817.*

[U 10 *b*] — J. D. da Cunha Machado Pinto e J. A. d'Abreu — *Planta da Praça e Povoação e contornos de Abrantes, 1817.*

[U 10 *b*] — A. J. da Cunha Salgado — *Planta da Praça de Elvas, 1819.*

[U 10 *b*] — Maximiano José da Serra — *Planta da Praça de Campo Maior, 1819.*

---

(1) Elle a été lithographiée à Paris en 1825.

[U 10 *b*] — A. R. G. C. — *Projecto de Edificação da Nova Villa Real da Praia Grande, 1819.*

[U 10 *b*] — A. B. Pereira do Lago — *Planta do Forte da Ponta d'Areia na Capitania do Maranhão,* etc., 1819.

[U 10 *b*] — J. A. d'Abreu — *Planta da Villa e Praça de Abrantes, 1819.*

[U 10 *b*] — J. M. das Neves Costa — *Carta militar de huma parte da fronteira do Alemtejo entre o Tejo e a villa de Assumar, 1819.*

[U 10 *b*] — F. P. A. Moreira — *Carta hydrographica da Costa da Provincia de S. Paulo, 1820.*

[U 10 *b*] — * — *Nova carta do Brazil e da America portugueza, 1821.*

[U 10 *b*] — A. B. Pereira Lago — *Roteiro da costa da provincia do Maranhão, desde Jericoacoara até á ilha de S. João, e da entrada e sahida pela bahia de S. Marcos, que deve acompanhar a carta reduzida da costa da sobredita provincia,* Lisboa, 1821.

[U 10 *b*] — A. H. da Costa Noronha — *Planta da bahia da Villa da Praia da Victoria, 1822.*

[U 10 *b*] — J. Carlos de Figueiredo — *Carta militar e Topo-Hydrographica da ilha de S. Miguel, 1822.*

[U 10 *b*] — S. Lopes Ramos — *Plano do Porto de Moçambique, 1823.*

[U 10 *b*] — * — *Mappa Topographico de parte da Capitania do Grão Pará, 1823.*

[U 10 *b*] — * — *Plano do Porto da Bahia de Todos os Santos, 1823.*

[U 10 *b*] — A. G. da Costa e Silva — *Mappa que comprehende os limites das Fronteiras do Brazil desde a Villa de Albuquerque até S. Paulo, 1824.*

[U 10 b] — F. X. Ribeiro Sampaio — *Diario da viagem que em visita e correição das povoações da capitania de S. José do Rio Negro fez no anno de 1774 e 1775*, Lisboa, Typographia da Academia real das sciencias, 1825.

[U 10 b] — F. A. Monteiro Cabral — *Esbouço em vista de passaro da provincia de Sattary, 1825.*

[U 10 b] — A. H. da Costa Noronha — *Copia da Carta Topographica da Ilha de S. Jorge, 1825.*

[U 10 b] — * — *Carta militar e chorographica do Reino do Algarve, 1825.*

[U 10 b] — J. Rodrigo d'Almeida — *Carta militar da ilha Terceira, 1825.*

[U 10 b] — * — *Carta militar e chorographica do Reino do Algarve, levantada em julho de 1825.*

[U 10 b] — Maximiano J. de Serra — *Copia da Planta de Camarate, 1826.*

[U 10 b] — * — *Plano Geral da Cidade de Lisboa, 1826.*

[U 10 b] — * — *Esboço da Beira Baixa entre o Tejo e o Zezere onde se notam graphicamente as posições das pontes e estradas militares, e se dá pelos terrenos uma ideia das questões de Strategia que lhe são relativas, 1828.*

[U 10 b] — * — *Planta do Porto d'Amieira, onde se notam as Posições da Ponte Militar e das baterias para a sua defeza, 1828.*

[U 10 b] — J. Maria Gonçalves — *Mappa do territorio portuguez de Gôa, 1829.*

[U 10 b] — Miguel A. de Souza — *Plano Reformado do Rio de Macao, 1829.*

[U 10 b] — J. A. d'Abreu — *Carta topographica do terreno adjacente ao Rio d'Alcantara, 1829.*

[U 10 *b*] — ANTONIO TEIXEIRA — *Itinerario em que se contem como da India veio por terra a Portugal, 1829.*

[U 10 *b*] — J. ANICETO DA SILVA — *Carta do Territorio de Damão e suas dependencias, 1830.*

[U 10 *b*] — BRANDÃO DE SOUZA — *Carta topographica do Istmo... da praça de Peniche, 1830.*

[U 10 *b*] — DUARTE J. FAVA — *Carta topographica de Lisboa e seus arredores, 1831.*

[U 10 *b*] — CANDIDO A. OSORIO — *Planta topographica da cidade de Macao, 1831.*

[U 10 *b*] — J. VICTOR MOREIRA — *Carta topographica dos presidios d'Angola e Benguella, 1830–1835* (?).

[U 10 *b*] — J. ANICETO DA SILVA — *Perspectiva da Praça de Dio, 1833.*

[U 10 *b*] — J. A. DA SILVA — *Planta da ilha de Dio, 1833.*

[U 10 *b*] — DON JOÃO DE CASTRO — *Roteiro em que se contem a viagem que fizeram os portuguezes no anno de 1541, partindo da nobre cidade de Gòa até Soez, que he no fim e stremidade do Mar-roxo. Com o sitio e pintura de todo o Sino Arabico... Dedicado ao infante* DON LUIZ. *Tirado á luz pela primeira vez do manuscripto original* (1), *e acrescentado com o Itinerarium Maris Rubri,* etc. Paris, Typographia de Casimei, 1833.

[U 10 *b*] — A. J. MOURÃO — *Planta da costa comprehendida entre o cabo de Roca e Cascaes, 1833.*

---

(1) L'original qui existe au British Museum et qui a servi à cette edition, publiée par A. NUNES DE CARVALHO, parait avoir été acheté au commencement du XVII[e] siècle par sir WALTHER RALEIGH, qui le fit traduire en anglais dans les collections des PILGRIMS DE PURCHAS (Londres, II, 1625, p. 1122). Il fut publié aussi en français dans l'*Histoire générale des voyages* de l'abbé PREVOST (Liv. I, cap. XVIII), et aussi, à ce qu'il parait, en latin, seus le titre d'*Itinerarium Maris Rubri.*

[U 10 *b*] — A. L. da Costa e Almeida — *Roteiro geral das costas, ilhas e baixos reconhecidos no globo,* Lisboa, Typographia da Academia real das sciencias, Partie I, tom. I, 1835; tom. II, 1845; Partie II, 1845; Partie III, tom. I, 1837, tom. II, 1838; Partie IV, 1845; Partie V, 1840; Partie VI, tom. I, 1841; tom. II, 1843; tom. III, 1844; Partie VIII, 1846; Partie X, tom. I, 1842, tom. II, 1846; Partie XI, 1839.

[U 10 *b*] — J. P. Celestino Soares — *Planta das ilhas de Solor e Timor e outras adjacentes, 1836.*

[U 10 *b*] — C. J. M. Garcez Palha — *Carta Hydrographica das Barras de Agoada e Mormugão, 1836.*

[U 10 *b*] — M. J. Pires — *Carta topographica do terreno em que se medio a pequena Base de verificação* M. B. de 4:789,941208 *braças reduzida á temperatura do gelo fundente e ao nivel das aguas do Oceano,* Lisboa, 1836.

[U 10 *b*] — J. M. R. — *Mappa do Reino do Algarve, 1837.*

[U 10 *b*] — Alvaro Velho (?) — *Roteiro da viagem de* Vasco da Gama *em 1497,* Porto, Typographia commercial portuense, 1838; Lisboa, Imprensa nacional, 1861.

Publié en 1838 par Diogo Kopke et A. da Costa Paiva (1); en 1861, par Alexandre Herculano et la baron de Castello de Paiva.

[U 10 *b*] — * — *Plano da Povoação de Mindello, na ilha de S. Vicente de Cabo Verde, 1838* (?).

[U 10 *b*] — P. Lopes de Souza — *Diario da navegação da armada que foi a terra do Brasil em 1530 sob a capitania mór de* Martim Affonso de Souza, Lisboa, Typographia da Sociedade propagadora de conhecimentos uteis, 1839.

Publié par F. Adolpho de Varnhagen.

---

(1) Plus tard baron de Castello de Paiva.

[U 10 *b*] — J. C. LIMA — *Planta topographica da Cidade do Porto*, etc., 1839.

[U 10 *b*] — J. M. MARQUES — *Carta hydrographica das ilhas de Timor, Solor, 1839.*

[U 10 *b*] — M. L. PEREIRA NUNES — *Cartas das Barras de Agoada e Mormugão, 1839.*

[U 10 *b*] — LOURENÇO G. POSSOLLO — *Planta da Praça e Promontorio de Sagres, 1840.*

[U 10 *b*] — J. M. DAS NEVES COSTA — *Minuta de huma carta do reino de Portugal, 1840.*

[U 10 *b*] — A. M. FONTES PEREIRA DE MELLO — *Planta do Porto da Villa da Praia, na ilha de S. Thiago, 1840.*

[U 10 *b*] — A. M. FONTES PEREIRA DE MELLO — *Planta do Porto Grande na ilha de S. Vicente, 1841.*

[U 10 *b*] — A. L. DA COSTA E ALMEIDA — *Roteiro geral dos mares, costas, ilhas e baixos reconhecidos no globo*, Lisboa, Typographia da Academia real das sciencias, 1841.

[U 10 *b*] — F. M. PEREIRA DA SILVA e C. MARIA BATALHA — *Carta topographica do pinhal nacional de Leiria e seus arredores, 1841.*

[U 10 *b*] — VICOMTE DE SANTAREM — *Atlas composé de cartes des* XIV^e^, XV^e^, XVI^e^ et XVII^e^ *siècles, pour la plupart inédites, et devant servir de preuves à l'ouvrage sur la priorité de la découverte de la côte occidentale d'Afrique au delà du cop Bojador par les portugais*, Paris, 1841.

[U 10 *b*] — J. B. DA SILVA LOPES — *Carta corographica do reino do Algarve que faz parte da Corographia do mesmo reino, 1842.*

[U 10 *b*] — F. JOSÉ D'ARAUJO — *Carta topographica da praça de Damão, 1842.*

[U 10 *b*] — MANUEL GODINHO — *Relação do novo caminho que fez por terra e mar, vindo da India para Portugal no anno de 1663,* Lisboa, Typographia da Sociedade propagadora dos conhecimentos uteis, 1842.

[U 10 *b*] — FR. GASPAR DE S. BERNARDINO — *Itinerario da India por terra á ilha de Chypre,* Typographia de A. S. Coelho, 1842.

[U 10 *b*] — VICOMTE DE SANTAREM — *Atlas composé de mappemondes et de cartes hydrographiques et historiques depuis le* VI^e^ *jusqu'au* XVII^e^ *siècle, pour la plupart inédites,* etc. Paris, Fain et Thunot, 1842.

[U 10 *b*] — DON JOÃO DE CASTRO — *Primeiro roteiro da costa da India, desde Gôa até Dio; narrando a viagem que fez o vice-rei* D. GARCIA DE NORONHA, *em socorro d'esta ultima cidade 1538-1539. Segundo manuscripto autographo, publicado por* DIOGO KOPKE, etc. Porto, Typographia commercial portuense, 1843.

Le manuscrit autographe, sur lequel a été faite cette impression, comme le déclare l'éditeur dans sa préface, est celui qui a appartenu à la Bibliothèque du comte da BARCA.

[U 10 *b*] — F. LEÃO CABREIRA — *Carta Topographica da Praça e Porto de Dilly na Ilha de Timor, 1843.*

[U 10 *b*] — J. A. ABREU — *Planta do pinhal das Courellas, 1844.*

[U 10 *b*] — J. J. LOPES DE LIMA — *Carta hydrographica do Archipelago de Cabo Verde, 1844.*

[U 10 *b*] — J. J. LOPES DE LIMA — *Carta hydrographica da Guiné Portugueza,* etc., 1844.

[U 10 *b*] — L. PEREIRA DE CAMPOS — *Planta topographica da feitoria Portugueza em Siam situada na cidade de Bangkok, 1844.*

[U 10 *b*] — ISIDORO E. BAPTISTA — *Planta topographica da cidade e arrabaldes de Coimbra, 1845.*

[U 10 *b*] — F. M. Pereira da Silva, C. M. Batalha e C. B. de Vasconcellos — *Plano hydrographico do porto de Lisboa, 1845-1847* (1).

[U 10 *b*] — J. A. Abreu — *Planta da Real Quinta do Calvario,* Lisboa, 1847.

[U 10 *b*] — J. A. Abreu — *Planta do Almoxarifado do Paço, 1848.*

[U 10 *b*] — Vicomte de Santarem — *Atlas composé de mappemondes, de portulans et de cartes hydrographiques et historiques depuis le* VI^e^ *jusqu'au* XVII^e^ *siècle, pour la plupart inédites et tirées de plusieurs bibliothèques de l'Europe,* Paris, E. Thunot & C.^ie^, 1849.

C'et ouvrage sur l'histoire de la cosmographie et de la cartographie du moyen âge est un monument géographique de la plus grande importance, mais il est à regretter qu'il soit demeuré inachevé.

Une notice très detaillée de cet Atlas (beaucoup plus complet que ceux, du même auteur, de 1841 et 1842), a été insérée récemment par M. Martinho da Fonseca dans B. S. G. L. (21^e^ série, 1903, 357-376).

On doit aussi voir l'article publié le dessus dans R. C. M., XIV, 1903-1904, 17-32.

[U 10 *b*] — * — *Planta da Lagoa d'Albufeira e do terreno adjacente, 1849.*

A l'echelle 1:10000.

[U 10 *b*] — J. A. Abreu — *Planta da Real Tapada d'Ajuda, 1849.*

A l'echelle 1:5000.

[U 10 *b*] — J. A. Abreu — *Planta das Sete Quintas do Real Sitio do Alfeite, 1849.*

---

(1) Ce plan a été rectifié, amplifié et sondé en 1878, par plusieurs ingénieurs-hydrographes sous la direction de F. Folque et F. M. Pereira da Silva.

[U 10 *b*] — J. A. Abreu — *Planta do pinhal do Cabral, 1849.*
A l'echelle 1:2000.

[U 10 *b*] — J. A. Abreu — *Planta do Real Paço e de Villa de Cintra, 1850.*

[U 10 *b*] — J. A. Abreu — *Planta da parte da Villa de Mafra, 1851.*

[U 10 *b*] — Carlos Bonnat — *Mappa Geographico da Provincia do Alemtejo e do Reino do Algarve,* etc., 1851.

[U 10 *b*] — A. B. Cesar da Silva — *Carta Geographica da Ilha de Timor e Visinhas, 1852.*

[U 10 *b*] — * — *Planta da cidade de Lisboa e de Belem, 1853.*

[U 10 *b*] — J. A. Abreu — *Planta do pinhal do Valle-Grande e das suas cercanias, 1853.*
A l'echelle 1:5000

[U 10 *b*] — J. A. Abreu — *Tombação do pinhal do Valle-Grande, 1853.*
A l'echelle 1:2500.

[U 10 *b*] — F. M. Pereira da Silva, C. M. Batalha e C. B. Vasconcellos — *Carta de Berlenga, Farilhões e Enseada de Peniche, na Costa de Portugal, 1853-1854.*
A l'echelle 1:50000.

[U 10 *b*] — Frederico Perry Vidal — *Planta da Villa de Extremoz, 1855.*
A l'echelle 1:1000.

[U 10 *b*] — Carlos Pezerat — *Planta geral da cidade de Lisboa, estabelecida com as cotas de nivelamento referidas ao nivel medio das aguas do Tejo,* etc., 1856.

[U 10 *b*] — J. A. Abreu — *Planta do Real Parque de Pana, 1856.*

[U 10 *b*].—A. F. DE R. GANDRA—*Esboço topographico da Villa e Praça de Melgaço, 1857.*

[U 10 *b*]—F. M. PEREIRA DA SILVA, C. M. BATALHA e C. F. B. DE VASCONCELLOS—*Plano hydrographico da barra do porto de Lisboa, 1857* (1).
A l'echelle 1:20000.

[U 10 *b*]—F. M. PEREIRA DA SILVA—*Planta provisoria dos campos inundados pelas maximas cheias do Mondego, seus affluentes,* etc., 1858.

[U 10 *b*]—DON MARTINHO DE FRANÇA—*Esboço da carta militar do terreno limitado pelo Oceano e comprehendido por Peniche, Santarem, Setubal, redigido no archivo militar, 1860.*
A l'echelle 1:500000.

[U 10 *b*]—A. J. PERY, C. A. DA COSTA e G. A. PERY—*Carta geographica de Portugal, 1860-1865.*

[U 10 *b*]—VICOMTE DE SÁ DA BANDEIRA—*Zambezia e Sofalla, 1861.*

[U 10 *b*]—BETTENCOURT—*Carta da rede telegraphica de Portugal no fim de junho, 1861.*

[U 10 *b*]—*—*Districto Maritimo de Benguella na Provincia de Angola, 1861.*

[U 10 *b*]—F. P. DUTRA—*Planta da cidade de S. Paulo de Loanda, 1861.*
A l'echelle 1:10000.

[U 10 *b*]—J. C. DE BRITO CAPELLO—*Guia para uso das cartas dos ventos e correntes no golpho da Guiné,* Lisboa, 1861.

[U 10 *b*]—JOÃO GALLEGO—*Descripção e roteiro das posses-*

(1) Ce plan a été sondé et rectifié de nouveau en 1893, par MM. J. SCHULTZ XAVIER et A. RAMOS DA COSTA.

sões portuguezas do continente da Africa e da Asia no XVI *seculo,* Florença, Typographia real, 1862.

Ce travail a été annoté et commenté par Gomes de Brito (B. S. G. L., 13e série, 1894, 969–1047).

[U 10 *b*] — F. P. Dutra — *Loanda. Capital de Angola,* Lithographia da Imprensa nacional, 1862.

A l'echelle 1:10000.

[U 10 *b*] — F. Perry Vidal — *Planta da cidade de Lisboa contendo o aterro de Boa-Vista,* etc., Lisboa, 1864.

[U 10 *b*] — Don Martinho de França — *Carta orographica de Portugal, 1864.*

[U 10 *b*] — Marquis de Sá da Bandeira e F. da Costa Leal — *Angola,* Lisboa, 1864 e 1870.

[U 10 *b*] — F. Perry Vidal — *Mappa geographico do Reino de Portugal, 1865.*

[U 10 *b*] — A. A. d'Oliveira — *Planta da abertura ou garganta da Serra de Chella,* etc., 1865.

[U 10 *b*] — A. A. d'Oliveira Carvalho — *Planta da Bahia de Mossamedes e da zona do Paiz que se estende até á Huilla, 1865.*

[U 10 *b*] — Barcellos — *Planta do Castello da cidade de Beja, 1865.*

[U 10 *b*] — F. da Costa Leal — *Villa de Mossamedes em 1865,* Paris, Lithographia Dupuy, 1866?

[U 10 *b*] — A. Magno de Castilho — *Descripção e roteiro da Costa occidental de Africa, desde o cabo de Espartel até o das Agulhas,* Lisboa, Imprensa Nacional, 1866.

[U 10 *b*] — Alvaro M. da Cunha e J. C. Gordilho d'Oliveira Miranda — *Planta do acampamento estabelecido na charneca de Tancos,* 1866.

[U 10 *b*] — J. C. de Chelmick — *Carta itineraria. Districto de Coimbra,* 1867.

[U 10 *b*] — Marquis de Sá da Bandeira — *Zambezia e Paizes adjacentes,* 1867.

[U 10 *b*] — Deposito geral de guerra — *Carta chorographica dos terrenos em volta de Lisboa,* 1869.
A l'echelle du 1:100000.

[U 10 *b*] — T. d'Aquino de Sousa Junior — *Planta das muralhas da cidade de Beja,* 1869.
A l'echelle de 1:1000.

[U 10 *b*] — R. R. Carreira Mendes — *Planta topographica de Nova Goa,* 1870.

[U 10 *b*] — T. Andréa e T. Machado — *Plano do Porto e cidade de Dilly,* 1870.

[U 10 *b*] — B. de Vasconcellos, J. E. de A. e Albuquerque, A. G. T. Ferreira, C. A. Guerreiro — *Plano hydrographico da barra do Porto,* Lisboa, 1871.
A l'echelle 1:2500.

[U 10 *b*] — * — *Carta Topographica da Cidade de Lisboa, reduzida da que foi levantada na escala de 1:1000 em 1856 e 1858,* 1871.
A l'echelle 1:10000.

[U 10 *b*] — Direcção geral dos trabalhos geodesicos. Secção hydrographica — *Aviso aos navegantes em 1868 até 1881. Idem em 1877,* Lisboa, Imprensa Nacional, 1872, 1878.

[U 10 *b*] — A. L. N. de Carvalho — *Carta de Portugal e suas Colonias, coordenado por* Hugo de Lacerda, 1873.

[U 10 *b*] — * — *Planta topographica entre Lisboa e Torres Vedras,* 1874.
A l'echelle 1:100000.

[U 10 *b*] — F. M. Pereira da Silva — *Carta dos pharoes e posições escolhidas ao longo da costa de Portugal,* etc., 1875.

[U 10 *b*] — BARROS GOMES e CUNHA E SILVA — *Carta orographica e regional de Portugal,* 1875
A l'echelle 1:225000.

[U 10 *b*] — M. FERREIRA RIBEIRO — *Mappa Medico-Geographico da Região Guineana Equatorial,* etc., 1876.

[U 10 *b*] — A. PEDRO DA SILVEIRA — *Reconhecimento militar da Ilha da Madeira,* 1877?

[U 10 *b*] — A. G. SOLLARI ALEGRE — *Planta da Praça e de parte da villa de Cezimbra,* 1877.

[U 10 *b*] — A. PEDRO DA SILVEIRA (1) — *Carta geo-hydrographica da ilha de Porto Santo e dos ilheos e baixos adjacentes, levantada em 1842-1843, publicada em* 1877.

[U 10 *b*] — F. A. DE BRITO LIMPO — *Apontamentos para facilitar a leitura de cartas chorographicas e topographicas* (R. O. P. M., VIII, 1877, 130-146, 169-176, 203-219).

Dans cette brochure, l'auteur explique, en le mettant à la portée de tout le monde, la représentation des principales conventions en usage dans les cartes chorographiques et topographiques, et la méthode à suivre pour déduire de l'inspection de la carte, la disposition et les accidents du sol.

(Continúa). RODOLPHO GUIMARÃES.

(1) En collaboration avec les officiers du vaisseau anglais «Styx».

LITTERATURA E BELLAS-ARTES

ARTES INDUSTRIAES E INDUSTRIAS PORTUGUEZAS

(Cont. do n.º 6, pag. 308)

III

Alvares (Armão)

Certamente allemão aportuguesado o nome proprio de Herman.

Era mestre de fazer assucares na ilha da Madeira, segundo declara uma carta de perdão, que lhe foi conferido por D. Manuel I, em 14 de maio de 1496.

D'ella se vê que tivera de ajustar contas com a justiça por ter dado com uma espada uma pancada num hombro de Brites Annes, mulher de João Alvares Mexias, que estava ausente da ilha. O golpe não produziu ferimento, mas só contusão, de que ella se curou sem deformidade. Tendo-lhe os queixosos perdoado, el-rei confirmou o perdão, impondo, entre outras clausulas, a do mestre de fazer assucar, aliás de genio tão azedo, não dizer mal dos queixosos, quer por deante quer por traz.

Numa carta de quitação de João Saraiva, vem Armão Alvares, juntamente com João Lombardo, designados como rendeiros das meunças do ramo da Ribeira Brava.

«Dom Manuell &. Saude, sabede que Armã aluarez mestre daçucar morador na ilha da madeira nos emviou dizer que hũ Joham aluarez Mexias e britiz eanes sua mulher moradores em a dita ylha querelaram dele as nossas Justiças dizendo que sendo elle quereloso fora da dita ylha elle sopricante ouuera rezões com a dita querelosa sobre as quaes rezões lhe dera a ella hũa pancada cõ hũa espada por hũ onbro e lhe fezera hũa noda e maçadura da dita pancada de que loguo fora sam e

sem aleijam sem auer outra nenhũa ferida e sobrelo andara feito e em seguindo sua Justiça sederam do dito feito e acusaçam delle e lhe perdoaram todo dano e Injuria que lhe feita tinha e o nom queria por elo acusar nem demandar com tall comdiçam que ele sopricante nõ dissese dele quereloso nem de cousa sua nenhũa maa fala por diante nem por detras e fazendo ele o contrario que ho perdam lhe nõ valese segundo o uer poderiamos por hũu publico estormento o qual perante nos foy apresentado e parecia ser feito e asinado per Martim dalmeida tabeliam por nos em a dita ylha aos xxbij dias do mes de feuereiro do ano e era presentes de mill iiijᶜl Rbj anos em o qual se continha antre as outras cousas que per os ditos querelosos fora dito que eles perdoauam ao dito sopricante todo mall a sem rezam e injuria com pamcada que lhe asy dera e fezera e o nom queriam por ello acusar nem demandar com comdiçam que ele sopricante nom disese maa palaura comtra elle quereloso por diante nem por detras segundo que todo esto e outras cousas melhor e mais compridamente se em o dito estormento comtinha enuiandonos elle sopricante pidir por mercee que lhe perdoasemos a nosa Justiça se nos a ela por rezam da dita querela e maleficio delle em algũa gisa era teudo e nos vendo o que nos elle asi dizer e pidir emuiou se asi he como elle diz e hi mais nõ ha visto o perdam das partes e querendolhe fazer graça e mercee visto hũ noso pase temos por bem e perdoamoslhe a nosa Justiça a que nos ele por rezam da dita querela e maleficio dele era theudo com tamto que elle cumpra as comdições do perdam do dito quereloso que nõ diga comtra elle nenhũa maa palaura por diante nem por detras e pagase sete centos reaes pera arca da piedade e por quanto ele loguo pagou os ditos dinheiros a Simão Vaz thesoureiro da nosa capela que tem cargo de os receber polo noso esmoler segundo delo fomos certo por seu asinado e dalvaro fernandez noso capelam que hos sobre el pos em receita mandamos que ho nõm prendaes nem mandees prender etc., em forma. Dada em Setuuell xiiij dias do mes de mayo El Rey ho mandou polos doutores Fernam Rodriguez do seu conselho daiam de Coimbra e Gonçalo dazeuedo ambos desembargadores do paço. Joham Jorje a fez ano do nacimento de noso senhor Jhesu Christo de mill iiijᶜ l Rbj» (1).

IV

Amador (Benoco)

O seu appellido em italiano é *Amatori*, e como tal se acha inscripto nos *Cenni* do meu amigo Prospero Peragallo, que nos informa ter elle sido auctorisado por D. Manuel I por carta de 25 de abril de 1514 a usar do brasão da sua familia.

Foi fiador de Salvador Gramaxo, almoxarife na ilha da Madeira nos annos de 1506 a 1508, em que recebeu 66:660 arrobas de assucar e vendeu 2:600.

Por causa d'esta fiança foram passadas duas cartas de

(1) Torre do Tombo, Chancellaria de D. Manuel, liv. 34, fl. 35.

quitação a 21 de dezembro de 1517 e 24 de maio de 1520 referindo-se a ultima á sua viuva e a Lopo d'Azevedo procurador d'esta e herdeiro d'aquelle (1).

Em 15 de junho de 1508, Bartholomeu Marchioni e seu sobrinho, Benedicto Morelli faziam seus procuradores bastantes a Feducho de Lamarote e Benoco Amador, florentim, residentes na ilha da Madeira, a fim de poderem receber vinte mil arrobas de assucar, que el-rei, por um contracto que fizera com os ditos constituintes, lhe mandava pagar naquella ilha.

O respectivo documento vae no artigo em que se trata de *Lamarote (Feducho de)*.

No artigo concernente a Affaitate vem um documento em que se faz referencia a Benoco Amador.

V

Capellani (Capellan de)

Residia na ilha da Madeira, onde foi, em negocios de assucar, procurador de João Francisco dell'Affaitati, como se póde ver no artigo referente a este individuo.

VI

Carducho (Francisco)

Juntamente com Francisco Pinhol foram rendeiros das ilhas dos Açores durante tres annos, a começar no S. João de 1502 e a acabar em egual dia de 1505, devendo pagar durante aquelle periodo 15:000 arrobas de assucar de uma só cosedura, á razão de 5:000 cada anno. Satisfazendo esta obrigação D. Manuel os deu quites em carta de 2 de junho de 1507, a qual está publicada a paginas 354 do 4.º volume do *Archivo Historico Portuguez*, tendo saido anteriormente no volume I, paginas 51, do *Archivo dos Açores*.

No artigo Coelho (Fernão) se faz referencia a Carducho.

Este nome em italiano Carducci, vem mencionado na obra do sr. Peragallo, o qual cita uma carta de Lunardo Vardi,

---

(1) *Archivo Historico Portuguez*, vol. I, pagg. 362 e 363.

escripta em Lisboa a 20 de setembro de 1502, em que diz ao seu correspondente que em uma das náos da armada de João da Nova, recentemente chegada da India, haviam sido compradas duzentas toneladas de especiaria por um *Carduzi, nostro fiorentino.*

VII

Cerniche

Importante casa commercial de Lisboa, que negociava já por si só, já de parceria com outros seus compatriotas. A respeito dos Cerniches publiquei alguns documentos na memoria intitulada: — *A Livraria Real, mormente no reinado de D. Manuel.*

O sr. Peragallo orthographa á italiana o appellido por esta fórma *Sernige.*

VIII

Coelho (Fernão)

Cavalleiro da Casa de el-rei, e almoxarife da alfandega da ilha da Madeira na parte do Funchal em tempo de D. Manuel I. Na chancellaria d'este monarcha estão registadas duas cartas de quitação, uma de 27 de janeiro de 1505, e outra de 16 de agosto de 1511, relativas ao exercicio do seu cargo nos annos de 1502 a 1506; nellas apparecem verbas importantes de dinheiros, generos e assucares. D'estes especificam-se as seguintes qualidades *refinado* e *branco de uma cozedura.*

Na segunda carta mencionam-se alguns italianos, interessados nas rendas do assucar: Quirio Catanho, Benoco Amador e Francisco Carducho, *rendeiro que foi das ilhas dos Açores.*

As alludidas cartas de quitação acham-se publicadas a pag. 234 do vol. II do *Archivo Historico Portuguez.*

IX

Conforte (Bernabé)

Era negociante ingles, com residencia em Lisboa, no começo da segunda metade do seculo XVII. D. Affonso VI, por alvará de 13 de abril de 1658, lhe concedeu o privilegio e

monopolio, por espaço de dez annos, da refinação dos assucares baixos, da mesma fórma e maneira, que já usava e gosava um seu compatriota, Martim Sistre, que havia fallecido, vagando por este motivo aquelle privilegio. Se acaso o novo concessionario viesse a fallecer no praso de dez annos que lhe fôra outorgado poderia dispôr do mesmo privilegio, em favor de pessoa que previamente designasse. Ser-lhe-ia facultada, livre de direitos, a importação de machinas e utensilios para a fabrica, assim como o assucar mascabado, proveniente do Brasil ou das ilhas.

A carta da primitiva concessão feita a Martim Sistre não se encontra registada, nem tão pouco o nome d'este nos indices das chancellarias.

«Eu ElRey faço saber aos que este aluara virem que hauendo respeito ao que se me reprezentou por parte de Bernabé Conforte, mercador ingres, morador nesta cidade sobre a fabrica de refinar os açuqueres baixos que prinsipiou e intirduzio Marty Sistre, por cujo falecimento o mesmo Bernabé Conforte com ordem minha continuou nella, e querendolhe fazer merce e fauor, asim por me hauer seruido no que se ofereceo como em rezão da despeza que tem feito nesta fabrica e pella outulidade que della pode rezultar a esta coroa e outros justos respeitos que a isso me mouem, perzedendo as deligencias nessesarias e comsultas do conselho de minha fazenda, de que ouue vista o porcurador della, fuy seruido rezoluer e hei por bem e mando que o dito Bernabé Conforte uze da dita fabrica do refino asi e da maneira que ouzou (usou) até gora que tinha por estanque sem que outra pessoa possa fazer semelhante refino so pena de perdimento dos açuqueres que asim refinar e da fabrica com que o fizer e das mais que pareserem justas, e isto por tempo de des annos, que comesarão da data deste aluara e falecendo elle Bernabé Conforte da vida perzente podera deixar o dito refino a pessoa ou pessoas que lhe parecerem que posam de continuarem nelles na mesma forma ate se comprir os ditos des annos, e os aparelhos, caldeiras, tachos e outros perteixos que mandar vir para esta fabrica não pagarão direito algum, e porem o poruedor da alfandiga desta cidade e mais menistros a que tocar porão ordem em que não venham mais que os necessarios, e o dito poruedor da alfandiga lhe fara despachar com toda a beruidade e com menos custo que for posibvel os açuqueres mascauados e panellas que por sua conta vierem do Barzil as Ilhas ou portos deste Reino ahy tiuerem pagos os direitos e forem despois tarsidas a esta cidade pera se refinarem: pello que mando a todos os menistros a que o conhecimento disto pertencer lhe guardê e fação guardar inteiramente este aluara, que quero e hey por bem se guarde, posto que seu efeito aja de durar mais de hum anno sem embargo da ordenação do livro 2.º titolo 40 que o contrario dispoem. João da Silva o fez em Lixboa a treze de abril de mil e seis centos e sincoenta e outo. Sebastião da Gama Lobo o fes escreuer. Rainha» (1).

---

(1) Torre do Tombo, Chancellaria de D. Affonso VI, *Doações*, liv. 21, fl. 80 verso.

X

Corvinelli (Francisco)

Era florentino, e no primeiro quartel do seculo XVI apparece dando provas da sua actividade e inteligencia, tanto no commercio e navegação, como no desempenho de importantes commissões na India, mandadas executar por Affonso de Albuquerque, o qual depositava nelle grande confiança. Provavelmente o assucar constituiria um dos ramos do seu commercio, o que não pude averiguar, assim como não averiguei tambem se elle traficaria por conta propria ou emparceirado com algum dos seus compatriotas. Sou todavia inclinado a crer que elle fosse parceiro de Bartholomeu Marchioni, com quem estava intimamente apparentado, pois se unira pelos laços matrimoniaes a uma sua filha.

Sei d'esta circumstancia por uma carta de D. Manuel, de 26 de novembro de 1515, approvando o trespasse de umas casas sitas no Arco dos Barretes, que Bartholomeu Marchioni fizera em favor de uma sua neta, filha de Francisco Corvinelli, para seu casamento. D'aqui se póde inferir que Marchioni já era de edade avançada, pois tinha uma neta casadoira. O parentesco dos dois era desconhecido do sr. Prospero Peragallo, que nos seus *Cenni* consagra um artigo a Francisco Corvinelli.

«Dom Manuell etc. A quamtos esta nosa carta virem fazemos saber que por parte de Bertolameu Marchione mercador estante em a nosa cidade de Lixboa nos foy apresemtada hũa carta daforamento da quall o theor he o segujmte:

«Saybham quamtos este estormento de emnovaçom e trespasaçam de hũas casas em tres pesoas per mandado dell Rey noso senhor virem que no anno do nacimento de noso senhor Jhesus Christo de mill e b^c xb annos aos xxx dias do mes doutubro da dita era nas terecenas e almazem do Regno peramte Andre Diaz cavalleiro da casa dell Rey noso senhor e recebedor do dito almazem e terecenas em esta cidade de Lixboa e de mim scripvam do dito oficio e das testemunhas adiamte nomeadas pareceo Bertolameu Marchione mercador e morador na dita cidade e logo per elle foy dito ao dito recebedor que hasy era verdade que elle trazia por titolo de compra hũuas casas foreyras ao dito almazem que estam na Rua Nova sobre o arco honde vendem os barretes que trazya aforadas Catarina Fernandez molher que foy de Joham Aluarez em tres pesoas de que pagava em cada hũu anno ao dito almazem dous mill e novecentos corenta reaes segundo mais compridamente se contem na carta do aforamento que da dita casa tem. E que por quanto elle queria trespasar as ditas casas em sua neta Ellena filha de Francisco

Corvinell pidia ao dito senhor que lhe prouvese de lhas trespasar e de ella ser a primeira pesoa do que prouuera ao dito senhor e lhe dera hũu aluara que logo hy apresentou de que o theor tall he:

«Nos El Rey fazemos saber a vos almoxarife ou recebedor do noso almazem e terecenas do Regno e ao sprivam dese oficio que Bertolameu Marchione nos enuiou dizer que elle comprara a molher que foy de Joham Aluarez de Mancos hũas casas que elle trazia do dito almazem ao arco da Rua Nova em vida de tres pesoas de que ella era a primeira pesoa e elle ficara a segunda por foro de ĩj ix^{c} R reaes pidimdonos por merce que por quanto as queria dar a hũa sua neta per nome Ilena filha de Francisco Corvinel pera seu casamento lhe desemos licença pera iso e ouuesemos por bem que ha dita sua neta fose ao dito aforamento a primeira pesoa da quall cousa a nos praz e auemos por bem por lhe niso fazermos merce que elle posa trespasar nella as ditas casas e iso mesmo nos praz que ha dita sua neta seja a primeira pesoa e per seu falecimento posa nomear a segunda e a segunda nomee a terceira pelo quall vos mandamos que nesta maneira lhe façaes seu aforamento em forma no quall se treladara este noso aluara pera firmeza e lembrança de todo e comprio asy feyto em Lixboa aos xxij dias do mes doutubro. Jorje Fernandez o fez de b^{c} xb e pasou pela nosa chancelaria da camara e esto com o dito foro de ĩj ix^{c} R reaes cada ano que nos dise que pagaua e esto nos praz asy se a dita molher de Joham Aluarez he a primeira pesoa nas ditas casas como diz.

«E apresentado asy o dito aluara como dito he ao dito recebedor logo per elle foy dito ao dito Bertolameu Marchione que lhe mostrase o contrato e aforamento da dita casa pera nelle uer se a dita Catarina Aluarez molher do dito Joham Aluarez era ao dito aforamento das ditas casas a primeira pesoa como dizia e loguo pelo dito Bertolameu Marchione foy apresentado ao dito recebedor o aforamento das ditas casas o quall amtre outras cousas nelle contheudas asy era que em xiij dias do mes de mayo de mill iiij^{c} lxxbiij^{o} Tristam Imgres que entam era almoxarife do dito almazem aforou as ditas casas a dita Catarina Fernandez molher do dito Joham Aluarez per vertude de hũu aluara del Rey dom afomso que samta gloria aja em vyda de tres pesoas pelos ditos ĩj ix^{c} R reaes segundo mais compridamente se comthem no dito aforamento. E visto asy todo pelo dito recebedor logo o dito Bertolameu em nome da dita Ilena sua neta por ella ser minina requereo ao dito recebedor que lhe cumprise o dito aluara e lhe mandase fazer nouamente carta daforamento pela guisa e maneira que se no dito aluara comthem. E o dito recebedor em comprimento do dito aluara em nome do dito senhor ouue por trespasadas as ditas casas na dita Ilena neta do dito Bertolameu Marchione filha do dito Francisco Corvinel e lhas ouue por aforadas em vida de tres pesoas com tall comdiçam que ella dita Ilena seja ao dito emprazamento das ditas casas a primeira pesoa e que amtes de seu falecimento posa nomear a segunda e a segunda nomear a terceira pela dita guisa em tall maneira que hao dito emprazamento sejam tres pesoas e mais nam. E que semdo caso que em allgũu tempo as ditas casas venham a perecer per foguo agoa ou terremotos ou per outro quallquer caso fortuyto cuidado ou nam cuidado que avyr possa o que deus defemda ella dita Ilena e pesoas que depois della vierem a tornem a leuantar e fazer de nouo as suas proprias custas e despesas em tall guisa que sempre sejam casas como ora sam sobradadas de dous sobrados milhoradas e nam pejoradas e com tall comdiçam que ella nem as pesoas que depois della ham de vir nam posam vender dar nem doar trocar nem escambar as ditas casas nem em outra algũua maneyra que

seja emlhear nem fazer sobre ellas outro nenhum foro pera Igreja nem moesteiro nem pera outra nenhũa pesoa sem licença e autoridade do dito senhor e quamdo vyer caso que as aja de vender que ho façam primeiramente saber ao dito senhor ou ao seu almoxarife que emtam for do dito almazem se as quer tomar pera o dito senhor tamto por tamto quanto outrem por ellas der. E quamdo as tomar nã quiserem que emtam as posam vender a quem lhe por ellas mais der comtanto que a primeira pesoa que lhas comprar nã seja daquelas que ho dereito e o dito senhor em este caso defemdem mas que seja pesoa abonada e leiga e realmente da jurdiçam do dito senhor tall que bem e sem nenhũa referta pague o dito foro que sam ij ixᶜ R reaes em cada hũu anno que damtes soya de pagar a dita Catarina Fernandez e asy como pagauam os outros foreiros. s. a metade per dia do nataal e a outra per dia de sam Joam bautista e dhy em diamte em cada hũu anno pela dita guisa e que cumpra e guarde todallas clausollas e comdições deste emprazamento e de todas as outras com que o dito senhor afora suas heramças posto que aqui não sejam expressas nem decraradas e que pague a quorentena do preço por que as casas forem vendidas e com tall comdiçam que da feitura deste aforamento a dous meses primeiros seguintes leue ou mande este emprazamento a fazemda do dito senhor pera lhe la ser comfirmado segundo sua ordenança. E com tall comdiçam que quando a dita Ilena deste mundo falecer a pesoa a que as ditas casas ficarem nomeadas seja obrigada a o vyr fazer saber como lhe ficarem as ditas casas pera se asy asentarem no liuro dos proprios e se arrecadar o foro dellas e asy faram as outras pesoas que depois vierem os quaes ij ixᶜ R reaes pagaram per CRbij reaes de prata desta moeda ora corrente de Cxbij em marco e de ley de xj dinheiros ou seu justo valor pagos dentro no dito almazem ao almoxarife ou recebedor ou a quem for ordenado. E o dito Bertolameu Marchione em nome da dita sua neta a todo presente e que de todo o que ho dito recebedor dizia e mandaua que de todo lhe prazia e que com todallas comdições tomaua e recebia em sy as ditas casas e aforamento dellas e que pera ello obrigaua todos os beens da dita Ilena sua neta e das duas pesoas que depos ella vierem a todo comprir e manter e pedio asy ao dito recebedor que lhe mandase dar de todo hũu estormento e o dito recebedor em nome do dito senhor lhe ouue asy todo por outorgado com todas as outras condições com que ho dito senhor afora suas eranças posto que aqui nã sejam expresas nem decraradas e mandou a mim scripvam que lho dese testemunhas que no presente foram Bellchior Diaz homem do dito almazem e pero mestre e Domingos Afomso bombardeiro del Rey noso senhor e scripvam do dito almazem e terecenas que este estormento screpvi e asyney de meu sygnall acustumado.

«Pidimdonos o dito Bertolameu que lhe comfirmaremos e ouuesemos por confirmada a dita carta e visto per nos seu dizer e pidir por lhe fazer graça e merce lha confirmamos e auemos por confirmada e mandamos ao dito almoxarife e a qualquer outro noso oficiall ou pesoa a que pertencer que lha cumpram e guardem façam comprir e guardar imteiramente como se nela contem por que hasy nos praz e auemos por bem. Dada em a nosa cidade de Lixboa aos xxbj dias do mes de novembro el Rey o mandou per dom Pedro de Castro do seu conselho e vedor de sua fazenda. Diogo Vaaz a fez de mill bᶜ e quimze» (1).

(1) Torre do Tombo, Chancellaria de D. Manuel, liv. 25, fl. 18.

XI

DRAGO (CARLOS FRANCISCO)

A colonização europeia do Brasil effectuou-se em grande parte pelos christãos novos, *gente de nação*, como se chamava aos que haviam abjurado forçadamente o judaismo. Não obstante professarem, com mais ou menos sinceridade, a religião christã, as suspeitas infamantes, que pesavam sobre a sua raça, não se extinguiam com facilidade e as proprias leis concorriam para fazer perdurar a vexatoria distincção entre christãos velhos e christãos novos.

Carlos Francisco Drago era d'esta procedencia ou assim o consideravam, pelo que não podia realizar qualquer transação, sem para isso ser competentemente autorisado pelo poder real. Residente na capitania de Pernambuco, possuia elle na ribeira de Jaboatão, termo da villa de Olinda, um importante engenho de assucar, sob a invocação de Nossa Senhora da Apresentação, o qual vendera, ou pretendia vender a Balthasar Gonçalves Moreno pela quantia de vinte e dois contos e quatrocentos mil réis. Este preço revella-nos bem o valor da propriedade.

Drago obteve o devido consentimento por alvará regio de 23 de agosto de 1618, o qual passo a transcrever:

«Eu ellRej faso a saber aos que este Alvara virem que auemdo respeito ao que me emviou dizer por ssua pitissom Carlos Francisco Drago morador na Capjtanja de pernambuco partes do Brasil asserca do consserto que fes com Baltezar Gonsalluez Morenno para lhe vemder o sseu emgenho de fazer asuqar da jnvocassam de Nossa Senhora da Apressentassom sitoo na rjbejra de Joboatam termo da villa de Oljnda em preso de vinte e dous contos e coatro ssentos mil reis por escrito que para isso passou escritura por que dipois sse celebrou a dita vemda feita em vjmte nove de fjvjrejro de sseis ssemtos e dezesseis a as causas que alegou pera nam dever sser conpremdido na lej por que sse prohjbe a gemte da nassam poder vemder sseus bẽes ssem lljcensa mjnha e delljgemssia que por meu mandado sse fes com os mjnjstros da jnqujsissam ej por bem de revalljdar a dita vemda pera que por resam da dita projjbissam sse lhe nam possa mouer a ella duvida mando as justjssas a que o conhecimento desto pertensser cumpram e goardem este Alvara como sse nelle contem o coal me apraz que valha tenha forssa e vigor posto que o efeito delle aja de durar mais de um anno ssem embargo da ordenassam em contrajro. Sypriam de Figejredo a fes em Lixboa a vinte tres dagosto de mil ssejs ssentos e desojto. Eu Pero Chamches Farinha o fes esscreuer» (1).

(1) Torre do Tombo, Chancellaria de D. Filippe III, *Doações*, liv. 1, fl. 10 verso.

XII

Fernandes (Manuel)

Cavalleiro da casa de el-rei D. Manuel I, e seu feitor na ilha da Madeira e em Milão.

Em 16 de dezembro de 1501, foi-lhe passada carta de quitação *de tudo o que recebeo e despendeo em a dita ilha para o encaixamento e carregaçam dos açuqueres que em a dita ilha recebeo e carregou em a nossa náo Rainha e náo Cirne e náo Corterreal pera Frandes; e bem assim de todo o que recebeo e despendeo em compra das armas que nos foi comprar a Millam.*

Esta carta, publicada a paginas 440 do volume IV do *Archivo Historico Portuguez*, é bastante estensa e curiosissima por mais de um motivo.

Nella se faz menção de alguns banqueiros, e entre os quaes o bem conhecido Bartholomeu Marchione, florentino e de seu sobrinho Benedito Morelli, e se enumeram muitas peças de armaria adquiridas em Milão.

A nau Corte Real, pertencia muito provavelmente a algum dos fidalgos d'este appellido, entre os quaes sobresaem os grandes navegadores da America do Norte.

Manuel Fernandes, sendo ainda escudeiro, exercera o cargo de feitor em Flandres de 1495 a 1498 e alli vendeu 29:631 arrobas e meia de assucar da ilha da Madeira, das quaes cinco mil recebeu de Gomes Martins e João Rodrigues de Parada, quando de cá partiu para aquella feitoria. Consulte-se a pagina 431 do citado *Archivo*.

(Continúa). Sousa Viterbo.

CAMÕES E A INFANTA D. MARIA

(Cont. do n.º 6, pag. 320)

Mas era muito pouco ver, contemplar, a bem-amada só com os olhos da alma. Quem tão apaixonado estava, não podia limitar-se a isso. Era-lhe melhor a morte.

Mote

Vida da minha alma,
Não vos posso ver!
Isto não é vida
Para se soffrer!

Voltas

Quando vos eu via,
— Esse bem lograva —,
A vida estimava,
Pois então vivia,
Porque vos servia,
Só para vos ver.
Já que vos não vejo,
Para que é viver?

Vivo sem razão,
Porque em minha dor
Não a pôs Amor,
Que inimigos são.
Mui grande traição
Me obriga a fazer:
Que viva, senhora,
Sem vos poder ver!

Não me atrevo já,
Minha tão querida,
A chamar-vos vida,
Porque a tenho má.
Ninguem cuidará
Que isto póde ser:
Sendo-me vós vida,
Não poder viver!

Mote

Da alma e de quanto tiver
Quero que me despojeis,
Com tanto que me deixeis
Os olhos para vos ver.

Volta

Cousa este corpo não tem,
Que já não tenhais rendida.
Despois de tirar-lhe a vida,
Tirai-lhe a morte tambem.

Se mais tenho que perder,
Mais quero que me leveis,
Com tanto que me deixeis
Os olhos para vos ver.

Mote

Que veré que me contente?

Glosa

Desque una vez yo miré,
Señora, vuestra beldad,
Jamas por mi voluntad
Los ojos de vos quité.

Pues sin vos placer no siente
Mi vida, ni lo desea,
Si no quereis que yo os vea,
Que veré que me contente?

E não se tratava, de mais a mais, de uma ordem injusta, de uma imposição tyrannica?

De uma fonte se sabia,
Da qual certo se provava
Que quem sobre ella jurava,
Se falsidade dizia,
Dos olhos logo cegava.

Vós, que minha liberdade,
Senhora, tyrannizais,
Injustamente mandais,
Quando vos fallo verdade,
Que vos não possa ver mais!
(Carta a uma dama).

Não é, pois, de admirar que o poeta, apesar do que se tinha passado, procurasse tornar a ver a infanta:

Mote

Vida da minha alma.

Volta

Dous tormentos vejo,
Grandes por extremo:
Se vos vejo, temo,
E se não, desejo.

Quando me despejo
E venho a escolher,
Temendo o desejo,
Desejo temer.

Foi, porisso, necessario avisá-lo novamente, dando-lhe um formal desengano, expondo-lhe os perigos que a sua teimosa leviandade lhe poderia acarretar e fazendo-lhe sentir o profundo desgosto da infanta. Elle, porém, a nada se movia.

Se com desprezos, nympha, te parece
Que pódes desviar do seu cuidado
Um coração constante, que se offrece
A ter por gloria o ser atormentado:
Deixa a tua porfia e reconhece
Que mal sabes de amor desenganado,
Pois não sentes nem ves que em teu mal cresce,
Crescendo em mi, de ti mais desamado.
O esquivo desamor, com que me tratas,
Converte em piedade, se não queres
Que cresça o meu querer e o teu desgosto.
Vencer-me com cruezas nunca esperes:
Bem me podes matar e bem me matas,
Mas sempre ha de viver meu presupposto!
(Soneto 124).

Se tanta pena tenho merecida,
Em pago de soffrer tantas durezas,
Provai, senhora, em mi vossas cruezas,
Que aqui tendes uma alma offerecida.
Nella experimentai, se sois servida,
Desprezos, desfavores e asperezas,
Que móres soffrimentos e firmezas
Sustentarei na guerra desta vida.

Mas contra vossos olhos quaes serão?
É preciso que tudo se lhes renda;
Mas porei por escudo o coração.
Porque, em tão dura e aspera contenda,
É bem que, pois não acho defensão,
Com metter-me nas lanças me defenda.
(Soneto 33).

Uma vez ou outra, a desesperança apoderava-se do animo do renitente poeta:

Apollo e as nove musas, descantando,
Com a dourada lyra me influiam
Na suave harmonia que faziam,
Quando tomei a penna, começando:
Ditoso seja o dia e hora, quando
Tão delicados olhos me feriam;
Ditosos os sentidos, que sentiam
Estar-se em seu desejo traspassando.
Assi cantava, quando Amor virou
A roda á esperança, que corria
Tão ligeira, que quasi era invisibil.
Converteu-se-me em noite o claro dia,
E, se alguma esperança me ficou,
Será de maior mal, se for possibil.
(Soneto 51).

Mas é bem certo que não ha peor cego do que quem não quer ver:

Bem sei, Amor, que é certo o que receio,
Mas tu, porque com isso mais te apuras,
De manhoso mo negas e mo juras
Nesse teu arco de ouro, e eu te creio.
A mão tenho mettida no meu seio,
E não vejo os meus danos ás escuras;
Porém porfias tanto e me asseguras,
Que me digo que minto e que me enleio.
Nem somente consinto neste engano,
Mas inda to agradeço, e a mi me nego
Tudo o que vejo e sinto de meu dano.
Oh poderoso mal, a que me entrego!
Que, no meio do justo desengano,
Me possa inda cegar um moço cego!
(Soneto 79).

E, *cego* pelo *moço cego,* praticava *desatinos,* de que depois pedia perdão, mas que, por certo, não tardariam a comprometter a infanta, se não se lhes pusesse cobro.

Senhora já desta alma, perdoai
 De um vencido de Amor os desatinos,
 E sejam vossos olhos tão beninos
 Com este puro amor, que da alma sai.
A minha pura fé somente olhai,
 E vede meus extremos, se são finos,
 E, se de alguma pena forem dinos,
 Em mim, senhora minha, vos vingai.
Não seja a dor que abrasa o triste peito
 Causa por onde pene o coração,
 Que tanto em firme amor vos é sujeito.
Guardai-vos do que alguns, dama, dirão
 Que, sendo raro em tudo vosso objeito,
 Possa morar em vós ingratidão.

(Soneto 278).

Vinham então as promessas de que *ninguem o veria ver* a infanta:

Mote

Pois dano me faz olhar-vos,
Não quero, por não perder-vos,
Que ninguem me veja ver-vos.

Voltas

De ver-vos a não vos ver,
Ha dous extremos mortais.
E são elles em si tais,
Que um por um me faz morrer.
Mas antes quero escolher
Que possa viver sem ver-vos,
Minha alma, por não perder-vos.

Deste tamanho perigo
Que remedio posso ter,
Se vivo só com vos ver,
Se vos não vejo, perigo?
Mas quero acabar comigo
Que ninguem me veja ver-vos,
Senhora, por não perder-vos.

Vinham então as apaixonadas supplicas para que a infanta se não esquecesse do seu *triste coração,* para que lhe poupasse a vida:

Mote

Pois é mais vosso que meu,
Senhora, meu coração,
Eu vosso captivo são,
Meus olhos, lembre-vos eu.

Volta

Lembre-vos minha tristeza,
Que jámais nunca me deixa;
Lembre-vos com quanta queixa
Se queixa minha firmeza.

Lembre-vos que não é meu
Este triste coração;
E pois ha tanta razão,
Meus olhos, lembre-vos eu.

Mote

Senhora, pois minha vida
Tendes em vosso poder,
Por serdes della servida,
Não queirais que destruida
Possa ser.

Volta

Isto, não por me pesar
De morrer, se vós quiserdes;
Que melhor me é acabar
Mil vezes, que supportar
Os males que me fizerdes:

Mas só por serdes servida
De mi, emquanto viver,
— Vos peço que minha vida
Não queirais que destruida
Possa ser.

Mas, se a infanta se conservava inexoravelmente surda ás supplicas do enamorado poeta, este é que tambem se declarou firmemente resolvido antes a tudo soffrer, do que a deixar de vê-la e amá-la:

Quando se vir com agua o fogo arder,
Juntar-se ao claro dia a noite escura,
E a terra collocada lá na altura,
Em que se veem os ceos, prevalecer;
Quando Amor á razão obedecer,
E em todos for igual uma ventura:
Deixarei eu de ver tal formosura
E de a amar deixarei, depois de a ver.

Porém, não sendo vista esta mudança
 No mundo, porque, emfim, não póde ver-se,
 Ninguem mudar-me queira de querer-vos.
Que basta estar em vós minha esperança
 E o ganhar-se a minha alma ou o perder-se,
 Para dos olhos meus nunca perder-vos.
(Soneto 145).

Se pena, por amar-vos, se merece,
 Quem della estará livre? quem isento?
 E que alma, que razão, que intendimento,
 No instante em que vos vê, não obedece?
Qual mór gloria na vida já se offrece,
 Que a de occupar-se em vós o pensamento?
 Não só todo rigor, todo tormento,
 Com ver-vos, não magôa, mas se esquece,
Porém, se heis de matar a quem, amando,
 Ser vosso de amor tanto só pretende,
 O mundo matareis, que é todo vosso.
Em mi podeis, senhora, ir começando,
 Pois bem claro se mostra e bem se intende
 Amar-vos quanto devo e quanto posso.
(Soneto 82).

Ameaçado com o exilio, Camões respondia altivamente:

Nem o tremendo estrepito da guerra,
 Com armas, com incendios espantosos,
 Que despacham pelouros perigosos,
 Bastantes a abalar uma alta serra,
Podem pôr medo a quem nenhum encerra,
 Despois que viu os olhos tão formosos,
 Por quem o horror, nos casos pavorosos,
 De mi todo se aparta e se desterra.
A vida posso ao fogo e ferro dar
 E perdê-la em qualquer duro perigo
 E nelle, como phenix, renovar.
Não póde mal haver para comigo,
 De que eu já me não possa bem livrar,
 Senão do que me ordena Amor imigo.
(Soneto 210).

Não havia remedio. O poeta recebeu ordem de saír de Lisboa para o Ribatejo e para aí se encaminhou, levando na alma a sua bem-amada, a *sua alma,* ou antes indo sem a alma, que ficava em poder daquella:

Mote (alheio)

Sem vós e com meu cuidado:
Olhai com quem e sem quem!

Glosa

Vendo Amor que, com vos ver,
Mais levemente soffria
Os males que me fazia,
Não me pôde isto soffrer.

Conjurou-se com meu fado,
Um novo mal me ordenou:
Ambos me levam forçado
Não sei onde, poisque vou
Sem vós e com meu cuidado.

Não sei qual é mais estranho,
Destes dous males que sigo:
Se não vos ver, se comigo
Levar imigo tamanho.

O que fica e o que vem,
Um me mata, outro desejo.
Com tal mal e sem tal bem,
Em tais extremos me vejo.
Olhai com quem e sem quem!

Outra glosa ao mesmo mote

Amor, cuja providencia,
Foi sempre que não errasse,
Porque na alma vos levasse,
Respeitando o mal da ausencia,
Quís que em vós me transformasse.

E vendo-me ir maltratado,
Eu e meu cuidado, sós,
Proveu nisso de attentado,
Por não me ausentar de vós,
Sem vós e com meu cuidado.

Mas esta alma, que eu trazia,
Porque vós nella morais,
Deixa-me cego e sem guia,
Que ha por melhor companhia,
Ficar onde vós ficais.

Assi me vou de meu bem,
Onde quer a forte estrella,
Sem alma, que em si vos tem,
Co mal de viver sem ella:
Olhai com quem e sem quem!

Mote

Ferro, fogo, frio e calma,
Todo o mundo acabarão:
Mas nunca vos tirarão,
Alma minha, da minha alma!

Volta

Não vos guardei, quando vinha,
Em torre, força (1) ou engenho,
Que mais guardada vos tenho
Em vós, que sois alma minha.

Alli nem frio nem calma
Não podem ter jurdição;
Na vida sim, porém não
Em vós, que tenho por alma.

Quando foi o poeta forçado a saír de Lisboa?

A respeito da estação do anno, não póde haver duvida: foi na primavera.

Mote (alheio)

Campos bemaventurados,
Tornai-vos agora tristes,
Que os dias em que me vistes,
Alegres, já são passados.

Glosa

Campos cheios de prazer,
Vós que estais reverdecendo,
Já me alegrei com vos ver;
Agora venho a temer
Que entristeçais em me vendo.

E pois a vista alegrais
Dos olhos desesperados,
Não quero que me vejais,
Para que sempre sejais
Campos bemaventurados.

---

(1) Deverá ler-se *praça*?

Porém, se por accidente
Vos pesar de meu tormento,
Sabereis que Amor consente
Que tudo me descontente,
Senão descontentamento.

Porisso vós, arvoredos,
Que já nos meus olhos vistes
Mais alegria, que medos,
Se mos quereis fazer ledos,
Tornai-vos agora tristes.

Já me vistes ledo ser,
Mas despois que o falso Amor
Tão triste me fez viver,
Ledos folgo de vos ver,
Porque me dobreis a dor.

E se este gosto sobejo
De minha dor me sentistes,
Julgai quanto mais desejo
As horas que vos não vejo,
Que os dias em que me vistes.

O tempo, que é desigual,
De seccos, verdes vos tem,
Porque em vosso natural
Se muda o mal para o bem,
Mas o meu para mór mal.

Se perguntais, verdes prados,
Pelos tempos differentes,
Que de Amor me foram dados,
Tristes, aqui são presentes,
Alegres, já são passados.
(Redondilhas).

Alegres campos, verdes arvoredos,
Claras e frescas aguas de crystal,
Que em vós os debuxais ao natural,
Discorrendo da altura dos rochedos;
Silvestres montes, asperos penedos,
Compostos de concerto desigual:
Sabei que, sem licença de meu mal,
Já não podeis fazer meus olhos ledos.
E pois já me não vedes como vistes,
Não me alegrem verduras deleitosas,
Nem aguas que correndo alegres vem.
Semearei em vós lembranças tristes,
Regar-vos-ei com lagrimas saudosas,
E nascerão saudades de meu bem.
(Soneto 40).

Em que anno, porém, se passaria isto? Temos, me parece, uma indicação valiosa nas seguintes redondilhas:

Mote

De atormentado e perdido,
Já vos não peço senão
Que tenhais no coração
O que tendes no vestido.

Volta

Se de dó vestida andais
Por quem já vida não tem,
Porque não o haveis de quem
Vós tantas vezes matais?

Que brado, sem ser ouvido,
E nunca vejo senão
Cruezas no coração,
E grande dó no vestido.

Atormentado e perdido, isto é, vendo já deante de si o exilio, o poeta pede á infanta que tenha por elle o dó que traz no vestido.

Ora pouco depois do começo da primavera de 1547 tomou a filha de D. Manuel luto rigoroso pelo padrasto, Francisco I, fallecido em 31 de março desse anno.

Se é fundada a conjectura que acima apresentei ácerca do anno em que o poeta começou a *pôr o pensamento* na infanta (1546), teria assim durado uns doze meses o periodo que acabamos de percorrer.

E devo accrescentar que, se o minimo não póde deixar de ser um anno, — de primavera a primavera —, tambem difficilmente a pretenção do poeta se poderia ter prolongado por mais tempo, sem ser necessario pôr-lhe côbro.

(Continúa). DR. JOSÉ MARIA RODRIGUES.

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

// O INSTITUTO

REVISTA SCIENTIFICA E LITTERARIA

Redacção e administração — Rua do Infante D. Augusto, 44 — COIMBRA.

Propriedade e edição da Sociedade scientifica — O Instituto de Coimbra

Director Dr. BERNARDINO MACHADO Presidente do Instituto

Composto e impresso na Imprensa da Universidade.

SCIENCIAS PHYSICO-MATHEMATICAS

LES MATHÉMATIQUES EN PORTUGAL

(Cont. do n.º 7, pag. 347)

[U 10 *b*] — H. de Brito Capello e Roberto Ivens — *Carta da Africa Occidental Austro-Equatorial, contendo o itinerario e explorações de* Capello *e* Ivens, 1876-1880.
A l'échelle 1:481480.

[U 10 *b*] — A. A. Baldaque da Silva — *Planta da Ilha do Sacranambáca,* 1877-1879.
A l'échelle 1:10000.

[U 10 *b*] — J. da Silva Caetano — *Carta topographica da Ilha de S. Nicolau de Cabo Verde,* 1878.

[U 10 *b*] — J. F. d'Assa Castel Branco — *Carta do territorio Portuguez de Goa,* 1878.
A l'échelle 1:125000.

[U 10 *b*] — E. C. d'Oliveira Pimentel — *Carta vinicola de Portugal,* 1878.
A l'échelle 1:1000000.

[U 10 *b*] — A. C. Celestino Soares, F. Vicente de Sá e F.

TEIXEIRA REIS — *Plano hydrographico da Bahia de Loanda,* 1879.

[U 10 *b*] — A. PEDRO D'AZEVEDO (1) — *Carta geo-hydrographica da ilha da Madeira e dos ilheos e baixos adjacentes, levantada em 1842–1843 e publicada em 1879.*

[U 10 *b*] — A. DE MORAES SARMENTO — *Terrenos adjacentes aos rios Zambeze e Chire desde as suas cachoeiras até ao mar,* 1880?

[U 10 *b*] — B. DE C. RIBEIRO, A. M. DOS REIS, B. M. F. ANDRADE, A. M. DE CASTILHO, DON ANTONIO DE ALMEIDA e NERY DELGADO — *Plano hydrographico da barra e porto da Figueira e costa adjacente desde Palheiros de Lavos até ao Cabo Mondego, levantada de 1855 a 1862 e publicada, depois de rectificada, em 1880.*
A l'échelle 1:10000.

[U 10 *b*] — Direcção geral do Estado Maior — *Carta itineraria da 1.ª Divisão militar,* Lisboa, 1881.

[U 10 *b*] — A. M. DOS REIS, A. J. PERY, G. A. PERY — *Plano hydrographico da bahia e Porto do Rio Guadiana, levantado em 1874 e 1876 e publicado em 1881.*
A l'échelle 1:20000.

[U 10 *b*] — GUILHERME CAPELLO, GOMES COELHO e GUERREIRO DE AMORIM — *Plano hydrographico do porto de Ambriz,* 1882.

[U 10 *b*] — * — *Plano hydrographico desde o Cabo da Roca até Cezimbra, contendo a entrada do rio e seu porto,* 1882.
A l'échelle 1:50000.

[U 10 *b*] — EMYGDIO FRONTEIRA, F. ASSIS, CAMILLO JUNIOR e HUGO DE LACERDA — *Planta hydrographica do porto da Praia* (Ilha de S. Thiago de Cabo Verde), 1882.

---

(1) En collaboration avec les officiers du vaisseau anglais «Styx».

[U 10 *b*] — DON JOÃO DE CASTRO — *Roteiro de Lisboa a Goa. Annotado por* J. DE ANDRADE CORVO, Lisboa, Typographia da Academia real das sciencias, 1882.

Le routier proprement dit va seulement jusqu'à la page 375. De la page 377 à la page 428 on trouve un appendice de J. ANDRADE CORVO sur les lignes isogoniques au XVI^e siècle, qui avait du reste déjà paru, en français, dans J. M. P. N. (1^{re} série, VII, 1879-1880, 145-176).

Ce routier de DON JOÃO DE CASTRO est celui du premier voyage qu'il accomplit en 1538, mais il est le dernier qui fut publié, cet honneur appartenant à l'Académie des sciences de Lisbonne, qui en chargea le savant J. D'ANDRADE CORVO.

[U 10 *b*] — F. A. DE BRITO LIMPO — *Parecer sobre a adopção de um meridiano universal* (R. O. P. M., XIII, 1882, 569-572).

[U 10 *b*] — R. R. DE SOUZA PINTO — *Adopção de um meridiano universal* (I. C., 2.ª série, XXX, 1882-1883, 304-306).

[U 10 *b*] — LUCIANO CORDEIRO — *La question du méridien universel à la Société de géographie de Lisbonne. Rapport du secrétariat envoyé au gouvernement portugais et à la Société de géographie italienne* (B. S. G. L., 4^e série, 1883, 5-16).

[U 10 *b*] — J. B. FERREIRA D'ALMEIDA — *A questão do meridiano universal,* Lisboa, Typographia de Christovão A. Rodrigues, 1883.

Cette brochure renferme le rapport de la Société de géographie de Lisbonne relativement au méridien à prendre pour origine des longitudes, ainsi que les opinions formulées à ce sujet par d'autres sociétés savantes portugaises.

[U 10 *b*] — A. C. BORGES DE FIGUEIREDO — *Carta da Geographia dos Lusiadas,* 1883.

[U 10 *b*] — J. ANICETO DA SILVA — *Planta do Castello, Praça e Cidade de Diu,* 1883.

*

[U 10 *b*] — H. de Brito Capello e Roberto Ivens — *Carta do curso do Rio Zaire de Stanley-Pool ao Oceano,* 1883.

[U 10 *b*] — Gomes Coelho — *Plano hydrographico da Costa de Loanda desde o Morro das Lagostas á Ponta das Palmeirinhas,* 1883.
A l'échelle 1:50000.

[U 10 *b*] — J. C. O. Miranda e J. M. Elvas Cardeira — *Carta da linha de posições de Santarem-Obidos,* Lisboa, 1883-1884.

[U 10 *b*] — F. M. Pereira da Silva — *Planta do Rio Tejo pertencente ao plano geral das obras que convém realizar nas margens do Tejo em frente de Lisboa,* etc., 1884.
A l'échelle 1:10000.

[U 10 *b*] — L. de Moraes e Souza, C. de Magalhães e E. de Vasconcellos — *Rio Zaire,* 1884.

[U 10 *b*] — A. A. d'Oliveira — *Carta do traçado dos Caminhos de Ferro e das estradas estudadas e construidas no Districto de Loanda,* 1884.

[U 10 *b*] — Direcção geral dos trabalhos geodesicos — *Carta topographica da cidade de Lisboa e seus arredores, referida ao anno de 1879,* 1884.
A l'échelle 1:5000.

[U 10 *b*] — Xavier de Mattos e Moreira de Sá — *Estudo do Rio Incomati e sua barra,* 1884.

[U 10 *b*] — * — *Planta da Peninsula e Porto de Macau,* etc., 1884.
A l'échelle 1:10000.

[U 10 *b*] — J. A. Andrade — *Carta do territorio proposto para constituir o novo districto de Manica,* etc., 1885.

[U 10 *b*] — J. Francisco da Silva e F. Diogo de Sá — *Bahia das Salinas,* 1885.
A l'échelle 1:20000.

[U 10 *b*] — Direcção geral dos trabalhos geodesicos — *Carta chorographica do Districto de Evora com a demarcação dos concelhos*, Lisboa, 1885.
A l'échelle 1 : 100000.

[U 10 *b*] — * — *Planta da Cidade de Setubal*, 1885.

[U 10 *b*] — MOREIRA E SOUZA — *Planta da Praça de Campo Maior*, 1885.
A l'échelle 1 : 2000.

[U 10 *b*] — B. M. F. DE ANDRADE, A. J. PERY e G. A. PERY — *Plano hydrographico das barras e portos de Faro e Olhão, levantado em 1870 e 1873 e publicado em 1885.*

[U 10 *b*] — (1) — *Novo atlas universal*, Paris, Guillard, Aillaud & Cie, 1885.

[U 10 *b*] — EMYGDIO FRONTEIRA — *Rio Pungue. Planta hydrographica*, 1885.

[U 10 *b*] — ERNESTO DE VASCONCELLOS — *Provincia de Angola. Planimetria. Limites septentrionaes segundo a conferencia de Berlim*, 1885.
A l'échelle 1 : 450000.

[U 10 *b*] — ERNESTO DE VASCONCELLOS — *Carta da Ilha de S. Thomé*, 1885 e 1891.
A l'échelle 1 : 150000.

[U 10 *b*] — A. A. D'OLIVEIRA — *Carta da Africa Meridional Portugueza*, 1886.
A l'échelle 1 : 6000000.

[U 10 *b*] — A. A. DE OLIVEIRA — *Carta dos Territorios de Cabinda, Molembo e Massabi*, 1886.

[U 10 *b*] — A. A. D'OLIVEIRA, L. DE MORAES E SOUZA e ERNESTO DE VASCONCELLOS — *Carta de Angola*, 1885.
A l'échelle 1 : 3000000.

---

(1) Dans cet Atlas ont collaboré plusieurs professeurs portugais et braziliens.

[U 10 *b*] — D. C. de Vasconcellos e Noronha e A. G. T. Ferreira — *Plano hydrographico da Barra e porto do Rio Lima e Costa adjacente, levantada em 1865*, Lisboa, 1886.
A l'échelle 1:5000.

[U 10 *b*] — Emygdio Fronteira, Camillo Junior e Hugo de Lacerda — *Archipelago de Cabo Verde. Ilha de S. Thiago. Plano hydrographico do Porto da Praia*, 1886.

[U 10 *b*] — J. A. Coutinho e F. de Siqueira — *Provincia de Moçambique. Ponta de Bayona á Ponta de Namalungo*, 1886.

[U 10 *b*] — J. A. de Coutinho e F. de Siqueira — *Provincia de Moçambique. Infusse. Barras do rio Muite e canaes que cortam as mesmas terras*, 1886.

[U 10 *b*] — Ernesto de Vasconcellos — *Carta da Ilha do Principe*, 1886 e 1893.
A l'échelle 1:100000.

[U 10 *b*] — A. A. d'Oliveira — *Carta do Districto de Manica e dos territorios circumvisinhos*, 1887.
A l'échelle 1:2000000.

[U 10 *b*] — * — *Esboço geographico do districio de Timor*, etc., Dilly, 1887.

[U 10 *b*] — A. M. dos Reis e C. A. da Costa — *Plano hydrographico da barra e porto da ria de Aveiro, levantado em 1865 e publicado em 1887*.
A l'échelle 1:20000.

[U 10 *b*] — * — *Cartas das Ilhas de S. Vicente e Santa Luzia* (*Cabo Verde*) *e dos ilheos Branco e Razo*, 1887.
A l'échelle 1:100000.

[U 10 *b*] — Ernesto de Vasconcellos — *Carta da Ilha de S. Nicolao* (*Cabo Verde*), 1887.
A l'échelle 1:100000.

[U 10 *b*] — Ernesto de Vasconcellos — *Embocadura do Zaire*.

Reconhecimento hydrographico para lançamento do Cabo submarino, 1887.
A l'échelle 1:750000.

[U 10 *b*] — ERNESTO DE VASCONCELLOS — *Carta da Ilha de Santo Antão* (*Cabo Verde*), 1887.
A l'échelle 1:100000.

[U 10 *b*] — ERNESTO DE VASCONCELLOS — *Carta da ilha do Sal* (*Cabo Verde*), 1887.
A l'échelle 1:100000.

[U 10 *b*] — E. A. GOMES DE SOUZA — *Reconhecimento hydrophico da Ponta Banana á bahia de Cabinda,* 1887.
A l'échelle 1:185000.

[U 10 *b*] — * — *Bahia de Anna de Chaves* (*cidade de S. Thomé*), 1888.
A l'échelle 1:5000.

[U 10 *b*] — * — *Cabo Verde. Villa de S. Filippe,* 1888.
A l'échelle 1:2500.

[U 10 *b*] — ERNESTO DE VASCONCELLOS — *Carta da Ilha da Boa-Vista* (*Cabo Verde*), 1888.
A l'échelle 1:100000.

[U 10 *b*] — * — *Planta do Forte portuguez em S. João Baptista de Ajudá* (*Dahomé*), 1888.
A l'échelle 1:200.

[U 10 *b*] — * — *Villa de Sal-Rei, povoação da Ilha da Boa-Vista* (*Cabo Verde*), 1888.
A l'échelle 1:2500.

[U 10 *b*] — BOTTO, COUTINHO e SILVA — *Bahia do Tungue* (Parte oeste), 1888.
A l'échelle 1:10000.

[U 10 *b*] — A. OSCAR D'AZEVEDO MAY — *Novo atlas universal de historia e de geographia antiga, medieval e moderna,* Paris, 1888?

[U 10 *b*] — Ernesto de Vasconcellos — *Carta da Ilha Brava (Cabo Verde)*, 1888 e 1891.
A l'échelle 1 : 100000.

[U 10 *b*] — J. Pereira do Nascimento — *Districto de Mossamedes. Exploração e viagens*, 1888–1896.
A l'échelle 1 : 1000000.

[U 10 *b*] — L. F. Marrecas Ferreira — *Sur la projection zénithale* de Lambert, Lisbonne, Imprimerie nationale, 1889.

L'auteur expose une solution géométrique de ce problème qui a reçu de M. Ed. Collignon de remarquables développements (J. E. P., xxvi, 1867, p. 73), et qui donne immédiatement le tracé désiré; il essaie ensuite de démontrer que parmi de nombreuses projections cartographiques, qui exigent le maniement de formules et de tables compliquées, il en est une, toute entière du domaine de la science du trait, à laquelle, en définitive, toutes les projections vont demander la solution finale de la question, c'est-à-dire le tracé de la carte.

[U 10 *b*] — A. A. Baldaque da Silva — *Roteiro maritimo das costas de Portugal*, Lisboa, 1889.

[U 10 *b*] — Augusto de Castilho — *Barra do rio Linde. Reconhecimento hydrographico até Miahume, levantada em 1885 e publicada em 1889.*

[U 10 *b*] — Commissão de cartographia — *Carta da Guiné portugueza*, 1889.
A l'échelle 1 : 500000.

[U 10 *b*] — Commissão de cartographia — *Planta hydrographica da Provincia de Moçambique*, 1889.
A l'échelle 1 : 3000000.

[U 10 *b*] — A. Heitor — *Planta da provincia de Macau*, 1889.
A l'échelle 1 : 5000.

[U 10 *b*] — F. Correia Leotte e J. D. Leotte do Rego —

Plano hydrographico da Bahia do Mocambo, levantado em 1888 e publicado em 1890.
A l'échelle 1:40000.

[U 10 *b*] — * — *Plano hydrographico do Porto de Leixões*, 1890.
A l'échelle 1:2500.

[U 10 *b*] — Commissão de cartographia — *Reconhecimento hydrographico da foz do Pungue, levantada em 1889 e publicada em 1890.*

[U 10 *b*] — Senna Barcellos, Fonseca Rodrigues e Paiva Curado — *Archipelago de Cabo Verde*, 1890.
A l'échelle 1:5000.

[U 10 *b*] — Ernesto de Vasconcellos — *Carta da Ilha de S. Thiago* (*Cabo Verde*), 1890.
A l'échelle 1:100000.

[U 10 *b*] — L. Caetano Pereira, Alvaro Andréa e A. da Costa Rodrigues — *Provincia de Moçambique. Plano hydrographico da Barra e Porto do Rio Chinde*, 1890.
A l'échelle 1:20000.

[U 10 *b*] — J. C. — *Limites da Provincia de Moçambique impostos pela Inglaterra a Portugal*, 1890.
A l'échelle 1:6000000.

[U 10 *b*] — Nunes da Silva e Aprá — *Plano hydrographico do Feijão d'Agua* (*Ilha Brava*), 1890.
A l'échelle 1:5000.

[U 10 *b*] — Comte d'Avila (1) — *Nos travaux géodesiques* (B. S. G. L., 10e série, 1891, 157-160).

Considérations sur l'ouvrage du général Derrécagaix intitulé: *Des cartes topographiques européennes* (Paris, 1889), tendant à rétablir la vérité des faits concernant une affirmation y contenue.

---

(1) Plus tard Marquis d'Avila e de Bolama.

[U 10 *b*] — A. A. d'Oliveira — *Atlas das possessões portuguezas para a instrucção secundaria*, Lisboa, A. Ferreira Machado & C.ª, 1891.

[U 10 *b*] — Ernesto de Vasconcellos — *Esboço das Bacias hydrographicas dos Rios Pungue, Revue e parte do rio Buzio*, 1891.
A l'échelle 1:500000.

[U 10 *b*] — J. Renato Baptista (1) — *Reconhecimento para os estudos do caminho de ferro da Beira a Manica*, 1891.
A l'échelle 1:500000.

[U 10 *b*] — Officiaes da canhoneira *Ave* e *Bengo* — *Provincia de Angola. Plano hydrographico de Landana ao Massabi, levantado em 1884 e publicado em 1891.*
A l'échelle 1:40000.

[U 10 *b*] — A. de Moraes Sarmento — *Carta do Delta do Zambeze e Terrenos adjacentes*, 1891.
A l'échelle 1:500000.

[U 10 *b*] — Vasco de Carvalho, L. Caetano Pereira, A. Andréa e A. da Costa Rodrigues — *Plano hydrographico da barra e porto do rio Chinde, levantado em 1890 e publicado em 1891.*
A l'échelle 1:20000.

[U 10 *b*] — A. Fontoura, Newton, A. Valle — *Provincia de Angola. Plano hydrographico da Bahia do Lobito*, 1891.
A l'échelle 1:10000.

[U 10 *b*] — Jayme F. de Serpa Pimentel — *Carta do Territorio Portuguez de Damão e Nagar Avely*, 1891.

[U 10 *b*] — G. Ivens Ferraz — *Reconhecimento hydrographico da foz do Pungue e do Buzio, levantado em 1890 e publicado em 1891.*

---

(1) En collaboration avec les officiers du génie sous ses ordres.

[U 10 b] — J. D. Leotte do Rego — *Planta hydrographica da Barra de Quelimane,* 1891-1892.

A l'échelle 1:50000.

[U 10 b] — * — *Port of Leixões* (*Hydrographical Chart published by the daily paper* «O Commercio do Porto», 1892.

A l'échelle 1:2500.

[U 10 b] — Direcção do serviço do Estado Maior — *Carta dos arredores de Lisboa,* 1892 et suivants.

La première carte, dont le lever a été fait en 1891, a été publiée en 1892, et de nouveau publiée, dûment rectifiée, en 1898. C'est la carte nº 7 (*Campo Grande*).

Tous les ans sont publiées de nouvelles cartes et rectifiées celles qui s'épuissent.

A notre connaisance il ne manque que la publication de 7 feuilles pour que le plan projecté soit acompli.

[U 10 b] — Duarte Pacheco Pereira — *Esmeraldo de situs orbis.* (Edição commemorativa da descoberta da America por Christovão Colombo no seu 4.º centenario, sob a direcção de Raphael Basto, Lisboa, Imprensa Nacional, 1892 et B. S. G. L., 21ᵉ série, 1903, 180-189, 222-226, 336-345, 377-387, 402-409; 22ᵉ série, 1904, 11-22, 78-88, 135-141, 160-168, 200-209, 248-254, 308-318, 339-348, 367-379, 414-437).

Le manuscrit original de l'ouvrage de Pacheco Pereira, demeuré inédit, existait au milieu du xviiiᵉ siècle dans la Bibliothèque du Marquis d'Abrantes, d'après Barboza Machado, dans un travail paru en 1741. Aujourd'hui on le considère comme perdu.

Il en existe, en tout cas, deux copies, l'une à la Bibliothèque nationale d'Evora et l'autre à la Bibliothèque nationale de Lisbonne.

Suivant Duarte Pacheco, lui-même, le plan de son ouvrage «de cosmographie et marinherie» était de faire la description de la côte africaine, à partir du détroit de Gibraltar, dans la direction

du Sud jusqu'au cap de Guardafui, puis de là à la côte méridionale de l'Asie, en comprenant «toute l'Inde». L'ouvrage devait renfermer 5 livres, les trois premiers décrivant la partie de la côte africaine qui va jusqu'au fleuve de l'Infant, c'est-à-dire, jusqu'à la limite des découvertes antérieures au règne de DON MANUEL; au 4ᵉ la côte africaine du fleuve de l'Infant au cap Guardafui; au 5ᵉ le côte de l'Arabie méridionale, de la Perse et de l'Inde. Mais l'auteur n'acheva pas son entreprise, et l'interrompit juste au moment où il devait entrer dans la partie la plus importante de son travail, c'est-à-dire, quand il commençait à décrire la côte africaine au delà du fleuve de l'Infant. En effet, d'après BARBOZA MACHADO, le manuscrit original avait 4 livres, et le 4ᵉ seulement 6 chapitres, exactement le même nombre qu'on trouve dans les copies des Bibliothèques d'Evora et de Lisbonne.

Pour donner plus d'éclat à la célébration du 4ᵉ centenaire de la découverte de l'Amérique, on publia, pour la première fois, en 1892, l'*Esmeraldo*. Cette édition fût faite par les soins de RAPHAEL BASTO, conservateur aux Archives nationales (*Torre do Tombo*).

Le volume ouvre par une notice préliminaire, suivie de la transcription de plusieurs documents inédits, et finit par une remarque à quatre passages du texte du *Esmeraldo* et un index des noms et sujets les plus importants que le volume renferme.

La note préliminaire est destinée, dans son ensemble, à donner les principales données biographiques du célèbre *Achiles Lusitano*. Le texte du *Esmeraldo* est celui du manuscrit de Lisbonne avec des corrections d'après le manuscrit d'Evora.

Au dire de M. EPIPHANIO DIAS, cet ouvrage est assez incomplet. Ce professeur en remarquant d'ailleurs qu'il restait encore à faire une édition critique du *Esmeraldo*, s'en est chargé, en prenant pour base de ce travail, publié dans le B. S. G. L., le manuscrit d'Evora, le quel, a son avis, est plus exact que celui de Lisbonne.

[U 10 *b*] — J. M. DE MENDONZA SOUZA VIDIGAL — *Planta topographica da Cidade de Damão,* 1892.
A l'échelle 1:2000.

[U 10 *b*] — A. A. D'OLIVEIRA — *Mappa da primeira circumnavegação da terra por* FERNAM DE MAGALHÃES *e* SEBASTIÃO DEL CANO (*1519-1522*), 1892.

[U 10 *b*] — A. A. D'OLIVEIRA — *Mappa do caminho maritimo da India por* VASCO DA GAMA (*1497-1499*), 1892.

[U 10 *b*] — E. J. DA COSTA OLIVEIRA — *Carta do Curso do Rio Zaire de Noqui ao Oceano,* 1892.
A l'échelle 1:200000.

[U 10 *b*] — A. G. TELLES FERREIRA e F. DA COSTA MAIA — *Carta Topographica da Cidade do Porto,* 1892.
A l'échelle 1:5000.

[U 10 *b*] — Direcção geral da Agricultura — *Carta agricola de Portugal, levantada em 1890 e 1891, e publicada de 1892 a 1899.*

[U 10 *b*] — Commissão de cartographia — *Carta dos districtos de Lourenço Marques e de Inhambane,* 1893.
A l'échelle 1:1000000.

[U 10 *b*] — J. AFFREIXO — *Traçado rapido dos Cursos dos rios Inhamacuna, Moali a Lamaduro,* 1893.
A l'échelle 1:74000.

[U 10 *b*] — F. FERREIRA DEUSDADO — *Chorographia de Portugal,* Lisboa, 1893.

[U 10 *b*] — * — *Planta hydrographica da barra de Quilimane,* 1893.

[U 10 *b*] — J. D. LEOTTE DO REGO — *Plano hydrographico da barra e curso do rio Maccuse até 25 milhas da costa, levantada em 1892 e publicada em 1893.*

[U 10 *b*] — J. F. D'AVILLEZ (1) — *Sobre a representação da*

(1) Vicomte de REGUENGO.

Terra pelas projecções orthogonaes (J. M. P. N., 2.ª série, III, 1893-1895, 78-94).

L'auteur étudie la forme des projections orthographiques orthogonales, dans le cas où le plan de projection est parallèle, soit à l'équateur, soit au méridien. Il indique ensuite les formules qui fixent la position sur la carte d'un point quelconque dont la colatitude et la longitude sont connues. Il considére, enfin, les déformations de ces systèmes de projection et il fait connaître les conditions de leur emploi.

[U 10 *b*] — EDUARDO DE NORONHA — *Esboço da carta do districto de Lourenço Marques,* 1894.
A l'échelle 1:250000.

[U 10 *b*] — * — *Plano hydrographico da barra e porto de Villa Nova de Portimão,* 1894.
A l'échelle 1:5000.

[U 10 *b*] — * — *Mappa das linhas ferreas e localidades onde ha guarnições e estabelecimentos militares,* 1894.

[U 10 *b*] — NUNES DA SILVA e FRANCISCO CID — *Planta hydrographica do Porto de Furna (Ilha Brava), levantada em 1892 e publicada em 1894.*
A l'échelle 1:2000.

[U 10 *b*] — G. IVENS FERRAZ — *Reconhecimento hydrographico da Bahia do Bazaruto,* 1894.
A l'échelle 1:200000.

[U 10 *b*] — J. A. LUDOVICE, BETTENCOURT FURTADO e ALVES DIAS — *Reconhecimento da Barra de Limpopo, levantada em 1893 e publicada em 1894.*
A l'échelle 1:5000.

[U 10 *b*] — J. J. XAVIER DE BRITO e A. RAMOS DA COSTA — *Plano hydrographico da barra e porto de Villa Nova de Portimão,* 1894.
A l'échelle 1:5000.

[U 10 *b*] — ERNESTO DE VASCONCELLOS — *Carta da ilha do Fogo (Cabo Verde),* 1894).
A l'échelle 1:100000.

[U 10 *b*] — J. AFFREIXO — *Reconhecimento hydrographico da barra do rio Licungo (M' Gondo), levantada em 1893 e publicada em 1895.*
A l'échelle 1 : 10000.

[U 10 *b*] — Commissão de cartographia — *Carta dos districtos de Benguella e Mossamedes,* 1895.

[U 10 *b*] — FRANCISCO CONÇALVES — *Itinerario de duas marchas feitas de Cassualella ao Bailundo e d'este ponto a Catumbella,* 1896-1897.
A l'échelle 1 : 1500000.

[U 10 *b*] — Direcção geral dos trabalhos geodesicos — *Carta chorographica da Ilha de S. Miguel,* 1897.
A l'échelle 1 : 50000.

[U 10 *b*] — VALENTE DA CRUZ — *Reconhecimento hydrographico do rio Limpopo desde a sua foz até á confluencia do Chengane,* 1897.

[U 10 *b*] — A. FILIPPE DE ANDRADE — *Estudos do planalto do Districto de Benguella,* 1897.
A l'échelle 1 : 1000000.

[U 10 *b*] — F. MOREIRA DA FONSECA, C. VILLAR, J. J. DE SOUZA, COUTO PINTO e PROENÇA FORTES — *Provincia de Moçambique. Reconhecimento do Porto Interior da Beira,* 1897.
A l'échelle 1 : 10000.

[U 10 *b*] — Commissão de cartographia — *Reconhecimento da barra de Limpopo,* 1897.
A l'échelle 1 : 10000.

[U 10 *b*] — GABRIEL PRREIRA — *Roteiros portuguezes da viagem de Lisboa á India nos seculos* XVI *e* XVII, Lisboa, Imprensa Nacional, 1898.
M. GABRIEL PEREIRA fait, dans cette brochure, un intéressant exposé des routiers, par la mer, des Indes, de VICENTE RODRIGUES et GASPAR MANUEL et de celui de ALEIXO DA MOTTA.

[U 10 *b*] — J. FORTUNATO DE CASTRO — *Planta da delimita-*

ção e demarcação da Praça de Castro Marim com seus arredores, 1898.
A l'échelle 1:1000.

[U 10 *b*] — Corpo do Estado Maior — *Carta itineraria de Portugal,* 1898 (1).

[U 10 *b*] — F. T. Vieira da Rocha e Adriano A. de Sá — *Goa. Reconhecimento hydrographico da Barra de Betul e Foz do Rio de Sal,* 1898.
A l'échelle 1:25000.

[U 10 *b*] — J. C. da Silva Nogueira e C. A. Gomes d'Amaral — *Reconhecimento hydrographico da barra do rio Tejungo,* 1898.
A l'échelle 1:25000.

[U 10 *b*] — J. G. Ferreira da Costa — *Atlas de geographia universal,* etc., Lisboa, Typographia e lithographia da Companhia nacional editora, 1898 e 1903.

[U 10 *b*] — J. F. Nery Delgado e Paulo Choffat — *Carta geologica de Portugal* (2), 1899.
A l'échelle 1:500000.

[U 10 *b*] — Augusto de Castilho — *Reconhecimento da bahia do rio Linde,* Lisboa, 1899.

[U 10 *b*] — A. Eduardo Neuparth — *Landana e Foz do Chiloango,* 1899.
A l'échelle 1:5000.

[U 10 *b*] — Alexandre A. Terry — *Planta itineraria da Marcha da Expedição do Nyassa,* 1899.
A l'échelle 1:200000.

[U 10 *b*] — Commissão de cartographia — *Esboço do Curso do Zambeze,* 1899.
A l'échelle 1:200000.

---

(1) On a publié postérieurment plusieurs feuilles de cette carte, dûment corrigées.
(2) Cette carte a reçu un *Grand Prix* à l'Exposition Universelle de Paris en 1900.

[U 10 *b*] — C. J. DE SENNA BARCELLOS — *Archipelago de Cabo Verde. Plano hydrographico do Porto Grande de S. Vicente*, 1899.
A l'échelle 1:20000.

[U 10 *b*] — C. J. DE SENNA BARCELLOS — *Plano hydrographico do Porto da Ponta do Sol*, 1900.
A l'échelle 1:10000.

[U 10 *b*] — A. A. FREIRE D'ANDRADE — *Carta da Região Mineira de Manica*, 1900.
A l'échelle 1:50000.

[U 10 *b*] — J. A. ALVES ROÇADAS — *Planta de Catumbella*, 1900.
A l'échelle 1:3000.

[U 10 *b*] — J. A. ALVES ROÇADAS — *Planta da Cidade de S. Paulo de Loanda*, 1900.
A l'échelle 1:5000.

[U 10 *b*] — Commissão de cartographia — *Archipelago de Cabo Verde*, 1900.
A l'échelle 1:500000.

[U 10 *b*] — Commissão de cartographia — *Carta de Angola*, 1900.
A l'échelle 1:3000000.

[U 10 *b*] — F. L. PEREIRA DE SOUZA — *Estudo geologico do Polygono de Tancos*, 1902.

[U 10 *b*] — GOMES DA COSTA — *Africa Oriental Portugueza*, 1903.

[U 10 *b*] — Commissão de cartographia — *Carta de Moçambique*, 1903.
A l'échelle 1:3000000.

[U 10 *b*] — Direcção geral dos trabalhos geodesicos — *Carta de Portugal*, 1903.
A l'échelle 1:500000.

[U 10 *b*] — A. F. MONIZ JUNIOR — *Carta de jurisdicção de Damão em 1634*, 1903.

[U 10 *b*] — J. J. Xavier de Brito — *Plano hydrographico da barra e porto de Setubal, levantado em 1884 e publicado em 1903.*

A l'échelle 1 : 20000.

[U 10 *b*] — Direcção geral dos trabalhos geodesicos — *Carta chorographica da Ilha de Santa Maria (Açores), levantada em 1898 e publicada em 1903.*

A l'échelle 1 : 50000.

[U 10 *b*] — Marquis d'Avila e de Bolama — *Sobre nivelamentos de precisão em Portugal* (R. M. L., LVII, 1905, 521-526).

Compte-rendu des travaux réalisés en Portugal concernant le nivellement de précision, entre Cascaes et le pont international sur le Caia, près d'Elvas, pour être relié aux nivellements espagnols, dans le but de déterminer la différence de niveau entre la Méditérranée à Alicante, et à l'océan atlantique, à Cadix, à Cascaes et à Santander, et par suite de savoir si l'on doit adopter ou rejeter la proposition présentée par M. Lallemand que toutes les mers ouvertes qui environnent l'Europe, ont la même surface à niveau.

(Continúa). Rodolpho Guimarães.

LITTERATURA E BELLAS-ARTES

CAMÕES E A INFANTA D. MARIA

(Cont. do n.º 7, pag. 368)

Antes de acompanharmos Camões no seu amargurado exilio, cumpre fazer referencia a alguns factos anteriores, de que elle nos dá noticia.

Seja o primeiro uma ausencia da formosa infanta, que motivou, entre outras poesias, estes tres sonetos, tão bellos, tão repassados de amorosa saudade:

Ondados fios de ouro reluzente,
Que agora da mão bella recolhidos,
Agora sobre as rosas esparzidos,
Fazeis que sua graça se accrescente:
Olhos, que vos moveis tão docemente,
Em mil divinos raios incendidos:
Se de cá me levais a alma e os sentidos,
Que fôra, se eu de vós não fôra ausente?
Honesto riso, que entre a mór fineza
De perlas e corais nasce e apparece,
Oh! quem seus doces ecos já lhe ouvisse!
Se, imaginando só tanta belleza (1),
De si, com nova gloria, a alma se esquece,
Que será quando a vir? Ah quem a visse!

(Soneto 84).

---

(1) Brantôme, que era intendido no assumpto, dá-nos tambem testemunho da formosura da infanta, em uma pagina das *Dames galantes,* que vale a pena transcrever na integra. Fallando de senhoras que não quiseram casar, diz o celebre cortesão e aventureiro francês: «J'ay veu l'infante de Portugal, fille de la feu reyne Æleonor, en mesme resolution; et est morte fille et vierge en l'aage de soixante ans ou plus. Ce n'est pas faute de grandeur, car ell'estoit grande en tout; ny par faute de biens, car elle en avoit force, et mesme en France, où M. le general Gourgues a bien fait ses affaires; ny pour faute de dons de nature, car je l'ay veue à Lysbonne, en l'aage de quarante-cinq ans, une tres-belle et agreable fille, de bonne grace et belle aparance, douce, agreable, et qui meritoit bien un mary pareil à elle en tout, courtoise, et mesmes à nous autres François. Je le peux dire pour avoir eu cest honneur d'avoir parlé à elle souvant et privement. Feu M. le grand prieur de Lorraine, lorsqu'il mena ses galleres du Levant en Ponant pour aller en Escosse,

Do estan los claros ojos, que, colgada,
Mi alma tras de si llevar solian?
Do estan las dos mexillas, que vencian
La rosa, quando está mas colorada?
Do está la roxa boca, y adornada
Con dientes, que de nieve parecian?
Los cabellos, que el oro escurecian,
Do estan, y aquella mano delicada?

---

du temps du petit roy François, passant et sejournant à Lysbonne quelques jours, la visita et veid tous les jours. Elle le receut fort courtoisement et se pleust fort en sa compaignie, et lui fit tout plein de beaux presens. Entre autres, luy bailla une chaisne pour pendre sa croix, toute de diamans et rubis, et perles grosses, proprement et richement elabourée; et pouvoit bien valloir de quatre à cinq mill'escus, et luy faisoit trois tours. Je croy qu'elle pouvoit bien valloir cela, car il l'engageoit tousjours pour trois mill'escus, ainsi qu'il fit une fois à Londres, lorsque nous tournions d'Escosse; mais aussitost estant en France il l'envoya desengager, car il l'aymoit pour l'amour de la dame de laquelle il estoit encaprissé et fort pris. Et croy qu'elle ne l'aymoit point moins, et que voluntiers ell'eust rompu son neud virginal pour luy; cela s'apelle par mariage, car c'estoit une tres-sage et vertueuse princesse. Et si diray bien plus, que, sans les premiers troubles qui commençarent en France, où messieurs ses freres l'attiroient, et l'y tenoient, il voulut luy-mesmes retourner ses galleres et reprendre mesme routte, et revoir ceste princesse et lui parler de nopces; et croy qu'il n'y fust point esté esconduict, car il estoit d'aussi bonne maison qu'elle, et extraict de grands roys comm'elle, et surtout l'un des beaux, des agreables, des honnestes et des meilleurs princes de la chrestienté. Messieurs ses freres, principallement les deux aisnez, car ilz estoient les oracles de tous et conduisoient la barque, je vis un jour qu'il leur en parloit, leur racontant de son voyage et les plaisirs qu'il avoit receuz là, et les faveurs: ilz vouloient fort qu'il reffist encor le voyage et y retournast encor; et luy conseilloient de donner là, car le pape en eust aussitost donné la dispense de la croix; et, sans ces mauditz troubles, il y alloit et en fust sorty (à mon advis), à son honneur et contentement. Ladite princesse l'aymoit fort, et m'en parla en tres bone part, et le regreta fort, m'interrogeant de sa mort, et comme esprise, ainsi qu'il est aisé, en telles choses, à un homme un peu clairvoyant le cognoistre» (Edição de E. Flammarion, Paris, p. 435-436). O *grão-prior de Lorena* era Francisco de Guise, professo na ordem de Malta e irmão do celebre segundo duque de Guise e do cardial de Lorena. O *petit roy François* é Francisco 2.º, que subiu ao throno em julho de 1559 e falleceu em dezembro de 1560. Brantôme, que não se enganou muito a respeito da idade que tinha a infanta, esteve em Lisboa de 1564 para 1565. Apesar de já não ser viva a rainha D. Leonor, comprehende-se o interesse com que a enteada de Francisco 1.º ouviria o celebre fidalgo francês. Creado na côrte de Margarida de Valois, filho, neto, sobrinho e irmão de empregados superiores da casa real, gentil-homem da camara de Carlos 9.º, ninguem melhor do que elle podia informar a infanta a respeito de pessoas que tanto interesse lhe deviam despertar. Pois se elle até sabia que a rainha D. Leonor, «estant deshabillée, paroissoit du corps une geante, tant elle l'avoit long et grand; mais, tirant en bas, elle paroissoit une naine, tant elle avoit les cuisses et jambes

O toda linda! Do estarás agora,
Que no te puedo ver, y el gran deseo
De verte me da muerte cada hora!
Mas no mirais mi grande devaneo?
Que tenga yo en mi alma a mi señora
E diga: Donde estás, que no te veo!
(Soneto 328) (1).

De cá, donde sómente o imaginar-vos
A rigorosa ausencia me consente,
Sobre as asas do Amor, ousadamente,
O mal soffrido esprito vai buscar-vos;
E, se não receára de abrasar-vos
Nas chammas, que por vossa causa sente,
Lá ficára comvosco, e, vós presente,
Aprendera de vós a contentar vos.
Mas, pois que estar ausente lhe é forçado,
Por senhora, de cá, vos reconhece,
Aos pés de imagens vossas inclinado.
E pois vedes a fé que vos offrece,
Ponde os olhos, de lá, no seu cuidado,
E dar-lhe-eis inda mais do que merece.
(Soneto 116).

Como tardava para o enamorado poeta o dia em que podesse tornar a ver a sua *saudade!*

Mote

Saudade minha,
Quando vos veria?

Voltas

Este tempo vão,
Esta vida escassa,
Para todos passa,
Só para mim não.
Os dias se vão,
Sem ver este dia,
Quando vos veria.

---

courtes avec le reste»! (*Dames galantes*, ediç. cit., pag. 166). E quem lhe havia dito isto tinha sido *madame de Fontaine-Chalandray, dite la belle Torcy*, aquella que, em solteira, tão ardente paixão havia inspirado a Francisco de Moraes e que Camões trata de *formosa* e *falsifica nympha* (Egloga 2.ª, v. 495 e segg.). Direi ainda que Brantôme recebeu de D. Sebastião o habito de Christo. E talvez a filha da rainha D. Leonor não fosse estranha á concessão desta mercê.

(1) Reproduzo o soneto como elle se lê no *Cancioneiro* de L. Franco Corrêa (fl. 114 *v.*), mudando apenas *está* em *estan* no v. 8. A transcripção de Juromenha contém algumas inexatidões.

Vede esta mudança
Se está bem perdida (1):
Em tão curta vida,
Tão longa esperança!
Se este bem se alcança,
Tudo soffreria,
Quando vos veria.

Saudosa dor,
Eu bem vos intendo;
Mas não me defendo,
Porque offendo Amor.
Se fosseis maior,
Em maior valia
Vos estimaria.

Minha saudade,
Caro penhor meu,
A quem direu eu
Tamanha verdade?
Na minha vontade,
De noite e de dia,
Sempre vos teria.

Estaria a infanta fóra de Lisboa, durante alguma temporada, no periodo que decorre da primavera de 1546 até a de 1547?

Pela chronica de Francisco de Andrade sabemos que a côrte se achava em Almeirim no começo de junho de 1546 (2). E do *Corpo diplomatico portuguez*, tomo VI, se deduz que residiu todo o anno nesta villa ou em Santarem. E, portanto, natural que a infanta tambem para alli fosse passar, pelo menos, a estação calmosa.

E não seria esta a primeira vez que ella, depois de ter casa á parte, acompanhasse o irmão e a tia para fóra de Lisboa. Em setembro de 1543, por exemplo, encontravam-se todos em Cintra (3).

Em principio de fevereiro de 1547, é certo, assistiu a in-

---

(1) Que quer isto dizer? Teria o poeta escripto:

Vede esta ordenança
Se está bem urdida?

(2) *Cronica de D. João III*, 4.ª parte, cap. 11. Refere o chronista a cerimonia com que D. João III recebeu o collar do *Tosão d'ouro*, que Carlos V lhe enviou por um rei d'armas.

(3) *Cronica* citada, 3.ª parte, cap. 95.

fanta em Almeirim ao faustuoso casamento de D. João de Lencastre, primeiro duque de Aveiro, com D. Juliana de Lara, irmã do quarto marquês de Villa-Real, D. Miguel de Meneses (1).

Não me parece, porém, que fosse esta a ausencia que motivou as poesias de Camões.

Creio, em primeiro logar, que ella não foi longa. Demais, nessa occasião já os amores de Camões deviam ter saído da phase idyllica, em que as referidas poesias fôram escriptas. Accresce ainda que talvez o poeta se achasse tambem presente ao acto. A noiva, com effeito, pertencia, muito de perto, á familia do seu amigo e protector, D. Francisco de Noronha (2), e era natural que o pequeno D. Antonio fosse tambem a Almeirim, acompanhado do seu preceptor. Era uma festa de familia, transformada em festa da côrte (3), e D. Francisco de Noronha quereria, por certo, que o seu primogenito a ella assistisse. E comprehende-se bem que o poeta procuraria remover quaesquer obstaculos, se os houvesse, para ir còm o seu discipulo e olhar por elle (4).

Supponho, por isso, que as poesias a que acabo de me referir fôram escriptas durante a estação calmosa do anno de 1546.

Outro grupo de poesias, anteriores ao exilio, é o que foi motivado por uma doença da infanta.

Mote

Deu, senhora, por sentença
Amor que fosseis doente,
Para fazerdes á gente
Doce e formosa a doença.

Voltas

Não sabendo Amor curar,
Foi a doença fazer,
Formosa para se ver,
Doce para se passar.

---

(1) Sousa, *Historia genealogica*, xi, p. 50 e segg. *Provas*, vi, p. 45-67.

(2) Foi até elle que assignou, em nome e com procuração da noiva, a escriptura do casamento, feita em Almeirim em 1 de fevereiro de 1547. Encontra-se esta escriptura impressa nas *Provas da Historia genealogica da Casa real*, vi, p. 45 e segg.

(3) Vid. *Historia genealogica*, xi, p. 50 e segg.

(4) Sobre a affluencia de gente ao casamento, veja-se a curiosa carta do conego Bras Luis da Mota (*Provas da Historia genealogica*, vi, p. 64).

Então, vendo a differença
Que ha de vós a toda a gente,
Mandou que fosseis doente,
Para gloria da doença.

E digo-vos de verdade
Que a saude anda invejosa,
Por ver estar tão formosa
Em vós essa infermidade.

Não façais logo detença,
Senhora, em estar doente,
Porque adoecerá a gente
Com desejos da doença.

Que eu, por ter, formosa dama,
A doença que em vós vejo,
Vos confesso que desejo
De caír comvosco em cama.

Se consentis que me vença
Deste (1) mal, não houve gente
Da saude tão contente,
Como eu serei da doença.

Mote

Da doença em que ora ardeis
Eu fôra vossa mézinha,
Só com vós serdes a minha.

Voltas

É muito para notar
Cura tão bem acertada,
Que podereis ser curada
Sómente com me curar.
Se quereis, dâma, trocar,
Ambos temos a mézinha,
Eu a vossa, e vós a minha.

Olhai que não quer Amor,
Porque fiquemos iguais,
Pois meu ardor não curais,
Que se cure vosso ardor.
Eu cá sinto vossa dor;
E se vós sentis a minha,
Dai e tomai a mézinha.

---

(1) Não deverá ler-se *este* ou *esse*?

Mote

Com razão queixar-me posso
De vós, que mal vos queixais;
Pois, senhora, vos sangrais,
Que seja num corpo vosso (1).

Voltas

Eu, para levar a palma,
Com que ser vosso mereça,
Quero que o corpo padeça
Por vós, que delle sois alma.

Vós do corpo vos queixais;
Eu queixar-me de vós posso,
Porque, tendo um corpo vosso,
Na minha alma vos sangrais.

E sem fazer differença
No que de mi possuís,
Pelo pouco que sentis,
Dais á minha alma doença.

Porque dous aventurais?
Oh não seja o dano nosso!
Sangre-se este corpo vosso (2),
Porque, minha alma, vivais.

E inda, se attenderdes bem,
Seguis medicina errada,
Porque, para ser sangrada,
Uma alma sangue não tem.

E pois em mi sarar posso
Males, que á minha alma dais,
Se inda outra vez vos sangrais,
Seja neste corpo vosso (3).

Tudo me leva a crer que a doença a que se refere aqui o poeta é a mesma de que falla Fr. Miguel Pacheco, na seguinte passagem: «Enfermô vna vez de tercianas, con alguna malignidad; hallauanse los medicos con cuidado; mas nuestra

(1) E não na minha alma, que lá tendes.
(2) O sentido mostra que deve ler-se, aqui, *corpo nosso*, e no verso anterior, *dano vosso*. Cf. a primeira volta: *quero que o* meu *corpo*, etc.
(3) Aliás *corpo nosso*.

Princesa, haziendo menos caso de los socorros de Hypocrates y Galeno, acudio a buscarlos en la Reyna del Cielo. Ordeno a su confessor fuesse a pedirlo a la milagrosa imagen de la Luz, que se venera en templo que dista poco de Lisboa,... y celebrada en su iglesia la missa, se traxesse vna cantarilla de agua, de vna admirable fuente que corre debaxo de su altar... Beuio esta Princesa (la salud), porque, en el mismo punto que tomo el agua, se despidio la calentura y cesso la enfermidad» (1).

Em que phase se achavam os amores do poeta, quando escreveu os versos que ficam transcriptos?

O tom geral que nelles domina, ao mesmo tempo que indica não ser considerada grave a doença da infanta, mostra tambem que, para a ardente paixão do poeta, já ia tardando o remedio:

Olhai que não quer Amor,
Porque fiquemos iguais,
Pois meu ardor não curais,
Que se cure vosso ardor.

Camões achava-se, me parece, na phase em que tanto o incommodava a indifferença da infanta. Já havia chegado ou estava proxima a occasião de perguntar a si proprio:

Se esta dor tão conhecida
Me não veem, porque não querem,
Que farei para me crerem?

Confirmam esta conjectura as redondilhas seguintes:

Olhai que dura sentença
Foi Amor dar contra mi:
Que, porque em vós me perdi,
Em vós me busque a doença!

---

(1) *Vida de la serenissima infanta Doña Maria*, fl. 107 *v.*-108). Não encontro referencia a qualquer outra doença da infanta, além destas terçãs e da *calentura lenta*, de que morreu (Ibid., fl. 126 *v.*). Diz Fr. M. Pacheco que a infanta, para que as miraculosas aguas da Luz podessem aproveitar a todos, «compro vnas casas immediatas a aquel Santuario y ordeno se diessen de valde a los que quiziesen hazer nouenas», etc. (Fl. 108). Foi talvez esta uma das razões por que a filha de D. Manuel, posteriormente, mandou construir e escolheu para seu jazigo a sumptuosa capella-mór da Senhora da Luz, que fica no proprio local onde estava o antigo templo. E lá corre ainda agua de que a infanta bebeu, para se curar das terçãs.

Claro está
Que em vós só me achará;
Que em mi, se me vem buscar,
Não poderá mais achar
Que a fórma do que foi (1) já.

Que, se em vós Amor se pôs,
Senhora, é forçado assi,
Que o mal, que me busca a mi,
Que vos faça mal a vós.

Sem mentir,
Amor me quis destruir
Por modo nunca cuidado;
Pois ha de ser já forçado
Pesar-vos (2) de vos servir.

Mais sois tão desconhecida,
E são meus males de sorte,
Que vos ameaça a morte,
Porque me negais a vida.

Se por boa
Tal justiça se pregoa,
Quando desta sorte for,
Havei vós perdão de Amor,
Que a parte já vos perdoa.

Mas o que mais temo, emfim,
É que, nesta differença,
Que se não torne a doença,
Se me não tornais a mim.

De verdade,
Que já vossa humanidade
De que se queixe não tem,
Pois para as almas tambem
Fez Amor infermidade.

Para festejar o restabelecimento da saude da infanta, escreveu Camões a bella canção 19, que o visconde de Juromenha publicou pela primeira vez:

Porque a vossa belleza a si se vença,
Tais extremos mostrastes,
Que mais bella ficastes
Co passado rigor desta doença.

---

(1) Não será preferivel ler *fui?*
(2) Talvez *lhe*, referindo-se a *Amor*.

Assim, depois, a descorada rosa,
Se reverdece, fica mais formosa;
Assim, depois do inverno e seus rigores,
Se mostra a primavera com mais flores;
Assim, depois que eclipse o sol padece,
Com mais formosos raios resplandece.

Já de vossa saude o sol se alegra;
    E, se negro vestia,
    Se veste de alegria,
E se mostra mais clara, a noute negra.
Os campos secos floreceis, senhora,
Sem flores já enferma a sua Flora (1).
Tambem os elementos se alegraram,
Que o vosso mal sentiram e choraram.
Alegre canta o passaro mais rudo;
Tudo se alegra, ou vós alegrais tudo.

Alegrais terra e ceo co as luzes bellas
    Desses olhos formosos,
    Que são tão milagrosos,
Que dão flores á terra, ao ceo estrellas.
Ao Tejo, que ainda tem maior ventura,
Dais o retrato dessa formosura (2),
Que é de riquezas bem maior thesouro,
Que o levar as areias do fino ouro.
Pois tudo enriqueceis, senhora, vemos
Que sois mais rica e tendes mais extremos.

Festeja o mesmo Amor vossa ventura
    E a saude, de soberba nella (3),
    Se mostra já mais bella
E se enriquece em vossa formosura.

---

(1) Este verso foi manifestamente alterado. Proponho se lêa:

Com flores já se enfeita a deusa Flora.

(2) O paço de S. Clara ficava sobranceiro ao Tejo e é natural que o terreno annexo, ajardinado ou coberto de arvores, descesse até á margem do rio.

Foi talvez junto desta que o poeta viu a infanta, quando a foi felicitar pelo seu restabelecimento.

(3) Verso evidentemente errado. W. Storck propõe esta correcção:

E a saude nella.

É claro que não satisfaz. Lembro-me de qualquer destas, embora

As Graças, coroadas de mil flores,
Vos coroam por Deusa dos Amores
E vos dão o que o vôsso abril lhes (1) dera,
Que tambem sois das Graças Primavera.
Já que alegrais a tudo com saude,
Tudo se alegre e ella não se mude.

Como se vê, nesta canção o poeta não allude ao seu amor pela filha de D. Manuel. É que naturalmente foi escripta, para ser lida ou ouvida pela illustre senhora.

---

tambem offereçam difficuldades:

Venus, soberba e bella,

ou

Venus, por causa della.

Cf. o soneto 120, que tambem se refere á infanta:

Tornai essa brancura á alva assucena
E essa purpurea côr ás puras rosas;
Tornai ao sol as chammas luminosas
Dessa vista, que a roubos vos condena;
Tornai á suavissima sirena
Dessa voz as cadencias deleitosas;
Tornai a graça ás Graças, que queixosas
Estão de a ter, por vós, menos serena;
Tornai á bella Venus a belleza;
A Minerva o saber, o engenho e a arte,
E a pureza á castissima Diana:
Despojai-vos de toda essa grandeza
De dões — e ficareis em toda a parte
Comvosco só, que é só ser inhumana.

A proposito dos versos 5-6 citarei estas palavras de J. de Barros: «E tanto fruito tem Vossa Alteza colhido das letras, que achando nellas quam espiritual cousa he a musica, & quanto levanta os corações para o Ceo, nella se exercita». *Panegirico á mui alta e esclarecida Princesa infanta D. Maria,* em Severim de Faria, *Noticias de Portugal,* ediç. de 1655, p. 329-330.

(1) W. Storck rejeita, a meu ver, com razão a emenda *vos,* proposta para este logar. Diz o poeta que, se a Primavera corôa as Graças de flores, o mesmo lhes havia feito a infanta, que por isso se póde tambem chamar a Primavera das Graças. *O vosso abril lhes dera* é o mesmo que: *vós, em abril lhes dereis.* A referencia ao (passado) *abril* e os *campos secos* da canção confirmam, parece-me, a conjectura de que a infanta estaria doente nos fins do verão ou no outomno de 1546, depois de ter voltado para Lisboa.

Com o restabelecimento da saude da infanta relaciona tambem W. Storck o passeio no Tejo (1), que teria dado origem ao soneto 309 da edição de Juromenha.

Eis como elle se lê na fonte donde este indefesso camonista o extraíu (2):

Em hũ batel q̃ com doçe meneio (3)
o aurifero Tejo deuidia,
vi belas damas, ou melhor diria,
belas estrelas, e hũ sól no meio.
As delicadas filhas de Nereo
cõ mil coisas (4) de doçe armonia
ião amarrãdo (5) a bela companhia
(q̃ se eu não erro), por honrralas (6) veio.
Ó fermosas Nereidas, q̃ cantando
lograis aquela vista tão serena (7)
q̃ a vida em tantos males quer trazerme (8):
Dizeilhe q̃ olhe q̃ se vai passando
o curto tempo; e a tão longa pena
o esprito (9) he prõpto, a carne enferma (10).

Anteriores tambem ao exilio, mas já do tempo em que a infanta, ao ver o poeta, punha os olhos no chão (11), são,

---

(1) LUIS' DE CAMOENS *Sämmtliche Gedichte,* IV, p. 377-378. O illustre camonista suppõe que o passeio se realizasse numa tarde de primavera. Mas a doença da infanta, a que se refere o poeta, deve ter sido anterior á primavera de 1547, se são fundadas as conjecturas chronologicas que já apresentei.

(2) Cumpre-me dizer que o visconde de Juromenha, se, por um lado procurou corrigir o soneto, por outro lhe introduziu novos erros.

(3) Não deverá ler-se: *que, doce em seu meneio?*

(4) Juromenha emenda para *vozes.* Mas talvez no original se lesse *cantos.*

(5) Creio que será *alegrando.*

(6) Juromenha: *honrála.* Proponho *honrá-lo,* referindo-se ao *sol* do verso 4.

(7) Juromenha: *visão serena,* o que torna o verso errado.

(8) Dr. Th. Braga e com elle Storck: *trazer-m'a.*

(9) Juromenha: *o tempo,* ficando o verso estropiado. Storck tinha apresentado a conjectura: *o espirito está.* No v. 11 talvez: *e que.*

(10) *Cancioneiro de L. Franco Corrêa.* (Manuscripto da Bibliotheca Nacional).

(11) Olhos, não vos mereci
Que tenhais tal condição:
Tão liberais para o chão,
Tão irosos para mi!

creio eu, estas redondilhas:

A umas suspeitas:

Suspeitas, que me quereis?
Que eu vos quero dar logar
Que, de certas, me mateis,
Se a causa de que nasceis (1)
Vós quisesseis confessar (2).

Que de não lhe achar desculpa (3)
A grande magua passada
Me tem a alma tão cansada,
Que, se me confessa a culpa,
Te-la-ei por desculpada.

Ora vede que perigos
Tem cercado o coração,
Que, no meio da oppressão,
A seus proprios inimigos (4)
Vai pedir a defensão!

Que, suspeitas, eu bem sei,
Como se claro vos visse,
Que é certo o que já cuidei.
Que nunca mal suspeitei,
Que certo me não saísse.

Mas queria esta certeza
Daquella que me atormenta,
Porque, em tamanha estreiteza,
Ver que disso se contenta (5)
É descanso da tristeza.

---

(1) Aquella que vos dá origem, a infanta.
(2) Estou convencido que deve ler-se: *Vos quisesse confessar*. Isto é, quisesse declarar que sois verdadeiras, *certas*. A 2.ª quintilha ficaria incomprehensivel, se na primeira se não fallasse na infanta.
(3) Cf. canção II, 141-143:

Que desculpas comigo só buscava,
Quando o suave Amor me não soffria
Culpa na cousa amada, e tão amada!

(4) A infanta, que o *atormenta* e de quem elle quer obter a certeza de que são fundadas as suas suspeitas, para ficar mais tranquillo.
(5) Ver que é vontade da infanta dar origem a suspeitas, que são *certas*, isto é, saber que ella ama realmente outrem.

Porque, se esta só verdade
Me confessa, limpa e nua
De cautela e falsidade,
Não póde a minha vontade
Desconforme ser da sua.

Por segredo namorado
É certo estar conhecido
Que o mal de ser engeitado
Mais atormenta, sabido,
Mil vezes, que suspeitado.

Mas eu só, em quem se ordena
Novo modo de querella,
De medo da dor pequena
Venho a achar na maior pena
Refrigerio para ella (2).

Já nas iras me inflammei,
Nas vinganças, nos furores,
Que já, doudo, imaginei;
E já, mais doudo, jurei
De arrancar da alma os amores.

Já determinei mudar-me
Para outra parte, com ira.
Despois vim a concertar-me
Que era bom certificar-me
No que mostrava a mentira (3).

---

(2) O poeta,

.... salteado
Das lembranças de temer
Ser por outrem desamado,

como diz na *carta a uma dama*, v. 193-195, deseja antes um desengano, embora este seja mais doloroso do que as suspeitas. É porque

Estas suspeitas tão frias,
Com que o pensamento sonha,
São assi como as harpias,
Que as mais doces iguarias
Vão converter em peçonha.
(Carta cit., 196-290).

(3) Assentei em ter como certo o amor da infanta, sabendo muito

Mas, despois já de cansadas
As furias do imaginar,
Vinha emfim a rebentar
Em lagrimas magoadas
E bem para magoar.

E, deixando-se vencer
Os meus fingidos enganos
De tão claros desenganos (1),
Não posso menos fazer
Que contentar-me cos danos,

E pedir que me tirassem
Este mal de suspeitar,
Que me veio atormentar,
Inda que me confessassem
Quanto me póde matar.

Olhai bem se me trazeis,
Senhora, posto no fim,
Pois, neste estado a que vim,
Para que vós confesseis,
Se dão os tratos a mim.

Mas, para que tudo possa
Amor, que tudo encaminha,
Tal justiça lhe convinha,
Porque da culpa, que é vossa,
Venha a ser a morte minha.

Justiça tão mal olhada,
Olhai com que côr se doura,
Que quero (2), ao fim da jornada,
Que vós sejais confessada,
Para que eu seja o que moura!

---

bem que ella me não ama. Cf. o soneto 79, já anteriormente transcripto:

Bem sei, Amor, que é certo o que receio.
....
Porém porfias tanto e me asseguras,
Que me digo que minto.............
Nem somente consinto neste engano,
Mas inda to agradeço, e a mi me nego
Tudo o que vejo e sinto de meu dano.

(1) Bem me queria enganar a mim mesmo; mas os enganos que eu finjo, têm de ceder perante desenganos tão claros. Assim, não ha remedio senão soffrer e pedir que me confessem a verdade, embora esta me possa causar a morte.

(2) Parece-me que deve ler-se: *quer*.

Pois confessai-vos já agora,
Inda que tenho temor
Que, nem nesta ultima hora,
Me ha de perdoar Amor
Vossos peccados, senhora.

E assi vou desesperado,
Porque estes são os costumes
Do amor, que é mal empregado;
Do qual vou já condemnado
Ao inferno dos ciumes.

Se o tresloucado poeta, quando se achava ainda na phase idyllica, não podia soffrer que a infanta a *ninguem tratasse com desamor, antes a todos tivesse affeição e mostrasse um coração cheio de mansidão, cheio de amor,* e pedia á formosa e amavel senhora que, para o distinguir dos outros, *o tratasse com desfavor* e lhe *mostrasse um odio esquivo* (1), que impressão lhe não devia causar a mesma norma de proceder, agora que elle era realmente tratado pela fórma como, por despeito, havia sollicitado (2)?

Daqui a suspeitar o poeta

Ser por outrem desamado,

daqui a suppôr que o desagrado que a infanta lhe mostrava tinha por motivo a preferencia dada a outrem, — muito pouco ia (3). Não era preciso para isso possuir uma imaginação tão ardente como a de Camões.

(Continúa). DR. JOSÉ MARIA RODRIGUES.

---

(1) Soneto 309, já reproduzido.

(2) Em versos, é claro, que não eram destinados a ser lidos pela infanta, mas que traduziam fielmente o pensar intimo do poeta.

(3) Sobre a lenda que fez de Jorge da Silva, terceiro filho do quarto regedor das justiças, João da Silva, um apaixonado adorador da infanta, por causa da qual teria estado preso no Limoeiro, veja-se o que diz a Sr.ª D. Carolina Michaëlis (*A Infanta D. Maria*, p. 69 e segg.). «Quanto á nossa Infanta (observa tambem a illustre escriptora), é natural que nova, bella, cheia de espirito e amavel, exercesse tambem certa seducção mundana sobre os moços-fidalgos da côrte. Um sorriso benevolo, um lampejo de luz nos olhos geralmente serenos, uma suave commoção na voz bem timbrada, ao pronunciar palavras de agradecimento, seriam de longe em longe a recompensa de acções nobres... ou de versos sublimes, escriptos em sua honra... Galanteios exagerados não podiam, porém, ser do seu agrado. Uma grande reserva, seu justo orgulho de filha e irmã de reis protegiam-a, como couraça impenetravel, contra a paixão dos outros e os impulsos do proprio coração» (Ibid., p. 73). Confirma estas palavras tudo o que se passou com Camões.

ARTES INDUSTRIAES E INDUSTRIAS PORTUGUEZAS

(Cont. do n.º 7, pag. 357)

XIII

FERNANDES (VASCO)

Escudeiro e mais tarde cavalleiro da Casa Real, morador na ilha da Madeira e encarregado do recebimento dos quartos dos açuqueres nos annos de 1497, 1498, 1499, 1504 e 1505. Por este motivo lhe foram passadas duas cartas de quitação a 23 de dezembro de 1500 e a 28 de julho de 1508. Numa d'ellas se especializa a circumstancia de elle ter tido á sua conta as carregações para Veneza e Flandres.

Vê-se tambem que no anno de 1504 toda a ilha tinha sido arrendada a Martim de Almeida e parceiros por 36:000 arrobas (1).

No anno de 1507, determinou el-rei D. Manuel, negociar por conta propria a escapola ou carregação de assucares para Veneza, e, por este motivo, em carta de 23 de abril de 1507 incumbiu Vasco Fernandes, escudeiro da sua casa que alli se achava encarregado do recebimento e venda dos assucares, que puzesse toda a presteza e diligencia no aviamento d'este negocio. A quantidade do assucar primeiramente designada era de quinze mil arrobas, subindo depois a vinte e uma mil, que parece deveriam ser contidas em tres mil caixas. Uma circumstancia curiosa nos aponta D. Manuel. O assucar seria transportado em uma nau grande e forte, recentemente vinda de Flandres, onde fôra mandada construir. D'aqui se conclue que os estaleiros portuguezes eram insufficientes para abastecer as nossas armadas.

A partida d'esta nau, segundo el-rei expressamente recommendava, não se retardaria além de 15 de agosto.

Dou em seguida os documentos relativos a esta negociação,

---

(1) *Archivo Historico Portuguez*, vol. VI, pag. 76.

nos quaes apparecem diversos encaixadores e negociantes de assucar na ilha da Madeira, sendo dois d'elles italianos, Benoco Amador e Benedito Pravisim, o primeiro dos quaes já é nosso conhecido.

«Francisco Alvares, fidalgo da cassa del Rey nosso Senhor e seu contador e juiz dalfandega nesta sua Ilha da Madeira e porto santo e etc. mando a vos Saluador Gramaxo escudeiro do dito senhor que ora tendes cargo do recebymento dalfandega, que todo o açuquere que receberdes do rendimento da dita alfandega este ano presente de bᵒ bij ate todo o mes de junho do dito ano des e entregues a Vasco Fernandez escudeiro da casa do dito senhor a que os sua alteza manda entregar pera os fazer encaixar pera a carregasom de Veneza que o dito senhor o dito ano manda fazer o que comprj com deligencia sem duvida algũa que a ello ponhaes; e tanto que lhe o dito açuquere entregardes cobray do dito Vasco Fernandez o trelado de hũa carta que me Sua Alteza sobre ello escrepveo e este com seu conhecimento feito per Pero Botelho moço da camara do dito senhor que Sua Alteza qua mandou pera escripvam de suas cartas em que de fe quanto açuqre lhe asy entregaes e como ficam sobre o dito Vasco Fernandez carregados em recepta pera por elle vos ser todo leuado em conta o que compry feito no Funchall aos xxxj dias do mes de mayo Marcos Lopez escripvão o fez ano de myl e bᶜ bij.—Francisco Alluarez».

«Trelado das cartas del Rey noso Senhor per omde manda a Vasco Fernandez que tenha carego de receber hos açuqueres pera vemder e pera caregaçam de Veneza ho anno de 1507».

Pera Saluador Gramaxo

«Vasco Fernandez nos el rey vos emvyamos muyto saudar nos fazemos fundamento de tomarmos este anno presente pera nos a escapola de Veneza e ordenamos de emvyar la dos nosos açuqueres quimze mill arrobas e por que queryamos que se fyzesem logo prestes e vos as reçebeseys pera as mandardes emcaixar e empapellar e emtregar aa pesoa que hordenarmos que as receba escrevemos a Francisco Aluarez noso comtador que llogo as faça prestes e volas faça emtregar e ajude no que vos neçesaryo for pera o avyamento do despacho disto e por que a acupaçom que temdes da vemda dos açuqueres de que vos emcaregamos he de muyto cuidado per homde fora rezam deste vos escusarmos porem por que sabemos a vomtade com que folgaes de nos servyr e tambem que pera estes caregos e outros mayores soes abastamte vos emcaregamos dyso e emcomendamosvos que des ao recebimento e emcayxamento destas quinze mill arrobas grande avyamento em maneyra que hos navyos que emvyaremos em que am dyr nom façam nesa ylha demora e quamdo em boora forem achem todo prestes e ho dinheiro que pera ysso for neçesaryo tomareys de qualquer que receberdes da vemda dos açuqueres que fyzerdes e fara voso escryvam dyso asemto em seu lyvro escryta em Abramtes a xxiij dias dabryll Vicente Carneiro a fez de 1507 annos».

«Vasco Fernandez nos el rey vos emvyamos saudar. Nós vos temos

escripto sobre a vemda dalgũa soma daçuquere que avyamos por bem que fyzeseys por nos pareçer que nestas vemdas primeyras se poderya bem vemder algũs e se aver deles dinheiro e agora determynamos de mandar este anno hũa nosa nao grande que foy feyta em Framdes a Veneza com tres mill caixas que bem pode levar e queryamos que fose despachada e partida desa ylha atee xb dias dagosto que vem por que por ser nao grande se hy mays tarde estyvese serya muyto noso deservyço per o quall vos mandamos que se com este fundamento de serem prestes atee ho dyto tempo as ditas tres mill caixas poderdes vemder algũa soma dos ditos açuqueres ho façaes: e se nam fazee prestes e çerta a carega da dyta nao e nom cureys de vemder, aynda que a nós nos pareçe que bem pode aver pera hũa cousa e pera outra e bem folgaryamos que se fyzese vemda dalguma soma e pero com seguramça da carega da nao como dito he e vos tomae cuydado do emcayxamento das ditas tres mill caixas e de as fazerdes prestes atee ho dyto tempo de quinze dias dagosto e aymda primeyro se poderdes por que quamto mays çedo for tamto sera mays noso servyço emcomendamosvos que ho açuquere da carega da nao seja ho mylhor que poder ser e nos escrevemos ao comtador que vos de toda ajuda e boõ avyamento e vos escrevemos na primeyra pasagem ho que em ambas esas cousas. s. da vemda e da carega da nao se podera fazer e em que tempo vos pareçe que as ditas tres mill caixas podereys ter prestes por que folgaryamos de logo aver disso recado. Escripta em Abramtes a xxbij dias dabryll. Amtonyo Carneiro a fez de 1507 annos. E posto que em outra vos dygamos que amde ser quimze mill arobas avees de fazer fundamento de vimte e hũa mill arobas afora ho açuquer do anno pasado que a dyr em outro navyo. E por que folgaryamos de saber ho avyamento que vos da ho comtador a este açuquer que adyr nesta nao e asy a que tempo sera prestes pera se poder caregar e yrem as naos em que adyr e tambem se vos pareçe que se podera vemder algũ alem destoutro que se ade caregar, tudo nos faze logo a saber per vosa carta».

Verba do regymento

«Nós hordenamos por escripvam de voso cargo Pero Botelho noso moço da camara o quall ffara huũ lyvro em que asemte decraradamente hos açuqueres que recebes e de que pesos sam e asy as vemdas que fyzerdes, asy como per o meudo ou em groso as fordes fazemdo decraramdo ho dya e mes em que se fyzeram e a quem e por que preço vemdes ho dito açuquer e asy ho dinheiro da dyzyma que dele per sy aves de receber e vos dares conhecymento aos almoxarifes e pesoas sobre que ho dyto açuquer que receberdes caregar em receyta feyto per o dyto sscripvam decrarando como ho recebeys per noso mandado pera o vemderdes e sera asynado per vos e per elle e per o dyto conhecymento com ho trelado deste capytolo aos quaes mandamos que volo emtregem alem do que escrevemos ao comtador pera lhe ser levado em conta. Emcomendamos vos muyto que desta vemda tomes grande e espyçyall cuydado por nos em ello servyrdes bem e fyelmente como de vos esperamos avemdo que volo teremos muyto em servyço escripta em Tomar a xbij dias de fevereyro de 1507 annos. As quaes cartas e verba eu Pero Botelho escripvam dos dytos caregos treladey e comcertey com os propios que ssam em poder do dyto Vasco Fernandez as quaes eu dou fe que ssam asynados per sua alteza e por verdade asyney aquy. — Pero Botelho».

«Sejam certos hos que este conheçymento vyrem como he verdade que Vasco Fernandez escudeyro da casa del rey noso Senhor que hora tem carego de reçeber hos açuqueres per espycyall mandado de sua alteza pera caregaçam de Veneza recebeo de Saluador Gramaxo escudeyro da casa do dyto senhor e recebedor dalfandega duas mill e noveçemtas e quarenta e nove arobas daçuquer pera dyta caregaçam os quaes recebeo. s. per Jacome Curvo que lhe por ho dyto Saluador Gramaxo emtregou quatro cemtas e vymte arobas daçuquer, e per Vycemte de Olyveyra que lhe por elle emtregou mill e trezemtas e sesemta e oyto arobas, e per Pero Fernandez çemto e vymte e seis arobas, e per Ruy de Canha que lhe por elle emtregou quinhemtas sesemta e quatro arobas, e per Pero Afomso que lhe por elle emtregou quatroçemtas e setemta e hũa arobas, e asy fazem a dyta soma de duas mill e noveçemtas e quaremta e nove arobas daçuquer has quaes ho dyto Vasco Fernandez reçebeo do dito Saluador Gramaxo e per as pesoas sobredytas que lhos por elle emtregaram e por que he verdade que as reçebeo e lhe por mym ficam caregadas em reçepta sobre ho dyto Vasco Fernandez lhe deu este conheçymento feyto per mym Pero Botelho e asynado per ambos em bij dias do mes de março de 1508 anos. — Vasco Fernandez. — Pero Botelho. ĳ ixᶜ R ix arobas».

«Item pera venda lhe dey maes... ȷ̄ xx arobas».

«Sejam certos hos que este conheçymento de qitaçam vyrem como he verdade que Vasco Fernandez escudeyro da casa del rey noso Senhor que hora tem carego de reçeber hos açuqueres pera vender per espycyall mandado de sua alteza reçebeo de Saluador Gramaxo escudeyro da casa do dyto senhor mill e quatro cemtas e setemta e sete arobas e mea daçuquer as quaes reçebeo per esta maneyra. s. cemto e oyto arobas daçuquer que lhe por elle emtregou Ruy de Canha emcaixador em ho Funchal, e cemto e sesemta arobas que lhe por elle emtregou Benoço Amador remdeiro dalfamdega, e vymte e seis arobas daçuquer de retame que lhe por elle emtregou ho dyto Ruy de Canha, e cemto arobas daçuquer que lhe por elle emtregou Joham Amtam çeser mercador, e quaremta e cymco arobas daçuquer de retame que lhe por elle emtregou Diogo Borges, e quarenta e tres arobas que lhe por elle emtregou Jacome Curvo emcayxeydor em Santa Cruz, e duzemtas arobas que lhe por elle emtregou Pero Afonso emcayxador em a Rybeyra Brava, e cemto e cymcoemta arobas que lhe por elle emtregou Benedyto Pravysym mercador de que ho dyto Benedyto Pravysym tem outro conhecymento com tudo nam val se nam este posto que ho outro pareça, por que ade ser mostrado ao despacho da nao de Gravyell Afonso em que caregou seus açuqueres, e cemto arobas que lhe por elle emtregou Gomez Eanes emcayxador em a pomta do soll, e vymte arobas que lhe por elle emtregou Jorge Anes mercador, e sesenta e oyto arobas que lhe por elle emtregou Ruy de Canha, e quatro cemtas e cymcoemta e sete arobas e mea que lhe por ele emtregou Joham Coelho cavaleyro da casa del rey noso Senhor morador em esta vyla da compra do hofyçyo de Fernam Coelho, e asy fazem a dyta soma de mill e quatroçemtas e setemta e sete arobas e mea daçuquer, e por que he verdade que ho dyto Vasco Fernandez reçebeo do dyto Saluador Gramaxo as dytas ȷ̄ iiijᶜ lxx bij arobas e mea daçuquer per a maneyra sobre dyta as quaes lhe por mym fycam caregadas em reçey[ta] sobre ele dyto Vasco Fernandez e as quaes ho dyto Saluador Gramaxo dyz que sam foras do qimto todas, lhe deu este conhecymento feyto per mym Pero Botelho e asynado per ambos em xbj dias do mes de março de 1508 anos. E todas estas mill e quatrocemtas

e setemta e sete arobas e mea daçuquer ho dyto Vasco Fernandez reçebeo pera vemder. Nom a el rey de pagar emcaixamento por que sam vemdydas com ese emcarego aos mercadores. — Vasco Fernandez. — Pero Botelho».

«Francisco Aluarez fidalgo da casa del rey nosso Senhor e seu contador e Juiz dalfandega nesta sua Ilha da Madeyra e porto santo etc. mando a vos Saluador Gramaxo escudeiro do dito senhor que ora tendes cargo do reçebymento dalfandega na dita Ilha que tanto que este vyrdes a conta da dyzema de qualquer açuquer que Joham Antam çezer carregar des e entregues a Vasco Fernandez outrosy escudeiro do dito senhor cem arrobas daçuquer que lhe mando dar pera as aver de vemder como lho dito senhor manda. E asy lhe entregares todollos retames dos açuqres de voso recebymento que estam em poder dos encaixadores pera outrosy os aver de vemder e tanto que lhe todo entregardes cobray do dito Vasco Fernandez este com seu conheçymento feito por Pero Botelho moço da camara do dito senhor e escripvam do seu cargo, em que de fe de quanto açuquer lhe asy emtregaes e como lhe fica carregado em recepta pera delle ou do dinheiro delle dar conta pera por elle a vos ser levado em despesa o que compry, feito no Funchall a iiij dias do mes de novembro Marcos Lopez escripvam o fez ano de myl b^{c} bij. E asy todos outros açuqueres que esteverem prestes pera poder vemder. E isto ate myll arrobas. E aueres conhecymento pela maneira de çima dita. — Francisco Aluarez» (1).

XIV

Lamarote (Feducho de)

Florentim, residente na ilha da Madeira. A elle e a um seu compatriota, Benoco Amador, constituiram Bartholomeu Marchioni e seu sobrinho, Benedicto Morelli, procuradores bastantes para em seu nome poderem receber naquella ilha vinte mil arrobas de assucar, que D. Manuel I lhes mandava alli pagar em virtude de um contracto, que celebrara com elles. Eis o respectivo documento:

«Saybham quantos esta precuraçam virem que no anno do naçymento de nosso Senhor Jhũ Xp̄o de myll e quynhentos e oyto quinze dias do mes de junho na cydade de Lixboa no paço dos tabaliães pareceo hy mjçer Bertolameu Marchone e Benedyto Morrelle seu sobrinho frolentis, mercadores vezinhos da dita cidade e disseram que elles faziam como logo de fecto fizeram he hordenaram por seus certos precuradores avondosos Feducho de Lamarote e Benoço Amador outrosy frolentis mercadores estantes na Ilha da Madeira e ha cada huũ in solido pera por elles averem de receber vimte myll arrobas daçuquar que lhe elrrey

(1) Torre do Tombo, *Corpo Chronologico*, parte 2.ª, maço 12, documento 183.

nosso Senhor manda paguar na dita Ilha em este presente anno per huũ comtrauto que com sua alteza tem feito e per huũ desenbarguo que os ditos precuradores mostrarom e posto que o dito desembarguo seja feito em nome do dito Benedyto porem hos ditos açuquares pertencem ao dito Bertolameu e por tanto elles ambos dam poder como dito he aos ditos Feducho de Lamarote e Benoco e a cada huũ in solido pera que em nome delles ambos e de cada huũ delles posam receber todallas vimte mill arrobas daçuquar do comtador da Ilha ou de quaesquer allmoxarifes e recebedores e pesoas a que o paguamento delles pertemçer per qualquer modo e de todo o que receberẽ posam dar conhecymẽtos he quitações e se lhe todo paguar nom quiserem que posam sobre ello fazer protestos e requerimẽtos e todollos outros autos e deligemcias que conpriren en juizo e ffora e tomar dello estormentos e cartas testemunhaues, assy e tam ymteiramẽte como elles comestetuymtes poderyam dizer e ffazer semdo presemtes e prometerom daver por firme e valioso pera sempre todo o que pollos ditos seus precuradores e per cada huũ in solido ffor recebido ffecto dito e negoceado no que dito he, sob obrigaçam de seus bẽes que pera ello hobrigaram em testemunho asy houtorgaram e lhe mãdaram sseer fecta esta precuraçam, testemunhas que presentes fforom Johã Martinz tabaliam e Duarte Gomez e Gomçallo do Reguo escripuães. Eu Braz Afomso publico tabaliam per autorydade del rey nosso Senhor na dita cidade e seu termo que este estormento de minha nota per meu scripvam ffiz tirar e ho soh asynei e comcertey e amtrelinhey onde diz receber he ho asyney de meu publico synall ffiz que tall he. A quall procuraçam eu Joam Saraiva fiz trelladar a meu fiell escripuam e cõ ella ho concertey oje xbij dias de abrill de myll e bᵉ e ix anos. — Joam Saraiva» (1).

XV

Lomelim (Urbano)

No artigo *João Saraiva,* que vai adeante, se faz referencia a Urbano Lomelim. Em 1517 ordenou el-rei D. Manuel I, a João Saraiva, que tinha cargo de recebedor do dinheiro dos assucares na ilha da Madeira, que pagasse a Urbano Lomelim genovez cento e trinta mil reaes em parte de pago dos duzentos e setenta mil reaes que lhe montaram haver pelos quinhentos cruzados de parceria que forneceu para a armação das quatro naus que Jeronymo Cernige (vid. este nome) e parceiros armaram para Malaca sob o commando de Diogo Mendes de Vasconcellos.

Urbano Lomelim dono de um engenho de assucar no Porto do Seixo, possuia avultados bens de fortuna, que legou, á

(1) Torre do Tombo, *Corpo Chronologico,* parte 2.ª, maço 14, documento 150.

falta de filhos, a um seu sobrinho de nome Jorge, que manteve uma importante posição social, perpetuada pelos seus descendentes, que chegaram até nós, sendo bem conhecido na Madeira o appellido *Lomelino*.

É possivel que Urbano Lomelim procedesse de Marcos ou Daniel Lomelim que no reinado de D. Affonso V, obtiveram o monopolio da cortiça.

O sr. Prospero Peragallo cita uns individuos do mesmo appellido, que tinham a exploração e o commercio do coral em Tunis e Genova, negociando neste genero com o nosso paiz, muito provavelmente, por intermedio dos Lomelinos de cá.

XVI

Lourenço (André)

Residia em tempo de D. João III na ilha da Madeira, onde era mestre de fazer engenhos de assucar. Tendo mandado construir uma barca para conducção de madeira, lenha e taboado para caixas de assucar, as justiças da terra o condemnaram e lhe impozeram certa pena, alegando que a barca excedia os limites do regimento, sentença de que elle appellou para el-rei, que lhe deferiu favoravelmente em carta de perdão de 27 de junho de 1541.

«Dom Joham &. A todolos corregedores, ouuidores, juizes, justiças, oficiaes e pesoas de meus Regnos e senhorios a que esta minha carta de perdam for mostrada e o conhecimento delo pertencer, saude, façouos saber que Andre Lourenço, mestre de fazer moynhos daçuquar, morador na Ilha da Madeira, me emuiou dizer per sua pitiçam que ele cortava per licença da camara da vila de Santa Cruz certa madeira pera hũa barqua que fezera pera seruiço da terra e trazer as madeiras, lenha e tauoados pera as caixas dos açuqueres pera a jurdiçã do Funchall e que por eu ter mandado que se desem as taes licemças nas camaras por prouisam que de mim tinha pera barquos e pella dita barqua sayr maior de que se pertemdia em meu Regimento era ora demandado pelo procurador do concelho pela pena e a barqua perdida e por ser visto por pesoas que entendiã a dita seruidão se nã poder escusar e no tal seruiço da terra andarem outras mayores barquas e se aproueitar a madeira que ja fora cortada e nã sair de mais de trinta e cinquo toneladas pouquo mais ou menos e ora pera seruiço da terra dos pescadores e trigo e cousas necesarias ẽviandonos ele sopricante pedir por merce que lhe perdoase a pena em que asy emcorrera por rezão do sobredito e ele daria fiança a seruir a dita terra com a dita barqua e a nom vender pera outra parte e isto auendo respeito aos muitos seruiços que me ele sopricante fazia em fazer os ẽgenhos em a dita ilha e ser o milhor oficial do dito oficio e por asy ser tão necesario na terra e nom deixaua yr pera

outra terra pela necesydade que dele tinhã, e eu vendo o que me ele sopricante asy dizia e pidia, se asy he como ele sopricante diz e hy mais nom ha, visto hum parecer com o meu pase e queremdolhe fazer graça e merce tenho por bem e me praz de lhe perdoar... Dado na minha cidade de Lixboa a xxbij dias do mes de junho elRey ho mandou pelos doutores Christouã Esteuez da Espargosa, fidalgo da sua casa e Luis Eanes, ambos do seu conselho & João Gonçalvez a fez por Pero da Lagea Correa (?) ano do nacimento de noso Senhor Jhũ xº de ĩ bᶜ Rj. E eu Pero da Lagea a sobsprevy» (1).

XVII

Maestro (Antonio del)

Não vem relacionado no trabalho do sr. Prospero Peragallo. Era um dos mercadores florentins estabelecido em Lisboa no primeiro quartel do seculo XVI e genro de Bartholomeu Marchioni, embora o documento, em que se patentea esta circumstancia, estropiasse o appellido do sogro. Creio, porém que não será erro identificar Marchione com Marchiole. É possivel que a sua mulher se chamasse Maria, filha natural de Catharina Dias, mulher solteira ao tempo do seu nascimento, a qual foi legitimada por seu pae, sendo confirmada a legitimação por D. Manuel I em carta de 1 de março de 1496.

O primeiro d'estes diplomas é uma escriptura de 27 de abril de 1521, pela qual foram aforados uns pardieiros em frente das casas que foram fangas da farinha e que *soía de trazer Calro Rodofe,* tambem florentim, o qual tendo deixado de pagar o fôro, se ausentara do reino para parte incerta. O aforamento foi confirmado pelo referido monarcha em carta de 11 de junho do mesmo anno.

«Dom Manuell etc. A quamtos esta nosa carta virem fazemos saber que da parte de Antonio dell maestro forlentym jẽro de Bertolameu Marchole nos foy apresentado huum estormento asynado polo noso contador mor e per Diogo Lopez esprivam do noso almazem do Reyno de que o teor tall he como se ao diamte segue: saybam quamtos este estormento daforamento de huumas casas emfatyota e pera sempre vyrem que no ano do nacymento de noso Senhor Jhesu Christo de mjll bᶜ xxj annos aos vinte e sete dias do mes dabrill da sobre dita era nos comtos e fazenda desta cidade de Lixboa perante dom Antonio

---

(1) Torre do Tombo, Chancellaria de D. João III, *Perdões e Legitimações*, liv. 8, fl. 242 verso.

de Almeyda do comselho delRey noso Senhor e comtador mor em a dita cidade e de my esprivam do almazem e tarcenas e das testemunhas ao djamte nomeadas pareceo Dyoguo Fernandez porteiro do concelho desta cidade com huum ramo verde na mão em alltas vozes apregoamdo huuns pardyeiros com paredes que foram casas de morada que estam de fromte das casas que foram famgas de farynha que soya de trazer Calro Redofe que partem de huma parte com casas que traz Maria de Almeida molher de Tomas de Carmona e por de tras com casas que traz agora Antonio dell Maestro que sam todas do dito senhor e dambas as partes com rua das Famgas da farynha e deu em sua fee que avya mais de huum anno que os trazia em pregam 'polas praças e ruas acustumadas desta cidade quem nelas mais querya lamçar as quas soyam de trazer Carlo Redofe e se foy destes Reynos e que nunca achara quem em elas mais lançase nem em mayor momta posese que Antonio dell Maestro mercador forlentym jẽro de Bertolameu Marchyole que nelas lançou tres mjll reaes de foro emfatiota e pera sempre e o dito comtador mor vendo asy sua fee fez pergunta a mi esprivam se eram ja pasados os dias das cartas dedytos que sobre estas casas foram pasados e por my esprivam lhe foy dito que sy o quall comtador mor vemdo asy todo mandou a my esprivam que pera mais abastança e decraraçam treladase aquy a carta dedytos aquall eu treladey em comprimento de seu mamdado da quall o teor tall he como se ao diamte segue. Dom Antonio de Almeyda do comselho delRey noso Senhor e seu comtador mor em a dita cidade — faço saber a todalas pesoas a que este meu aluara dedytos virem e o conhecimento delo pertençe que Carlo Redofe forlemtym estamte que foy nesta cidade trazia haforadas humas casas ao dito senhor que estam as famgas da farynha em tres pesoas de que ele era a primeira e era obrigado a pagar ao dito senhor dentro no seu almazem do Reyno cymquo mjll e seiscemtos reaes e duas gallinhas em cada huum anno e por quamto o dito Carlo Redofe se foy destes Reynos e nam apareçe nem outra nenhuma pesoa que por ele pague o dito foro mas amtes se em as ditas casas danyfecaram e estam no chao e notefycoo asy a todalas pesoas asy parentes como amjguos que o dito Carlo conhecem lhe mandem dizer que da poruicaçam a tres nove dias ele venha comprir o comtrauto das ditas casas e pagar o foro que delas deve dos annos atras que sam em tres annos e asy daqui em diamte nam vindo ao dito tempo sejam certos que todo o direito e auçam que nas ditas casas teuer lhe nom seja valjoso mas amtes o dito senhor os aforara aquem quyser como cousa sua porpya e senhoryo que he delas feito oje vymte e seis dias de março Dyoguo Lopez o fez anno de mjll b^c xxj. — Visto asy todo pelo dito comtador fez pergunta a mi esprivam que quamto avja que o dito Carlo Redofe hera hydo desta terra e quamto tempo avya que nam pagara ho foro e por mym lhe foy dito que des natall que se acabou de b^c xbij que avya de paguar dous mill biij^c reaes de mea pagua ate feytura deste comtrauto nunca aparecera nem outrem nĩgem por ele pagara foro das ditas casas. Visto asy todo polo dito comtador mor como dito he tomou o ramo da mão ao dito Dyoguo Fernandez porteiro e ele dito pregoero apregoando outra vez os ditos pardjeiros quem neles quyrya mas lançar dizemdo doulhe huma doulhe duas nam achou quem por eles mais dese que o dito Antonio del Maestro e o dito comtador mor vemdo asi todo como por eles mais nam davam meteo o ramo na mão ao dito Antonio del Maestro e lhos ouve por arrematados em nome do dito senhor per os ditos tres mjll reaes de foro emfatiota e pera sempre em cada huum anno com tall condiçam que ele dito Antonio del Maestro dee e page estes ditos

tres mjll reaes dentro no dito almazem por dia de Sam Joam e a outra por dja de natall loguo seguinte que da feitura deste comtrauto e compramento *(sic)* ate huum anno primeiro seguinte faça loguo nos ditos pardjeros casas de pedra e call e madejra e perguadura e tenhaha sobradadas como compre a tall rua omde o dito pardjeiro esta e que despois de fejtas em casas vymdo em alguum tempo a pereçer por fogo augoa e ou taramotos ou per outro quallquer caso fortuyto cuydado ou sam cuydado que vyr posa o que Deus defenda que ele dito Antonio del Maestro e pesoas que despois dele amde vyr os tornem a leuantar de novo a suas custas despesas em tall gisa que sempre sejam casas sobradadas melhoradas e nam pejoradas con tall condjçam que ele dito Antonio del Maestro e pesoas que despos ele amde vyr nam posam vemder as ditas casas dar nem doar trorquar nem escanbar em outra nhuma pesoa emlhear nem fazer sobre elas outro nhuum foro pera jgreja nem mosteiro nem pera outra nhuma pesoa sen licença e autorjdade do dito senhor e quamdo vyr causo que as ajam de vemder que o façam primejramente saber ao dito senhor ou ao seu almoxarife que amtam for do dito almazem se as quer tomar pera o dito senhor tamto por tamto e queremdoas tomar nam quyser que amtam as posam vemder a quem lhas comprar comtamto que a pesoa que lhas comprar nam seja daquelas que o direito e o dito senhor neste causo defende mas que seja pesoa abonada e leygua da jurdjçam do dito senhor e tall que bem e sem nhuma Referta pague o foro ao dito senhor aos tempos devydos asy como pagam os outros forejros e pague a corentena do preço porque forem vendjdas e que cumpra e guarde todalas crausolas e comdições deste emprazamento e todalas outras com que o dito senhor afora suas erançass posto que aquy nam sejam espersas nem decraradas e o dito Antonio del Maestro a todo presente dise que ele tomava em sy o dito aforamento do dito pardjero com todalas ditas comdições e que obrigava pera yso todos seus beens moves e de raiz avydos e por aver bem asy os beẽs das pesoas que despos ele ande vyr a todo comprir e manter e o dito comtador mor em nome do dito senhor lhe ouve todo por outorguado e com todalas ditas condições e com todalas outras com que o dito senhor afora suas erãças posto que aquy nam sejam espresas e decraradas e o dito Antonio del Maestro pydyo asy de todo huum estormento e o dito comtador mor lho mandou dar contall condiçam que da feitura deste estormento a huum mes primeiro seguinte o leve ou mande a fazenda do dito senhor pera lhe la ser comfirmado segundo sua ordenaçam e nam o levando fique aao dito senhor querer lho comfirmar asy mesmo poeraa o dito Antonio del Maestro as armas do dito senhor sobre a porta das ditas casas pera em todo tempo se saber como as ditas casas sam suas e a ele pertence o foro delas testemunhas que presentes foram Gomçalo Coelho e Jorge Affonso e eu Dyoguo Lopez esprivam do almazem que este estormento esprevy e asyney com o comtador mor pydymdonos o dito Antonio del Maestro por merçe que lhe comfirmasemos o dito estormemto como se nele comtinha e visto por nos seu Requyrjmento e querendolhe fazer graça e merçe temos por bem e lho comfirmamos e avemos por comfirmado asy pola manejra que neele he conteudo. E porem mamdamos ao dito comtador mor e ao almoxarife e oficiaes do dito almazem e a todolos outros oficiaes e pesoas a que esta carta for mostrada e o conhecimento dela pertençe que a cumpram e guardem e façam jnteiramente comprir e guardar como se nela contem sem duvjda nem embarguo alguum que lhe a iso seja posto por que asy he nosa merçe. Dada em a nosa çidade de Lixboa aos xj djas do mes de junho elRey o mamdou per o comde

do Vymyoso etc., vedor de sua fazemda. Jorge Fernandez a fez anno de mjl b[c] xxj annos. E esto nos praz de lhe comfirmar asy sem embarguo de pasar do tempo que era obrigado ao comfirmar e pasar por nosa fazemda» (1).

«Dom Manuell etc. A quamtos esta nosa carta de despemsaçam virem fazemos saber que nos queremdo fazer graça e merce a Maria Marchona filha de Bertollameu Marchone frorentim e de Catarina Diaz molher sollteira ao tempo de sua nacença e de nosa carta cyemcia e poder aussolluto que avemos despensamos com ella e legitimamolla e abylitamolla e fazemolla legitima e queremos etc. em forma. E esta despensaçom lhe fazemos ao pedir do dito seu padre que nollo por ella pedio parecendo perante nos per sua pesoa e a seu Requerimento a legitimamos como dito he e soprimos todo falecimento de solenidade que de feito e de direito for necessario pera esta legitimaçam firme ser e mais valler empero nom he tençom que per esta legitimaçam seja feito nem huũ prejuizo algũs herdeiros lidimos se os hy ha e a outras quaes quer pesoas que algũu dereito ajam, em os ditos bẽes e cousas que lhes asy forem dadas e leixadas. E em testemunho desto lhe mandamos dar esta nosa carta. Dada em a villa de monte mor o novo primeiro dia do mes de março. El Rey o mamdou pellos doutores fernam rrodriguez do seu comselho dayam de Coymbra e Pedro Vaz seu capelam mor e vigario de Tomar ambos seus desembargadores do paço. Joham Jorge a fez anno de noso Senhor Jhesu Christo de mill iiij[c] lR bj» (2).

XVIII

Marchioni (Bartholomeu)

Entre a colonia italiana, tão numerosa em Lisboa, nos fins do seculo xv e principios do seculo xvi, avultava Bartholomeu Marchioni, florentino, chefe de uma das mais importantes, senão a mais importante casa bancaria d'aquella epocha.

Já em 1443 ha noticia de um Bartholomeu Marchioni, egualmente florentino, a quem o infante D. Pedro, regente na menoridade de seu sobrinho D. Affonso V, concedeu, assim como a um seu parceiro, o marselhês, Julio Forbi, carta de privilegio para a pesca do coral nas costas do nosso paiz. O respectivo documento publiquei-o no opusculo intitulado *A pesca do coral no seculo* xv.

Apesar da identidade do nome e da patria, não é de crer que este individuo seja o mesmo, que vemos occupar logar tão distincto nos reinados de D. João II, D. Manuel e

(1) Torre do Tombo, Chancellaria de D. Manuel, liv. 39, fl. 85 verso.
(2) Torre do Tombo, Chancellaria de D. Manuel, liv. 26, fl. 44.

D. João III. Seria necessario admittir que elle fosse apenas uma creança, quando lhe foi feita aquella concessão, para ainda ser do numero dos vivos nos ultimos annos do primeiro quartel do seculo XVI.

Num folhetim sahido á luz no diario lisbonense *O Economista,* de 24 de outubro de 1884, tracei eu um breve estudo historico-biographico do afamado banqueiro italiano, cujo nome e cuja actividade andam tão intimamente ligados ás nossas empresas maritimas. Por intermedio da sua casa effectuavam-se as mais valiosas transacções mercantis e cambiaes com os nossos monarchas, sendo elle que ficou depositario do dinheiro que Diogo de Paiva e Affonso da Covilhã, os dois enviados de D. João II a viagem da Ethiopia e visita do *Prestes João,* deviam receber em Florença para as despezas da sua ardua e longa travessia. Para a Africa, para a India e para o Brasil partiam os seus navios em companhia das frotas reaes.

O meu douto amigo sr. Prospero Peragallo consagra-lhe um artigo a pag. 100 e seguintes dos seus *Cenni intorno alla colonia italiana in Portogallo, nei secoli* XIV, XV e XVI, em que ha sobretudo a aproveitar as citações de origem italiana, como os *Diari di Marin Sanuto.*

Bartholomeu Marchioni cabe-lhe um logar de primasia na historia da nossa vida economica, mas não fica deslocado aqui, por isso que, já individualmente, já associado a outros seus compatriotas, foi um dos principaes agentes do trafico do assucar, e tanto que D. Manuel, prohibindo, pela sua ordenança de 21 de agosto de 1498, interferencia dos negociantes estranjeiros no trafico do assucar madeirense, faz honrosa excepção de Bartholomeu Marchioni e Jeronymo Sernige... *hos mercadores nossos naturaes, no comto dos quaes queremos e nos apraz que caybam Bertolameu Frorentim e Jeronymo Sernige; e antam entraram os estrangeyros* (1).

Transcreverei aqui os trechos principaes do artigo que publiquei no *Economista,* ampliando-o com mais informações e documentos.

«A individualidade de Bartholameu foi-nos apparecendo successivamente em diversos documentos e dispertando assim a nossa curiosidade. Traçar-lhe o retrato seria difficil senão impossivel, porque nos faltam os pormenores da vida intima d'esse homem, que de certo havia de sustentar em Portugal

(1) *Saudades da Serra,* pag. 685.

as tradicções dos burguêses seus compatriotas, cujos haveres se transformavam tantas vezes nas mais admiraveis manifestações da arte. Oriundo da côrte dos Medicis, onde a renascença desabrochava toda a sua opulenta flora, a residencia na côrte de D. Manuel não lhe tingiria de sombras a imaginação peninsular, saudosa da sua republica. A Asia inclinava-se então perante o extremo do occidente, e os rios indianos, como no episodio dos *Lusiadas,* vinham entornar, submissos e vencidos, na ampla bacia do Tejo, os seus riquissimos cofres cheios de pedrarias e perfumes.

«Mas fosse um verdadeiro patricio, ou fosse simplesmente um mercador absorvido pela ambição da ganancia, o que é innegavel é que Bartholameu era um homem, de cuja actividade e prestimo ainda hoje nos restam evidentes provas. O seu nome era familiar no paço, e os reis chamavam-n'o a cada momento, para os mais diversos negocios. Era necessario pagar em Roma a despesa feita com a expedição de Bullas? Bartholomeu é quem era o banqueiro (1). Quando se queria presentear os potentados orientaes, os armazens do florentino é que davam o principal fornecimento. Assim no alvará dirigido a Ruy Leite ácerca do magnifico presente enviado por D. Manuel ao Preste João, lê-se o seguinte: *o qual brocado he daquelle que ouvemos de bertellameu* (2). Annos depois, quando D. João III mimoseou o rei de Cambaya, ainda por essa occasião apparece o nosso personagem. Ao principio tinham sido escolhidos uns pannos de armar, pertencentes a Bartholameu, os quaes representavam os Papas e os Prophetas, mas o devoto monarcha teve escrupulos e julgou irreverencia e profanação enviar a mouros similhantes santidades. Trocaram-se os pannos por outros pertencentes a Luiz Coelho e que representavam a vida de Eneas. Não resa a historia se os manes de Virgilio ficaram satisfeitos, e se o piedoso filho de Anchises seria devidamente acatado pelos sectarios de Mahomet (3).

«Nas *Cartas* de Affonso de Albuquerque parece-nos encontrar uma importante referencia ao grande commerciante florentino. O *terribil* general portuguez não era sómente um superior homem de armas, era tambem diplomata, adminis-

(1) J. P. Ribeiro, *Dissertações chronologicas,* tom. 5.º, pag. 325.
(2) *Boletim da Bibliographia Portugueza,* 2.º vol., pag. 22.
(3) Sousa Viterbo, *Notas ao Catalogo da Exposição de Arte Ornamental.*

trador e habil negociante, uma organisação diamantina de primeira agua, embora os seus rivaes e inimigos patenteassem acrimoniosamente os seus defeitos. Na carta que elle dirige de Gôa, aos 22 dias de outubro de 1514, faz a D. Manuel as mais valiosas e attendiveis considerações sobre o trafico da India. Mesmo nestes assumptos a sua penna tem colorido e a sua linguagem sabe ser eloquente. Não é uma carta para se lançar num *copiador* e ficar archivada num escriptorio da rua dos Capellistas; é um documento para se dar á estampa como brilhante pagina litteraria.

«Grande lago de mercadorias (escreve o conquistador de Gôa) he a Imdia, e grande soma douro e de prata ha nela, e grandes sam os ganhos: o marfim que se das vosas casas de lá manda a framdes, he lamçado a lomge, e quá tem muy gram preço: nam me pesa, senhor, senam porque vejo vosos tratos e feitorias amdar em poder domeens cortesãos; apegai-vos, senhor, cos mercadores que tiverem imtiligencia e saber, e terees mayor tisouro na Imdia do que tendes em Purtugall, e deus sabe que eu vos esprevo estas cousas sãamente, porque me doy a carne de as ver em mato maninho, e vejo a vosa jemte quá com um barco dum palmo em alto serem homeens de muito dinheiro, e os capitães que trazem suas companhias, tambem tocam dinheiro e o sabem bem dobrar, e não vos vejo feitor na Imdia que vos saiba mamdar hum avyso destas cousas, porque vejo cadano nas cartas de vosalteza falarme neste feito, como cousa nova que mamdaes apalpar e de que nem tendes nenhua emformaçam nem aviso; e eu, senhor, nam m'espanto diso, porque nam ha d'emtemder Pedr'omem tanto na mercadaria como *Bertolameu* (1).

(Continúa). SOUSA VITERBO.

---

(1) Affonso de Albuquerque, *Cartas*, Lisboa, 1884, tom. 1.º, pag. 274.

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

O INSTITUTO

REVISTA SCIENTIFICA E LITTERARIA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — Rua do Infante D. Augusto, 44 — COIMBRA.

Propriedade e edição da Sociedade scientifica — O INSTITUTO de Coimbra

DIRECTOR
DR. BERNARDINO MACHADO
Presidente do INSTITUTO

Composto e impresso na IMPRENSA DA UNIVERSIDADE.

SCIENCIAS PHYSICO-MATHEMATICAS

LES MATHÉMATIQUES EN PORTUGAL

(Cont. do n.º 8, pag. 386)

Outre cette longue liste de cartes, il y en a d'autres, dont nous ignorons absolument la date, savoir:

[U 10 *b*] — A. C. DE SOUZA — *Carta de uma parte da Provincia de Angola desde Molembo até ao Quanza.*

[U 10 *b*] — * — *Aden, Mombaza, Lisboa, Cefala.*

[U 10 *b*] — A. PAES D'ALMEIDA — *Esboço geographico de Angoche.*

[U 10 *b*] — A. TAVARES PEREIRA — *Carta hypsometrica de Portugal.*

[U 10 *b*] — ANTONIO A. MONTEIRO — *Mappa de Portugal com a rede completa dos caminhos de ferro portuguezes.*

[U 10 *b*] — B. A. LIGORNE — *Mappa de Portugal Insular.*

[U 10 *b*] — BELCHIOR J. GARCEZ e MIGUEL B. MACIEL — *Planta da cidade de Braga.*

[U 10 *b*] — Brandão de Souza — *Carta topographica e militar da linha fortificada ao Sul do Tejo, desde Cacilhas até á Trafaria e alturas da Costa.*

[U 10 *b*] — * — *Carta Chorografica das Correntes do Rio Douro e terrenos adjacentes desde o Rio Teixeira athé S. João da Pesqueira*, etc.

[U 10 *b*] — * — *Carta chorographica das margens do Douro desde o Rio Tua até S. João da Foz.*

[U 10 *b*] — * — *Carta d'Africa Occidental desde o Tropico de Cancer até á ilha de S. Thomé.*

[U 10 *b*] — * — *Carta da Barra de Mossambique.*

[U 10 *b*] — * — *Carta do Districto do Congo.*

[U 10 *b*] — * — *Carta do Sul de Portugal.*

[U 10 *b*] — * — *Carta dos canaes entre Macau e Cantão.*

[U 10 *b*] — (1) — *Carta geographica maritima.*

[U 10 *b*] — * — *Carta geral que comprehende os planos das principaes Barras da Costa de Portugal*, etc.

[U 10 *b*] — * — *Carta militar de parte da fronteira de Portugal e Hespanha, proximo de Fuentes de Onor, em a qual se vê os combates parciaes entre os exercitos alliados e francez em maio de 1811.*

[U 10 *b*] — * — *Carta militar da parte do reino de Portugal em que o exercito francez, commandado pelo general Massena fez a sua retirada em Março de 1811, principiando dos pontos de Pombal, Ancião e Espinhal athé á sahida do ditto reino.*

---

(1) Il parait qu'elle est due au cartographe portugais Pedro Reinel. (Voy. *Catalogo da Exposição de Cartographia nacional*, Lisboa, 1904, 207-208).

[U 10 *b*] — * — *Carta militar topographica da parte da Costa do Mar entre Ericeira e Forte de Mogoite.*

[U 10 *b*] — * — *Carta topographica da continuação da Carta de Espozende até Villa do Conde.*

[U 10 *b*] — * — *Cefala.*

[U 10 *b*] — * — *Cidade de Santarem.*

[U 10 *b*] — Commissão de Cartographia — *Esboço da Carta do Antigo Reino de Manica.*

[U 10 *b*] — Companhia de Moçambique — *Mappa da Região do Barné,* etc.

[U 10 *b*] — Coronel Moreira e A. C. de Lemos — *Carta Topographica das linhas do Porto.*

[U 10 *b*] — * — *Costa do Algarve.*

[U 10 *b*] — * — *Demonstração do Porto e Ilhas de Mossambique.*

[U 10 *b*] — * — *Derrota que fes* João Nicolao Schmerkell, etc. *Partindo da Amarração da Junqueira pella Barra fóra no dia 29 do mes de agosto de 1771.*

[U 10 *b*] — E. A. de Bettencourt — *Carta Geographica da Provincia de Timor.*

[U 10 *b*] — E. A. de Bettencourt — *Carta de Portugal com a divisão administrativa por Districtos e Concelhos.*

[U 10 *b*] — Eugenio Ré — *Mare Atalanticum. Cartas Occidentaes da Europa e da Africa até á ilha das Garças* (1).

[U 10 *b*] — F. A. de Mattos e Carvalho — *Planta da cidade do Funchal.*

---

(1) C'est la copie d'une partie de la 2e carte de l'Atlas de Vaz Dourado.

[U 10 *b*] — F. J. DE CARVALHO — *Plano do Rio Grande de S. Pedro.*

[U 10 *b*] — F. PINHEIRO DA CUNHA — *Carta corographica das correntes do Rio Lima,* etc.

[U 10 *b*] — F. PINHEIRO DA CUNHA — *Planta da Ria de Aveiro desde a bouca Vouga athé a barra novamente aberta,* etc.

[U 10 *b*] — F. X. PINHEIRO DE LACERDA — *Planta Topographica do Paiz do Marquez de Mossulo e do Bombe,* etc.

[U 10 *b*] — J. A. DIENER — *Planta projecto d'uma estrada desde Lamego até o alto de Ferreirim.*

[U 10 *b*] — J. B. VIEIRA GODINHO — *Planta do Palacio da Fortaleza em que residiram todos os governadores e Vice-Reys,* etc.

[U 10 *b*] — J. BAPTISTA DE CASTRO — *Mappa de Portugal,* Officina de M. Manescal da Costa.

[U 10 *b*] — J. C. RIBEIRO — *Planta das Feitorias de Noque e terrenos circumvisinhos.*

[U 10 *b*] — J. DA COSTA FERREIRA — *Cartas corographicas e hidrographicas de toda a Costa e portos da Capitania de S. Paulo com as plantas topographicas das suas villas e fortificações respectivas.*

[U 10 *b*] — J. DE MACEDO CORTE REAL — *Demonstração da barra de Itamaracá.*

[U 10 *b*] — J. FERNANDES PORTUGAL — *Plano da villa de S.ta Catharina e da enseada dos Garopes.*

[U 10 *b*] — J. MORAES ANTAS MACHADO — *Projecto para a Nova Cidade de Goa.*

[U 10 *b*] — J. PEITO DE CARVALHO — *Planta da Estrada da Regoa athé Santa Martha.*

[U 10 *b*] — J. RAPHAEL NOGUEIRA — *Configuração do Tejo em Villa Velha e vista dos montes observados do lugar aonde se deitou a ponte das barcas.*

[U 10 *b*] — J. SANDE E VASCONCELLOS — *Mappa das Terras do Almargem divididas em quatro partes iguaes,* etc.

[U 10 *b*] — JOÃO PEDRO RIBEIRO — *Planta Topographica da cidade de Lisboa arruinada, e tambem segundo o novo alinhamento dos Architetos* EUGENIO DOS SANTOS CARVALHO *e* CARLOS MARDEL.

[U 10 *b*] — J. VIEIRA DE CARVALHO — *Planta da Villa de Rio Grande de S. Pedro do Sul.*

[U 10 *b*] — JOAQUIM DE OLIVEIRA — *Planta Topografica do Terreno entre o Palacio de N. S.ra d'Ajuda e a Quinta de Queluz.*

[U 10 *b*] — JOSÉ DA TRINDADE — *Carta de Huma Parte das Costas da China e das Ilhas adjacentes desde Ilhas Sanchoão até Pedra Branca.*

[U 10 *b*] — JOSÉ JULIO RODRIGUES (?) — *Carta da Africa Central e Meridional e dos territorios portuguezes ali contidos para servir para o estudo do itinerario da expedição Africa-Portugueza de 1877.*

[U 10 *b*] — L. H. DA CUNHA D'EÇA — *Configuração do Rio de Sacavem até Frielas e do Terreno Contiguo em que estão situadas as Baterias.*

[U 10 *b*] — L. MARQUES — *Planta de parte do traçado do Caminho de Ferro de Lourenço Marques á fronteira do Transvaal,* etc.

[U 10 *b*] — M. A. DE LACERDA e LUIZ IGNACIO — *Mappa dos Prezos do Districto do Zumbo.*

[U 10 *b*] — M. J. BRANDÃO — *Planta da cidade de Leiria.*

[U 10 *b*] — M. ISIDORO MARQUES — *Carta de Cabo Verde. Ilha de S. Vicente, ilha de S.ta Luzia e parte da ilha de S.to Antão.*

[U 10 *b*] — M. Roiz Teixeira — *Prospecto da Cid.*[e] *de S. Salvador. Bahia de todos os Santos.*

[U 10 *b*] — * — *Macáo e ilhas proximas.*

[U 10 *b*] — * — *Mappa da Africa Equatorial. Itinerario da Viagem de* Henry M. Stanley (1874-1877.

[U 10 *b*] — * — *Mappa da barra de Lisboa e do seu rio Tejo.*

[U 10 *b*] — * — *Mappa da Capitania da Bahia,* etc.

[U 10 *b*] — * — *Mappa da Circunvalação e das fortificações de Lisboa.*

[U 10 *b*] — * — *Mappa da fronteira da Beira para a intelligencia das disposições de defeza feitas pelo* Mar. d'Alorna *emquanto commandou nesta provincia no anno 1801.*

[U 10 *b*] — * — *Mappa das Prov.*[as] *e Ilhas de Gôa pertencentes ao Dominio de Portugal.*

[U 10 *b*] — * — *Mappa chorographico, estatistico, topogra- e historico do reino de Portugal.*

[U 10 *b*] — * — *Mappa geographico do reino de Portugal.*

[U 10 *b*] — * — *Mappa Thepografico da cidade de Coimbra com a divisão das antigas Freguezias.*

[U 10 *b*] — * — *Mappa topographico da Barra da Cidade de Aveiro, conforme se achava no dia 27 de Setembro de 1783; no qual se vê a diferença que tem da figura em que estava a 31 de Maio de 1780.*

[U 10 *b*] — * — *Mappa Topographico da Costa de Concon desde Dabul até ao Pico Danum.*

[U 10 *b*] — * — *Mappa topographico das ilhas e provincias de Goa,* etc.

[U 10 *b*] — * — *Mappa topographico de parte Fronteira da*

Provincia de Tras-os-Montes entre Chaves e o rio Sabôr.

[U 10 *b*] — * — *Mappa topographico dos Concelhos de Cadaval e Obidos.*

[U 10 *b*] — MIRANDA — *Carta da India.*

[U 10 *b*] — * — *Moçambique.*

[U 10 *b*] — P. DIAS D'ALMEIDA — *Plano de Pernambuco.*

[U 10 *b*] — P. DIAS D'ALMEIDA — *Planta de parte da Ponte de S. Lourenço,* etc.

[U 10 *b*] — * — *Parte da Africa* (1).

[U 10 *b*] — PAUL CHOFFAT — *Carte géologique de la chaine de Montejunto et du bassin d'éfrondement de Runa.*

[U 10 *b*] — PEDRO DA NOVA — *Carta das ilhas de Timor e Solor.*

[U 10 *b*] — * — *Plano da Bahia de Mossamedes.*

[U 10 *b*] — * — *Plano da Derrota que fez a Náu* «Vasco da Gama» *no cruzeiro que principiou em 18 de junho e acabou em 31 de julho de 1818.*

[U 10 *b*] — * — *Plano e perspectiva da praça de Mardangor da provincia de Pondá, sitiada pelas armas portuguezas e tomada ao 1.º de junho de 1763.*

[U 10 *b*] — * — *Plano e perspectiva das ilhas de Goa,* etc.

[U 10 *b*] — * — *Planta da acção de 11 de agosto de 1829 na Villa da Praia da ilha Terceira.*

[U 10 *b*] — * — *Planta da Cidade de Aveiro.*

---

(1) C'est une carte hydrographique de la Côte occidentale d'Afrique dès l'équateur jùsqu'à *Cabo Negro.*

[U 10 *b*] — * — *Planta da Cidade do Funchal.*

[U 10 *b*] — * — *Planta da Cidade de Lamego.*

[U 10 *b*] — * — *Planta da cidade e peninsula do nome de Deus Macau na China.*

[U 10 *b*] — * — *Planta da Fortaleza de N. S. da Insua.*

[U 10 *b*] — * — *Planta da Fortificação de Monção.*

[U 10 *b*] — * — *Planta da Fortificação de Villa Nova de Serv.ª*

[U 10 *b*] — * — *Planta da Ilha e Cidade de Goa e ilhas fronteiras.*

[U 10 *b*] — * — *Planta da Praça de Caminha.*

[U 10 *b*] — * — *Planta da Praça de Melgaço.*

[U 10 *b*] — * — *Planta da Villa de Ovar.*

[U 10 *b*] — * — *Planta da Villa de Pombal.*

[U 10 *b*] — * — *Planta das Ilhas de Goa e Provincias de Bardés e Salcette até Tiracol e Cabo da Rama, provincias de Pondá e as de Bounçalos,* etc.

[U 10 *b*] — * — *Planta das terras da Provincia de Salcette de Goa.*

[U 10 *b*] — * — *Planta de Lisboa, de Alcantara a Pedrouços.*

[U 10 *b*] — * — *Planta de Monção & Seus arredores.*

[U 10 *b*] — * — *Planta de Villa Nova e seus arredores.*

[U 10 *b*] — * — *Planta do Castello de Vianna.*

[U 10 *b*] — * — *Planta do Castello e Fortaleza da Agoada.*

[U 10 *b*] — * — *Planta do curço do Tejo junto á Villa de*

Abrantes aonde se vê os sitios em que foi lançada a Ponte Militar de Barcas.

[U 10 *b*] — * — *Planta do Porto de Goa.*

[U 10 *b*] — * — *Planta do Rio Tejo e suas margens, na parte comprehendida entre as portas da Cruz da Pedra e a ribeira de Algés.*

[U 10 *b*] — * — *Planta dos aproxes, baterias e galarias com q.e o inimigo* Marata *rendeo por capitulaçoens a Praça e cidade de Baçaim, em Mayo de 1739.*

[U 10 *b*] — * — *Planta incompleta da cidade da Praia na Ilha de S. Thiago.*

[U 10 *b*] — * — *Planta topographica da cidade de Lisboa comprehendendo na sua extensão á beira Mar da Ponte d'Alcantara até ao convento das Commendadeiras de Santos,* etc.

[U 10 *b*] — * — *Planta Topographia da Ilha de Mossambique,* etc.

[U 10 *b*] — * — *Portugal, Atlas.*

Collection de 14 cartes de Portugal de XVIe siècle au XVIIe siècle.

[U 10 *b*] — * — *Povoação de Porto Alexandre.*

[U 10 *b*] — * — *Praça do Commercio de Lisboa.*

[U 10 *b*] — * — *Planta de Coimbra e seus contornos sobre o Rio Mondego.*

[U 10 *b*] — * — *Provincia de Moçambique. Limites segundo o tratado de 20 de agosto de 1890.*

[U 10 *b*] — Simões dos Santos — *Planta da Praça de Mazagan.*

[U 10 *b*] — * — *Sofala.*

[U 10 b] — * — *Topographia da Costa de Caminha a Vianna & dos Fortes.*

[U 10 b] — * — *Villa d'Azambuja.*

[U 10 b] — * — *Villa Nova da Rainha.*

Classe V

Philosophie et histoire des sciences mathématiques. Biographies de mathématiciens

[V 1] — J. Anastasio da Cunha — *Principios mathematicos*, etc. Lisboa, Officina de A. R. Galhardo, 1790.

Cet ouvrage (1), bien que très peu volumineux renferme une grande somme de matériaux disposés d'une manière toute nouvelle pour le temps.

Il a été l'objet de l'éloge des uns et du blâme des autres. J. M. d'Abreu a traduit ce livre en français et l'a fait imprimer à Bordeaux (2), donnant ainsi plus de célébrité au nom de l'auteur.

Playfair dans le journal *The Edinburg Review* (xx, 1812, 425-433) a inséré une notice critique de l'ouvrage d'Anastasio da Cunha, qui fut traduite dans le *Investigador portuguez em Inglaterra* (vii, 1812, 515-547), mi partie favorable, mi partie défavorable, ce qui a donné lieu à une réplique de la part de J. M. d'Abreu, dans le

---

(1) J. Anastasio da Cunha n'a pas eu la satisfaction de voir complétement imprimé son livre, il mourant quand celui-ci était sur le point de paraître (le 1 janvier 1787).

D'après Innocencio da Silva (*Diccionario bibliographico*, t. iv, p. 227), et en vue des déclarations de Anastasio da Cunha devant les ministres de l'Inquisition, ce livre fut composé et medité pendant les 12 années anterieures à sa disgrâce, c'est-à-dire, de 1766 à 1778, date où il était terminé. Il ne restait plus qu'à le recopier. L'impression, d'après des témoignages non douteux, commença en 1782, et Anastasio da Cunha, la veille de sa mort, c'est-à-dire, le 31 décembre 1786, venait de corriger les épreuves de la dernière feuille.

(2) *Principes mathématiques* de feu Joseph Anastase da Cunha, Bordeaux, Imprimerie d'André Racle, 1811.

susdit *Investigador portuguez em Inglaterra* (VII, 1813, 235-249, 442-455, 612-623).

[V 1] — J. ANASTASIO DA CUNHA — *Ensaio sobre os principios de mechanica,* Londres, 1807, 1839.

Le marquis du FUNCHAL (DON DOMINGOS DE SOUZA COUTINHO), ministre plénipotentiaire de Portugal à Londres, désirant honorer la mémoire d'ANASTASIO DA CUNHA, a fait imprimer à Londres une brochure, dont il possédait le manuscrit, que ANASTASIO DA CUNHA avait laissé sous le titre: *Ensaio sobre os principios de mecanica* (1).

Ce travail était, à vrai dire, une esquise d'un projet plus étendu que l'auteur avait imaginé. A cette œuvre posthume, réeimprimée plus tard dans I. C. (1re série, IV, 1856, 212-214, 222-223, 236-238), SILVESTRE PINHEIRO FERREIRA a ajouté des remarques ayant pour but de développer quelques passages. Ces remarques ont été publiées à Amsterdam en 1808, et plus tard transcrites dans I. C. (1re série, V, 1857, 21-23, 33-35, 57-58, 71-72, 82-84).

[V 1] — S. PINHEIRO FERREIRA — *Principios de mechanica,* Amsterdam, Officina de Belinfante & Cie, 1808.

L'auteur a publié ces fragments, réeimprimés plus tard dans I. C. (1re série, IV, 1856, 93-95, 107-108) dans la crainte de voir mal interprétées quelques unes des remarques faites à l'*Ensaio sobre os principios de mechanica* de ANASTASIO DA CUNHA.

[V 1] — * — *Lição duodecima dos elementos de geometria philosophica escriptos por* FRANCISCO DE BORJA GARÇÃO STOCKLER, *a qual tem por titulo:* «Das correlações que existem entre as operações elementares da technia geometrica, e da technia algebrica» (2), Lisboa, Impressão regia, 1819.

---

(1) D'après SILVESTRE P. FERREIRA, ANASTASIO DA CUNHA a écrit son ouvrage sur la demande de son élève et admirateur MANUEL PEDRO DE MELLO.

(2) L'auteur anonyme écrit dans la préface de cet opuscule, qui est

[V 1] — A. M. DE CASTILHO — *Traité de mnémotechnie, ou exposition des principes de cet art et de ces principales applications* (1), Bordeaux, 1831.

[V 1] — I. EMILIO BAPTISTA — *A geometria em progresso,* Lisboa, Imprensa Galhardo, 1846.

C'est une réfutation critique et enjouée d'une proposition absurde présentée par un éléve de l'Ecole polytechnique.

[V 1] — L. A. D'ANDRADE MORAES — *Ensino de arithmetica e geometria elementar em Portugal* (I. C., 1.re série, II, 1854, 171-173, 184-186).

[V 1] — MARCUS DALHUNTY — *Coïncidencias notaveis dos nove algarismos com a historia de Portugal, emquanto durou neste reino a linha affonsina* (Panorama, 4e série, XIV, 1857, 245, 253, 260, 269, 279; XV, 1858, 79, 88, 95, 142, 152, 159, 166, 301, 311, 319, 327).

---

un chapitre de l'ouvrage de STOCKLER dont nous avons fait mention (I. C., 1e série, LI, 1904, p. 676): «Não tendo lido livro elementar mathematico superior em merecimento ao da = Theorica dos limites =, apenas vi que o seu Author escrevia huns *Elementos de Geometria Philosophica* para uso de seu filho, assentei que esta obra sería grandemente benemerita: com tudo não suppuz que me fosse tão nova como tem sido, apezar de ter lido alguns elementos da mesma sciencia escritos desde o tempo de EUCLIDES até o nosso; e por Geometras ou Philosophos de merecimento reconhecido, assim pelo que publicárão, como pela veneração constante das edades decorridas desde os dias daquelle Grego immortal, e do preeminente ARCHIMEDES até os de CLAIRANT, CONDILLAC, BERTRAND, LEGENDRE, LACROIX, e LAPLACE.

«Por isto, e porque as circumstancias do nosso Compatriota (que nos merece tanta veneração quanta ufania deve causar-nos) lhe não tenhão permittido acabar esta composição com a brevidade que muito conviera, pedi-lhe que me confiasse a Lição duodecima, por ser huma d'aquellas que, dependendo menos das restantes, me parecia vantajoso publicar sem demora, a bem do progresso da Sciencia e dos Alumnos: o que faço com licença do Author obtida a instancias minhas; ficando-me a satisfação de concorrer por este modo, seja para a gloria das Letras Portuguezas, seja para o melhor dos premios devidos ao verdadeiro merecimento, se he verdade o que XENOFONTE affirma no segundo livro do seu Απομνημονενματων».

(1) Il existe à la bibliothèque de Bar-le-Duc (France) cet ouvrage, manuscrit, renfermant le cours professé en 1833 par A. M. de CASTILHO. Ce cours a été suivi et rédigé par MERCIER, vétérinaire.

[V 1] — R. R. DE SOUZA PINTO — *Duas consultas de 27 de abril de 1857: a primeira pedindo a mudança do observatorio para o sitio do Castello,* etc.; *a segunda a creação de uma nova cadeira na faculdade* (I. C., 1re série, VI, 1858, 37-38).

[V 1] — F. P. TORRES COELHO — *Necessidade de crear uma cadeira de geometria transcendente na Faculdade de mathematica* (I. C., 1re série, IX, 1861, 8-9).

[V 1] — F. FOLQUE — *Contagem decimal* (A. FELICIANO DE CASTILHO, *Os fastos de* PUBLIO OVIDIO NASÃO, Lisboa, II, 1862, 225-229).

[V 1] — JUSTINO M. D'OLIVEIRA — *Discussão sobre os principios fundamentaes da mechanica,* Porto, Imprensa Litterario-Commercial, 1876.

[V 1] — F. GOMES TEIXEIRA — *Sobre a origem e sobre os principios do calculo infinitesimal. Prelecção feita aos alumnos da Universidade de Coimbra* (J. S. M., III, 1881, 21-45).

C'est un développement de la note: *Sur les principes du calcul infinitésimal* (M. S. B., 2e série, IV, 1880, (41-47).

[V 1] — J. M. DA PONTE HORTA — *Conferencia ácerca dos infinitamente pequenos,* Lisboa, Typographia da Academia real das sciencias, 1884.

[V 1] — J. M. DA PONTE HORTA — *Conferencia ácerca da circulação da materia,* Lisboa, Typographia da Academia real das sciencias, 1886.

Cette conférence a été objet d'une sévère critique de la part de JUNIO DE SOUZA (1), publiée dans I. C. (2e série, XXXVI, 1888, 17-25, 89-94, 131-136, 196-202, 282-289, 344-350).

[V 1] — J. J. PEREIRA CALDAS — *Proposta justificada para novos compendios no curso mathematico do Lyceu*

---

(1) Pseudonyme du professeur A. J. TEIXEIRA.

de Braga, Braga, Typographia Minerva commercial, 1890.

[V 1] — C. ROEDER — *Algumas palavras sobre a producção de forças* (R. M. P., II, 1894, 8-12).

[V 1] — J. M. D'ALMEIDA LIMA — *Energia e relativismo* (R. S. L., I, 1901, 6-8, 49-52, 65-68).

[V 1] — J. M. D'ALMEIDA LIMA — *Estudo sobre a energia* (R. Art, L., I, 1904-1905, 30-33, 64-68, 106-110, 201-205, 327-334, 383-388, 438-443, 493-499, 587-595; II, 1905-1906, 7-15, 146-150, 202-210.

[V 1 *a*] — EDUARDO ANDRÉA — *O ensino da divisão de decimaes* (B. A. M., I, 1904-1905, 122-123).

[V 5 *b*, 6] — F. DE CASTRO FREIRE — *A mathematica nas duas primeiras dynastias* (I. C., 2e série, XXXI, 1884, 405-410).

[V 5 *b*, 6, 7] — A. RIBEIRO DOS SANTOS — *Memorias historicas sobre alguns mathematicos portuguezes e estrangeiros domiciliados em Portugal, ou nas conquistas* (M. L. A. L., XII, 1812, 148-229).

[V 5 *b*, 6, 7, 8] — F. B. GARÇÃO STOCKLER — *Ensaio historico sobre a origem e progressos das mathematicas em Portugal,* Paris, Officina de P. N. Rougeron, 1819.

L'auteur y traite aux pages 1-75 l'histoire des mathématiques en Portugal depuis la fondation de la monarchie jusqu'en 1819; les pages 76-168 contiennent une série de 36 notes, où quelques points mentionnés dans le texte sont développés et éclaircis.

[V 5 *b*, 6, 7, 8, 9] — F. DE CASTRO FREIRE — *Memoria historica da Faculdade de mathematica,* Coimbra, Imprensa da Universidade, 1872.

Cette monographie a été publiée lors du premier centenaire de la reconstitution de l'Université de Coïmbre, en 1772.

Dans l'Introduction, l'auteur considère la période depuis la fondation de la monarchie jusqu'en 1772; ensuite il s'occupe plus en détail de la période de 1772 à 1872. A la fin, on trouve deux appendices contenant une liste des professeurs de l'Université (1772–1872) et la bibliographie des écrits mathématiques publiés en Portugal dans le même temps.

L'exposition de l'histoire des mathématiques en Portugal est étroitement lieé à celle de l'histoire de la Faculté de mathématique à Coïmbre, qui est, en effet, d'objet principal de l'ouvrage.

[V 6] — J. Freire d'Andrade — *Vida de* D. João de Castro, Lisboa, 1747.

[V 6] — A. Ribeiro dos Santos — *Da vida e escriptos de* Don Francisco de Mello (M. L. A. L., vii, 1806, 237–249).

[V 6] — A. Ribeiro dos Santos — *Da vida e escriptos de* Pedro Nunes (M. L. A. L., vii, 1806, 250–283).

[V 6] — J. J. Pereira Caldas — *Primeira arithmetica impressa* (J. S. M., i, 1877, 156–157).

(Continúa). Rodolpho Guimarães.

LITTERATURA E BELLAS-ARTES

ARTES INDUSTRIAES E INDUSTRIAS PORTUGUEZAS

(Cont. do n.º 8, pag. 416)

«Nas mesmas Cartas lê-se ainda outra passagem abonatoria dos creditos do grande commerciante: «Cá tenho escrito a Elrei que creia mais no escritorio de Bertolameu com Leonardo soo nelle, que em quantas feitorias e quantos feitores cá tem na India (1).

«Bartholameu era auctoridade commercial de peso para Affonso de Albuquerque.

«E não era só entre negociantes que elle grangeara credito; entre os homens de lettras não passava desconhecido o seu nome. Francisco Albertini num opusculo que em 1510 publicou em Roma (*Septem Mirabilia,* etc.) e que dedicou a el-rei D. Manuel, tras a seguinte referencia: *nostro Bartholomeu conterraneo Florentino qui in regno tuo Lusitanico agit*... (2).

«Somos chegados ao facto principal da vida do nosso protagonista: ao contracto celebrado entre elle, como representante dos negociantes estranjeiros residentes em Lisboa, e D. Manuel, para a navegação commercial da India. É em Gaspar Correia, que encontramos mais circumstanciadamente narrada a transação. O feliz successo da viagem de Vasco da Gama tinha enchido das mais douradas esperanças a mente de D. Manuel. Logo em 1500 sahiu a armada de Pedro Alvares Cabral, a quem um acaso feliz conduziu ás terras de Santa Cruz. Mas no soffrego desejo de conquistar

---

(1) Affonso de Albuquerque, *Cartas*, Lisboa, 1884, tom. 1.º, pag. 274.
(2) Warnhagen, *Shoner* e *Appiano*. Vienna, 1872, pag. 11.

toda a India, o venturoso monarcha ainda não estava satisfeito e pensou nos meios de enviar todos os annos, na monção de março, uma armada ao Oriente, sem que houvesse necessidade de esperar pelo regresso da anterior. Foi assim que em 1501 se preparou nova esquadra, da qual foi commandante João da Novoa, fidalgo gallego, homem experiente na navegação e que exercia ao tempo o honroso e importante logar de alcaide de Lisboa. Não sendo os recursos da corôa inteiramente sufficientes para occorrer a tamanhas e tão successivas despesas, julgou D. Manuel, apoiado por Vasco da Gama e outros do seu conselho, que era da mais alta conveniencia interessar na empresa os mais ricos negociantes e armadores estranjeiros existentes na capital da monarchia.

«Postos estes preliminares, caiba agora a palavra ao pittoresco narrador das *Lendas da India:*

«Sobre o que logo ElRey moveo contractos com mercadores riquos, estantes de muyto tempo em Lisboa, que ante si (*deve ser antre*) fizerão armador a hum Bertholameu Florentym, homem de grossa fazenda, que fizerão seus apontamentos muyto de seus proveytos, que esperavão muyto mais proveyto que de Framdes, nem outras muytas partes em que tratavam per todo ponente e levante; sobre o que assentarão contracto, que ElRey armou duas naos, e os mercadores outras duas de seu dinheiro, de todo acabadas e postas á vela, e amarinhadas com todolos officiaes que lhe pertencião, que havião de ser a contentamento d'ElRey; todos naturaes do Reyno: e ElRey as havia d'armar d'artelharia, armas, monições e fazer os mantimentos para toda a viagem, e mettia as mercadorias que se havião de gastar na carga, e dava-lhe ElRey de frete a vinte e dous cruzados da fazenda, logo limitadamente o que havião de carregar de pimenta e de cada sorte de drogas, segundo o que a nao podia carregar, e o pagamento havia de ser em dinheiro de contado, descarregada e entregue a fazenda na casa, emprestando-lhe logo sobre esses fretes a cada nao oito mil cruzados (1).

«A armada de João da Novoa partira de Lisboa a 1 de março de 1501: compunha-se de quatro naos numa das quaes ia Mice Vinet Florentym, feitor de mercadores.

«João de Barros trata egualmente d'este assumpto, embora com menos desenvolvimento. É elle quem nos revela o sobre-

---

(1) Gaspar Correia, *Lendas da India,* tom. 1.º, pag. 233 e 235.

nome do rico negociante florentino. Depois de fallar da resolução de D. Manuel de mandar todos os annos á Asia, na monção propria, uma armada, passa a enumerar a frota de João da Novoa e cita em quarto logar o navio de Fernão Vinet, florentim *pelo navio ser de Bartholomeu Marchioni, tambem Florentim; o qual era morador em Lisboa e o mais principal em substancia de fazenda que ella naquelle tempo tinha feito.* E continúa, explicando o motivo do procedimento de D. Manuel:

«Cá ordenou ElRey pera que os homens d'este Reyno, cujo negocio era commercio, tivessem em que poder tractar, dar-lhe licença que armassem naos para estas partes, d'elles a certos partidos e outros a fretes; o qual modo de trazer a especiaria a frete ainda hoje se usa. E porque as pessoas a que ElRey concedia esta mercê, tinham por condição de seus contractos que elles haviam de apresentar os capitães das naos ou navios que armassem, os quaes ElRey confirmava: muitas vezes apresentavão pessoas mais sufficientes pera o negocio da viagem e carga que havião de fazer do que erão nobres per sangue. Fazemos aqui esta declaração porque se saiba, quando se acharem capitães em todo o discurso d'esta nossa historia e que não sejam homens fidalgos, serão d'aquelles que os armadores das naos apresentavam ou homens que por sua propria pessoa ainda que não tinha muita nobreza de sangue, avia nelles qualidades pera isso (1).

«Damião de Goes não faz mais que resumir o que neste ponto escreve o Livio portuguez.

«Este facto é não só curioso, mas importante para a historia das nossas relações commerciaes e economicas com o Oriente.

«Vimos que em 1501 fôra um italiano, Bartholomeu Marchioni, que se poz á testa dos armadores estranjeiros de Lisboa, e que fôra elle que mandara uma nau, por conta sua, na armada de João da Novoa. Em 1502, na armada de D. Vasco da Gama, um dos commandantes dos navios era João de Buonagracia, italiano. Em 1503 apromptaram-se não menos de tres esquadras. Uma d'ellas era commandada por Affonso de Albuquerque e entre os navios havia um, em que ia por feitor João de Empoli, florentino. Sabemos esta importante circumstancia pela narrativa que elle proprio nos deixou e que se póde consultar no tomo 2.º da *Collecção de Noticias*

(1) João de Barros, *Decada* 1.ª, liv. 5.º, cap. 10.º

para a Historia e Geographia das Nações Ultramarinas. Annos depois, vemol-o viajar na India, não feitor, mas dono de navios.

«Gaspar Correia faz menção de diversos italianos com o nome de Cerniches. Um d'elles, mice Diniz Cerniche, foi num dos navios de armadores contractados com a rainha e que acompanhavam a armada de Gonçalo de Sequeira, que partiu do reino em 1510 (1). Falcão usa de outra ortographia, e dá por capitão d'um dos navios que foram nessa armada a Jeronymo Sernige, indubitavelmente um dos Cerniches, de que falla Gaspar Correia (2). Damião de Goes escreve Hieronimo Cerniche, apontando-o como um dos bravos que ajudaram Affonso de Albuquerque a tomar Gôa (3).

«Quando D. Estevão da Gama foi ao mar Vermelho, expedição que o roteiro de D. João de Castro não deixou esquecer, na sua numerosa armada contava-se *myce Bernaldo em outro navio carregado de mantimentos seus, para no estreito vender, que era mercador, com que muito serviço fez* (4).

«O predominio commercial da casa Marchione prolongou-se por largos annos. Em 1518 partiu para a India a armada de Diogo Lopes de Siqueira. Segundo o livro da Casa da India, entre as naus que a compunham ia a *Annunciada* de Bartholameu Florentino, de que era capitão Alvaro Telles (5). João de Barros cita entre os capitães Pero Paulo, o que Damião de Goes não faz senão repetir. Gaspar Correia diz que Siqueira levara na sua companhia Antonio Lobo Teixeira e Lopo Cabreira e Pedro Paulo, filho de Bartholameu Frorentim, naus de mercadores. A *Annunciada* regressava da viagem em 11 de agosto de 1519.

«Em 1520 lá foi outra vez Tejo fóra, na armada de Jorge de Brito, a nau *Annunciada,* sendo seu capitão, segundo o livro da Casa da India (6) Belchior Marchone. Gaspar Correia, com referencia a esta viagem, cita Pedro e Paulo Belchior Marchone, armadores (7). A 28 de março de 1522,

---

(1) Gaspar Correia, *Lendas da India,* tom. 2.º, pag. 131.
(2) Luiz de Figueiredo Falcão, *Livro em que se contém toda a fazenda,* etc., pag. 144.
(3) Damião de Goes, *Chronica de D. Manuel,* cap. 10.º e 11.º da 3.ª parte.
(4) Gaspar Correia, *Lendas da India,* tom. 4.º, pag. 164.
(5) Falcão, *Obr. cit.,* pag. 148.
(6) Idem, pag. 150.
(7) Gaspar Correia, *Lendas da India,* tom. 2.º, pag. 609.

conforme o testimunho de Falcão, estava de volta. Fr. Luiz de Sousa (1), arrimando-se indubitavelmente á auctoridade de Barros, refere que no anno de 1522 entraram no porto de Lisboa nove naus com carga de especiaria, contando-se neste numero a *Annunciada* de Bartholameu Florentin, de que era capitão seu filho Pero Paulo Marchone.

«No anno de 1505 partiu para a India a poderosa armada de D. Francisco d'Almeida. Nem nos historiadores da epocha, nem no livro da Casa da India encontramos indicio dos tres navios enviados pelas casas allemãs, a que se refere um nosso escriptor moderno. É possivel todavia que fossem por essa occasião alguns navios mercantes estranjeiros sob a egide d'aquelle capitão. Nem sempre estes acontecimentos mereciam a consideração dos nossos chronistas, a quem enfeitiçava sobretudo a narrativa minuciosa das proesas bellicas.

«Na armada de 1509 vemos designado um Marco Alemão como capitão da nau *Santa Clara*. É desde 1544 em deante que o livro da Casa da India nos indica maior numero de armadores. Os Marchiones são os que primeiro e mais vezes apparecem, fazendo-lhes honrosa companhia alguns dos seus compatriotas.

«Não encontramos na Torre do Tombo a norma do contracto celebrado em 1501; basta a authentical-o o testimunho de João de Barros, de Gaspar Correia e ainda de outros historiadores. Encontramos, porém, dois documentos de grande importancia e que vem confirmar exuberantemente, se mais fôra necessario, a grandeza das relações commerciaes da casa Marchione. São duas cartas de quitação, uma de 16 de junho de 1507, outra de 28 de maio de 1514, passadas a este poderoso contractador por D. Manuel: d'ellas dimana uma grande luz para a historia commercial, maritima e economica d'aquella epocha. Por ellas se vê a série das importantes transacções celebradas entre o florentino e a corôa; as avultadas quantidades de especiarias, o seu valor no mercado, os navios comprados ao estado e outras indicações valiosas».

Julgo desnecessario reproduzil-as agora aqui, pois tambem já vem transcriptas na longa série de *Cartas de Quitação*, de D. Manuel publicada no *Archivo Historico Portuguez*.

Do reinado de D. João II existe um documento, pelo qual

(1) *Annaes de D. João III*, pag. 93.

se mostra que Bartholomeu Marchione dera uma lettra de cambio, no valor de quinhentos e cincoenta ducados, a Bertholameu Fernandez, quando este foi ao reino de Napoles a effectuar certas compras por mandado d'aquelle monarcha. A carta regia, concernente a este assumpto, é de 19 de outubro de 1493 e acha-se concebida nos seguintes termos:

«Dom Joham &. A quamtos esta nossa carta virem fazemos saber que nos mandamos Bertollameu Fernandes ao Regno de Napolle pera nos la auer de comprar e trazer alguũas cousas que compriam a nosso seruiço segundo leuou per noso regimento, per as quaes lhe foy dado per Bertollameu Marchone Florentin letara de caybo pera o dito Regno de quinhentos e cinquoenta ducados, que loguo mandamos pagar ao dito Bertollameu Marchone... Dada em Simtra a dezanove dias do mes doutubro de 1493» (1).

Convém advertir que, não obstante a sua importancia e predominio, a colonia italiana em Lisboa não conseguira assambarcar o commercio das especiarias, fazendo-lhe concorrencia os allemães que haviam formado uma companhia, á testa da qual se achava, como feitor, um Rodrigo Allemão, segundo vem declarado numa carta de quitação, passada por D. Manuel em 27 de abril de 1515 a favor de André Rodrigues, thesoureiro que fôra da especiaria. Na mesma carta, publicada a pag. 283 do vol. I, do *Archivo Historico Portuguez*, vem mencionado tambem Joham Rem, allemão, que havia pago ao sobredito thesoureiro a quantia de 6:824$801 reaes.

Bartholomeu Florentin não commerciava unicamente nos assucares da Madeira e nas especiarias da India: os seus agentes e os seus navios iam tambem ás outras partes do nosso dominio colonial. D. Manuel dera-lhe licença para ir ao resgate do ouro na Guiné, segundo se deprehende do seguinte trecho de uma carta de Aloise de Prinli, o qual, aportando a Lisboa, de volta de Flandres, escrevia estas palavras: «uno merchadante fiorentino, riccho di 100 mila ducati, á la mina di l'oro a fito, e lui serve de danari la Corte» (2).

Marchioni armava tambem navios para a America, recentemente descoberta por Pedro Alvares Cabral, como se infere d'um manuscripto existente na Torre do Tombo e que

---

(1) Quitação de Bertolameu Fernandes — *Livro de Extras*, fl. xb.
(2) *Diari di Marin Sanuto*, vol. IV, coluna 621. Citação do sr. Prospero Peragallo no artigo referente a Bartholomeu Marchoni.

foi dado á estampa, por mais de uma vez e em mais de uma das suas obras por F. A. de Warnhagem, depois visconde de Porto Seguro. Intitula-se:

«*Llyuro da nãoo Bertôa que vay pera a tera do Brazyll de que som armadôres bertolameu marchone e benadyto morelle e fernã de lloronha e francisco mz*».

A nau *Bretôa* saiu do porto de Lisboa a 22 de abril de 1511 (1).

Nas quitações de D. Manuel apparecem frequentes verbas relativas a Bartholomeu Marchione. Assim na quitação passada a 1 de agosto de 1510, a Affonso Martins, nosso feitor em Flandres, lê-se o seguinte: «3:900 (libras) per uma letra de caimbo que passou Bertolameu Marchone, florentim, pera o dito Jeronimo Frascobalde, das quaes o dito Bertolameu é já pago». Nas passadas a Martim Affonso, comprador de el-rei com relação aos annos de 1499 e 1505, diz-se que elle recebera de Bartholomeu Marchone, da primeira vez 316$000 reaes e da segunda 2 contos.

Bartholomeu Marchione parece que estava ligado por interesses mercantis com Tristão da Cunha, o grande capitão e navegador, que tanto renome alcançou na Europa, quando foi na solemne embaixada ao Papa Leão X, conforme se deprehende dos dois seguintes mandados:

«Nós elRey mamdamos a vos noso almoxarife ou recebedor da casa do paço da madeira desta cidade e ao escpriuam dese oficio que do remdimemto dele deste ano presẽte de b^c iij dees e emtreguees a Tristam da Cunha, do noso conselho, e a Bertolameu Marchione cymquoemta e huũ mil reaes que lhe mamdamos emtregar em parte dos dez contos que lhe apartamos per certas remdas nosas pera pagamento das nosas moradias e compras, o qual dinheiro lhe asy emtregarees aos quartees do dito ano pagando o noso quartel prymeiro que nenhũ outro, segundo forma de seu contrato. E per este com seu conhecimento ou de seu procurador que pera receber o dito dinheiro ordenarem, mamdamos aos nosos contadores que vollo leuem em despesa. Feito em Lixboa a xbiij de março. — Francisco de Matos o fez — de b^c iij. — Rey · ⁝ · —.

«Segue-se o recibo assignado por Bertolameu Marchione e Tristam da Cunha» (2).

«Nós elRey mamdamos a vos, recebedor da nosa sisa da marçaria desta cidade e ao spriuam dese oficio que do rendimento da dita casa

---

(1) Warnhagem — *Diario de Navegação,* de Pero Lopes de Sousa, 4.ª edição. Rio de Janeiro, 1867, pag. 97 e seguintes.

(2) Torre do Tombo, *Corpo Chronologico,* parte 2.ª, maço 7, documento 71.

deste presente anno de b^c tres dees a Tristam da Cunha, do noso conselho e a Bertolameu Marchione oytocemtos setemta e quatro mill reaes que lhe mamdamos dar por outros tantos que nos dam pera o pagamento de nosas moradias per contrato que tem cõnosco feito, dos quaes lhe vos fazee boo pagamento polo dinheiro que vos nos caderno vai apartado pera as ditas moradias, que he este mesmo, e per este e seu conhecimento vos será leuados em despesa. Feito em Lixboa a xix dias de maio de b^o e tres. — Rey · ⁝ · —.

«Segue-se o recibo assignado por Tristam da Cunha e Bartolameu Marchione» (1).

Um dos negocios mais curiosos entabolados entre o poderoso banqueiro e a côrte portugueza é o que se refere a uma valiosa somma de dinheiro — 20:000 cruzados — que Fernando Annes, arcediago de Santarem, havia recebido por ordem do Cardeal de Portugal, nas rendas do arcebispado de Evora e da abadia de Alcobaça, para lh'os mandar a Roma por lettras de cambio. Fernando Annes para este effeito, depositara o dinheiro em casa de Bartholomeu Marchione, d'onde D. Manuel o levantou, por emprestimo, fazendo para isto um contracto, para o cumprimento do qual obrigava as rendas da alfandega de Lisboa. O diploma em que se narra este facto tem a data de 2 de março de 1498 e é do teor seguinte:

«Dom Manuell etc. A quantos esta nosa carta virem fazemos saber que a serviço de deus e nosso e bem da coroa de nossos regnos he necessario e compridoyro de nos servirmos de hũua soma de dinheiro que ho cardeall de Portugall tem ao presemte em esta nosa cidade de Lixboa em poder de Fernamde Annes arcediago de Santarem que o dito Fernamde Annes tem recolhido de suas remdas do arcebispado e abadia dallcobaça sabemdo nos que ho dito cardeall mandava ao dito Fernamde Annes que lhe fezesse dos ditos dinheiros cambo pera os aver em corte de Roma e com esta temçam e fundamento pera os lla poder aver encomemdamos a Bertolameu Marchione frorentim estamte na dita cidade que lhe fezesse delles o dito cambo e recebesse llogo do dito Fernamde Annes vimte mjll cruzados. s. dezoyto mjll de comtado e dous mjll em que nos eramos devedor ao dito cardeall per hũu desembarguo de certo dinheiro seu que aquy recebemos emprestado os quaes xx cruzados logo pella dita maneira o dito Bertolameu recebeo do dito Fernamde Annes e lhe deu delles seu conhecimento de obrigaçam de os dar ao dito cardeall em corte de Roma atee fim do mes de dezembro do anno presente de mjll iiij^c lRbiij^o com suas obrigaçõees e pennas segundo costume e letras ordenadas pera seu cambo homde os o dito cardeall mande receber. E por quanto nos ouvemos e recebemos emprestados llogo do dito Bertollameu os ditos xx cruzados e lhe demos a elle

(1) Torre do Tombo, *Corpo Chronologico*, parte 2.ª, maço 7, documento 72.

disso sua segurança e firmeza a nos praz que pera segurança ysso mesmo do dito cardeall que acomtecendo quallquer caso que se posa dizer ou cuydar por onde o dito Bertolameu nom faça emtrega dos ditos xx cruzados ao dito cardeall ao termo limitado todos ou algũua parte nos per esta nosa carta de fiamça e obrigaçam prometemos per nosa fee reall de lhos dar e pagar demtro em estes regnos com todas custas e despesas e cambos e recãybos que se nello fezerem atee serem pagos. E pera ello obrigamos as rendas da nosa alfamdega da dita cidade de Lixboa a quall será metida em poder do dito cardeall ou de seu certo recado des primeiro dia de janeiro que uem do anno de mjll iiij[c] lRix em diante pera que receba todo o rendimento della e que nos nem pesoa allgũua per nosso mandado receba em ella hũu soo reall atee que ho dito cardeall seja pago dos ditos xx cruzados com todas perdas e dampnos cambos e recaymbos que por ello ouver atee ser inteiramente pago, como dito he e em testemunho de verdade lhe mandamos dar esta nosa carta asynada per nos e asellada do nosso sello pendente. Dada em a dita cidade a dous dias do mes de março Joham da Fomseca a ffez anno de nosso Senhor Jhesu Christo de mjll iiij[c] lRbiij[o] annos» (1).

Na *Emmenta da Casa da India,* recentemente publicada pelo sr. Anselmo Braamcamp Freire, ha as seguintes verbas, com relação a navios da casa Marchione:

«Pedro Paulo Marchione, capitão de uma das naus da armada que em 1518 partiu para a India (pag. 19); Em 1544 partiu a nau *Salvador* de Pedro Paulo e Belchior Barreto (?) (pag. 46); No anno de 1551 partiu para a India uma armada, em que vae a nau *Santa Cruz* capitão misser Paulo Marchione e a nau *Jesus* de Lucas Giraldes (pag. 56); No anno de 1559 foi para a India Belchior Marchione Arraes, filho de Pedro Paulo Marchione (pag. 69)».

Bartholomeu Marchioni, a não ser que haja outro homonino, ainda era vivo em 1532, pois neste anno D. João III lhe concedeu licença para andar em besta muar de séla, conforme se expressa na seguinte carta:

«Dom Joam &. Fazemos saber a quamtos esta nosa carta virem que a nos praz darmos lugar e licemça a Bertolameu Marchione per que sem embarguo das nosas ordenaçomes e defesas, e de nom ter caualo posa amdar em besta muar de sela e em faca. Porem o noteficamos... Dada em a nosa cidade de Lixboa aos xbij de novembro. Symão de Matos o fez de mill b[o] xxxij anos» (2).

Procuremos agora indagar algumas particularidades ácerca da familia de Bartholomeu Marchione, que deixou descen-

---

(1) Torre do Tombo, Chancellaria de D. Manuel, liv. 31, fl. 51.
(2) Torre do Tombo, Chancellaria de D. João III, *Doações,* liv. 1, fl. 84 verso.

dencia, cuja legitimidade todavia não poude averiguar, ignorando o nome da consorte, se porventura foi casado. Nos chronistas da India, quando se trata da partida das armadas para alli, fazem-se referencias, não muito claras, a filhos de Bartholomeu, Paulo e Belchior, nomes que por vezes se confundem num só. Nas notas tiradas do livro da *Emmenta da Casa da India,* atras incluidas, além de se fallar em Pedro Paulo Marchione, falla-se egualmente num Belchior Marchione Arraes, filho de Pedro Paulo.

No que não ha menor duvida é na existencia d'uma filha, de nome de Maria, filha de Catharina Dias, mulher solteira ao tempo do seu nascimento e legitimada por seu pae em 1496. O mesmo se póde affirmar de uma sua neta, chamada Helena, filha de Francisco Corbinelli, seu genro. Outro genro era Antonio Del Maestro. Consultem-se estes dois nomes.

Bartholomeu tinha um sobrinho, Benedetto Morelli (veja-se o artigo que lhe diz respeito), que estava interessado em sua casa.

Os descendentes de Marchioni parece que se domiciliaram na India e os que não fixaram alli residencia, prestaram pelo menos bons serviços. Citarei em primeiro logar Leonardo Marchione, filho de Belchior Marchione, fidalgo cavalleiro da casa de el-rei D. João III, o qual se achára, no anno de 1554, na armada, que, sob o commando de D. Fernando de Menezes, filho do viso-rei D. Affonso de Noronha, fôra ao estreito de Baçorá, onde houve uma rija batalha com a armada de quinze gallés, sob as ordens do capitão de Suez e de Alexandria. A peleja, que se travou por duas vezes, foi muito encarniçada, gloriosa para as nossas armas, que tomaram seis gallés e trinta peças de artelharia, aprisionando grande numero de rumes, além de causarem sensiveis destroços no inimigo. Leonardo bateu-se valentemente, pelo que foi armado cavalleiro, confirmando-lhe D. Sebastião este titulo, em carta de 2 de novembro de 1560, a qual passo a transcrever, por nella se encontrar a narrativa de um brilhante feito da nossa epopeia naval. Antes porém de a reproduzir, seja-me licito declarar que na Chancellaria de D. João III não encontrei nenhum documento relativo a Belchior, o qual era já fallecido ao tempo em que seu filho alcançou as honras da cavallaria. Eis a carta:

Dom Sebastiam etc. Faço saber aos que esta minha carta virem que por parte de Leonardo Marchone filho de Bellchior Marchone defunto fydallgo da casa dell Rey meu senhor e avo que samta gloria aja [m] e foy apresentado hũu alluara de dom Fernando de Meneses que foi por

capitão mor da armada que dom Afomso de Noronha seu pai meu muito amado sobrinho sendo Viso Rey nas partes da India mandou aos estreytos de Meca e Baçorá feyto a vinte de setembro do anno de mill b^e liiij^o no qual se continha que vindo ao estreyto de Baçorá achara recado que era partido para Meca por mandado do Grão Turco o capitão de Suez e de Allexandria por capitão mor de quinze galles reais e saindo a buscallas as encontrara no cabo de Mossatão onde pellejou cõ ellas as bombardadas por espaço de meio dia e que por acallmar o vento lhe fogirão a remo e as perdera de vista pollo que lhe fora tomar a dianteira e tornando em sua busca as encontrara hũa legoa do Ilheo de Mazcate onde outrosy pellejara com ellas de pela manhãa ate tarde e as desbaratara com tomar seis das ditas galles e trimta peças dartelharia de metal e lhe matar e cativar todos os rumes que nellas vinhão e o dito capitão mor lhe fugira cõ as mais galles indo muyto destroçadas e com muita gente morta e que por o dito Leonardo Marchone se achar com elle dom Fernando em todo o sobredito e o fazer bem de sua pesoa o fizera cavalleiro segundo mais largamente era contheudo no dito alluara pedimdome que lhe conformase e mandasse que lhe fosem guardados os privillegios e liberdades dos cavalleiros e visto seu requerimento e por fazer certo de seu serviço e da callidade de sua pesoa querendolhe fazer merce ey por bem e me praz de lhe confirmar e per esta lhe ey por confirmado o dyto alluara e que goze e use daqui em diante de todos os privilegios lyberdades graças e franquezas de que gozão e de direito devem de gozar e usar os cavalleiros per mym confirmados e elle será obrigado a ter armas e cavallo segundo forma de minha ordenaçam e mando a todas as justiças officiaes e pessoas a que esta carta for mostrada e o conhecimento della pertencer que lha cumprão guardem e fação inteiramente comprir e guardar como se nela contem. André Sardinha o fez em Lixboa a dous dias de novembro anno do nacimento de noso Senhor Jhesu Christo de ȷ̄ b^c lx. Balltesar da Costa a fez escrever» (1).

Um Luiz Marchone tinha em Gôa, em 1590, o officio de thesoureiro do fisco da cidade, cargo que exercia ha 20 annos. Em attenção a esta circumstancia e em recompensa dos seus serviços, D. Filippe I, em carta de 3 de março de 1590, ordenou que o mesmo officio passasse para seu filho, Bartholomeu Marchone, depois do fallecimento de seu pae. Creio que ainda se refere ao mesmo outra carta de 1601, pela qual aquelle monarcha nomeia a Luiz Marchone, christão da terra, casado, morador em Gôa, para o logar de lingua e contador da alfandega de Diu, por espaço de seis annos, isto em attenção aos serviços que elle prestara aos padres da Companhia na propaganda da fé.

Em 1604 havia em Gôa um christão da terra, chamado Valentim Marchone, o qual ajudara muito os mesmos religio-

(1) Torre do Tombo, Chancellaria de D. Sebastião, *Privilegios*, liv. 2, fl. 293.

sos na conversão do gentio. Por este motivo, D. Filippe II, em carta de 22 de fevereiro de 1604, o nomeou lingua d'aquella cidade por espaço de tres annos.

Provavelmente o Bartholomeu Marchone, atras referido, nomeado para succeder a seu pae no cargo de thesoureiro do fisco de Gôa, era o mesmo gancar que em 1577 interveio num caso prodigioso com respeito á invocação que se havia de dar á ermida, da quinta do recreio, que os estudantes do collegio de S. Paulo, tinham na ilha de Gôa. Eis como o *Oriente Conquistado* transmittiu á posteridade o facto miraculoso:

«Na Ilha de Gôa no anno de mil quinhentos setenta & sete nos comprarão huns devotos o sitio em que se fez a quinta de Santa Anna, aonde todas as somanas se vão recrear os estudantes do collegio de S. Paulo. O Padre que aqui residia, tratava da conversão dos gentios da Aldea de Moula, & Taloulim: & depois de haver conduzido ao Bautismo hũ bõ numero de gentios de ambas as aldeas, se dispoz a fabricarlhe hũa Ermida, & duvidandose do Santo, ą quem se havia de consagrar, affirmou hum gancar por nome Bartholomeu Marchona, que elle vira decer do monte á Igreja, que então se começava, hũa Matrona velha com canna na mão & chapeo na cabeça, a qual dissera que aquella casa era sua, & queria morar nella. Duvidou o Padre do nome desta Matrona, & divulgandose o caso pela aldeia, foy ter com elle hũa Bramana velha convertida de pouco, & lhe referio que estando ella gravemente enferma, lhe apparecera em sonhos a mesma Matrona, & lhe pegara por hũa mão, & a mandara levantar, dizendolhe que o seu nome era Anna, & que desejava ter hũa casa naquella Aldea» (1).

Da estirpe dos Marchiones encontra-se ainda nas partes da India uma senhora de nome Maria Marchoni, á qual era concedido um importante subsidio na sua qualidade de regente do collegio das Orphãs de Gôa (2).

Eis os documentos relativos a Luiz Marchone e Valentim Marchone:

«Eu el Rey faço saber aos que este alluara vyrem que hauendo respeito aos seruiços de Luis Marchone thesoureiro do fisquo da cidade de

(1) P.e Francisco de Sousa, *Oriente Conquistado a Jesus Christo,* II (1710), pag. 108.
(2) Documentos remettidos da India, vol. II, pag. 426.

Goa e auer xx annos que serue o dito oficio com muita satisfação e por lhe fazer merce ey por bem e me praz que per seu fallecimento fique o dito oficio ha Bertolameu Marchone seu filho pera que syrua asy e da maneyra que o ora serue o dito Luis Marchone he pera minha lembrança e sua guarda lhe mandey dar este alluara que se lhe cumpriraa inteyramente como se nelle conthem. João da Costa o fez em Lixboa a tres de março de ĵ bᶜ lR e por que do theor deste lhe mandey dar outro pera irem por duas vyas de que esta he a primeyra e tanto que hũ ouuer efeito o outro se rompera» (1).

«Dom Felipe etc. Faço saber aos que esta carta virem que auendo respeito a Luis Maxione cristão da terra casado morador em Goa ajudar aos religiosos da companhia da India na conuersam da cristandade daquellas partes ey por bem e me praz de lhe fazer merce do cargo de limgoar e comtador dallfandegua de Dyo por tempo de seis annos na vagante dos prouidos antes de oito de feuereiro deste anno presente de seis centos e hũ em que lhe fiz esta merce o qual cargo seruira pelo dito tempo de seis annos como dito he sem embargo do regimento que ha na India que diz que os officios e cargos das ditas partes se não possão seruir por mais tempo que tres annos e posto que tenha ja seruido de porteiro e lingoa dallfandegua de Goa com o qual cargo não auera ordenado algum a custa de minha fazenda somente os proes e percalços que lhe dereitamente pertencerem pelo que mando ao meu viso rei ou gouernador das ditas partes da India que ora he e ao diante for e ao vedor de minha fazenda em ellas que tanto que pela dita maneira o dito Luis Maxione couber entrar no tal cargo lhe dem a posse delle e lhe deixem seruir pelo dito tempo de seis annos e auer com elle os proes e precalços que lhe pertencerem como dito he sem lhe a isso ser posta duuida nem embargo algum e o vedor de minha fazenda das ditas partes lhe dara juramento dos santos euangelhos que bem e verdadeiramente o serua guardando em tudo meu seruiço e as partes seu dereito de que se fara asento nas costas desta carta que sera registada nos liuros da casa da India da feitura della a quatro meses e este se lhe passara por duas vias, comprida hũa a outra não auera effeito. Belchior Pinto a fez em Lixboa a oito de nouembro anno de mill e seis centos e hũ. Janaluez Soarez a fez escreuer» (2).

«Dom Felipe etc. Faço saber aos que esta carta virem que auendo respeito a informações que tiue de Valentim Marchone christão da terra morador na cidade de Goa ajudar aos religiosos da companhia de Jhesus das ditas partes na conuersão do gentio a nossa santa fe ey por bem e me praz de lhe fazer merce do cargo de lingoa dante o capitão da dita cidade de Goa por tempo de tres annos na vagante dos prouidos antes de dous de janeiro do anno passado de seis centos e tres em que lhe fiz esta merce cõ o qual cargo não auera ordenado algũu a custa de minha fazenda e somente os prois e precalços que lhe direitamente pertencerem pello que mando ao meu viso rei ou gouernador das partes da India que ora he e ao diante for e ao vedor de minha fazenda em ellas que tanto que pella dita maneira ao dito Valentim Marchone couber entrar

(1) Torre do Tombo, Chancellaria de D. Filippe I, liv. 19, fl. 320.
(2) Torre do Tombo, Chancellaria de D. Filippe II, liv. 1, fl. 63 verso.

no tal cargo lhe dem a posse delle e lho deixem seruir e auer os proes e precalços que lhe pertencerem como dito he e o vedor de minha fazenda das ditas partes lhe dara o juramento dos sanctos euangelhos que bem e verdadeiramente o sirua guardando em tudo a mym meu seruiço e as partes seu dereito de que se fara assento nas costas desta carta que será registada nos liuros da casa da India da feitura della a quatro meses a qual se lhe paçou por duas vias cumprida hũa a outra não auera efeyto. Luis Figueira a fez em Lixboa a xxij de feuereiro anno do nacimento de nosso Senhor Jhesu Christo de mil bj^c e quatro. Janaluez Soarez a fez escreuer» (1).

(Continúa). SOUSA VITERBO.

---

(1) Torre do Tombo, Chancellaria de D. Filippe II, liv. 11, fl. 71.

EINE MUSTERLEKTION

Nach den gesetzlichen Verordnungen war ich gezwungen, Deutschland zu verlassen und mich nach einem anderen Lande, wo die deutsche Sprache als eine fremde unterrichtet wird, zu begeben.

Es fiel mir sofort die französische Schweiz ein, indem ich der richtig ausgedrückten Worte des Herrn Jullien von Paris: «Aux autres nations offrant un grand exemple De l'éducation l'Helvétie est le temple» gedachte.

Das höhere Schweizer — Unterrichtswesen weicht nicht viel von dem in den anderen europäischen Staaten ab; man ist auch dort derselben Meinung dass es vorzuziehen ist, auf das Veranlagen der Schüler Rücksicht zu nehmen, als die Zeit mit leeren Erörterungen über den grösseren oder minderen Wert des sogenannten «Realismus» im Gegensatz zu dem «Humanismus» zu vertreiben. Nach dem Gesetz vom 19ten Februar 1892 werden im Waatland als höhere Schulen die folgenden betrachtet: écoles supérieures des jeunes filles, école cantonale d'agriculture, école industrielle et l'école de commerce, collège cantonal classique, gymnase classique, gymnase scientifique et l'école normale.

Von diesen, die ich zuerst besuchte, war Collège cantonal classique, in welche Knaben von 10 bis 16 Jahren aufgenommen werden und als Vorbereitungsschule für die «Gymnase classique» deren Unterrichtszeit zwei Jahre dauert, dient.

Nach Beendigung der letzteren kann der Schüler in die Fakultäten der Universität eintreten und ebenso wie die Schüler der «Gymnase scientifique» in die technische Hochschule unter der Bedingung dass er anstatt des Griechischen, Zeichnen und Mathematik betreibt.

Die Eindrücke meines ersten Besuches waren sehr günstig und ich finde kaum passende Worte, durch welche ich meine Bewunderung für das Talent des Herrn Dr Schacht, eines durchaus tüchtigen Lehrers der deutschen Sprache in dem Cantonal Gymnasium niederschreiben könnte. Er bedient sich in seinem Unterricht der direkten Methode. Was für eine andere könnte auch der bekannte Philolog befolgen wel-

cher die praktischen und wissenschaftlichen Kenntnisse der neueren Sprachen mit den alten, unter denen Sanskrit hervorzuheben ist, verbindet? In allen Staaten, in denen das Studium der modernen Sprachen als ein pädagogisches, moralisches sozial-ökonomisches Bedürfniss angesehen wird, kann die Richtung keine andere sein. Ich finde es überflüssig in diesem kurzen Artikel in nähere unnütze und unnötige Auseinandersetzungen über die Methode einzutreten, da ich dieselbe in meinem Buch «Die modernen Richtungen im deutschen neusprachlichen Unterricht» geschildert habe. In allen Klassen hat mir besonders der Fleiss und die Begeisterung der Schüler, die vielfachen Uebungen in der Aussprache und die Erklärungen des unbekannten Wortschatzes durch konkrete Beispiele gefallen. Eine nähere Erwähnung verdient die vierte klasse. Das erste Wort, welches in der Klasse erklärt wurde, war «nachgeben». Damit die Schüler einen genauen Begriff von dem Worte haben sollten, hat D^r Schacht die folgenden mit den betreffenden Handlungen begleiteten Beispiele, angeführt: Wenn ich mich setze, gibt der Stuhl nicht nach; wenn ich dich ziehe, musst du nachgeben, weil du schwächer bist. Du bittest mich auszutreten, ich erlaube es dir nicht, du bittest mich noch einmal und noch einmal, endlich gebe ich nach. Es wurde auch das Sprichwort: «Der klügere gibt immer nach» erwähnt. Auf diese Weise haben alle Schüler verstanden, was nachgeben bedeutet. Dieses ist das Unterrichtsverfahren, welches Herr Max Walter in der Musterschule zu Frankfurt a/M anwendet und empfiehlt. D^r Schacht behandelt die Schüler unbezwungen, nicht nur durch Gemütsstimmung, sondern dadurch dass er meint, die Anregung der Klasse und das durch Handbewegungen auf die Schüler erweckte Interesse sei das rechte Mittel der direkten Methode. Der Vorzug eines solchen Unterrichts ist nicht zu verneinen: 1) die Verbindung der Handlung mit dem Worte erleichtert das Behalten des Wortes, 2) belebt die Klasse, was von einer grossen Wichtigkeit für die guten Erfolge der Schularbeiten ist. Vor allem muss man den Schülern immer eine lebhafte Tatsache vor den Augen schildern und nur, wenn diese nicht zusagt, eines Bildes sich bedienen. Ebenso hat Comenius im XVII Iahrhundert die Anschauung und die Uebung als die grösste Notwendigkeit in jeder Wissenschaft und Kunst angesehen. Mit seinen Werken: «Orbis pictus» und «Schola ludus» (1679) fing die Reform im neusprachlichen Unterricht an, welche sich jetzt nach allen Richtungen verbreitet hat. Als Beweis vom oben erwähnten

und zu gleicher Zeit von den im schweizer neusprachlichen Unterricht gemachten Fortschritten, führe ich vom gesamten Bericht über die Schweizer National-Ausstellung in Genf 1896 den folgenden Abschnitt an: Herr Centurier, Lehrer der deutschen Sprache an der Ecole industrielle zu Lausanne hat ein Kästchen mit Aussichten die sich auf die Lesestücke aus Reitzels Lesebuch bezogen und für ein Projektionsapparat bestimmt waren, ausgestellt. Der pädagogische Vorteil dieses Verfahrens liegt darin dass der Schüler, indem er eine auf der Tafel projektierte Abbildung sieht, über welche die Unterhaltung sich handelt, ein regeres Interesse zeigt und folglich sich weniger ermüdet.

In den Schweizer ebenso wie in den deutschen Schulen verwendet man die Hölzeschen Bilder, um die notwendigsten Umgangswörter zu lernen; vom Anfang an bildet das Lesebuch den Mittelpunkt des ganzen Unterrichts. Es fängt deswegen mit den leichtesten Ausdrücken an, die grammatischen Schwierigkeiten steigen sich nach und nach. Dasselbe Buch wird als Lesebuch und Grammatik benutzt. Erwähnenswerte Bücher für diese Methode sind Alges «Deutsche Leitfaden» (1ter Teil und 2ter Teil) und Schachts «Deutsche Stunden».

Auf das Vorhergehende zurückkommend, habe ich bemerkt dass während meiner Anwesenheit viele Konversationsübungen in den Klassen gemacht wurden. Unter anderen habe ich die folgenden notiert: Welcher Schüler arbeitet? Der fleissige Schüler arbeitet, er ist also ein guter Schüler-Was ist das Gegenteil von fleissig? Das Gegenteil ist faul — Hört der faule Schüler auf das, was der Lehrer sagt? Er hört nicht, er ist unaufmerksam —Welcher Schüler ist höflich? Derjenige ist höflich, welcher seinen Lehrer grüsst. Ich sehe die höflichen und aufmerksamen Schüler gern; alle diese sind mir lieb. Der höfliche Schüler ist auch freundlich, gut und brav. Wenn du deine Aufgabe nicht vorbereitet hast, wie bin ich dann? Sie sind unzufrieden und böse mit mir — Darauf fragt der Lehrer auf sich weisend, wie bin ich? Die Schüler antworteten: Sie sind gross, stark und alt. Und wie bist du? fährt Herr Dr Schacht fort, sich zum Schüler wendend — Ich bin klein, schwach und jung. Was tut dein Vater, wenn er mit dir unzufrieden ist? Er schimpft mich und oft schlägt er mich. Schlägt der Lehrer auch? Nein, er schlägt nicht. Was tut er denn? Er tadelt den Schüler, gibt eine schlechte Zensur oder schickt ihn sogar zum Direktor, der ihn mit Arrest bestraft. Was tut der Lehrer, wenn er mit dem Schüler zufrieden ist? Er lobt ihn. Wie sind deine Haare? Sie sind

dunkel. Und die deines Kameraden? Sie sind blond. Sind deine Hände schmutzig? Nein, sie sind rein. Zeige sie mir. Was für Wetter haben wir heute? Wir haben schönes, helles, warmes Wetter. Ist der Ofen heiss? Der Schüler, indem er den Ofen berührt, antwortet: Nein, der Ofen ist nicht heiss, er ist kalt. Wann wird der Ofen geheizt? Man heizt den Ofen im Winter, wenn es friert. Ist dieser Stuhl hart? (Der Lehrer fühlt den gepolsterten Stuhl). Nein, er ist weich, aber meine Bank ist hart. Alle haben gelacht, einschliesslich Herr Dr Schacht, und meine Wenigkeit auch. Wie sind die Wände? Sie sind angestrichen, sie sind nicht tapeziert. Der Lehrer nimmt die Kreide und lässt einen Schüler die Eigenschaften der Kreide beschreiben. Dieser antwortet: sie ist weiss, dünn, kurz und hart. Darauf liess Dr Schacht einen anderen Schüler die Kreide mit einem Federmesser schneiden. Da er sie nicht schneiden konnte, fragte der Lehrer: Ist das Messer nicht scharf? Nein, es ist stumpf. Indem der Schüler die Kreide mit den Zähnen abbrach, stellte Dr Schacht die Frage: Was hast du getan? Ich habe sie mit den Zähnen zerbrochen, antwortete der lebhafte Knabe.

Die Uebersetzung in den obersten Klassen war nicht ganz vollständig ausgeschlossen, es wurde aber frei übersetzt und nicht wörtlich. Der Wortschatz, den die Schüler besassen, wurde aus den zusammenhängenden Sätzen gesammelt. Wer könnte den Vorteil eines solchen Unterrichts läugnen, der die Sprach-und Gehörorgane entwickelt und vervollkommnet und die Schüchternheit überwindet? Ich denke, Man betrachtet nur in Deutschland das Hospietieren, d. h. das Besuchen der Schulen und des Schulunterrichts, während erfahrene und zuverlässige Lehrer unterrichten, durch die Kandidaten des höheren Lehramtes als eine von den wichtigsten Begebenheiten ihres Studiums. Demselben Prinzip gehorchend, glaube ich dass es noch viel besser ist, sich eine Idee vom Unterricht durch die direkte Anschauung zu machen, als durch das Lesen pädagogischer Schriften und Programme die oft nur auf dem Papier gut sind. Wie ich persönlich die guten Erfolge der direkten Methode beobachtet habe, halte ich sie für die einzig praktische und erfolgreiche. Indem ich Herrn Dr Schacht meinen aufrichtigsten Dank für seine freundliche Zuvorkommenheit ausspreche, bitte ich ihn, auf diesem Wege meine Huldigung anzunehmen.

GUSTAVO CORDEIRO RAMOS,

Kandidat des portugiesischen höheren Lehramts.

CAMÕES E A INFANTA D. MARIA

(Cont. do n.º 8, pag. 402)

II

No Ribatejo

Ao ver-se obrigado a saír de Lisboa, Camões nota, não sem estranheza, que o *duro desfavor, que o condena* a apartar-se da sua tão querida, lhe tem os sentidos por tal forma embotados, que a *dor da ausencia* é mais pequena do que devia ser. Vai, porém, reagir: essa dor ha de soffrê-la bem intensamente. Como é possivel, com effeito, que o não faça morrer o ter de afastar-se *d'aquillo que mais quer?* Mas ainda mais do que a morte lhe custaria não lhe ser bem doloroso o inevitavel apartamento.

Quando vejo que meu destino ordena
Que, por me exprimentar, de vós me aparte,
Deixando de meu bem tão grande parte,
Que a mesma culpa fica grave pena (1),
O duro desfavor que me condena,
Quando por a memoria se reparte (2),
Endurece os sentidos de tal arte,
Que a dor da ausencia fica mais pequena.

---

(1) Presumo que o poeta escreveu:

Deixando de meu *ser* tão grande parte,
Que *á* culpa não fica grave pena.

Emquanto ao sentido do primeiro verso, veja-se, por exemplo, a canção II, v. 101-103, e a 2.ª glosa ao mote *Sem vós e com meu cuidado*. E se o poeta leva comsigo apenas uma pequena parte do seu ser, a pena do desterro, imposta á sua culpa, *não fica* sendo *grave pena*, pois a ella escapa a *grande parte* que fica. Não quer, porém, isto dizer que não seja bem grande a dor da *parte* que se ausenta.

(2) Quando se me apodera de todas as potencias da alma. Está a parte pelo todo.

Mas como póde ser que na mudança
Daquillo que mais quero, estê tão fóra
De me não apartar tambem da vida?
Eu refrearei tão aspera esquivança,
Porque mais sentirei partir, senhora,
Sem sentir muito a pena da partida.
(Soneto 55).

Ainda outro soneto, escripto tambem pelo apaixonado poeta na occasião da ida para o exilio (1):

Se alguma hora em vós a piedade
De tão longo tormento se sentira,
Não consentira Amor que me partira
De vossos olhos, minha Saudade!
Aparto-me de vós, mas a vontade,
Que na alma pelo natural vos tira,
Me faz crer que esta ausencia que é mentira;
Mas inda mal, porém, porque é verdade.
Ir-me-ei, senhora, e neste apartamento
Tomarão tristes lagrimas vingança
Nos olhos de quem fostes mantimento.
Assim darei a vida (2) a meu tormento,
Que emfim cá me achará minha lembrança
Já sepultado em vosso esquecimento.

O estado d'alma do poeta, durante os primeiros tempos do exilio, acha-se reproduzido na egloga 2.ª.

Saudades da infanta, queixumes contra a crueza que ella havia mostrado, desesperança, tristeza, profundo abatimento, mas, ao mesmo tempo, o proposito de não deixar,

---

(1) Reproduzo este soneto tal como se encontra no *Cancioneiro* de Luis Franco Corrêa, fl. 129, *v*., mudando apenas, no penultimo verso, *achara* em *achará*, e modificando, em parte, a orthographia. Na 1.ª edição das *Rythmas* (1595) encontram-se algumas variantes dignas de nota: verso 5.º, *Apartei-me;* v. 7, *esta ausencia é de mentira;* v. 12, *E assi darei vida;* v. 14, *sepultado no*. Em Faria e Sousa as variantes são ainda mais numerosas. Verso 1.º: *Se sómente hora alguma em vós piedade*. V. 3: *Amor soffrera mal que eu*... V. 5: *Apartei-me*. V. 6: *Que por o natural na alma*... V. 7: *esta ausencia é de mentira*. V. 8: *Porém venho a provar que é de verdade*. V. 12: *Desta arte darei vida*. V. 14: *Sepultado no*. Faria e Sousa remodelou o soneto ou reproduziu variantes que já encontrou?

(2) *Darei a vida*, isto é, entregarei, sacrificarei a vida, ou *darei vida* farei viver? No primeiro caso occorre lêr *acharão* (v. 13) e *Sepultada no* (v. 14).

por cousa nenhuma, o seu *cuidado tão ditoso* — eis os topicos do bello poemeto (1).

Figurando-se á beira do Tejo, num valle triste, em noite escura, Camões (Almeno) lastima assim a sua sorte:

> Corre, suave e brando,
> Com tuas claras aguas,
> Saídas de meus olhos, doce Tejo,
> Fé de meus males dando,
> Para que minhas maguas
> Sejam castigo igual de meu desejo,
> Que pois em mim não vejo
> Remedio nem o espero,
> E a morte se despreza
> De me matar, deixando-me á crueza
> Daquella por quem meu tormento quero.

E insistindo na idéa expressa nestas ultimas palavras, diz pouco depois:

> Não cesse meu tormento
> De fazer seu officio,
> Pois aqui tem uma alma ao jugo atada;
> Nem falte o soffrimento,
> Porque parece vicio
> Para tão doce mal faltar-me nada.

Não póde, porém, deixar de extranhar que a sua bem-amada procedesse com tanta crueza:

> Oh nympha delicada,
> Honra da natureza!
> Como póde isto ser,
> Que de tão peregrino parecer
> Pudesse proceder tanta crueza?

---

(1) Baseado nos versos 7-10:

> No derradeiro fio
> O tinha a esperança,
> Que com doces enganos
> Lhe sustentára a vida tantos annos,

observa Faria e Sousa: «Escribió el Poeta esta Egloga en mayor edad; ni pudo ser menos, porque ella no es de quilates hallados en verdores». (*Rimas varias de Luiz de Camões*, IV, 2.ª parte, 202). Qualquer, porém, que seja a explicação que deva dar-se ao *tantos annos*, não póde haver duvida que a egloga foi escripta no Ribatejo, quando o poeta foi obrigado a saír de Lisboa para alli, por causa da infanta.

Como é que de uma *causa divinal* póde provir um *effeito contrario?* Como se explica *tanta pena,* motivada por tal causa?

Não vem de nenhum geito
De causa divinal contrario effeito.
Pois como pena tanta
É contra a causa della?

Ha aqui alguma cousa que se não póde explicar pelas leis da natureza:

Fóra do natural é minha tristeza.

Não é, porém, só nisto que com a infanta são contrariadas essas leis:

Mas a mi que me espanta?
Não basta, ó nympha bella,
Que pódes perverter a natureza (1)?
Não é a gentileza
De teu gesto celeste
Fóra do natural?
Não póde a natureza fazer tal.
Tu mesma, ó bella nympha, te fizeste.

Mas, por mais que o poeta *busque desculpas,* pois que o *suave Amor* lhe não soffre

Culpa na cousa amada e tão amada,
(Canção 11).

---

(1) Vid., por exemplo, as tres canções *Manda-me Amor que cante.* Referindo-se ao deslumbramento que lhe causou a apparição da infanta, quando lhe foi apresentado, diz o poeta na terceira das referidas canções:

Os passarinhos com a luz presente
Pasmados, uns aos outros se diziam:
— Que luz é esta? que nova claridade?
As fontes, inflammadas de beldade,
Detinham a sua agua, doce e pura.
Florecia a verdura
Que, andando, cos divinos pés pisava.
Todo o ramo abaixar-se
Senti no bosque, e mais verde tornar-se.
....
Amansavam-se os ventos
Ao som dos suaves seus accentos.

surge no seu espirito a inevitavel pergunta:

Porém, porque tomaste
Tão dura condição, se te fizeste?

E o magoado poeta prosegue:

Por ti o alegre prado
Me é penoso e duro;
Abrolhos me parecem suas flores.
Por ti do manso gado,
Como de mi, não curo,
Por não fazer offensa a teus amores.
Os jogos dos pastores,
As lutas entre a rama,
Nada me faz contente;
E sou já do que fui tão differente,
Que, quando por meu nome alguem me chama,
Pasmo, porque conheço
Que inda comigo proprio me pareço.

Ainda se ao menos a sua tão querida lhe ouvisse os queixumes!

Se aí no mundo houvesse
Ouvires-me algum'hora,
Assentados na praia deste rio,
E d'arte te dissesse
O mal que passo agora,
Que pudesse mover-te o peito frio...

Porém o pobre poeta reconhece logo que é impossivel a realização deste desejo, que não passa d'um desvario:

Oh quanto desvario,
Que estou imaginando!

Mas se não ha outro remedio para o seu tormento, senão entreter assim a phantasia...

Já agora meu tormento
Não póde pedir mais ao pensamento
Que este phantaziar, donde, penando,
A vida me reserva.
Querer mais de meu mal será soberba.

Entretanto vinha rompendo o dia e o triste Almeno, vendo

apparecer Agrario, outro pastor, resolve pôr termos aos seus queixumes:

Calar-me-ei sómente,
Que o meu mal nem ouvir se me consente!

Como o monologo em que Agrario vinha entretido se foi prolongando, o enamorado Almeno voltou ao seu devaneio, que agora reveste a fórma d'uma hallucinação:

Oh doce pensamento! oh doce gloria!
São estes por ventura os olhos bellos,
Que têm de meus sentidos a victoria?
São estas, nympha, as tranças dos cabellos,
Que fazem de seu preço o ouro alheio,
Como a mi de mi mesmo, só com vê-los?
É esta a alva coluna, o lindo esteio,
Sustentador das obras mais que humanas,
Que eu nestes braços tenho e não o creio?

Mas a visão da bem-amada desappareceu num momento:

Ah falso pensamento, que me enganas!
Fazes-me pôr a boca onde não devo,
Com palavras de doudo, ou quasi insanas!
Como a alçar-te tão alto assi me atrevo?
Tais asas dou-t'as eu, ou tu mas dás?
Levas-me tu a mi, ou eu te levo?
Não poderei eu ir onde tu vás?
Porém, pois ir não posso onde tu fores,
Quando fores, não tornes onde estás.

Entretanto Agrario, que tem ouvido os desatinos do pobre Almeno, vai-se approximando e fazendo, ao mesmo tempo, varias considerações a proposito do *triste successo de amores* que a este aconteceu. Trava-se por fim o dialogo.

Agrario

Quero fallar com este, que enredado
Nesta cegueira está, sem nenhum tento.
Acorda já, pastor desacordado.

Almeno

Oh! porque me tiraste um pensamento,
Que agora estava aos olhos debuxando,
De quem aos meus foi doce mantimento?

Agrario

Nesta imaginação estás gastando
O tempo e a vida, Almeno? Perda grande!
Não vês quão mal os dias vás passando?

Almeno

Formosos olhos, ande a gente e ande,
Que nunca vos ireis desta alma minha,
Por mais que o tempo corra, a morte o mande.

Agrario

Quem poderá cuidar que tão asinha
Se perca o curso assi do siso humano,
Que corre por direita e justa linha?
Que sejas tão perdido por teu dano,
Almeno meu, não é por certo aviso;
É só doudice grande, grande engano.

Almeno

O Agrario meu, que, vendo o doce riso
E o rosto tão formoso, como esquivo,
O menos que perdi foi todo o siso!
....
Á sombra deste umbroso e verde louro
Passo a vida, ora em lagrimas cansadas,
Ora em louvores dos cabellos d'ouro.
Se perguntares porque são choradas,
Ou porque tanta pena me consume,
Revolvendo memorias magoadas:
Desque perdi da vida o claro lume,
E perdi a esperança e causa della,
Não choro por razão, mas por costume.

E Almeno conta como *vivia livre e bem isento,* rindo-se das paixões que inspirava, até que por fim o Amor o castigou:

Pouco a pouco me foi de mi levando,
Dissimuladamente, ás mãos de quem
Toda esta injuria agora está vingando.

Agrario, considerando o lastimoso estado em que se en-

contra Almeno, procura induzi-lo a que ponha *um freio a mal tão forte:*

Vejo-te estar gastando em viva fragoa
E juntamente em lagrimas, vencendo
A grã Sicilia em fogo, o Nilo em agua.
Vejo que as tuas cabras, não querendo
Gostar as verdes hervas, se emagrecem,
As tetas aos cabritos encolhendo.
Os campos, que co tempo reverdecem,
Os olhos alegrando descontentes,
Em te vendo, parece se entristecem.
De todos teus amigos e parentes,
Que lá da serra vêm por consolar-te,
Sentindo na alma a pena que tu sentes,
Se querem de teus males apartar-te,
Deixando a choça e gado, vás fugindo,
Como cervo ferido, a outra parte.
Não vês que Amor, as vidas consumindo,
Vive só de vontades enlevadas
No falso parecer d'um gesto lindo?
Nem as hervas das aguas desejadas
Se fartam, nem de flores as abelhas,
Nem este Amor de lagrimas cansadas.
Quantas vezes, perdido entre as ovelhas,
Chorou Phebo de Daphne as esquivanças,
Regando as flores brancas e vermelhas?
Quantas vezes as asperas mudanças
O namorado Gallo (1) tem chorado,
De quem o tinha envolto em esperanças?
....
Ora se tu vês claro, amigo Almeno,
Que de Amor os desastres são de sorte,
Que, para matar, basta o mais pequeno,
Porque não pões um freio a mal tão forte,
Que em estado te põe que, sendo vivo,
Já não se intende em ti vida nem morte?

A tudo isto, porém, responde

Almeno:

Agrario, se do gesto fugitivo,
Por caso de fortuna desastrado,
Algum'hora deixar de ser captivo,

---

(1) Francisco de Moraes, o auctor do notavel romance de cavallaria, *Palmeirim de Inglaterra*, que o immortal Cervantes tanto apreciava. Veja-se no fim do tom. 3.º das *Obras de Francisco de Moraes* (Lisboa, 1852) a *Desculpa de uns amores que tinha em Paris com uma dama franceza da rainha dona Leonor, por nome Torsi, sendo portuguez, pela qual fez a historia das damas francezas no seu Palmeirim.*

Ou sendo para as Ursas degradado,
Adonde Boreas tem o oceano
Cos frios hyperboreos congelado;
Ou donde o filho de Climene insano,
Mudando a côr das gentes totalmente,
As terras apartou do trato humano;
Ou se já, por qualquer outro accidente,
Deixar este cuidado tão ditoso,
Por quem sou de ser triste tão contente:
Este rio, que passa deleitoso,
Tornando para trás, irá negando
A natureza o curso pressuroso;
As cabras por o mar irão buscando
Seu pasto, e andar-se-ão por a espessura
Das hervas os delphins apascentando.
Ora se tu vês na alma quão segura
Deste amor tenho a fé, para que insistes
Nesse conselho e pratica tão dura?
Se de tua porfia não desistes,
Vai repastar teu gado a outra parte,
Que é dura a companhia para os tristes.
Uma só cousa quero encomendar-te,
Para repouso algum de meu engano,
Antes que o tempo emfim de mi te aparte:
Que se esta fera, que anda em traje humano,
Por a montanha vires ir vagando,
De meu despojo rica e de meu dano,
Com os vivos espritos inflammando
O ar, o monte e a serra, que comsigo
Continuamente leva namorando,
Se queres contentar-me como amigo,
Passando lhe dirás: Gentil pastora,
Não ha no mundo vicio sem castigo.
Tornada em puro marmore não fôra
A fera Anaxarete, se amoroso
Mostrára o rosto angelico algum'hora (1).
Foi bem justo o castigo rigoroso,
Porém quem te ama, nympha, não queria
Nodoa tão feia em gesto tão formoso.

E Agrario, despedindo-se, promette cumprir os desejos do seu apaixonado amigo:

Tudo farei, Almeno, e mais faria,
Por algum dia ver-te descansado,
Se se acabam trabalhos algum dia.

---

(1) Anaxárete (no texto de Camões, Anaxaréte), de ascendencia real, desprezou o amor do modesto Iphis. Este suicidou-se por tal motivo, mas ella foi transformada em estatua de pedra. Ovidio, *Metamorphoses*, liv. 14, versos 698–760.

Como se vê, se o poeta, por um lado, manifesta bem claramente o firme proposito de nunca esquecer a infanta, por outro lado revela tambem um profundo desanimo. Nas horas de reflexão surgiam as desoladoras perguntas: Porque *ponho a boca onde não devo?* Como me *atrevo a alçar tão alto o pensamento?* E a par destas interrogações, vinha tambem a lembrança de que estava desperdiçando inutilmente o *tempo e a vida:*

Nesta imaginação estás gastando
O tempo e vida, Almeno? Perda grande!
Não vês quão mal os dias vás passando (1)?

Neste estado de espirito escreveu tambem o poeta o seguinte soneto, extraído por Juromenha do Cancioneiro de Franco Correa (fl. 139):

Quando descansareis, olhos cansados,
Pois já não vedes quem vos dava vida,
Ou quando vereis fim e despedida
A tantas desventuras e cuidados?

Ou quando quererão meus duros fados
Erguer minha esperança tão caída,
Ou quando, se de todo é já perdida,
Alcançar poderei meus bens passados?

Bem sei que hei de morrer nesta saudade,
Em que meu esperar é todo vento,
Pois nada espero ao que desejo.

E, pois tão clara vejo esta verdade,
Bem póde vir a mim todo o tormento,
Que não me ha de espantar, pois sempre o vejo.

E cada vez mais desanimado, cada vez mais ancioso por ver terminar o seu exilio, escreveu Camões a bella *Elegia do desterro,* que, segundo W. Storck, «excede tudo quanto até então poetára, tanto pela pureza de suas linhas constru-

---

(1) Escreve W. Storck (*Vida de Camões,* p. 397): Podemos presumir que agora o Camões veio a conhecer

come sa di sale
lo pane altrui, e com'è duro calle
lo scendere e il salir per l'altrui scale!

(Dante, *Paradiso,* XVII, 58-60).

ctivas e unidade de concepção, como pelo vigor das ideas e formosura da expressão pathetica»:

O sulmonense Ovidio, desterrado
Na aspereza do Ponto, imaginando
Ver-se de seus penates apartado,
Sua cara mulher desamparando,
Seus doces filhos, seu contentamento,
De sua patria os olhos apartando,
Não podendo encobrir o sentimento,
Aos montes já, já aos rios se queixava
De seu escuro e triste nascimento.
O curso das estrellas contemplava
E aquella ordem com que discorria
O ceo, e o ar, e a terra adonde estava.
Os peixes por o mar nadando via,
As feras por o monte procedendo,
Como o seu natural lhes permittia.
De suas fontes via estar nascendo
Os saudosos rios de crystal,
A sua natureza obedecendo.
Assi só, de seu proprio natural
Apartado, se via em terra estranha,
A cuja triste dor não acha igual.
Só sua doce musa o acompanha
Nos soidosos versos que escrevia
E nos lamentos com que o campo banha.
Dest'arte me figura a phantasia
A vida com que morro, desterrado
Do bem que em outro tempo possuia.
Aqui contemplo o gosto já passado,
Que nunca passará por a memoria
De quem o tras na mente debuxado.
Aqui vejo caduca e debil gloria
Desenganar meu erro co a mudança
Que faz a fragil vida transitoria.
Aqui me representa esta lembrança
Quão pouca culpa tenho e me entristece
Ver sem razão a pena que me alcança.
Que a pena que com causa se padece
A causa tira o sentimento della;
Mas muito doe a que se não merece.
Quando a roxa manhã, dourada e bella,
Abre as portas ao sol e cái o orvalho,
E torna a seus queixumes Philomela,
Este cuidado, que co sono atalho,
Em sonhos me parece, que o que a gente
Por seu descanso tem, me dá trabalho.
E despois de acordado cegamente
(Ou, por melhor dizer, desacordado,
Que pouco acôrdo logra um descontente),
D'aqui me vou com passo carregado
A um outeiro erguido, e ali me assento,
Soltando toda a redea a meu cuidado.

Despois de farto já de meu tormento,
Estendo estes meus olhos saudosos
Á parte donde tinha o pensamento.
Não vejo senão montes pedregosos
E sem graça e sem flor os campos vejo,
Que já floridos vira e graciosos.
Vejo o puro, suave e rico Tejo
Com as concavas barcas, que nadando
Vão pondo em doce effeito o seu desejo.
Umas com brando vento navegando,
Outras com leves remos brandamente
As crystallinas aguas apartando.
D'ali falo com a agua que não sente,
Com cujo sentimento esta alma sái
Em lagrimas desfeita claramente.
Ó fugitivas ondas, esperai,
Que pois me não levais em companhia,
Ao menos estas lagrimas levai.
Até que venha aquelle alegre dia,
Que eu vá onde vós ides, livre e ledo.
Mas tanto tempo quem o passaria?
Não póde tanto bem chegar tão cedo,
Porque primeiro a vida acabará,
Que se acabe tão aspero degredo.
Mas esta triste morte que virá,
Se em tão contrario estado me acabasse,
Esta alma assi impaciente adonde irá?
Que, se ás portas tartaricas chegasse,
Temo que tanto mal por a memoria
Nem ao passar do Lethe lhe passasse.
Que se a Tantalo e Ticio for notoria
A pena com que vai e que a atormenta,
A pena que lá têm, terão por gloria.
Essa imaginação, emfim, me aumenta
Mil maguas no sentido, porque a vida
De imaginações tristes se contenta.
Que pois de todo vive consumida,
Porque o mal que possue se resuma,
Imagina na gloria possuida.
Até que a noite eterna me consuma,
Ou veja aquelle dia desejado,
Em que a fortuna faça o que costuma,
Se nella ha hi mudar-se um triste estado.

Vê-se que o poeta, nesta elegia, só muito vagamente se refere aos seus amores, que, além disso, considera ou quer que sejam considerados como cousa já passada (1). O que

(1) É o *gosto*, que, embora nunca haja de lhe saír da memoria, o poeta considera como *já passado*. É o *erro*, de que está *desenganado*. É a *gloria, possuida*, isto é, que já possuiu. É a parte onde *tinha* o pen-

elle procura tornar bem patente é a desproporção entre a sua culpa — pequena ou nenhuma — e a dura pena que está soffrendo. O que o preoccupa é o ardente desejo de voltar para Lisboa, é o receio de que venha a morte antes de chegar esse alegre dia.

Documentando o seu pedido com esta elegia, é natural que pessoas amigas do desolado poeta intercedessem por elle e lhe obtivessem a necessaria auctorização para poder voltar para a capital.

Pelo seu caracter, e ainda por circumstancias especiaes a que em breve me hei de referir, a grave, intelligente e bondosa infanta seria a primeira a desejar que terminasse quanto antes, e sem deixar vestigios, um incidente em que ella, embora involuntariamente, se achava envolvida.

Quanto tempo se demorou o poeta no Ribatejo?

Vimos que o exilio começou na primavera. Ora a egloga 2.ª reporta-nos ao fim desta estação ou ao começo do estio. Repare-se, com effeito, nestas passagens:

A noite escura dava
Repouso aos cansados
Animais, esquecidos da verdura;
O valle triste estava
C'uns ramos carregados,
Qu'inda a noite faziam mais escura;
Offrecia a espessura
Um temeroso espanto.
As roucas rãs soavam
Num charco d'agua negra, e ajudavam
Do passaro nocturno o triste canto.
....
Ao sonoroso pranto,
Que as aguas enfreava,
Responde o valle umbroso.

Lêa-se tambem esta deliciosa descripção da madrugada:

Formosa manhã, clara e deleitosa,
Que, como fresca rosa na verdura,
Te mostras bella e pura, marchetando
As nymphas (1), espalhando teus cabellos

---

samento. É talvez o *bem que em outro tempo possuia,* se com isto não quer alludir, por exemplo, á perda do logar que desempenhava em casa de D. Francisco de Noronha.

(1) Não teria o poeta escripto: *ceu e terra?*

Nos verdes montes bellos: tu só fazes,
Quando a sombra desfazes, triste e escura,
Formosa a espessura e a clara fonte,
Formoso o alto monte e o rochedo,
Formoso o arvoredo e deleitoso,
E emfim tudo formoso co teu rosto,
D'ouro e rosas composto e claridade.
Trazes a saudade ao pensamento,
Mostrando, em um momento, o roxo dia,
Com a doce harmonia nos cantares
Dos passaros a pares, que, voando,
Seu pasto andam buscando, nos raminhos,
Para os amados ninhos, que manteem.
Oh grande e summo bem da natureza!
Estranha subtileza de pintora,
Que matiza em uma hora de mil côres
O ceu, a terra, as flores, monte e prado!

E a *elegia do desterro* deve ter sido escripta no fim do verão ou no outomno (1):

Daqui me vou, com passo carregado,
A um outeiro erguido e alli me assento,
Soltando toda a redea a meu cuidado.

Despois de farto já de meu tormento,
Estendo estes meus olhos saudosos
Á parte donde tinha o pensamento.

Não vejo senão montes pedregosos,
E sem graça e sem flor os campos vejo,
Que já floridos vira e graciosos.

Finalmente, se é de Camões o soneto publicado por Juromenha, sob o numero 333 (2), o exilio ainda durava nos fins

(1) Segundo W. Storck, o poeta mandou esta elegia para Lisboa apenas chegou ao desterro (*Vida de Camões*, p. 396).

(2) «Este soneto vem em um manuscripto com este titulo: *Soneto de Luiz de Camões a hum velho fallando com o Tejo.* Noutro manuscripto mais moderno em nome de Francisco Rodrigues Lobo, em outro em nome de um Henrique Nunes, de Santarem, e no ultimo, em nome de Estevão Rodrigues, porém não vem nas poesias deste auctor, que imprimiu... Lourenço Caminha» Juromenha, *Obras de Luiz de Camões*, II, 496. Na hypothese de ser de Camões este soneto, Juromenha relaciona-o com o 195, e diz que provavelmente foram ambos escriptos na mesma occasião. Estou, porém, convencido de que o segundo soneto é

do outomno ou principios do inverno:

> Fermoso Tejo meu, quam differente
> Te vejo e vi, me vês agora e viste!
> Turvo te vejo a ti, tu a mim triste;
> Claro te vi eu já, tu a mim contente.
> A ti foi-te trocando a grossa enchente,
> A quem teu largo campo não resiste;
> A mim trocou-me a vista, em que consiste
> Meu (1) viver contente ou descontente.
> Já que somos no mal participantes,
> Sejamo-lo no bem. Ah quem me dera
> Que fossemos em tudo semelhantes!
> Lá virá então a fresca primavera;
> Tu tornarás a ser quem eras d'antes,
> Eu não sei se serei quem d'antes era!

(Continúa). DR. JOSÉ MARIA RODRIGUES.

---

de data muito posterior. A meu ver, foi motivado pelas intemperies do estio de 1570. (O poeta, como Gil Vicente, chama verão á primavera, no v. 5.º, se é que não escreveu *inverno*).

> Correm turbas as aguas deste rio,
> Que as rapidas enchentes enturbaram;
> Os florecidos campos se secaram;
> Intratavel se fez o valle e frio.
> Passou, como o verão, o ardente estio;
> Umas cousas por outras se trocaram...

(1) Decerto *O meu viver,* etc.

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

O INSTITUTO

REVISTA SCIENTIFICA E LITTERARIA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — Rua do Infante D. Augusto, 44 — COIMBRA.

Propriedade e edição da Sociedade scientifica — O INSTITUTO de Coimbra

DIRECTOR
DR. BERNARDINO MACHADO
Presidente do INSTITUTO

Composto e impresso na IMPRENSA DA UNIVERSIDADE.

SCIENCIAS PHYSICO-MATHEMATICAS

LES MATHÉMATIQUES EN PORTUGAL

(Cont. do n.º 9, pag. 431)

[V 6] — RODOLPHO GUIMARÃES — *Investigações historicas sobre as obras de* PEDRO NUNES (I. C., 2e série, XLVIII, 1901, 396–401, 700–705, 776–781, 903–910; XLIX, 1902, 31–36, 97–100, 732–740; 3e série, L, 1903, 483–486, 541–554, 613–621, 681–687, 739–741).

L'auteur dans ces recherches met en relief les passages les plus remarquables des ouvrages de PEDRO NUNES, en se basant sur les critiques de mathématiciens les plus auctorisés.

[V 6] — RODOLPHO GUIMARÃES — *Un manuscrit intéressant* (M. A. L., nouvelle série, classe de sc. math., VII, 2e partie, 1905, 1–10).

Transcription d'un manuscrit existant à la Bibliothèque de Soissons ayant le nº 183 (ancien nº 176), dont l'auteur est inconnu et le titre: «Briefue compoñ et fabri || que dun aneau astronomic et || general, aultre que ceulx qui eut || este parcy deuant junoutes (1)».

(1) Quelque soit l'auteur qui ait rédigé ce projet d'appareil, il a bien

Le manuscrit de Soissons renferme aussi la traduction de deux ouvrages de Pedro Nunes, et il est la copie d'un autre manuscrit existant à la Bibliothèque nationale de Paris (ancien fonds nº 1338) (I. M., ix, 1902, p. 41 et 210; xi, 1904, 75-76).

M. Brocard qui nous avait communique ce texte de l'*Anneau astronomique* a tenu à profiter de sa récente publication au recueil des mémoires de l'Académie des sciences de Lisbonne pour publier, à son tour, un article bibliographique où il fait plus complètement la comparaison des deux manuscrits (1).

[V 8] — * — *Conclusões mathematicas em que se propõe hum universal extracto de todas, ou quasi todas as materias, que commumente tratarão e ensinarão os authores, mestres e professores d'estas sciencias mathematicas,* Lisboa, M. Manescal da Costa, 1757.

[V 8] — Theodoro D. d'Almeida — *Cartas fisico-mathematicas de* Theodosio *a* Eugenio. *Para servir de complemento á Recreação philosophica,* Lisboa, S. Roiz Galhardo, 1784.

[V 8] — F. B. Garção Stockler — *Elogio de* José Joaquim Soares de Barros e Vasconcellos (2). (*Obras de* Francisco de Borja Garção Stockler, Lisboa, Typographia da Academia real das sciencias, i, 1805, 189-224).

[V 8] — F. B. Garção Stockler — *Elogio historico de* João Le Rond d'Alembert. (*Obras de* Francisco de Borja Garção Stockler, Lisboa, Typographia da Acade-

étudié la question, et est arrivé à décrire un système géométrique qu'on peut regarder comme une réduction proportionelle du système solaire, limité à la Terre et au Soleil. L'appareil est malheureusement un peu encombrant.

(1) M. Bosmans, ajoute, à sou tour, (R. Q. S., 3e série, xi, 31e année, 1907, 644-646), quelques remarques très intéressantes.

(2) Cet éloge a été réimprimé en 1897, à Livourne, avec des *notes* de M. A. de Portugal de Faria.

mia real das sciencias, I, 1805, 3-188, et M. A. L., 1re série, I, 1797, 531-577.

L'auteur, qui avait vive sympathie pour les savants français, en le manifestant publiquement, a écrit l'éloge de D'ALEMBERT, et d'une telle façon, que LINK le jugeait «trop bien écrit et trop libre pour le Portugal».

[V 8] — F. B. GARÇÃO STOCKLER — *Elogio de* GUILHERME LUIZ ANTONIO DE VALLERÉ. (*Obras de* FRANCISCO DE BORJA GARÇÃO STOCKLER, Lisboa, Typographia da Academia real das sciencias, I, 1805, 297-337).

[V 8] — F. B. GARÇÃO STOCKLER — *Elogio de* BENTO SANCHES D'ORTA. (*Obras de* FRANCISCO DE BORJA GARÇÃO STOCKLER, Lisboa, Typographia da Academia real das sciencias, I, 1805, 283-296).

[V 8] — A. DE PORTUGAL DE FARIA — *Ouvrages de* JOSÉ JOAQUIM SOARES DE BARROS E VASCONCELLOS, Livourne, Imprimerie de Raphael Giusti, 1899.

[V 8] — THEOPHILO BRAGA — *Biographia de* JOSÉ ANASTASIO DA CUNHA (FILINTO ELYSIO *e os dissidentes da Arcadia,* Porto, Chardron, 1901, 402-447).

[V 8] — F. A. MARTINS BASTOP — JOSÉ MONTEIRO DA ROCHA (I. C., 1re série, VI, 1858, 261-262).

[V 8, 9] — F. GOMES TEIXEIRA — *Sur les écrits d'histoire des mathématiques publiés en Portugal* (B. M., 1890, 91-92).

[V 9] — J. M. DANTAS PEREIRA — *Observações ácerca de um escripto do* SR. FRANCISCO DE PAULA TRAVASSOS *que intitulou:* «Analyse e reflexões sobre um methodo de reducção das distancias lunares, para a determinação da longitude». (Manuscrit G 3° E, 5-4 de la Bibliothèque de l'Académie des sciences de Lisbonne).

[V 9] — J. M. DANTAS PEREIRA — *Notice sur la vie et les œuvres de* JOSEPH-MARIE-DANTAS PEREIRA, Paris, Imprimerie de Casimir (*sans date*).

*

[V 9] — * — *Carta de hum astronomo a hum seu amigo geometra sobre o cometa de 1811,* Lisboa, Impressão regia, 1811.

[V 9] — * — *Litteratura portugueza* («Investigador portuguez em Inglaterra», IV, 1812, 30-43):

L'auteur anonyme y transcrit un passage très intéressant, concernant le malheureux mathématicien J. ANASTASIO DA CUNHA (1).

---

(1) Ce passage étant très intéressant, à plusieurs titres, nous ne pouvons mieux faire que de le transcrire textuellement: «Não deixaremos de transcrever o que se lê num Jornal inglez do tempo em que elle (J. ANASTASIO DA CUNHA) era official de artilharia em Valença. O seguinte é cópia de huma carta de hum cavalheiro inglez, que viajava por aquelle tempo em Portugal. Não posso deixar Valença sem fallar de um dos genios mais extraordinarios, que jamais se ouvio. He hum moço de quasi 24 annos portuguez e tenente de artilharia naquella Praça. He de familia pobre e sem alguma educação, veio a ser por força de seu engenho e grande applicação hum prodigio d'este seculo; he tão grande mathematico que o coronel FERRIER profundo nesta sciencia me diz que este moço o excede em muito. Elle he senhor de todas as obras de Sir ISAAC NEWTON, ainda d'aquellas partes mais escuras, que os mesmos mathematicos julgão difficultosas; conseguintemente he um algebrista completo e hum bom astronomo; tem-se applicado nas mathematicas a sciencia particular, que se requer na sua profissão, que inclue engenharia, artilharia, e outras muitas cousas pouco necessarias em mathematicas puras; mas o que é ainda mais extraordinario, elle accrescentou a esta applicação (que absorve a attenção de todos os que as estudão) um perfeito conhecimento da historia, das lingoas e bellas lettras. He excellente poeta, he bom critico nas lingoas mortas, e sabe muito bem a italiana, franceza, espanhola e ingleza; e o coronel FERRIER que possue perfeitamente estas lingoas e pode ser juiz competente, me diz que este moço escreve a sua propria lingoa com mais pureza que muitos, e talvez que qualquer dos mais celebres autores d'este paiz. Tem traduzido em elegante portuguez, não só algumas das melhores obras de POPE, mas tambem algumas das nossas mais formosas comedias, sendo preciso um perfeito conhecimento de ambas as lingoas, para conservar o espirito e fineza das expressões, porque não percão a sua força e belleza. Elle traduziu no mesmo edioma algumas peças do celebre poeta grego ANACREONTE, por onde diz o coronel FERRIER, bom conhecedor do grego, que lhe parece que a graça d'estas peças não só se conservou, mas se aperfeiçoou com a sua traducção. Parece que não emprega o seu tempo em estudar, e pela sua grande cobardia (*sic*) não conversa ainda nas materias mais indifferentes se não com os seus intimos amigos. Elle é tosco na sua pessoa e familiaridade; e parece que tam pouco conhece os termos da civilidade, quanto elle é intimo com a sciencia e litteratura. Com seus amigos algumas vezes repete algumas das melhores obras de nossos poetas inglezes, particularmente SCHAKESPEARE; e faz nelle tal effeito a sua repetição, que parece arrebatar-se, e nestas

[V 9] — * — *Escriptos de* José Maria Dantas Pereira. *Parte I — Escritos maritimos.* Volume que contém a secção I da parte I da Memoria sobre tatica e um systema de signaes, Rio de Janeiro, Imprensa regia, 1816.

[V 9] — M. Pedro de Mello — *Memorias sobre os padrões de pesos e medidas, fabricados nos reinados dos srs. reis* D. Manoel *e* D. Sebastião, *depositados na camara de Coimbra, comparados com os padrões correspondentes das noveis medidas francezas* (Jornal de Coimbra, ix, 1817, parte I, 382-395).

[V 9] — A. A. da Silveira Pinto — *Biographia de* Joaquim Maria de Andrade (Revista litteraria, Porto, Typographia portuense, ii, 1838, 149-157).

[V 9] — F. Ferreira de Carvalho — *Memoria que tem por objecto revindicar para a nação portugueza a gloria da invenção das machinas aerostaticas* (Hist. e Mem. de A. S. L., 2e série, i, 1re partie, 1843, 133-155).

L'auteur a aussi fait une addition à ce mémoire, insérée aux *Actas das sessões da Academia real das sciencias,* i, 1849, 193-219.

De son côté F. Recreio a aussi publié dans le tome II des *Actas* mentionnées (1850, 139-149) une note concernant la révendication de l'invention des ballons par le P. Bartholomeu Lourenço de Gusmão, intitulée *Nota em que se produzem mais testemunhos relativos á invenção aerostatica do* P. Bartholomeu Lourenço de Gusmão.

[V 9] — J. de Parada e Silva Leitão — *Necrologio de* Diogo Kopke, Porto, Typographia commercial, 1844.

[V 9] — A. Joaquim Damasio — *Biographie de* Manuel Ferreira de Araujo Guimarães (I. B., vi, 362-369).

---

occasiões uma só gotta de vinho do Porto, de que elle gosta, o faz alienar. Este homem extraordinario parece a qualquer desconhecido um simples. Ri-se muito e em toda a sua conducta não descobre nenhuma d'aquellas excellencias de que é ricamente adornado».

[V 9] — C. BAPTISTA DE OLIVEIRA — *Biographia de* FRANCISCO VILLELA BARBOZA (I. H. G., 2ª série, 1847, 398-408).

[V 9] — L. A. D'ANDRADE MORAES — *Astronomia* («Revista academica», I, 1848, 245-247).

[V 9] — FRANCISCO RECREIO — *Elogio necrologico do Ill.mo e Ex.mo senhor* MATTHEUS VALENTE DO COUTO, etc., Lisboa, Typographia de A. J. da Rocha, 1849.

[V 9] — J. FELIX PEREIRA — *A Terra é um espheroide achatado nos polos* (R. P. L., I, 1849, 237-239).

[V 9] — J. FELIX PEREIRA — *A Terra gira sobre si mesma* (R. P. L., I, 1849, 268-269, 292-293).

[V 9] — * — *Os cometas* (R. P. L., I, 1849, 278-280, 316-317).

[V 9] — FRANCISCO RECREIO — *Memoria em que se mostra que o systhema estrategico dos odres fluctuantes na passagem dos rios, quer empregados de per si, quer formando pontes, era já usado dos antigos.* (Actas da Academia real das sciencias de Lisboa, I, 1849, 186-193).

[U 9] — J. MARIA D'ABREU — *O conselheiro* AGOSTINHO JOSÉ PINTO D'ALMEIDA (R. P. L., III, 1850, 177-178, 185-188).

[V 9] — * — *Planetas* (R. P. L., III, 1850, 109-110, 117-118).

[U 9] — MARINO M. FRANZINI — *Breves reflexões sobre o folheto do sr.* FILIPPE FOLQUE *que tem por titulo* Trabalhos geodesicos e topographicos do reino, Lisboa, Typographia da revista universal lisbonense, 1850.

[V 9] — F. FOLQUE — *Varias reflexões a um artigo do ill.mo e ex.mo sr.* MARINO MIGUEL FRANZINI *sobre os trabalhos geodesicos e topographicos do reino.* Lisboa, Imprensa Nacional, 1850.

[V 9] — J. FELIX PEREIRA — *Systema do universo* (R. P. L., III, 1850, 219-220; IV, 1851, 155-156, 364-365, 370-370-371, 386-387, 402-404).

[V 9] — H — *Noticia analytica da Balistica de* DIDION (R. M. L., 1re série, II, 1850, 417-420, 519-522).

[V 9] — JUSTINIANO J. DA ROCHA — *Biographia de* MANUEL JACINTO NOGUEIRA DA GAMA, Lisboa, 1851.

[V 9] — F. M. BARRETO FEIO — *Astronomia* (I. C., 1re série, I, 1853, p. 181).

[V 9] — R. R. DE SOUZA PINTO — *Noticia sobre o Tratado elementar de mathematica, por* D. A. F. VALLIN *e* BASTILLO (I. C., 1re série, II, 1854, 166-167, 186-187).

[V 9] — R. R. DE SOUZA PINTO — *Programma da cadeira de astronomia* (I. C., 1re série, III, 1855, 26-27).

[V 9] — R. R. DE SOUZA PINTO — *Influencia da Lua nos terramotos* (I. C., 1re série, III, 1855, 116-118, 195-196).

[V 9] — R. DE MORAES SARMENTO — *Observações aos problemas propostos pelo sr.* MARQUEZ DE HIGOZA DE ALAVA, *transcriptos na Revista Militar n.° 7, julho de 1857* (1) (R. M. L., 1re série, IX, 1857, 541-547).

Ces remarques sont sans importance mathématique, même tenant compte de l'époque où elles ont été publiées. Il s'agit d'un *document,* tout simplement, et non d'un travail *original,* marquant un progrès à signaler.

---

(1) Ces problèmes sont:

1° Etant donné le log N, quelque soit le système, exprimer sa valeur exacte au moyen d'une construction géometrique.

2° Démontrer que dans toute hyperbole il y a plusieurs systèmes de logarithmes.

3° Trouver, au moyen de l'intégrale $\int \frac{dx}{\sqrt{1-x^2}} = \text{arc. sin}\, x + C$, une ligne droite égale à un arc donné; ou ce qui vient au même, déterminer exactement, ou sous forme finie, la dite intégrale, et en déduire la valeur $\pi = 3{,}14159\ldots$ de la forme finie.

4° Donner quelques exemples montrant la possibilité d'évaluer l'intégrale $\int^m x^2\, dx^n$.

[V 9] — Francisco Horta — *Parecer da commissão que propõe o sr.* Daniel Augusto da Silva *ao logar de socio de merito da 1.ª classe da Academia real das sciencias de Lisboa.* (A. S. L. L., II, 1858, 193-212).
Compte rendu des principaux travaux de Daniel da Silva.

[V 9] — G. Ribeiro d'Almeida — *Curso de mathematica; ou exposição methodica da arte de calcular. Historia d'esta sciencia,* Coimbra, 1860.

[V 9] — * — *Escriptos de* Sebastião Corvo d'Andrade (I. C., 1re série, VIII, 1860, 291-294, 299-301, 372-385].
Cette oeuvre posthume comprend deux parties, savoir: 1re *Nota sobre a dizima periodica;* 2e *Nota sobre o livro* V *de Euclides.*

[V 9] — R. R. de Souza Pinto — *Relatorio sobre a visita dos observatorios de Madrid, Paris, Bruxellas e Greenwich,* Coimbra, Imprensa da Universidade, 1861.

[V 9] — F. Maria da Cunha — *Dos eclipses* («A Voz do Alemtejo», n.os 13, 24, 25 de 1861).
Extrait de plusieurs articles de Bresson.

[V 9] — J. M. da Ponte Horta — *Primeira conferencia de astronomia no Gremio litterario,* Lisboa, Typographia portugueza, 1865.

[V 9] — A. Osorio de Vasconcellos — *Os genios da astronomia moderna,* Kepler («Archivo pittoresco», IX, 1866, 97-98, 111-112, 126-127, 154-156, 223-224, 259-260, 294-295, 319-320, 362-363, 385).

[V 9] — A. Osorio de Vasconcellos — *Cartas a uma senhora: brevissima descripção do systema solar* («Archivo pittoresco», IX, 1866, 12-15, 23-24, 27-28, 38).

[V 9] — F. Folque — *Relatorio ácerca do estado do Observatorio astronomico de Marinha, com a noticia historica d'este estabelecimento* («Diario de Lisboa» du 30 août 1866, et «Gazeta de Portugal» du 31 août et 1 septembre).

[V 9] — A. FILIPPE SIMÕES — *A invenção dos aerostatos reivindicada,* Evora, Typographia da Folha do Sul, 1868.

[V 9] — A. J. TEIXEIRA — *Questão entre* J. ANASTASIO DA CUNHA *e* JOSÉ MONTEIRO DA ROCHA («Jornal litterario», Coimbra, 1869, 97-100, 105-112, 125-127, 129-136, 139-142, 147-150, 156-159, 165-166, et réimprimé dans I. C., 2ᵉ série, XXXVIII, 1890-91, 20-27, 119-131, 187-202, 268-279, 350-357, 431-442, 512-521, 573-576, 653-662, 739-746, 816-820; XXXIX, 1891-92, 490-497).

Cet écrit commence par une lettre de J. ANASTASIO DA CUNHA adressée à son disciple et ami J. MANUEL D'ABREU. Puis vient la réponse de J. MONTEIRO DA ROCHA, et enfin la réplique, sous le titre: *Factos contra calumnias,* de J. ANASTASIO DA CUNHA.

A. J. TEIXEIRA a dû, cependant, faire suivre chacune de ces lettres de nombreuses remarques et observations destinées à bien préciser la polémique élevée entre les deux grands mathématiciens.

[V 9] — L. A. D'ANDRADE MORAES — *Resumo do relatorio apresentado á Faculdade de mathematica como vogal da commissão encarregada de observar o eclipse total do Sol de 22 de dezembro de 1870,* Coimbra, Imprensa da Universidade, 1871.

[V 9] — J. SILVESTRE RIBEIRO — *O real observatorio astronomico de Lisboa* (*noticia historica e descriptiva*), Lisboa, Typographia da Academia real das sciencias de Lisboa, 1871.

L'auteur a réuni dans cette brochure, une série d'articles, insérés dans le *Jornal do Commercio,* de Lisbonne, lors des premiers travaux ayant pour but l'édification dans cette ville d'un observatoire répondant aux exigences de l'époque, l'initiative de ce projet étant due au général F. FOLQUE, directeur de l'Observatoire royal de la Merine, alors entièrement dépourvu d'instruments modernes, et dans une situation très défavorable à leur stabilité et à leur fonctionnement.

L'auteur fit partie de la commission parlementaire qui vota la création du nouvel Observatoire, dont la réalization fût promptement garantie par une subvention de 167:000 francs du Roi alors régnant (1857) DON PEDRO V.

Dans les premiers chapitres, on trouve l'historique de ces diverses circonstances et des démarches effectuées auprès des savants les plus renommés, FAYE, STRUVE, AIRY, dans le but d'obtenir leurs avis quant aux règles conseillées par la science et la pratique pour l'érection d'un Observatoire astronomique.

Au 5e chapitre, commence la description de l'édifice et des instruments existant à cette époque, et des projets de ce qui restait à faire.

Cette partie de la brochure, depuis ce chapitre jusqu'à la fin, est entièrement calquée sur les notes fournies par le savant directeur de l'Observatoire, feu l'amiral F. A. OOM.

L'ouvrage comprend encore une reproduction de quelques documents officiels relatifs à l'établissement; il est d'ailleurs reproduit en substance dans le grand ouvrage du même auteur: *Historia dos estabelecimentos scientificos,* III, 1871, 361-365; VIII, 1879, 214-230.

(Continúa). RODOLPHO GUIMARÃES.

LITTERATURA E BELLAS-ARTES

ARTES INDUSTRIAES E INDUSTRIAS PORTUGUEZAS

(Cont. do n.º 9, pag. 445)

XIX

MEDINA (DIOGO DE)

Era mestre de refinar assucar na ilha da Madeira. D. Manuel I em 31 de outubro de 1504 lhe deu carta de privilegio, isentando-o dos cargos e serviços do concelho.

«Dom Manuell etc. A quamtos esta nosa carta virem fazemos saber que a nos praz por fazermos graça e merce a Dioguo de Medina mestre de rrefinar açuquares morador em a nossa Ilha da Madeira o priuilegiamos e escusamos de todollos emcarguos do concelho e seruiços dos mesteres na dita Ilha e queremos que nam seja pera os ditos emcargos e seruiço costrangido nem seruir nelles por quamto o auemos disso por escuso. E porem mandamos ao nosso capitam da dita Ilha e aos Juizes e Justiças oficiaes della que lhe cumpram e guardem esta nosa carta sem outra comtradiçam por que asy he nosa mercee. Dada em Lixboa ao derradeyro dia doutubro. Vicente Carneiro a fez anno de mill e b^{e} iiij^{o}» (1).

XX

MORELLI (BENEDITO)

Sobrinho de Bartholomeu Marchione, celebre commerciante e banqueiro em Lisboa, com o qual, de certo, estava

---

(1) Torre do Tombo, Chancellaria de D. Manuel, liv. 22, fl. 82 verso.

associado. Fôra arrendatario dos rendimentos da ilha da Madeira nos annos de 1509, 1510 e 1511, e como por isso ficasse em divida para com el-rei, este lhe moveu demanda, de que *se desceu* por aquelle se obrigar a pagar dez mil arrobas de assucar pela maneira especificada na carta de quitação de 2 de setembro de 1514, passada tanto a favor de Morelli, como a favor de Marchione, que figura como fiador do primeiro (1).

D'este documento, assim como de outros dos nossos archivos, não teve conhecimento o meu erudito amigo Prospero Peragallo, que todavia se utilizou de informações tiradas dos archivos italianos para biographar Morelli nos seus *Cenni in torno alla colonia italiana in Portogallo,* etc.

XXI

Odom (João de)

Não sei se o nome de João de Odom terá aqui perfeito cabimento, pois não cheguei a averiguar, se elle negociava em assucar, sendo certo que negociava em especiaria. Relacionando tantos commerciantes italianos em Lisboa, é mais um membro a ajuntar áquella laboriosa colonia, contribuindo assim para o mais desenvolvido conhecimento d'este assumpto. João de Odom era genovez e vendera a el-rei um grande lote de fio de Saona, não menos de 76 quintaes, 1 arroba e 9 libras, ao preço de 950 réis o quintal, prefazendo tudo setenta e dois mil quinhentos e setenta e um reaes, que não lhe foram pagos em dinheiro de contado, mas sim em pimenta, vinda na nau *Bernalda,* na importancia de 8 quintaes, 1 arroba, 26 arrateis e 10 onças, a preço de 22 cruzados o quintal. Como se vê, esta operação não passou de uma troca de generos.

«Nos el Rey mandamos a vos Joham de Saa caualeiro de nosa casa noso thesoureiro da casa da India e aos scripvães dese officio que dees a Joham de Odom mercador genoes estante nesta cidade setenta e dous mill e quinhentos lxxj reaes que lhe mandamos dar em pagamento de lxxbj quintaes hũua arroba e ix libras de ffio de Sayona que lhe pera vos foram comprados per Jorge de Vasconcellos a preço de ix° l reaes

(1) *Archivo Historico Portuguez,* vol. I, pag. 362.

quintal os quaes se caregaram em Recepta sobre Janaluarez almoxarife do nosso almazem per Aluaro Diaz seu scripvam segundo pareceo per certidam do dito Jorge de Vasconcellos que ao asynar dele foy rrota e fezelhe dos ditos dinheiros boo pagamento em pimenta a preço de xxij cruzados o quintal semdo primeiro certo per outra certidam do dito Jorge de Vasconcellos de como asentou verba honde o dito ffio fica em Recepta de como ouve em vos o dito pagamento e por este e seu conhecimento mandamos aos nosos contadores que volos leuem em comta. Feyto em Lixboa a dous dagosto. Gaspar Rodriguez o fez de b^c^ xj. — Rey · ⁝ · — *O Barom.*

lxxij b^c^ lxxj reaes a Joham de Odom mercador em pagamento de lxxbj quintaes j arroba e ix libras de ffio de Saona que Jorge de Vasconcellos dele ouve a preço de ix^c^ reaes quintal pagos em pimenta. Ja fyca verba posta na adyçom onde este fyo Jaz em recepta ssobre Janaluarez almoxarife como ouve delle Joam de Edom pagamento como se neste desembargo decrara e por verdade lhe dey esta certydam per mim asynada e esprita per Aluaro Diaz espriuam desta casa que assentou a dicta verba em bj dagosto de b^c^ xj. — *Jorge Vasconcellos.*

Conheceo Joam Dodam que recebeo de Joam de Saa oyto quintaes hũa arroba vymte seis arrateis x onças de pimenta de naao bernalda que se montou nos lxxij b^c^ lxxj reaes neste desembargo contheudos e por verdade lhe dou delle este conhecimento asynado per elle em Lixboa a ix dagosto de mill b^e^ xj. — *Joam de Odom.* — *Christovam Caldeyra*» (1).

XXII

Olmo (João del)

Era consul dos venezianos em Lisboa e numa apostilla de 9 de maio de 1553 lhe foi feita extensão do privilegio de refinação de assucar, concedido a João Antonio Pryoli.

Havia tambem em Lisboa um architecto do mesmo nome, que foi chamado a dar o seu parecer sobre as obras da egreja do Loreto. D'elle tratei no segundo volume do *Diccionario dos Architectos*.

Trelado de hũua apostilla que se pos ao pee de hũua carta de Joam Amtonio de Prioly, que pasou pola chamcelaria em Lixboa a dous dias do mes daguosto do anno de mill b^e^ Rj anos e o trelado da dita apostilla hee ó seguimte:

«E por quamto os doze annos comteudos nesta carta acima scprita sê acabão no mes de setembro que vem deste anno presemte de quinhemtos cimquoemta e trez, ey por bem por fazer a João del Olmo venezeanno, comsull dos venezeanos desta cidade de Lixboa e nela estamte, que por tempo de seis annos que se começaráõ despedimento

(1) Torre do Tombo, *Corpo Chronologico*, parte 1.ª, maço 25, documento 9.

dos ditos dez annos em diamte ele e as pesoas que ele quiser e a que der seu poder posão rafinar nestes Reynos de Purtugall e do Alguarue os ditos açuqueres, asy e da maneira que pola dita carta ouue por bem que os rafinase Joam Amtonio de Prioly, procurador da senhoria de Veneza, e as pesoas que teuesem seu poder e esto sob a pena comteuda na dita carta e alem diso me praaz que guoze de todallas liberdades na dita carta declaradas saluo na merce dos direitos não guozara mais que de dez mill reaes soomente, e mamdo que em todo o mais nela conteudo se lhe cumpra e guarde imteiramente como se espicialmente pera elle fora pasada, porque asy o ey por bem. Pero Cubas o fez em Lixboa a noue dias de mayo de mill e quinhemtos e cimquoemta e tres e posto que diga que guoze de dez mill reaes soomente guozaraa de todos os quimze mill reaes como o dito Joam Amtonio» (1).

XXIII

Olmo (Vicente del)

Era feitor da falencia de refinação de assucar, que Mathias de Pryoli tinha em Lisboa. Vide este nome.

XXIV

Palma (João da)

João da Palma, genovez, era *servidor das cannas de assucar* de el-rei D. João I no Algarve no sitio da Quarteira, onde tinha a dita plantação, que anteriormente fôra de Mestre João. O sobredito monarcha lhe coutou aquelle terreno e lhe deu carta de privilegio, em que o defendia de qualquer damno causado por invasão de extranhos, em carta de 16 de janeiro da era de 1442.

«Dom Joham pella graça de Deus Rey de Portugal e do Algarue, a quantos esta carta virem fazemos saber que nos demos e fizemos mercee a mice Joham de Palma mercador janues nosso seruidor das nosas canas do açucar que no regno do Algarue tijnha M.º Joham e elle as ha de despoer e teer em as terras da quarteira. E porem querendo nos fazer graça e mercee ao dito Joham de Palma por el poder milhor criar as ditas canas e auer mais proueito dellas teemos por bem e coutamoslhe o dito terreo em que as ditas canas teuer despostas. E mandamos e defendemos que nam seja nenhũu tam ousado de qualquer stado e con-

(1) Torre do Tombo, Chancellaria de D. João III, liv. 61, fl. 156.

diçom que seia que despois que as ditas canas forem postas no dito terreo em quãto em el steuerem entre no dito terreo nem tome das ditas canas nem faça em ellas outro nenhũu mal nem dapno sob pena de pagar por cada vez que em elle entrar os nossos encoutos de bj mil soldos em tres dobro e pagar e correger ao dito Joham de Palma ou aaquel a que el das ditas canas der encarrego todo mal e dapno que for achado que lhe he feito. E porem mandamos ao nosso corregedor e justiças do dito regno que ora som e forem ao diante que o façam assy apregoar e conprir e guardar o dito couto costrangendo quaaes quer que em elle entrarem ou dapno fizerem como suso dito he e tomandolhe e vendendo e rematando seus beẽs e nom ponham sobrello ẽbargo nenhuũ em nenhũa guisa em tal maneira que o dito Joham de Palma nom torne nem ẽuie a nos mais sobresto queixarse se nom sejam certos que lhe sera stranhado grauemente como aaquelles que nom guardam e comprem mandado de seu Rey e senhor. Unde al nom façam. Dante na cidade de Lixboa xbj dias de janeiro elrrey o mandou per Aluaro Roiz seu vasallo e ouuidor a que esto mandou liurar por que os do seu desembargo eram ocupados em outras cousas. Gonçalo Caldeira a fez era de mill iiij[c] Rij anos» (1).

XXV

Pryoli (Antonio)

Pae de Mathias Pryoli. Vide este nome.

XXVI

Pryoli (João Antonio)

Vejam-se os artigos referentes a João del Olmo e Marco Antonio Pryoli.

XXVII

Pryoli (Marco Antonio)

O meu erudito amigo, o sr. Prospero Peragallo, a paginas 144 e 145 da 2.ª edição das *Cenni in torno alla colonia italiana in Portogallo nei secoli* XIV, XV e XVI (Genova, 1908), consagra um artigo a Marco Antonio Pryoli, veneziano, o qual, por indicação de seu pae, Antonio Pryoli, procurador da republica de S. Marcos, desejava estabelecer em Lisboa uma casa de commercio. Para este fim, Marco Antonio tra-

(1) Torre do Tombo, Chancellaria de D. João I, liv. 2, fl. 200.

zia uma carta de recommendação do *doge* Pietro Lando, datada de 1 de agosto de 1541 e dirigida a D. João III, carta que se conserva no Archivo da Torre do Tombo, o que parece provar que Marco Antonio fôra o seu portador. É escripta em latim. O sr. Prospero Peragallo, que a encontrou no nosso Archivo, foi tambem o primeiro a dar-lhe publicidade no alludido artigo. Diz que não se lhe deparara qualquer outro vestigio da sua existencia em Portugal, mas é muito de crer que fixasse aqui residencia, pois apparecem pela mesma epocha outros individuos de egual appellido, certamente seus parentes, dos quaes faço menção, em artigos que lhes dizem directamente respeito.

É curioso que do mesmo anno de 1541, mas de 18 de junho, anterior portanto á missiva do *doge,* exista uma carta de D. João III privilegiando João Antonio Pryoli, procurador da senhoria de Veneza, para que elle, ou um seu filho, viessem estabelecer-se em Lisboa, a fim de fundarem uma fabrica de refinação de assucar, cousa que, a ajuizar pelo dizer da carta, parecia nova em Portugal. O privilegio era por doze annos. Confronte-se portanto este documento com a carta latina do *doge.*

Tendo expirado o praso dos doze annos, foi o sobredito privilegio trespassado em apostilla a João del Olmo, consul veneziano. (Veja-se este nome).

Mais um documento a embrulhar esta questão da familia do Pryoli. Uma carta de D. João III, de 3 de setembro de 1547, concede privilegio a um Mathias Pryoli, filho de Antonio Pryoli. (Veja-se este nome).

A esta carta foi, segundo julgo, feita a apostilla em nome de João del Olmo que mencionei atraz.

«Dom Joham etc. A quamtos esta minha carta virem faço saber que Joam Amtonio de Prioly procurador da senhoria de Veneza me enviou dizer que ele queria mandar a estes Regnos hũu seu filho pera neles rafinar açuqueres da maneira que se costuma fazer na dita cidade de Veneza pidindome que por quamto isto era cousa noua nestes Reinos e que nunqua se neles fezera e de que meus vasalos receberiam proueito lhe fezese merce de lhe dar priuilegio que nenhũa pesoa podese rafinar os ditos açuqueres senam ele ou as pesoas que pera iso emuiase pelo que ey por bem auemdo a iso respeito que do dia que o dito Joam Amtonio ou seu filho vier ou mandar asemtar sua casa nesta cidade de Lixboa pera o dito negocio a doze anos primeiros seguintes nenhũa pesoa de quallquer comdiçam que seya nam posa nestes Regnos de Portuguall e do Alguarue rafinar os ditos açuqueres senam o dito Joam Amtonio ou as pesoas que ele pera iso emviar sob pena de quallquer que ho contrairo fezer e lhe for prouado pagar por cada vez cem cruzados a metade pera eles e a outra pera os catiuos pobres quaes manda

a quaesquer justiças a que for requerido que os dem loguo com efeito a execuçam nos culpados os quaes açuqueres eles poderam tornar a vemder nestes Regnos e os tirar pera fora deles liuremente asy e da maneyra que o podem fazer em quaesquer outros açuqueres que nam seyam raffinados e alem diso me praz por lhe fazer mais merce que durando os ditos doze anos eles nam paguem direitos de quaes quer cousas que mandarem trazer pera huso de suas casas ou meneo dos ditos açuqueres e esto ate comtia em que se monte nos dereitos que delas ouuerem de pagar de dizima ate quinze mil reaes cada ano nos ditos doze anos e mais não: porem o notefico asy a dom Rodrigo Lobo veador de minha fazenda e a quaesquer outros meus oficiaes a que pertencer e lhes mando que cumpram e façam comprir esta carta como nela he comtheudo sem duvida que a elo seya posto a quall se registara nos livros do registo das casas de meus dereitos omde ouverem de despachar as ditas cousas pera os ditos oficiaes delas saberem como lhe tenho feito esta merce e que por rezão deste prevylegio sam escusos de pagarem a dita dizima ate a dita comtia de quimze mil reaes de dereitos cada anno durando os ditos doze annos e que se mais deuerem alem dos ditos xb mil reaes que o ham darrecadar deles e aas ditas justiças mando que no tocar aa dita pena a cumpram iso mesmo e por firmeza delo lhe mandey dar esta carta per mym asynada e aselada do selo pendente Ayres Fernandez a fez em Lixboa a dezoito dias de junho de ī bᵉ Rj anos e eu Damiam Diaz o fiz escrever e esta carta se registara na alfandega desta cidade somente por que nela ham de despachar as ditas cousas de que lhe asy quito os ditos xb mil reaes de dereitos durando os ditos doze annos como dito he» (1).

XXVIII

Pryoli (Mathias)

Filho de Antonio Pryoli, gentil homem veneziano, a pedido do qual D. João III lhe concedeu carta de privilegio, semelhante ao dos subditos allemães. Mathias Pryoli tinha casa de commercio em Lisboa, sem se designar qual o genero em que negociava. A carta é de 3 de setembro de 1547, periodo em que estava incluido o privilegio da refinação de assucar concedido ao filho de João Antonio Pryoli. A paginas 451 do tomo VIII do *Corpo diplomatico* encontra-se uma interessante carta do nosso embaixador em Roma, Lourenço Pires de Tavora, o qual, em data de 16 de maio de 1560, faz uma intercessão á rainha regente (D. Catharina, viuva de D. João III, avó de D. Sebastião) em favor de Mathias

(1) Torre do Tombo, Chancellaria de D. João III, liv. 31, fl. 85 verso.

Pryoli, gentil homem veneziano, a quem fôra concedido o privilegio para uma fabrica de refinação de assucar em Lisboa, onde tinha um feitor, Vicente del Olmo, que não déra boa conta de si, fallindo e escondendo-se certamente para evitar a perseguição dos seus credores. Tavora recommenda muito o Pryoli, allegando que estava sempre prompto a servir o nosso paiz. Reproduzo a seguir a carta, em que tudo isto se pormenorisa:

«Senhora. — El Rey de boa memoria e que este em gloria fez merce a Mathias de Priule gentilhomem venezeano que em Lisboa esteve algum tempo de licença para nove annos poder mandar refinar açuqueres e lha confirmou por outros nove. Tem o dito Mathias de Priule entendido ter Vossa Alteza spedida a ditta licença por lhe dizerem prejudicava o gasto daquella refinação a ovos e a lenha, a qual despesa elle Priule prova por leve e de pouco momento por rezões que a isso dá tem entendido que Vicentio del Olmo seu feitor por dividas esta quebrado e escondido e desse effecto recebe o dito Mathias muita perda não podendo o Vicentio comprir com elle e com outras partes pedio me escrevesse a Vossa Alteza em sua recommendação para que lhe não mandase impedir a licença concedida por el rey que Deus aja, mas que mande se use della declarando se se concede ao dito Priule e porque o requerimento me pareceo justo o apresento a Vossa Alteza e por o requerente ser dos principaes de Veneza e muito servidor dessa coroa e assi o mostra em tudo o que se offerece pelo qual merece esta minha intercessão e Vossa Alteza vera o que he seu serviço e fara a merce que o caso sofrer. Nosso senhor vida e real estado de Vossa Alteza guarde e acresente em seu serviço de Roma xvi de mayo 1560».

«Dom Joham etc. A quamtos esta minha carta virem faço saber que Amtonio de Priolle, gemtil homem venezeanno, me emuiou dizer que ele tinha nesta cidade Matia de Priolle, seu filho, com casa pera tratar, neguocear e esperaua de a conseruar e sostemtar pera o diamte por seus filhos e feitores, pedimdome que lhe fizese merce do preuilegio que tenho comcedido aos mercadores alemaães estamtes nesta cidade, e por eu ser emformado que o dito Amtonio de Priolle hee pesoa de muito credito, fazemda e autoridade pera follgar de lhe fazer merce e asy ao dito Matia de Priolle, seu filho, me praaz e ey por bem que elles ou outro quall quer seu filho ou pesoa que mandar a esta cidade pera estar na dita casa por seu feitor e nelle resydir em seus tratos e neguocios e os criados e feitores do dito seu filho ou pesoa que em sua casa e neguocios tiuer tenham e guozem daquy em diamte de todollos preuillegios, liberdades, graças e framquezas, que elRei meu senhor e padre, que santa gloria ajaa, e per mim athee ora são dados e outorguados aos ditos mercadores alemães... Joam dAmdrade a fez em Lixboa aos tres dias do mes de setembro do anno do nascimento de noso Senhor Jhesu X͞po de j bᵉ Rbij. Fernam dAluarez a fez escprever» (1).

(1) Torre do Tombo, Chancellaria de D. João III, *Doações*, liv. 29, fl. 49 verso.

XXIX

Rangel (Simão)

Era moço da camara de el-rei D. Manuel, que o encarregou de ir á ilha da Madeira receber 2:909 arrobas de assucar, que transportou depois a Roma, onde as vendeu, elevando-se o producto da transacção a um conto, quatrocentos e sessenta mil, quatrocentos e noventa reaes. D'esta quantia ficaram depositados em Roma um conto, cento e cincoenta e dois mil reaes, em casa do banqueiro «Estevano Ranuches e companhia».

A carta de quitação passada por este negocio tem a data de 26 de maio de 1494 e acha-se publicado a paginas 476, do volume v, do *Archivo Historico Portuguez*.

XXX

Rodrigues (Pero)

Almoxarife do assucar dos quartos na ilha da Madeira, da jurisdicção do Funchal. Em 10 de junho de 1513 lhe passou D. Manuel carta de quitação de todo o assucar e dinheiro que dispendeu nos annos de 1506 e 1507. Nella se especificam as diversas verbas, que entraram nesta conta, sendo em assucar 60:218 arrobas e 8 arrateis, e cento e vinte e quatro mil, quatrocentos e sessenta reaes em dinheiro. O preço da venda de cada arroba foi de 340 e 330. Menciona-se no mesmo documento um Joham Lombardo, morador na Ponta do Sol.

A carta de quitação foi dada á publicidade no volume v, paginas 237, do *Archivo Historico Portuguez*.

XXXI

Rodrigues de Carvos (Vicente)

Feitor que foi em Veneza nos annos de 1507, 1508 e parte de 1509, havendo succedido neste cargo a Gaspar Dias. Por

este motivo lhe foi passada carta de quitação a 18 de setembro de 1511 e por ella se vê as importantes verbas de assucar da ilha da Madeira que effectuára. Numerosas verbas alli especificadas demonstram a qualidade de transacções mercantis entre Portugal e Veneza (1).

XXXII

Rodrigues Mascarenhas (João)

Negociante abastado em Lisboa em tempo de D. Manuel I com o qual celebrou contratos para a compra de seis mil arrobas de assucar na ilha da Madeira no anno de 1505, sendo passada carta de quitação pela importancia d'esses contratos, aos seus herdeiros em 26 de junho de 1509. Fôra tambem arrendatario da chancellaria da côrte e da vintena de Guiné. As respectivas cartas de quitação podem ver-se a paginas 73, do volume IV, do *Archivo Historico Portuguez*. De uma d'ellas se colhe que João Rodrigues Mascarenhas fallecera a 5 de fevereiro de 1506.

(Continúa). Sousa Viterbo.

(1) *Archivo Historico Portuguez*, vol. VI, pag. 157.

CAMÕES E A INFANTA D. MARIA

(Cont. do n.º 9, pag. 464)

III

Em Ceuta

Procurando explicar a ida de Camões para Ceuta, escreve W. Storck: «Todos os esforços proprios ou alheios para abreviar a pena (do desterro no Ribatejo) foram baldados, caso alguem os fizesse. E apertado pelas necessidades materiaes da vida, o poeta recorreu a um expediente, que anteriormente sempre tinha rejeitado como contrario ás suas inclinações: resolveu servir o deus Marte, já que a caprichosa e cega Fortuna não o favorecera, emquanto fôra prestando homenagem ao Amor e ás Musas. Havia muito que era costume em Portugal commutar a criminosos as penalidades (não sómente o exilio, e o degredo para o Brasil, mas até a pena capital) em serviços militares, pagaveis no mar ou nas colonias. Porque havia de negar-se a Camões uma concessão semelhante? Podemos calcular que dirigiu a D. João III um requerimento, supplicando-lhe decretasse serviço militar na Africa setentrional ou, por outra, a transferencia do desterro para Ceuta. Aquellas partes da Africa davam então serios cuidados ao governo português: as fortalezas careciam de gente... Por isso pedidos daquella ordem eram bem aceites. O pleito de Camões se recommendava a favoravel decisão. Mas que triste pleito! O cavalleiro-fidalgo, o poeta predilecto da côrte, transformado em soldado raso! Comtudo, não havia que escolher. A decisão régia não tardou muito. O favor foi outorgado. Luiz de Camões obteve licença para se alistar por dous annos na guarnição de Ceuta» (1).

---

(1) *Vida de Camões*, p. 397. Em nota observa o illustre camonista: «O facto de Camões ter estado em Ceuta, e não em outra qualquer fortaleza portuguêsa, resulta evidentemente da Elegia I «*de Ceita a um*

O que, porém, julgo fóra de duvida é que o poeta, depois de ter voltado para Lisboa, com o proposito, mais ou menos firme, de não pensar mais na infanta, viu reaccender-se a paixão que por ella sentira (1), sendo este o motivo por que foi degradado para Ceuta.

Comecemos pela carta, toda cheia de meias palavras, toda cautelosa, que elle da cidade africana enviou a um amigo, talvez João Lopes Leitão.

Depois de lhe recommendar que a não mostre a ninguem ou, pelo menos, que supprima o nome do signatario, Camões prosegue citando estes versos de Garcilasso de la Vega, tão accommodados ao estado da sua attribulada alma:

> «La mar en medio ý tierras, he dejado
> Á cuanto bien, cuitado, yo tenia.
> Cuan vano imaginar, cuan claro engaño
> Es darme yo á entender que, con partirme,
> De mi se ha de partir un mal tamaño!»

E como elle, apesar de reconhecer que «a tristeza no

---

amigo» (versos 22–57). — E a outra circumstancia, de ter estado ahi como que «exilado», está documentada pelas oitavas primeiras (epistola 1.ª). No verso 196 (aliás 180), declara-se «*em terra alheia degradado*». Sobre o tempo de serviço (dous annos), a que eram adstrictos os soldados portuguêses nos Algarves d'além, veja-se» etc.

(1) Presumo hoje que foram escriptas por esta occasião algumas poesias que já transcrevi como immediatamente anteriores ao exilio no Ribatejo. Tal é o soneto 145, em que o poeta declara terminantemente:

> Quando Amor á razão obedecer,
> ....
> Deixarei eu de ver tal formosura
> E de a amar deixarei, depois de a ver.
> ....
> Ninguem mudar-me queira de querer-vos.

Tal é tambem o soneto 210, em que o poeta affirma nada recêar:

> Nem o tremendo estrepito da guerra,
> Com armas, com incendios espantosos,
> ....
> Podem pôr medo a quem nenhum encerra,
> Despois que viu os olhos tão formosos,
> Por quem o horror, nos casos pavorosos,
> De mi todo se aparta e se desterra.

coração é como a traça no panno», só triste quer e póde viver!

E por tão triste me tenho,
Que, se sentisse alegria,
De triste não viveria.
Porque a tal sorte vim,
Que não vejo bem algum
Em quanto vejo,
Que não nasceu para mim.
E por não sentir nenhum,
Nenhum desejo.

E o pobre poeta, «porque cousas impossiveis, é melhor esquecê-las que desejá-las», continúa:

Só, tristeza, vos queria,
Pois minha ventura quer
Que só *a* (1) ella
Conheça por alegria;
E que, se outra quiser,
Morra por ella.

Vem depois uma volta ao mote

Perdigão perdeu a penna,
Não ha mal que lhe não venha,

differente da que já fica transcripta no começo deste trabalho:

Em um mal outro começa,
Que nunca vem só nenhum;
E o triste, que tem um,
A soffrer outro se offreça,
E, só pelo ter, conheça
Que basta um só que tenha,
Para que outro lhe venha.

É inutil aconselhá-lo a que mude do seu proposito, embora seja certo que não ha magua como a do *vê-lo-ás e não o paparás*. «Que graça será esperardes de mim propositos em cousa que os não tem para comigo? Pois ainda que queira, não posso o que quero; que um sentido remontado, de não pôr pé em ramo verde, tudo lhe succede assi. E cada um

(1) Supponho que o *a* não estará aqui demais.

acode ao que mais lhe doe; e mais eu, què o que mais me entristece é ter contentamento, pois fujo delle, que minha alma o aborrece, porque lhe lembra que é virtude viver sem elle. Que já sabeis que magua é: vê-lo-ás e não o paparás».

Numa das mais curiosas passagens da carta, o poeta, se não me engano, insinua terem-lhe offerecido dinheiro, para não importunar outra vez a infanta com os seus galanteios.

Eis o que elle diz: «Quero-vos dar conta de um soneto sem pernas, que se fez a um certo recontro que se teve com este destruidor de bons propositos (1), e não se acabou, porque se teve por mal empregada a obra; cujo teor é o seguinte:

> Forçou-me Amor um dia que jogasse;
> Deu as cartas e az d'ouros levantou,
> E, sem respeitar mão, logo triumphou,
> Cuidando que o metal que me enganasse.
> Dizendo, pois triumphou, que triumphasse
> A uma sota d'ouros, que jogou.
> Eu então, por burlar quem me burlou,
> Tres paus joguei e disse que ganhasse».

Julgando que o poeta se deixaria enganar pelo dinheiro, o Amor, contra as regras do jogo, puxou pela *dama de ouros*, que era trumpho. Vendo-se ludibriado, o poeta jogou o tres de paus (*tres paus*, symbolo da forca) e disse ao parceiro que ganhasse. Isto é: Camões não acceitou a proposta que lhe foi feita e preferiu arriscar-se a tudo, inclusivamente a perder a vida.

Como lhe appeteceu então cavar na fidalguia dos antepassados da infanta! «Principes de condição, diz elle, logo em seguida ao *soneto sem pernas*, principes de condição, ainda que o sejam de sangue, são mais enfadonhos que a pobreza. Fazem, com sua fidalguia, com que lhe cavemos fidalguias de seus avós, onde não ha trigo tão joeirado, que não tenha alguma hervilhaca».

Nas primeiras poesias escriptas em Ceuta, o poeta queixa-se mais abertamente da infanta, *do duro peito, cruel e empedernido, que ergueu a mão para o matar*.

---

(1) Para W. Storck é o Amor (tom. 1.º, pag. 400). A meu vêr, é do proprio poeta que se trata. Foi elle que destruiu os bons propositos, com que tinha voltado do Ribatejo. E foi por isso que houve o recontro com alguem, que lhe fallou em nome da infanta.

Comecemos pela ode 3.ª, verdadeiro protesto contra a *implacavel dureza* havida com elle (1).

Se de meu pensamento (2)
Tanta razão tivera de alegrar-me,
Quanto de meu tormento
A tenho de queixar-me,
Puderas, triste lyra, consolar-me.

E minha voz cansada,
Que em outro tempo foi alegre e pura,
Não fôra assi tornada,
Com tanta desventura,
Tão rouca, tão pesada, nem tão dura.

A ser como soía,
Pudera levantar vossos louvores;
Vós, minha Hierarchia,
Ouvíreis meus amores,
Que exemplo são ao mundo já de dores (3).

Alegres meus cuidados,
Contentes dias, horas e momentos,
Oh quanto bem lembrados
Sois de meus pensamentos,
Reinando agora em mi duros tormentos!

---

(1) As ultimas estrophes desta ode mostram que ella foi escripta á beira-mar. Pelo conteúdo conclue-se que o foi em Ceuta.
(2) Isto é: d'aquillo, ou antes, d'aquella, em que penso.
(3) Supponho que esta estrophe se deve ler:

A ser como soía,
Pudera levantar *altos* louvores;
Vós, *divina* Hierarchia,
Ouvirieis meus amores, etc.

Isto é: se a voz do poeta fosse o que dantes era, poderia, cantando os seus amores, elevar-se até os coros celestes, formados pelos anjos, archanjos, etc.
Variações de Faria e Sousa, a proposito da *minha Hierarchia:* «Qual Hierarquía será esta? Para estas Hierarchias de Poetas quisiera yo los Comentadores. Pero dexado esto, porque cada uno estornuda como Dios le ayuda, digo que por este no facil termino de entender (mas galantissimo), llama el Poeta Serafin a su señora». O que o irritado poeta chamava então *a su señora* dizem-no-lo as estrophes 13.ª e 14.ª desta mesma ode. Para W. Storck trata-se das damas do paço (LUIS' DE CAMOENS *Sämmtliche Gedichte,* III, 338).

Ai gostos fugitivos!
Ai gloria já acabada e consumida!
Ai, males tão esquivos,
Qual me deixais a vida!
Quão cheia de pesar! quão destruida!

Mas como não é morta
Já esta vida? Como tanto dura?
Como não abre a porta
A tanta desventura,
Que em vão com seu poder o tempo cura!

Mas, para padecê-la,
Se esforça o meu sujeito e convalece;
Que, só para dizê-la,
A força me fallece
E de todo me cansa e me enfraquece.

Oh bem afortunado,
Tu, que alcançaste com lyra toante,
Orphêo, ser escutado
Do fero Rhadamante,
E cos teus olhos vêr a doce amante!

As infernais figuras
Moveste com teu canto, docemente;
As tres furias escuras,
Implacaveis á gente,
Applacadas se viram de repente.

Ficou como pasmado
Todo o Estygio reino co teu canto,
E, quasi descansado
De seu eterno pranto,
Cessou de alçar Sisypho o grave canto (1).

A ordem se mudava
Das penas, que regendo está Plutão;
Em descanso se achava
A roda de Ixião,
E em gloria quantas penas alli são.

De todo já admirada
A rainha infernal, e commovida,
Te deu a desejada
Esposa, que perdida
De tantos dias já tivera a vida.

---

(1) A pesada pedra. Cf. canteiro, cantaria.

Pois minha desventura
Como já não abranda uma alma humana,
Que é contra mi mais dura,
E inda mais deshumana,
Que o furor de Callirrhoe profana (1)?

Oh crua, esquiva e fera,
Duro peito, cruel e empedernido,
De alguma tigre fera,
Lá na Hyrcania nascido,
Ou d'entre as duras rochas produzido!

Mas que digo, coitado!
E de quem fio em vão minhas querellas?
Só vós, ó do salgado,
Humido reino bellas
E claras nymphas, condoei-vos dellas.

E, de ouro guarnecidas,
Vossas louras cabeças levantando,
Sobre as ondas erguidas
As tranças gotejando,
Saindo todas, vinde a ver qual ando.

Saí em companhia
E, cantando e colhendo as lindas flores,
Vereis minha agonia,
Ouvireis meus amores
E sentireis meus prantos, meus clamores.

Vereis o mais perdido
E mais infeliz corpo, que é gerado,
Que está já convertido
Em choro, e, neste estado,
Sómente vive nelle o seu cuidado.

---

(1) Commentando este logar, observa W. Storck: «Se é Callirrhoe que deve ler-se, falhou aqui a extraordinaria memoria do poeta. Não é possivel saber-se — e tambem Faria e Sousa declara ignorá-lo — a que proposito se faz aqui menção de Callirrhoe»... (LUIS' DE CAMOENS *Sämmtliche Gedichte*, III, 339). Mas a Callirrhoe, a que se refere o poeta, não é, como suppõe o illustre camonista allemão, aquella de que se occupa Ovidio nas *Metamorphoses*, IX, 413 e segg.; é outra, de que falla Pausanias na *Graeciae descriptio*, liv. 7.º, cap. 21. Esta desprezou o amor de Córeso, sacerdote de Baccho, na cidade da Calydonia, cujos habitantes foram, por isso, punidos por aquella divindade. D'aí o epitheto *profana*. Eis como começa a narrativa do escriptor grego: «Amabat (Coresus) Callirrhoen virginem et quanto erat Coresi amor vehementior, tanto erat puellae animus ab ejus cupiditate alienior». (Edição de Leipzig, 1696, p. 575). Ainda desta vez não foi o poeta quem se enganou.

Na ode 1.ª (1) ainda o poeta se queixa da infanta, mas já reapparece a sua paixão por ella. Novo Endymion, dirige-se á Lua (Delia, Diana, Lucina), que em seguida identifica com a sua bem-amada.

Detem um pouco, musa, o largo pranto,
Que Amor te abre no peito,
E, vestida de rico e ledo manto,
Demos honra e respeito
Aquella cujo objeito (2)
Todo o mundo allumia,
Trocando a noite escura em claro dia.

O Delia, que, apesar da nevoa grossa,
Cos teus raios de prata
A noite escura fazes que não possa
Encontrar (3) o que trata,
E o que na alma retrata,
Amor por teu divino
Raio, por que endoudeço e desatino:

Tu, que de formosissimas estrellas
Coroas e rodeias
Tua candida fronte e faces bellas,
E os campos formoseias
Co'as rosas que semeias,
Co'as boninas que gera
O teu celeste humor na primavera:

Para ti guarda o sitio fresco d'Ilio
Suas sombras formosas;
Para ti o Erymantho, Olympo e Pilio (4)
As mais purpureas rosas;
E as drogas mais cheirosas
Desse nosso oriente
Guarda a Felice Arabia, mais contente.

De qual panthera ou tigre ou leopardo
As asperas entranhas
Não temeram teu fero e agudo dardo,
Quando por as montanhas
Ligeira atravessavas,
Tão formosa que Amor de amor matavas?

---

(1) W. Storck (III, 330–333) transcreve a ode de Bernardo Tasso, aqui imitada por Camões.

(2) Não deverá ler-se *aspeito?* Cf., na estrophe seguinte, *trata* e *retrata*.

(3) Apesar da nevoa grossa (allusão á maneira como o poeta havia sido tratado pela infanta), apesar da nevoa grossa, os teus raios de prata fazem que não seja escura a noite para aquelle que te ama.

(4) Cf. W. Storck, tom. III, pag. 335.

Pois, Delia, do teu ceu vendo estás quantos
Furtos de puridades,
Suspiros, maguas, ais, musicas, prantos,
As conformes vontades,
Umas por saudades,
Outras por crus indicios,
Fazem das proprias vidas sacrificios (1):

Já veio Endymião por estes montes,
O ceu, suspenso, olhando,
E teu nome, cos olhos feitos fontes,
Em vão sempre chamando,
Pedindo suspirando (2)
Mercês á tua beldade,
Sem que ache em ti um'hora piedade.

Por ti feito pastor de branco gado,
Nas selvas solitarias
Só de seu pensamento acompanhado,
Conversa as alimarias,
De todo o amor contrarias,
Mas não como a ti duras,
Onde lamenta e chora desventuras.

Das castas virgens sempre os altos gritos,
Clara Lucina, ouviste,
Renovando-lhe as forças e os espritos;
Mas os d'aquelle triste
Já nunca consentiste
Ouvi-los um momento,
Para ser menos grave o seu tormento.

Não fujas, não, de mi! Ah não te escondas
D'um tão fiel amante!
Olha como suspiram estas ondas
E como o velho Atlante (3)
O seu collo arrogante
Move piedosamente,
Ouvindo a minha voz, fraca e doente.

---

(1) O texto desta estrophe deve ter soffrido alteração. Permitta-se-me propôr que se lêa:

Pois, Delia, do teu ceo vendo estás *tantos*
Furtos de puridades,
Suspiros, maguas, ais, *lagrimas*, prantos,
E as *amantes* vontades,
Que, umas por saudades,
Outras, por crus indicios,
Fazem das proprias vidas sacrificios:

Amantes é uma variante da edição de 1595.
(2) A suspirar, com suspiros.
(3) O monte Atlas. Prova de que a ode foi escripta em Ceuta.

Triste de mi! Que alcanço por queixar-me,
Pois minhas queixas digo
A quem já ergueu a mão para matar-me,
Como a cruel imigo?
Mas eu meu fado sigo,
Que a isto me destina,
E que isto só pretende e só me ensina.

Oh quanto ha já que o ceu me desengana!
Mas eu sempre porfio
Cada vez mais na minha teima insana!
Tendo livre alvedrio,
Não fujo o desvario,
Porque este, em que me vejo,
Engana co'a esperança o meu desejo.

Oh quanto melhor fôra que dormissem
Um somno perennal
Estes meus olhos tristes, e não vissem
A causa de seu mal
Fugir a um tempo tal,
Mais que d'antes (1) proterva,
Mais cruel que ursa, mais fugaz que cerva!

Ai de mi, que me abraso em fogo vivo,
Com mil mortes ao lado,
E quando morro mais, então mais vivo!
Porque tem ordenado
Meu infelice fado
Que, quando me convida
A morte, para a morte tenha vida?

Secreta noite amiga, a que obedeço,
Estas rosas, porquanto
Meus queixumes me ouviste, te offereço,
E este fresco amaranto,
Humido já do pranto
E lagrimas da esposa
Do cioso Titão, branca e formosa.

Contemporaneo das duas tão bellas, tão sentidas odes, talvez escripto entre uma e outra, é tambem o soneto 74:

Aquella fera humana, que enriquece
A sua presunçosa tyrannia
Destas minhas entranhas, onde cria
Amor um mal, que falta quando crece (2),

---

(1) Aqui, se não me engano, escreveu o poeta o nome de um animal, *tigre*, por exemplo.
(2) Não teria o poeta escripto: *que dia a dia crece?*

Se nella o ceu mostrou, como parece,
Quanto mostrar ao mundo pretendia,
Porque de minha vida se injuría?
Porque de minha morte se ennobrece?
Ora, emfim, sublimai vossa victoria,
Senhora, com vencer-me e captivar-me.
Fazei della no mundo larga historia;
Pois, por mais que vos veja atormentar-me,
Já me fico logrando desta gloria
De vêr que tendes tanta de matar-me.

Como se vê pelas tres poesias que acabo de transcrever, Camões attribue o seu desterro para Ceuta á interferencia directa da infanta (1). Foi ella que, *inda mais deshumana que Callirrhoe, ergueu a mão para o matar;* é ella a *fera humana que se injuría da sua attribulada vida e se ennobrece com a sua morte.*

Qual o motivo da energica, da inexoravel attitude, assumida pela infanta, quando viu que o renitente poeta, depois de ter voltado do Ribatejo, continuava a mostrar-se apaixonado por ella?

A meu vêr, o motivo, — pelo menos o principal, se houve mais d'um —, foi o seguinte: a illustre senhora, que tinha então em perspectiva o casamento com o herdeiro da corôa de Espanha, viuvo desde 1545 (2), sabia muito bem que o seu regio e tortuoso meio-irmão, para lhe crear obstaculos,

---

(1) Costuma dizer-se que o exilio do poeta, pelo menos o exilio para o Ribatejo, foi obra pessoal de D. João III e da rainha D. Catharina. E, entre outras razões, adduz-se o *Auto d'el-rei Seleuco,* pois não só o entrecho da peça lhes não podia ser agradavel, por avivar o que se passára com o ultimo casamento de D. Manuel, mas ainda no *argumento,* propositadamente disparatado, se falla na *Catharina Real, que havia de entrar em scena com uns poucos de parvos numa joeira e os havia de semear pela casa, de que nasceria muito mantimento ao riso.* Quer-me parecer que o poeta, effectivamente, quis ser desagradavel ao rei e á rainha, com o intuito de lisongear a infanta. Toda a gente sabia, com effeito, as razões de queixa que ella já então tinha do meio-irmão e da tia e cunhada. Mas se el-rei (que, diga-se de passagem, no anno de 1546, em que o auto foi escripto e representado, residiu fóra de Lisboa, como já fica dito) teve conhecimento do caso, é provavel que se não incommodasse muito, se estava informado das loucas pretenções do poeta. É até natural que gostasse houvesse um leviano que compromettesse a infanta. D. João III por cousa nenhuma queria desembolsar as 400:000 dobras d'ouro a que ella se julgava com direito, em virtude do contracto matrimonial celebrado entre D. Manuel e a ex-noiva de seu filho e successor.

(2) «Depois de todos estes negocios (projectos de casamento da infanta com o Delphim, filho de Francisco I, e com o archiduque Maximiliano, herdeiro do throno imperial) serem tractados pelo modo que

era muito capaz de fazer correr que ella dava ouvidos a um doidivanas d'um poeta (1).

Se nas odes 3.ª e 1.ª e no soneto 74 se acha reproduzido o estado de espirito do poeta ao começar o novo exilio (primeiramente irritação contra o *peito duro, cruel e empedernido* da infanta; em seguida, reviviscencia da paixão amorosa, *porfia na teima insana*), a elegia 2.ª revela-nos a phase intermedia e a epistola 1.ª patentea-nos a ultima. Vejamos.

Na elegia 2.ª, dirigida, segundo creio, a D. Francisco de Noronha, o poeta reconhece que nada o *defende das lembranças amorosas* e declara escrever *o seu derradeiro canto*. Se o exilio não termina, venha a morte.

> Aquella que, d'amor descomedido (2),
> Por o formoso moço se perdeu,
> Que só por si d'amores foi perdido,

---

dixe, veo a morrer no anno de 1545 ha princesa donna Maria, filha del Rei dom Joam terceiro, que era casada com dom Phelippe Principe de Castella, filho herdeiro do Emperador D. Carlos, depois da morte da qual, elle e ha Rainha donna Leanor trataram de casar (a infanta D. Maria) com este Principe dom Phelippe». Damião de Goes, *Chronica do felicissimo rei dom Emanuel* (era assim que escreviam esta palavra Erasmo [*Opera omnia*, ed. de 1703–6, t. VI, p. 10, t. VII, p. 7, t. VIII, p. 2] e outros grandes latinistas do renascimento), 4.ª parte, cap. 68 (Lisboa, 1566). «Muerta esta Princesa (D. Maria), se tratò luego de buscar otra muger al Principe Don Felipe... De espacio iba mirando Carlos Quinto, a quien tocaua este cuidado, la mayor conueniencia en este segundo casamiento de su hijo; y assi perseuerò viudo algunos años, tiempo em que siempre el Cesar se inclinaua a q̃ casasse con la Infanta Maria, porque, fuera de ser el mejor acierto, con la execucion satisfacia a su hermana Leonor, que, viuda ya del Rey Francisco de Francia, auia passado a Flandes, y instaua por el efecto, por ver a su hija acomodada de estado; y como el negocio se auia platicado entre los dos, apretauase por parte de la Reina sobre èl al Rey Don Juan, para que preuiniesse la entrega del dote que tocaua a su hija». Fr. M. Pacheco, *Vida*, etc., fl. 39.

(1) Continúa o consciencioso bigrapho da infanta: «Afligian al Rey estas diligencias, que nada deseaua menos que dexar salir esta Princesa de Portugal, asi por escusarse de pagar tan grande suma, como por el poco afecto q̃ algunos dezian que siempre tuuo a esta media hermana: mas hallandose apretado destos Principes, y de otras personas del Reino, que le hablauan en lo mismo en fauor de la señora Infanta, tratò de buscar ocultamente medios de estoruarlo». E o ardil a que nesta occasião recorreu o astuto monarca, — cujo jogo, aliás, sobre o assumpto passou, em breve, a ser bem conhecido por todos os interessados —, consta da curiosa carta que elle enviou, em 27 de junho de 1550, a Lourenço Pires de Tavora, seu embaixador junto de Carlos V, carta que Fr. M. Pacheco transcreve e commenta devidamente (fl. 40-42).

(2) A nympha Echo, que debalde se apaixonou por Narciso. Juno tinha-a condemnado a repetir sómente os ultimos sons que ouvisse.

Despois que a deusa em pedra a converteu,
De seu humano gesto verdadeiro
A ultima voz só lhe concedeu.

Assi meu mal do proprio ser primeiro
Outra cousa nenhuma me consente,
Que este canto, que escrevo derradeiro.

E se uma pouca vida, estando ausente,
Me deixa Amor, é porque o pensamento
Sinta a perda do bem de estar presente.

Senhor, se vos espanta o soffrimento,
Que tenho em tanto mal, para escrevê-lo,
Furto este breve espaço a meu tormento.

Porque, quem tem poder para soffrê-lo,
Sem se acabar a vida co cuidado,
Tambem terá poder para dizê-lo.

Nem eu escrevo um mal, já acostumado,
Mas na alma minha, triste e saudosa,
A saudade escreve e eu traslado.

Ando gastando a vida trabalhosa
E esparzindo a continua soidade,
Ao longo d'uma praia soidosa.

Vejo do mar a instabilidade,
Como com seu ruido impetuoso
Retumba na maior concavidade.

De furibundas ondas poderoso,
Na terra a seu pesar, está tomando
Lugar, em que se estenda cavernoso.

Ella, como mais fraca, lhe está dando
As concavas entranhas, onde esteja
Sempre com som profundo suspirando.

A todas estas cousas tenho inveja
Tamanha, que não sei determinar-me,
Por mais determinado que me veja.

Se quero em tanto mal desesperar-me,
Não posso, porque Amor e saudade
Nem licença me dão para matar-me.

As vezes, cuido em mi se a novidade
E estranheza das cousas, co a mudança,
Poderiam mudar uma vontade.

E com isto figuro na lembrança
A nova terra, o novo trato humano,
A estrangeira progenie, a estranha usança.

Subo-me ao monte que Hercules Thebano
Do altissimo Calpe dividiu,
Dando caminho ao Mar Mediterrano;

D'alli estou tenteando adonde viu
O pomar das Hesperides, matando
A serpe que a seu passo resistiu.

Estou-me em outra parte figurando
O poderoso Anteu, que derribado
Mais força se lhe vinha accrescentando;

Porém, do Herculeo braço subjugado,
No ar deixando a vida, não podendo
Dos soccorros da mãe ser ajudado.

Mas nem com isto, emfim, que estou dizendo,
Nem com as armas tão continuadas,
De amorosas lembranças me defendo.
Todas as cousas vejo demudadas,
Porque o tempo ligeiro não consente
Que estejam de firmeza acompanhadas.
Vi já que a primavera, de contente,
Em variadas cores revestia
O monte, o campo, o valle, alegremente.
Vi já das altas aves a harmonia,
Que até duros penedos convidava
A algum suave modo de alegria.
Vi já que tudo emfim me contentava (1)
E que, de muito cheio de firmeza,
Um mal por mil prazeres não trocava.
Tal me tem a mudança e estranheza,
Que, se vou por os prados, a verdura
Parece que se secca de tristeza.
Mas isto é já costume da ventura,
Porque aos olhos que vivem descontentes,
Descontente o prazer se lhes figura.
Oh graves e insoffriveis accidentes
Da Fortuna e d'Amor! Que penitencia
Tão grave dais aos peitos innocentes!
Não basta examinar-me a paciencia
Com temores e falsas esperanças,
Sem que tambem me tente o mal de ausencia?
Trazeis um brando espirito em mudanças,
Para que nunca possa ser mudado
De lagrimas, suspiros e lembranças.
E, se estiver ao mal acostumado,
Tambem no mal não consentis firmeza,
Para que nunca viva descansado.
Já quieto me achava co a tristeza (2)
E alli não me faltava um brando engano,
Que tirasse desejos da fraqueza (3).
Mas, vendo-me enganado estar ufano,
Deu á roda a Fortuna, e deu comigo
Onde de novo choro o novo dano.
Já deve de bastar o que aqui digo,
Para dar a intender o mais que calo
A quem já viu tão aspero perigo.
E, se nos brandos peitos faz abalo
Um peito magoado e descontente,
Que obriga a quem o ouve a consolá-lo,

(1) Isto é: me procurava contentar.

(2) Creio que o poeta allude ao seu estado de espirito, ao voltar do Ribatejo. Estava resignado a não pensar mais na infanta, mas achou-se illudido.

(3) Que lhe tirasse desejos de fraquejar, de abandonar o proposito em que estava.

Não quero mais senão que largamente,
    Senhor, me mandeis novas dessa terra,
    Que alguma dellas me fará contente.
Porque, se o duro fado me desterra
    Tanto tempo do bem, que o fraco esprito
    Desampare a prisão, onde se encerra,
Ao som das negras aguas do Cocito,
    Ao pé dos carregados arvoredos,
    Cantarei o que na alma tenho escripto.
E por entre estes (1) horridos penedos,
    A quem negou Natura o claro dia,
    Entre tormentos asperos e medos,
Com a tremula voz, cansada e fria,
    Celebrarei o gesto claro e puro,
    Que nunca perderei da phantasia.
O musico da Thracia, já seguro
    De perder sua Eurydice, tangendo
    Me ajudará, ferindo o ar escuro.
As namoradas sombras, revolvendo
    Memorias do passado, me ouvirão,
    E com seu choro o rio irá crescendo.
Em Salmoneu as penas faltarão,
    E das filhas de Bello juntamente
    De lagrimas os vasos se encherão.
Que, se amor não se perde em vida ausente,
    Menos se perderá por morte escura,
    Porque, emfim, a alma vive eternamente,
E amor é effeito da alma, e sempre dura.

(Continúa). DR. JOSÉ MARIA RODRIGUES.

---

(1) Talvez: *esses.*

LE DIPLODOCUS DE L'ÈRE SECONDAIRE

Rarement la paléontologie a été à pareille fête; un de ses monstres les plus extraordinaires a eu à Paris, comme il aura aussi sans doute à Londres et à Berlin, les honneurs officiels; nous voulons parler du fameux *Diplodocus,* dont le milliardaire américain, M. Andrew Carnegie (1), a fait cadeau d'un moulage au Président de la République en France, comme il avait fait don de deux semblables: l'un au Roi d'Angleterre et l'autre à l'Empereur d'Allemagne. C'est le 15 juin 1908 qu'a eu lieu la prise de possession solennelle de l'animal géant au Muséum d'histoire naturelle, section de paléontologie, en présence de M. Fallières, de M. Holland (2), professeur à l'Institut Carnegie (3) de Pittsburg (Pensylvanie), de M. White, ambassadeur des États-Unis à Paris, de M. E. Perrier, directeur du Muséum, et de M. Marcellin Boule, l'éminent professeur de paléontologie à ce célèbre Institut, où il a succédé à M. Albert Gaudry, le maître de cette science préhistorique en France et qui vient malheureusement de disparaître.

Grâce à la munificence du Mécène (4) américain, des

---

(1) Fils aîné d'un pauvre tisserand écossais qui, à l'âge de 13 ans, s'engagea dans le Nouveau-Monde comme chauffeur avec un salaire hebdomadaire de 7 fr. 50; c'est aujourd'hui un des hommes les plus riches de l'Univers.

(2) M. Holland, qui avait dirigé les fouilles du Wyoming, a été, au cours de la cérémonie, décoré des insignes d'officier de la Légion d'Honneur.

(3) L'Institut Carnegie de Pittsburg, qui a coûté 2.400.000 livres sterling, est un magnifique établissement scientifique, pourvu de nombreux laboratoires, observatoires, d'une bibliothèque de 250.000 volumes et d'autres installations remarquables, créées pour faciliter l'étude des problèmes scientifiques d'un grand intérêt général. La dotation de l'Institut est de 9 millions de dollars avec un revenu annuel de 450.000 dollars.

(4) Cet amasseur d'argent a donné vingt-cinq millions de dollars à l'Institut Carnegie, dix millions de dollars aux Universités d'Ecosse, quinze aux retraites des professeurs des Collèges et Universités d'Amérique, douze pour une caisse des Recherches scientifiques à Washington, etc., etc.

fouilles profondes ont pu être effectuées en 1904, sous la direction de M. Holland, dans les terrains des Montagnes Rocheuses appelées *Atlantosaurus-beds* (à cause des énormes quantités d'ossements de ces reptiles gigantesques qu'ils renferment). En une localité du Sheep-Creek, Albany County, (Wyoming), dans des couches puissantes de grès, datant de la fin du Jurassique, on a découvert parmi de nombreux fossiles, «documents et textes, comme a dit Buffon, du passé «disparu», l'unique spécimen encore connu d'un *Diplodocus* presque complet, et dont l'original fait la gloire de l'Institut Carnegie.

C'est le moulage exact en carton-pâte de cet animal géant, transporté d'Amérique en France sur le paquebot «Gascogne» et arrivé à Paris emballé en 34 caisses, contenant 340 pièces, qu'on peut maintenant admirer au Muséum, où l'installation du monstre, vu sa taille phénoménale, ne s'est pas faite sans difficultés; ainsi, pour l'y mettre, il a fallu déplacer quelques-uns des spécimens les plus rares de la faune préhistorique.

Le grand saurien a été érigé entre l'*Iguanodon bernissartensis,* lui aussi, type (inférieur) de l'ordre des Dinosauriens, et une tête de *Sténéosaurus heberti,* qui fait songer à celle du crocodile; en arrière se dresse un *Dinocéras mirabile,* de l'Eocène moyen, grand pachyderme omnivore et provenant également du Wyoming; enfin, en avant du prodigieux amphibie, dû à la générosité du richissime concitoyen de Jonathan, est exposé un *Parciasaurus buini,* étrange type de reptile, ayant des affinités à la fois avec les amphibiens et avec les mammifères.

Le Diplodocus se trouve donc là, presque en famille, avec des congénères; mais même le plus grand de ses «frères», ou plutôt «cousins», par exemple l'*Iguanodon bernissartensis,* aux formes colossales, puisqu'il mesure 9^{m}50 de long sur 4^{m}50 de haut, paraît un nain à côté du géant (1), le roi américain non du cuivre ou du pétrole, mais de la faune paléontologique, avec ses formidables et majestueuses dimensions: 25^{m}60 de la tête à l'extrémité de l'appendice caudal. En se dressant sur ses pattes de derrière, le gigantesque reptile aurait bien

(1) Pourtant le Dr G. R. Wieland a découvert dans les *Black Hills* (Collines Noires) du Dakota-sud un animal de même structure, encore plus colossale, le *Barosaurus,* dont le cou serait énorme et dont les dimensions auraient largement dépassé celles du *Diplodocus.*

atteint la taille de 15 à 16 mètres; aussi a-t-on fait cette plaisante remarque qu'il aurait pu aisément cueillir une plante au cinquième étage d'une de nos maisons modernes.

L'esprit demeure confondu en présence de tels phénomènes de la nature, vivant aux temps préhistoriques, fabuleux témoins d'une grandiose époque disparue, plongeant dans l'abîme des siècles et dont l'étude jette quelques lueurs sur les ombres énigmatiques d'un passé nébuleux. Quelle émotion, faite de respect et peut-être aussi comme d'une crainte quasi-superstitieuse, n'ont pas dû éprouver les ouvriers yankees en mettant à nu dans des formations fossilifères des Montagnes Rocheuses, «catacombes des anciennes créations miraculeusement «conservées par les siècles», les vénérables vestiges du colosse antédiluvien, et le vers grandiloquent du chantre des Géorgiques, à propos de la découverte des ossements de grande taille des ancêtres, revient spontanément à la mémoire:

«*Grandiaque effossis mirabitur ossa sepulcris!*»

C'est un genre d'émotion analogue que ressentit sans doute Mariette, lorsque le célèbre Égyptologue français, en pénétrant dans le Sérapéum découvert par son merveilleux génie, aperçut tout à coup l'empreinte du pas d'un Égyptien qui, plusieurs milliers d'années avant lui, avait foulé de son pied le sol où reposaient, dans leurs gigantesques sarcophages de granit, les momies des Apis sacrés qu'adoraient les Pharaons des dynasties memphitiques!

Quant au squelette fossile du Diplodocus, il mesure, avons-nous dit, plus de 25 mètres de long et, si ce monstre dépassait le *Brontosaurus* qui, lui, n'atteignait guère, estime-t-on, qu'une vingtaine de mètres, il ne venait dans l'ordre de grandeur qu'après l'*Atlantosaurus,* dont certains individus n'auraient pas mesuré moins de 30 mètres au dire de M. de Parville, de 36 mètres d'après M. Gaston Boissier (de l'Institut), et, même de 50 mètres suivant M. Guillaume Grandidier.

Le *Diplodocus* (1) (διπλόος, double δοκός, poutre, charpente) est classé parmi les *Sauropodes* (σαῦρος, lézard, ποῦς, ποδός,

---

(1) Devenu le type de la famille des *Diplocidæ,* «caractérisée par des «dents grêles, cylindriques, en forme de chevilles, présentes seulement «dans la partie antérieure de la mâchoire».

pied) (1), sous-ordre des *Dinosauriens* (2) (δεινός, terrible, σαῦρος, lézard), dont l'épithète est peut-être usurpée (3), et dont «la forme du corps, suivant la judicieuse remarque de «Trouessart, ou plutôt la démarche était plus semblable à «celle des mammifères et des oiseaux qu'à celle des reptiles «quadrupèdes de l'époque actuelle». En tout cas, c'est un quadrupède amphibie, dont on a pu dire avec assez de vérité qu'à part la tête d'une structure spéciale il est la simple reproduction, à une échelle deux cents fois plus grande, du petit lézard vert qu'on voit se chauffer au soleil ou courir dans les fissures des vieux murs. Ce saurien avait, d'après le paléontologiste américain H. Fairfield Osborn, la faculté physique de se lever sur ses pattes de derrière, comme le kangourou de l'Australie, en s'appuyant faiblement sur la partie moyenne de sa queue. «Dans une telle position l'animal, «a écrit ce savant, aurait été capable non seulement de brouter «parmi les branches supérieures des arbres, mais encore de «se défendre contre les Dinosauriens carnivores en se ser-«vant de ses pattes de devant relativement courtes, mais «puissantes pour repouser des attaques».

Un autre étrange détail de structure chez le Diplodocus consiste en ce que les pattes de ce reptile étaient sigulièrement rapprochées, surtout eu égard à l'allongement de la tête; les antérieures et les postérieures se trouvaient presque d'égale longueur, bien que les premières fussent cependant un peu plus courtes que les secondes; aussi les naturalistes se sont-ils souvent demandé comment une telle masse chez un animal, à la fois bas sur ses quatre pattes et à forme très allongée, pouvait se mouvoir à la surface du sol.

La particularité la plus saillante du Diplodocus est sa *double* charpente, (presque symétrique par rapport au milieu de l'animal) constituée par deux enchaînements de vertèbres, qui vont en décroissant progressivement: d'une part les caudales jusqu'aux grêles extrémités de la queue, et de l'autre les dorsales jusqu'à la tête minuscule, dont nous parlerons

---

(1) Parce que leurs pieds sont ceux du lézard.

(2) Groupe des *Dinosauria*, ainsi désigné par Owen et complètement éteint dès le début de l'époque tertiaire.

(3) Dénomination peut-être exagérée, mais en tout cas ces animaux comptaient parmi les plus monstrueux du globe. — «Aucun animal ter-«restre, a écrit M. H. Fairfield Osborn, n'a jamais approché, comme «taille, de ces gigantesques *Dinosauriens*».

plus loin; c'est d'ailleurs à ce curieux caractère, à cette singularité anatomique que ce type de Dinosaurien doit son nom significatif.

M. H. Fairfield Osborn, le savant professeur de zoologie (1), a fait ressortir les caractères remarquables de l'architecture du squelette du Diplodocus. «L'épine dorsale, a «écrit ce spécialiste américain, est, en effet, une merveille! «La perfection de la structure de l'animal consiste en ce «qu'elle atteint le maximum de force avec le minimum de «poids. Ce résultat est obtenu par le fait qu'il n'y a pas un «millimètre cube d'os de trop qui puisse être épargné, sans «que les vertèbres soient affaiblies pour les divers efforts et «les tensions auxquels elles sont soumises, et ils doivent, ces «efforts, être certes formidables chez un animal mesurant de «soixante à soixante-dix pieds de longueur... Ainsi, compa«rant une vertèbre de Dinosaurien *camarasaurus* avec le «poids par pouce cube d'une vertèbre d'autruche, on arriva «à l'étonnante conclusion qu'elle ne pesait que vingt et une «livres, soit la moitié du poids de la vertèbre d'une baleine «de même grosseur». Le squelette d'une baleine de soixante-quatorze pieds de long pèserait 72.000 livres environ, tandis que celui d'un Dinosaurien de même longueur ne dépasserait pas approximativement 10.000 livres.

Nous avons dit que les vertèbres caudales, de plus en plus effilées jusqu'à l'extrémité de la queue, étaient au nombre de soixante-dix environ et ne mesuraient guère que 0^m25 à 0^m30, tandis que les vertèbres dorsales, moins nombreuses, fixées les unes aux autres, mais atteignant près d'un mètre de hauteur, étaient bien plus développées que les caudales. Quant aux formidables pattes massives, elles étaient si énormes qu'à lui seul le fémur de notre Diplodocus mesurant 1^m50 de long dépassait le poids invraisemblable de 100 kilos; les pieds, de 0^m50 chaque et rappelant en énorme ceux du lézard, comptaient chacun cinq doigts, dont trois munis d'une griffe de 0^m10 à 0^m20, et on peut observer que le bassin, très développé, évoque à l'esprit l'idée de l'anatomie ornithologique. Le cou, démesurément long et très flexible, était composé de vertèbres en nombre plutôt restreint, mais mobiles les unes sur les autres et excessivement allongées (0^m50 environ

(1) A l'Université de Columbia, conservateur du Musée américain d'Histoire Naturelle.

de longueur), suivant une particularité de structure qui se retrouve chez la girafe.

Mais le plus bizarre c'est que la série de ces vertèbres cervicales aboutit à une tête ridiculement réduite par rapport au reste du corps, anomalie d'autant plus frappante qu'Osborn estime à une tonne par mètre courant le poids moyen de ces géants à poil ras avec leurs chairs; d'après cette estimation, peut-être un peu forcée, le Diplodocus du Musée Carnegie aurait pesé plus de vingt-cinq tonnes.

Musurant à peine $0^{m}60$ de long sur $0^{m}20$ de large, amincie en avant, la tête a la dimension de celle d'un poney avec un cerveau (incliné obliquement en arrière et en bas), de $0^{m}10$ de long environ, gros comme le poing tout au plus. On en a conclu que ce monstre au minuscule encéphale avait une intelligence des plus bornées; par contre, autre bizarrerie, la moelle épinière a un diamètre double et, en certains points, même triple du cerveau.

Chaque mâchoire, présentant comme l'apparence d'un peigne ou d'un double rateau, est garnie de vingt-six dents cylindriques, analogues à des incisives allongées, faiblement tranchantes à leur extrémité, et curieux détail: ces dents chez cè reptile, comme chez l'homme les dents de l'adulte succédant à celles de l'enfant, étaient susceptibles de se remplacer; mais au lieu de se produire une fois seulement le remplacement pouvait s'effectuer un grand nombre de fois, comme l'indique la coupe verticale de la mâchoire du Diplodocus, qui révèle «à côté de la racine de la dent visible les «sommets de quatre à cinq dents de plus en plus petites et «situées les unes à côté des autres, comme prêtes à se rem«placer successivement».

D'après les caractères de la dentition et aussi d'après la structure des membres et la constitution des articulations du Diplodocus, comme l'a fait observer le grand paléontologiste américain Marsh, on a déduit que cet animal était aquatique et de plus herbivore. «D'ailleurs, ainsi que l'a remarqué «M. G. Bonnier, tous les squelettes fossiles de ces amphibies «se sont rencontrés dans des dépôts formés par de grands «lacs d'eau douce peu profonde».

Marsh, que la découverte de ces géants de la faune préhistorique a fait appeler «le père du Diplodocus», suppose que ce saurien ne devait se nourrir que de plantes aquatiques, précisément riches en suc et pauvres en parties ligneuses. Suivant ce savant le Dinosaurien vivait sans doute dans les marécages ou au milieu de lagunes de faible profondeur.

D'ailleurs les formes même du reptile n'indiquent-elles pas que le Diplodocus devait être un animal lacustre ou paludéen, se plaisant sur les rives marécageuses, au milieu des estuaires et des lacs si nombreux parmi les archipels de l'époque jurassique?

Lorsque le Diplodocus, au long col, se tenait dans des bassins lacustres, sa tête émergeant des eaux lui permettait, soit au moyen de son double râteau de dents d'arracher et de brouter les herbes à la surface, soit d'aspirer l'air de temps à autre. Sa queue formait, en outre, un puissant organe de natation, tandis qu'à terre elle lui servait, à l'occasion, d'arme redoutable. Alors promenée par son col allongé, la tête de cet animal si agile (1) pouvait tantôt raser le sol, tantôt atteindre aisément les arbres pour y cueillir sa nourriture frugale, car il fallait nécessairement au monstre une quantité considérable d'aliments, et on a calculé que ce corps gigantesque devait journellement engloutir 5 à 600 livres de feuillages; comme on a dit plaisamment, «ce n'était pas une «sinécure que de manger un tel repas avec une si petite tête «et de si mauvaises dents!» En tout cas, le Diplodocus, dévorant nuit et jour, mangeant voracement sans trêve ni repos, menait, sans doute, une vie analogue à celle des hippopotames de l'époque actuelle, eux aussi herbivores, que les voyageurs voient nager dans les grands fleuves ou les lacs de l'Afrique équatoriale, tantôt allant sous l'eau, tantôt marchant sur les terrains marécageux des rives plantureuses, bref vivant à la manière des amphibies.

L'intelligence du colosse n'était pas, vraisemblablement, en rapport avec sa voracité, puisque, eu égard aux dimensions de son corps, la grandeur de son cerveau était cent fois moindre que celle de l'encéphale d'un crocodile, dont les capacités intelligentes sont fort rudimentaires; d'ailleurs, le Diplodocus contemporain, comme nous allons le voir, de l'ère secondaire, existait à une époque où, suivant une judicieuse observation de M. Gaudry, les facultés qui marquent le perfectionnement des êtres animés étaient incomplètes, où

---

(1) «Les derniers résultats des fouilles (au Wyoming) contredisent «la théorie traditionnelle, d'après laquelle les gigantesques Dinosauriens «étaient toujours indolents. Cet animal aux membres élancés était grand, «muni d'un long cou et, pour sa taille, d'une remarquable agilité». — *Fossil Wonders of the West*, par Henry Fairfield Osborn — *The Century Magazine*, London, septembre, 1904.

il n'y avait encore dans le monde que peu de sensibilité et d'intelligence, celle-ci chez les bêtes de l'ère secondaire allant en raison inverse de leur taille.

«A un autre point de vue, remarque M. G. Grandidier, «ce Dinosaurien est encore un type intéressant, parce qu'il «est un des derniers représentants du rameau phylétique de «ces énormes reptiles. Les temps géologiques ont, en effet, «vu disparaître un grand nombre de ces rameaux, car il en «est très peu, relativement, qui aient été doués d'une sève «suffisante pour parvenir jusqu'à nous».

On s'est demandé quand vivait le Diplodocus, à laquelle de ces «époques de la Nature, qui nous sont encore pré«sentes par leurs fossiles, a dit Buffon, comme l'histoire de «l'Humanité nous est présente par les monuments et les «médailles des peuples disparus». C'est à la fin du Jurassique et au début du Crétacé, à cette ère que la géologie et la paléontologie ont appelée *secondaire* (1), époque d'ailleurs des plus remarquables (2), pendant laquelle l'Europe septentrionale était à nouveau submergée par les flots de l'Océan, les plaines liquides de la Méditerranée allaient en s'élargissant avec ampleur et l'Amérique du Nord, soumise à une extrême humidité, présentait l'aspect d'un immense continent marécageux. C'est l'époque du *Grand,* où s'étalent les formes gigantesques et insolites de bêtes prodigieuses (qui évoquent à l'esprit les images d'animaux mythologiques, de sphinx ou de dragons), ère où atteignent leur apogée des monstres étranges, à la taille colossale, à la structure fantastique, moitié reptiles et moitié oiseaux, plus remarquables, comme le Diplodocus, par leur énormité irrégulière et disproportionnée que par leur instinct sans doute fort borné. «Antiques «et incompréhensibles habitants du globe, comme a observé

---

(1) «Les traces de mammifères sont alors assez rares, et les végétaux «qui prédominaient à cette époque sont les Cycadées et les Conifères». *L'âge de la Pierre,* par Georges Rivière, Ch. «Les Temps géologiques», p. 12.

(2) «Jamais à aucune époque de l'histoire, telle que nous la con«naissons actuellement, il n'y a eu des tableaux champêtres aussi remar«quables que ceux qui étaient représentés, lorsque le règne de ces repti«les titans était à son apogée. Nous pouvons nous figurer des troupeaux «composés de ces créatures, de 50 à 60 pieds de long, avec des mem«bres et une démarche analogues à ceux d'éléphants gigantesques». — H. Fairfield Osborn.

«Pouchet (1), que le génie des Cuvier et des R. Owen res«titua de toutes pièces à nos yeux émerveillés!»

Sans doute à cette époque ce n'était plus la végétation des temps carbonifères avec ses imposantes forêts aux équisétacées et aux fougères gigantesques sous un ciel sombre et voilé, mais de plus en plus luxuriante s'étalait sous l'influence de la chaleur humide une flore nouvelle, dont les types majestueux, avec les énormes *Lépidodendrons,* les immenses *Sigillaires,* les élégants *Cyras* aux branches recourbées et les *Traucarias* géants, devaient, d'après les empreintes découvertes dans des formations secondaires, ressembler en grand à nos conifères, à nos palmiers, à des plantes aquatiques à longues feuilles et à vastes nervures aqueuses (2).

C'est alors qu'à une époque des dimensions *maxima* et dite aussi «des Reptiles» vivaient les *Ichthyosaures* et les *Plésiosaures,* titaniques lézards, les uns affectant la forme de poissons, les autres remarquables par leur encolure serpentiforme, les *Ptérosauriens,* volant à l'instar de nos chauves-souris, pendant que d'autres monstres terriens ou amphibies se plaisaient à fouler le sol ou à se promener dans les marécages, par exemple le *Labyrinthodon,* crapaud de la taille d'un bœuf, le *Tricératops,* quadrupède aussi grand qu'un éléphant, au crâne armé de trois cornes redoutables, l'une sur le nez et les deux autres au-dessus des yeux (3). C'est alors, pedant l'ère secondaire, que «les continents, a écrit «M. Guillaume Grandidier, ont vu la force brutale parvenir «à son apogée sous la forme des *Dinosauriens* (4)», reptiles quadrupèdes de taille énorme, les uns carnassiers, les autres herbivores. Dans le premier groupe figure par exemple le *Cératosaurus* à l'allure du kangourou et se signalant pas sa corne de rhinocéros; dans le second se montraient l'*Iguano-*

(1) *L'Univers. — Les infiniment grands et les infiniment petits* p. 289.

(2) «A certaines époques de la période secondaire, depuis le Lias «jusqu'à la Craie inclusivement, la végétation semble avoir approché de «celle des grandes îles de la zone équatoriale, telle, par exemple, que «celle qui est aujourd'hui en pleine vigueur aux Antilles». *Principes de Géologie,* par Charles Lyell. 1re Partie, Ch. IX, p. 328.

(3) Le crâne d'un *Tricératops* fossile, découvert dans les terrains crétacés du Wyoming, pesait à lui seul 1.800 livres.

(4) Définis par Trouessart: «oiseaux à sang froid et privés de la fa«culté de voler».

don, au type très répandu dans les musées de paléontologie (1), l'*Atlantosaurus,* dont le squelette n'a pu encore être reconstitué en entier, le *Bothriospondylus,* dont les vestiges ont été retrouvés à Madagascar, le *Stégosaurus,* à la queue munie de doubles piquants et protégé par une puissante cuirasse de plaques dermiques, le *Brontosaurus* (2), plus trapu que le *Diplodocus,* qui, lui aussi, appartient à cette catégorie de Dinosauriens herbivores, et dont la longévité aurait été très grande d'après Osborn, qui l'évalue à deux ou trois siècles, mais en prenant comme terme de comparaison la durée moyenne des reptiles de notre époque; d'ailleurs, leur gigantisme s'expliquerait plus facilement, si l'on admet la théorie suivant laquelle ces sauriens n'auraient pas cessé de croître pendant toute leur longue vie.

Le Diplodocus, sorte de serpent fabuleux attaché à un corps d'éléphant gigantesque, nous reporte donc à une époque excessivement reculée, bien antérieure à l'apparition de l'homme sur notre planète, bien avant que nos ingénieux ancêtres primitifs, contemporains de l'*Eléphas Antiquus* ou du *Rhinocéros Merckii,* se missent à fabriquer leurs premiers instruments en utilisant des silex comme percuteurs, à tenter leurs ébauches d'industrie ou d'art rudimentaire en taillant leurs haches en amande, leurs coups de poing chelléens et leurs perçoirs solutréens en forme de feuille de laurier, en sculptant leurs harpons barbelés en corne de renne, en traçant des profils de bisons noirs ou rouges au fond des cavernes d'où ils avaient chassé les fauves, en élevant ces curieuses habitations lacustres sur pilotis, ces palafittes, que «le génie «de l'homme avait appris à isoler dans les eaux», enfin, bien avant cette époque idyllique dont le doux chantre des Géorgiques semble avoir eu l'intuition, lorsqu'il disait:

«*Ver illud erat, ver magnus agebat orbis*»

---

(1) On sait qu'un grand nombre de squelettes de ces animaux ont été trouvés dans les charbonnages de Bernissart, près de Tournai, d'où le nom de *Bernissartensis.* On peut admirer 29 de ces Dinosauriens (dont deux *Mantelli*), dressés dans une pose aussi pittoresque que naturelle, au Musée d'Histoire Naturelle de Bruxelles, qui a pour conservateur l'éminent paléontologiste et géologue, M. Rutot.

(2) «Le *Brontosaurus,* le «Thunder saurien» de Marsh, était «beaucoup plus massif (que le Diplodocus), dans sa structure et son corps «était relativement plus petit». H. Fairfield Osborn.

allusion poétique à un éternel printemps qui aurait régné sur la terre!

Un problème des plus intéressants a souvent été posé à propos du Diplodocus, comme des autres animaux gigantesques de l'ère secondaire? Comment ces monstres formidables ont-ils disparu? L'hypothèse de Cuvier, qui en expliquait l'extinction par sa théorie des «Révolutions du globe» (1), d'après laquelle les différentes espèces apparaissaient et disparaissaient dans l'intervalle de deux cataclysmes, semble écartée depuis les célèbres travaux de Lyell (2), qui soutient au contraire la série des *lentes* transformations cosmiques, donnant l'explication de l'histoire de la Nature.

Faut-il, par ailleurs, accepter l'opinion formulée par Darwin (3), l'apôtre du «transformisme», à savoir que les Dinosauriens devaient trouver avec difficulté à s'alimenter et qu'ils ont dû céder la place à d'autres animaux mieux adaptés qu'eux dans *la lutte pour la nourriture,* qui était la lutte même pour la vie? Pour le célèbre naturaliste anglais «l'évo«lution, a écrit M. Cartailhac (4), s'explique par l'influence «qu'exerce la sélection naturelle, conséquence nécessaire de «la lutte pour la vie, qui donne la victoire au plus fort, au «mieux doué»; mais on sait que *le transformisme* a été vivement combattu par les disciples mêmes de l'auteur de l'*Origine des Espèces* et qu'en fait «les biologistes les plus récents «traitent le darwinisme avec quelque dédain et comme une «hypothèse vieillie (5)».

D'ailleurs dans le terrible *struggle for life* entre gigantesques compétiteurs luttant avec férocité pour l'existence, les puissants et monstrueux Dinosauriens devaient offrir une force de combativité et de résistance suffisante au regard de leurs formidables rivaux. Le Diplodocus, par exemple, au cours de l'ère secondaire qui a vu sa disparition, n'avait sans doute rien à craindre pour la concurrence vitale des mammifères qui, eux, ne datent que du tertiaire, «ces êtres dont

---

(1) *Discours sur les Révolutions du globe* (1812-1824).

(2) *Principes de Géologie* (1830-1834).

(3) *Origine des Espèces* (1859). — Darwin fut le disciple enthousiaste de Lyell, dont il étendit les nouvelles doctrines par le *transformisme* à la biologie même. — Voir sur cette intéressante question *Charles Darwin*, par Émile Thouvenez, Paris, 1908.

(4) *La France préhistorique*, Ch. «L'ère tertiaire», p. 31, Paris, 1896.

(5) Voir l'article très suggestif d'Alfred Russel, *The present position of Darwinism* dans *The Contemporary Review*, London, august, 1908.

«la peau est le plus souvent délicate, unie ou couverte de «poils, a écrit M. Albert Gaudry (1), et qui n'ont eu leur «complet développement que lors de l'extinction des énormes «reptiles secondaires, auxquels une peau coriace et quelque-«fois cuirassée donnait des avantages dans la lutte pour «la vie».

Ce n'était pas là l'opinion du naturaliste M. Trouessart, qui a écrit: «Il semble que les Dinosauriens ont vécu sur «le terrain américain plus tard que sur l'ancien continent. «Les Dinosauriens ont disparu au moment même où les pre-«miers mammifères de grande taille ont fait leur apparition, «et leur extinction est due, sans aucun doute, à la *concurrence* «*vitale* que ces derniers leur ont suscitée (2)».

Ne faudrait-il pas plutôt chercher les causes de la disparition de ces monstres à la fois «dans la révolution» cosmique qui s'est produite à la fin de l'époque jurasique à travers l'Amérique du Nord et dans le changement de température qui l'a accompagnée?

C'est alors que la région marécageuse ou lacustre, qui formait là un immense bassin, s'est progressivement abaissée jusqu'à constituer d'abord des lagunes, puis une vaste mer intérieure, et, les conditions de vie et d'alimentation pour le Diplodocus, reptile amphibie, se trouvant modifiées, avec l'habitat aquatique, du tout au tout, ce Dinosaurien aurait été fatalement sacrifié par la Nature impitoyable.

«L'hécatombe de cette dynastie de Dinosauriens géants, «a écrit M. H. Fairfield Osborn (3), s'est produite sinon «tout à fait, du moins presque simultanément dans l'univers «entier. L'explication qu'on peut déduire de catastrophes «similaires dont furent victimes d'autres grands types d'ani-«maux, c'est qu'une large charpente osseuse avec une garni-«ture de dents très spéciale, appropriée seulement à une cer-«taine nourriture toute particulière, constitue une dangereuse «combinaison de caractères. Un tel organisme monstrueux «n'est pas d'une adaptation durable; tout sérieux changement «des conditions ambiantes de nature à éliminer le genre «spécial de nourriture ne peut manquer, comme conséquence «nécessaire, d'éliminer aussi ces grands animaux».

---

(1) *Les ancêtres de nos animaux dans les temps géologiques*, p. 38, Paris, 1888.
(2) *Grande Encyclopédie*, art. *Dinosauriens.*
(3) *Fossil wonders of the West*, par H. Fairfield Osborn, déjà cité.

Nous citerons encore une ingénieuse théorie du professeur Cope, d'après laquelle quelques-uns des mammifères jurassiques petits, inoffensifs et passant inaperçus, par exemple de la taille de la musaraigne ou du hérisson, auraient pris l'habitude de rechercher les nids de ces Dinosauriens, mordant à travers les coques de leurs œufs et détruisant ainsi les petits. L'explication est aussi originale que spécieuse; en tout cas le champ des hypothèses dans cette intéressante question est illimité.

D'ailleurs, M. Gaudry a fait cette curieuse observation: «Ce ne sont pas *les Rois* des temps géologiques qui ont duré «le plus longtemps; ce sont des êtres mixtes, à caractères «peu saillants, petits, chétifs». De son côté, M. Cartailhac, dans son bel ouvrage *La France préhistorique,* écrit: «Une «loi générale régit la succession des êtres vivants: les espèces, «les genres, les familles elles-mêmes, ont une vie distincte à «peu près comme les individus: on les voit apparaître, se «développer, décliner et mourir!»

Bref les causes réelles et effectives des apparitions et des disparitions des espèces demeurent mystérieuses. Le génie d'un Cuvier peut, avec un simple fragment fossile, reconstituer de toutes pièces et comme avec une merveilleuse divination un animal préhistorique, dont l'espèce a été complètement anéantie à la surface du globe; mais le savant n'arrive pas à percer l'énigme des causes qui ont amené l'extinction de ces monstres bizarres.

«L'imagination seule, a dit M. Hébert (1), s'imagine que «la Science humaine est toute-puissante!» Non. Il est une limite infranchissable à l'orgueilleuse présomption de la science de l'homme bridée par une Volonté supérieure et divine!

Le Chevalier Joseph Joûbert.

---

(1) *Oscillations de l'écorce terrestre,* Auxerre, 1860.

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

O INSTITUTO

REVISTA SCIENTIFICA E LITTERARIA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — Rua do Infante D. Augusto, 44 — COIMBRA.

Propriedade e edição da Sociedade scientifica — O INSTITUTO de Coimbra

DIRECTOR
DR. BERNARDINO MACHADO
Presidente do INSTITUTO

Composto e impresso na IMPRENSA DA UNIVERSIDADE.

SCIENCIAS MORAES E SOCIAES

UNIVERSIDADE DE LISBOA-COIMBRA (1)

EVOLUÇÃO HISTORICA

A Universidade medieval

(1288 a 1500)

Como nasceu?

Como a maior parte das Universidades fundadas na segunda metade da Edade media, nos Estados christãos da Europa Occidental, pelo modêlo original das Universidades archetypos de Bolonha e Paris, a Universidade de Lisboa-Coimbra veio á existencia de uma associação corporativa de mestres e estudantes, constituida em Lisboa, na côrte pacifica e trovadoresca de D. Dinis, sob os auspicios do Rei e a protecção de parte do clero nacional.

Póde conjecturar-se que já em 1288 os estudantes portugueses que até ahi peregrinavam, como bons escolares me-

(1) Este artigo constitue as primicias dum estudo que o auctor traz entre mãos, e que se dignou ceder ao *Instituto*. (*Nota da Redacção*).

dievaes, pelas Universidades de Salamanca, Montpellier e Paris, e formavam em Bolonha a segunda Nação cis-montana, se reuniam em Lisboa, n'uma pequena casa de Alfama, os Estudos Reaes, onde alguns mestres iam ler as horas canonicas, a Grammatica, a Logica, os Decretos, as Decretaes e a Physica, que, com a sacra-pagina, constituiam todas as artes e sciencias, o quadro completo do saber medieval.

Aos nascentes Estudos de Lisboa faltava ainda n'essa epocha a sancção apostolica, pontificia, indispensavel á sua existencia legal, pois que todo o ensino repousava na fé, sob a auctoridade da Egreja, e só pela auctoridade do Papa podiam ser conferidos os graus, universalmente conhecidos.

Para esse fim, reza a chronica, se reuniram em Montemor-o-Novo, no mesmo anno de 1288, os Abbades, Priores e Reitores do Reino, que contribuiam para o pagamento dos salarios dos Estudos, e representaram collectivamente ao Papa, supplicando-lhe que confirmasse a applicação que haviam feito das rendas das suas Egrejas e Mosteiros, e em tudo reconhecesse os Novos Estudos, intentados para honra da Patria e serviço de Deus.

A petição não foi logo deferida porque o alto clero secular, em conflicto com o Rei, litigava em Roma perante a curia. Mas, dois annos volvidos, o Papa Nicolau IV expede a Bulla *De Statu regni Portugaliae,* dirigida á Universidade dos mestres e estudantes de Lisboa, dando como existentes os estudos que ahi estavam plantados, nas tres faculdades licitas, concedendo-lhe o fôro ecclesiastico e a licença, *jus ubique regendi,* sendo os graus conferidos pelo Bispo da diocese, em nome da sua auctoridade pontificia.

O que era a Universidade?

Socialmente, a Universidade era uma corporação, com o privilegio do ensino. Em Lisboa e Coimbra, como em Salamanca, Bolonha e Paris, a palavra Universidade significava, não a universalidade dos conhecimentos humanos encerrada no quadro dos seus estudos, mas o conjuncto dos Mestres e Estudantes, formando um gremio corporativo, como os corpos de artes e officios, as guildas, as ligas de commercio, as simples irmandades e confrarias, umas e outras geradas por aquelle espirito de cohesão associativa, que caracterizou a sociedade medieval.

Collocada sob a égide real e pontificia, a corporação era autonoma e independente no seu governo interno, ella propria arrecadando as suas rendas, taxando as collectas, elegendo as auctoridades academicas, com a nota particular de que as de Coimbra e Salamanca, modeladas pelo typo de Bolonha, eram sobretudo *Universidades de estudantes,* estes predominando no governo corporativo.

Assim, todos os annos, os estudantes elegiam entre si dois Reitores ou Maioraes, um legista, outro canonista, e os conservadores, o bedel, todos officiaes da Universidade. Os lentes eram egualmente eleitos entre os doutores e em 1431 a Universidade promulgou ella propria os seus Estatutos porque se havia de reger. A Universidade, que hoje é a escrava do Estado e do seu centralismo administrativo, era então uma pequena Republica, governando-se democraticamente, senhora dos seus destinos.

Os privilegios

Além do privilegio do ensino, a Universidade disfructava, como corporação, innumeras franquias, vivendo dentro do Estado ao abrigo de um regimen juridico especial e favorecido.

O Papa Nicolau IV, pela bulla de confirmação, concedera-lhe o fôro ecclesiastico, isentando todas as pessoas da Universidade da jurisdicção das auctoridades communs, e o Rei D. Dinis em 1309, depois de transferida para Coimbra, deu-lhe uma *carta de privilegios*, tendentes a favorecer a frequencia dos estudos e o desenvolvimento do ensino, para que no Reino não faltassem physicos e legistas.

Assim, desde que um estudante partia da sua longiqua morada para os Estudos de Coimbra, ficava logo disfructando os privilegios tutellares, corporativos, podendo transitar livremente por todos os logares do Reino, com seus criados, livros e alfaias, isento de direitos de portagem, em toda a parte recommendado pelo Rei á protecção das justiças.

Em Coimbra, tinham os estudantes residencia privilegiada, n'um bairro afastado, em torno das escolas, do Arco de Almedina para cima, sendo os moradores obrigados a alugar-lhes casas, pelo aluguel que fosse taxado por um tribunal mixto de dois estudantes e dois *homens bons do concelho.* Nenhum burgues lhes podia fazer aggravo. Estavam isentos dos estrictos regulamentos da vida medieval, e, á noite, depois

do *sino corrido*, quando os do burgo já não podiam sahir de suas casas, transitavam livremente, nas ruellas da cidade, os estudantes seculares turbulentos e espadachins.

A Universidade era um Estado no Estado, uma cidade assente no burgo de Lisboa ou Coimbra.

O curriculum

Quando a Universidade foi transferida, pela primeira vez, para Coimbra (1309), o quadro dos Estudos comprehendia ao todo quatro cadeiras — *Grammatica* e *Rhetorica, Decretos, Decretaes,* e *Physica*. Constituindo respectivamente a Faculdade menor das Artes e as Faculdades maiores de Canones, Leis e Medicina. Em quatro mestres ou doutores, que eram todo o seu corpo docente, se encerrava o saber humano, contido na Philosophia de Aristoteles, nas Instituições de Justiniano, nos commentarios de Hypocrates e Galeno, a sciencia sendo concebida como um circulo finito de conhecimentos, totalmente explorado pelos antigos.

Em uma escriptura de 1323, lavrada em Santarem entre o Rei e o Mestre da Ordem de Christo, mencionam-se os salarios dos lentes que eram 600 libras (21$600 réis) ao Mestre de leis, 500 libras ao de Canones, 200 libras ao de Medicina; e figura, a mais, um mestre de musica, sendo a Universidade de Coimbra, a de Salamanca e a de Oxford das primeiras Universidades medievaes que introduziram a cultura d'esta Arte nos seus estudos.

Só depois do meado do seculo XIV, em 1388, se instituiu a Faculdade de Theologia, auctorizada pela Bulla *Ad Studium*, com uma unica cadeira, salariada pelo Infante Protector D. Henrique com 12 marcos de prata das rendas do Mestrado de Christo.

Sob o protectorado do Infante os estudos ampliaram-se, havendo em 1400 3 lentes de leis, 3 de canones, 4 de grammatica, 2 de logica, 1 de medicina e 1 de theologia.

Por um autographo do Infante, de 14 de outubro de 1431, vê-se que elle havia doado á Universidade umas casas novas para as Escolas, em cujas aulas se liam as diversas Faculdades, mandando collocar em cada uma d'ellas os emblemas appropriados. Na de Theologia, havia um emblema da Trindade, na de Medicina, a figura de Galeno, na de Leis, a de um Imperador, na de Decretaes, a de um Papa, e, na de Artes

ou de Physica, lia-se, sob o emblema de Aristoteles, já não só a *Grammatica* e *Logica,* mas tambem a *Arythmetica,* a *Geometria* e a *Astronomia.*

A Universidade Real da Renascença

(1500 a 1555)

Sob o regimen do Protectorado Real a Universidade ganha em riqueza o que perde em independencia corporativa

No decorrer do seculo XVI a velha Universidade medieval, modesta e sem brilho, mas autonoma e independente, vae defrontar-se com o poder real, solidamente consolidado e robustecido, caminhando para o definitivo estabelecimento da monarchia absoluta pela concentração de todos os poderes e absorpção de todas as Instituições livres.

Já em 1414 D. João I, menosprezando as prerogativas da corporação, quizera nomear o Provedor da Universidade, que se oppoz terminantemente, obrigando o Rei a transigir. Mais tarde, quando D. Affonso V pretendeu, identicamente, nomear lentes de Salamanca para as cadeiras vagas dos estudos, contra o direito que os estudantes tinham de os eleger, os escolares manifestaram-se ruidosamente, lavrando o seu protesto contra a intervenção intrusiva.

Estes foram porém os ultimos assomos da independencia corporativa.

Com o advento de D. Manuel I é a propria Universidade que se submette e vem collocar-se sob o throno real, escolhendo o Rei para *Protector.* Desde então, o protectorado fica inherente á pessoa do monarcha, não como qualificação honorifica, mas como um authentico e effectivo titulo de Soberania, e, sob o novo regimen do *Protectorado Real,* a Universidade perde uma a uma todas as suas franquias.

Suspensos os melhores estatutos corporativos, que a Universidade havia elaborado em 1431 e eram a carta das suas liberdades, o Rei decreta e impõe-lhe por sua auctoridade uma nova Lei Estatuaria, verdadeiro regimento real, cuja copia se encontra no Archivo da Universidade, com a assignatura autographa do monarcha.

Começa por ordenar que o Reitor dos Estudos, os Conselheiros lentes e todos os officiaes juntos, jamais os possam

alterar ou fazer de novo, sem ouvir o Rei ou *Protector*. Fixa a duração dos periodos lectivos, o regimento das aulas, prescreve as obrigações dos lentes, a forma dos exames, e até a a cerimonia dos graus e as côres das insignias doutoraes, tudo regulamentando em normas immutaveis, tal como nos tempos que vão correndo de centralismo administrativo. Uma só prerogativa resta á corporação, a de eleger o seu Reitor, devendo sempre recahir a escolha em fidalgo ou pessoa constituida em dignidade e cathegoria.

No reinado de D. João III a Universidade prospera materialmente, participando da opulencia da corôa, que despeja sobre ella o ouro em dadivosos beneficios. Como Lisboa se houvesse transformado, com a descoberta do caminho das Indias, numa vasta cidade populosa, um grande imperio commercial onde a vida estuava activa e febríl, o monarcha traslada, definitivamente, os Estudos, em 1537, do bulicio da nova *Corintho* para Coimbra, a antiga cidade universitaria, a lusa *Athenas*.

A nova Universidade Joannina é installada nos proprios Paços Reaes, onde fôra a antiga Alcaçova, sob o governo de um Reitor nomeado pelo Rei, D. Garcia de Almeida.

O estreito curriculum academico das Faculdades é ampliado, ficando cada uma com quatro cathedras, alem de numerosas cathedratilhas.

É creado com toda a magnificencia um Collegio Real para o estudo das Artes e Humanidades, e celebres professores das Universidades estrangeiras são convidados pelo monarcha, que os cobre de liberalidades e beneficios, para virem lêr nos *Novos Estudos* de Coimbra.

O salario dos lentes, que D. Manuel havia elevado ao maximo de 30:000, alem das prebendas creadas nas cathedraes do Reino para os mestres theologos e doutores canonistas, é elevado ainda pela munificencia real e pela encorporação dos collegios de Santa Cruz, cujo Prior é nomeado Cancellario, e a Universidade fica senhora de um dos mais opulentos patrimonios do Reino, com uma renda annual de 15 a 20:000 cruzados.

Em compensação, o Rei dispõe da Universidade como propriedade sua, assumindo o governo absoluto da corporação. Quando da transferencia para Coimbra, é elle que nomeia o Reitor, contra a lettra expressa dos Estatutos manuelinos, e d'ahi por deante, não obstante os timidos reparos do claustro, todos os Reitores são de nomeação regia, nobres ecclesiasticos mitrados, doutores ou graduados theologos e ca-

nonistas, raras vezes professores das Faculdades, algumas estudantes fidalgos de estirpe, que continuavam a frequentar e se doutoravam exercendo a Reitoria.

Os professores, nomeados pelo monarcha ou por elle convidados, perdem a antiga e nobre independencia de sabios, para adquirirem o caracter de funccionarios da corôa, que lhes estipula os vencimentos ou lhes paga pelo Erario Real.

Até no formulario symbolico prevalece a nova Soberania. Assim, avocando o poder espiritual que pertencia á Egreja, determina que seja o Cancellario, Prior de Santa Cruz, que na egreja do mosteiro confira, *auctoritate regia,* os graus em Leis, Medicina e Artes, que antes eram collados pelo Bispo da Diocese, em nome da auctoridade pontificia.

Sob a influencia de um grupo de intellectuaes portuguezes, a Nova Universidade mal soffre o influxo da Renascença, integrando-se na nova cultura humanista

Ao mesmo tempo que, no regimen da monarchia absoluta, a corporação medieval se transformava numa Universidade da corôa, os *Novos Estudos* de Coimbra, recebendo o influxo da Renascença, por intermedio dos intellectuaes portugueses, iam experimentar uma profunda transformação pedagogica, admittindo, ao lado das Faculdades tradicionaes, as novas disciplinas humanistas.

Desde o fim do seculo XV, que um grande numero de fidalgos portugueses e homens de lettras se haviam espalhado pelas Universidades de Italia, França e Flandres, educando-se no convivio dos humanistas e assimilando a cultura poetica e litteraria da Europa renascida.

Um joven graduado em leis, Sá de Miranda, frequentava Bolonha e as côrtes dos principes italianos, onde se encontrava tambem, entre outros, Ayres de Azevedo. Garcia da Motta, um medico phylosopho, que havia lido em Lisboa a Phylosophia moral, exemplo acabado da educação livre, individualista da Renascença, transitava por Tolosa, Salamanca e Alcalá, procurando as fontes da Medicina arabe, antes de emprehender em 1534 a sua viagem á India. Em Louvain e Fribourg viveram André de Resende e Damião de Goes, um d'elles empregado na feitoria de Flandres, ambos vivendo na intimidade de Erasmo, que, em nome de D. João, rogaram para vir professar nos Estudos de Coimbra.

Finalmente em Paris, um fidalgo portugues, o insigne pedagogo Diogo de Gouveia, doutor e professor da Sorbonne, governava como principal o collegio universitario de Santa Barbara, auxiliado por seus sobrinhos André, Diogo, Antonio, Mercial, uma verdadeira dynastia de humanistas.

A esta pleiade de intellectuaes dispersos pela Europa, de indoles diversas e aptidões variadas, mas todos elles formados no mesmo ambiente mental, possuidores do mesmo espirito da epocha, se deve, sob a protecção de D. João III, o nosso Rei Mecenas, a integração da mentalidade portuguesa na corrente da civilização europeia no seculo XVI, pela transformação da Universidade humanista.

Elles foram como que os embaixadores intellectuaes da Realeza, em toda a parte convidando celebres professores para virem professar nos *Novos Estudos*.

Melhor ainda que contractar professores estrangeiros, era educar os nacionaes na nova cultura e isso fizeram os Gouveias, no collegio de Santa Barbara, por um momento transformada numa colonia Universitaria, onde os melhores estudantes portugueses, os *bolseiros* de El-Rei, iam instruir-se em todos os generos das novas disciplinas, para regressarem a Portugal e por sua vez educarem a juventude — verdadeiro Seminario pedagogico do professorado portuguez.

Assim, por este duplo processo de endosmose e exosmose intellectual, elles nos conseguiram integrar no movimento intellectual da Europa culta, e, graças á sua obra revolucionaria, o velho ensino escolastico, dialectivo e formalista, que ha cerca de tres seculos reinava em Lisboa e Coimbra, viu florescer a seu lado, pela creação do Collegio Real das Artes, a nova cultura, semi-liberta do espirito de auctoridade, animada de espirito critico e com uma feição educativa, profundamente individualista.

A creação do *Collegio Real das Artes e Humanidades,* em 1542, velha aspiração pedagogica de Diogo Gouveia, representa a consagração definitiva da nova cultura humanista e foi o seu soberbo domicilio na Universidade Joannina. O sobrinho do grande pedagogo, André de Gouveia, organizou-o pelo modelo do College de France, fundado por Francisco I, lavrou o seu regimento, e trouxe comsigo para Coimbra todo um corpo docente, o collegio de mestre André, do qual alguns professores em breve foram perseguidos pela Inquisição, apodados de heresia calvinista.

O *Collegio Real* foi a casa de educação da nobreza, a origem da diffusão da nova cultura, a aristocracia secular, que

então começou a instruir-se. Em 1544, tinha cerca de 1000 alumnos, a elle affluindo a flôr da juventude aristocratica, em substituição do antigo estudante de habito clerical e condição humilde que vinha graduar-se em Canones ou Leis para seguir a carreira ecclesiastica ou ser provido num beneficio.

Com o seu ensino, o barbaro latim escolastico foi substituido pelo estudo litterario das linguas antigas — a latinidade, o grego e o hebreu, e dos auctores classicos, Tacito, Virgilio, Homero, que se lia em Coimbra como na propria Athenas, disse-o Cleonardo ou Kleinarts, um sabio flamengo que esteve no nosso pais.

As imitações poeticas e oratorias da antiguidade, as declamações das orações compostas pelos moldes classicos, substituiram as disputas dialeticas, estereis e subtis, as velhas sabbatinas. Havia pelos classicos o ferveroso enthusiasmo de quem descobre um precioso thesouro escondido. Os estudantes decoravam-se com titulos sagrados ou nomes da antiguidade greco-latina.

Toda a Universidade participava deste resurgimento educativo.

Nas Faculdades maiores, onde ao lado de Aspilcueta, Marco de Mantura, Rudino, Arcanio Scolto, professavam Manuel da Costa, o doctor subtilis, Affonso de Prado, o physico Guevara, e Pedro Nunes, o mathematico insigne, os estudos adquiriam um grande brilho.

Além das lições ordinarias, jovens doutores, á semelhança dos «privat-docenten» das Universidades allemãs, liam cursos complementares, chegando a não ser possivel ao conselho designar horas e aulas, em que todos pudessem ler. Nos geraes era tamanha a affluencia de estudantes, como jamais se havia visto, moços aristocratas que vinham frequentar a Universidade com o seu estado de pagens e cavallariços, de gibão golpeado e espada de nobre, enchendo de alegria e bulicio a ridente Coimbra.

A Universidade confessional da contra-reforma catholica

(1555-1772)

O Resurgimento humanista da Universidade foi ephemero.

Em D. João III houve um singular desdobramento de personalidade. Nelle viveram, lado a lado, o principe da

Renascença amigo das lettras e protector dos estudiosos e o Rei catholico da Contra-Reforma, obcecado de termos religiosos, fanaticos e timoratos. Assim, extranho paradoxo! ao mesmo tempo que o primeiro satisfazendo as aspirações dos intellectuaes portugueses, criava o Collegio das Artes, introduzindo em Portugal o espirito da Renascença, o segundo chamava o Tribunal da Inquisição (1536) e convidava a estabelecer-se no reino a Companhia de Jesus, a nova ordem militante e educadora da Contra-Reforma, que o genio de Loyola havia organizado para manter a unidade da fé sobre as ruinas da liberdade scientifica.

Tendo começado em 1542, por uma pequena casa em Coimbra, o Collegio de Jesus, poucos annos volvidos, a companhia tinha espalhado os seus collegios, para o novo ensino medio, pelas mais importantes cidades do pais, Porto, Evora e Braga, em toda a parte procurando apoderar-se da disciplina das intelligencias e da educação da juventude.

Em 1555, após surdas machinações, consegue installar-se no Real Collegio das Artes, onde affluia a flôr da juventude aristocratica, o Rei enviando uma Carta Regia ao dr. Diogo de Freire, principal do collegio, ordenando-lhe que entregue o governo ao provincial da ordem Diogo de Miran e que d'ahi em diante os padres jesuitas lessem as Artes e tudo o mais que liam os mestres franceses.

Estabelecida dentro da Universidade, no Collegio Real, forte do apoio da Corôa, a companhia ultima rapidamente o seu plano de absorpção pedagogica até conseguir o monopolio e a suprema direcção de todo o ensino.

Consegue por alvará regio de 1560 que nenhum estudante passe a lêr nas Faculdades juridicas de canones e leis sem a certidão de exame no seu collegio, ficando assim nas suas mãos a escolha da maior parte dos alumnos que se destinam ás Faculdades academicas.

Novos alvarás ordenam que todos os religiosos da companhia graduados fóra da Universidade fossem considerados como graduados em Coimbra e que os outros sejam admittidos a tomar grau, e caso a Universidade lhos recuse, como graduados sejam tidos e havidos. Assim, o collegio da ordem converteu-se num viveiro de doutores, prestes a disputarem systhematicamente, pelo regimen então vigente da longa opposição, o magisterio academico, dentro em pouco occupando todas as cathedras das Faculdades Universitarias. A Companhia já não carece da sua Universidade de Evora, que expressamente havia fundado para bater a de Coimbra, e

onde só no anno de 1560 havia graduado 500 doutores em Canones e Theologia. A Realeza abdica nella o poder espiritual, entregando-lhe a direcção do ensino, a formação intellectual da juventude. Sob a sua influencia, a Universidade Joannina, que podia ter sido o berço da nova educação livre e individualista, transforma-se numa Universidade confessional, ao serviço dos interesses da Egreja, inimiga declarada de toda a investigação scientifica e de toda a innovação phylosophica, destinada a esmagar sob o espirito de auctoridade e em nome da unidade da fé todo o ensino de pensamento livre.

Resurreição do Escolasticismo

Desde que, como na Edade Media, a Universidade voltava a ter por missão harmonizar a sciencia com a fé e submettê-lo á auctoridade da egreja, o ensino havia de recahir necessariamente na tradição escolastica medieval.

Assim succedeu. O Collegio das Artes que deveria tornar-se na Faculdade de lettras da Nova Universidade, foi convertido pelos jesuitas numa escola de ensino medio, e sob a sua influencia a educação humanista, pervertida, crystallizou na imitação pedantesca e formalista das linguas antigas, na mecanica grammatical, em vez de evolucionar para o neo-humanismo, no sentido das investigações historicas e phylologicas.

Nas Faculdades de Theologia e nas Faculdades Juridicas de Canones e Leis, o ensino voltou a ser dominado pela phylosophia aristotelica, como nos seculos XIV e XV, e separado do movimento phylosophico contemporaneo, desprovido de espirito exegetico, cifrava-se em disputas dialeticas e ostentações eruditas.

Por uma fatal inversão logica, a Medicina continuou escravizada ás vãs especulações metaphysicas, substituindo o syllogismo á observação, em vez de contribuir pela observação e pela experiencia para a constituição das sciencias naturaes, que deviam servir de base á phylosophia moderna.

Foi uma tremenda resurreição escolastica. Coimbra tornou-se no seculo XVII, um dos mais fortes baluartes do Escolasticismo.

A partir d'este momento, a Universidade ficava divorciada da formação progressiva do espirito e da mentalidade moderna. Emquanto que lá fóra alguns emancipados do principio de auctoridade e formados por uma educação individualista de-

senvolviam prodigiosamente as sciencias exactas, chegavam ás memoraveis descobertas que foram o ponto de partida das sciencias naturaes, e se elevavam as novas concepções phylosophicas, pelo uso independente da razão sobre as verdades scientificas, a Universidade pela influencia connexa do ensino jesuitico confessional e da reviviscencia da tradição escolastica, apagava entre nós toda a commodidade intellectual, atrophiava o espirito critico e de investigação scientifica, e cahia de degradação em degradação, chegando no fim do seculo XVII ao mais baixo nivel que jamais havia attingido.

Para apreciar o marasmo e a esterilidade do ensino universitario nessa epocha, basta ler o celebre Compendio historico, elaborado pelos auctores da Reforma Pombalina, ou não querendo confiar na sua imparcialidade, os memoraveis contos de Vernel ou a Relação do Estado Geral da Universidade, do Reitor Reformador D. Francisco de Lemos, que são quadros de Mestres da Historia pedagogica portuguesa.

«A instrucção era sobretudo oral, os lentes ditando as *postillas*, ou confusos commentarios, que os estudantes copiavam, como se fossem o repositorio de todo o saber».

Ellas constituiam tambem um meio disciplinar de fiscalizar a frequencia, os estudantes sendo obrigados a apresenta-los antes do exame com a assignatura dos lentes; mas os estudantes illudiam esta disposição, e a maior parte vinha a Coimbra sómente na occasião da matricula e na epocha dos actos, comprando então as *postillas* e obtendo por favor a assignatura requerida.

Pouco a pouco deixou de haver ensino publico. A relaxação chegou a tal ponto, diz o reitor Francisco de Lemos na memoria a que ha pouco nos referimos, «que nas Faculdades juridicas, todo o apparato de cadeiras ordenado para o ensino da jurisprudencia se reduzia ás licções de *Instituições*, no primeiro anno, todas as outras cadeiras estando sem exercicio».

Em vista de tantas facilidades o numero de estudantes matriculados era extraordinario; passava de 3:000. Mas os estudantes não residiam, os lentes não liam, e a Universidade com tantos alumnos era um ermo, a não ser na epocha dos actos, para os quaes não era necessario estudo regular, porque os pontos e argumentos eram vulgares e sabidos.

A par d'este simulacro de ensino, a actividade academica manifestava-se exhuberante em todas as manifestações caracteristicas do falso saber, as *ostentações* eruditas dos oppositores, e os actos de conclusões e *defezas de theses*, «que era

de boa praxe apresentar de fórma que prendessem umas com as outras e a alternar, de tres em tres, uma affirmativa, outra negativa e a terceira indifferente. Ahi se conquistavam as faceis gloriolas academicas, «rebuscando materias disputaveis, pondo com afouteza intemerata questões á escolha do arguente, tecendo longas cadeias de syllogismos,... tudo degenerando em gritos e disputas que terminavam com as sabidas distincções da Escolastica».

Os oppositores — candidatos ao magisterio — esses exhibiam-se nas licções de *Ostentação* assim chamadas por serem destinadas a ostentar sciencia. Elles proprios se promptificavam a subir á cathedra, e a fallar na materia que lhes fosse apresentada, fazendo gala em se demorar longo tempo nellas divagando por circumloquios, ou recheando o discurso de sabias citações.

DR. JOSÉ SOBRAL CID,

lente da Universidade

SCIENCIAS PHYSICO-MATHEMATICAS

LES MATHÉMATIQUES EN PORTUGAL

(Cont. do n.º 10, pag. 474)

[V 9] — J. M. da Ponte Horta — *Elogio historico do doutor* Filippe Folque (M. A. L., nouvelle série, iv, 2ᵉ partie, 1876, 1-22).

[V 9] — F. Gomes Teixeira — *Noticia sobre Saturno* (J. S. M., 1877, 13-16, 25-32, 41-48, 63-64, 90-93).

[V 9] — A. F. Rocha Peixoto — *Sobre a organisação do Real observatorio astronomico de Lisboa* (J. S. M., i, 1877, 76-80, 121-125).

[V 9] — R. R. de Souza Pinto — *Noticia sobre* Le Verrier (J. S. M., i, 1877, 86-89).

[V 9] — F. de Castro Freire — Le Verrier (I. C., 2ᵉ série, xxv, 1877-1878, 251-253).

[V 9] — F. Gomes Teixeira — *Noticia sobre* Bellavitis (J. S. M., ii, 1878, 189-191).

[V 9] — * — *A Lua será habitada* («O Atheneu artistico-litterario», Porto, 1880, 35-36, 44-45).

[V 9] — F. A. de Brito Limpo — *Algumas palavras sobre a necessidade da determinação directa da longitude geographica de um dos nossos Observatorios pelos*

processos electricos, Lisboa, Imprensa Nacional, 1882.

[V 9] — NARCISO DE LACERDA — *Nos varios mundos,* Lisboa-Porto, Typographia de A. J. Teixeira da Silva, 1883.

[V 9] — DR. ADRIANO DE PAIVA (1) — *As ultimas resoluções da conferencia internacional dos electricistas de Paris* (R. S. P., I, 1885, 70–76).

[V 9] — C. CYRILLO MACHADO — *Uma visita a um estabelecimento importante* («Diario do Governo» nº 207 du 2 septembre 1886).

[V 9] — L. P. DA MOTTA PEGADO — *Parecer apresentado á primeira classe da Academia real das sciencias ácerca de uma memoria do sr.* CYPRIANO JARDIM, *intitulada* «Projecto de aerostato dirigivel», *com um supplemento e additamento* (J. M. P. N., 1re série, XII, 1887–1888, 269–272).

Ce rapport présenté au nom de la section de mathématique par le professeur PEGADO, à la 1re classe de l'Académie, le 23 décembre 1886, se montre favorable au projet de M. JARDIM, mais il est un peu superficiel, et dans la suite il a été vivement critiqué, à ce qui paraît, par les officiers de l'École de torpilles et par d'autres personnes connaissant mieux la question.

[V 9] — A. SCHIAPPA MONTEIRO — *Protesto apresentado á assembleia geral da Academia real das sciencias contra a inobservancia do regulamento para adjudicação do premio do Senhor* DON LUIZ I, *correspondente ao anno de 1887,* Lisboa, Adolpho Modesto & C.ª, 1889.

[V 9] — A. SCHIAPPA MONTEIRO — *Representação dirigida á secção de mathematica da Academia real das sciencias sobre o modo por que foram apreciadas as obras*

(1) Plus tard Comte de CAMPO BELLO.

de mathematica distribuidas á referida secção no concurso para a adjudicação do premio do Senhor Don Luiz I, Lisboa, Adolpho Modesto & C.ª, 1889.

L'auteur, dans cette représentation, présentée à l'Académie des sciences dans la séance du 14 février 1889, c'est-à-dire, avant de procéder au vote de la proposition qui décernait le prix à M. Gomes Teixrira, fait une critique défavorable au Traité de calcul différentiel de M. Teixeira, ouvrage qui a été couronné.

[V 9] — F. Gomes Teixeira — *Carta dirigida ao presidente da secção de mathematica da Academia real das sciencias de Lisboa,* Porto, Typographia occidental, 1889.

Dans cette lettre, publiée dans le journal *O Tempo* (nº 118 du 2 mai 1889), l'auteur répond à la critique que M. Schiappa Monteiro a faite à son Traité de calcul différentiel, couronné par l'Académie des sciences.

[V 9] — A. Schiappa Monteiro — *Uma polemica entre mathematicos. Carta dirigida ao director do jornal* «O Tempo», *sobre a resposta do sr.* Dr. Teixeira *ás objecções feitas no seu* Calculo differencial. («O Tempo», du 8, 9, 10, 12 et 13 novembre 1889).

Dans ces articles l'auteur riposte aux arguments que M. Teixeira a présentés en réponse à la critique faite par l'auteur au Traité de calcul différentiel de M. Teixeira.

[V 9] — A. J. Teixeira — *Apontamentos para a biographia de* José Monteiro da Rocha (I. C., 2º série, XXXVII, 1890, 65-98).

[V 9] — Conde d'Avila (1) — *Breve noticia de alguns dos trabalhos da Associação geodesica internacional,* Lisboa, Typographia da Academia real das sciencias, 1891.

[V 9] — L. da Costa e Almeida — *A Faculdade de mathe-*

---

(1) Plus tard Marquis d'Avila e de Bolama.

matica da Universidade de Coimbra, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1892.

[V 9] — A. J. TEIXEIRA — *Rodrigo Ribeiro de Sousa Pinto,* Coimbra, Imprensa da Universidade, 1893.

[V 9] — J. S. FERREIRA FIGUEIRINHAS — *O que foi o concurso dos livros e o que é a arithmetica do sr.* MOTTA PEGADO, Porto, Typographia a vapor de José da Silva Mendonça, 1896.

[V 9] — L. F. MARRECAS FERREIRA — *Application général e de la nomographie au calcul des profils de remblai et déblai, avec une instruction pratique pour la construction et le mode d'emploi des abaques à points isoplètes, par* MAURICE D'OCAGNE (R. O. P. M., XXVII, 1897, 573-576).

Notice bibliographique d'une brochure de M. D'OCAGNE.

[V 9] — C. XAVIER CORDEIRO — *A ponte* VIERENDEEL (R. O. P. M., XXIX, 1898, 217-219).

[V 9] — LADISLAU BATALHA — *Astronomia social,* Lisboa, Gremio socialista dos Anjos, 1898.

[V 9] — ANTONIO PENA (FILHO) — *A* ANTONIO CABREIRA. *Homenagens das cidades de Tavira e Faro e do Instituto 19 de outubro, a proposito das suas ultimas viagens ao Algarve,* Lisboa, Imprensa de Libanio da Silva, 1898.

[V 9] — RODOLPHO GUIMARÃES — *Traité de nomographie. Théorie des abaques. Applications pratiques par* MAURICE D'OCAGNE, Paris, 1899 (R. O. P. M., XXX, 1899, 427-429).

Notice bibliographique.

[V 9] — C. XAVIER CORDEIRO — *Resistencia dos materiaes. Indice das lições por* ALFREDO VAZ PINTO DA VEIGA, Lisboa, 1898-1899 (R. O. P. M., XXX, 1899, 429-430).

Notice bibliographique à laquelle M. VEIGA a fait une remarque dans le même recueil (XXX, 1899, 578-579).

[V 9] — L. A. FERREIRA DE CASTRO — *Oração pronunciada por occasião da abertura da Escola do Exercito de Lisboa no anno lectivo de 1898-99.* (Annaes da Escola do Exercito, Lisboa, Imprensa nacional, 1899, 19-37).

L'auteur fait dans cet écrit l'histoire de l'astronomie.

[V 9] — RODOLPHO GUIMARÃES — *Les mathématiques en Portugal au* XIX^{e} *siècle — Aperçu historique et bibliographique,* Coïmbre, Imprimerie de l'Université, 1900.

Cette brochure, composée à l'occasion de l'Exposition universelle de 1900, à Paris, contient un catalogue systématique des écrits de mathématiques pures et appliquées, publiés par les auteurs portugais du XIX^{e} siècle, avec des analyses succintes de la plupart de ces écrits. Le classement est celui adopté par le *Répertoire bibliographique des sciences mathématiques,* et le catalogue est précédé par deux petites notes, l'une sur le développement des mathématiques modernes, l'autre sur l'étude des mathématiques en Portugal; à la fin on trouve une table alphabétique des auteurs cités dans le catalogue.

[V 9] — * — *Homenagem da Camara dos Dignos Pares do Reino ao doutor* GOMES TEIXEIRA, *por iniciativa do doutor* GONÇALO DE ALMEIDA GARRETT (8 de maio de 1900), Lisboa, Imprensa Nacional, 1900.

[V 9] — F. GOMES TEIXEIRA — *Noticia biographica sobre* F. DA PONTE HORTA (J. S. M., XIV, 1900-1901, 2-9).

[V 10] — L. F. MARRECAS FERREIRA — *Nomographia.* LALANNE-OCAGNE-SUTTOIR (R. E. L., VI, 1901, 256-262).

[V 10] — ANTONIO CABREIRA — *Algumas palavras sobre o planeta Marte,* Lisboa, Imprensa Lucas, 1901.

Voici en quels termes rend compte de cette brochure le *Bulletin astronomique* (XXII, 1905, p. 384): «C'est une conférence de vulgarisation faite à Lisbonne par M. CABREIRA; les faits connus

sont d'abord exposés et, comme toutes les conférences de ce genre, elle se termine par des considérations fortement hypothétiques sur la sociologie et la biologie martiennes. D'après l'auteur, la civilisation sur Mars doit être rudimentaire, parce que les terres sont trop aisément submersibles; les hollandais protesteront sans doute contre cette apréciation».

Nous n'ajouterons rien à ce commentaire hautement autorisé qui, en toute courtoisie, donne parfaite idée de la platitude du travail de M. CABREIRA.

[V 10] — F. GOMES TEIXEIRA — *Apontamentos biographicos sobre* DANIEL AUGUSTO DA SILVA (B. D. I., Lisboa, I, 1902, 829-840).

[V 10] — C. XAVIER CORDEIRO — *Tavole tacheometriche sessagesimali* (R. O. P. M., XXXIII, 1902, 466-468).

Notice bibliographique des tables tachéométriques, et leur usage, de M. JADANZA.

[V 10] — HUGO DE LACERDA — CESAR AUGUSTO DE CAMPOS RODRIGUES («Brazil-Portugal», IV, 1902, 531-532).

Biographie du savant directeur de l'Observatoire astronomique de Lisbonne (Tapada).

[V 10] — RODOLPHO GUIMARÃES — *Trabalhos executados no Real observatorio astronomico de Lisboa* (I. C., 3e série, L, 1903, 225-235).

Dans cet article, l'auteur fait, à grands traits, un résumé des travaux exécutés à l'Observatoire astronomique de Lisbonne (Tapada), et notamment de ceux de son directeur le vice-amiral C. A. CAMPOS RODRIGUES.

[V 10] — C. XAVIER CORDEIRO — *O deslocamento dos polos á superficie da Terra* (R. O. P. M., XXXIV, 1903, 565-567).

Notice bibliographique d'une brochure de M. CABRAL DE MORAES.

[V 10] — L. F. MARRECAS FERREIRA — ANTONIO LUIZ *e a attra-*

cção universal. Uma gloria nacional. (O. S. du 30 novembre 1903, et A. C. N., XXXIII, 1903, 581-587).

[V 10] — ANTONIO CABREIRA — *Elogio do general* SCHIAPPA MONTEIRO, Lisboa, Papelaria Fernandes & C.ª, 1903.

[V 10] — ANTONIO CABREIRA — *Resposta á lettra dada na Academia real das sciencias,* Lisboa, Papelaria Fernandes & C.ª, 1904.

Attaque aux critiques de M. CAMPOS RODRIGUES, membre de la section de mathématique de l'Académie des sciences de Lisbonne, au sujet d'une note de l'auteur, soumise à l'examen de la dite section, et dont la publication dans le J. M. P. N. ne fut pas autorisée.

La 1re classe de l'Académie trouvant que cette brochure était écrite en termes agressifs, a rayé M. CABREIRA du nombre de ses membres correspondants (décision du 25 février 1904).

[V 10] — FREDERICO OOM — *O premio* VALZ *conferido ao sr.* CAMPOS RODRIGUES *pela Academia das sciencias de Paris* (B. D. I., III, 1904, 946-951).

Dans cette notice l'auteur met bien en évidence l'importance du prix VALZ accordé, en 1904, à M. CAMPOS RODRIGUES, l'éminent directeur de l'Observatoire royal de Tapada, dont la science portugaise est justement fière.

[V 10] — * — *O vice-almirante* CAMPOS RODRIGUES (*premiado pela Academia das sciencias de Paris* (R. M. L., LVII, 1905, 89-91).

[V 10] — * — *O vice-almirante* (CAMPOS RODRIGUES (A. C. N., XXXV, 1905, 3-4).

[V 10] — ANTONIO CABREIRA — *Quelques mots sur les mathématiques en Portugal,* Lisbonne, Imprimerie Minerva do Commercio, 1905.

Notice apologétique destinée à produire de l'effet auprès du grand public, mais dont l'ingénuité de l'auteur dissimule insuffisament le défaut de sincérité.

Nous nous abstenons, car ce n'est pas ici le

lieu, de mêttre en relief les inexactitudes et les naïvetés que M. Cabreira a étalées dans cette brochure; le lecteur les découvrira aisément.

C'est amusant et divertissant d'enfantillage et de candeur; c'est aussi renversant de suffisance.

Dans plusieurs passages de sa notice, l'auteur invoque l'insertion de ses travaux dans tel ou tel journal scintifique ou bulletin académique, comme preuve de l'intérêt ou de la validité de ses propositions. Il paraît oublier que les offices académiques ont bien soin de laisser aux auteurs l'entière et unique responsabilité de leurs assertions.

Tous les recueils académiques, — les comptes-rendus, les mémoires, les journaux, etc. — donnent parfois asile à des articles manifestement erronés, les rédacteurs, directeurs, secrétaires et comités de rédaction, ne pouvant pas vèrifier évidemment tout ce qu'on leur adresse.

En outre, M. Cabreira se grise un peu du bruit et du volume qu'il fait par manière de donner l'illusion de la fécondité. Il ne peut s'élever au dessus du niveau des éléments qu'il prétend pompeusement rénonveler en y introduisant des rapports entre des objets que personne jusqu'ici n'a songé à comparer. A ce jeu-là il pourra en peu de temps produire une œuvre étendue sur l'importance de laquelle il se méprendra volontiers, confondant volume physique avec utilité scientifique.

Comment peut il se figurer qu'il donnera le change même aux personnes qui par courtoisie lui adresseront des remerciements, suivis de quelques phrases banales? Ce ne sont point là des marques d'approbation des travaux, qui, le plus souvent, ne sont pas même lus. Ces remerciements qu'il reçoit de ses amis et de ses correspondants, libre à lui de les prendre pour des encouragements et pour des adhésions à ses idées, mais la crítique impartiale réclame autre chose. C'est ce qu'il se garde bien de proclamer dans la défense de ses écrits.

[V 10] — A. Ramos da Costa — *O eclipse do Sol de 30 de agosto de 1905 e o magnetismo terrestre* (O. S. du 26 juin 1905).

[V 10] — F. Oom — *Méthodes de calcul graphique en usage à l'Observatoire royal de Lisbonne* (Tapada). (B. D. I., IV, 1905, 441-463).

Pour faciliter certains calculs fréquemment nécessaires dans le service de l'Observatoire astronomique de Lisbonne, l'amiral Campos Rodrigues, son éminent directeur, a adopté des méthodes graphiques, donnant les résultats cherchés, avec une exactitude suffisante, tout en rendant le travail beaucoup plus rapide et moins sujet aux erreurs.

Ces diagrammes ont été dressés en partant simplement des données du problème à résoudre et des considérations géométriques suggérées par les formules en question, quand le corps de doctrine dénommé par M. d'Ocagne *Nomographie* n'avait pas encore été créé par ce savant.

Bien qu'il soit fort intéressant de rattacher ces diagrammes aux lois et à la classification de cette doctrine, M. Oom ne se borne qu'à mentioner le but atteint et les moyens employés, tout-à-fait comme ils ont été déduits et réalisés, selon les divers problèmes pour lesquels on est arrivé à des solutions pratiquement utilisables (1).

Dans cette note, toute la matière est due entièrement à M. Campos Robrigues, sauf l'exposé, dont l'auteur est M. Oom.

[V 10] — F. Oom — *O futuro eclipse* (I. C., 3ª série, LII, 1905, 487-490).

L'auteur explique pourquoi le fait que le gouvernement portugais ne doit pas envoyer de mission scientifique en Espagne pour l'Observation de l'eclipse du Soleil du 30 août 1905.

---

(1) A propos de cet écrit de M. Oom, le professeur Hammer, de Stuttgart, a inséré un article au *Zeitscheift für Vermessungswesen*, XXXV, 1906, 257-268, intitulé *Mechanische Addition der zugegebenen Argumentzahlen gehörigen Werte einer Funktion*, où il déclarait qu'il était l'inventieur d'un procédé semblable à celui de M. Campos Rodrigues, et peut-être, d'après lui, d'une application plus économique, mais M. Oom lui a fait part qu'il était impossible d'obtenir une méthode plus économique que celle qui n'emploie que des règles de carton Bristol et du papier quadrillé.

[V 10] — F. Oom — *Je symbole* W *pour désigner l'ouest* (R. S., 5e série, IV, 1905, 40-41).

M. Oom fait voir dans cette note l'avantage d'adopter la lettre W pour désigner l'ouest et non la lettre O, employée couramment sous prétexte que c'est l'initiale de son nom français.

[V 10] — A. Ramos da Costa — *A telegraphia sem fio e a acção exercida pela luz solar* (O. S. 7 août 1905).

[V 10] — A. Ramos da Costa — *As missões scientificas na observação do eclipse do Sol de 30 de agosto* (O. S. de 4 de setembro de 1905).

[V 10] — Lopes d'Azevedo — *Historia dos eclipses contada singelamente com referencia especial ao Eclipse do Sol de 30 de agosto de 1905,* Lisboa, Ferreira & Oliveira, 1905.

Traduction de l'ouvrage de George F. Chambers.

[V 10] — A. Ramos da Costa — *O Real Observatorio astronomico de Lisboa* (Tapada). (Serões, I, 1905, 323-331).

[V 10] — Antonio Cabreira — *A propos des mathématiques en Portugal* (I. C., 3e série, LII, 1905, 672-676).

L'auteur prétend défendre sa note: *Sobre o calculo das phases de uma funcção simples,* contre l'appréciation que nous avons faite, et ne réussit qu'à prouver de nouveau qu'il ne se fait pas une idée claire, soit de différentielle, soit de différence finie.

Il appelle *phase d'indice n* de la fonction $f(x)$, la valeur $f(x+nh)$, h étant infiniment petit. Dès lors nh est lui même un infiniment petit du même ordre que h, tant que n est fini. La dérivée de $f(x+nh)$, est la même que celle de $f(x)$, et la différentielle d'une phase quelconque sera $hf'(x)$, si on donne à x l'accroissement h. Pour étudier les accroissements il n'y aurait qu'à employer la

formule de TAYLOR

$$f(x+nh)-f(x)=nhf'(x)+\frac{n^2h^2}{2!}f''(x)+$$
$$+\frac{n^3h^3}{3!}f'''(x)+\ldots$$

d'où

$$f(x+(n+1)h)-f(x+nh)=hf'(x)+$$
$$+(2n+1)\frac{h^2}{2!}f''(x)+$$
$$+(3n^2+3n+1)\frac{h^3}{3!}f'''(x)+\ldots$$

La formule (1) présentée par M. CABREIRA dans sa note, est donc erronée, puisqu'elle donnerait

$$d(y+kn)=d.f(x+nh)=hf'(x)+$$
$$+(2n+1)\frac{h^2}{2!}f''(x)+\ldots$$

c'est-à-dire

$$0=(n+1)\frac{h^2}{2!}f''(x)+\ldots$$

En résumé, l'erreur consiste à appeler différentielle ce qui n'est pas la différentielle; on la retrouve dans la réplique à notre apréciation.

L'auteur ne pourrait soutenir sa manière de voir qu'en détournant complètement les mots qu'il emploie de leur signification habituelle.

D'ailleurs, le travail de M. CABREIRA étant dépourvu de sens, il ne semble pas possible de décider si une formule quelconque contenue dans la note est erronée ou exacte, du moment qu'elle ne signifie rien.

[V 10] — ALVES DE MAGALHÃES — *Nova lei do systema do mundo. Mudança periodica da posição da Terra*, Porto, Livraria Chardron, 1905.

L'auteur, un avocat à Porto, croit avoir découvert une nouvelle loi du système du monde: le changement périodique de la position de la Terre, et il se propose de démontrer cette loi par trois ordres de faits, savoir: géologiques, paléontologiques et historiques.

L'impression que la lecture de ce mémoire nous a laissé a été la même que nous gardons d'autre ouvrage très récent, aussi d'un avocat à Athènes, M. CONSTANTIN LYCORTAS, intitulé: *Le mouvement universel. Théorie nouvelle sur le mouvement des corps célestes.*

(Continúa). RODOLPHO GUIMARÃES.

LITTERATURA E BELLAS-ARTES

ARTES INDUSTRIAES E INDUSTRIAS PORTUGUEZAS

(Cont. do n.º 10, pag. 484)

XXXIII

Rodrigues Moreira (Manuel)

Era carpinteiro na cidade do Rio de Janeiro e inventou um engenho para moer cannas e fazer assucar, *sem necessidade de bois ou agua,* pelo que facilitava, sob mais de um ponto de vista, a producção do assucar, augmentando-a e diminuindo os seus gastos. Para o seu engenho foi-lhe concedida carta de privilegio a 5 de junho de 1649. Publiquei-a na integra a pag. 66 do meu opusculo *Inventores Portuguezes* sobre a rubrica de Moreira (Manuel Rodrigues).

XXXIV

Rodrigues de Parada (João)

Escudeiro fidalgo da casa real. D. Manuel I o encarregou de receber, encaixar e empapelar o assucar da ilha da Madeira, pertencente á fazenda real, no anno de 1503. A quantidade recebida, já de funccionarios publicos, como Pero Rodrigues, almoxarife dos quartos, Fernão Velho (1), almo-

(1) Em vez de *Velho* não será *Coelho?*

xarife da alfandega, já de individuos cujos cargos se não designam, mas que por outro documento se vê que eram Pero Rodrigues, almoxarife dos quartos da jurisdicção do Funchal, e João de Freitas, recebedor dos quartos da parte de Machico, ascendeu a 17:153 arrobas.

A maior parte d'esta somma, 12:000 arrobas, foi entregue a dois commerciantes italianos João Francisco de Lafeitad e Jeronymo Cernige. A outro, da mesma procedencia, Santo Guedêa, couberam 900. Fernão Pacheco, moço da Camara, teve 3:804 arrobas e Andre Affonso, recebedor da alfandega, teve 232 arrobas e 4 arrateis.

A quitação, relativa a esta incumbencia, tem a data de 15 de janeiro de 1505 e acha-se impressa a pag. 74, do vol. IV, do *Archivo Historico Portuguez*.

Sendo de 17:153 o tributo dos quartos, póde calcular-se a producção total do assucar da ilha da Madeira no referido anno em 70 mil arrobas approximadamente.

XXXV

Rosel (Mafeu)

Provavelmente italiano. Exercia na ilha da Madeira o officio de encaixador dos assucares de D. Manuel I. Este rei, em carta de 28 de abril de 1512, o privilegiou e tomou sob a sua guarda e encommenda, naturalizando-o e dando-lhe todos os foros e liberdades, de que gosavam os seus subditos. No final da carta, expressou-se uma clausula de excepção, com respeito ao negocio dos assucares.

... «E por este prevylegio nõ se emtenderá nẽ gosara delle acerca dos açucares que ele carregou na dita Ilha pera estes Regnos por que pagará o direito delles e os pagam os estrãgeiros».

«Dom Manuell etc. A quantos esta nosa carta virem fazemos saber que querendo nos fazer graça e merçee a Mafeu Rosel nosso emcaixador dos açucares na Ilha da Madeira temos por bem e filhamollo por noso e ssob nosa garda e emcomemda e defensam e fazemollo e avello daqui em diãte por noso naturall e queremos e lhe outorgamos que posa per sy e per seus feitores em nosos Regnos e senhorios trautar e vemder e conprar e auer quaes quer liberdades que ham os nosos naturaaes e teer quaes quer danjdades e benefiçios asy cresiasticos como seculares que ele poder auer e lhe dar qujserem polla gujsa que hos ham e tem

e podem teer os nosos ditos naturaaes posto que ele seja estrangeiro e esto lhe outorgamos asy sem embargo de quaes quer lex ordenações deffesas usos e custumes dos lugares de nosos Regnos e senhorios em contrairo dello fectas. E porem mamdamos aos nosos veadores da nosa fazenda contadores recebedores e a todollos corregedores capitaẽs e ouvjdores juizes justiças e a quaes quer outros ofiçiaes e pesoas a que o conhecimento desto pertençer e esta nosa carta for mostrada que ajam daquj em djante o dito Mafeu Rosel por noso ssobdito e naturall e o tratem e honrrem como pesoa nosa e do que temos careguo e o leixem auer as ditas dinjdades ofiçios benefiçios polla gujsa que dito he e nos praz que gouva iso mesmo daquj em diãte todollos prevjlegios graças e merçees e liberdades que per nos e pelos Rex nosos antecesores sam dados e outorgados a nosos ssobditos e naturaaes e lhos leixem auer e conpridamente deles usar e vos mandamos que lhe cũpraaes e gardees e façaes jnteiramente conprir gardar esta nosa carta nõ cõsentimdo que lhe vaão cõtra ella em parte nẽ ẽ tudo por que asy he nosa merçee. Dada ẽ Lixboa a xx biij dabrill Gaspar Rodriguez a fes anno de mill bᶜ xij etc. E por este prevjlegio nõ se emtendera nẽ gozara delle acerca dos açucares que ele carregaou na dita Ilha pera estes Regnos por que pagara o direito delles e os pagam os estrageiros» (1).

XXXVI

Salvago (Antonio)

Negociante genovez em Lisboa nos principios do seculo XVI. Em 1502 D. Manuel celebrára com elle um contracto para lhe serem dadas na ilha da Madeira 18:000 arrobas de assucar com destino ás escapulas de Genova e Chio. Simultaneamente foram postas em pregão 20:000 arrobas de assucar para as escapulas de Veneza e Roma, mas Salvago deixou cobrir o lanço por outros concorrentes que offereceram quatrocentos e trinta reaes por arroba. O contracto celebrado com Salvago foi uma verdadeira permuta, pois não era obrigado a pagar em dinheiro, mas sim em pannos de diversas qualidades, conforme se vê pelo contracto que dou no final d'este artigo, e no qual se contém clausulas muito curiosas.

Nos fins do seculo XV, reinados de D. Affonso V e D. João II, existia em Lisboa um João Salvago, com certeza parente de Antonio. Congectura o sr. Prospero Peragallo que elle tivesse casa de banqueiro, conforme se deduz d'um documento, em que se declara que ficára por fiador de certa somma de

(1) Torre do Tombo, Chancellaria de D. Manuel, liv. 7, fl. 25.

dinheiro que D. Alvaro de Portugal emprestara ao arcebispo do Algarve, quando fôra a Roma, agenciar as bullas do arcebispado de Braga.

Eis agora o documento relativo a Antonio Salvago:

«Nos el Rey fazemos saber a quantos este nosso aluara de contrauto virem que Antonio Saluago genoes estante em esta nossa cidade de Lyxboa nos tynha fecto lanço ssobre dezoyto myl arrobas daçuqre ordenadas aas escapolas de genoa he yxo *(chio)* este ano presente de bᶜ e dous entregues na nossa Ilha da Madeira polas quaes nos avia de dar a rezam de trezentos e nouenta reaes arroba e a paga delas em panos entregues no nosso tesouro e ysso mesmo ssobre xx arrobas daçuquar ordenadas as escapolas de Roma e Veneza a rezam de quatro centos e xxx reaes arroba pagas segundo a condiçom de seu lanço com as declaraçoes dele e por que hũa das condiçoes do dito lanço era que andase em aberto pera ssobre ele lançar quem quisese e sendo trazido em pregam lançarom outros tratadores sobre ela nas ditas xx arrobas das ditas escapolas de Roma e Veneza e nam ficou com ele dito Antonio Saluago saluo o lanso das ditas xbiij ssobre o qual nom sse achou quem mais lançase lhe mandamos rematar o dito lanso e contrauto das ditas xbiij arrobas com as condiçoes abaixo declaradas.

«Item primeiramente as ditas xbiij mil arrobas lhe seram dadas e entregues na dita Ilha a metade polo rendimento dalfandega dela e a outra metade em cassas apontadas dos lauradores do Funchal e de Machico por mão de nossos almoxarifes e oficiaes sem lhes darem roll nem aluaras disso ate xb dias do mes doutubro do dito ano presente de bᶜ dous foro de dizema hela a sua custa o encaixacar e acarretar e isto a preso de trezentos e nouenta reaes arroba pera nos em saluo o qual açuqre sera boo alealdado de receber de mercador a mercador e o pagamento das ditas xbiij arrobas nos fara nesta maneira. s. darnos ha logo cinquo contos de reaes nas mercadorias e preços adiante declarados e a demasya nos dara ate vynda das primeiras naaos que vierem de Frandes e de Ingraterra em mercadorias avaliadas ao preço que valerem nesta cidade a vara e covodo a dinheiro semdo quinhentos mil reaes em panos de Ingraterra de sorte que sejam de quinhentos reaes pera baixo cada covodo, em olandas duzentos mil reaes tambem per avaliasom hem solias por a dita maneira quarenta mil reaes, e o mais em roupa de Frandes e nos lhe mandaremos gardar a ordenaçom feita pera a garda das escapolas de leuante e nam ennovaremos cousa algũa contra elas e see algũa pessoa contra a dita ordenança e defesa caregar algũs açuqres pera as ditas escapolas que toda pena em que por ello encorrerem ametade seja pera nos e a outra metade pera o dito Antonio Saluago. E com condiçom que nenhũas outras pesoas posam tirar nem carregar nenhũs outros açuqres pera cales (1) nem nenhũs outros lugares dandolozia (2).

«Item os açuqres que hamde hyr a escapola de genoa ham de ser caregados em a nosa naao anunciada. s. nos mandaremos que parta

(1) Cales é Cadix.
(2) Aliás — Andaluzia.

daquy pera a Ilha ate per todo o mes de julho que vem e despois de caregada nom tornara a esta cidade mays hira logo seu caminho direito pera genoa homde hira primeiro que a Pissa, hem genoa descaregara os açuqres que per ahy leuar e o dito Antonio Saluago pagara de frete o que he custumado e se a dita náo nom comprir as ditas condiçoes pagara em tal casso de frete quatro cruzados por tonelada ssoomente dos açuqres que nela carregar e os açuqres da escapola de heexyo caregara o dito Antonio Saluago em qualquer naao ou navyo destes Regnos que quizer sendo hũa naao sso salvo sse nos lhe dermos naao nossa em que vam por que entam sera obrigado de os caregar nela.

«Item o dito Antonio Saluago entregara a dita mercadoria em o nosso tessouro pera nossas moradias e cobrará conhecimento do nosso tessoureiro feito per o escripvam de seu oficio e asynado per ambos em que declare a mercadoria que asy recebeo e quanta he e de que sorte e lhe sera levada em conta e asy per desembargo que pera isto mandaremos pasar em forma.

«Item ele sera obrigado a dar fiança nesta sidade pera conprir este contrauto e nos pagara os ditos açuqres aos ditos presos e levando recado dos veadores de nossa fazenda como a dita fiança tem dada aos ditos açuqres per este mandamos ao nosso contador e almoxarife e recebedores da dita Ilha que lhe entreguem e paguem todas as ditas xbiij arouas daçuqre na forma acyma declarada.

«Item com condiçom que na dita Ilha ele possa mandar caretar os ditos açuqres per quaesquer bestas e batees que ele quizer por seu dinheiro e prazimento de seus donos.

«Item as mercadorias que o dito Antonio Saluago hade entregar seram em roupa de Ingraterra de quinhentos reaes o covodo pera abaixo, quynhentos myl reaes e todo o que falecer pera comprimento dos sete contos e vynte myl reaes que montam nas ditas xbiij arrobas daçuqre nos dara o dito Antonio Saluago em roupa baixa de Ingraterra e de Frandes e toda a rroupa ssobredita sera boa de receber de mercador a mercador e a ssoma dos dous contos xx reaes que nom hademtregar logo tera tempo demtregar ate tres messes primeiros segyntes e por certidam de todo esto mandamos pasar este nosso aluara por nos asynado o qual mandamos que se compra e garde inteiramente como nele he conteudo e declarado e o dito Antonio Saluago se obrigou de o conprir e gardar e por firmeza dello asynou no livro dos lanços de nossa fazenda honde este fica treladado. Feito em Lixboa a primeiro dia dabrill, Lopo Fernandes o fez, de mil e quinhentos e dous e as cassas em que adaver os ditos açuqres apontados segundo acyma he declarado ser lha feito pagamento nelas igalmente per repartiçom ssoldo a liura com os outros trautadores.

«Escripto e concertado com o proprio que he asynado per el Rey nosso Senhor per my Marcos Lopes escripvam em xxbij dias dabril de myl e quinhentos e dous — *Marcos Lopes*» (1).

---

(1) Torre do Tombo, *Corpo Chronologico*, parte 2.ª, maço 6, documento 1.

XXXVII

Santo (Guedêa)

A a juizar pelo nome, era sem duvida italiano. Vêmol-o figurar numa quitação passada a João Rodrigues de Parada, (vide este nome), o qual, por mandado de el-rei entregou diversas porções de assucar aos italianos João Francisco Lafetá e Jeronymo Cerniche, de quem já fallei, e Santo Guedêa.

XXXVIII

Saraiva (João)

Foi almoxarife na ilha da Madeira, sendo-lhe passada carta de quitação, pelo exercicio do cargo, a 30 de março de 1517. E documento muito extenso e curioso, trazendo muitas verbas com respeito a assucares, dos quaes se especificam duas qualidades, uma de cannas e outra de melles.

Enumeram-se muitos individuos, entre os quaes Armão Alvares, de quem tratei em artigo especial.

Veja-se *Archivo Historico Portuguez*, vol. IV, pag. 77, onde vem publicada a carta de quitação acima referida.

Encontrei no *Corpo Chronologico* um documento relativo a João Saraiva, o qual no anno de 1517, tinha o cargo de recebedor dos assucares de el-rei na ilha da Madeira. E' um desembargo de D. Manuel I, mandando-lhe que entregasse ao genovez Urbano Lomelim a quantia de cento e trinta mil reaes que lhe cabiam pelos quinhentos cruzados, com que entrou de parceria com Jeronymo Cernige e outros na armação das quatro naus para Malaca, de que foi por capitão Diogo Mendes de Vasconcellos.

Pelo recibo, passado a 17 de dezembro de 1517, vê-se que, Urbano Lomelim residia então em Machico.

Segue o documento:

«Nós ElRey mandamos a vos Joham Saraiva cavalleiro de nossa casa que ora tendes carreguo do recebimento do dinheiro da venda dos açucares na nossa Ilha da Madeira que do rendimento delles deste anno presente de myl b^{c} e dezassete pagues a Urbam Lomelim genoees cemto

e trimta mill reaes que lhe mandamos dar em parte do paguo dos dozentos e setenta mill reaes que lhe momtaram aver pollos quinhentos cruzados de praçeiro que forneceo na armaçam das quatro naaos que Gironymo Cernige e praceiros armaram pera Mallaca capitam Diogo Mendez de Vascomçellos com segurança das quebras e dereitos segundo vimos por certidam dos oficiaees da nosa casa da Imdia em que davam sua fee como poseram verbas nos livros da casa e da armaçam das ditas naaos e titollo do dito Urbam como lhe pasaram esta per bras de grãa seu procurador pera aver della seu pagamento dos ditos ij^c lx reaes por que dos outros cemto e trymta mill reaes leva alluara de lembrança pera lhe serem despachados nesse recebimento o ano que vem e por este seu conhecimento e segumda certidam dos ditos officiaes da casa da Imdia de como posseram verbas que ho dos ditos dereitos pagou pella sobredita maneira. Mamdamos aos nossos contadores que vos levem em conta os ditos cxxx reaes. Feito em Lixboa aos xbij dias de julho. Afonso Mexia o fez ano de j b^c xbij. — Rey · ⁝ · —. *O Baram*».

«cxxx reaes em Joham Saraiva rrecebedor da venda dos açucares da Ilha que V. A. este ano despacha a Urbam Lomelim em parte dos ij^c lx que lhe montaram por os b^c cruzados que forneceo na armaçom dos iiij naos de Geronimo Cernige e praceiros armaram pera Malaca e dos outros cxxx leua aluara de lembrança pera lhe serem nele despachados o ano que [vem]».

«Ja nos livros da casa donde say a certidam per que se fez este desembargo he posto a verba que requere sprita em Lixboa a xbiij dagosto de 517. — *Gonçalo Fernandes*».

«Sejam certos os que este conhecimento de quitaçam virem he verdade que Urbam Lomelim contheudo neste desembargo atras conheceo e confesou receber e ter recebido de Joham Saraiva que ora tem carego da venda dos açuquares del rey noso Senhor nesta Ilha este ano de b^c xbij os cemto e trimta mill reaes em elle contheudos. E por certidam dello lhe deu este. Feito por Pero Lopes escripvam do almoxarifado do Machiquo homde o dito Urbam Lomelim he morador e lhe fez o dito pagamento a xbij dias de dezembro de mil b^c xbij. — *Urbam Lomelim*. — *Pedro Lopez*. Registado Joam Soarez» (1).

XXXIX

Sistre (Martim)

Negociante inglez, residente em Lisboa nos meados do seculo xvii, ao qual foi concedida o privilegio e monopolio da

(1) Torre do Tombo, *Corpo Chronologico*, parte 1.ª, maço 22, documento 37.

refinação dos assucares baixos. Este privilegio não se acha registado, e só temos noticia d'elle pela transferencia feita a Bernabé Conforte, de quem se tratou no logar competente.

XL

Vaz (Affonso)

Residia, em tempo de D. João II, na ilha da Madeira, onde era mestre de fazer e lavrar assucar. Tendo espancado e ferido um homem, fôra condemnado a diversas penas, entre as quaes a de 2 annos de degredo para Ceuta. Como se houvesse concertado com a parte contraria, supplicou a D. João II que lhe perdoasse o degredo, mediante o pagamento de oito mil reaes, que entregaria a Fr. Jorge de Sousa para madeirar e reparar a egreja de S. Bernardino, que havia sido derribada pelas cheias e terremotos. El-rei despachou favoravelmente o requerimento, attendendo a ser muito bom official do seu officio e muito necessario naquella ilha e a contribuir com espontanea offerta para uma obra religiosa.

A respectiva carta de perdão foi passada em Santarem a 17 de junho de 1486.

«Dom Joham &. Saude, sabede que A.º Uaaz, mestre de fazer açucar, morador na ilha da Madeira, nos enviou dizer que elle era preso na prisom da dita ilha por lhe seer posto que elle com outros de proposito dera certas feridas e pancadas em huũ omẽ e se procedera tamto a bem do feito comtra elle per acusaçom da parte que foy julgado que o açoutasem pubricamente pella villa e mais que fosse degradado por dous annos pera a nossa cidade de Cepta, a qual execução daçoutes diz que fora logo com elle feita e por quanto elle tynha ja a parte querelosa satisfeita do que lhe julguado fora e elle era boõ mestre e oficiall de fazer e laurar açucares e muy necesario em a dita ilha lhe quisesemos alevamtar os ditos dous annos de degredo e o ouvesemos dello por relevado e elle daria pera ello oyto mill reaes pera as obras da egreja de sã Bernardino que em a dita ilha estava e os ẽtreguaria a frei Jorge de Sousa, que ora morava em ella, que as cheas e terremotos que forom em a dita ilha derribarom e mandandonos elle pedir por merce que asy lho quisesemos outorgar, e nos vẽedo o que elle asy dizer e pedir emuiou, se asy he como elle diz, e sy mais nom ha, e visto hum prazme com nosso passe, e queremdolhe fazer graça e mercee, temos por bem e alevamtamoslhe ao dito sopriquante os ditos dous annos de degredo que lhe asy foram postos pera nossa cidade de Cepta e o auemos delle por relevado sem embarguo delle ser preso comtanto que elle pague pera madeirar e repairar a egreja de sã Bernardino que he em a dita ilha os oyto mill reaes que elle diz que quer paguar, os quaaes pagara a frei Jorge de Sousa, ou a quem o carreguo teuer de receber os dinhei-

ros e esmollas que se em o corregimento da dita egreja hã de despender e mandamos que sobre aquele que os recéber sejam carreguados em recepta pera se saber como ho despendem na dita obra e paguando elle sopriquante asy os ditos oyto mill reaes mandamos que seja solto. Dada em Santarem xbij de junho — elRey o mandou pelos ditos doutores — J.º Jorge a fez de lxxxbj» (1).

XLI

Vaz Lemos (João)

Contador da fazenda em tempo de el-rei D. Manuel I, que o mandou á ilha da Madeira a fazer cobrança de dinheiros e assucar em divida.

O assucar montou a 4:163 arrobas e 26 arrateis, recebido de diversas entidades e pessoas, entre as quaes Lucas Salvago, procurador de Antonio Salvago, italianos.

Esta lista é numerosa e interessante. A carta de quitação, por esta diligencia passada ao referido contador, é de 21 de julho de 1507 e vem a pag. 79, do vol. iv, do *Archivo Historico Portuguez*. Merece ser conferida com a de João Rodrigues de Parada.

XLII

Vieira d'Abreu (Jeronymo)

Jeronymo Vieira d'Abreu inventou umas novas moendas de assucar ou talvez, mais propriamente, fez modificações de certa importancia nas já conhecidas. Parece que d'este novo apparelho se occupou Fr. José Marianno da Conceição Velloso, no seu *Fazendeiro do Brasil*, e como a sua descripção suscitasse algumas duvidas, saiu á estacada o auctor com um folheto cujo titulo passo a transcrever integralmente, segundo o exemplar pertencente ao sr. Annibal Fernandes Thomaz:

Respostas dadas a algumas perguntas que fizerão sobre as novas moendas dos engenhos de assucar e novos alambiques, por Jeronymo Vieira d'Abreu, e impressas por ordem superior. Lisboa, MDCCC, na typographia Chalcographica e litteraria do Arco do Cego.

---

(1) Torre do Tombo, Chancellaria de D. João II, liv. 4, fl. 69 verso.

É em formato 4.º, de 8 paginas, incluindo o rosto, e mais duas estampas no fim, uma das quaes gravada por R. Eloy, e a outra por Santos.

Innocencio da Silva consagra no tomo 3.º do seu *Diccionario Bibliographico* um pequeno artigo a Jeronymo Vieira d'Abreu, cuja naturalidade e mais pormenores biographicos diz ignorar. Descreve o folheto, sem indicar a typographia e errando o anno da impressão, 1802 em vez de 1800.

O opusculo principia a pag. 3 por esta fórma:

«Perguntas que fez de Villa Rica o dr. Gregorio Soares de Alvergaria, a hum seu amigo do Rio de Janeiro, e tambem da capitania do Espirito Santo ao R. P. Manuel dos Santos, e dos Campos Goitacazes o dr. Manuel Carlos de Gusmão, tiradas da *Memoria do Alambique* do Professor Regio João Manso Pereira. Folhas 42, verso 52».

Já que venho tratando de uma obra sobre a industria sacharina intercalarei aqui a noticia de mais algumas da mesma especialidade, accrescentando assim a pequena lista que inseri na Introducção. Acham-se á venda no deposito da *Imprensa Nacional de Lisboa,* em cujo catalogo estão assim descriptas:

«Compendio sobre a canna do assucar e sobre os meios de se lhe extrair o sal essencial, por J. A. Dutroue, traducção por Fr. José Marianno da Conceição Velloso, 1801, 4.º, com 6 estampas».

«Descripção da arvore assucareira, e da sua utilidade e cultura, por Hypolito José da Costa Pereira, 1800, 4.º, com 1 estampa».

«Extracto sobre os engenhos de assucar do Brasil e sobre o methodo já então praticado na factura d'este sal essencial tirado da obra *Riqueza e Opulencia do Brasil,* para se combinar com os novos methodos que agora se propõem, por Fr. José Marianno da Conceição Velloso, 1800, 4.º, com 4 estampas».

«*Fazendeiro do Brasil.* Tomos I e II. Da cultura das cannas e factura do assucar, 1.º, 1798, 8.º, com 3 estampas. 2.º, 1798, 8.º, com 8 estampas».

«Memoria sobre a cultura e productos da canna de assucar, por José Caetano Gomes, 1800, 4.º, com 8 estampas».

Da obra do jesuita José Rodrigues de Mello, *De rebus rusticis brasilicis,* fez-se em 1798 uma segunda edição em Lisboa, da qual não nos deram noticia nem Innocencio da Silva, nem o seu continuador. Acha-se tambem incluida no mesmo catalogo.

*

Mencionarei ainda mais as seguintes, que assim vão opulentando a bibliographia da cultura e industria sacharina:

André João Antonil publicou em Lisboa em 1711, uma obra intitulada *Cultura e opulencia do Brasil...* que foi mandada suprimir, tornando-se por isso muito rara, pois foram poucos os exemplares, que escaparam á censura. Foi reimpressa no Rio de Janeiro em 1837. Innocencio Francisco da Silva no 1.º e 8.º volume do seu *Diccionario Bibliographico* faz a historia d'esta obra, que parece ter sido supprimida pelo receio do alvoroço que causaria no extrangeiro a revelação das riquezas da nossa grande possessão americana. Não encontrei na Torre do Tombo nenhum documento a respeito do seu auctor, que podesse servir de algum modo a esclarecer este mysterio. Parece que Antonil era italiano, motivando esta suspeita o modo porque está sobscripto o prologo da obra — *O anonymo toscano.*

De D. José Joaquim da Cunha de Azevedo Coutinho ha um opusculo intitulado: *Memoria sobre o preço do assucar.* Sahiu primeiramente nas *Memorias Economicas da Academia* e depois na 2.ª edição da obra do mesmo auctor intitulada *Ensaio economico sobre o commercio de Portugal e suas colonias,* de paginas 181 a 201. O *Ensaio* imprimiu-se por tres vezes nos seguintes annos: 1794, 1816 e 1828.

Ultimamente o *Centro Industrial do Brasil* tem publicado uma série de monographias tendentes a patentear as riquezas naturaes e industriaes d'aquelle vastissimo paiz, procurando por este meio não só o seu desenvolvimento entre os seus habitantes, como tornar mais ampla a sua noticia entre os extrangeiros. No 2.º volume, *Industria Agricola,* encontram-se interessantes informações historicas ácerca da cultura e industria do assucar nos differentes estados da republica brasileira, isto é, nas antigas provincias e capitanias.

Na Introducção d'esta memoria reproduzi alguns trechos poeticos da *Insulana* e da *Zargueida.* Rematarei este breve estudo com a oitava 26 do canto 7.º do *Caramuru,* poema historico, do notavel poeta brasileiro Frei José de Santa Rita Durão:

O mais rico e importante vegetavel
É a doce cana, donde o assucar brota,
Em pouco ás nossas canas comparavel;
Mas nas do milho proporção se nota:
Com manobra expedita e praticavel,
Espremido em moenda o succo bota,
Que acaso a antiguidade imaginava,
Quando o nectar e ambrosia celebrava.

Esta estancia é posta pelo poeta na boca do Caramuru quando descreve o Brasil e seus productos ao rei de França.

Estava revendo as ultimas provas d'este opusculo, quando recebi do sr. Ismael Gracias, uma carta datada de Pangim a 16 de dezembro de 1908, em que me participa a existencia, na egreja de Santa Anna de Talaulim, de uma campa com os seguintes dizeres:

Sepultura de Bartholameu
Marchioni gancar desta
aldea de Talaulim e
de seus herdeiros.

Esta inscripção já a dera a conhecer o infatigavel dr. Cunha Rivara. Accrescenta o distincto escriptor indiano que ainda hoje existem na aldea de Margão, descendentes dos Marchionis de Talaulim, que para alli emigraram, por occasião da peste de 1783. Veja-se o *Oriente Portuguez*, vol. 1.º. Nova Gôa, 1904, a pag. 238 e 239.

SOUSA VITERBO.

CAMÕES E A INFANTA D. MARIA

(Cont. do n.º 10, pag. 499)

Percorramos agora a epistola 1.ª, a que alguns dão o nome de *Oitavas sobre o desconcerto do mundo* (1).

Apresentando-se como victima da Fortuna (2), o poeta começa por formular o grave problema que suggere a observação quotidiana: Se existe uma Providencia, como é que ha maus que prosperam e bons que são infelizes? Como é

---

(1) «Outro producto (do periodo africano), de peso, e bem valioso, são as *Oitavas sobre o desconcerto do mundo,* que julgo escriptas quasi no fim do exilio... A austera poesia foi enviada, segundo a tradição, ao joven discipulo de Camões (D. Antonio de Noronha). Houve tempo em que duvidei da veracidade desta noticia, mas hoje dou-a por certa.» (W. Storck, *Vida de Camões,* p. 406). Creio que o destinatario da epistola foi o pae de D. Antonio de Noronha. O ex-discipulo do poeta era ainda muito novo (nascera em 1536), para receber deste confidencias intimas e para lhe prestar os serviços de que precisava. Além disso, a elevação da epistola e até a sua estructura grammatical não eram para creanças.

O nome dado ás «magnificas estancias, sem igual na lyrica portuguêsa, a não ser que nas proprias obras de Camões encontrem parallelos» (W. Storck, p. 408), provém da 1.ª oitava:

> Quem póde ser no mundo tão quieto,
> Ou quem terá tão livre o pensamento,
> Quem tão exprimentado, ou tão discreto,
> Tão fóra, emfim, de humano entendimento,
> Que, ou com publico effeito, ou com secreto,
> Lhe não revolva e espante o sentimento,
> Deixando-lhe o juizo quasi incerto,
> Ver e notar *do mundo o desconcerto?*

(2)

> Fortuna, emfim, co Amor se conjurou
> Contra mi, porque mais me magoasse;
> Amor a um vão desejo me obrigou,
> Só para que a Fortuna mo negasse.
> (Est. 29.ª).

que a Fortuna póde favorecer os primeiros e tornar a vida amargurada aos segundos?

Quem ha que veja aquelle que vivia
De latrocinios, mortes e adulterios,
Que ao juizo das gentes merecia
Perpetua pena, immensos vituperios,
Se a Fortuna em contrario o leva e guia,
Mostrando emfim que tudo são mysterios,
Em alteza de estados triumphante,
Que, por livre que seja, não se espante?
(Est. 2.ª).

Quem ha que veja aquelle que tão clara
Teve a vida, que em tudo por perfeito
O proprio Momo ás gentes o julgára,
Inda quando lhe visse aberto o peito,
Se a má Fortuna, ao bom sómente avara,
O reprime e lhe nega seu direito,
Que lhe não fique o peito congelado,
Por mais e mais que seja exprimentado?
(Est. 3.ª).

Houve um philosopho grego que procurou resolver a questão, admittindo a existencia de dous deuses, mas esta solução não se conforma nem com os principios racionais, nem com a doutrina christã.

Democrito dos deuses proferia
Que eram só dous: a Pena e o Beneficio.
Segredo algum será da phantasia,
De que eu achar não posso claro indicio;
Que, se ambos vem por não cuidada via
A quem os não merece, é grande vicio
Em deuses sem-justiça (1) e sem-razão.
Mas Democrito o disse e Paulo não.

Póde dizer-se que este *desconcerto* da Fortuna não data d'agora, antes é tão antigo como o mundo. Mas isto não resolve, antes aggrava o problema.

Dir-me-eis que, se este estranho desconcerto
Novamente no mundo se mostrasse,
Que, por livre que fosse e mui experto,
Não era de espantar, se me espantasse;
Mas que, se já de Socrates foi certo
Que nenhum grande caso lhe mudasse
O vulto, ou de prudente ou de constante,
Exemplo tome delle e não me espante.
(Est. 5.ª).

---

(1) É provavel que o poeta escrevesse: *injustiça*.

Parece a razão boa; mas eu digo
Deste uso da Fortuna tão damnado
Que, quanto é mais usado e mais antigo,
Tanto é mais estranhado e blasphemado.
Porque, se o Ceu, das gentes tão amigo,
Não dá á Fortuna tempo limitado,
Não é para causar mui grande espanto,
Que mal, tão mal olhado, dure tanto?
(Est. 6.ª).

Mas, como se não bastasse o ser a Fortuna uma entidade tão caprichosa, não ha quem della não espere alguma cousa! A ambição, o *pretender do mundo fama e fruito,* faz com que ninguem lhe escape, nem mesmo quem professa desprezá-la!

Outro espanto maior aqui me enleia,
Que, com quanto Fortuna tão profana
Com estes desconcertos senhoreia,
A nenhuma pessoa desengana.
Não ha ninguem que assente nem que creia
Este discurso vão da vida humana,
Por mais que philosophe, nem que entenda,
Que algum pouco do mundo não pretenda.
(Est. 7.ª).

Diogenes pisava de Platão
Com seus sordidos pés o rico estrado,
Mostrando outra mais alta presumpção
Em desprezar o fausto tão prezado.
— Diogenes, não vês que extremos são,
Esses que segues, de mais alto estado?
Pois, se de desprezar te prezas muito,
Já pretendes do mundo fama e fruito —.
(Est. 8.ª).

Em seguida o poeta, passando por alto várias categorias de ambiciosos, interpella directamente Cesar e Platão, e pergunta-lhes de que lhes valeram os trabalhos em que quiseram envolver-se. O primeiro morreu ás mãos dos seus; o segundo não conseguiu eximir-se aos erros da gentilidade.

Mas pergunto ora a Cesar esforçado,
Ora a Platão divino, que me diga,
Este das muitas terras em que andou,
Aquelle de vencê-las, que alcançou?
(Est. 11.ª).

Cesar dirá: Sou digno de memoria;
Vencendo povos vários e esforçados,
Fui monarca do mundo, e larga historia
Ficará de meus feitos sublimados.

— É verdade; mas esse mando e gloria
Lograste-o muito tempo? Os conjurados
Bruto e Cassio dirão que, se venceste
Emfim, emfim ás mãos dos teus morreste.
(Est. 12.ª).

Dirá Platão: Por ver o Etna e o Nilo,
Fui a Sicilia, Egypto e outras partes,
Só por ver e escrever em alto estylo
Da natural sciencia e muitas artes.
— O tempo é breve e queres consumi-lo,
Platão, todo em trabalhos? E repartes
Tão mal de teu estudo as breves horas,
Que emfim do falso Phebo (1) o filho adoras?
(Est. 13.ª).

E afinal de que vale a ambição? Para que servem os trabalhos a que ella obriga? Porque é que o homem se ha de submetter aos revezes da fortuna? Lá vem a morte, que tudo inutiliza. A alma terá mais em que occupar-se e o corpo já nada sente.

Por (2) quanto, dês que vive já apartada
A alma desta prisão terrestre e escura,
Está em tamanhas cousas occupada,
Que da fama que fica nada cura,
E *o* corpo terreno *sente* nada (3).
O Cynico dirá se por ventura
No campo, onde lançado morto estava,
De si os cães ou as aves enxotava (4).
(Est. 14.ª).

Mas se a Fortuna, que é cega, sobre todos procura exercer o seu imperio, como poderemos escapar-lhe?

Para os que *têm baixa a phantasia,* ha só um meio: é nunca se metterem em *grandes cousas.*

Quem tão baixa tivesse a phantasia,
Que nunca em móres cousas a mettesse,
Que em só levar seu gado á fonte fria,
E mungir-lhe do leite que bebesse,
Quão bem-aventurado que sería!
Que, por mais que a Fortuna revolvesse,
Nunca em si sentiria maior pena,
Que pesar-lhe de a vida ser pequena.
(Est. 15.ª).

---

(1) Proponho a correcção *Chrono* (Saturno), pai de Jupiter (Zeus).
(2) Lição corrente: *Pois quanto.*
(3) Parece-me que deve lêr-se assim e não: *E se o corpo terreno sinta nada.*
(4) Nos versos 7 e 8, o imperfeito pelo futuro. Trata-se de uma das muitas anedotas attribuidas a Diogenes.

Veria erguer do sol a roxa face,
Veria correr sempre a clara fonte,
Sem imaginar a agua donde nace,
Nem quem a luz occulta no horizonte;
Tangendo a frauta donde o gado pace,
Conheceria as hervas do alto monte;
Em Deus creria, simples e quieto,
Sem mais especular algum secreto.
(Est. 16.ª).

Os outros, *os que não têm baixa a phantasia,* só podem evitar os golpes da Fortuna, achando-se num estado similhante ao de Trasiláo.

De um certo Trasiláo se lê e escreve,
Entre as cousas da velha antiguidade,
Que perdido grão tempo o siso teve,
Por causa d'uma grave infermidade.
E, emquanto de si fóra doudo esteve,
Tinha por teima e cria por verdade
Que eram suas, das naus que navegavam,
Quantas no porto Pireu ancoravam.
(Est. 17.ª).

Por um senhor mui grande se teria,
Além da vida alegre que passava,
Pois nas que se perdiam não perdia,
E das que vinham salvas se alegrava.
Não tardou muito tempo quando um dia
Um Crito, seu irmão, que ausente estava,
A terra chega, e, vendo o irmão perdido,
Do fraternal amor foi commovido.
(Est. 18.ª).

Aos medicos o entrega e com aviso
O faz estar (1) á cura refusada.
Triste! que, por tornar-lhe o antigo siso,
Lhe tira a doce vida descansada.
As hervas Apollineas de improviso
O tornam á saude já passada.
Sisudo, Trasiláo ao caro irmão
Agradece a vontade, a obra não.
(Est. 19.ª).

Porque, despois de ver-se no perigo
Do trabalho a que o siso o obrigava,
E despois de não ver o estado antigo,
Que a louca presumpção lhe apresentava,

---

(1) Escreveria o poeta: *entrar?*

— Oh inimigo irmão, com côr de amigo,
Para que me tiraste (suspirava)
Da mais quieta vida e livre em tudo,
Que nunca pôde ter nenhum sisudo?
(Est. 20.ª).

Por qual senhor algum eu me trocára,
Ou por qual algum rei de mais grandeza?
Que me dava que o mundo se acabára,
Ou que a ordem mudasse a natureza?
Agora me é penosa a vida cara;
Sei que cousa é trabalho e que é tristeza.
Torna-me a meu estado, que eu te aviso
Que na doudice só consiste o siso. —
(Est. 21.ª).

E o poeta prosegue:

Vêdes aqui, senhor, bem claramente
Como a Fortuna em todos tem poder,
Senão só no que menos sabe e sente,
Em quem nenhum desejo póde haver.
Este se póde rir da cega gente;
Neste não póde nada acontecer;
Nem estará suspenso da balança
Do temor mau, da perfida esperança.
(Est. 22.ª).

Vamos agora entrar na parte capital da epistola. Qual dos dous meios de escapar aos golpes da Fortuna prefere o poeta? Dadas certas condições, não pediria

Do insano Trasiláo o doudo estado.

E essas condições são seguintes: Ver terminado o exilio; viver modestamente, entregue ás musas; cultivar a amizade da pessoa a quem a epistola é endereçada; deliciar-se com as obras de determinados poetas e, finalmente, se não principalmente, ter ao pé de si *a menina dos olhos verdes*.

Mas (1), se o sereno ceu me concedêra
Qualquer quieto, humilde e doce estado,
Onde com minhas musas só vivêra,
Sem ver-me em terra alhea degradado;
E alli outrem ninguem me conhecêra,
Nem eu conhecêra outrem mais honrado,
Senão a vós, tambem como eu contente,
Que bem sei que o serieis facilmente;
(Est. 23.ª).

(1) As cinco estancias que se seguem (23 a 27) formam gramma-

E ao longo d'uma clara e pura fonte (1),
Que, em borbulhas nascendo, convidasse
Ao doce passarinho, que nos conte
Quem da cara consorte o apartasse,
Despois, cobrindo a neve o verde monte,
Ao gasalhado o frio nos levasse (2),
Avivando o juizo ao doce estudo,
Mais certo manjar da alma emfim que tudo,

(Est. 24.ª).

Cantára-nos aquelle, que tão claro
O fez o fogo da arvore Phebêa (3),
A qual elle em estylo grande e raro
Louvando, o crystallino Sorga enfrêa;
Tangera-nos na frauta Sanazaro,
Ora nos montes, ora por a arêa;
Passára, celebrando o Tejo ufano,
O doce e brando Lasso castelhano;

(Est. 25.ª).

E comnosco tambem se achára aquella,
Cuja lembrança e cujo claro gesto
Na alma sómente vejo, porque nella
Está em essencia puro e manifesto,
Por alta influição de minha estrella,
Mitigando o rigor do peito honesto (4),
Entretecendo rosas nos cabellos,
De que tomasse a luz o sol em vê-los;

(Est. 26.ª).

E, emquanto por verão flores colhesse,
Ou por inverno, ao fogo accommodado,
O que de mi sentira nos dissesse,
De puro amor o peito salteado,
—Não pedira eu então que Amor me desse
Do insano Trasiláo o doudo estado,
Mas que alli me dobrasse o intendimento,
Por ter de tanto bem conhecimento.

(Est. 27.ª).

---

ticalmente um unico periodo. O *Mas* de 23, 1, liga-se directamente com o *Não pedira* de 27, 5, interpondo-se várias orações condicionaes, embora só esteja expresso um *se*. Assim: 23, 5, *E se alli;* 24, 1, *E se ao longo;* 26, 1, *E se comnosco;* 27, 1, *E se emquanto.*

(1) Este verso liga-se grammaticalmente com 25, 1, 5, 7.

(2) Anacolutho: *No* gasalhado *onde* o frio, etc.

(3) Petrarca, o cantor de Laura. O *louro* era a arvore consagrada a Phebo (Apollo).

(4) Camões allude á justa indignação da *menina dos olhos verdes.*

Esboçado, porém, este programma, o poeta pergunta:

> Mas por onde me leva a phantasia?
> Porque imagino em bem-aventuranças,
> Se tão longe a Fortuna me desvia,
> Que inda me não consente as esperanças?
> Se um novo pensamento Amor me cria,
> Onde o lugar, o tempo, as esquivanças,
> Do bem me fazem tão desamparado,
> Que não póde ser mais que imaginado?
> (Est. 28.ª).

E Camões, depois de se queixar da Fortuna e do Amor, que contra elle se conjuraram, conclue por esta forma:

> O tempo a tal estado me chegou
> E nelle quís que a vida se acabasse,
> Se ha em mim acabar-se, o que não creio,
> Que até da muita vida me receio.
> (Est. 29.ª).

Foram tambem escriptas nesta phase as seguintes redondilhas, tão repassadas de resignada melancolia:

Mote

> Esperanças mal tomadas,
> Agora vos deixarei,
> Tão mal como vos tomei.

Voltas

> Fostes tomadas em vão
> De mim, sem fundamento;
> E vós ereis todas de vento (1)
> E eu delle vivia então.
> Se vos tomei sem razão,
> Com ella vos deixarei,
> Tão mal como vos tomei.
>
> Assim vos queria ter,
> Sem razão e mal tomadas,
> Sabendo, quando deixadas,
> Quanto havieis de doer.
> Mas nem isto póde ser,
> Que por meu mal vos tomei,
> E por vós me deixarei (2).

---

(1) O poeta, parece-me, escreveu ou *Vós ereis*, ou *todas vento.*
(2) Talvez: *Por elle vos deixarei.*

Quereis que faça mudança!
De vós outro bem não entendo.
Isto só (1) se ganha em vos vendo,
Isto só de vós se alcança.
Mas esta vã esperança,
Senhora, se eu a tomei
Por vós, como a deixarei?

Mote

O meus altos pensamentos,
Quão altos que vos pusestes
E quão grande queda déstes!

Voltas

Como de mim vos não vinha
Serdes firmes num estado
(Pois o viver enganado
Era o maior bem que tinha),
Castello d'esta alma minha,
Quão alto que vos pusestes
E quão grande queda déstes!

Sabia que ereis de vento,
Como quem vos viu fazer;
Inda assim vos queria ter,
Como ereis sem fundamento.
Quem vos desfez num momento?
Ai! Quão alto vos pusestes
E quão grande queda déstes!

(Continúa). Dr. José Maria Rodrigues.

---

(1) O *só* está demais neste verso

DIALECTOS TRANSMONTANOS

O Rio d'Onorense

Debaxo d'ua nugueira encontrorun dous rapaces una nuece.

Ié mia, dixo Ignacio, porque a bi ieu primeiro. No, yé mia, dixo Bernardo, porque fui al primeiro ca alebantei. Ambos entrorun a raiar.

Iou quiero decedir ésto, dixo al rapace de mas idá, que possou por aili n'aquella accasion.

Metteu-se nu meio dos dous rapaces, abriu a nuece e dixo: una casca toca-le ao primeiro ca biu: a outra casca al primeiro ca alebantou; you guardo al carozo, por a sentencia.

Esto ié el fin, dixo elle rindo, de todas as rinhas.

Versão

Debaixo d'uma nogueira encontraram dous rapazes uma noz.

É minha, disse Ignacio, porque fui o primeiro que a vi. Não, é minha, disse Bernardo, porque fui o primeito que a levantei. Ambos entraram n'uma grande disputa.

Quero dicidir isto, disse o rapaz de mais edade que passou por alli n'aquella occasião.

Metteu-se no meio dos dous rapazes, abriu a noz e disse: uma casca pertence ao primeiro que a viu; a outra casca ao primeiro que a apanhou, e eu guardo a amendoa, pela sentença.

Este é o fim, disse elle, rindo, de todas as questões.

*

Un cuneio dixo pa sua mái: ó mái, dejxae-me d'ir pal lameiro a saltar e comer hierba macia.

Bien, dixo a mái, mas se vês os passos d'algun home, u ladrar algun perro, bien longo pár chi. Dixo ao cuneio, estae descansada, ó mái, e saltou d'aili a fuchir cun alegria. Dou moitos saltos asta que oiiu un voce, que le dixo: querido cuneio, cumo stas contente! Bien a brincar cumigo. Al cuneio lebantou as oureias, e biu n'un buraco d'ua semba un animal com o cuerpo cumpriu, e al fucinho aguçao. Olbidou-se dos conseios de sũa mái, e dixo: Quiero brincar cumtigo. Mas apenas habia entrao nu buraco da semba, a denunciella agarrou-ao e matou-al.

Versão

Um coêlho disse para sua mãe: Mãe, deixe-me ir para o lameiro saltar, e comer herva macia.

Bem, disse a mãe, se ouvires os passos d'algum homem ou ladrar algum cão, vem logo para aqui.

O coêlho disse: Mãe, esteja descançada, e saiu d'alli a fugir alegremente.

Deu muitos saltos, até que ouviu uma voz, que lhe disse: querido coêlho, como estás contente! Vem brincar comigo.

O coêlho levantou as orelhas, e viu n'uma fenda d'uma rócha um animal com o corpo comprido e o fucinho aguçado. Esqueceu-se dos conselhos de sua mãe, e disse: quero brincar comtigo. Apenas entrára na fenda da rócha, a doninha agarrou-o e matou-o.

*

Un dia un arrieiro cuntou q'habia curriu as cinco partes d'al mundo, e que entre outras cousas, habia bisto una en que ningun habia fallado.

Iera un pié de berzas tan alto que cincoenta cavalheiros puestos a dreito uns dos outros pudian andar da caballo debaixo d'ua d'estas fôias. Un dos que uíran, nun s'acor-

dando d'ua d'estas cousas, dixo cun o maior descanço: q'el tamien habia viaxau, e que chegando al Xapon, habia bisto cun grande admiracion mas de tres cientos caldeireiros a trabaiar n'un grande caldeiron, drento d'al qual staban mas de cien persós a limpal'o. Mas que querien ellos fazer cun aquelle grande caldeiron? Precurou al principio. Era para cozer al ton pié da berza.

Versão

Um dia um arrieiro contou que tinha corrido as cinco partes do mundo e que, entre outras cousas, tinha visto uma na qual ninguem tinha fallado.

Era um pé de couve tão alto que cincoenta cavalleiros formados podiam cavalgar debaixo d'uma das fôlhas.

Um dos ouvintes, não se lembrando de tal cousa, disse com a maior placidez: que tambem tinha viajado a que, chegando ao Japão, tinha visto, com grande admiração, mais de trezentos caldeireiros, a trabalhar n'um grande caldeirão, dentro do qual estavam mais de cem pessoas a limpál-o. Mas que queriam elles fazer com aquelle grande caldeirão? Perguntou o primeiro. Era para cozer a tua couve.

*

Un pae iba cun o fiio por lo caminho e acharun ua ferradura no sôlo. Alebanta aquella ferradura, dixo al pae pal fiio.

Nun bale al baixar-se un home por ua fertadura, respondeu al fiio. Al pae alebantou-a d'al sôlo e bendeu-a a un ferrador na ciudá para onde iban; e na mesma ciudá cun esse mismo dinheiro cumprou alguas cerexas. Passorun pur un sitio d'onde nun habia ua fonte; e cumo al dia staba moi caliente, tenia al fiio una sede moi grande. Al pae deixou caher ua cerexa. E al fiio á la agarrou e comeu. Despois deixou caher outra, que tamien foi agarrada por lo rapaze, e foi-as deixando caher, asta que caheran todas as q'abia comprao. Al pae mirou ao fiio e dixo-le: Se tobieras dobrao par lebantar a ferradura, non t'abias dobrao tantas vezes cumo te dobraste pa lebantar as cerexas.

Versão

Um pae ia com o filho pelo caminho e acharam uma ferradura no chão. Levanta aquella ferradura, disse o pae ao filho.

Não vale a pena abaixar-se uma pessoa, por uma ferradura, respondeu o filho. O pae levantou-a do chão, e vendeu-a a um ferrador na cidade, para onde iam; e na cidade com esse dinheiro, comprou algumas cerejas. Passaram por um logar onde não havia uma fonte, e, como o dia estava muito quente, o filho tinha muito grande sêde. O pae deixou cair uma cereja, que o filho apanhou e comeu. Depois deixou cair outra, que tambem foi apanhada pelo rapaz, e foi-as deixando cair, até que cairam todas as que comprára. O pae olhou para o filho e disse-lhe: Se te tivesses dobrado para levantar a ferradura, não te terias dobrado tantas vezes como te dobraste para levantar as cerejas.

*

Despois d'ua grand troena parceu un ourello da vieia mui bunito. Henrique mirou por la buraca para fûra, e dixo chêu d'alegria: nunca bi na mia bida colores tan bonitos. As fôias das arbores stan deitando buelta a buelta aquellas tintas. Bou iá par li, e ei-de encher a mia caxa cun ellas.

Brincou depriessa canto pôdo, en dreito al matto. Mas, para sou spanto, staba a chober, e nun se conhecia color ningua.

Muiado pur chober e triste, bieno pera casa e queixou-se al pae, da sua mala suerte. Al pae riu e dixo: estas tintas non se enzierran en malgas, as pingas de chober, brian assi enquanto le dá al sól; al que suzedeu cun ellas, aconteze cun a pompa nu mundo. Afigura-se ua cousa yé outra.

No te deixes enganhar senó al prazer para ti yé dolor.

Versão

Depois d'uma grande trovoada appareceu um arco-iris muito bello. Henrique olhou pela janella, e disse cheio d'ale-

gria: nunca vi na minha vida côres tam bonitas. As folhas das arvores estam deitando gotta a gotta aquellas tintas. Vou já para lá, e ei-de encher a minha caixa com ellas.

Saltou tam depressa quanto pôde para o matto. Mas, para seu espanto, chovia, e não se conhecia nenhuma côr.

Molhado pela chuva e triste, veiu para casa e queixou-se ao pae, da sua má sórte. O pae riu-se, e disse: estas tintas não pódem ser encerradas em caixas, as gottas d'agua brilham assim emquanto lhes bate o sol. O que succede com ellas acontece com a pompa no mundo. Parece-nos uma cousa e é outra.

Não te deixes enganar, senão o prazer é para ti dôr.

O primeiro dia da escola

Eram passados dois mezes depois que sahi da escola da mestra Guilhermina.

Ella era boa, alegre e muito amiga dos seus discipulos.

Brincava muito comnosco, trabalhando sempre para nós, de dia e de noite. De dia, ensinando-nos; de noite, preparando as nossas escriptas e contas.

Meu pae, um dia, disse-me: Alberto, já estás crescido e, por isso, vais deixar a tua mestra; além d'isso, precisas aprender mais do que aquillo que ella te póde ensinar.

Eu córei e tive pena.

Sahi, effectivamente, da escola e, desde o fim do mez de outubro, não voltei lá.

Passei dois mezes em nossa casa, que é no campo, olhando com pezar para o jardim, despido de flores, e para as arvores do bosque, despidas de folhas. Tinha saudades dos passarinhos. Comtudo, brincava muito, estava alegre e contente, porque ouvia a cada instante a voz de minha mãe.

A vida alegre, que eu passava em casa, fez-me esquecer a minha mestra.

No dia 7 de janeiro entrei para a nova escola. Meu pae acompanhou-me até la.

Era o primeiro dia de aula depois das ferias do Natal, e, portanto, o dia destinado para a entrada dos novos alumnos.

Gostei muito de la encontrar o João e o Augusto Camacho, que tinham sido meus companheiros na escola da mestra Guilhermina e dos quaes era muito amigo.

Entraram muitos meninos neste dia e a escola tinha mais de 150 alumnos.

Eu ia muito triste e contrariado.

Havia difficuldade em subir as escadas da escola, tal era a affluencia de pessoas que subiam e desciam, umas, alegres e risonhas, outras, tristes e chorosas. Era grande o barulho que faziam.

Meu pae, ao separar-se de mim, depois de me ter entregado ao director, disse-me: — Alberto, coragem! Precisas aprender, respeita os teus mestres, sê amigo d'elles, e lembra-te sempre que tudo quanto te disserem é para teu bem e que a sua preoccupação é só o teu futuro.

Meu pae sahiu e eu fiquei mais triste ainda. Lembrava-me do campo e dos meus brinquedos e parecia-me que ouvia a cada momento a voz de minha mãe.

Recordava-me tambem da minha mestra, das suas caricias, da sua bondade e do seu sorriso, tão alegre, e via bem como tudo era differente. Esta escola não me parecia tão bonita, como aquella d'onde sahira.

O nosso director é alto, usa a barba toda, que já está grisalha, cabeça levantada, olhar vivo e penetrante, e a sua voz é forte, mas agradavel; fita-nos a todos e não se ri para nós, mas o seu olhar não nos causa medo.

Á hora da sahida, era minha mãe quem me esperava.

Viu-me triste e sorriu-se, dizendo-me: — Então, Alberto, que é isso? Coragem! Bem sabes que eu serei em casa a tua companheira, estudaremos as lições juntos.

Beijei minha mãe e pareceu-me que um grande pêso me sahia das costas.

Versão

Eran passaos dous messes despois que salia dal scoela da maestra Guilhermina.

Iella iera bô, alegre e muito amiga dos sous studiantes.

Brincaba muieto cun nós, trabaiando siempre para nós, de dia e de nueite. De dia, ensinhando-nos; de nueite, preparando las noestras escriptas e coentas.

Mieu paẽ, un dia dixo-me — Alberto, iá stás crecido e, por esso, vás a deixar a tua maestra; alhá desso, necessitas aprender más do que aquello que ella te poede ensenhár.

Eu colorei e tubo pena.

Sali, contra mieu gusto, dal scoela e, desde al fin dal mês de outubro, non tornei alá.

Passei dous messes en nuessa casa, que stá n'al campo, mirando cun pessar par al xardim, despido de flores, e pás arbores dal bosque, desnudadas de fueias. Tenia saludades dos passaricos. Contodo brincaba mueito, staba alegro e contente, porque ouía a cada ratico la voze de mia maẽ.

A bida alegro, que iou passaba em cassa, fizo-me olbidar a mia maestra.

Al dia 7 de xaneiro entrei para nueva escuela. Mieu paẽ acompanhou-me stá lá.

Iera al primeiro dia de scuela despoeis de las bacantes de la Nabidá, e, por esso, al dia destináo para entrada dos noevos studiantes.

Gustei mueito de la encontrar al Xoãn e al Augusto Camacho, que habian siu mieus companheiros na scoela de la maestra Guilhermina e de los quales ieu iéra mueito amigo.

Entrorun mueitos ninos n'este dia e al scoela tenia mas de ciento e cincoenta studiantes.

Ieu iba mueito triste e contrariáo.

Habia mueita difficuldá en subir as escaleiras da scoela, tal iéra la affluencia de persóes que subien e baixaban, unas alegres e riendo-se, outras, tristes e lhorando. Iéra grande a buia que fazian.

Mieu paẽ, al apartar-se de mi, despueis de me haber entregáo al director, dixo-me: — Alberto, coraxe! Necessitas aprender, respeita a los tous maestros, sê amigo d'elhos e acuerda-te siempre que tudo quanto te digan ié para tou biên e ca sua preocupacion ié solo al tou futuro.

Mieu paẽ saliu ei ou quedei más triste ainda.

Acordabasse-me dal campo e de los mieus brinquedos e parecia.me que ouía a cada instante a voz de mia máe.

Acordaba-me tambien da mie maestra, dos sous carinhos, da sue bondá e dos sous rissos, tan alegre, e bia bien como todo iéra differente.

Esta scoela non me parecia tan bonita, como aquelha donde habia salido.

Al nuesso director ié alto, ussa de la barba toda, que xá stá rucia, la cabeça siempre lhebantada, mirar bibo é penetrante, e la sue voze és fuerte, mas agradabele; mira-nos a todos e nó se rie pa nos otros, más al sou mirar no nos caussa miedo.

A la hora de la saida, era mie máe quien me speraba.

Me bió triste e se riou, diciendo-me: — Entonces, Alberto, que ei esso? Coraxe! Bien sabes que ió serei em cassa la tue companheira, studiaremos las liciones guntos.

Beixei a mie máe e pariciou-me que um grande pesso me sahia de las costilhas.

O nosso mestre

Sinto-me hoje mais satisfeito. Fui classificado para a quarta classe. Vejo que o nosso mestre nos cumprimenta a todos com muito agrado, e gósto do sorriso de bondade, que trás ás vezes nos labios.

Todos os alumnos das outras classes, ao passarem pela nossa, o saudam.

Estendem a cabeça para dentro da porta e dizem: — Bom dia, sr. Nobrega. — Bom dia, sr. professor. — Alguns entram, vão fallar com elle e apertam-lhe as mãos com muita amizade, mostrando terem pezar em o deixar. Vê-se bem como todos são amigos d'elle. O nosso mestre corresponde sempre áquellas saudações, mas olhando pouco para os que o cumprimentam. É novo ainda, cara rapada, um pouco triste, mas muito asseiado do seu vestuario.

Foi antigo alumno da escola, muito distincto e muito estimado por todos.

Procura fixar os nossos nomes e as nossas physionomias, fitando-nos a todos, um por um.

Começou a dictar-nos a primeira lição, que era um trecho classico do sr. Alexandre Herculano, extrahido do Eurico.

Passeava, emquanto dictava, parando de repente, para olhar para nós.

Num d'estes intervallos, fixou um menino que estava junto de mim, muito amarello e muito fraquinho, e, approximando-se d'elle, pergunta-lhe: — O menino está doente? sente alguma cousa? E tocou-lhe no rosto.

Neste momento, um rapaz, que estava nos ultimos bancos, começou a atirar bolas de papel e uma d'ellas acertou no mestre, que se voltou de repente para traz.

O nosso companheiro, encolhendo-se todo, vexado, envergonhado, esperava já o castigo, quando o mestre, approximando-se d'elle, lhe disse: — Isso não se faz, e eu espero que o menino nunca mais pratique semelhante acção — e continuou a dictar.

No fim da lição sentou-se na sua cadeira grande, que fica junto á mesa em que trabalha, lá em cima, no tôpo da sala, e disse-nos com voz pausada: — O meu maior desejo é que este tempo que os meninos teem de passar nesta classe seja passado em paz. En fui discipulo d'esta escola, e, quando para aqui entrei, já tinha perdido meu pae e minha mãe. Habituei-me a estimar os meus mestres e a considerar como meus irmão os meus companheiros. Sou só neste mundo, e, portanto, a minha unica familia é esta, sois vós, a quem estimo como filhos e a quem desejo todas as felicidades. Peço-vos que sejaes todos meus amigos e que me poupeis o desgosto de castigar nem um só. Grande será o meu contentamento, enorme o meu orgulho, se no fim do anno todos alcançarem premio. A mocidade é uma aurora e são sempre generosos os impulsos do seu coração. Conto com o vosso e espero que nas vossas consciencias já tenhaes promettido que haveis de exforçar-vos para dardes sómente alegrias ao vosso mestre, que apenas procura proporcionar-vos o vosso bem.

Estas palavras, pronunciadas n'um timbre de voz tão agradavel, impressionaram-nos a todos, e, quando nos iamos levantar para sahir, vimos que o menino que tinha estado a atirar bolas de papel se approximava do mestre com a cabeça baixa e com os olhos no chão, dizendo-lhe em voz sumida e trémula: — Sr. professor, perdão.

O mestre, beijando-o na testa, respondeu-lhe: — já estava perdoado.

Versão

Sinto-me goie más satisfeito. Fue classificado para la quarta classe. Beio que al nosso maestro nos aze cumprimentado a todos com mueito agrado e gosto de lo sorriso de la bondá, que tráe algunas bezes en labios.

Todos los studiantes de las outras classes, al passar por la nuestra, lo saludan.

Estienden la cabeza para dientro de la puerta e dizen: — Boên dia, Senhor Nobrega. — Boên dia, Senhor maestro. — Algunos entran, ban hablar com elle e l'apiertan las máos com mueita amistá, dando a entender tener pezar en degar-lo.

Be-se bien como todos son amigos de elle. Al noestro maestro conresponde siempre áquelhas saludaciones, mas mi-

rando pouco para los que le cumprimientan. Ié novo aun, cara rapada, um póco triste, mas mucho esseiáo dal son bestin.

Fuei antiguo studiante de la scoela, mueito distinto e mueito estimado por todos.

Al senhor director lo quier mueito. Pergunta figar-se en los nuestros nombres e los nuestros rostros, mirando-nos a todos uno por uno.

Principiou a dictar-nos la priméra licion, que iéra un trecho classico dal senhor Alegandro Herculano, tiráo dal Eurico.

Passeaba, enquanto dictaba, parando de repente para mirar para nós ótros.

E nuno destos entreballos, enformou-se para uno studiante que a gunta de mi, mui amarilho e mui fraquito, e, arrimando-se de elle, perguntou-le: — Al ninho stá malo? siente algua coussa? E tocou-le en la cara.

N'este estante, un rapaze, que staba nos ultimos bancos, principiou a echar bolas de papel e una d'elhas acertou al maestro, que se bolbieu de priesa para traz.

Al nosso companheiro, se encolhou todo, enbergonzado, esperaba iá al castigo, quando al maestro, cercando-se al pié de elle, lhe dixo: — Esso no se ace, ió spero que elle ninho nunca más haga semegante accion — e continuou a dictar.

No fim de la licion sientou-se en le sue tamborete grande, que queda gunta a la messa en que trabaga, alhá a riba sala, e digo-nos con voze moderada: — El mi maior dessêo és que este tiempo que los ninhos tienen de passar em esta classe sêa passáo em paze. Iou fuei descipulo d'esta scoela, e, quando para aqui entrei, iá habia perdiu mieu paẽ e mia máe. Acostumei-me a estimar a los mios maestros e a tomar como mieus irmãos os mieus companheiros. Soi solo en este mundo e, por esso, a mie unica familia ié esta, sodes bôs, a quien estimo fios e a quien desseio todas as felicidades. Pido-vos que seieis todos mieus amigos e que me libreis al desgusto de castigar nin al menos un solo. Grande será al mieu contentamiento, e muito maior al meu argulho, se al fim dal anno todos alcançaren premio. A mocidá ié ua aurora e son siempre guenerossos los impulsos dal sou coraçon. Conto al vosso e espero que nas voessas consciencias iá tengaes promettiu que habeis esforçar-vos para dardes solamente alegrias al voesso maestro, que apenas pergunta proponer-vos al voesso ben.

Estas palabras, pronunciadas com una voze tão graciosa, entristeceran-nos a todos e, quando nos ibamos a lenvantar pa salir, bimos cal nino que habia stao atirando bolas de papel

se chegaba al pié del maestro con a cabeça baixa e com os oios no soelo, dicindo-lhe en voze triste e trémula: — Senhor maestro, perdon.

Al maestro, beixando al tiesta, respondeu-lhe: — xa estabas perdonáo.

A pedrada

Houve hoje um acontecimento desagradavel ao sahirmos da escola. Alguns rapazes, apenas desembocaram no campo de Santo Ovidio, principiaram a atirar com cascas de laranjas e pedrinhas uns aos outros. Havia muita gente pelos passeios. Um sujeito gritou: — Alto lá, garotos.

E, justamente n'essa occasião, ouviu-se um grito agudo e viu-se cambalear um velho, a quem cahiu o chapeu, cobrindo o rosto com as mãos e ao lado d'elle um rapaz, que gritava: — Soccorro! Soccorro!

Correu gente de todos os lados. O velho tinha sido ferido com uma pedra n'um olho. Todos os rapazes dispersaram, fugindo como settas.

Eu estava defronte, em ema loja onde tinha entrado meu pae, e vi chegar a correr muitos dos meus companheiros, que se misturavam com os outros ao pé de mim, fingido olhar muito socegados para as vitrinas. Estava o Miranda com o seu costumado pão na algibeira, o Gouvêa, o Trolhita e Gaspar, o das estampilhas. No entretanto, tinha-se agglomerado povo em volta do velho e alguns policias corriam d'uma parte para outra, ameaçando e perguntando:

Que é isto? Quem foi? Foste tu? Dize quem foi.

Gaspar estava a meu lado e notei que tremia todo e se tornára palido, como um defuncto.

Quem foi? Quem foi? continuou a perguntar toda a gente.

N'isto, ouvi o Miranda dizer baixo ao Gaspar: — Anda, apresenta-te; fôra velhacaria consentir que outro aguentasse com as culpas.

Mas é que eu não o fiz por querer, respondeu Gaspar, tremendo como varas verdes.

Não importa, cumpre o teu dever, repetiu o Miranda.

Mas... eu não tenho coragem...

Qual, não tens coragem! Eu acompanho-te.

E os policias e todos os outros continuavam gritando:

Quem foi? Quem foi? Fizeram-lhe entrar um vidro dos oculos pelo olho dentro! Cegaram-no! Tratantes!

Eu cuidei que o Gaspar desmaiava.

Vem d'ahi, disse-lhe resolutamente o Miranda; eu defendo-te. E, agarrando-o por um braço, deu-lhe um empurrão para deante, amparando-o ao mesmo tempo, como um doente.

O povo viu e percebeu tudo e alguns correram sobre elle com os punhos levantados. Mas o Miranda poz-se no meio, gritando:

Que quer isto dizer? Dez homens contra um rapaz!

Elles, então, contiveram-se e um policia agarrou o Gaspar por uma mão, e, abrindo caminho por entre o povo, conduziu-o a uma mercearia, onde se tinha recolhido o ferido.

Reconheci logo no velho o empregado que mora n'um escriptorio, defronte da nossa casa, com um sobrinho.

Estava assentado n'uma cadeira, com o lenço sobre os olhos.

Não foi por querer, — dizia, saluçando, o Gaspar, meio morto de susto... — Não foi por querer...

Duas ou tres pessoas o empurraram violentamente para dentro da loja, gritando: — De joelhos! Pede perdão!

E deitaram por terra o pobre Gaspar. Immediatamente, dois braços vigorosos o ergueram, e alguem, com voz resoluta, disse: — Não senhores! Era o nosso director que tinha visto tudo...

Já que teve a coragem de apresentar-se, ninguem tem o direito de humilhál-o.

Todos ficaram silenciosos.

Pede perdão! — disse o director a Gaspar.

Gaspar, n'um pranto copioso, abraçou os joelhos do velho, e este procurando com a mão a cabeça, afagou-lhe os cabellos.

Então, disséram todos: — Vae, rapaz... vae para casa.

E meu pae tirou-me da multidão e disse-me pelo caminho: — Alberto, tu, em caso semelhante, terias a coragem de cumprir o teu dever e de ir confessar a tua culpa?

Respondi-lhe que sim, e elle accrescentou: — Dá-me a tua palavra de honra que o fazias...

Dou-lhe a minha palavra, meu pae.

Versão

Houbo goi um acontecimento que nun le gustaba al salir da scoela. Alguns rapaces apenas aparecerun no campo de

San Obidio, empeçaran a atirar cum caxas de laranxas e piedras uns aos outros. Habia muita gente pelos passeios. Um gritou: — Cuidao com esso, rapazes.

E n'essa occassion ouíu-se um grito lixeiro e biu-se canbaiar um bieio a quien le caien al sombreiro e tapou a cara com as máos: — Acudi-me axí!

Biene muita xente a correr de todos os láos. Al bieio viene cum una piedra n'un oio. Todos los rapazes scaparan, scapando lixeiros.

Iou staba en frente n'ua côrte onde habia entrau mieu paẽ. Bi scapar a correr moitos dos mieus companheiros que se xuntaban cum os outros al pié de mi, scapando e mirando pás côrtes.

Staba al Miranda cum no pan na faltriqueira, al Goubeia e al Gaspar, al dos stampilhas. Emtanto a xente juntaba-se al redor dal bieio e alguns policias scapaban d'um sitio par outro, amenaçando e préguntando:

Quei iê esto? Quien foi? Fuste tu? Dize-me tu quien foi?

Gaspar staba al meu láo e tembraba moito e tinha a color pasmada cumo un moêrto.

Que foi? Quien foi? continuaba a préguntar toda a xente. N'esto ouí al Miranda decir al Gaspar, anda apressenta-te quieres cos outros queden cun nas culpas.

Mas ieo n'um no fice pur querer, respondeu al Gaspar, tembrando cumo ua bara berde.

Nada me importa, cumpre cum lo tou deber, respondeu al Miranda.

Mas... ieu n'um tengo coraxe.

Que num tienes curaxe. Ieu acompanho-te.

E os policias e todos los demás corrien gritando:

Quien foi? Quien foi? Ficieran-lhe entrar al bidro dos antiogos pulo oeio a dentro! Quedou ciego d'aquelle oeio! Tratantes! Ieu cuidei cal Gaspar se desmaába.

Bien dende, dixo-lhe francamente al Miranda; iou defendo-te. E, agarrando al por um braço, dou-le um empurron para lantre, amparando-se al mismo tempo, como um que estava malo.

Al pueblo biu e entendeu todo e alguns correram sobre elle cum os punhos levantáos. Mas al Miranda pussesse no meio, gritando:

Quei quier dixir esto? Diez homes contra um rapaz!

Ellos, enton, detubieran-se e al policia agarrou al Gaspar por ua mão e, abriu-lhe al caminho por entre al pueblo, e lobou-o para un comercio a onde se acolheu o ferido,

Reconheci lougo no bieio al empregau que bibe no escriptorio, em frente de noessa cassa, cum um sobrinho.
Staba sentáo n'um tamborete, cum pano sobre os oios.
Non foi por querer, — dissia, suspirando, al Gaspar, muerto de susto...— Non foi por querer...
Duas ou tres persôs al empurraren par dentro da côrte, gritando: — De rodiellas! Pide perdon!
E logo brevemente, dous braços fuertes al alevantarun e algum, cum voze fuerte, dixo: — No, senhores! Iera al noestro director cá abia bisto todo...
Iá que tubo a curaxe de apresentar-se, ningum tiene el direito de desprecialo.
Todos quedorun caláos.
Pide perdon! — dixo-le al director al Gaspar.
Gaspar nun planto abundante, agarrou as rodellas d'al bieio, e este, buscando-le cum a mão a cabeça esfregou-le os pellos.
Enton dixieran todos: — Bai-te rapaze... bai-te para tua cassa.
E mieu pae tirou-me d'aquelle barulho e dixo-me pelo caminho: — Tu, Alberto, em tal causso, tinies á curaxe de cumprir al tou dever e vinhir a confessar á tua culpa?
Respondi-le que si, e elle accrescentou: — Da-me a tua palabra de home de bien cal farias...
Doibos a mia palabra, mieu pae.

Em casa do ferido

Eu tinha acabado de estudar a lição de historia e meu pae disse-me: — Vamos acolá defronte ver se o nosso visinho está melhor do olho ferido.
Entrámos em um quarto, quasi escuro, onde estava o velho na cama, sentado e amparado por duas almofadas; á cabeceira sentara-se sua mulher e a um canto estava brincando o sobrinho.
O velho tinha um olho vendado. Ficou muito satisfeito por ver meu pae; mandou-nos sentar e disse que se sentia melhor, que o olho não estava perdido e que brevemente estaria curado.
Foi uma desgraça, e lamento o susto que devia ter tido aquelle pobre rapaz, disse elle.

Depois falou-nos do medico, que não devia tardar para fazer o curativo.

N'este momento, bateram á porta. Ha de ser o medico, disse a senhora.

Abre-se a porta e que vejo eu? Gaspar, com o seu casacão comprido, sem ter coragem de entrar.

Quem é? perguntou o doente.

É o rapaz que atirou a pedra, disse meu pae.

E o velho exclamou: — Oh! Pobre rapaz! Entra. Então, vens visitar o ferido, não é verdade? Vae melhor, fica socegado, vae melhor, estou quasi bom... Entra, vem cá.

Gaspar, confuso, que nem nos via, approximou-se do leito, esforçando-se por não chorar, e o velho começou a acarical-o, mas elle não podia falar.

Muito obrigado, disse o velho.

Dize a teu pae e a tua mãe que tudo vae indo bem, que não tenham cuidado.

Mas Gaspar não se movia; percebia-se, porém, que tinha vontade de dizer alguma cousa que não ousava dizer.

Que tens tu que dizer? Que queres tu? Eu, nada.

Bem, então, adeus até á vista: vae e leva o coração socegado.

Gaspar foi até á porta; mas ahi parou, voltando-se depois para o sobrinho do doente, que o seguia e o olhava com curiosidade.

De repente, tira debaixo do casacão um objecto e mette-o nas mãos do pequeno, dizendo-lhe: — É para ti.

E desappareceu como um relampago.

O pequeno levou o objecto ao tio. Tinha escripto em cima — *Faço-te presente d'isto*. Vae-se a ver... Geral exclamação d'espanto!

Era um famoso album com uma collecção de sêllos, que o pobre Gaspar tinha trazido: a collecção de que fallava sempre, sobre a qual tinha fundado tantas esperanças e que lhe custara tantas fadigas. Era o seu thesouro, pobre rapaz!

Versão

Iou habia acabáo de studiar a licion dal historia e miu pae dixo-me: — Bamos acolá em frente a ber se al nosso bieinho se sta mior dal oeio feriu.

Entremos n'um quarto, quasse escuro, aonde stava al

bieio na cama, sentáo e amparáo cum duas almofadas; á cabeceira sentou-se a suia muier e a um canton stava brincando al sobrinho.

Al bieio tinha al oeio bendáo. Quedou moito satisfeito por ver meu pae; mandou-mos sentar e dixo que se sentia mior, cal oeio nom stava perdiu e que depriessa estaria curáo.

Foi ua desgraça, e tengo pena dal susto que suffriu aquelle rapaze, dixo elle.

Despueis, falou-nos dal medico, que non dibiẽ tardar moito para fazer-le al curativo.

N'este instante, bateran â puerta. Hade ser al medico, dixo a senhora.

Abre-se a puerta e quei beio iou? Al Gaspar cum o suio casacão largo, sim tener curaxe de entrar.

Qnien é? perguntou al malo.

Ié al rapaze que atirou cuma piedra, dixo al mieu pae.

E al bieio exclamou: — Ah! pobre rapaze: Entra. Enton bienes a bisitar al feriu, non iê berdá. Bai mior, quedas sossegáo, bai mior, sta quasse bô... Entra bien a cá.

Gaspar confuso, que nem nos bie, chegou-se al pie da cama, esforçando-se por non chorar, e al bieio principiou a acaricia-lo, mas elle nom podia falar.

Moito contente, dixo al bieio.

Dizele a teu pae e a tua máe, que todo bai bien, que non tengan cuidáo.

Mas al Gaspar nòm se mobié; entendia, portanto, que tenia gâ de le dissir alguna cousa que non se atrebia a dissir.

Quiei tienes tu qne dissir? Quiei queres tu? Ieu, nada.

Bien, enton adiós asté lá bista: bae e lieba al coraçon sossegáo.

Al Gaspar foi stá puerta; mas eilli parou, tornando-se despoeis pal sobrinho dal bieio, cal seguia e miraba cum coriossidá.

De repente, puxou debaixo dal cassacom un obxete e metteu-lo nas maõs del nino, diando-lhe: — Ié para ti.

E marchou-se, cumo um alustro.

Al nino lebou al obxeto al tio. Tinha escripto en riba — *Fago-te regalo desto.* Baisse a ber... Heral disclamacion d'espanto!

Era al famosso albun cum a colecion de selhos, cal pobre Gaspar habia trahiu; a colecion de quel falaba siempre, sobre a qual habia fundáo todas as esprançạs e que le custara tantas fatigas; iéra al sou thesouro, pobre rapaze! Iéra al la metad dal sou sangre que elle daba em troca dal sou perdon.

Rio d'Onorense

Este dialecto tende a desapparecer. Como lingua que é, está sujeita a todas as alterações que as linguas soffrem. No povoado onde este dialecto é fallado ha só um velho que o conhece na sua antiga pureza. Desapparecendo elle, desapparece essa tão curiosa fonte philologica que se presta a admiraveis estudos glottologicos.

As relações da vida social moderna alteraram aquelle dialecto, como teem alterado outros. Em poucos annos operou-se n'elle uma evolução profunda.

Comprehendi que, antes de o estudar, é necessario fixá-lo e com isto julgo prestar serviços á philologia nacional. Offerece-o, pois, aos nossos philologos, a fim de completarem o seu estudo.

O progresso d'um povo e o seu desenvolvimento philologico são factos simultaneos e demonstrados.

Um povo estaciona e a lingua não se modifica. Ás modificações sociaes correspondem alterações morphologicas.

O Rio d'Onorense é uma lingua tão estacionaria como estacionario é o desenvolvimento do povo que a falla.

Os costumes, modo de viver e industria do Rio d'Onorense sam hoje o que eram ha seculos; a lingua que alguns ainda hoje empregam é a lingua que, ha seculos, outros fallaram.

Situados na fronteira, raiando com a Hespanha, atrazados centenas d'annos, no progresso social, o Rio d'Onorense é um portuguez muito antigo e muito modificado pela influencia castelhana.

O portuguez dos seculos XIII e XIV não existe só nos documentos litterarios d'esse periodo, não é uma lingua morta; essas formas philologicas historicas ouvem-se ainda hoje pronunciar, como documentos vivos d'um passado remoto, na povoação raiana e sertaneja do Rio d'Onorense.

Pela sua situação geographica, estado de cultura e progresso d'aquelle povo a lingua fallada por elles é tão antiga como os seus costumes, modos de viver e atraso social.

Para estudar a civilisação d'um povo, basta estudar-lhe a lingua. O grao de cultura intellectual d'um povo manifesta-se logo pelo estudo da lingua, porque ella é a expressão do pensamento e é, por isso, a melhor chave para entrar no campo psychico e moral dos povos.

Assim encarada a philologia é uma sciencia auxiliar da philosophia e até da sociologia.

Esta é a orientação da escola allemã; esta deve ser a orientação da escola philologica nacional.

Os recursos que a sciencia de Bopp e de Schlegal teem prestado ás sciencias são apreciaveis. Niebuhr e Momsen reconstituiram a Historia de Roma em bases seguras, apoiando-se em dados philologicos.

A philologia é uma sciencia auxiliar da Historia. Saber ler, escrever e fallar uma lingua, não é conhecer a lingua scientificamente. Por uma inscripção reconstitue-se a historia d'um povo. A lingua, evolucionando com o povo, é um documento para a reconstituição da historia d'esse povo, apparecendo-nos n'ella mais do que simples factos historicos: o progresso espiritual d'uma nacionalidade.

Bragança, 17-12-1908.

DANIEL RODRÍGUEZ.

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

COMMISSÃO DE REDACÇÃO

Alvaro José da Silva Basto, secretario — António José Gonçalvez Guimarãis, 1.º redactor — Bernardo Ayres — Eugenio de Castro — Luciano Antonio Pereira da Silva — Manuel d'Azevedo Araujo e Gama.

O INSTITUTO

REVISTA SCIENTIFICA E LITTERARIA

fundada em 1852

Esta revista é orgão do **INSTITUTO DE COIMBRA.** Publica-se cada mez um numero de 64 paginas ou mais. Doze numeros fórmam um volume, com o seu frontispicio, indices e capa especial.

Preço de cada numero ordinario....... 200 réis.

ASSIGNATURAS

Não se recebem por menos de um anno. Envia-se cada numero pelo correio aos assignantes, franco de porte, para Portugal (metropole) e para Hespanha; para o nosso Ultramar e para os restantes paizes accresce a importancia dos sêllos.

Preço de cada anno de assignatura.... 2$000 réis.

VOLUMES PUBLICADOS

Alguns dos cincoenta e quatro volumes que formam a collecção completa do INSTITUTO, estão quasi esgotados, e por isso não se vendem senão a quem adquirir toda a collecção. Aquelles porém de que existem em deposito muitos exemplares, vendem-se pelo respectivo preço de assignatura: 1$500 réis cada um até o volume XLII, 2$000 réis qualquer dos seguintes.

Collecção completa........... 78$000 réis.